



Processos produtivos e usos do mobiliário urbano

Desafios para a Sustentabilidade do Espaço Público

Cristóvão de Faria Martins Valente Pereira

ADVERTIMENT. La consulta d'aquesta tesi queda condicionada a l'acceptació de les següents condicions d'ús: La difusió d'aquesta tesi per mitjà del servei TDX (www.tdx.cat) ha estat autoritzada pels titulars dels drets de propietat intel·lectual únicament per a usos privats emmarcats en activitats d'investigació i docència. No s'autoritza la seva reproducció amb finalitats de lucre ni la seva difusió i posada a disposició des d'un lloc aliè al servei TDX. No s'autoritza la presentació del seu contingut en una finestra o marc aliè a TDX (framing). Aquesta reserva de drets afecta tant al resum de presentació de la tesi com als seus continguts. En la utilització o cita de parts de la tesi és obligat indicar el nom de la persona autora.

ADVERTENCIA. La consulta de esta tesis queda condicionada a la aceptación de las siguientes condiciones de uso: La difusión de esta tesis por medio del servicio TDR (www.tdx.cat) ha sido autorizada por los titulares de los derechos de propiedad intelectual únicamente para usos privados enmarcados en actividades de investigación y docencia. No se autoriza su reproducción con finalidades de lucro ni su difusión y puesta a disposición desde un sitio ajeno al servicio TDR. No se autoriza la presentación de su contenido en una ventana o marco ajeno a TDR (framing). Esta reserva de derechos afecta tanto al resumen de presentación de la tesis como a sus contenidos. En la utilización o cita de partes de la tesis es obligado indicar el nombre de la persona autora.

WARNING. On having consulted this thesis you're accepting the following use conditions: Spreading this thesis by the TDX (www.tdx.cat) service has been authorized by the titular of the intellectual property rights only for private uses placed in investigation and teaching activities. Reproduction with lucrative aims is not authorized neither its spreading and availability from a site foreign to the TDX service. Introducing its content in a window or frame foreign to the TDX service is not authorized (framing). This rights affect to the presentation summary of the thesis as well as to its contents. In the using or citation of parts of the thesis it's obliged to indicate the name of the author.

PROCESSOS PRODUTIVOS E USOS DO MOBILIÁRIO URBANO

Desafios para a Sustentabilidade do Espaço Público



Cristóvão de Faria Martins Valente Pereira

Director:
Prof. Francesc Fajula

Tese apresentada para a defesa do grau de doutor

Setembro de 2012

PROCESSOS PRODUTIVOS E USOS DO MOBILIÁRIO URBANO

Desafios para a Sustentabilidade do Espaço Público

Cristóvão de Faria Martins Valente Pereira

Director:
Prof. Francesc Fajula

Tese apresentada para a defesa do grau de doutor

Setembro de 2012

Resumo

O presente trabalho investiga os processos de produção do mobiliário urbano, considerando todas as suas etapas e procedimentos, desde as mais prematuras, que precedem o projecto e desenvolvimento, às de fim de vida, de recolha e reutilização ou reciclagem. Tem como fim aferir quais os princípios e procedimentos que permitirão o maior contributo destes equipamentos e artefactos para a sustentabilidade do espaço público e da cidade de que fazem parte.

Cruza os conceitos contemporâneos de sustentabilidade, segundo uma perspectiva abrangente e efectivamente multidimensional, com uma análise da evolução do contexto de inserção do mobiliário urbano, que é a cidade e o seu espaço público, sobretudo segundo a sua vertente de desempenho e uso para com os cidadãos e a sociedade.

Para tal sistematiza os principais desafios que estão actualmente lançados a esse contexto de inserção. Efectua também uma análise dos processos e atribuições contemporâneos, para o que apresenta um conjunto de casos de mobiliário urbano implantado recentemente em Lisboa, a par de outros que se julgaram pertinentes e importantes para a devida contextualização e confrontação. Os dados foram recolhidos a partir da observação dos equipamentos no seu local de implantação, assim como das entrevistas àqueles que foram os principais intervenientes do processo em questão e da documentação afim por eles fornecida. É ainda efectuada uma avaliação de teste de alguns dos casos analisados.

Este enquadramento, em conjunto com a elencagem do que poderão ser os melhores e maiores contributos do mobiliário urbano para a solução dos referidos desafios, permite também uma consolidação do seu conceito, dos princípios, processos, atribuições e procedimentos, no sentido de corresponder devidamente às necessidades e expectativas dos utilizadores do espaço público. Finalmente, evidencia a importância do mobiliário urbano e a necessidade da sua diversificação para o reforço da natureza do espaço público e do seu papel no contexto da cidade e da sociedade. Meio de partilha e consequente poupança de recursos, assim como de equilíbrio entre a globalização e a localidade, para além de propiciar o encontro, a socialização e o reforço da identidade social, o mobiliário urbano poderá dar um contributo polifacetado e multidimensional.

Palavras-chave:

Mobiliário urbano, processos de produção, sustentabilidade, espaço público, design urbano

Abstract

This work investigates the production processes of street furniture, considering all steps and procedures, from the most premature, prior to the design and development, to end-of-life, disposal and recycling or reuse. It aims to assess the principles and procedures that will allow the best contribution of these artifacts to public space and city sustainability.

The study crosses contemporary concepts of sustainability, according to a comprehensive multidimensional perspective, with an analysis of street furniture's evolution within its context, the city and its public space, considering particularly its performance and usage to citizens and society.

In this scope, the study determines what main challenges may be considered nowadays to the referring context, the public space and the city. It also carries out an analysis of contemporary processes and features, presenting a number of cases of street furniture recently introduced in Lisbon, along with others considered relevant and important for comparison and better contextualization. Data was collected from the observation of the artifacts in their place, as well as from interviews to those who were key players in those procedures, together with related documentation provided by them. An evaluation test of some of the cases was also made.

This framework, together with a systematization of what may be the main street furniture's contributions to the referred biggest challenges, also allows a consolidation of the concept, principles, processes, tasks and procedures for street furniture, in order to respond appropriately to the needs and expectations of public space users. Finally, this study highlights the importance of street furniture and the need for diversification in order to strengthen the nature of public space, as well as its role, to the city and society. Hence, as a mean to share and (consequently) save resources, as well as to balance globalization and locality, besides socialization and social identity strengthening, street furniture can contribute to answer today's challenges in a multipurpose and multidimensional way.

Keywords:

Street furniture, production processes, sustainability, public space, urban design

Resumen

El presente trabajo investiga los procesos de producción del mobiliario urbano, considerando todas sus etapas y procedimientos, desde las más tempranas, que preceden al proyecto y su desarrollo, hasta las del final de vida útil, recogida y reutilización o reciclado. Su finalidad es evaluar cuáles son los principios y procedimientos que permitirán una mayor contribución de estos equipamientos y artefactos a la sostenibilidad del espacio público y de la ciudad de los que forman parte.

Se combinan en él los conceptos contemporáneos de sostenibilidad, según una perspectiva incluyente y efectivamente multidimensional, con un análisis de la evolución del contexto de inserción del mobiliario urbano, que es la ciudad y su espacio público, sobre todo según su vertiente de funcionalidad y uso para con los ciudadanos y la sociedad.

Para ello, sistematiza los principales retos que se plantean actualmente en ese contexto de inserción. Se efectúa también un análisis de los procesos y atribuciones contemporáneos, y se presenta para ello un conjunto de casos de mobiliario urbano implantado recientemente en Lisboa, así como otros que se consideran pertinentes e importantes para la debida contextualización y cotejo. Los datos fueron recogidos a partir de la observación de los equipamientos en su lugar de implantación, así como de las entrevistas a los principales intervinientes del proceso en cuestión y de la documentación correspondiente facilitada por estos. Se realiza además una evaluación de prueba de algunos de los casos analizados.

Este marco, junto con el listado de lo que cabe considerar las mejores y principales contribuciones del mobiliario urbano a la solución de los mencionados retos, permite también consolidar su concepto, los principios, procesos, atribuciones y procedimientos, en el sentido de corresponder adecuadamente a las necesidades y expectativas de los usuarios del espacio público. Finalmente, se demuestra la importancia del mobiliario urbano y la necesidad de su diversificación para reforzar la naturaleza del espacio público y su papel en el contexto de la ciudad y la sociedad.

Como medio para compartir y en consecuencia preservar recursos, y también para lograr el equilibrio entre globalización y localidad, además de propiciar el encuentro, la socialización y consolidar la identidad social, el mobiliario urbano podrá brindar una aportación polifacética y multidimensional.

Palabras clave:

Mobiliario urbano, procesos de producción, sostenibilidad, espacio público, diseño urbano.

Agradecimentos

Começo por agradecer ao Prof. Francesc Fajula a sua orientação, por toda a ajuda e todo o apoio, assim como pela confiança que depositou em mim ao longo de todo o decurso da tese. Sobretudo, pelo esforço adicional a que se dispôs em desempenhar a sua tarefa de orientação de um texto numa língua para si menos familiar.

Pela sua iniciativa na criação de um lugar para a formação, a reflexão e a investigação especificamente dedicadas aos temas relativos ao espaço público e que tive a oportunidade de usufruir, agradeço ao Prof. Antoni Remesar, Coordenador deste Programa de Doutoramento e do CeR.Polis. Ao Prof. Pedro Brandão, pelas mesmas razões agradeço pela iniciativa da Pós-Graduação em Design Urbano do Centro Português de Design. Agradeço também a sua presença, tal como ao Prof. Fernando Nunes da Silva, ao Prof. João Pedro Costa, à Prof. Joana Cunha Leal, à Prof. Helena Elias e à Prof. Sofia Águas, cujas comissões de acompanhamento que constituíram trouxeram contributos que se demonstraram fundamentais para o decurso desta tese, tal como as reuniões adicionais cuja disponibilidade agradeço novamente.

Agradeço também a todos aqueles que contactei e que me deram uma importante ajuda para o decurso da investigação: ao Prof. Tomeu Vidal, da Universidade de Barcelona, cuja tutoria foi indispensável para o início deste percurso; ao Prof. Sergi Valera, também desta Universidade; ao Eng. Rui Frazão, investigador da Unidade de Produção e Consumo Sustentável do Laboratório Nacional de Energia e Geologia; ao Eng. Samuel Niza, investigador do Centro de Estudos em Inovação, Tecnologias e Políticas de Desenvolvimento do Instituto Superior Técnico; à Prof. Cristina Azevedo Tavares, da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

A todos os que entrevistei ou que me ajudaram na recolha de elementos para os casos que analisei, da Direcção Municipal do Ambiente Urbano da Câmara Municipal de Lisboa, agradeço a disponibilidade e colaboração: ao seu Director, Eng. Ângelo Mesquita; da Divisão de Estudos e Projectos desta Direcção, ao seu Chefe, o Arq. João Rocha e Castro (a quem eu agradeço em especial pela disponibilidade para as longas entrevistas), ao Designer Paulo Cardoso e ao Arq. Miguel Carrelo; do então Departamento de Gestão do Espaço Público também desta Direcção, à Arq. Paula Mâncio, sua Directora, à Dra. Ana Mafalda Reis, à Arq. Ana Veloso; da Divisão de Fiscalização e Controlo do Espaço Público deste Departamento, à Arq. Teresa Cunha Lopes, sua Chefe, à Arq. Teresa Sande e à Eng. Célia Penedo; ainda pertencente a este Departamento, ao Eng. Tiago Gomes, da Divisão de Iluminação Pública, e ao Arq. Rogério Gonçalves, da Divisão de

Qualificação do Espaço Público. De igual modo agradeço ao Eng. Luis Vicente da Divisão de Saneamento, Departamento de Construção e Manutenção de Infra-Estruturas e Via Pública da Direcção Municipal de Projectos e Obras.

A todos outros que também entrevistei ou que me ajudaram na recolha de elementos também para os casos de estudo, agradeço também toda a disponibilidade e colaboração: ao Eng. Pedro Martins Pereira, Gerente da Larus; ao Arq. João Paulo Martins, enquanto colaborador do Atelier Daciano da Costa; à Eng. Maria Antónia Véstia, Directora Geral da Schréder Iluminação; à Arq. Olga Tarrasó do Atelier Espinàs i Tarrasó; à Arq. Maria João Gonçalves, enquanto Coordenadora do Plano de Salvaguarda do Núcleo Histórico de Sacavém; à Arq. Luz Valente Pereira, enquanto Investigadora do Laboratório Nacional de Engenharia Civil; à Prof. Nuria Ricart do CeRPolis da Universidade de Barcelona; a Laurent Delrieu, do Senado de França, a Pierre Bonnord do Museu do Louvre, e à Ana Gasnier.

Da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, ao Prof. Hugo Ferrão, enquanto Presidente do Conselho Científico, aos Profs. Miguel Arruda e Raul Cunca, enquanto Coordenadores da Licenciatura em Design de Equipamento, assim como aos meus restantes colegas desta Licenciatura, o meu agradecimento por todas as excelentes condições que me deram para a elaboração desta investigação.

Agradeço aos meus colegas deste programa de doutoramento, os momentos bem passados e em especial a disponibilidade para a ajuda, dos quais refiro a Rita, a Sílvia, a Sofia e o Sérgio.

À Ana, à Leonor e à Joana; aos meus pais (em especial à minha mãe pela ajuda extra); à minha restante família e aos meus amigos de sempre; por todo o indispensável apoio, paciência e compreensão, agradeço e dedico esta investigação.

Índice

1.	Introdução	17
1.1.	Enquadramento e definição do tema	17
1.2.	Pergunta geral de investigação.....	21
1.3.	Objectivos	22
1.4.	Enquadramento teórico conceptual e procedimento metodológico.....	23
1.5.	Temas e conteúdos dos capítulos	31
2.	Requisitos contemporâneos de sustentabilidade	35
2.1.	Breve cronologia e evolução da sustentabilidade	35
2.1.1.	<i>Evolução dos conceitos e definições.....</i>	<i>41</i>
2.2.	Princípios de sustentabilidade para produtos industriais	46
2.2.1.	<i>A evolução das “estratégias ambientais” para as empresas e indústrias</i>	<i>46</i>
2.2.2.	<i>A evolução da sustentabilidade no design da indústria.....</i>	<i>49</i>
2.2.3.	<i>As propostas de desmaterialização e dos “sistemas de produto-serviço”.....</i>	<i>59</i>
2.2.4.	<i>As propostas para a sustentabilidade segundo a dimensão social</i>	<i>61</i>
2.2.5.	<i>Outras críticas e propostas alternativas.....</i>	<i>67</i>
2.3.	Conclusões	80
3.	Cidade, espaço público e mobiliário urbano	85
3.1.	Génese do conceito de espaço público e dos seus usos.....	85
3.1.1.	<i>Definições e conceitos relativos à cidade e os seus usos.....</i>	<i>86</i>
3.1.2.	<i>Espaço público e mobiliário urbano</i>	<i>111</i>
3.1.3.	<i>Usos do espaço colectivo.....</i>	<i>114</i>
3.1.4.	<i>Os usos do espaço público.....</i>	<i>127</i>
3.1.5.	<i>Sistematização dos actuais usos do espaço público</i>	<i>136</i>
3.2.	O papel do mobiliário urbano na génese da cidade e do espaço público	141
3.2.1.	<i>Os artefactos e equipamentos de uso partilhado no espaço colectivo.....</i>	<i>142</i>
3.2.2.	<i>A instituição do mobiliário urbano.....</i>	<i>151</i>
3.2.3.	<i>O mobiliário urbano na actualidade</i>	<i>155</i>
3.2.4.	<i>Principais marcos da evolução do actual mobiliário urbano.....</i>	<i>159</i>
3.3.	Desafios contemporâneos	160
3.3.1.	<i>Sistematização dos desafios contemporâneos lançados à cidade e ao espaço público</i>	<i>160</i>
3.3.2.	<i>Desafios directos da globalização.....</i>	<i>162</i>
3.3.3.	<i>Desafios directos dos novos meios de comunicação.....</i>	<i>164</i>
3.3.4.	<i>Desafios decorrentes das grandes cidades e seu rápido crescimento</i>	<i>168</i>
3.3.5.	<i>Desafios decorrentes das profundas alterações na sociedade e suas solicitações à cidade e ao espaço público: do público ao privado, do colectivo para o individual</i>	<i>173</i>
3.3.6.	<i>Desafios decorrentes da flexibilização, da indefinição de conceitos e fronteiras, e da relativização de princípios e valores</i>	<i>189</i>
3.3.7.	<i>Desafios decorrentes da necessária diminuição dos excessos de consumo e desgaste dos recursos naturais.....</i>	<i>192</i>
3.3.8.	<i>Desafios decorrentes do cumprimento dos princípios contemporâneos de democracia, acessibilidade, inclusão, liberdade e igualdade.....</i>	<i>195</i>

4.	O mobiliário urbano e os seus processos	207
4.1.	Casos de Lisboa.....	207
4.1.1.	<i>Caracterização da CML.....</i>	207
4.1.2.	<i>Crítérios e justificação da selecção dos casos.....</i>	212
4.1.3.	<i>Eixo Rua das Janelas Verdes.....</i>	214
4.1.4.	<i>Parque da Quinta das conchas e dos Lilazes</i>	225
4.1.5.	<i>Quiosque de florista.....</i>	242
4.1.6.	<i>O processo de intervenção na Praça da Figueira em Lisboa.....</i>	253
4.1.7.	<i>O mobiliário urbano de Lisboa com exploração publicitária privada</i>	271
4.1.8.	<i>A implantação pontual e a manutenção de mobiliário urbano.....</i>	281
4.1.9.	<i>A substituição dos candeeiros da Av. de Madrid em Lisboa.....</i>	290
4.2.	Outros casos	296
4.2.1.	<i>Cadeiras móveis de jardim em Paris</i>	296
4.2.2.	<i>Plano de Salvaguarda no Núcleo Histórico de Sacavém.....</i>	304
4.2.3.	<i>Larus.....</i>	315
4.2.4.	<i>Os processos participativos no bairro de La Mina.....</i>	327
4.2.5.	<i>Av. Brasil</i>	339
4.3.	Caracterização dos processos do mobiliário urbano	344
4.3.1.	<i>Definições.....</i>	344
4.3.2.	<i>Intervenientes</i>	346
4.3.3.	<i>Motivos e proveitos.....</i>	353
4.3.4.	<i>Usos actuais do mobiliário urbano</i>	355
4.3.5.	<i>A estrutura do processo mais frequente de produção e suas fases</i>	358
4.3.6.	<i>Dimensões</i>	370
4.4.	Conclusões.....	372
4.4.1.	<i>Resumo das principais observações em cada um dos casos analisados.....</i>	372
4.4.2.	<i>Observações e conclusões finais.....</i>	373
5.	A sustentabilidade e o mobiliário urbano.....	377
5.1.	A cidade sustentável	378
5.1.1.	<i>Informação, consciência, perceptibilidade.....</i>	378
5.1.2.	<i>Modelos de cidade sustentável</i>	383
5.1.3.	<i>Centro e periferias, hierarquia e organização da cidade.....</i>	388
5.1.4.	<i>O reconhecimento da importância do espaço público.....</i>	394
5.1.5.	<i>A importância da identidade dos lugares para a “sociedade vertebrada”</i>	399
5.1.6.	<i>Possíveis contribuições para soluções dos desafios</i>	404
5.2.	A sustentabilidade do mobiliário urbano	417
5.2.1.	<i>Potencialidades e requisitos do mobiliário urbano.....</i>	418
5.2.2.	<i>Revisão da elencagem dos princípios para o espaço público.....</i>	421
5.3.	Princípios de sustentabilidade para o mobiliário urbano	424
5.3.1.	<i>Capacidade de contribuição para a imageabilidade e para a identidade</i>	424
5.3.2.	<i>Contextualidade: Permeabilidade / delimitação em relação ao restante território (em várias escalas).....</i>	426
5.3.3.	<i>Funcionalidade prática (inclui conforto e segurança)</i>	428
5.3.4.	<i>Acessibilidade e integração de utilizadores.....</i>	430
5.3.5.	<i>Legibilidade.....</i>	431
5.3.6.	<i>Versatilidade e adaptabilidade.....</i>	434
5.3.7.	<i>Diversidade de usos e multifuncionalidade</i>	436
5.3.8.	<i>Durabilidade adequada.....</i>	437
5.3.9.	<i>Poupança de recursos naturais em todo o ciclo de vida.....</i>	439
5.3.10.	<i>Localidade dos processos.....</i>	443
5.3.11.	<i>Compatibilidade e integração dos serviços e sistemas relativos</i>	445
5.3.12.	<i>Processos de fabrico e de emprego de mão-de-obra eticamente correctos</i>	447
5.4.	Avaliação de casos.....	453
5.4.1.	<i>Avaliação do Banco Tramet</i>	453
5.4.2.	<i>Avaliação do pilarete do Eixo da Rua das Janelas Verdes.....</i>	459
5.4.3.	<i>Avaliação da bancada de florista</i>	464

5.4.4. Avaliação do mobiliário predominante em Lisboa.....	470
5.5. Conclusões	478
6. Conclusões	483
6.1. Possibilidades de trabalho para o processo de produção do mobiliário urbano	499
Bibliografia	509
Índice de Figuras	521
Índice de Tabelas	528
Anexos	535

1. Introdução

1.1. Enquadramento e definição do tema

Julgamos ser consensual que estamos numa época de grandes mudanças em diversas vertentes da sociedade, obrigando-nos a enfrentar diversos desafios, inéditos, tanto na sua diversidade, como na sua dimensão.

Actualmente reconhece-se, conforme analisaremos nesta investigação, que a nossa sociedade (pelo menos a ocidental e ocidentalizada) enfrenta profundos problemas de sustentabilidade. Ou seja, estará minimamente demonstrado que os actuais níveis de consumo e desgaste dos recursos naturais, sejam eles materiais, sejam eles energéticos, é muito superior à capacidade de reposição do planeta. Estaremos hoje a consumir e desgastar recursos que pertenceriam às gerações futuras.

Compreendeu-se entretanto que a abordagem inicial, através da qual se procurava corresponder, estritamente, aos problemas ambientais, não é suficiente. Compreendeu-se que existe uma profunda relação, intrínseca, desses problemas com a nossa sociedade, já que a raiz deste problema estará no modo como ela funciona, com as suas dinâmicas de produção e consumo que actualmente ocorrem.

Conforme se tem comprovado, os diversos problemas actuais estão interligados, o seu conjunto incide em grande amplitude sobre a nossa sociedade. Torna-se por isso necessário uma abordagem mais ampla e abrangente, para que se tomem mudanças decisivas e profundas, que levem a efeito alterações de fundo nos padrões e nível de vida, cultura de consumo, felicidade e satisfação de necessidades, etc.

Surgiram assim propostas para que os princípios de sustentabilidade tivessem um âmbito mais alargado, também pela necessidade de se aprofundarem as causas, para que se consiga efectivamente ultrapassar os desafios que se nos deparam. Tendo sido iniciado a partir de uma perspectiva sobretudo material, pela melhoria da utilização dos recursos naturais segundo uma estratégia ecológica, o conceito de sustentabilidade, ao ser aprofundado e consolidado, acabou por

se generalizar, e hoje é já considerado em várias contextos e sob várias vertentes, não só de gestão da produção e fabrico, ou económica, mas também noutros âmbitos outrora considerados pouco afins, como os pertencentes à vertente social.

Poderemos pois afirmar que estará já devidamente reconhecida a importância da sustentabilidade, sendo considerada como um princípio universal e imperativo para toda a actividade humana e segundo as suas diversas dimensões. Só essa abordagem abrangente permitirá, conforme também defendem os autores que analisaremos, mitigar os problemas com que actualmente nos defrontamos.

Assim, se presenciamos uma evolução assinalável da sociedade humana nos últimos tempos, o facto é que nela ainda existem graves e profundos problemas. A sua resolução é urgente, tanto porque os que persistiram se tornaram mais expostos, dados os princípios e padrões decorrentes dessa evolução, como porque outros se agravaram mais.

A vertente social da sustentabilidade refere-se agora a um âmbito de objectivos mais alargado. A partir do conceito que se instituiu de desenvolvimento sustentável (WCED, 1987), e se tornou paradigmático nas últimas décadas, num primeiro nível reconhece-se que esta abordagem é necessária para que se reduzam efectivamente os referidos desgastes excessivos. Adicionalmente, reconhece-se que essa perspectiva alargada também é necessária para que se possa ir ao encontro dos referidos princípios e padrões que se estabeleceram como direitos universais, como os de democracia, justiça e igualdade de oportunidades.

Mas, ainda para além disso, e como veremos adiante, o sistema de produção-consumo que actualmente predominará baseia-se na insatisfação permanente dos consumidores; fomenta-se a substituição, por bens de consumo, da relação das pessoas entre si e com a envolvente. Constata-se pois que, mesmo para os supostamente mais privilegiados, o aumento de consumo e da acumulação de bens materiais não é necessariamente acompanhado por um aumento proporcional de felicidade ou até de uma melhoria da qualidade de vida, por vezes sucede até o contrário. Nesta perspectiva, com o consumo como objectivo final, agravam-se não só os problemas ambientais, como também os sociais, ao contribuir, por exemplo, para a insatisfação permanente e o isolamento.

São, de facto, grandes desafios, já que as soluções obrigarão a profundas mudanças; o período da história em que nos encontramos é, assim, de viragem, sobretudo porque nos parece que conseguir ultrapassá-los significará um salto considerável na nossa evolução.

Por sua vez, alguns dos referidos problemas reflectem-se, de maneira particular, na cidade e no seu espaço público. Haverá, de facto, desafios específicos para a sua sustentabilidade. Certos desafios, como adiante também procuraremos demonstrar, decorrem da evolução que de um modo geral ocorreu até hoje e que são caracterizadores da época em que actualmente vivemos. Para além disso, a evolução das cidades na sua generalidade, quer estas tenham sido mais ou menos planeadas, reflecte a reduzida observação que se tem tido na poupança dos recursos naturais. As próprias cidades serão assim actualmente também elas causa para os excessos ou omissões que se têm cometido nesse sentido.

Adicionalmente, colocando-se outras prioridades no seu planeamento e construção, vários problemas – em particular os de índole social e prática – decorrem do modo como as cidades permitem, ou não permitem, o seu devido uso pelos seus cidadãos.

A cidade, cuja complexidade se tem vindo a tornar cada vez maior, tanto ao nível conceptual como prático, é actualmente reconhecida como muito mais do que um simples conjunto de pessoas ou de construções. Actualmente consideram-se fundamentais as relações que aí existem, tanto entre os seus habitantes como entre os habitantes e os recursos e bens materiais da cidade. Por isso, a sua existência e continuidade, pelo menos segundo essa noção, depende em grande parte da qualidade destas relações, as quais dependem, por sua vez, dos meios que se utilizam. Destes, faz parte o espaço público, físico, e todos os artefactos que nele estão contidos para a sua utilização e usufruto.

Em certos aspectos, o espaço público terá actualmente mais uso do que nunca. No entanto, na perspectiva que nos interessa aqui, vários serão os factores, conforme apresentaremos, que causaram ou contribuíram para a redução gradual dos usos de permanência pelos cidadãos.

Especificamente, a redução que se tem verificado do protagonismo do espaço público na cidade – assim como na sociedade em geral – será um dos aspectos que assinalamos neste sentido e que é central para esta investigação.

Importância do mobiliário urbano para o espaço público e para a cidade

Em conformidade com os autores que apresentaremos, demonstrar-se-á assim a importância do espaço público para a cidade a que pertence e para os seus habitantes, assim como para a sociedade que o usa. No entanto, para que esse desempenho seja possível, é fundamental que o espaço público disponha de meios, artefactos e equipamentos que permitam o uso pelo cidadão. Actualmente, esse conjunto é sobretudo o denominado mobiliário urbano.

Compreende-se, por esta perspectiva, os potenciais contributos do mobiliário urbano para o espaço público onde se insere, para a cidade, e até para a sociedade que o usa, dos quais destacamos:

- Pode ser um meio para que se reduza o desgaste dos recursos naturais, ao melhorar o seu rendimento através do maior uso de equipamentos e artefactos partilhados;
- Pode ser um meio de chamar utilizadores e diversificar e intensificar usos, podendo revitalizar o espaço público e dar-lhe um protagonismo equivalente ao que outrora teria, o que, como já referimos, será um componente central numa cidade melhor;
- Pode também ser um meio para proporcionar um maior contacto, a proximidade e a sociabilização entre os seus utilizadores.

Assim, a primeira hipótese que lançamos é que o mobiliário urbano poderá ser um importante meio para a sustentabilidade, mesmo na perspectiva mais abrangente que aqui expomos. Desde que se verifique esse desempenho e o devido uso pelos cidadãos, o mobiliário urbano é não só sustentável por si, como será um importante elemento para a cidade sustentável. Logo, para muitos dos actuais problemas, a solução passará pelo recurso ao espaço público e ao seu mobiliário urbano.

Contudo, logo através de uma simples abordagem enquanto cidadãos utilizadores, o que constatamos no nosso quotidiano nem sempre corresponde a este possível desempenho. Em diversas situações o desempenho do mobiliário urbano não corresponde às nossas necessidades para usufruto do espaço onde se insere, ou simplesmente não existe. Noutras ocasiões, encontramos elementos em mau estado, quer porque teve pouca manutenção, quer porque foi vandalizado, roubado ou maltratado. Noutras vezes ainda, encontramos equipamentos para cuja presença não conseguimos encontrar propósito.

O espaço público é um contexto complexo, pelo que várias serão as razões e factores para a ocorrência destes problemas. De qualquer modo, julgamos poder apontar, como segunda hipótese, que o reduzido contributo do mobiliário urbano para a sustentabilidade será eventual, ou seja, não advém do plano conceptual.

Parece-nos que até que, mesmo quando são seguidos os princípios de sustentabilidade mais amplamente difundidos e mais largamente implantados, os quais são sobretudo relativos ao fabrico, baseados numa óptica “ambiental” ou “ecológica”, onde são seguidos os princípios como os de utilização de materiais e processos limpos, que poupem recursos, e que sejam recicláveis ou

mesmo reciclados, o mobiliário urbano pode continuar a ser menos sustentável do que deveria ou poderia ser no contexto geral que temos vindo a apontar.

Consequentemente, colocamos como hipótese final que o contributo do mobiliário urbano para a sustentabilidade poderia ser maior com adequadas alterações no modo como se concretiza e pratica. Ou seja, no modo como ele é produzido e usado. Para que o mobiliário urbano corresponda aos princípios contemporâneos de sustentabilidade, será necessária uma atenção dedicada, nesse sentido, aos seus processos de produção.

1.2. Pergunta geral de investigação

No seguimento desta linha de raciocínio, poderemos então pôr agora a questão da investigação:

- **Por que processos de produção e uso pode o mobiliário urbano contribuir para a sustentabilidade da cidade e do seu espaço público?**

Torna-se assim necessário determinar quais os processos de produção, os meios, as atitudes dos intervenientes, assim como outros factores, que permitirão assegurar, não só a sustentabilidade do próprio mobiliário urbano, como também o seu melhor contributo para a sustentabilidade do espaço público, e até da cidade, onde se insere.

Será também necessário aprofundar noções de sustentabilidade. Para além de ser um tema actual, com muita controvérsia e debate, é necessário que se determine o que será específico para o mobiliário urbano, já que este é também um equipamento ou artefacto singular.

Para tal será necessário indagar primeiro qual a realidade dos processos que actualmente são praticados (pelo menos alguns deles), procurando-se determinar quais as suas consequências no âmbito que abordamos. Esta análise permitirá, numa primeira instância, determinar o que será mais frequentemente praticado na produção do mobiliário urbano. Apresentamos também outros casos e propostas de processos de produção para o espaço público, os quais nos ajudarão tanto na contextualização, como na fundamentação da nossa investigação e do que com ela propomos.

À luz destes últimos casos e dos princípios e propostas contemporâneas de sustentabilidade, que entretanto também sistematizamos, apresentamos também uma confrontação com a realidade que

analisámos. Isso permitirá que tenhamos uma primeira indicação da sustentabilidade desses processos praticados, e acima de tudo, lançar algumas bases para que se venham a alterar os actuais processos ou a criar outros, novos, mais concordantes com os princípios determinados.

Em última instância, pretendemos constatar quais os constrangimentos à sustentabilidade do mobiliário urbano, decorrentes dos seus processos de produção, que dependem sobretudo dos intervenientes, em particular daqueles que são mais protagonistas e têm mais poder decisivo. Sendo os designers, enquanto projectistas, parte deste grupo, o trabalho que se propõe servirá, pelo menos, para suscitar uma mínima reflexão e uma consciencialização sobre a sustentabilidade das suas acções e atitudes, ou até servir como auxílio para o desenvolvimento de uma metodologia de trabalho mais conforme os requisitos que propomos.

1.3. Objectivos

No seguimento do que apresentámos até agora, podemos estabelecer como **objectivo principal** da investigação:

- Definir princípios e procedimentos para o mobiliário urbano e a sua produção que lhe permitam contribuir para a sustentabilidade, na abrangência que já explicámos, do espaço público e da cidade.

Consequentemente, poderemos estabelecer os seguintes **objectivos específicos**:

1. Aprofundar os conceitos contemporâneos de sustentabilidade;
2. Aprofundar os conceitos, processos e atribuições contemporâneos de cidade, de espaço público e de mobiliário urbano;
3. Sistematizar os desafios lançados actualmente à sustentabilidade da cidade e do espaço público;
4. Determinar possíveis soluções para esses desafios, em particular aquelas para as quais o mobiliário urbano pode contribuir;
5. Propor princípios, conceitos, processos, procedimentos e atribuições para o mobiliário urbano que possam corresponder a essas soluções.

Continuamos a investigação anteriormente iniciada sobre o mobiliário urbano enquanto conjunto de artefactos e equipamentos do espaço público. Procuraremos agora aprofundar as abordagens e reflexões iniciadas e chegar a conclusões mais concretas, tentando responder a algumas questões

lançadas e fechar algumas abordagens, sobretudo acerca das atribuições do mobiliário urbano dentro dos conceitos que se referem de cidade sustentável.

1.4. Enquadramento teórico conceptual e procedimento metodológico

Em conformidade com a pergunta de investigação e os objectivos que a partir daí ficam estabelecidos, procurámos o enquadramento teórico e conceptual e definimos a metodologia de trabalho.

Considerando o conceito de **sustentabilidade** segundo a necessária abrangência, já referida, para uma análise dos princípios e requisitos de sustentabilidade relativos à produção sustentável, para a qual consideramos também os necessários contributos do design, consideramos o paradigma estabelecido pelo “Relatório Brundtland” (WCED, 1987), juntamente com a visão mais aprofundada segundo Naredo (1997, 2003, 2006), com a sua explicação das causas do sistema económico para a actual insustentabilidade da sociedade. Também citamos a análise explicativa de Latouche (2007a, 2007b), dos padrões e conceitos que baseiam a actual sociedade e sua consequente insustentabilidade.

Para a análise da produção e da sua sustentabilidade, sobretudo através da perspectiva do design, recorremos a diversos autores para uma primeira abordagem (dos quais referimos Van Hemel (1998), Dewberry (1996), Bahmra e Lofthouse, (2007)). Porém, dentro da perspectiva mais actual, de uma sustentabilidade mais abrangente e mais efectiva, que referimos, recorremos também às propostas mais recentes de Vezzoli e Manzini (2008). Julgamos também fundamental para esta investigação a visão paradigmática de Papanek (1985), sobre a responsabilidade do design para com a sociedade.

Para uma caracterização da actual **sociedade** e seu futuro expectável, e sobretudo no referente às **cidades**, recorremos a Borja e Castells (1997), com o recurso à visão um pouco mais específica de Ascher (2007).

Citamos também os conceitos, princípios e modelos paradigmáticos de cidade e sua evolução propostos por Lynch (1990, 2010), o qual, sobretudo pelo reconhecimento da importância da perspectiva de quem usa, habita e imagina a cidade, continua sendo um dos autores mais referidos. Apresentamos assim Lynch segundo uma análise mais actual de Shane (2005), através da qual são cruzados outros diversos autores de relevo.

O recurso a Shane é também importante porque, em conjunto com Nan Ellin (1999) na sua análise da cidade contemporânea, e sobretudo pós-moderna (visão que esta autora enquadra com a mais geral de David Harvey(1989)) e, em conjunto com os já mencionados Ascher (2007) e Borja e Castells (1997), é-nos possível ter um quadro mais completo do que é a cidade actualmente e o que poderá ser a sua evolução futura. Recorremos também a Broadbent (1990), Guillerme (1983), e Ceraci (1990) sobretudo para a abordagem à evolução da cidade e dos seus usos através do espaço público.

Apoiamo-nos também em todo o trabalho teórico e prático que tem sido desenvolvido pelo Centre de Recerca Polis (CeRPolis) da Universidade de Barcelona, no âmbito da cidade e do espaço público e que, pelos próprios resultados, se demonstra, na actualidade, não só como necessário, mas também como urgente:

- Relativamente à participação cidadã e ao debate sobre sua exequibilidade, apresentamos os resultados e reflexões de Nuria Ricart (2009);
- Recorremos também à reflexão e debate apresentados por Pedro Brandão (2005) sobre a necessidade da readequação das profissões do design urbano dadas as mutações a que actualmente assistimos;
- Ainda a propósito de readequação do design às novas exigências, nomeadamente das considerações ambientais no design de produto, citamos também a proposta de Sofia Águas (2009);
- Para a perspectiva indispensável das ciências sociais (concretamente da psicologia ambiental) e dos seus contributos basilares para as questões da participação cidadã, e também para a fundamentação da importância do espaço público na cidade e na sociedade, recorremos a Valera e Pol, (1994), Pol e Valera (1999), Pol (2002) e Vidal e Pol (2005).

Baseamo-nos também nos princípios propostos por Borja (1998, 2000, 2010) e Borja e Muixí (2001), os quais se demonstram fundamentais para uma definição contemporânea de espaço público e para a argumentação do seu indispensável papel na sociedade e na cidade.

Considerámos também a diversa publicação do Centro Português de Design dedicada a este tema, em especial o “Chão da Cidade” (Brandão coord, 2002), assim como “Do Projecto ao Objecto” (Remesar, coord., 2005) o que, em conjunto com uma revisão das primeiras reflexões apresentadas anteriormente (Valente Pereira, 2002), nos permitirá uma abordagem mais prática e específica ao espaço público e ao mobiliário urbano. Referimos ainda o trabalho exaustivo levado a cabo por

Carmona et al (2010) sobre o tema do espaço público e que, pela sua dimensão e abrangência, se torna uma consulta indispensável.

Incluimos ainda autores que abordam a problemática do desgaste excessivo dos recursos naturais causado pelo modo como as actuais cidades funcionam e são usadas (Rueda, 1995; Naredo e Rueda, 1997; Niza, 2007, Loyd-Jones (ed.,2004).

Através deste conjunto de autores e documentos, cremos estarem lançadas as bases para a delineação do que será a **cidade sustentável** segundo o conceito abrangente que consideramos.

Partindo das bases teóricas acima mencionadas, a sistematização dos **actuais desafios com que se deparam a cidade e o seu espaço público** será o principal ponto de apoio para o prosseguimento da investigação. Embora partamos para tal das propostas de muitos dos autores citados, serão sobretudo Borja e Castells (1997) os principais guias nessa fase.

Teremos assim um enquadramento que nos servirá de base orientadora para determinar quais poderão ser os **contributos do mobiliário urbano para a sustentabilidade**. No entanto, para isso será também necessário o levantamento e análise, que propomos fazer, de **processos de produção que se praticam actualmente no mobiliário urbano**, para o que o referido enquadramento também será fundamental.

Com esse intuito, apresentamos um estudo exploratório para analisar os processos de produção praticados na cidade de Lisboa, procurando-se assim obter uma primeira amostra que nos permita conhecer, ainda que minimamente, o que tem sido praticado recentemente no contexto da produção do mobiliário urbano.

Este estudo é efectuado através de contactos e entrevistas, a gestores e coordenadores de projecto, os quais nos poderão dar também, no início, uma selecção de casos a estudar, bem como uma visão panorâmica e introdutória do processo.

A Câmara Municipal é o principal contacto, uma vez que é o dono das obras em questão, para além de acumular frequentemente ainda as funções de projectista, através das suas direcções, divisões e gabinetes de projecto e gestão de espaço público e mobiliário urbano.

Estabeleceu-se um critério de classificação das intervenções executadas em Lisboa nos anos mais recentes, para que posteriormente sejam considerados alguns casos a aprofundar, quer por serem representativos dum tipo de mobiliário urbano ou de intervenção, quer por merecerem, por si, esse estudo.

A análise da informação entretanto recolhida – o conjunto das entrevistas e dos documentos relativos à obra – foi processada através da sua sistematização, por exemplo, com a elaboração de mapas de processos e intervenientes.

São estudados também outros casos que consideramos paradigmáticos ou exemplificativos neste contexto. Incluímos casos desenvolvidos no CeRPolis, casos esses que consideramos como referência exemplar.

As práticas de produção de mobiliário urbano que se determinaram tiveram um duplo aproveitamento, servindo tanto para o contacto e constatação da realidade dos processos de produção, como para uma avaliação introdutória da sustentabilidade desses processos. Assim, o confronto com os processos praticados permitirá uma adequação, afinação e melhoria dos **princípios** previamente determinados.

Este conjunto de procedimentos metodológicos está sintetizado no esquema que a seguir apresentamos.

Não pretendemos, nesta investigação, uma determinação da sustentabilidade dos casos avaliados de modo absolutamente rigoroso e definitivo, nem o definitivo estabelecimento duma escala classificativa. A abrangência que consideramos e a multiplicidade de fontes e dados que terão que ser incluídos, e a necessidade de se aferir qualquer escala classificativa com um conjunto significativo de aplicações, tornariam essa pretensão não só difícil como impossível.

Apenas pretendemos abrir caminho para que seja possível determinar um modelo que demonstre o que há de comum e de distinto nos processos analisados, e uma base de orientação para a afinação e validação de princípios, abrangentes e contextualizados, de sustentabilidade do mobiliário urbano. Ou seja, que este conjunto de dados contribua para a delineação de possibilidades de trabalho para o futuro.

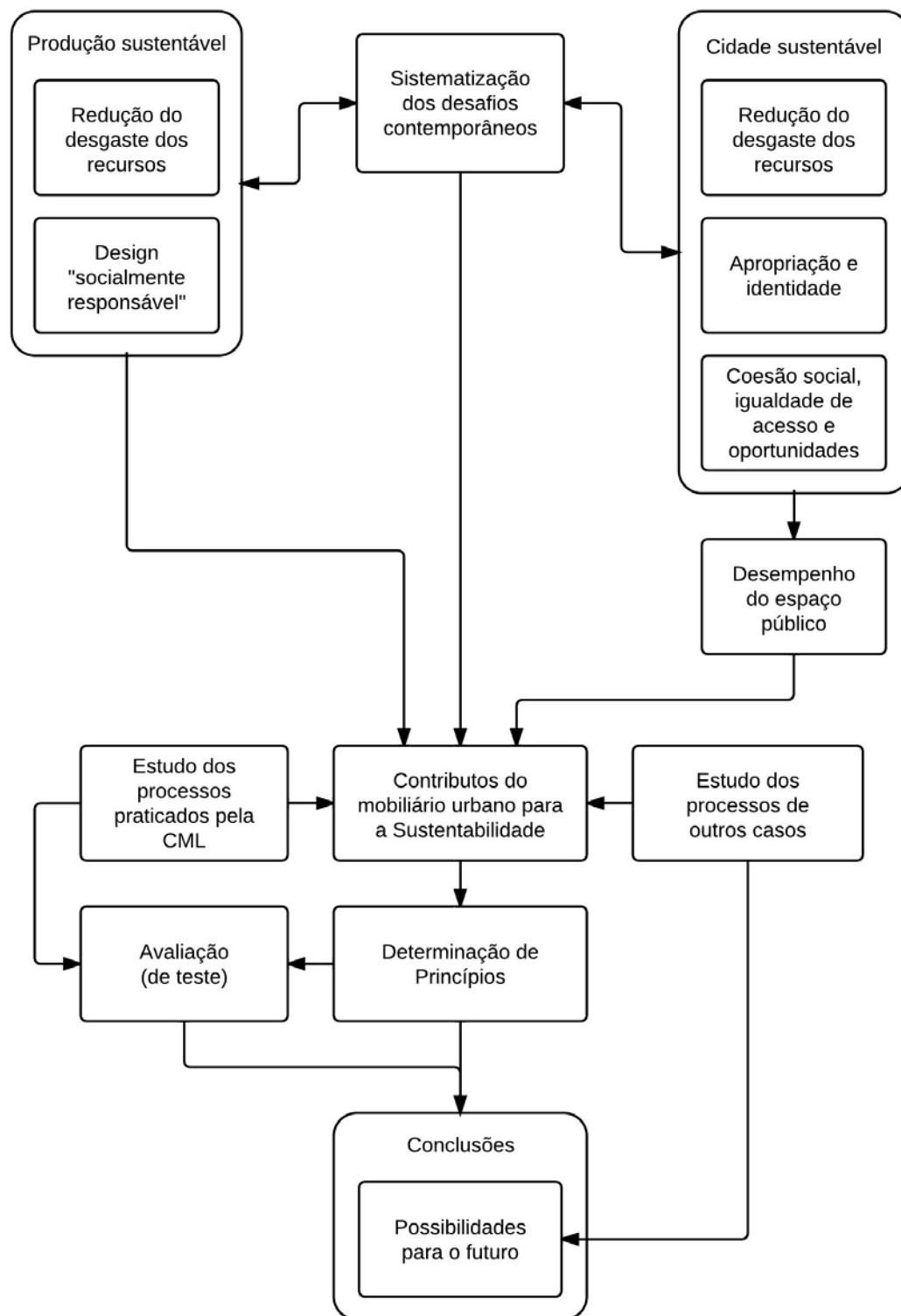


Figura 1: Procedimento metodológico

Algumas observações sobre o conceito de produção e de uso

Torna-se necessária uma abordagem o mais abrangente possível ao mobiliário urbano considerando assim, tanto quanto possível, todos os processos que lhe são inerentes. Assim, pretende-se considerar os processos do mobiliário urbano na sua globalidade, com todas as fases de produção, desde as metodologias de projecto praticadas ao fabrico, incluindo as decisões políticas, as suas tecnologias e materiais, até à sua implantação, uso e manutenção, passando pelos processos legais relativos aos concursos públicos e contratos de adjudicação.

Para justificar a abrangência que propomos, poderemos começar por considerar uma perspectiva segundo o conceito da obra aberta de Umberto Eco (1989). Não nos referimos para esta investigação especificamente a obras artísticas, tal como este autor o faz, no entanto, para além deste autor estar a considerar um leque relativamente alargado de obras, julgamos que há aqui um plano de interpretação comum que nos permite considerar este conceito e tirar dele várias ilações.

Para Eco (1989), “uma obra de arte, forma acabada e *fechada* na sua perfeição de organismo perfeitamente calibrado, é igualmente *aberta*, com possibilidade de ser interpretada de mil modos diferentes sem que a sua irreproduzível singularidade seja por isso alterada. Cada fruição é assim uma *interpretação* e uma *execução*, pois que em cada fruição a obra revive numa perspectiva original” (p68). Ao definir como forma ou estrutura do modelo da obra aberta a “relação produção-obra-fruição” (p53), poderemos considerar que este autor estabelece um equilíbrio entre o peso da produção e o do uso dentro da perspectiva que nos interessa.

Eco (1989) considera também que há obras que são abertas em “sentido menos metafórico e muito mais tangível” (p68), considerando neste sentido que “o desenho industrial oferece-nos exemplos pequenos mas evidentes de obras em movimento com certos objectos de decoração, candeeiros articuláveis, estantes componíveis de várias maneiras, poltronas susceptíveis de metamorfoses de inegável dignidade estilística, permitindo ao homem de hoje construir e dispor as formas entre as quais vive, segundo o próprio gosto e as próprias exigências de utilização” (p79).

Há que referir que nos parece que Eco não chegará ainda a contemplar propriamente um grau de abertura equivalente, por exemplo, à que se propõem os autores de um projecto de participação cidadã, os quais, preferindo até uma postura de facilitadores, não sabem de todo qual o seu desfecho. Para Eco, o autor oferece “ao fruidor uma obra para acabar: não sabe exactamente de que modo a obra poderá ser terminada, mas sabe que a obra terminada será sempre, porém, a sua obra, não outra”, porque, especifica, todas as obras “abertas” e “em movimento” serão “sempre ‘obras’ e

não coágulos de elementos casuais prontos a emergir do caos em que se encontram, para se tornarem uma forma qualquer” (Eco, 1989:90).

No entanto, Eco (1989) enfatiza como qualidade da obra, pelo menos a contemporânea, o facto de ser “estrutura que está aquém das suas leituras possíveis” (p55), com possíveis interpretações, em que “o artista contemporâneo, ao realizar uma obra, prevê entre ela, ele próprio e o consumidor uma relação de não univocidade” (p56). Trata-se assim de um “campo de possibilidades”, relacionando esta noção de campo com a que é considerada pela física contemporânea, e que “subentende uma renovada visão das relações clássicas de causa e efeito unívoca e unidireccionalmente entendidas, implicando pelo contrário um complexo interagir de forças, uma constelação de acontecimentos, um dinamismo de estrutura; a noção de possibilidade é uma noção filosófica que reflecte toda uma tendência da ciência contemporânea, o abandono de uma visão estática e silogística da ordem, a abertura de uma plasticidade de decisões pessoais e a situacionalidade e historicidade dos valores.” (p83). Eco refere o actual “contexto cultural em que a lógica bivalente [de verdadeiro e falso] já não é o único instrumento possível do conhecimento, mas aparecem as lógicas polivalentes, que dão lugar, por exemplo, ao *indeterminado* como resultado válido da operação cognoscitiva” (p84), salientando, consequentemente, o factor determinante que são as “ambiguidades perceptivas” (p85).

Parece-nos assim minimamente demonstrada a contemporaneidade e a actualidade do reconhecimento da inevitabilidade da influência do utilizador nos processos de produção. Para além disso, como veremos, no actual debate sobre a participação cidadã – e agora no contexto mais específico em que nos debruçamos nesta investigação – pretende-se que o cidadão seja mais do que estritamente utilizador. Para tal há que definir os seus atributos na produção (ou o seu contributo para isso) e no uso. Assim, produção e uso, ao poderem ser desempenhadas pela mesma pessoa, poderão ainda mais coincidir, quer conceptualmente, quer na prática.

Adicionalmente, uma abordagem global do processo tornou-se norma na determinação da sustentabilidade dos produtos, mesmo que segundo uma perspectiva estritamente ambiental. Para a determinação efectiva do seu impacto nesse âmbito, actualmente considera-se o “ciclo de vida do produto” na sua totalidade, ou seja, não só a sua fase de fabrico, mas também as subsequentes, como consideram por exemplo Vezzoli e Manzini (2008), pela “pré-produção”, “produção” “distribuição”, “uso” e “deposição”¹.

¹ No original “Pre-production”, “Production”, “Distribution”, “Utilization” e “Disposal” (Vezzoli e Manzini, 2008)

Assim, propomos aqui definir o processo de produção numa perspectiva integradora de todo o ciclo de vida do produto, neste caso o mobiliário urbano. Consideramos num mesmo plano – e afinal com uma distinção por vezes menos evidente do que julgamos – todas as fases do produto, desde as mais prematuras, de detecção das necessidades e decisão de início do fabrico, até às finais, como deposição e reciclagem, incluindo o uso. Esta visão abrangente de todo o processo torna-se fundamental já que permitirá também conhecer os motivos e os factores que desencadeiam o processo, ou seja, permitirá considerar um processo desde a detecção das necessidades, assim como observar os seus efeitos.

Consideramos então nesta investigação que, para os artefactos em geral, no actual contexto da sociedade industrializada, o processo de produção se constitui pela (1) determinação das necessidades, (2) a elaboração do programa, (3) o desenvolvimento do projecto, (4) a preparação do fabrico, (5) o fabrico (ou a construção), (6) a distribuição, compra e venda, (7) o uso e a manutenção, e (8) o fim de vida. Consequentemente, nesta perspectiva niveladora que nos parece adequada para esta investigação, consideramos aqui como “intervenientes” todos aqueles que participam no processo de produção.

Referimos finalmente que as bases da proposta de Eco atrás citadas parecem-nos importantes para o contexto que abordamos nesta investigação ao partir de um conceito de dinâmica, de movimento, de permanente mudança da realidade e da nossa relação com ela, que afinal é essencial à percepção e daí à nossa evolução e ao nosso conhecimento. Parece-nos, aliás, ser evidente que se trata de um princípio indispensável para nos confrontarmos com um contexto como a cidade contemporânea, de dinâmica, complexidade e mutação cada vez maiores, quer na sua investigação, quer na sua intervenção, ou quer ainda no nosso dia-a-dia enquanto cidadãos.

Parece-nos, de facto, ser esse também o princípio por detrás da ideia de “cidade orgânica” (Lynch, 2010; Shane, 2007) que veremos, pela dinâmica de constante mutação e pela complexidade resultante do dinamismo da estrutura e da permanente interacção das suas partes. Teremos assim, também aqui, uma “constelação de acontecimentos”, para a qual se torna fundamental considerar também um “campo de possibilidades”, tal como Eco refere para a obra aberta.

1.5. Temas e conteúdos dos capítulos

Começaremos por definir as bases que nos permitirão enquadrar a nossa investigação, abordando, no **Capítulo 2**, os conceitos e princípios contemporâneos gerais de sustentabilidade, apresentando o actual debate e controvérsia que este assunto ainda suscita. Faremos para isso uma breve cronologia e evolução da sustentabilidade, em particular dos seus conceitos e definições.

De seguida continuaremos esta análise sobretudo para a sustentabilidade da produção, em particular da produção industrial, área onde encontramos diversas propostas de procedimentos e princípios. Numa análise da evolução que começa pelas “estratégias ambientais” para as empresas e indústrias e da sustentabilidade no design, chegaremos às propostas mais recentes e ainda em consolidação, de desmaterialização e dos “sistemas de produto-serviço”. Para a definição da perspectiva abrangente que já referimos para este assunto, apresentamos também as propostas para a sustentabilidade segundo a dimensão social, assim como críticas e alternativas propostas aos sistemas de economia e produção.

Na continuação da definição das bases para enquadramento, no **Capítulo 3** analisamos os conceitos de cidade, de espaço público e de mobiliário urbano, sobretudo como concretização consequente de motivos, necessidades e usos dos cidadãos utilizadores. Abordando de igual modo a sua evolução, analisamos o conceito e os usos da cidade, do seu espaço colectivo/público e dos artefactos e equipamentos que nele estão contidos. Logicamente, aprofundaremos o estudo destes últimos, em especial a sua evolução até ao actual mobiliário urbano.

As bases dos diferentes quadrantes que apresentarmos servirão para em seguida enumerar o que serão os principais desafios que enfrentam a cidade e, em especial, o seu espaço público de hoje. Referimos os desafios que decorrem da actual conjuntura, onde a globalização e a evolução dos meios de comunicação serão factores principais; o desafio resultante do crescimento das cidades; os desafios com os quais estas também se defrontam e que são decorrentes da evolução da sociedade, especificamente os relativos ao espaço público, em especial pelas suas actuais solicitações; os desafios decorrentes da concretização dos actuais padrões e princípios, em especial os de sustentabilidade na óptica abrangente mais recente.

O **Capítulo 4** é dedicado ao estudo dos actuais processos e práticas do mobiliário urbano, onde apresentamos e analisamos sete casos de Lisboa que nos parecem representativos, para o que

caracterizamos também o seu protagonista, a Câmara Municipal de Lisboa. Apresentamos também outros cinco casos que nos parecem relevantes para exemplificar alternativas ao que é mais praticado e que podem ser possibilidades em conformidade com o que defendemos nesta investigação.

Este conjunto de casos permite-nos a seguir fazer a caracterização dos processos do mobiliário urbano mais comuns através das suas definições e funções, os seus intervenientes, os motivos e proveitos, os usos actuais, a estrutura do processo de produção e suas fases, assim como das dimensões a que se refere.

No **Capítulo 5** abordamos as questões da sustentabilidade mais especificamente em relação ao mobiliário urbano. Procuramos sistematizar o que será a cidade sustentável, uma vez mais segundo os moldes já mencionados. Expomos a questão da importância da informação, consciência e perceptibilidade do organismo que é a cidade e o seu metabolismo urbano, seguindo-se a análise a diversos modelos de cidade sustentável, assim como do que deverá ser a sua estrutura, hierarquia e organização, e finalmente a importância da identidade da cidade, assim como de cada um dos lugares que a compõem.

Teremos assim, parece-nos, as bases para evidenciar a importância do espaço público, pelo menos quando se pretende uma cidade para os cidadãos. Após evidenciar as potencialidades e requisitos do mobiliário urbano, poderemos apresentar um conjunto de possíveis soluções para os desafios referidos previamente, em especial aquelas para as quais o mobiliário pode dar um maior contributo, para o que lançamos um conjunto de princípios para o mobiliário urbano e a sua produção.

Apresentamos ainda um conjunto de avaliações dos casos apresentados previamente; ainda que na prática sirva sobretudo para demonstração da aplicação dos referidos princípios, em conjunto com as restantes observações retiradas destes casos reais, ela permite-nos também importantes contributos para as conclusões finais.

Requisitos contemporâneos de sustentabilidade

Com este capítulo procuramos definir o contexto da sustentabilidade para enquadrar a produção do mobiliário urbano. Fazemos uma análise da evolução dos conceitos, eventos e documentos que contribuíram para as actuais definições, para de seguida analisar as actuais propostas de conceitos, princípios e estratégias que consideramos relevantes para o objecto de estudo.

Ainda que façamos agora uma abordagem ao conceito de âmbito geral, pelo tema do mobiliário urbano considera-se necessário abordar as questões e vertentes que lhe são específicos: num primeiro momento, os que são relativos à sua produção, ou seja à indústria, e necessariamente, ao design de produto; de seguida – e continuando segundo uma abordagem geral – as questões relativas à dimensão social.

2.1. Breve cronologia e evolução da sustentabilidade

No quadro cronológico que apresentamos em anexo agrupámos os vários eventos e documentos enunciados pelos vários autores que abordam esta questão. A partir daí, discutimos algumas das observações que cremos poderem ser efectuadas.

Cremos ser possível partir do princípio que a actual sociedade – ou, pelo menos a ocidental e ocidentalizada – tem como característica a forte industrialização da sua produção. Até ao séc. XVIII a maior parte dos artefactos e equipamentos de que nos rodeamos seria produzido pelos processos que actualmente consideramos como artesanais, o que significa uma produção em menor escala. Isto significará também que o consumo de recursos naturais, materiais e energéticos, seria consideravelmente menor do que é actualmente.

Na análise que André Guillerme faz à relação com a água de várias cidades do séc. XIII da bacia do rio Sena (Guillerme, 1983), essas cidades e as suas actividades e manufacturas (cortumes, fabrico

de pergaminhos, tecelagem, tinturaria, matadouros, hospitais, etc., que se encontravam intramuros) constituíam um sistema organizado segundo a optimização do recurso da água. Mais adiante voltaremos a esta análise, mas para já convém referir que essa organização teria como objectivos não só a melhoria do desempenho desses diversos usos e actividades, mas também o que é afinal a preservação de condições ambientais para os habitantes, já que se procurava manter a salubridade dentro da cidade e não afectar o recurso fundamental para a sua alimentação que era a pesca.

A partir do fim do séc. XVIII e princípio do Séc. XIX houve um aumento considerável do desgaste dos recursos naturais, o que se deve à Revolução Industrial, que já terá permitido um aumento de produtividade do trabalho de 30 a 50 000 vezes, e ao aumento, até hoje, da população mundial em mais de 5 vezes (sendo que nos últimos 50 anos quase que duplicou) (Schmidt-Bleek, 1993, cit. Niza, 2007).

Com o advento da Revolução Industrial, a maior parte da produção passou a recorrer a processos mecanizados, assistidos ou executados na sua totalidade por máquinas com grande capacidade. Surgem assim mais produtos e a um custo inferior, logo, mais facilmente disponíveis. Esta disponibilização trouxe a vantagem de ter permitido uma melhoria de “qualidade de vida”, ou “nível de vida”, a mais gente (noções que procuraremos aprofundar um pouco mais adiante).

Contudo, fez também com que, frequentemente nos rodeemos com muito mais do que realmente precisamos, ou mesmo até, que queríamos. Cria-se um “sistema de produção-consumo” (Vezolli e Manzini, 2008)², o qual fomenta e depende de hábitos de consumo sem precedentes. Como consequências negativas mais imediatas desta dinâmica, refere-se frequentemente o desgaste que se tem verificado dos recursos naturais a uma escala sem precedentes, quer pela sua quantidade, quer pela sua extensão, global.

Para além disso, segundo outros autores, como a seguir aprofundaremos, há ainda consequências mais profundas de âmbito social. As enormes massas de consumidores, que fazem funcionar este sistema, não terão afinal um aumento de qualidade de vida ou de felicidade proporcional ao aumento do seu consumo. Para além disso, e mais importante, verifica-se, também à escala

² Refere-se ao complexo sistema social e tecnológico no qual os recursos sócio-culturais e os recursos naturais economicamente disponíveis são transformados numa oferta de produtos, serviços e bens públicos que respondem – ou, pelo menos, supostamente respondem – à procura de bem-estar na sociedade em questão.

É toda uma grande rede interactiva entre pessoas (consumidores/utilizadores), organizações (instituições públicas, empresas privadas e sociais, instituições da sociedade civil) e os recursos naturais (capital natural e social, a entrada dos processos produção-consumo). (Vezolli e Manzini, 2008:29-30)

planetária, o aumento das desigualdades sociais, de oportunidades e até de acesso aos recursos naturais.

A História da Humanidade compõe-se de múltiplos ciclos relativos a diversos povos e civilizações. Nalgumas ocasiões desse percurso, será possível apontar que o fim desses ciclos está relacionado com o fim dos recursos naturais de que dispunham. Existirão, de facto, casos relatados de civilizações, ou pelo menos de cidades, que pereceram devido a catástrofes ecológicas provocadas pela própria civilização (cf. anexo). Será possível constatar que, ao longo dos tempos, vários são os desastres no meio ambiente provocados pela ocupação humana. Mas ter-se-ão tratado, como facilmente percebemos, de eventos que na sua maior parte tiveram consequências muito mais localizadas, dificilmente comparáveis aos actuais problemas globais, como é o caso das alterações climáticas.

Contudo, poderemos apontar que a consciência plena de que essas consequências resultam da acção do homem será algo muito recente. Até há bem pouco tempo existiria uma noção geral de infinidade da nossa envolvente, o que significaria uma capacidade infinita para absorver os nossos detritos. Por exemplo, refira-se a noção que haveria até ao séc. XVIII sobre a possibilidade da criação de elementos e matérias.

E, de acordo com Naredo (2003), a maior repercussão deste pensamento de origem alquimista foi o facto de servir de base para a economia moderna. Tal demonstra-se, segundo este autor, pelo pressuposto desta ciência de que o crescimento contínuo e permanente é, não só possível, como desejado.

Com efeito, segundo Naredo (2003), até ao séc. XVII dominaria uma visão organicista do mundo, que gerava conceitos, como o da “Terra-Mãe”, pelo que se considerava que “o mundo da natureza é o mundo das coisas que se movem por si mesmas”, que era um “mundo vivo”, “caracterizado não pela inércia, do séc. XVII, mas pelo movimento espontâneo”, conforme Copérnico e ainda Aristóteles (p30). Considerava-se assim que todas as coisas estavam, de uma maneira ou de outra, dotadas de vida³. Por consequência, entender-se-ia na altura que a Terra, por sua vez, estava em

³ Aproveite-se para recordar a ideia de vontade própria da água com que ficamos a partir do que escreve Alberti: “não há que deixar de constatar que algo que vemos com os nossos próprios olhos: a água tem por natureza dirigir-se para as zonas baixas; não consente nunca que haja ar por debaixo de si; não se mistura com nenhum corpo que seja mais ligeiro ou mais pesado do que ela pesa; tende a preencher os espaços côncavos a cujo interior flui; quanto mais te esforçares por conter a potência que lhe é própria, com mais obstinação e pressão ela luta; e não cessa no seu empenho até não ter conseguido, na medida das suas forças, as condições que possibilitem o seu repouso; uma vez alcançado o lugar onde repousar, só quer estar consigo mesma;

crescimento contínuo, à semelhança dos seres vivos, ideia que permitiu a fé num progresso que se expandiria com facilidade (p34).

Por isso, Naredo defende que os diversos campos do conhecimento se desenvolveram em tempos diferentes; o da química e, por conseguinte, o da mineralogia e o da geologia foram mais tardios. Logo, os princípios da alquimia tradicional ter-se-ão mantido vigentes durante o séc. XVIII⁴. Certos aspectos essenciais da ideologia dominante da civilização industrial serão também fruto dessa sobreposição original entre a alquimia e a civilização industrial. “O conceito da transmutação alquimista é o corolário fabuloso da fé na possibilidade de mudar a natureza pelo trabalho humano.” A seguir, enquanto a alquimia era marginalizada e condenada como uma heresia científica pela nova ideologia, esta fé incorporou-se nela segundo a forma do mito do progresso infinito fazendo com que, pela primeira vez na história, toda a sociedade considerasse realizável o que anteriormente tinha sido o sonho milenar do alquimista” (Naredo, 2003:35-36).

De facto, só há pouco mais de 100 anos nos foi possível começar a ter uma consciência real e concreta do que é a Terra, do seu funcionamento, dos seus recursos e, por consequência, dos seus limites. A noção destes limites só foi possível, numa primeira instância, após a noção concreta da dimensão física da Terra, o que só aconteceu após os últimos descobrimentos e, em segunda instância, depois de a ciência ter disponibilizado esse conhecimento, ao lançar bases como a Lei da Conservação da Massa, de Lavoisier, em 1789. Foi a partir destas noções que terá sido possível começar a perceber que a Terra funciona segundo processos e circuitos fechados, profundamente imbricados entre si, com interdependências, e onde os seus recursos estão longe de serem inesgotáveis.

Parece-nos que talvez a perspectiva exterior que finalmente foi possível ter do planeta, de fora, um “berlinde azul”⁵, finito e suspenso no vácuo negro, tenha também tido um peso nesta mudança da relação das pessoas com a Terra. De ter em conta que essa noção só nos foi possível visualizar

nega-se a misturar com o resto dos elementos; e a sua superfície superior está nivelada a idêntica altura em todos os pontos da margem.”

⁴ A orientação do próprio Newton após 1675, segundo delineia Naredo, terá sido mesmo a de integrar a alquimia com a filosofia mecânica, o que permite que alguns autores o possam considerar não tanto o “fundador da Idade da Razão”, mas o “último dos grandes alquimistas”, dado o grande abismo existente entre as suas formalizações matemáticas e o seu processo mental que a elas conduziu.

⁵ “O Berlinde Azul” [Blue Marble] é uma famosa fotografia da Terra tirada em 7 de Dezembro de 1972 pela tripulação da nave espacial Apollo 17 a uma distância de aproximadamente 55.000 quilómetros. É uma das imagens fotográficas existentes mais amplamente distribuídas.” (Wikipedia contributors, 2009); (NASA, 2009)

efectivamente apenas a partir das primeiras fotos do espaço; até então o nosso mundo prolongava-se até ao horizonte, virtualmente infinito, e logo inesgotável. E compare-se a noção do mundo que está inerente a esta foto, face, por exemplo, aos mapas que ainda no séc. XIX apresentavam fronteiras incertas e desenho incompleto.



Figura 2: O "Planisfério de Cantino", de 1502, possivelmente a representação cartográfica mais antiga dos descobrimentos portugueses, com o qual está a ideia de um mundo tanto desconhecido como sem limites (retirado de Wikipedia contributors, 2012)

Por sua vez, e através dos vários autores que nos foi possível consultar, como por exemplo, Van Hemel (1998) julgamos possível apontar que o factor inicial para o recente aumento da consciência ambiental de um modo geral, e, reflexivamente, na indústria, foi a publicação de vários reptos cientificamente fundamentados para a protecção ambiental, sendo o “Silent Spring” (Carson, 1962) o pioneiro.

Inicialmente, estas primeiras investigações e os alertas que geraram foram totalmente negados. Tal demonstra sua profunda incompatibilidade com muitos dos processos e dinâmicas da economia de mercado onde assenta a sociedade ocidental contemporânea.

Mas a grande quantidade de documentos que nos chegaram até hoje possibilita agora uma fundamentação incontestável para a argumentação desta problemática. Muita documentação de índole científica e académica se pode encontrar actualmente acerca do tema específico da sustentabilidade, ainda que se trate de algo relativamente recente. Será sobretudo nas últimas décadas que este assunto da sustentabilidade é especificamente abordado de uma forma mais

sistematizada e contínua, expondo algo que até há pouco tempo era a preocupação de muito poucos.

Outro factor, e talvez ainda mais influente, que contribuiu para a consciencialização ambiental da sociedade foi o facto de danos irreversíveis ambientais terem começado a ser perceptíveis para um maior número de pessoas. As crises energéticas dos 70 e 80 e os desastres ambientais subsequentes como Bhopal, Harrisburg, Seveso ou Chernobyl, o aumento do buraco na camada de ozono, a prova científica de que a biodiversidade diminuiu e, em anos mais recentes, outros problemas como as enormes montanhas de lixo e as florestas moribundas na Alemanha e na Holanda, e o problema actualmente mais mediatizado do aquecimento global, foram adicionados à lista dos eventos com que cada indivíduo se confrontou dos efeitos do seu consumismo.



Figura 3: A foto denominada "Blue Marble" tirada em 1972 pela tripulação da Apollo 17. O próprio nome parece denotar a noção de um mundo pequeno e finito (Figura retirada de Wikipedia contributors, 2009)

Os limites do planeta acabaram por se evidenciar face ao crescimento da sociedade ocidental industrializada e das exigências que, por consequência, fez dos recursos naturais e do ambiente. Assim, sobretudo nas últimas décadas, quer porque os sucessivos alertas, baseados em relatórios e argumentos científicos válidos, acabaram por surtir efeito na sociedade civil e na classe política, quer porque ultimamente se têm sucedido ocorrências, profusamente mediatizadas, que vão ao encontro desses documentos, ou simplesmente porque se tornou uma moda, a problemática da sustentabilidade, e particularmente na vertente ambiental e ecológica, é hoje comumente aceite e tem já algum espaço pelo menos para a sua discussão.

2.1.1. Evolução dos conceitos e definições

Caracterização cronológica

Fazendo uma análise cronológica dos documentos mais paradigmáticos e com mais impacto que visam uma maior atenção aos problemas ambientais e relativos à sustentabilidade e à sua resolução, (cf. anexo) será possível apontar a trajectória da evolução da sustentabilidade que a seguir descrevemos.

A partir da segunda metade do séc. XVIII e durante o séc. XIX surgem os primeiros documentos relacionados com o ambiente, inicialmente relacionados com os impactos e problemas da Revolução Industrial, sobretudo em relação às cidades, destacando-se: insalubridade e poluição; más condições de vida e alojamento de muitos dos seus habitantes; problemas urbanísticos derivados do seu grande crescimento desordenado (Broadbent, 1990).⁶ Os problemas sanitários foram de tal maneira graves que atingiram muito mais do que as classes mais desfavorecidas. Em Londres, o Príncipe Albert, consorte da rainha Vitória do Reino Unido, morrerá em 1861 de febre tifóide (Broadbent, 1990). D. Pedro V, rei de Portugal, falece também de febre tifóide aos 24 anos, em 1861, dois anos após a sua esposa (que por sua vez morreu de difteria), não deixando herdeiros para a coroa. Surge a mentalidade higienista que marcou aquela época, iniciando-se campanhas de saneamento que vão transformar profundamente as cidades, conforme veremos a seguir.

A partir dos anos 50 do séc. XX, o grande crescimento das indústrias do ocidente do pós-guerra, com uma regulamentação deficiente ou até inexistente, vai gerar mais e novos problemas de poluição. Com o paradigmático relatório “Silent Spring”, de Rachel Carson, em 1962, começam a surgir documentos, cientificamente fundamentados, mas ainda de um modo não governamental ou institucional.

Conforme também aprofundaremos mais adiante, nesta época assiste-se de novo a um grande crescimento de muitas cidades, sobretudo dos seus bairros periféricos e subúrbios onde mora uma parte cada vez maior da população. As distâncias entre a casa e o trabalho aumentam, o automóvel torna-se cada vez mais indispensável para o uso e o funcionamento da cidade, suplanta gradualmente em mobilidade e independência os transportes colectivos, ganhando cada vez mais protagonismo no quotidiano dos seus habitantes.

⁶ Lisboa, por exemplo, atravessará a epidemia de cólera-morbus em 1856, e outra, de febre-amarela logo em 1857.

Nos anos 60 e 70 ocorre a primeira vaga da evolução da sustentabilidade (Bahmra e Lofthouse, 2007:1-2) com o nascimento do “Green Movement” e o surgimento das ONGs tais como o Friends of Earth e a Greenpeace em 1971, que pretendem conduzir alterações nas políticas governamentais e na legislação.

Prossegue a emissão de documentos cientificamente fundamentados sobre a problemática dos recursos naturais, dos quais os relatórios “The Limits of Growth”, do “Clube de Roma”, em 1972 (Meadows, 1972), e “Our Common Future”, da Comissão liderada por Gro Bruntland⁷, em 1987 (WCED, 1987), serão os de maior impacto institucional e referência futura (particularmente o último, a partir do qual se estabelece o conceito de “desenvolvimento sustentável”).

Mas nos anos 70 e 80 a indústria segue o seu crescimento sem que se concretizem sequer medidas eficazes anti-poliuição. Para além da degradação ambiental se tornar cada vez mais evidente, ocorrem vários acidentes ambientais graves como Bhopal (1984), Chernobyl (1986) e o derrame do Exxon Valdez (1989). São o que Bahmra e Lofthouse (2007:1-2) classificam como catástrofes ambientais, as quais, juntamente com um conjunto de crises económicas, motivam uma série de normas e legislação ambientais, sanitárias e de segurança, o que caracteriza a segunda vaga que decorre durante os anos 80. Nesta altura os conceitos de auditoria, relatórios e compromisso dos negócios e empresas atingem posição central.

Assim, ainda na década de 80 se assiste ao início da implantação e institucionalização de medidas efectivas que visavam proteger o ambiente. Fruto de uma opinião pública cada vez mais sensível a este assunto, na indústria começa a verificar-se a introdução de medidas anti-poliuição (como o tratamento de efluentes). Após 1987, quando se estabelece o Protocolo de Montreal, com vista a acabar com os CFCs para a protecção da camada de ozono, na década de 90 assiste-se à emissão de novos documentos, os quais, tal como este protocolo, são já de índole institucional e vinculativa. Esta maior e mais efectiva regulamentação dos recursos naturais e da sustentabilidade terá o seu momento culminante com a Cimeira do Rio (Earth Summit), na qual, em 1992, se estabelecem vários acordos, como a Agenda 21.

Segundo Bahmra e Lofthouse (2007:1-2), a terceira vaga da evolução da sustentabilidade terá começado com o novo milénio. A antiglobalização, por vezes na forma de anti-americanismo, ganha corpo. O primeiro Fórum Social Mundial, em oposição ao Fórum Económico Mundial, defende questões como a justiça no comércio e nas dívidas dos países, e centra-se cada vez mais

⁷ No original “Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future”

em questões como a escassez de água e a exploração. Entretanto, empresas começam a explorar novas parcerias com ONGs, como é o caso da Greenpeace e a Innogy para criar a Juice, marca de energia eólica.

Começam a desenhar-se novos princípios para a sustentabilidade que pressupõem mudanças profundas, não só nos mais directamente responsáveis pelos problemas surgidos, ou seja, as indústrias transformadoras e extractoras; também são necessárias mudanças dos hábitos de cada indivíduo constituinte dessa sociedade, mudança de mentalidade, e talvez até de cultura.

Conceitos de sustentabilidade e as suas 3 dimensões

Do mesmo modo que terão sido os primeiros a ser apontados, os problemas actualmente mais reconhecidos são principalmente os ecológicos, os quais serão também os mais urgentes e directos. No entanto, será o documento mais conhecido como “Relatório Brundtland” que institui novas dimensões à sustentabilidade, ao determinar que este conceito tem várias interdependências, e logo, é mais abrangente do que apenas na vertente ecológica.

O relatório de 1987 da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU, “Our Common Future”, presidida por Gro Harlem Brundtland, será de facto um documento paradigmático, conforme apontado pela maioria dos autores abordados para esta investigação. Por exemplo, Simons et al (2001), apontam que, ainda que uma maior atenção à questão do ambiente e da sociedade tenha vindo a crescer desde os anos 1960, e o seu ponto culminante até ao momento seja, de facto, a Cimeira do Rio em 1992. O termo ‘desenvolvimento sustentável’ foi usado pela primeira vez neste relatório, definindo-se que “o desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades.”⁸ (WCED, 1987).

Também segundo Simons et al, este conceito terá sido um marco no modo como se encaravam os problemas ambientais, já que terá alargado o âmbito das respectivas políticas e estratégias. Pela primeira vez, as necessidades sociais, os objectivos económicos, e as possibilidades ambientais foram vistas como aspectos diferentes da mesma questão (Simons et al, 2001). Pode com efeito,

⁸ “Sustainable development is development that meets the needs of the present without compromising the ability of future generations to meet their own needs.”

ler-se nesse documento que “o ‘ambiente’ é onde todos vivemos; e ‘desenvolvimento’ é o que fazemos na tentativa de todos melhorarmos nesse nosso lugar”⁹.

Estabelece-se uma perspectiva abrangente para a qual, certamente, o profundo e directo conhecimento da ONU sobre os demais graves problemas que ocorrem no mundo, como a fome, a pobreza, a guerra, ou as desigualdades sociais, foram um importante factor, bem como a defesa dos direitos humanos que, fundamentalmente, já orientavam a sua actividade: “Muitas questões críticas de sobrevivência estão relacionadas com o desenvolvimento desigual, pobreza e crescimento populacional. Elas colocam pressões sem precedentes às terras, águas, florestas e outros recursos naturais do planeta, sobretudo nos países em desenvolvimento”¹⁰. Para além disso, dada a era de globalização em que nos encontramos, esta abrangência relaciona-se, defende esta comissão, também com o nível geográfico, ou seja, entre países e continentes: “A degradação ambiental, vista inicialmente mais como um problema dos países ricos e um efeito colateral da riqueza industrial, tornou-se uma questão de sobrevivência para as nações em desenvolvimento. É parte da espiral de declínio que resulta da dependência da deterioração ecológica e económica em que muitas das nações mais pobres estão presas.”¹¹

A partir do “relatório Bruntland” evidencia-se que de facto os problemas ambientais são globais e não um problema apenas das sociedades mais industrializadas, quer porque os impactos têm de facto essa escala, quer porque, conforme refere esta comissão, a pobreza e os problemas ambientais são interdependentes, ou quer ainda porque actualmente 80% do total dos recursos naturais beneficia apenas 20% da população mundial (WCED, 1987).

Nesta perspectiva, Simons et al (2001:56-57) apressentam a seguinte sistematização:

- **O elemento social:**

- Neste vértice do triângulo reconhece-se que o desenvolvimento sustentável se refere às pessoas e à qualidade de vida.

⁹ "Environment" is where we all live; and "development" is what we all do in attempting to improve our lot within that abode. The two are inseparable"

¹⁰ "Many critical survival issues are related to uneven development, poverty, and population growth. They all place unprecedented pressures on the planet's lands, waters, forests, and other natural resources, not least in the developing countries."

¹¹ "Environmental degradation, first seen as mainly a problem of the rich nations and a side effect of industrial wealth, has become a survival issue for developing nations. It is part of the downward spiral of linked ecological and economic decline in which many of the poorest nations are trapped."

- Entre as questões sociais mais populares estão o combate à pobreza, o acesso a uma envolvente livre e segura, que disponibilize o acesso aos recursos, à educação, e que proteja a herança cultural.

- **O elemento económico:**

- O crescimento económico disponibiliza os meios para preencher as necessidades sociais e para se obterem as inovações necessárias.
- As principais questões relativas a esta vertente relacionam-se com o aumento da segurança de um modo eficiente e estável.

- **O elemento ambiental:**

- O ambiente funciona tanto como um recurso como um reservatório. Ambas funções impõem limites ao crescimento económico descontrolado e selvagem.
- Algumas questões relativas a esta vertente incluem a preservação da diversidade, a conservação dos recursos naturais, e o controle da poluição.

Problemas reconhecidos actualmente

No intuito de ir ao encontro deste conceito mais generalizadamente aceite de sustentabilidade, determinam-se os diversos desafios que actualmente existem, os quais pressupõem grandes mudanças. Bahmra e Lofthouse (2007) organizam-nos segundo o tipo de economia que consideraram existir no mundo. Não deixaram de enunciar, contudo, a questão em particular do desequilíbrio da partilha do rendimento, já que desde 1960 tem aumentado a parte do rendimento global para o quinto mais rico da população do mundo, ao passar de 70.2 para 82.7% (1998), enquanto que o rendimento para o quinto mais pobre caiu de 2.3 para 1.4%, o que demonstra o declínio actual da equidade (citando WCED, 1987). Considerando três tipos de economia no mundo, a desenvolvida, a emergente e a de sobrevivência, Hart (1997) sistematiza do seguinte modo os desafios específicos para cada uma delas:

	Poluição	Debelação dos recursos	Pobreza
Economias desenvolvidas	Gases de efeito de estufa; Uso de materiais tóxicos	Insuficiência de recursos próprios; Reutilização e reciclagem insuficientes	Desemprego elevado nas áreas urbanas e entre comunidades minoritárias
Economias emergentes	Emissões industriais; Esgotos sem tratamento; Água contaminada	Desgaste excessivo dos recursos renováveis; Uso excessivo de água para a rega	Migrações; Desemprego e falta de mão-de-obra qualificada; Desigualdade dos rendimentos;
Economias de sobrevivência	Queimadas; Insalubridade; Destruição de ecossistemas,	Desflorestação; Desgaste dos solos;	Crescimento populacional; Desigualdades; Deslocação

Tabela 1: Desafios específicos para cada tipo de economia (Hart, 1997:70) (adapt.)

2.2. Princípios de sustentabilidade para produtos industriais

Fazemos aqui uma descrição das propostas de sustentabilidade para a produção industrial, o principal processo de produção utilizado actualmente para o mobiliário urbano, na qual ainda predomina a vertente ecológica.

A produção industrial pode ser a utilizada para o mobiliário urbano, e será até a mais comum. As soluções, estratégias e princípios actualmente existentes para a sua sustentabilidade, já consolidados, e que têm vindo a ser gradualmente utilizados para os produtos industriais, em geral, poderão ser soluções adequadas para proporcionar mais sustentabilidade nesta fase do ciclo de vida do mobiliário urbano, o seu fabrico. E caso se opte por um outro processo para esta produção, como a semi-industrial, artesanal, ou ainda os processos mais específicos como os utilizados pela construção civil e a arte pública, encontramos também possibilidades de assegurarmos um fabrico sustentável do mobiliário urbano através de uma reflexão sobre estes princípios e estratégias.

Além disso, como veremos, os princípios de sustentabilidade que se verificam na maior parte das vezes para a indústria, quer nas propostas que se encontraram, quer nas suas concretizações, concentram-se no âmbito ecológico, abordando sobretudo questões como a poupança de materiais e de recursos naturais. Nalguns casos poderemos verificar alguma sensibilidade para a vertente social, mas isso é algo que se verifica sobretudo no campo das intenções ou preocupações, frequentemente manifestadas para contribuir para a imagem da empresa face à sociedade.

2.2.1. A evolução das “estratégias ambientais” para as empresas e indústrias

De acordo com a sua evolução, segundo Simons et al (2001:51), será possível observar, nas décadas mais recentes, três gerações distintas de estratégias e indicadores ambientais, referindo-se sobretudo ao contexto empresarial e industrial:

- Os anos **1970**, onde as empresas e indústrias mostravam pouco entusiasmo, ou até alguma hostilidade para com a gestão ambiental;
- Os anos **1980**, onde as empresas e indústrias compreenderam a importância de um ambiente limpo e envidaram esforços para prevenir a poluição ambiental;
- A primeira metade dos anos **1990**, onde as mesmas foram ainda mais além e começaram a olhar a gestão ambiental como uma ferramenta estratégica que pode ajudá-los a ganhar vantagem competitiva.

Também no seguimento desta evolução, Van Hemel (1998) organiza aquilo que denomina de iniciativas ambientais (expressão que a autora propõe em vez de gestão ambiental). Referindo-se às iniciativas que uma empresa toma para reduzir o impacto ambiental das suas actividades, a autora divide em:

- “Cleaning technology” (tecnologias de limpeza), que se referem às iniciativas “end-of-pipe”¹²;
- “Cleaner Technologies” (tecnologias mais limpas) ;
- “Cleaner products” (produtos mais limpos), embora a autora reconheça alguma sobreposição entre esta e a anterior, já que ambas podem abordar tanto as técnicas de produção como o desenvolvimento dos seus produtos.
- “Environmental Management Systems (EMS)”, ou seja, sistemas de gestão ambiental que, como refere a autora, terão que ser necessários às empresas para a sua certificação da ISO 14001. Como diz a própria autora, esta gestão consiste nos procedimentos que tencionam suportar e coordenar os tópicos de tecnologias de limpeza, tecnologias mais limpas e produtos mais limpos. De notar que a autora não apresenta este ponto como sendo a continuação da evolução que apresentam os anteriores. Este último ponto será, de facto, um sistema, cuja inovação está, precisamente, na integração dos pontos anteriores e a sua coordenação.

Contudo, Simons et al (2001) vão mais além. Para além das 3 primeiras gerações de políticas ambientais das empresas, de algum modo em prática, apresentam ainda mais uma proposta:

- **A primeira geração** concentrou-se em remediar e reduzir as emissões através das tecnologias “end-of-pipe”; concentrando-se sobretudo nas substâncias e nas emissões, tem como exemplo de eco-indicadores os relatórios de emissões e inventários de descargas tóxicas.
- **A segunda geração** prestou mais atenção à produção mais limpa. Concentrando-se mais no uso dos materiais e energia, aposta numa maior eficiência dos mesmos. Os exemplos de eco-indicadores são os estudos de impacte ambiental tradicionais.

¹² Neste contexto, consideram-se tecnologias “end-of-pipe”, expressão que poderá ser traduzida por “fim-de-linha” ou “fim-de-ciclo”, como as tecnologias que actuam no final dos processos de fabrico, reduzindo ou anulando o seu impacto ambiental, nomeadamente dos efluentes e de outras emissões.

- A **terceira geração** inclui atenção aos produtos. Observa já a eco-eficiência e as características do produto nesse sentido. Utiliza como eco-indicadores a Análise do Ciclo de Vida (LCA) e o Eco-compass.
- A **quarta geração**, a qual observará as necessidades do utilizador final como ponto de partida e terá em conta os sistemas de produção-consumo, os quais podem ser organizados de modo a que as necessidades possam ser preenchidas com o menor impacto.

Tratar-se-á de uma evolução de algum modo no sentido social, ou melhor, uma evolução relativa à imagem da empresa e da sua relação com a sociedade, para a qual o aumento do peso da opinião e capacidade de resposta do público e dos consumidores, derivado da evolução das tecnologias de informação e comunicação, foi decisivo. Note-se, aliás, a mudança da atitude pública ao longo destas 4 gerações de estratégias, que estão definidas por estes autores, respectivamente, como “**Trust Me**”, “**Tell Me**”, “**Show Me**”, e finalmente, conforme o que propõem os autores para uma quarta e futura geração, “**Involve Me**”. Porque surge actualmente um novo período, no qual a sociedade exige que as empresas tenham em conta tanto os resultados sociais e ambientais como os económicos das acções que tomam. É um período, acrescentam ainda, onde as empresas devem merecer a sua ‘licença para operar’ e serão cada vez mais julgadas pelos seus valores e pelos quais actuam (Simons et al 2001)

<i>Strategies</i>	First generation	Second generation	Third generation
<i>Public attitude</i>	“Trust Me”	“Tell Me”	“Show Me”
<i>Actors involved</i>	Staff member	Production lines	Whole company, Other companies
<i>Drivers</i>	Legislation and external pressure	Efficiency	Strategic performance
<i>Measures</i>	Cleanup operations	Prevention	Supply chain management
<i>Attitude of companies</i>	Defensive	Active	Proactive
<i>Eco-Indicators</i>	First generation	Second generation	Third generation
<i>Users</i>	Environmental staff member, Government	Line management, Environmental stakeholders	Whole company/ Financial stakeholders
<i>Functions</i>	Registration, Monitoring	Process changes, Communication (internal & external)	Product design, Balanced scorecard
<i>Aggregation</i>	Driving force level	Pressure level	Pressure/State level
<i>Expression</i>	Emissions, Costs	Material and energy use, Efficiency	Eco-efficiency, Product characteristics
<i>Scope</i>	Substances, Emissions	Processes	Products, Production chain processes
<i>Reference value</i>	Regulatory targets	Other processes, previous years	Other products, Other suppliers
<i>Examples of eco-indicators</i>	Emission records, Toxic release inventory	ICI environmental burden approach, traditional EIA	LCAs, Eco-compass
* The characteristics for each generation are cumulative, not exclusive. This means that the characteristics mentioned in a previous generation are also relevant for the following generations.			

Tabela 2: “The First Three Generations of Environmental Strategies and Eco-Indicators” (Simons et al, 2001:59)

Fourth Generation of Strategies		Fourth Generation of Eco-Indicators	
<i>Public attitude</i>	"Involve Me"	<i>Users</i>	Top management, Society, Media, Consumer organizations, Knowledge & Research institutes, NGOs
<i>Attitude of companies</i>	Contribute to society, act in accordance with normative values	<i>Functions</i>	Integrated decision making, Portfolio assessment, Internalization, Compensation, Accountability
<i>Drivers</i>	Societal license to operate, act in accordance with normative values	<i>Expression</i>	Resources, Societal costs, Normative values, Societal contribution, and Fulfilment of needs
<i>Measures</i>	Sustainability measures (e.g., product responsibility, phase out harmful products and processes, employee empowerment, etc.)	<i>Scope</i>	Sustainability issues (interaction among social, economic, and environmental aspects)
<i>Actors involved</i>	Stakeholder involvement, Society	<i>Reference value</i>	Societal normative values, Sustainability issues, State/Impact level
		<i>Aggregation</i>	

Tabela 3: "Characteristics of the Fourth Generation of Environmental Strategies and Eco-Indicators" (Simons et al, 2001:59)

2.2.2.A evolução da sustentabilidade no design da indústria

Ultrapassando a discussão sobre a eventual origem do design, devendo ser considerada como actividade humana ligada à produção ancestral dos artefactos ou apenas como a actividade que se instituiu a partir da revolução industrial, facto incontornável foi a importância que este último evento teve para essa actividade. Logo, julgamos que facilmente se aceita a estreita relação entre o design e a indústria, ou da interdependência entre o design e a produção industrial, especialmente dos produtos de consumo.

Assim, seguindo os percursos e tendências que, como vimos, de um modo geral, se verificarão nas empresas e nas indústrias, também na prática do design de produtos verificaremos uma dinâmica idêntica. Contudo, conforme já anteriormente se pode antever, como aliás é natural, ao nível da literatura científica e das propostas de diversos autores aceitam-se princípios de sustentabilidade que estarão num nível mais evoluído, e com práticas mais exigentes, requerendo mudanças mais profundas.

Dewberry (1996), refere a "natureza cíclica do design" durante o séc. XX, onde terão ocorrido diferentes 'épocas' da profissão do design. Segundo a autora, houve "alturas em que a profissão se orientava principalmente por critérios comerciais e de mercado, e outras em que denunciava a destruição que uma visão estreitamente comercial pode causar quando concretizada pelo artefacto" (p19).

Esta sucessão de ciclos poderá não coincidir com as leituras de evolução da sustentabilidade na indústria e no design que outros autores apresentam. Isto demonstrará, de certo modo, a progressão com que os princípios e propostas de sustentabilidade têm vindo a ser assimilados nesta actividade,

tal como sucederá noutras, ou, se quisermos, a resistência que os mesmos têm encontrado num âmbito cujo cerne frequentemente se considera ser a produção.

Segundo Bhamra e Lofthouse (2007:3-4) o conceito de design para a sustentabilidade emergiu primeiro dos anos 60 quando Packard (1963), Papanek (1985) e Schumacher (1973) começaram a criticar o desenvolvimento moderno e insustentável e começaram a sugerir alternativas. Vezzoli e Manzini (2008:260) chamam ainda a atenção para a crítica aos padrões de consumo que também surgiu na cultura e teoria do design em Itália no fim dos anos 60, como será o caso do Radical Design e a reacção de Tomás Maldonado, o qual segundo os autores terá expressado atitudes semelhantes a Papanek, apelando a uma nova “esperança do design”. De novo a questão da responsabilidade do designer foi trazida nos anos 70, apesar de nunca ter sido resolvida para a prática do design.

Bhamra e Lofthouse (2007) apontam de seguida uma segunda vaga, a qual emergiu no fim dos anos 80 e princípios dos 90 e coincidiu com a revolução do consumo mais verde, enunciando autores como Manzini (1990), Mackenzie (1991) e outros, os quais começaram a apelar ao design para que efectuasse mudanças radicais. Esta vaga continuou a ganhar impulso até ao fim dos anos 90 e princípio dos 2000, à medida que o design para a sustentabilidade se espalhou mais (p4).

Charter e Chick (1997) apresentam também quatro passos para a evolução da redução de recursos e energia na produção industrial, sublinhando que “a questão central do ‘design de produto sustentável’ é a adição e a consideração por aspectos sociais e éticos, juntamente com os ambientais e económicos para o processo de design, para assim obter a ‘base quádrupla’ (p5)¹³.

Estes autores apresentam assim um modelo também com “quatro passos” da evolução que consideram necessária para que sejam conseguidas reduções de energia significativas e se verifiquem avanços efectivos, através dos quais se evidencia as potencialidades do design como factor para a sustentabilidade de uma empresa:

- **1º passo, “Re-parar”:** Consideram-se as soluções “end-of-pipe”, como seja correcção da descarga de efluentes poluidores;

¹³ “the key aspect of ‘sustainable product design’ is the addition and balancing of social and ethical issues, alongside environmental and economic issues into the product design process – to achieve ‘the quadruple bottom-line’”

- **2º passo, “Re-finir”:** Melhoramento dos processos existentes e produtos através da implementação do conceito de eco-eficiência (reduzindo o desgaste dos recursos para os mesmos usos);
- **3º passo, “Re-design”:** dos produtos existentes para incorporar factores ambientais, ainda que numa fase primária;
- **4º passo, “Re-pensar”:** ir mais além, na reflexão, enfatizando a solução criativa de problemas e a busca de oportunidades. Um elemento essencial para este processo será o desenvolvimento de uma infra-estrutura mais sistémica que permita o fluxo cíclico de recursos e energia dentro dos sistemas de produtos, conforme delineado pelo conceito de “ecologia industrial”.

Terminologias

Dentro desta área têm surgido e sido utilizadas novas e diversas terminologias e muitas variações para se referir o desenvolvimento de produtos mais limpos, conforme refere Van Hemel (1998). Citando autores como Dewberry (1996), esta autora evoca diversas nomenclaturas e seus autores, variâncias essas que considera darem azo a alguma confusão. Para simplificar a compreensão deste assunto, a autora propõe a utilização da expressão “Design For Environment” (DFE) que considera mais completa. Nesta perspectiva mais abrangente, e citando a autora, “o ambiente ajuda a definir as direcções das decisões de design. Noutras palavras, é um co-piloto no desenvolvimento do produto. Neste processo, ao ambiente é dado o mesmo estatuto que aos outros valores do produto tais como o lucro, a funcionalidade, a estética, a ergonomia, a imagem e a qualidade final. O ‘Design For Environment’, segundo Van Hemel deverá “providenciar uma produção e consumo mais sustentáveis” (1998:17), pelo que a autora pretende que essa sua proposta seja mais completa do que os conceitos “Green Design” e “Eco-Design”.

A evolução que está subentendida nessa afirmação estará de acordo com a confluência que encontramos nos autores abordados, como Dewberry (1996), Charter e Chick (1997), Van Hemel (1998), Bahmra e Lofthouse (2007). Apresentamos o que a primeira autora sistematiza e descreve sobre essa evolução do “design ambientalmente responsável”, segundo uma hierarquia, a qual se compõe de 3 níveis (Dewberry, 1996:31-32):

- O “**Green design**”, o nível mais básico, relacionado sobretudo com as soluções “end-of-pipe”, foca-se numa ou duas áreas do impacto ambiental, como seja a eficiência energética ou a reciclagem. Tende a focar-se no redesign de produtos existentes, assumindo o mesmo conceito de produto para a satisfação de uma determinada necessidade da sociedade.

- O “**Eco-design**”, onde inclui o “lifecycle design”. Aqui o processo do design procura reduzir e equilibrar os impactos ambientais dum produto em cada fase da sua vida. Incorporando os princípios do “green-design”, pode chegar a questionar a funcionalidade, a qualidade e adequação do produto, e pode abordar questões como a actualização, reutilização e a relação entre o produto e a pessoa. Neste nível o projecto considera as actuais necessidades do mercado mas permite ao designer desenvolver produtos que tragam melhorias ambientais consideráveis. O ponto-chave será que a novidade do produto não deverá ser demasiado radical. Contudo, o exemplo que a autora dá, do carro com catalisador e pára-choques reciclados, não se chegando aqui ainda ao carro solar, faz-nos reflectir.
- O “**Sustainable Design**”, nível onde muda não só o produto, como ainda a procura, pelo que neste nível o papel do designer é propor uma imagem de um “mundo diferente”, indo o design para além dos actuais conceitos, pelo que “este tipo de design ambientalmente responsável não pode ser efectivamente considerado dentro do actual sistema de desenvolvimento socioeconómico”. Não considera apenas os aspectos técnicos, do produto, mas também os aspectos culturais, sociais, de mercado e económicos. O “sustainable design” tem como objectivo olhar para além dos parâmetros aceites do processo de design e abordar um leque alargado de factores externos, actualmente ‘fora’ das competências do design. Afastará a sua atenção do produto para uma abordagem baseada em sistemas, com conceitos como os de desmaterialização (que veremos mais adiante), do hardware para o software, ideias para obter mais com menos, e ênfase no serviço, por oposição à posse, tudo segundo uma mudança “radical”.

Percebe-se que, de facto, cada uma destas gerações vai fazendo solicitações cada vez mais profundas e exigentes às empresas e indústrias. Talvez por isto, Van Hemel (1998:30) opta antes por organizar em 3 perspectivas o vasto conjunto de autores que aborda. Distinguindo 7 estratégias, que serão afinal as englobadas pelo Eco-design, de um conjunto de outras soluções, mais “radicais e inovadoras”, que denomina “desenvolvimento de conceito de novo negócio”, considera:

1. **A perspectiva evolucionária**, onde se consideram as estratégias:
 - 1- Selecção de materiais de baixo impacto
 - 2 – Redução dos materiais
 - 3- Optimização das técnicas
 - 4- Optimização do sistema de distribuição
 - 5 – Redução do impacto no uso
 - 6 – Optimização do tempo de vida inicial
 - 7 – Optimização do sistema de fim de vida

2. **A perspectiva revolucionária**, onde se consideram apenas as referidas estratégias 6 e 7, bem como as de “desenvolvimento de novo negócio”:
 - a. Desmaterialização
 - b. Partilha do uso do produto
 - c. Integração de funções
 - d. Optimização funcional

3. **A perspectiva integrada**, onde são consideradas tanto as estratégias relativas à modificação de produtos e processos existentes, como às soluções que exigem mudanças mais radicais do próprio negócio.

A autora justifica esta organização defendendo que, sendo a primeira perspectiva a mais comum e a mais utilizada na maioria dos programas de incentivo e manuais para o desenvolvimento de produtos mais limpos, ela será também a mais pragmática, dado o que é a indústria na actualidade e o que esta está pronta a aceitar, ao contrário do que sucederá com a perspectiva revolucionária. Deste modo, a perspectiva integrada procurará utilizar as estratégias dos dois conjuntos, permitindo à indústria uma transição para a sustentabilidade. Porque, sendo a perspectiva revolucionária, de inovação radical e de grande idealismo, a que permitirá efectiva sustentabilidade, ela deverá ser considerada, pelo menos actualmente, sobretudo como uma meta para atingir num futuro não tão próximo, dada a sua maior dificuldade de concretização. Mais imediata poderá ser a concretização do grupo anterior, o qual servirá assim como meio para atingir esse fim.

Note-se, contudo, que esta autora não chega a referir – pelo menos directamente, já que refere autores com essa preocupação para a denominada perspectiva revolucionária – os aspectos socioeconómicos da sustentabilidade como já tinha feito Dewberry, conforme pudemos constatar. No entanto, numa abordagem mais recente e procurando englobar melhor as questões deste âmbito,

Vezzoli e Manzini (2008:255) voltam a considerar essa vertente. Assim, analisando a evolução da sustentabilidade no design, estabelecem os seguintes momentos:

- 1- **Seleção de recursos de baixo impacto**¹⁴. Será um primeiro nível, no qual numerosos teóricos e académicos têm trabalhado, que é a selecção de recursos com baixo impacto ambiental, sendo, por um lado, os materiais, e por outro os recursos energéticos. Os principais tópicos têm sido a eliminação das substâncias tóxicas, a reciclabilidade, a biodegradabilidade, e os recursos renováveis.
- 2- **Design de Ciclo de Vida do Produto**¹⁵. A partir da segunda metade dos anos 90, as atenções viraram-se parcialmente para o nível do produto, para o design de produtos com baixo impacto ambiental. Nesses anos passaram a existir métodos que permitem saber que efeitos ambientais são atribuíveis a um produto; o conceito de ciclo de vida é introduzido e o conceito de unidade funcional foi re-contextualizado para termos ambientais.
- 3- **Design de Sistemas para a Eco-eficiência**¹⁶. Nos últimos anos, começando com uma interpretação mais rigorosa da sustentabilidade ambiental (a qual requer mudanças radicais nos padrões de produção e consumo), foi refeita parte do debate relativo ao design para a sustentabilidade baseado na inovação do sistema, com considerável aumento da atenção dada aos produtos isolados.
- 4- **Design para a Equidade e Coesão Sociais**¹⁷. Ainda mais recentemente, a investigação do design abriu uma discussão do possível papel para o design na equidade social nas suas várias vertentes, começando com o princípio de igualdade para a distribuição e acesso aos recursos naturais.

Poderemos constatar que estes autores enumeram um conjunto de fases que não inclui o nível mais básico da “correção”, ou de “end-of-pipe”. Provavelmente porque essa fase estará menos relacionada com o projecto ou, mais concretamente, com o design de produto, abordado especificamente pelos autores.

¹⁴ “Low Impact Resources Selection”

¹⁵ “Product Life Cycle Design”

¹⁶ “System Design for Eco-efficiency”

¹⁷ “Design for Social Equity and Cohesion”

Para a última fase, design para a equidade e coesão sociais, os autores referem a importância da análise efectuada pela Sustainable Consumption Unit da UNEP (United Nation Environmental Programme) em Maio de 2000, onde se assume que “apesar do progresso feito pelo mundo industrial e as empresas na última década (...) o consumo excede a capacidade da Terra para abastecer os recursos e absorver o lixo e emissões de modo ainda dramaticamente evidente” (Vezzoli e Manzini, 2008:260). Esta análise também reconhece (exactamente como nas assumpções conceptuais do desenvolvimento sustentável) o princípio da equidade, o qual propõe que toda a gente, segundo uma distribuição justa dos recursos, tem direito ao mesmo ‘espaço ambiental’, ou seja, à mesma disponibilidade de recursos globais naturais (ou melhor, ao mesmo nível de satisfação que de algum modo pode deles ser tirado).

Estas análises, segundo os autores, pertencem já a um “campo social e ético”, tal como sucederá com as Estratégias de Desenvolvimento Sustentável, definidas pela União Europeia (UE, 2006), também referidas pelos autores, já que estas apresentam um conceito de igualdade e coesão social.

Estado actual

Sobre o estado actual da introdução dos princípios de sustentabilidade na indústria e no design, Bhamra e Lofthouse (2007:2) apontam um facto que demonstra bem a persistência destes problemas: mantém-se o que já tinha sido um dos motivos das denúncias de Papanek há vários anos: 80% dos produtos são descartados após um único uso e 99% dos materiais são ainda descartados nas primeiras 6 semanas¹⁸.

Apesar de se esperar, segundo Bhamra e Lofthouse, que esta tendência comece a mudar com a introdução da nova legislação ambiental, perdura o facto de que o design dos principais produtos ainda contribui para a escassez dos recursos, uma vez que cria e promove produtos que muitas vezes têm pouca ou nenhuma consideração pelo impacto na sociedade e no ambiente.

Estas autoras chegam assim, naturalmente, à constatação que actualmente as questões do design para a sustentabilidade são ainda raramente tidas em conta no brief do design e como tal é muitas vezes difícil para os designers terem a oportunidade de tomarem compromisso com um design ambientalmente e socialmente responsável dentro das suas aptidões profissionais. Haverá, segundo as autoras, uma longa história de designers motivados e interessados na melhoria do impacto ambiental e social dos seus produtos, mas tem havido falta de oportunidades dentro do contexto industrial, pelo menos segundo casos de estudo sobre empresas eléctricas e electrónicas no

¹⁸ Dados divulgados também em Weizsacker et al., (1998)

princípio dos anos 90. Apesar do grande e crescente compromisso assumido pela indústria para integrar as questões ambientais e sociais no desenvolvimento do produto, não se tem verificado um aumento de oportunidades na indústria para a concretização deste tipo de filosofia com uma abordagem mais abrangente (Bhamra, Lofthouse, 2007:4).

Contudo, estas autoras afirmam que a investigação no campo do design para a sustentabilidade está hoje bem estabelecida, apesar de ainda poder ser considerada uma nova área. A maior parte dos países desenvolvidos, aproveitam para referir, têm agora alguma possibilidade de investigação activa para o design para a sustentabilidade, cobrindo assuntos como: implementação da legislação, eco-inovação, responsabilidade corporativa (empresarial) social, sistemas produto-serviço, eco-redesign, impactos do comportamento do utilizador, design para a desmontagem e reversão do fabrico (Bhamra, Lofthouse, 2007:4).

Já Charter e Chick (1997:5) tinham apontado que, naquela altura, a maioria das empresas estaria ainda numa fase “Re-pair”, lidando com as soluções ‘end-of-pipe’, havendo no entanto já outras que desenvolveriam processos mais limpos e solucionando os problemas ambientais desde a raiz, através do eco-design. As empresas líderes neste âmbito estariam na maioria a progredir para a fase “Re-fine”, melhorando os processos e produtos existentes através do conceito de eco-eficiência, havendo ainda algumas que já teriam começado a progredir para a fase “Re-design”, apesar do seu processo de desenvolvimento estar ainda no começo. A fase “Re-think” que propõem, acrescentam, precisará de avanços significativos no modo de pensar.

Vezzoli e Manzini (2008:262), avaliando o estado da arte da investigação nesta área, chegam à conclusão que:

- 1- “A investigação relativa à selecção de recursos de baixo impacto e o Life Cycle Design e Ecodesign do produto pode ser tida como relativamente bem consolidada e discretamente penetrada nas práticas do design;
- 2- No design de sistema para a eco-eficiência o nível de consolidação é inferior e a prática é muito mais esporádica.
- 3- No design para a equidade social e coesão pouco foi elaborado no nível técnico, já que se trata de uma nova fronteira de investigação, e há obviamente muito poucas propostas de ensino.”

Não vendo vantagens directas na mudança de atitude, a princípio as empresas e indústrias resistiram às críticas e às novas perspectivas que foram sucedendo, resultado da evolução que temos vindo a analisar. Contudo, os desastres ecológicos sucederam-se, tal como a sua divulgação, os factos cientificamente comprovados também, e a opinião pública manteve a sua tendência no favorecimento dos apelos da comunidade científica e das organizações ambientalistas. Como resultado, estabeleceram-se acordos internacionais e os governos têm vindo a introduzir políticas, normas e legislação nesse sentido. A actividade empresarial e industrial tem assim vindo a adoptar, gradualmente, algumas medidas. Claro que a consciência dos empresários e responsáveis também evoluiu, mas o facto é que a legislação, e também a normalização, tornou obrigatória essa adopção. Para além disso, a evolução da opinião pública e o cuidado da imagem das empresas perante a sociedade foi certamente um factor também tido em conta.

Essas medidas terão começado pela correcção das emissões das linhas de produção (end-of-pipe), mas à medida que a consciencialização da verdadeira dimensão do problema da sustentabilidade tem ganho terreno – a par do agravamento dos problemas ambientais e da persistência dos desastres ecológicos – a evolução das propostas continuou. Verifica-se assim que a sua abrangência aumenta, ao seguir o percurso a montante do trajecto da produção, passando para a linha de produção, para os materiais empregues, e agora para as mesas de projecto e concepção.

A partir do que já vimos, apesar da grande diversidade de designações e de descrições, julgámos ser possível encontrar pontos coincidentes nos autores abordados para determinar os momentos da evolução do design para a sustentabilidade. Assim, procurando definir esta evolução do design minimamente concensual, elaborámos uma sistematização construída através da análise de cada uma delas, da estrutura no seu todo e da confrontação cada uma dos momentos que estes apresentam.

A partir daqui, cremos ser possível apresentar (a partir dos referidos autores), para a produção e o consumo, os seguintes três primeiros “níveis para sustentabilidade”:

- **1º Nível**, de “reparação”, que usa tecnologias de limpeza e soluções ‘end-of-pipe’, procurando reduzir a poluição pela correcção das emissões das linhas de produção. Apenas são evitados os materiais tóxicos. Este nível será aquele que está mais assegurado pela legislação em vigor, a qual estabelece, por exemplo, a obrigatoriedade da existência de uma estação de tratamento de águas residuais (ETAR).

- **2º Nível**, onde se inicia a utilização de tecnologias de fabrico e produção “mais limpas”, que geram também produtos “mais limpos”, através da melhoria do uso da energia e da selecção dos materiais. Destas estratégias deriva o “Green Design”, o qual gera produtos baseados no redesign dos anteriores, ou seja, de conceito idêntico, pelo que não requerem alterações no comportamento do consumidor ou no seu estilo de vida. Procura-se aqui apenas a reciclagem dos materiais.
- **3º Nível**, mais abrangente, onde se introduz os métodos de avaliação do ciclo de vida do produto (LCA). Os métodos e princípios presentes neste nível serão os requeridos pelas normas ISO 14000, os quais, através do Eco-design ou do Design do Ciclo de Vida do Produto (LCD), já consideram poder substituir os produtos anteriores por outros, cujo sistema de produção e consumo é já alvo de algumas alterações, ao serem também enquadrados, por exemplo, meios de recolha e reutilização. Os princípios neste nível poderão já questionar a funcionalidade, a qualidade e a adequação do produto à função e uso a que se destina.

Estes serão os níveis que, como já vimos, até agora foram mais considerados pelo sistema de produção e consumo. Contudo, a investigação neste campo da sustentabilidade vai já mais além, tendo já estabelecido parâmetros mais elevados e mais exigentes para que uma sustentabilidade efectiva seja obtida. De facto, muitos serão os autores, entre os quais os que abordamos, que entendem que este percurso da sustentabilidade terá que continuar, dada também a raiz social e as consequências também sociais do problema que se evidencia.

Bhamra e Lofthouse (2007:20) concluem que até à data muitas empresas responderam positivamente aos apelos para a sustentabilidade, reduzindo de algum modo os seus impactos sociais e ambientais, e que muitas destas mudanças, afirmam, foram mais voluntárias do que pela legislação ou regulamentação. No entanto, estas autoras sublinham que o que foi feito ainda não é suficiente. Estas autoras enfatizam que, segundo muitas ONGs e críticos individuais, a actividade empresarial e industrial (business activity) – sendo o principal elemento gerador da riqueza na sociedade, como lembram as autoras – é ainda a principal causa de muito do prejuízo ambiental e dos impactos negativos na sociedade, em particular a actividade das grandes multi-nacionais, dada a grande influência que têm na economia global.

2.2.3.As propostas de desmaterialização e dos “sistemas de produto-serviço”

Conforme nos refere Samuel Niza (2007), “A partir dos anos 90 passou a ser promovida uma nova estratégia, complementar ao tratamento de fim-de-linha, a “desmaterialização” do metabolismo industrial. Tendo em conta a grande quantidade de recursos requeridos pelas economias industriais, e os seus consideráveis desperdícios, a redução do consumo global de recursos primários passou a ser encarada como um pré-requisito para a sustentabilidade. (...) Foi proposto um forte aumento da eficiência da utilização dos recursos nos países industrializados nos próximos 30 a 50 anos” (Niza, 2007:16).

No decurso dessas decisões este autor refere, para além do aumento da eficiência energética dos edifícios e de equipamentos eléctricos e electrónicos, outros diversos exemplos dentro do “aumento da produtividade dos materiais”, que podem ir “desde a troca não diária de lençóis e toalhas nos hotéis (criando enormes poupanças anuais e tornando os produtos mais duráveis) até ao recurso a máquinas de lavar roupa comunitárias, por edifício, ao invés de uma máquina individual por apartamento.” (Niza, 2007:18). De um modo geral, trata-se de uma necessária “mudança de visão [que] envolve a substituição da norma económica da expansão quantitativa (crescimento) pela de melhoria qualitativa (desenvolvimento).” (Niza, 2007:19)

Até ao momento, “a evidência empírica já permitiu constatar uma certa redução da intensidade material”, mas “não diminuíram as necessidades materiais absolutas”. Assim, “pode-se concluir que a pressão no ambiente em resultado do consumo de materiais não foi realizada de modo positivo em termos de sustentabilidade.” (Niza, 2007:20)

Haverá, contudo, “novas soluções baseadas nesta nova forma de abordar os problemas do desenvolvimento,” que “demonstram a possibilidade de os processos produtivos serem muito mais eco-eficientes e recorrerem a uma muito menor utilização de materiais e fluxos tóxicos, com vantagens simultâneas para a sociedade e para o ambiente.” Será possível, refere este autor, as sociedades utilizarem “o stock de materiais já existente (...) ao melhorar a concepção e o desempenho das cidades, dos transportes, das empresas, dos estilos de vida e dos produtos” (citando Worldwatch, 2003), para o que o autor refere, entre outras possibilidades, o desenvolvimento de produtos dentro da linha do ecodesign, ou a educação dos consumidores para “consumir melhor, de acordo com as suas reais necessidades e aprender a recorrer a critérios éticos e ambientais nas suas decisões de consumo (consumo sustentável)”. (Niza, 2007:20-21)

Nesta linha de raciocínio, Vezzoli e Manzini (2008) afirmam que “é impossível imaginar uma única oportunidade sustentável numa economia baseada em produtos” ou nas noções de bem-estar que nisso se baseiem. Por sua vez, os sistemas baseados em serviços são uma pré-condição absolutamente necessária para o desenvolvimento sustentável, ainda que por si só não se chegue a soluções sustentáveis ou suficientemente sustentáveis. Este segundo caso, para estes autores, permite que sejam imaginados diversos serviços ‘leves’ desenvolvidos segundo noções de bem-estar e de sistemas de produtos que sejam de facto sustentáveis economicamente e ambientalmente. (Vezzoli e Manzini, 2008:21)

Assim, e por exemplo, no caso de um “negócio eco-eficiente”, “a eco-eficiência de um produto é necessária, mas não suficiente para que se obtenha a sustentabilidade”. Para a realização de um negócio com esse objectivo, os autores referem que muitos propõem uma orientação não em produtos ou bens isolados, mas em sistemas produto-serviço: optimiza-se ambientalmente em todo o conjunto de produtos, serviços e processos produtivos, com o que se obterá melhores resultados de eco-eficiência. Várias orientações servem para este objectivo, entre os quais: observar todo o ciclo de vida dos produtos, possibilitar um “processo simbiótico” em que se integre um aproveitamento do desperdício dos diferentes produtos, e que todo o sistema, composto pelos produtos e serviços que o compõem, formem uma solução para um problema. (Vezzoli e Manzini, 2008:37-38)

Propõe-se assim um processo diferente do baseado no fabrico de um “produto isolado” cujo principal objectivo – e final – é a sua venda. Parece-nos que cumpre assim àquele que seria antes apenas o “fabricante” ou “vendedor” uma abordagem mais global e, necessariamente, mais próxima do utilizador.

Para um “design para a sustentabilidade ambiental”, estes autores propõem vários princípios, entre os quais assinalamos a “optimização do tempo de vida do produto” (Vezzoli e Manzini, 2008:cap.7), onde enfatizam, como meio para a sua optimização ambiental, a necessidade de se projectarem produtos e artefactos, por um lado, com um tempo de uso mais extenso, e por outro, com um uso mais intenso.

Como facilmente se percebe, um produto com um tempo de vida mais longo é preferível a um conjunto de outros com o mesmo desempenho e com uma vida mais curta, dado todo o desgaste de recursos decorrente das fases que antecedem e que sucedem o uso. Exceptuam-se aqui, claro, os

casos de um novo produto que tenha um desempenho de tal maneira melhor que compensa o referido desgaste causado pelo fabrico e deposição (Vezzoli e Manzini, 2008:132-133).

Quanto à intensificação do uso, os autores afirmam, conforme também facilmente se percebe, que “qualquer produto utilizado mais intensamente que outros semelhantes leva à redução do número desses produtos num dado momento e lugar, continuando a corresponder à procura do seu desempenho: isto também determina a redução no impacto ambiental.” Aqui os autores observam, por exemplo, os largos períodos de tempo de inactividade de muitos produtos e artefactos quando são usados apenas por um utilizador, sobretudo nos casos, como é o dos computadores, em que o seu tempo de vida e altura da consequente deposição depende pouco do uso. Se o seu uso for intensificado através da sua partilha por vários utilizadores, o impacto causado nas fases de pré-produção, produção, distribuição e deposição será mais rentabilizado (Vezzoli e Manzini, 2008:135-136).

Para além disso, Vezzoli e Manzini ainda salientam que uma intensificação do uso fará com que a vida útil de um produto passe mais depressa, sem que no entanto aumente a quantidade global de produtos e a sua deposição. Haverá pois vantagem na intensificação do uso, mesmo para os produtos cujo tempo de vida esteja dependente do uso, até porque a sua substituição, parcial ou total, pode significar uma melhoria de desempenho, e de novo, um menor impacto ambiental (Vezzoli e Manzini, 2008:136-137).

Como orientação para a intensificação do uso, os autores referem diferentes possibilidades (para as quais dão exemplos) como os produtos e serviços de uso partilhado, que assinalam como sendo notáveis já que são significativamente mais eficientes, ao disponibilizar o mesmo desempenho para vários utilizadores, para além de produtos multifuncionais ou com funções integradas (Vezzoli e Manzini, 2008:156-157).

2.2.4.As propostas para a sustentabilidade segundo a dimensão social

Victor Papanek escreve, entre 1963 e 1970, “Design for the Real World”, o que pode ser talvez o livro mais paradigmático na abordagem integral dos diversos impactos da produção e do design industriais. “Há profissões mais prejudiciais do que o design industrial, mas poucas” (Papanek, 1985:ix), começa por afirmar o autor logo no prefácio, pelo que será necessário “grande responsabilização social e moral do designer” ao projectar produtos perigosos, poluentes,

desnecessários, e cujo verdadeiro propósito é somente a sua venda e o lucro da empresa que o produz. O autor acusa sobretudo o que sucedia no contexto americano, chegando a frases extremas como “o designer industrial levou o assassinio ao nível da produção em massa” ou “os designers tornaram-se uma raça perigosa”. De certo modo, não é pois surpreendente, conforme ele próprio afirma no prefácio da segunda edição, que nessa altura não só não lhe foi possível publicar o livro no seu país, como foi ridicularizado e ostracizado pelo “design establishment” americano (como ele próprio denomina).

Ao abordar as diversas consequências do trabalho do designer, Papanek apresenta uma visão global e efectivamente inédita dos problemas da produção industrial, demonstrado, antecipadamente, a multidimensionalidade destes impactos, bem como a sua abrangência. Sobretudo, Papanek evidencia que esses diversos impactos decorrem muito mais dos interesses das empresas produtoras (e dos designers que para elas trabalham) do que para ir ao encontro de reais necessidades dos seus utilizadores.

Este autor apela assim à necessária reorientação dos processos de produção através, por exemplo, do que denomina como “design honesto (um design no uso por oposição ao design nas vendas)”¹⁹, conforme o que entende ter sucedido nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, onde se “impôs uma disciplina mais saudável do que a do mercado”, já que obrigou os designers, por exemplo, a projectar de acordo com a escassez de recursos da altura (Papanek, 1985:33).

As situações de crise profunda como as de guerra são sempre de grande austeridade e privação e espera-se sempre que se possam evitar. A evocação de uma altura destas poderá assim sempre suscitar algumas reservas, sobretudo como exemplos a observar, porque se espera (de novo) que se tratem quer de situações extremas, quer de situações momentâneas e anormais. No entanto, esta e outras observações de Papanek têm como principal objectivo demonstrar que muitos dos maiores problemas de grande parte população mundial têm sido esquecidos no trabalho dos designers.

Com a ideia geral deste livro, Papanek recorda-nos a independência (ou a possibilidade da independência) da actividade do design das dinâmicas e motivos do mercado de consumo, expondo não só a possibilidade, como mesmo a necessidade, de uma atitude socialmente mais responsável do designer, que se centre mais no utilizador e no que o “mundo real” efectivamente precisa.

¹⁹ “honest design (design-in-use versus design-in-sales)”

Trata-se de uma obra paradigmática e também isolada, e que só mais recentemente voltou a ser referida, conforme podemos constatar pelos demais autores aqui em análise e que enunciam a proposta de Papanek. Esses autores reconhecem a necessidade de ir mais além dos três primeiros níveis agora enunciados, na procura de uma maior correspondência com os princípios e conceitos mais abrangentes de acordo com o “Relatório Bruntland”. Contudo, conforme julgamos ser possível constatar até aqui, as propostas de sustentabilidade na maior parte das vezes estão mais concretizadas e consolidadas na vertente ecológica e preservação ambiental, pelo que muitos dos princípios se centram na redução do desgaste de matérias-primas e recursos naturais.

Emma Dewberry (1996) enuncia o já referido “sustainable design”, relativo a uma mudança que vai mais além daquilo que esta autora considera ser o actual contexto do design, já que questiona, por exemplo, a necessidade, o valor e a ética do desenvolvimento de um produto. Segundo esta autora, o “design sustentável vai para além dos princípios do ecodesign já que procura solucionar os problemas de design dentro do âmbito alargado do desenvolvimento sustentável. O ecodesign, como tem sido descrito, pode ser aplicado a qualquer produto, independentemente da sua ‘necessidade’, ‘utilidade’ ou ‘adequação’ do produto ou sistema, mas pode ser empregue para criar um design mais responsável dentro dos actuais padrões de produção e consumo.”

Caroline van Hemel (1998) enuncia também o conceito de desenvolvimento sustentável definido pela Comissão Bruntland em toda a sua abrangência de modo a que seja possível também ter em conta o crescimento da população, a alimentação, a dívida dos países em desenvolvimento, os limites dos recursos naturais, o desenvolvimento industrial, a pobreza, a destruição dos habitats, a perda de biodiversidade e a desigualdade geográfica e trans-geracional.

A autora parte assim da proposta “Design For Environment” (DFE) que elaborara anteriormente (Van Hemel, 1994, cit. Van Hemel, 1998), já que se tratará de uma perspectiva igualmente abrangente, onde apresenta um conjunto de princípios e estratégias específicos para diversas fases de produção, o que resulta num documento de orientação, quer para análise de casos actuais, quer para a concepção de um produto industrial mais sustentável. O objectivo desta proposta é obter produtos que tenham o menor impacto possível durante o seu ciclo de vida e, derradeiramente, deve levar a uma produção e consumo mais sustentáveis. Trata-se de uma prática, conforme refere a autora, na qual as considerações pelo ambiente são integradas nos procedimentos da concepção da engenharia do produto e do processo.

Van Hemel afirma que a literatura sobre a produção sustentável demonstra que as opiniões diferem quanto ao modo como abordar este tema, e que se podem organizar basicamente segundo duas vertentes, a da “evolução” e a da “revolução”. Na primeira, o ponto de partida para a melhoria ambiental de um produto é o actual ciclo de vida desse produto, o qual é analisado segundo os seus constrangimentos ambientais nas várias fases. É, para esta autora, a abordagem mais comum e é utilizada na maioria dos programas de incentivo e manuais para o desenvolvimento de produtos mais limpos (van Hemel, 1998:18). Aqui inclui-se a avaliação do ciclo de vida (LCA) usado na estratégia Ecodesign estabelecida na série das normas ISO 14000.

A abordagem revolucionária parte do princípio que a abordagem evolucionária não chega para se obter padrões sustentáveis de produção e consumo. O ponto de partida deve ser não o produto, mas as necessidades sociais que esse produto preenche. Consequentemente, segundo esta abordagem devem ser colocadas as perguntas que precedem qualquer desenvolvimento de produto: “as actuais funções do produto vão de facto ao encontro de uma necessidade básica social, ou esta necessidade foi criada “artificialmente” e mantida pela indústria? Pode esta função ser preenchida por um produto ou serviço que tem um impacto ambiental consideravelmente mais baixo?”. Consequentemente, nesta abordagem a análise dos impactos ambientais do produto é visto como redundante ou mesmo contraproducente, já que pode obrigar a empresa a continuar com o mesmo conceito do produto, impedindo-a de encontrar um preenchimento total das suas funções. Os autores liderantes neste campo são, entre outros, Papanek (1985, 1995) e Manzini (1990, 1992, 1994). Segundo van Hemel, para alguns autores a abordagem evolucionária é necessária porque constrói o caminho para a abordagem revolucionária, mas outros rejeitam esta aproximação porque impede a abordagem revolucionária (van Hemel, 1998:19).

Esta autora pretende que a sua proposta seja integradora destas duas abordagens, pelo que apresenta um conjunto de estratégias organizadas segundo um primeiro grupo, em muito semelhantes às que constam numa matriz de eco-design. Apresenta, contudo, outro grupo de princípios, que denomina como “desenvolvimento de novos conceitos” (new concept development), constituído por “desmaterialização”, “uso de produto partilhado”, “integração de funções” e “optimização funcional”, e ainda um outro grupo “Acções DFE”, definidas como de gestão e não técnicas, onde se inclui “práticas melhoradas de gestão”, “desenvolvimento do sistema de devolução” e “ecologia industrial”.

Percebe-se assim a tentativa desta autora, por um lado, em conseguir uma metodologia de projecto e de avaliação de projectos segundo uma perspectiva de sustentabilidade mais global, e por outro,

em conseguir também uma solução que integre as diversas posições e convicções sobre esse assunto.

Partindo também da noção da responsabilidade dos designers e de que na fase de projecto se determina o impacto ambiental dos produtos, Bhamra, Lofthouse (2007) propõem, segundo uma nova perspectiva para o design, o “Design for Sustainability”, um processo que considera o impacto ambiental, como a utilização dos recursos ou o impacto do fim de vida, e o impacto social de um produto, como a usabilidade ou a utilização responsável (2007:39).

Na parte final, denominada “Design para a equidade e coesão social”, da análise que efectuem sobre a evolução da sustentabilidade na investigação e na prática do design, Vezzoli e Manzini (cap. 14, 253-262:2008) referem que o debate iniciado nos anos 60 acerca do lugar do design na dimensão ético-social da sustentabilidade foi retomado (o que confirmará também os “ciclos” atrás referidos de Dewberry (1996)), ainda que os limites e implicações ainda não estejam exactamente detectáveis.

Segundo estes autores, este assunto complexo pode ser resumido na pergunta: “como podemos desenvolver novos critérios de qualidade de modo a separar a procura social para o bem-estar de uma relação que está directamente proporcional ao aumento do consumo de recursos, característica das sociedades industrializadas mais maduras? E como pode este processo encaixar-se nessas sociedades e orientar transições que já estarão em decurso, bem como noutras, onde é desejável o seu desenvolvimento industrial?” Do ponto de vista do design, defendem também estes autores, é importante identificar que respostas podem ser dadas pela cultura do design. (Vezzoli e Manzini (260:2008)

Estes autores referem que recentemente recomeçou o debate acerca do lugar do design na dimensão ético-social da sustentabilidade, cujos limites e implicações ainda não estão exactamente detectáveis. Ainda que ressalvem que se trata de um assunto muito vasto e complexo e que as suas implicações para o design até agora foram muito pouco analisadas, para Vezzoli e Manzini é possível dizer que quando a questão do consumo sustentável cruza a sustentabilidade ético-social, o espectro das implicações e responsabilidades estende-se a diversos aspectos como (Vezzoli e Manzini (261:2008):

- Os princípios e regras da democracia, direitos humanos e liberdade
- O alcance da paz e segurança

- A redução de pobreza e injustiça
- Melhoria do acesso à informação, formação e emprego
- Respeito pela diversidade cultural, identidade regional e biodiversidade natural

Neste pressuposto, ainda segundo estes autores, tem sido realizado, por exemplo, uma “investigação que tem aumentado interesses de várias formas das comunidades criativas, caracterizadas pelas actividades auto-organizadas de cidadãos sensibilizados, críticos e motivados que estão organizados para uma maior ou menor extensão nas redes e áreas da solidariedade económica.” Esta investigação estará “ligada à inovação social sustentável, ou seja, a soluções de alta qualidade social e baixo impacto ambiental que surgem de participação social, activa e de baixo para cima.” (Vezzoli e Manzini (2008))

Por aqui os autores, reconhecem que “destas primeiras modestas e limitadas experiências pode-se prever que o design para a sustentabilidade ético-social representa uma área (muito complexa, mas também estimulante e recompensadora), onde a investigação do design tem que contribuir com hipóteses de trabalho e respostas disciplinares.” (Vezzoli e Manzini (2008))

Tem sido observado o surgimento de algumas propostas e iniciativas, tanto no âmbito mais teórico, como até no prático, cujo principal objectivo é, por um lado, a procura de soluções que sejam de facto viáveis para os diversos problemas da sociedade, e por outro, que essas soluções sejam obtidas através de meios e processos mais sustentáveis, não só do ponto de vista ambiental, mas efectivamente em todas as suas vertentes²⁰.

Apresentamos assim um conjunto de propostas que procuraram retomar o percurso proposto por Papanek. Estas propostas terão surgido, por um lado, da noção da limitação das soluções que procuram corresponder aos princípios mais recentes de sustentabilidade, ao manterem basicamente os mesmos processos dos “sistema de produção-consumo”, onde o motivo de comercialização e venda tem um peso preponderante. Por outro lado, e no decurso da imperatividade dos problemas expostos, que afinal são de um âmbito mais multifacetado do que as suas consequências

²⁰ Trata-se de uma área que por alguns é também conhecida como “Design Social” (expressão que nos pareceu não ser consensual) ou “Design para a Inovação Social”, expressão usada por alguns autores entre os quais Ezio Manzini. Sem a oportunidade de aqui aprofundar esta área, pareceu-nos que se define, para além de Papanek (1985), a partir de autores como o Jégou e Manzini (2008), Fuaud-Luke (2004), Mau (2004), Smith (2007), Brown e Wyatt (2007), entre outros. Alguns artigos e práticas diversas podem ser consultados em vários sites, entre os quais www.desis-network.org/, www.sustainable-everyday.net e www.socialdesignsite.com/ (accedidos em 22-10-2011 17:05)

ambientais, para estes autores torna-se óbvia a necessidade de reequacionar todo o sistema de produção de artefactos onde o design tenha um papel preponderante.

2.2.5.Outras críticas e propostas alternativas

Os conceitos e princípios sobre a sustentabilidade que neste momento, de um modo geral, são os mais aceites e, por conseguinte, que estão mais consolidados e implementados, estão baseados no já abordado relatório “Our common future” (WCED commission, 1987). No entanto, sendo o documento mais difundido, e institucionalizado, ele será também objecto de controvérsia, pelo que o conceito que estabelece de “desenvolvimento sustentável” é altamente contestado por alguns autores. Estas críticas baseiam-se sobretudo no argumento de que, para a sustentabilidade ser efectiva, terá que se partir de outros pressupostos e paradigmas.

Com efeito, alguns autores expõem a questão da sustentabilidade segundo diversos ângulos, inclusivamente económico, adoptando por vezes posições bastante críticas em relação a alguns procedimentos e conceitos existentes nesta dimensão económica e nos quais assenta a sociedade ocidental.

José Manuel Naredo considera que o actual sistema económico é o responsável “de fundo” pela deterioração do ambiente que actualmente ocorre, bem como das desigualdades sociais e do grande desequilíbrio da distribuição de riquezas e utilização dos recursos naturais, sobretudo porque esse sistema é isolado do mundo físico. (Naredo, 1997, 2003, 2006).

Segundo este autor, a actual ciência económica consolidou-se no universo isolado dos valores monetários, à custa de “atirar borda fora” as preocupações originárias dos pais desta disciplina, encaminhadas em adaptar a gestão aos condicionantes do mundo físico. Foram os economistas franceses do séc. XVIII, os fisiocratas, que instalaram o carrossel da produção, do consumo, do crescimento e das demais peças constitutivas da ideia usual de sistema económico. A noção de produção e do seu desejável crescimento são o centro desta disciplina e substituíram a ideia anterior da actividade mercantil, pela qual se aceitava o princípio que, se uns enriqueciam, era à custa dos outros. Deslocou-se assim, a reflexão económica da aquisição e partilha da riqueza para a produção da mesma a qual, ao supor que era benéfica para todos, permitiu ignorar os conflitos sociais ou ambientais inerentes ao processo económico e tirar deste campo as preocupações morais, às quais anteriormente estavam estreitamente vinculadas as reflexões neste âmbito (Naredo, 2006).

Esta mentalidade, defende Naredo, que considera a possibilidade do crescimento contínuo e indefinido, na qual se baseia o “processo económico”, assimila-se ao um processo alquímico. Com efeito, a génese da ciência económica basear-se-á numa crença de que será possível realizar para o conjunto da sociedade o sonho do alquimista ao conseguir, com a sua intervenção, acelerar os processo de geração e aperfeiçoamento que tinham lugar na terra-mãe. Mais concretamente, este autor expõe que o antigo conceito de que a terra estaria em crescimento contínuo, à semelhança dos seres vivos, será a ideia que permitiu que a fé no progresso se expandisse com facilidade. “O conceito da transmutação alquimista é o corolário fabuloso da fé na possibilidade de mudar a natureza pelo trabalho humano.” (Naredo, 2003:34-37).

A economia afirmou-se como disciplina assumindo a tarefa de promover o crescimento das riquezas geradas pela mãe Terra, noção dependente da visão organicista do mundo, em que tudo crescia, ou seja, de que a própria Terra aumentava os seus limites. Se um grão de trigo plantado dá lugar a uma espiga com muitos grãos, esta noção aplicava-se, segundo esta lógica, também ao “reino mineral”. O crescimento proposto pretendia assim desenvolver-se, ingenuamente, “sem prejuízo dos bens de fundo”, e “tudo o que estava criado era útil às nossas necessidades”; era a corrente de pensamento na época de Quesnay e Linneo da então chamada “economia da Natureza”. Por isso, William Petty enuncia a “equação natural” para assinalar a origem das riquezas, estabelecendo que o trabalho era o “pai” e a terra a “mãe” da riqueza (Naredo, 2006:5-7).

Perante a constatação da evidência de que a Terra não cresce, bem como do surgimento de disciplinas modernas (que serão as pós-alquimia) como a Química ou a Geologia, os economistas neoclássicos vão esvaziando de materialidade a noção de produção. Da referida equação, o trabalho ganha cada vez mais peso, e a “mãe terra” foi perdendo peso, considerada cada vez mais como um objecto passivo e até incómodo, já que travava o crescimento. Define-se que a utilidade depende do trabalho, que opera a transformação desses recursos, e surge também a ideia que tanto a Terra como o trabalho eram substituíveis por capital, o que permitiu encerrar o raciocínio económico no universo do valor fazendo abstracção do mundo físico. Walras sistematiza assim: que o directamente útil é o que é objecto de apropriação; que, deste grupo, apenas interessa o que tem valor de troca; que valorizados e apropriados são apenas os objectos que se consideram produtíveis, sendo a produção, sobretudo, vender com valor acrescentado. Deste modo, contra o que pretendia Quesnay, produzir acabou por ser, apenas, “revender com benefício”, utilizando-se a noção de “valor acrescentado” (calculado como a diferença da compra e da venda) para estimar e agregar a dita produção nos sistemas de contas nacionais, plasmada no Produto Nacional Bruto, que se abstrai do conteúdo físico dos processos que conduzem à sua obtenção (Naredo, 2006:8-10).

Assim, uma empresa mineira amplia a “produção” (extracção) à custa de reduzir as reservas que podem ser apropriadas e valorizadas, mas não produzidas. Da mesma forma, a construção de novos edifícios exige a ocupação de solo fértil. Tal como uma empresa “produz” utilizando e contaminando o ar, que não está nem apropriado nem valorizado. A maioria dos processos de produção e consumo (de valor) incluem elementos e sistemas do mundo físico que se encontram em conjuntos de objectos “livres”, que podem passar a ser apropriados, valorizados, trocados, produzidos... ou também dissipados e contaminados. Enquanto a ecologia, à semelhança da economia da natureza do séc. XVIII, raciocina sobre o conjunto da biosfera e dos recursos que compõem a Terra, a economia apenas raciocina sobre o conjunto mais restrito dos objectos que são apropriáveis, valorizáveis e produtíveis (Naredo, 2006:10-11).

Portanto, para Naredo, o problema original da questão ecológico-ambiental reside no facto de que a civilização industrial, ao utilizar o raciocínio monetário como guia supremo da gestão, faz sobressair a dimensão criadora de valor ou utilidade, mas fecha os olhos às deteriorações sociais ou ambientais que essa gestão origina. O instrumental teórico em uso governa a gestão sem processar de modo sistemático a informação sobre as deteriorações que essa gestão ocasiona no meio natural; este instrumental regista apenas o custo de extracção e manuseamento dos recursos naturais, mas não os de reposição, favorecendo assim essas deteriorações, tal como privilegia as desigualdades sociais e territoriais através dessa abstracção social que é o dinheiro e as suas ramificações financeiras (Naredo, 2006:38-39).

Também Serge Latouche (2007a,2007b) considera que as questões ambientais e ecológicas não podem ser vistas ou resolvidas isoladamente, já que são um resultado de um todo que é consequência desses e doutros problemas.

Segundo este autor, a intuição dos limites físicos do crescimento económico remonta sem dúvida a Malthus (1766-1834), embora obtenha o seu fundamento científico apenas com Sadi Carnot e a sua segunda lei da termodinâmica (1824). Com efeito, o facto que as transformações de energia nas suas diferentes formas (calor, movimento, etc.) não são totalmente reversíveis – e que assim vamos dar ao fenómeno da entropia – não pode deixar de ter consequências numa economia que assenta nessas transformações. Entre os pioneiros da aplicação das leis da termodinâmica à economia convém assinalar em particular Serguei Podolinsky, pensador de uma economia energética (que até terá tentado, sem êxito, sensibilizar Marx para a crítica ecológica). Contudo só nos anos 1970 a questão da ecologia no seio da economia foi desenvolvido pelo trabalho de Georgescu-Roegen, que percebeu as implicações bio-económicas da lei da entropia já apresentadas nos anos 40 e 50 por

Lotka, Schrodinger, Wiener ou Brillouin. Ao adaptar o modelo clássico newtoniano, afirmou Georgescu-Roegen, a economia exclui a irreversibilidade do tempo. Ela ignora a entropia, ou seja, a não reversibilidade das transformações da energia e da matéria. Por essa razão, os detritos e a poluição, produzidos pela actividade económica, não estão devidamente considerados na “produção standard”. Daí a necessidade, conforme afirma este pensador, de se substituir a economia tradicional por uma outra, a bioeconomia, pensando a economia no contexto da biosfera. É assim que o termo “decrecimento” foi utilizado em francês para intitular uma das suas recolhas de ensaios (Latouche, 2007b:28).²¹

Depois da “Silent Spring”, afirma o autor, suficientes vozes “autorizadas” se fizeram ouvir para que não possamos ignorar a situação actual. O famoso relatório do “Clube de Roma”, “Limits of Growth”, em 1972 preveniu-nos que a procura indefinida do crescimento é incompatível com os recursos fundamentais do planeta. Diariamente vêm relatórios dos mais diversos horizontes, confirmando este diagnóstico de bom senso (Latouche, 2007b:12).

Críticas aos conceitos instituídos

José Manuel Naredo, aprofundando o termo “sustentável” (1997), aponta que o grande êxito da nova terminologia que foi estabelecida com o “relatório Bruntland”, se deve, em grande parte, à ambiguidade que lhe está inerente. Se cresce a preocupação com a sustentabilidade, não só se trata de um desejo muito generalista, sem definir o seu conteúdo nem o modo de o pôr em prática, como também, implicitamente, acaba por ficar exposta a insustentabilidade do modelo económico sobre a qual assenta a civilização industrial, conforme entende este autor.

Naredo relata com pormenor o processo do nascimento do termo “desenvolvimento sustentável”, o qual surge, sobretudo, de um processo de negociação, que aqui resumimos: juntamente com outras publicações do princípio dos anos 70, o relatório do “Clube de Roma” (1972) sobre os limites do crescimento, punha em causa a viabilidade do crescimento como objectivo económico mundial, pelo que surge o “eco-desenvolvimento”. Seria um conceito de compromisso, entre a possibilidade do aumento de produção, reclamado pelos países do Terceiro Mundo, e o respeito pelos ecossistemas necessário para manter as condições de habitabilidade da Terra. No entanto, ao começar a ser aceite e utilizado nas esferas mais institucionais, nomeadamente em seminários da ONU, este conceito foi convertido no actual “desenvolvimento sustentável”, o qual os “economistas mais convencionais poderiam aceitar sem receio”, porque deste modo também se

²¹ “La Décroissance: entropie, écologie, économie”, apresentado e traduzido por J. Grinevald e Ivo Rens, Sang de laTerre, Paris, 1994).

confundia com o já existente e baralhado conceito de desenvolvimento auto-sustentado (ou crescimento auto-sustentado, em inglês será *self-sustained growth*). Predominou deste modo a função retórica para um termo que parece ser concebido para agradar ambos os opositores, os defensores do desenvolvimento e os ambientalistas, mas, fundamentalmente, continua a promover-se o desenvolvimento tal como já era entendido pelos economistas, ligado ao crescimento, ainda que alguns autores procurem uma definição para desenvolvimento sem crescimento. (Naredo, 1997).

A grande indefinição deste conceito procederá desta tentativa de conciliar dois conceitos que, ainda segundo este autor, se referem a dois níveis de abstracção e sistemas de raciocínio diferentes (Naredo, 2003:34-37).

Para Naredo, o “mantra” do desenvolvimento sustentável, repetido nos vários relatórios e declarações, não serviu para modificar, nem sequer nos países ricos, as tendências para o aumento no requerimento total de recursos e resíduos *per capita*. Esta invocação, afirma o autor, serviu para manter o mito puro e duro do crescimento económico que havia cambaleado com as críticas dos anos 70 e para dar a entender que as reivindicações ecológico-ambientais da população estão a ser atendidas. Por isso, as agendas das cimeiras da Terra (Rio 1992 e Joanesburgo 2002) foram vítimas desse raciocínio parcial: muita preocupação pela contaminação, pelas alterações climáticas, perdas de diversidade ou qualidade ambiental, e muita desatenção pela crescente extracção e pelo baixo preço das matérias-primas que as originam, ignorando a evidência de que os resíduos e deteriorações saem do manuseamento dos recursos (Naredo, 2006:43-45).

Segundo a crítica que Latouche faz ao conceito de desenvolvimento, de desenvolvimento sustentável e globalização (2007a:19-20), a globalização não será muito mais do que uma nova versão do que foi o desenvolvimento preconizado no pós-guerra, o que, por sua vez, terá derivado do que era antes a colonização. Lembra para isso a afirmação de Kissinger, que a “A globalização não é mais do que o novo nome da política hegemónica americana”, afirmação que relaciona com o discurso de Truman em 1949 sobre o desenvolvimento económico, o qual legitimaria o apoderamento dos EUA dos mercados dos ex-impérios coloniais europeus, evitando que esses novos estados independentes caíssem nas mãos soviéticas.

Também Naredo define o que designa de modelo de dominação actual, comparando-o com o anterior e colonial. Nessa altura, os estados metropolitanos exerceriam o seu domínio instalando

administrações coloniais noutros territórios, para extrair deles certos produtos primários, vender-lhes outros elaborados e obter rendimentos mediante o comércio colonial que eram reinvestidos, em parte ou em todo, na forma de infra-estruturas (portos, caminhos de ferro...) para ampliar dito comércio. Por sua vez, havia um fluxo de população das metrópoles para os territórios a colonizar. Os resíduos e deteriorações apenas ocorriam no local onde se geravam. Actualmente, os países privilegiados continuam a apoiar-se no comércio, mas importam recursos, poupanças e população, e exportam resíduos, retirando ainda rendimentos e fazendo empréstimos. Para além disso, com o “dinheiro financeiro” que elas próprias emitem, as empresas transnacionais, sediadas nos países ricos, sobretudo dos EUA, desdobram-se em sucursais pelo mundo. Não há colónias, mas há estados permeáveis ao negócio destas entidades (Naredo, 2006:90-93).

Para esclarecer conceitos, Latouche propõe a distinção, que entende como necessária, entre o desenvolvimento, enquanto mito, do desenvolvimento como realidade histórica. A visão mítica encontra-se abundantemente representada na literatura sobre o tema, segundo aponta, e define-se como a realização dos desejos e aspirações de todos e cada um fora de um contexto histórico, económico, social e cultural. Pelo nome de *verdadeiro* desenvolvimento, o relatório da comissão Sul de 1990 ilustra bastante bem este conceito mítico. Definido como “um processo que permite aos seres humanos desenvolver a sua personalidade, ter confiança neles próprios e levar uma existência digna e plena”²² é evidente para o autor que dito desenvolvimento não se concretizou nunca em nenhum sítio. O desenvolvimento foi, é e será, antes de mais, desenraizamento, sublinha Latouche. Em todo o lado significou um aumento da heteronomia em detrimento da autonomia das sociedades. O desenvolvimento, conclui o autor, foi e é a ocidentalização do mundo (Latouche, 2007a:20).

Para além disso, aponta Latouche, as políticas de desenvolvimento, que agora ressurgem sob a forma de desenvolvimento sustentável, terão sido as principais responsáveis por grande parte dos desequilíbrios da distribuição da riqueza que actualmente se registam. Segundo o relatório do PNUD²³ de 1998, se a riqueza do planeta se multiplicou por 6 desde 1950, o rendimento médio dos habitantes de 100 países, em 174, encontra-se em plena regressão, e o mesmo com a esperança de vida. As 3 pessoas mais ricas do mundo têm uma fortuna superior ao PIB total dos 48 países mais pobres. O património dos 15 indivíduos mais ricos ultrapassa o PIB de toda a África subsaariana. (...) As 225 maiores fortunas são equivalentes aos rendimentos de 47% das pessoas mais pobres da população do planeta, ou seja, 2.500 milhões de pessoas. Segundo o relatório de 2001, a quinta

²² Citando “Défis au Sud”, relatório da Comissão Sul presidida por Julius K. Nyerere, Paris, Economica, 1990, p10

²³ Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, ou UNDP em inglês

parte mais rica da população mundial possui 86% do PIB mundial (2007a:13). O autor sublinha que nos anos 70, em África, as povoações eram “pobres” em relação aos critérios ocidentais, no sentido em que dispunham de poucos bens manufacturados, mas ninguém, em tempos normais, morria de fome (Latouche, 2007a:62).

Continuando com o aprofundamento do conceito de desenvolvimento, Latouche entende que este está preso a um dilema: ou significa, fora do seu conceito histórico, o todo e o seu contrário, todas as experiências históricas de dinâmica cultural da história da humanidade, pelo que então não designa nada em particular, e logo, não tem significado útil para promover uma política, ou então tem conteúdo próprio, relacionado necessariamente com a experiência ocidental da autonomização da economia, como terá sucedido desde o início da revolução industrial inglesa da segunda metade do séc. XVIII. Nesse caso, qualquer que seja o adjectivo, o conteúdo implícito ou explícito do desenvolvimento é o crescimento económico, a acumulação de capital com todos os efeitos positivos e negativos que conhecemos: competitividade sem piedade, crescimento sem limites marcado por desigualdades, pilhagem sem reparar na natureza (Latouche, 2007a:20-21).

Assim, aponta Latouche, a vida do trabalhador é um círculo infernal reduzido a algo que lembra um “bio-digestor” que metaboliza o salário com mercadorias e as mercadorias com salário, transitando da fábrica ao hipermercado e do hipermercado à fábrica”. Três ingredientes são utilizados: a publicidade, o crédito e a obsolescência acelerada dos produtos (Latouche, 2007b:33).

Sobre esta questão, Naredo refere a existência do que considera um dos grandes mitos da actualidade, o trabalho (Naredo, 2003). A partir do utilitarismo, que se encarregou de praticar as reduções oportunas na noção de ‘felicidade’ para a identificar com a ‘satisfação de necessidades’, que transcorria dentro do sistema económico²⁴ (Naredo, 2003:125), define-se o trabalho como o meio para obter os bens que nos satisfaçam as necessidades, ou seja que nos traga a felicidade.

Deste modo, para Naredo “os indivíduos apenas podem tratar de se evadir das suas frustrações íntimas, das suas dúvidas acerca do sentido da vida ou da sua própria identidade dando rédea solta à sua ânsia de apropriação e ostentação participando, na medida em que permite a sua capacidade aquisitiva, na corrida do consumo. O sistema oferece outra via de evasão complementar à anterior: a de se entregar à prática compulsiva do trabalho alienante.” (Naredo, 2003:51)

²⁴Para ilustrar esta ideia, Naredo refere Mercier de La Rivière, que em 1767 terá afirmado: “falando humanamente a maior felicidade possível consiste para nós na maior abundância possível de objectos capazes de nos dar satisfação e na máxima liberdade para os gozar”

É aliás, nesta base que se institui o “sistema produção-consumo” que já vimos atrás com Vezzoli e Manzini (2008), onde os recursos naturais e até os sócio-culturais se transformam numa oferta de produtos, serviços ou bens públicos. Para além disso, deste modo valoriza-se a transformação das matérias-primas, que ocorre através do trabalho humano, em detrimento da própria matéria-prima em si, a qual é a que deveria ser tida em conta sobretudo porque não é substituível.

Assim, no fim, também para Latouche, o desenvolvimento real e existente será um empreendimento que pretende transformar em mercadoria a relação dos homens, entre si e com a natureza. Trata-se de a explorar, de pôr um valor, de tirar rendimentos dos recursos naturais e humanos. Um empreendimento agressivo com a natureza e as povoações, que é, do mesmo modo que a colonização que a precede e a globalização que a segue, um trabalho tanto económico como militar de dominação e de conquista (Latouche, 2007a:22)

Este autor faz uma análise crítica sobre os vários conceitos de desenvolvimento que entretanto surgiram, de desenvolvimento social, desenvolvimento humano, desenvolvimento local e desenvolvimento sustentável, pretendendo demonstrar o que são os “projectos ditos ‘alternativos’” e como é difícil a libertação do imaginário economicista, uma vez que no fim estão todos dependentes do crescimento económico (2007a:26-48).

Sobre o desenvolvimento sustentável em particular, Latouche (2007a) considera que “trata-se de um oxímoro, apresentado em 1992 na cimeira do Rio enquanto desenvolvimento duradouro, uma monstruosidade verbal, uma antinomia mistificadora”. “A ambiguidade de um modelo de desenvolvimento que se baseia no consumo e destruição dos recursos naturais e que se pretende sustentável encontra-se permanentemente presente, mesmo no relatório Brundtland,” para o que confronta a sua pág 10: “Para que o desenvolvimento sustentável possa ter lugar em todo o mundo, os poderosos devem adoptar um modo de vida que respeite os limites ecológicos do planeta”, com a p.19: “Como consequência da taxa de crescimento demográfico, a produção fabril terá que aumentar entre 5 a 10 vezes só para que o consumo de artigos fabricados nos países em desenvolvimento possa apanhar o dos desenvolvidos.” Assim, defende o autor, “O seu objectivo não é tanto limitar a opulência económica e o desperdício dos poderosos, mas propor uma espécie de perigoso ‘salto quimérico’ que permita garantir o crescimento, o meio ambiente e a satisfação das necessidades fundamentais e ainda as aspirações de todos no presente e no futuro. O desenvolvimento sustentável, que afinal é como o inferno, está cheio de boas intenções, não será mais do que a eternidade assegurada a uma extensão universal do desenvolvimento.” O relatório Brundtland será pois uma armadilha já que, na realidade, pretende preservar o desenvolvimento, e

não o ambiente (Latouche, 2007a:41). Segundo este autor podemos afirmar, pois, que ao adicionar o adjetivo “sustentável” ao conceito de desenvolvimento, o que fazemos é apenas confundir um pouco mais as coisas. É mais do que duvidoso que isto baste para resolver os problemas. (Latouche, 2007a:48).

Pleonasmos, oxímoros, contradições, ambiguidade ou falta de crítica, no fim, defende o autor, “qualquer desenvolvimento é o desenvolvimento realmente existente, que significa a guerra económica, a pilhagem ilimitada da natureza, a ocidentalização do mundo e a uniformização planetária; em resumo, o genocídio, ou, no mínimo, o etnocídio para qualquer cultura diferente” (Latouche, 2007a:46).

Soluções propostas

Conforme o que expõe, e que analisámos, Naredo aponta que é necessário distinguir dois tipos de sustentabilidade, “uma sustentabilidade fraca (formulada a partir da racionalidade própria da economia standard)” “e outra forte, (formulada a partir da racionalidade da economia da física que é a termodinâmica e da economia da natureza que é a ecologia (Naredo, 1997).

Afinal, define o autor, “não se trata tanto de reinventar a roda da sustentabilidade mas retroceder criticamente o caminho tomado, voltando a ligar o físico com o monetário e a economia com as ciências da natureza.” (Naredo, 1997). Parte de um conceito proposto pelo já mencionado relatório do Clube de Roma (Meadows, 1972), onde se assinala que o crescimento não poderá definir-se, ou concretizar-se fisicamente, mas antes de uma maneira conceptual, nomeadamente observando-se mais os processos biológicos como via de referência e alternativa, em concreto o crescimento orgânico. No entanto, Naredo realça a característica que distingue este processo do crescimento económico tal como ele é visto hoje, já que o primeiro é um processo transitório que desemboca no estancamento ao atingir a maturidade e que tende para o equilíbrio, seja no caso do organismo mais simples, seja no de um ecossistema mais complexo (Naredo, 2003:361-368).

Naredo propõe também novos princípios para a economia, aproximando-a mais do “mundo físico”, através da consideração dos conceitos contemporâneos dos sistemas e da relação entre os seus elementos, numa especial atenção à Termodinâmica. Naredo refere-se, por isso, também, a Nicholas Georgescu-Roegen, particularmente ao conceito que desenvolve de “termoeconomia”, através do qual se afirma que os sistemas económicos humanos podem ser modelados como

sistemas termodinâmicos, procurando aproximar os princípios da termodinâmica à economia, como o intuito de os tornar mais sustentáveis (Naredo, 2003:286-287).

Acima de tudo, esta proposta sublinha a importância, da observação desta segunda lei da termodinâmica já que, segundo considera Naredo, no actual sistema económico – ou na “visão mecanicista”, como também refere – apenas terá enquadramento a primeira lei da termodinâmica, que define o princípio de conservação e conversão de matéria em energia, mas não a segunda, que chama a atenção para a sua irreversível degradação qualitativa nessa conversão. Através desta Lei da Entropia realça-se assim a atenção necessária que se tem de ter conjuntamente no que toca à gestão de recursos, o estudo da escassez objectiva e o dos valores vitais – ou, se se quiser, da componente objectiva da utilidade – aspectos que ficam marginalizados pelo enfoque neo-clássico (Naredo, 2003:286-287).

Como vimos, para Naredo “não tem cabimento corrigir de forma significativa o “problema ambiental” sem modificar as regras do jogo que hoje orientam a evolução do comércio e das finanças no mundo e sem questionar a mitologia do crescimento que as ampara” (2006:106). Será pois necessário alterar os padrões de vida e consumo, o que pressupõe mudar a ideia de sistema económico, de crescimento, de desenvolvimento, de qualidade ou nível de vida. Não se trata de diminuir o nível de vida das populações dos países ricos, mas substituir os padrões de vida desses países por outros que não têm que ser necessariamente mais baixos, excepto no consumo de materiais e energia (Naredo, 2006:107).

As possibilidades de reconverter o metabolismo da sociedade actual, avança o autor, dependem da possibilidade de se reequacionar o modo de gestão imperante, o que depende também do restabelecimento e priorização dos circuitos de informação física e social ligada a essa gestão, para com isso modelar os instrumentos económicos e os preços. Mais concretamente, Naredo propõe que se desenvolva um sistema de contabilização energética global, que recolha os custos calculados a partir da reorientação da valorização dos recursos, baseada no conhecimento do custo (físico) de reposição de extracção.

Latouche propõe uma solução não muito distinta da de Naredo, já que, como vimos, os princípios orientadores destes dois autores e as interrogações que expõem coincidem em vários pontos. Para Latouche, a via não será “uma impossível volta atrás”, nem tão-pouco “uma forma de modelo único”, já que “contrariamente à concepção de certos ecologistas reformistas, o estado estacionário

propriamente dito e o crescimento zero não são possíveis nem desejáveis”. Em vez disso, sustenta uma alternativa de “pós-desenvolvimento”, que tem que ser concretizada de um modo plural, segundo duas referências, o “decrescimento convivencial” e o “localismo”. “Trata-se de procurar modelos de plenitude colectiva na qual não se favoreça um bem-estar material destruidor do meio ambiente e do bem social. O objectivo da boa vida declina-se de múltiplas maneiras segundo os contextos em que se inscreve. Trata-se de reconstruir novas culturas.” (Latouche, 2007a:65-66)

Sendo “um slogan político com implicações teóricas, uma ‘palavra-bomba’ que visa quebrar a hipocrisia²⁵ dos drogados do produtivismo”, o decrescimento “defende o abandono do objectivo do crescimento ilimitado, objectivo cujo motor não é outro senão a procura do lucro pelos detentores do capital com consequências desastrosas para o ambiente, e logo, para a humanidade. Não só a sociedade fica reduzida a não ser mais do que o instrumento ou meio da mecânica produtiva, mas o próprio homem tende a tornar-se o desperdício dum sistema que pretende torná-lo inútil e descartável (Latouche, 2007b:20-21).

Latouche aponta que este termo do “decrescimento” terá um uso muito recente nos debates económico, político e social, mas a origem das ideias que o veiculam tem história mais antiga, ligada por um lado à sua crítica culturalista da economia, e por outro à crítica ecologista. Desde o início que a sociedade “termo-industrial” originou sofrimento e injustiças que não pareciam desejáveis a muitos. Se a industrialização e a técnica, à parte da fase do luddismo²⁶, foram pouco criticadas até um período recente, o fundamento antropológico da economia como teoria e como prática, o homo economicus, está denunciado como redutor por todas as ciências do homem: a sociologia de Durkheim e Mauss, a antropologia de Polanyi e Marshall Sahlins, a psicanálise de Fromm ou Bateson. O projecto da sociedade autónoma e poupada recuperada pelo slogan do decrescimento não será, assim, de ontem. E, com a crise do ambiente, percebeu-se depois que a sociedade do crescimento não só não é desejável, como não é sustentável (2007b:28).

Serão estas as duas origens do decrescimento identificadas por Latouche, conceito que explica não se tratar de um crescimento negativo²⁷. A simples desaceleração do crescimento, lembra o autor, submerge as nossas sociedades na desordem causada pela paragem e abandono dos programas

²⁵ No original “un ‘mot-obus’ qui vise à casser la langue de bois des drogués du productivisme”

²⁶ Movimento trabalhador britânico dos anos 1811-12, denominado segundo o seu líder, Ned Ludd, conhecido pelas suas destruições de máquinas, em concreto dos teares mecânicos, conforme esclarece Latouche

²⁷ Aliás, o autor discute a designação deste conceito, reflectindo se não poderia antes ser, por exemplo, a-crescimento, tal como se fala de ateísmo (2007b:22)

sociais, culturais e ambientais que asseguram uma mínima qualidade de vida. Não há nada pior do que uma sociedade de crescimento sem crescimento, pelo que apenas se pode propor uma sociedade do decrescimento (2007a:72). No entanto, adverte também, a regressão social e civilizacional é precisamente o que nos cercará se não mudarmos de trajectória. (2007b:20-21)

Assim, como se poderá deduzir, Latouche conclui que será necessária a “revolução do decrescimento”, já que é necessária uma ruptura. Todos os regimes modernos foram produtivistas, todos consideraram o crescimento económico como uma pedra angular do seu sistema inquestionável. A mudança indispensável é tal que uma simples eleição não a poderia resolver, é necessário algo muito mais radical: uma revolução cultural. No entanto, determina que o projecto de decrescimento é uma utopia, ou seja, uma fonte de esperança e de sonho. Apesar disso, longe de se refugiar no irreal, tenta explorar as possibilidades objectivas na sua concretização. (2007b:53-55)

O autor ressalva ainda que o decrescimento não significa uma regressão do bem-estar. A maioria das sabedorias afirma que a felicidade consiste em satisfazer um número limitado de necessidades. O autor aponta para isto o exemplo de que não se trata de ter que voltar a jogar futebol descalço como na infância de alguns, mas de saber se é necessário ter 10 pares de sapatos, de má qualidade, ou apenas 2 de boa (Latouche, 2007b:86).

Fomentar o decrescimento significa, noutros termos, renunciar ao imaginário económico, ou seja à crença de que mais é igual a melhor. O bem e a felicidade, conclui, podem conseguir-se muito facilmente. Para conceber a sociedade serena de decrescimento e aceder a ela será necessário, literalmente, sair da economia, o que significa pôr em dúvida o domínio da economia sobre o resto da vida, na teoria e prática, sobretudo nas nossas mentes. Redescobrir a verdadeira riqueza, ao desenvolver as relações sociais em harmonia num mundo são, pode levar-se a cabo com serenidade, praticando a frugalidade, a sobriedade, e até uma certa austeridade no consumo material; em resumo, o que alguns preconizaram segundo o slogan ghandiano ou tolstoiano de “simplicidade voluntária”. Mas, se o ascetismo é de estimar, não se trata de preconizá-lo ou impô-lo (Latouche, 2007a:69-70).

Assim, “o decrescimento deverá estar organizado não apenas para preservar o meio ambiente, mas também e talvez, especialmente, para restaurar o mínimo de justiça social sem o qual o planeta está condenado à explosão. Sobrevivência social e biológica parecem assim estar estreitamente unidas.” (Latouche, 2007a:68)

Afinal, trata-se de uma oposição à actual “ominmercantilização” que o autor acusa verificar-se na nossa sociedade, a qual chega a atingir as relações humanas. O que é fundamental e central é que a *relação* substitua o *bem* (Latouche, 2007a:80).

Para concretizar mais este projecto, para desencadear um “processo de decrescimento sereno, amigável (conviviale) e sustentável”, Latouche chega a enumerar etapas (que não devem ser vistas como uma agenda, já que o calendário vem depois), organizando-as segundo “o círculo virtuoso do decrescimento sereno” composto por 8 Rs. Alguns deles têm um lugar estratégico, mas na prática interagem continuamente e reforçam-se, o que permite considerar as mudanças de modo progressivo (2007b: 56-71):

- **Reavaliar:** Rever os valores humanos e pessoais, menos assentes numa megalomania individualista. O altruísmo sobre o egoísmo, a cooperação sobre competição desenfreada, o prazer do lazer e do *ethos* do divertimento sobre a obsessão do trabalho, a importância da vida social sobre o consumo ilimitado, o local sobre o global, a autonomia sobre a heteronomia, o gosto pela obra bem feita sobre a eficiência produtivista, o razoável sobre o racional, o relacional sobre o material, etc.
- **Reconceptualizar:** Conceitos como pobreza e riqueza, raridade e abundância, partindo do anterior.
- **Reestruturar:** adaptar o aparelho de produção e as relações sociais em funções das mudanças de valores.
- **Redistribuir:** a reestruturação é já por si uma redistribuição, mas esta compreende a repartição das riquezas e o acesso ao património entre o norte e o sul e interior, entre classes, gerações, indivíduos. Terá um duplo efeito positivo na redução do consumo, directamente ao reduzir o poder dos meios da classe de consumo mundial e da oligarquia dos grandes predadores, e indirectamente ao diminuir a incitação ao consumo ostensivo. O desejo de consumo tem que ver menos com a existência de uma necessidade que com o desejo de afirmar o estatuto para imitar o modelo daqueles que estão logo acima de nós. A pegada ecológica é um bom instrumento para determinar os “direitos de saque” de cada um.
- **Relocalizar:** Significa produzir localmente, para o essencial, os produtos que sirvam à satisfação das necessidades da população pelas empresas locais financiadas pela economia recolhida localmente. Toda a produção que possa ser feita à escala local para as necessidades locais deve ser feita localmente. Se as ideias devem ignorar fronteiras, os movimentos de mercadorias e de capitais devem ao contrário estar limitados ao indispensável. A relocalização não é apenas económica; também é da política, da cultura,

do sentido de vida que deve reencontrar a sua ancoragem territorial. Toda a decisão que possa ser tomada à escala local, deve ser tomada à escala local.

- **Reduzir:** Significa, primeiro, diminuir o impacto dos nossos modos de produzir e de consumir sobre a biosfera. Trata-se de limitar o sobre-consumo e o incrível desperdício dos nossos hábitos: 80% dos bens postos nos mercados são usados apenas uma vez para depois ir para o lixo. Outras reduções são desejáveis, para além das dos riscos de saúde ou da redução dos horários de trabalho.
- **Reutilizar/reciclar:** Nenhuma pessoa de bom senso, evidencia Latouche, contesta a necessidade de reduzir o desperdício desenfreado, de combater a obsolescência programada dos equipamentos e de reciclar os detritos não reutilizáveis directamente.

Em resumo, poderemos referir que para a sustentabilidade deverão ser tidos em conta certos princípios fundamentais, como sejam os que demonstram o funcionamento dos ecossistemas e as leis da termodinâmica, que foram descobertas após a consolidação da economia e nunca por ela chegaram a ser consideradas. Deve assim também ser considerado o desenvolvimento em vez do crescimento, uma vez que efectivamente sustentável é o desenvolvimento sem crescimento.

Desenha-se igualmente um novo nível de concretização da sustentabilidade. Ainda que o conceito base se mantenha, será defendida uma sustentabilidade mais efectiva e mais abrangente, quer porque se tomam medidas ambientais mais eficazes, como já vimos, mas também porque se procura que essa sustentabilidade seja considerada em diversas dimensões. Consequentemente, lançam-se princípios de sustentabilidade que estão intrinsecamente ligados a princípios humanistas e democráticos, os quais devem ser observados em concretizações como as cidades.

2.3. Conclusões

Como consequência da forte industrialização que foi alastrando (pelo menos no mundo ocidental, ou ocidentalizado), a seguir à 2ª Guerra Mundial, graves problemas ambientais surgiram e foram sendo denunciados, após o paradigma da “Silent Spring” (Carson, 1962), tanto por autores de várias áreas de investigação, como, especificamente, na literatura científica (apresentando factos e dados concretos). Esses problemas adquirem uma escala global, quer pela dimensão do impacto que causavam, quer pela globalização geral do comércio e da indústria, quer pela consciência mais

alargada que entretanto se estabeleceu sobre a capacidade de perturbação pelo Homem do equilíbrio da biosfera, ou quer ainda pelo desenvolvimento dos meios de comunicação que passam a permitir uma maior mediatização dos diversos eventos que entretanto ocorrem. A globalização deste tipo de eventos e a sua mediatização vai ser utilizada pelas ONGs como a Greenpeace que entretanto surgiram, precisamente para procurar contrariar a sucessão dos eventos e atitudes contra o ambiente.

Outro documento que se revela paradigmático na evolução dos conceitos e princípios de sustentabilidade é o já referido relatório Bruntland (WCED, 1987), onde se enfatiza toda a dimensão social nas questões da sustentabilidade. Reconhecida a sua importância pela referência através dos diversos autores que nos foi possível consultar, com este documento introduz-se esta dimensão no conceito de sustentabilidade, estabelecendo-se o conceito de “desenvolvimento sustentável” assente nos “três pilares da sustentabilidade”: a sua dimensão ambiental, económica e social. Referindo os problemas sociais, de pobreza, de educação e de saúde existentes pelo mundo, este relatório chama a atenção para a necessidade de resolver estes problemas humanos a par dos ambientais, através de uma abordagem global e englobante, dada a sua interdependência.

Há actualmente uma noção de sustentabilidade minimamente reconhecida e aceite por vários agentes da sociedade. Alguns desses agentes procuram já concretizar e praticar essa noção, embora, na maior parte das vezes, fundamentada, quando muito, no “desenvolvimento sustentável”. Este conceito, nascido da procura de uma solução de compromisso ou de consenso, para alguns autores será contraditório, e assim, considerado como insuficiente para que a partir dele se desenvolvam princípios e estratégias com os quais se obtenha uma sustentabilidade efectiva.

Mantêm-se graves problemas de sustentabilidade endémicos da sociedade, sobretudo actualmente, pela base no actual sistema industrial e económico e de produção-consumo. De facto, o nível de desgaste é superior à capacidade de reposição do planeta, pondo em perigo as condições de habitabilidade, sobretudo as futuras.

O actual sistema de produção e consumo provoca grande desgaste nos recursos naturais, mas a sua resolução exige medidas que alterem profundamente o referido sistema; alguns autores defendem que as poucas medidas até agora levadas a cabo não são suficientes, não só porque foram só parcialmente concretizadas, mas porque elas próprias não chegam por si só.

Verifica-se assim que a sua abrangência aumenta, quer quando se segue o percurso a montante do trajecto da produção, ao passar para a linha de produção, para os materiais empregues, e depois para as mesas de projecto e concepção, quer quando se considera, já fora da “fábrica”, um âmbito ainda mais englobante, ao ser reconhecido que grande parte do problema reside na dinâmica da própria sociedade, em todo o “sistema de produção-consumo”, conforme denominam Vezzoli e Manzini (2008).

Na continuação da evolução da sucessão de propostas para a sustentabilidade da produção industrial, surge a consciência do peso considerável que tem o seu design. Evidencia-se a possibilidade de reduzir o desgaste dos recursos naturais através, por exemplo, de um projecto que permita a poupança de materiais e energia no seu fabrico. Para além disso, expõe-se agora também o impacto na sociedade da produção industrial de um modo mais abrangente.

Claro que muitas das questões da sustentabilidade ultrapassam o alcance do designer, e muitas outras vezes o seu contexto de trabalho condiciona a sua capacidade de intervenção. No entanto, com esta evolução de conceitos e propostas, os designers ganharam a noção real do seu compromisso com o “sistema de produção-consumo”, assim como das suas possibilidades em contribuir (ou não) para a sustentabilidade conforme hoje se define.

3.

Cidade, espaço público e mobiliário urbano

Neste capítulo define-se o ponto de vista da abordagem que fazemos ao contexto do espaço público e do seu mobiliário urbano. Consideraremos a vertente em que qualquer um destes se define não necessariamente pela sua concretização material, mas sobretudo pelo seu uso e pelas próprias pessoas que os pensam, que os fabricam e que os usam. É, com efeito, algo muito dinâmico e orgânico, e simultaneamente momentâneo. Procura-se sublinhar a importância do mobiliário urbano para a cidade e o seu espaço público, tendo em conta, sobretudo, os aspectos da sustentabilidade destes dois últimos.



Figura 4: Cidadão – mobiliário urbano – espaço público – cidade. Utilizando e usufruindo do espaço público através do mobiliário urbano, o cidadão tira partido dos seus serviços e utilizações partilhadas e cria relações com a cidade e seus lugares (foto do autor, 2/2006).

3.1. Génese do conceito de espaço público e dos seus usos

Através de uma abordagem aos seus conceitos e definições, procura-se defender a relação do mobiliário urbano com a génese da cidade e do seu espaço colectivo, enfatizando o conceito de cidade enquanto local de partilha de recursos e equipamentos

3.1.1. Definições e conceitos relativos à cidade e os seus usos

A cidade é um assunto de grande complexidade, o que se tem demonstrado com a discussão bastante extensa e profunda que sobre ele tem decorrido. Tem-se assim publicado diversa e abundante opinião, o que se deve também à multiplicidade de pontos de vista e de contextos a partir dos quais é possível fazer uma abordagem a um assunto que, para além de multidisciplinar, é afinal muito próximo de qualquer um de nós.

Diríamos que a cidade será talvez uma das realizações que mais representa a respectiva sociedade. Tanto no seu melhor como no seu pior, é talvez a materialização que melhor representa a civilização que a fez. Teremos, contudo, que nos recordar sempre que a cidade é mais do que as construções e os espaços que a compõem, já que foi de todo um conjunto de dinâmicas, de usos, de relações, de interpretações, etc. dos seus habitantes que esses espaços e construções surgiram e fizeram sentido.

A lei portuguesa define o que é uma cidade, nomeadamente através da Lei n.º 11/82 (Diário da República 125, SÉRIE I de 1982-06-02; art. 13º e 14º, cit. INE, 2008) onde se define a cidade como:

“Aglomerado populacional contínuo, com um número de eleitores superior a 8000, possuindo pelo menos, metade dos seguintes equipamentos colectivos: instalações hospitalares com serviço de permanência; farmácias; corporação de bombeiros; casa de espectáculos e centro cultural; museu e biblioteca; instalações de hotelaria; estabelecimentos de ensino preparatório e secundário; estabelecimentos de ensino pré-primário e infantários; transportes públicos, urbanos e suburbanos; parques ou jardins públicos.” “Notas: Importantes razões de natureza histórica, cultural e arquitectónica poderão justificar uma ponderação diferente dos requisitos enumerados” (Art.º 14º).”

Esta definição refere a necessidade da existência de um dado número de pessoas e de um conjunto de equipamentos e serviços para que uma povoação tenha esta categoria de cidade. No entanto, a partir de uma análise um pouco mais demorada desta quantificação e listagem, percebe-se com alguma facilidade que não só contém algumas indeterminações, como o conceito de cidade será algo muito mais complexo, quer pelas referências que deve considerar, quer pela diversidade de contextos e de parâmetros a que se pode referir.

Já David Shane (2005) refere que “numa primeira abordagem, parece fácil definir uma ‘cidade’. Na tradição eurocêntrica, tal como noutras sociedades, uma cidade é um povoamento denso distinto do campo” (2005:19). Durante séculos, aponta o autor, esta distinção entre cidade e campo estava física e claramente definida por uma muralha, um talude, um fosso e/ou uma zona sem construção. Assim, esta separação, “primariamente uma estratégia defensiva e militar, definiu um sistema de constrangimento: proibições, portas e muros para manter os dois mundos separados. O movimento entre os dois era controlado, tal como a incorporação de terra agrícola na cidade” (Shane, 2005:19). Estabelecem-se e mantêm-se assim dois pólos opostos e separados, os quais definem um sistema: “A cidade era um enclave especializado que acumulava riqueza num contexto de uma sociedade agrária, rural e feudal, organizada segundo quintas e aldeias e movida por animais e servos que trabalhavam a terra” (Shane, 2005:19). Com efeito, há que ter em conta que “a cidade mantinha-se em estreita relação com o campo através de uma estrutura de abastecimento, defesa, serviços, e mão-de-obra” (Shane, 2005:22).



Figura5: Detalhe do quarto painel, mostrando a tomada de Tânger, das “Tapeçarias de Pastrana”. Encomendadas por D. Afonso V após as conquistas portuguesas de 1471. (National Gallery of Art, 2011)

Várias são as imagens que representam a cidade deste modo, como é o exemplo do mural de Ambrogio Lorenzetti, “Os Efeitos do Bom e Mau Governo da Cidade”, apresentado por Shane, ou nas denominadas “Tapeçarias de Pastrana”. Em exemplos destes é possível constatar a representação do espaço densamente edificado, em oposição ao não construído, cultivado, os quais são claramente separados pela presença de uma muralha.

Através destas imagens e desta primeira exposição de Shane somos levados a reflectir que, com efeito, territorialmente, a cidade se definia (e talvez ainda se defina) por oposição ao campo. Contudo, se nestas condições seria fácil esta sua determinação geográfica, física, e, por inerência, administrativa, apontar onde está a cidade segundo outros critérios pode já não ser tão simples,

mesmo ainda com uma demarcação física como a muralha. Será o caso, por exemplo, de considerarmos que estamos de facto perante um sistema que se define a partir dos dois referidos pólos, em que os dois são interdependentes. Neste caso, a referida muralha não será tanto a demarcação do seu limite, mas sobretudo uma membrana de comunicação entre duas partes integrantes.

Com a queda das muralhas – quer no sentido figurado, como aqui se aponta em relação à importância para o conceito, como no sentido literal, conforme sucedeu de facto com as cidades no Ocidente a partir do séc. XIX – a definição e a determinação da cidade tornaram-se, com efeito, tarefas mais complexas.

Assim, numa análise ao conceito de cidade, Ellin (1999:271-274) começa pelo princípio de que as distinções entre cidade, subúrbio e campo se tornaram obsoletas com o capitalismo industrial avançado, um desenvolvimento que estaria previsto por alguns estudiosos e críticos (enunciando Marx, H.G. Wells, Frank Lloyd Wright, A. Schlesinger). Efectivamente, houve um “tremendo crescimento dos subúrbios em volta das cidades centrais depois da 2ª Guerra Mundial”, pelo que “o termo jurídico de *cidade* já não correspondia a uma entidade significativa” (Ellin, 1999:272)²⁸.

Talvez pela dificuldade da definição do conceito de cidade, Shane (2005) aborda uma outra vertente, para a qual começa por recorrer a Kostof (1991, cit. Shane, 2005:19), “As cidades são lugares onde uma certa população enérgica de pessoas toma o lugar. Isto não tem nada que ver com tamanho ou números absolutos: tem que ver com a densidade do povoamento.”²⁹ Esta vertente de densidade é enfatizada por Kostof, e como vemos agora, por Shane³⁰, de que uma cidade é o “ponto de concentração máxima para o poder e cultura de uma comunidade”³¹ (cit. Shane, 2005:22).

²⁸ A autora refere que para os EUA definiu-se então “o termo técnico SMSA (Standard Metropolitan Statistical Area, ou Área Estatística Metropolitana Padrão), definida como uma cidade central com pelo menos 50 000 habitantes e as suas comunidades circundantes que mantenham um elevado grau de integração política e económica com o centro” (Ellin, 1999:272). Em relação a Lisboa, o limite do seu Concelho, com o qual coincide, definirá o que é o seu limite, pelo menos administrativamente. No entanto, repare-se também, dentro do tipo de exemplos anterior, na variedade de conceitos para fins estatísticos em relação a Lisboa para além da autarquia, como por exemplo: Área Metropolitana de Lisboa, Lisboa Cidade Estatística, NUTS (Nomenclatura das Unidades territoriais para Fins Estatísticos), Grande Lisboa.

²⁹ “Cities are places where a certain energized crowding of people takes place. This is nothing to do with absolute size or with absolute numbers: it has to do with settlement density.”

³⁰ Afirmação que, Segundo Kostof (1991:37) será original de L. Mumford (“The Culture of Cities”, Harcourt Brace & Co., 1938)

³¹ “The point of maximum concentration for the power and culture of a community.”

Shane (2005) continua recorrendo a Kostof (1991) para esta análise, enfatizando que “as cidades não são estáticas, são “organismos” que crescem em padrões particulares em resposta a condições específicas, mudando ao longo dos tempos” (p.24), e que desde sempre as cidades se organizam por redes, procedendo a trocas de diversos tipos, mesmo na Europa da Antiguidade Clássica. Estas actuam assim “como um foco de energias, um ‘motor’ ou bomba económica regional” (p.22-23). Assim, cada cidade está ligada às zonas que lhe são anexas (hinterlands) por fortes relações e delas retira energia. Para este autor a cidade é pois um pólo de atracção com funções especializadas e populações diversas, inserido numa rede urbana maior, onde funciona como um nó (Shane 2005:22-24).

Por esta análise que faz à “lista dos recursos urbanos especializados de Kostof”, acompanhada de outra análise aos “Cinco Livros da Architectura” de Serlio (1537), e outra ainda, terminológica e etimológica, Shane afirma que “podemos concluir que uma “cidade”, pelo menos no contexto europeu, é uma estrutura organizacional, complexa e comprimida, que se relaciona com uma região suburbana e com uma rede de sistemas de troca de longa distância³².” (Shane, 2005:26)

A partir deste autor, poderemos observar que a cidade, desde a sua origem definida por oposição ao campo, é um lugar concreto, fisicamente definido, mas que sempre resultou de um processo contínuo e dinâmico. Com efeito, este lugar define-se em grande parte pela sua dinâmica, por concentrar pessoas, pela sua energia e actividades relativas aos recursos, também físicos, que gere e que lhe pertencem. Depende assim das suas funções e desempenho, do uso e das dinâmicas que permite, as quais fixa e pelas quais esse mesmo lugar é fixado. É isso mesmo, repare-se, que também está representado nos frescos de Lorenzetti. De facto, uma cidade sem pessoas é outra coisa, é uma cidade-fantasma, abandonada.

Note-se ainda que essas funções, desempenhos e dinâmicas, como já abordámos, não se confinam aos seus limites físicos. Segundo o que expõe este autor, com efeito, a cidade desde sempre terá sido um ponto de contacto de uma dinâmica de relacionamentos e de fluxos, entre a região que a circunda e a rede composta por outras cidades e na qual se insere.

Cidade, centro, poder, coexistência e partilha

Para Broadbent (1990:4-5) haveria quatro coisas que faziam a cidade possível:

³² A “city”, at least in the European setting, is a complex, compressed, organizational structure that relates to a large local hinterland and a network of long-distance trading systems. P26

- A separação da área construída da envolvente do campo, eventualmente por muralhas;
- O desenvolvimento da irrigação para agricultura mais intensa;
- O desenvolvimento de estruturas de poder que controlavam a vida urbana, normalmente por reis e sacerdotes;
- O desenvolvimento de manufacturas e ofícios especializados, que serviam também para o comércio fora da cidade.

Parece-nos ser fácil admitir que, do ponto de vista objectivo e funcional, uma cidade, tal como as povoações em geral, é ainda hoje um lugar onde se fixa uma concentração de pessoas para aí unir esforços e partilhar mão-de-obra, assim como outros recursos que se encontram no local, sejam eles naturais ou construídos.

Criam-se assim as condições que permitem uma maior especialização de tarefas, assim como de uma maior evolução tecnológica. No entanto, também Lynch considera que, com a cidade, consolidou-se também a estratificação da sociedade, a propriedade e a sua distribuição desigual. (Lynch, 2010:11).

Embora se estejam a referir sobretudo à formação mais recente das mega-cidades, que adiante abordaremos, também para Borja e Castells, “as aglomerações urbanas são o resultado do processo de crescimento económico e demográfico que levou a população a concentrar-se aí, onde as actividades e as expectativas são maiores, ou seja, nas cidades, e sobretudo nas grandes cidades, criando desta forma graves problemas de desequilíbrio territorial e social” (Borja e Castells, 1997:283-284).

Shane (2005) detalha que “a cidade é um lugar de actores com desempenhos e papéis diversos, e logo a sua riqueza não é equitativamente dividida. Ao albergarem diversas populações, a sua dinâmica interior é instável. (...) A cidade funciona como atractor de habitantes de uma região maior, ao oferecer bens especializados e serviços menos disponíveis noutro sítio” (p22-23). Assim, para este autor “a cidade é ‘comprimida’ ou ‘pressurizada’ no sentido em que atrai pessoas e actividades do campo circundante, apertando-os num espaço relativamente pequeno. O resultado é uma sociedade altamente estratificada, cuja energia e diversidade emergem da mistura das suas diversas vidas. A pressão aí inerente cria forças e fracturas ou padrões de organização que canalizam diversos fluxos, quer materiais, quer intangíveis, através da cidade. (p26)

Lynch (2010) reconhece a cidade como meio para o exercício do poder, ao definir os modelos de cidade segundo o que seriam os ideais dos seus actores. Sobre isto, também Cerasi é peremptório ao afirmar que “qualquer classe social que ascenda ao poder impõe unidade na cidade” (Cerasi, 1990:107).

Shane corrobora este raciocínio ainda com outro, ao referir que “a pressão da coexistência e da hierarquia torna também necessária a existência de instituições urbanas que estruturam e gerem a cidade, bem como da escrita e do registo, seja para a lei, seja para estabelecer o título de propriedade.” Segundo este autor, os “actores urbanos” criam “áreas de memória e armazenamento”, “encarregues de manter as memórias e códigos de actividade essenciais à identidade, organização, e estabilidade de uma dada organização urbana” e “pensados para ser estáticos, resistentes ao progresso”. É o grupo onde o autor inclui os “monumentos, bibliotecas, arquivos”, “memoriais” e outras “assinaturas simbólicas”, “importante para a noção de lugar e continuidade de uma comunidade”, que “dão à cidade um aspecto atemporal, uma dimensão ‘diacrónica’” (Shane, 2005:24-25).

Aqui evidencia-se a questão da importância da preservação da memória para a identidade de uma sociedade, assim como da monumentalização da cidade. Aqui evidencia-se também a importância do papel da arte pública, no entanto, pela sua necessária profundidade, não vamos agora abordar este tema³³. E, torna-se também óbvio que a cidade é um importante constituinte da identidade da sociedade que a habita, quer pelo seu todo, quer por ser o contentor de lugares de memória e fixação de experiências, que depois abordaremos mais aprofundadamente (cf. 5.1.5).

Mas com mais esta referência julgamos que é possível compreender que a construção da cidade traduz o poder e o que mais nela estiver instituído, conforme já seria até possível perceber a partir do que anteriormente expusemos. Cidade e poder estão assim estreitamente ligados, uma é construída e funciona regulada através do outro, servindo para, simultaneamente, sua ostentação, exercício e proveito.

É certo que grandes cidades, fortemente dominadas por um centro onde se encontram os maiores e mais monumentais edifícios, expõem de forma evidente a organização da sociedade a que pertence ou pertenceu. Fica-nos, no entanto, alguma reserva em universalizar a organização hierárquica e

³³ É, aliás, um tema profusamente abordado e de vários modos, dos quais referimos os textos fundamentais de Antoni Remesar (1997, 1998, 1999, entre outros); também Nuria Ricart (2009) sistematiza uma reflexão neste tema necessária para a investigação que desenvolve e que abordaremos mais adiante.

estratificada para todas as sociedades, assim como assumir o princípio que só desse modo se constrói uma cidade, ou, pelo menos, uma povoação.

Evolução e grande crescimento das cidades

A partir do que enunciam os autores por nós consultados (Broadbent, 1990, Lynch, 2010; Ellin, 1999; Shane, 2005; Borja e Castells, 1997), podemos concluir que, para a investigação que se apresenta, o percurso da evolução das cidades, semelhante ao da História humana, se constitui pelos principais marcos que a seguir enunciamos.

As primeiras cidades (as concentrações de edificação com uma envergadura e organização coincidentes com esse conceito) terão surgido entre 8000 e 6000 a.C. na região que os manuais de História denominam de Crescente Fértil, o “berço da civilização”, a qual se refere aos grandes rios Jordão, Tigre, Eufrates e Nilo do Próximo Oriente (ou seja, leste da Anatólia, as antigas Fenícia, Mesopotâmia e Suméria, e o Egipto).

Durante muitos séculos não terá havido na cidade alterações tão significativas como as que ocorreram na Revolução Industrial, não só ao nível do seu conceito, como também pelo crescimento acelerado que teve nessa altura. É então que as muralhas, que entretanto se tornam obsoletas na sua função defensiva, são definitivamente transpostas, desaparecendo com elas os limites marcados da cidade. A par disso, a grande evolução tecnológica e a industrialização generalizada, também ocorridas nessa altura, efectivaram profundas transformações na construção, funcionamento e uso da cidade.

A seguir à Segunda Guerra Mundial há de novo um grande crescimento das cidades, mas esta época, de grande reconstrução, traz igualmente grandes transformações, onde se marcam duas características principais. A primeira será o grande recurso aos princípios do urbanismo do Movimento Modernista, baseado nas zonas monofuncionais ligadas por transportes, onde é assim dado lugar a um grande protagonismo do transporte rodoviário privado. A segunda característica é o grande “alastramento urbano³⁴”, o grande crescimento dos subúrbios, nos quais milhões de cidadãos pelo mundo fora vivem em torno das cidades centrais, para onde todos os dias confluem para trabalhar e para a aceder a grande parte dos serviços e equipamentos.

O último grande marco de transformação das cidades é aquele que deriva da grande evolução das tecnologias de informação e comunicação, cujas consequências ainda são por vezes objecto de especulação já que neste momento ainda está a decorrer. Esta fase da evolução adiciona-se aos

³⁴ Traduzindo do ingles “urban sprawl”

fenómenos da época anterior, provocando novas grandes transformações na cidade. Para além disso, possibilita fenómenos inéditos como a globalização, os quais vão por sua vez incidir também na cidade.

Broadbent (1990) refere que, segundo alguns autores, como Leinberger e Lockwood (1986, cit. Broadbent, 1990), o alastramento urbano do pós-guerra foi apenas uma fase de transição entre a cidade tradicional compacta e a actual área metropolitana (p342). Seja como for, para Broadbent é evidente que o “protótipo de cidade do futuro” mudou de Nova Iorque para Los Angeles ou Houston (p340).

Broadbent refere as cinco razões sintetizadas também por Leinberger e Lockwood para o crescimento do que denomina como “cidades instantâneas” (que para outros autores que aqui referimos denominam como o que traduzimos para cidades-orla), onde as primeiras quatro são primeiramente causas do alastramento urbano (p342):

1. Mudança da base da economia, da indústria para a os serviços e indústrias baseadas no conhecimento, onde predominam os computadores, as quais não precisam de afastamento das outras zonas;
2. Crescimento do transporte rodoviário em detrimento dos comboios, já não sendo preciso ir para a estação, andando à volta das cidades em vez de dentro e fora;
3. Evolução das telecomunicações;
4. Custo das casas mais baratos nas periferias do que nos centros. Preços dos terrenos mais baratos também para as empresas, poupando, por exemplo, em silo-autos para os empregados.
5. Menor distância (e tempo de viagem) entre as zonas da periferia do que para os centros.

Deste modo, uma grande actividade económica cresceu nos subúrbios e tornou-se crítica, fazendo com que a ideia da área metropolitana em torno de um centro já não domine. Devemos pensar, exorta este autor, em policentros e numa realidade urbana na qual a antiga cidade é apenas um dos centros (Broadbent, 1990:342).

Como consequência, segundo Broadbent teremos como principais características deste tipo de cidade um crescimento maior nos subúrbios do que na cidade central, uma organização por áreas especializadas ligadas por auto-estradas, uma construção de baixa densidade (e altura), pouca noção do conjunto do espaço urbano, já que, na sua maioria, os empreendimentos desenvolveram-

se com pouca consideração pelos prédios vizinhos ou pelos espaços que medeiam, uma separação por áreas também dos grupos sociais, e finalmente, uma predominância do quotidiano dos seus habitantes, nesses subúrbios, não só na habitação, mas também no lazer e no trabalho (Broadbent, 1990:342-344).

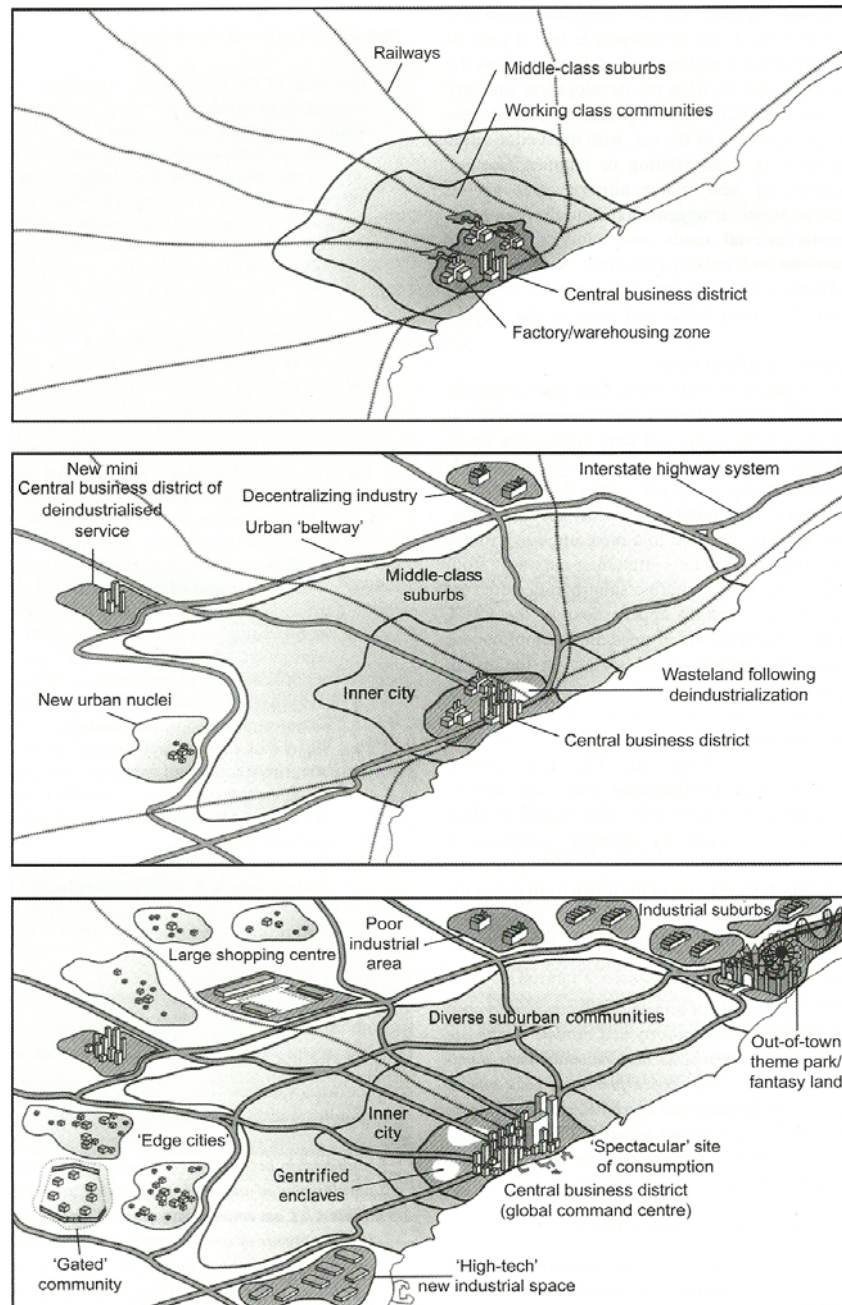


Figura6: "Transições na forma da cidade", a cidade clássica industrial (1850-1945), a cidade 'fordista' (1945-1973) e a 'pós-fordista' (após 1975) (elaborado por Knox, Pinch, 2000, cit. Carmona et al. 2010:30)

Cidades-orla

Segundo Borja e Castells, a transformação da estrutura espacial das actuais cidades passará também pelo seu crescimento (mais precisamente, do espaço urbanizado, já que estes autores distinguem claramente o que é cidade e o que é urbanização) numa extensão sem precedentes, a par da sua fragmentação, tanto do tecido urbano como dos grupos sociais que a constituem (Borja e Castells, 1997:49-67).

Esta dispersão da cidade decorre da minimização do papel da continuidade territorial e da maximização da importância das redes de comunicações, tanto em linha telefónica com em transporte terrestre. Deste modo, enquanto se desertificam as áreas rurais, o mesmo sucede com os centros urbanos, já que são os subúrbios que se consolidam. É o caso da formação a que actualmente se assiste, ainda que por enquanto se trate de um fenómeno sobretudo norte-americano das “cidades-orla”³⁵ (Borja e Castells, 1997:55-56).

Nan Ellin (1999) refere, com efeito, que a partir dos anos 80 terá havido nos EUA um favorecimento à urbanização nos limites das cidades que levou à formação das “cidades exteriores”, “vilas urbanas”, “cidades-orla”. Estas urbanizações acabam de facto por rivalizar com o centro da cidade tradicional ou mesmo com as cidades em torno das quais se formam, já que, através dos acessos por vias rápidas, as zonas residenciais ligam-se a centros de negócios, frequentemente ligados à alta tecnologia, a centros comerciais, estacionamento em redor, e por vezes espaços públicos exteriores. Ellin sublinha que, mais do que serem simples subúrbios dependentes dos centros das cidades originais, tratam-se mesmo de cidades que têm ganho atributos urbanos. E, inversamente, por sua vez, as cidades centrais têm ganho atributos suburbanos, referindo o exemplo do surgimento de restaurantes de fast-food, centros comerciais e cinemas tipo suburbano nos bairros residenciais de classe média. (Ellin, 1999:105).

As cidades e a evolução dos meios de comunicação

Os actuais meios de comunicação e de informação também levarão a uma predominância dos espaços de fluxos sobre o espaço dos lugares, já que teremos entrado na denominada “sociedade de fluxos” (Castells, 2002).

A “cidade informacional” de Castells (2002) será organizada segundo o “espaço de fluxos”, pelo que “a ênfase na interactividade entre os lugares rompe os padrões espaciais de comportamento

³⁵ No original destes autores “ciudad-orilla”, os quais utilizaram a expressão original “edge-city” de Joel Garreau (1991, cit. Borja e Castells, 1997)

numa rede fluida de intercâmbios que forma a base para o surgimento de um novo tipo de espaço, o espaço de fluxos” (p.520). “A ‘centralidade em casa’ (pelo trabalho e administração de serviços) é uma tendência importante da nova sociedade. Não significa o fim da cidade, pois os locais de trabalho, as escolas, os complexos médicos, os postos de atendimento ao consumidor, áreas recreativas, ruas comerciais, centros comerciais, estádios desportivos e parques ainda existem e continuarão a existir. Os indivíduos deslocar-se-ão entre todos estes lugares com uma mobilidade crescente, devido à flexibilidade recém-conquistada pelos sistemas de trabalho e integração social em redes: como o tempo fica mais flexível, os lugares tornam-se mais singulares à medida que as pessoas circulam entre eles num padrão cada vez mais móvel” (p.519). Esta individualização do espaço e do tempo é aliás, como veremos a seguir, um assunto que também Ascher (2007) vai abordar sob o ponto de vista do seu impacto no urbanismo das cidades.

Tratar-se-á de uma sociedade na qual a base material de todos os processos está feita de fluxos, na qual o poder e a riqueza estão organizados em redes globais por onde circulam fluxos de informação, por nós estratégicos de produção e gestão. Esses fluxos são assimétricos e expressam relações de poder. “Mas mais importante que fluxos de poder é o poder dos fluxos: dos financeiros, dos de tecnologia, dos de criação de imagem, dos de informação” (Borja e Castells, 1997:29-30).

Essa lógica não é a única forma espacial nas nossas sociedades, mas a dominante. Face a ela, continua a existir, conforme foi a regra ao longo da história, o espaço dos lugares, como forma territorial de organização do quotidiano e da experiência da grande maioria dos seres humanos. Mas enquanto o espaço de fluxos está globalmente integrado, o espaço dos lugares está localmente fragmentado (Borja e Castells, 1997:66-67).

As cidades e a globalização

A evolução da cidade que temos vindo a analisar poderá estar mais evidente no contexto norte-americano, sobretudo sob a forma de cidade-orla que vimos atrás. No entanto, esta evolução tem-se generalizado, pelo que, de um modo mais ou menos vincado, se verifica também em cidades de outros países. De facto, e no seguimento do que vimos anteriormente com Castells (2002), para Borja e Castells “as cidades e sociedades de todo o mundo estão experimentando neste fim de século XX uma profunda transformação histórica estrutural. No centro da dita transformação encontra-se uma revolução tecnológica, organizada em torno das tecnologias de informação” (1997:21). Segundo estes autores, estarão a ocorrer um “conjunto de processos de informacionalização-globalização, característicos da nossa época histórica”, dos quais deriva uma

“transformação das estruturas produtivas industriais e de serviços, [que] conduzem a uma profunda transformação da estrutura espacial urbana (1997:49).

Os autores enfatizam que, de facto, estamos perante uma época única e sem precedentes, distinguindo a actual “economia global” da anterior “economia mundial” que consideram existir desde o séc. XVI, ou da “economia internacionalizada”, já que na actual economia “as actividades estrategicamente dominantes funcionam como unidade ao nível planetário, em tempo real ou potencialmente real” (Borja e Castells, 1997:24).

Os autores ressaltam que “nem toda a actividade económica ou cultural no mundo é global, mas as actividades estratégicas dominantes, em todos os níveis, estão organizadas em redes globais de decisão e intercâmbio” (Borja e Castells, 1997:21). Para além disso, “as transformações históricas em curso não se limitam aos âmbitos tecnológico e económico: afectam também a cultura, a comunicação e as instituições políticas, num sistema interdependente de relações sociais” (Borja e Castells, 1997:28).

Reflectindo sobre o papel das cidades, Borja e Castells apontam que, ao contrário do que foi várias vezes previsto “as cidades não desaparecerão com a evolução tecnológica, nem mesmo com a melhoria dos meios de comunicação” (Borja e Castells, 1997:41-42), pelo contrário, “de certo modo, o destino da humanidade joga-se nas áreas urbanas e, sobretudo, nas grandes metrópoles (Borja e Castells, 1997:22). E, acrescentamos nós, talvez também aí se joga o destino da humanidade pelos problemas de sustentabilidade que das grandes metrópoles decorrem.

Para estes autores, com efeito “a combinação de dispersão espacial e integração global criou um novo papel estratégico para as grandes cidades”. Recorrendo a Sassen (1991, cit. Borja e Castells, 1997), enunciam assim quatro novas formas pelas quais estas cidades funcionam agora, para além da sua ampla história como centros de comércio e finanças internacionais que enumeramos aqui (Borja e Castells, 1997:41-42):

1. Como novos pontos de chefia da organização da economia mundial, altamente concentrados (já que a este nível se manterá a necessidade do contacto pessoal, apesar da evolução das telecomunicações, para além dos valores imobiliários envolvidos nas sedes das empresas em questão);

2. Como localizações-chave para as finanças e firmas de serviços especializados (pela existência de um meio favorável, com o acesso a mão-de-obra imediata e flexível e os serviços de empresas fornecedoras, dada a sua concentração local nessas cidades);
3. Como lugares de produção, incluindo a produção de inovação nestes sectores avançados (junto aos grandes centros direccionais existe toda uma grande periferia, constituída a partir de uma rede dispersa, articulada na gestão de serviços (dos fornecedores) onde se efectuam um tipo de serviços relativos aos centros, por vezes avançados, mas sobretudo actividades rotineiras, que utilizam mão-de-obra pouco qualificada e, sobretudo, mal remunerada);
4. Como mercados para os produtos e inovações produzidos (já que as grandes cidades oferecem as melhores oportunidades para o desenvolvimento das pessoas, desde a educação dos filhos ao acesso à cultura e à diversão, assim como a proximidade dos centros de poder e dos centros de prestígio social).

Deste modo, Borja e Castells, prevêm que “apesar dos problemas sociais, urbanos e ambientais da excessiva concentração urbana, as mega-cidades crescem, e continuarão crescendo, tanto na sua dimensão como na sua capacidade de atracção para a localização de funções de alto nível e para os grupos sociais mais favorecidos e instruídos (Borja e Castells, 1997:53). As cidades continuarão assim a crescer, permitimo-nos acrescentar, tanto pelo nível de vida que proporcionam às classes mais favorecidas, como pelo que prometem às menos favorecidas.

As megacidades, conforme sublinham estes autores, não se definem tanto pelo gigantesco aglomerado de seres humanos que serão, mas sobretudo por serem “nós da economia global e das nações mais poderosas”, concentrando no seu território as funções superiores de direcção, produção e gestão do planeta, os centros de poder político, o controlo dos meios de comunicação e a capacidade simbólica de criação e difusão das mensagens dominantes (Borja e Castells, 1997:50). Ou seja, tal como ancestralmente, as cidades continuam a concentrar o poder, para o que actualizam deste modo as suas vertentes.

Adicionalmente, “As megacidades crescerão ainda mais em domínio funcional, no seu poder social e na concentração de população e actividades porque se auto-alimentam, de forma acumulativa, com tudo o que de valioso têm as suas sociedades e o planeta no seu conjunto” (Borja e Castells, 1997:54). Ou seja, manter-se-á assim a génese da cidade em termos funcionais, do seu domínio sobre o território que a circunda, para além do perímetro onde se inscreve a sua construção, só que de um modo e dimensões inéditos.

Borja e Castells culminam com este raciocínio afirmando que “a cidade global não é Nova Iorque, Londres ou Tóquio, embora estes sejam os centros de chefia mais importantes. A cidade global é uma rede de nós urbanos de diferentes níveis e com distintas funções que se estende por todo o planeta e que funciona como centro nervoso da nova economia, e num sistema interactivo de geometria variável à qual empresas e cidades devem constantemente adaptar-se de forma flexível. O sistema urbano global é uma rede, não uma pirâmide, e a relação mutável dessa rede determina, em boa medida, a sorte de cidades e cidadãos (1997:43).

Conforme vimos atrás com Shane (2005), desde sempre que coube a uma cidade esta dupla função, por um lado, de “bomba” ou “motor” económico regional em relação ao território mais próximo que a circunda, e por outro, de nó de uma rede composta por várias outras cidades. Trata-se, contudo, e mais uma vez, de um contexto e uma dimensão sem precedentes.

Diluição de limites

O acentuado crescimento das cidades após a Segunda Guerra Mundial, ou, mais concretamente, do aumento de território edificado em torno das cidades centrais iniciais, contribui em grande medida para a dificuldade da definição de cidade que atrás já referimos. Ellin (1999:271-272) refere várias propostas de muitos autores, para novas designações segundo as novas características de uma área urbanizada com uma extensão sem precedentes.

Para além disso, trata-se de uma urbanização nem sempre contínua, e cujas referências são cada vez mais ténues e mais remotas. Por essa razão, Ellin aponta que, com efeito, o espaço fechado das cidades antigas transformou-se no que Lefebvre (1974, cit. Ellin, 1999) chamou de “espaço abstracto”, onde o lugar se tornou inconsequente, generalizado, indiferenciado, indeterminado e indefinido. A autora refere também que, conforme afirmou Ingersoll (1992, cit. Ellin, 1999), não é a cidade que está a desaparecer, mas o subúrbio, uma vez que tudo se está a tornar urbano. Recorda ainda Bennett Berger (1960, cit. Ellin, 1999), que considera que estamos a criar “uma civilização urbana sem cidades” (Ellin, 1999:272-273). Analisaremos, aliás, mais adiante e com mais detalhe, esta distinção entre urbanização e cidade, conforme o fazem Borja e Castells (1997).

Desde a analogia do “ovo mexido” para o modelo para o qual poderá tender a cidade actual, de Cedric Price (2003, cit. Shane, 2005:71), ao surgimento e autonomia crescente das cidades-orla (Borja, Castells, 1997; Ellin, 1999; Shane, 2005), assim como à suburbanização da cidade e à

urbanização dos subúrbios (Ellin, 1999:105)³⁶, cremos que será possível, de facto, constatar uma junção, combinação ou confluência da cidade com o subúrbio, pelo que se está a perder distinção entre os dois.

Ellin ainda refere F. Choay, que propõe o termo “pós-urbano” de H.G. Wells para descrever a nossa condição actual, dizendo que “este termo permitirá que possamos libertar o nosso imaginário da grande cidade de grandes conjuntos, nascido num tempo em que a tecnologia e a economia exigiam concentração” (Choay, 1970, cit. Ellin, 1999:272).

Contudo, esta afirmação faz-nos reflectir que, com efeito, a origem da cidade pertence a uma época em que havia outras limitações e características, relativas à sociedade de então, as quais terão, sem dúvida, moldado a cidade e o seu conceito. No entanto, se foram gigantescas as alterações em várias vertentes que a sociedade sofreu desde aí, como por exemplo na sua tecnologia, já no conceito de cidade, assim como na sua concepção, essas alterações não terão sido tão profundas.

Em nota final sobre esta questão da redefinição de cidade, Ellin refere que “em relação a definir a cidade, um consenso entre cientistas sociais urbanos deixou de prevalecer. Desde os anos 1960 que tenderam a definir as cidades de um modo deliberadamente vago, como sendo conjuntos nos quais certas características surgem em conjunto, mas nem todas ocorrem em todos os casos. Do mesmo modo, historiadores urbanos e da arquitectura, teóricos e críticos também têm tido aversão em definir a cidade. Não surpreende, pois, que os designers urbanos – arquitectos e urbanistas – se debatam com a questão de como definir a tela sobre a qual trabalham.” (Ellin, 1999:274).

Para além disso, não deixamos de referir ainda o alerta de Ellin: “Se a cidade se redefine, também o processo de crescimento urbano – ou urbanização – e o estilo de vida dos habitantes da cidade – ou o urbanismo – devem também ser redefinidos” (Ellin, 1999:272)³⁷.

Modelos de cidade, sua evolução e dinâmica

Uma cidade poderá ser concebida, imaginada e construída de vários modos e por várias razões. No entanto, Kostof (1991:43) enuncia dois tipos de cidade distintos: o primeiro é o da cidade planeada ou desenhada ou “criada”, que é definida de uma vez e o seu padrão é estabelecido e controlado por

³⁶ “Estas cidades [orla] têm ganho atributos urbanos, e do mesmo modo as cidades centrais têm ganho atributos suburbanos, como restaurantes de fast-food, centros comerciais e cinemas tipo suburbano, assim como bairros residenciais de classe média.”

³⁷ “If the city is redefined, so the process of urban growth – or urbanization – and the lifestyle of city-dwellers – or urbanism – must also be redefined.”

uma entidade; ou outro é a “cidade espontânea”, que “cresceu ao acaso”, não planeada, e orgânica. Também Broadbent (1990:5) considera que, quanto à sua concepção física, as cidades e partes das cidades cresceram de duas formas. A primeira é a mais natural, que Broadbent considera que foi descrita por Alexander (1964, cit. Broadbent, 1990), onde as pessoas simplesmente começam a construir. E há o modo artificial, em que existe um plano principal; na sua preparação são dispostas as ruas, praças e quarteirões, onde os edifícios são colocados de acordo com o senso de ordem do planeador.

Estes dois tipos de crescimento têm co-existido ao longo da História, ainda que nela tenham havido períodos e sociedades nos quais predominou um deles (Broadbent, 1990). Por aqui se demonstra que é de facto errado pensar que um modelo é mais evoluído que o outro.

No âmbito desta investigação não faria sentido uma abordagem detalhada à evolução do urbanismo e planeamento da cidade. Para os objectivos que nos propusemos, a que David Graham Shane (2005) apresenta pareceu-nos a mais adequada e útil. Não será eventualmente tão descritiva como outras abordagens, apresenta até um certo anacronismo, no entanto julgamos que se baseia num percurso histórico que será aceite pela maioria dos autores que fazem uma exposição da evolução da cidade planeada, como nos parece que sucederia, por exemplo com Broadbent (1990).

Shane (2005) parte dos modelos conceptuais de cidade de Lynch (2010), os quais se referem à evolução do modo de conceber e planear a cidade. Essa abordagem parece-nos interessante e pertinente para esta investigação, porque utiliza uma perspectiva da dinâmica do seu uso e relacionamento com o cidadão para daí ser possível perceber alguma da sua evolução. Para além disso, dá-nos algumas indicações para as tendências, perigos e vantagens a ter em consideração para a cidade actual. Pareceu-nos também uma abordagem bastante completa, já que Shane relaciona ainda estes modelos com propostas posteriores de outros autores.

Lynch descreve as suas três teorias normativas, ou modelos, da cidade, ou seja, “conjuntos coerentes de ideias sobre a forma própria da cidade e as suas razões”. São estes a “Cidade da Fé”, ou a cidade cósmica, enquanto centro cerimonial e sagrado, a “Cidade como Máquina”, ou a cidade enquanto máquina para viver, e a “Cidade como Organismo”, ou “Cidade Ecológica”³⁸ (Shane 2005:26-27).

³⁸ No original, “City of Faith”, “City as a Machine” e “City as an Organism”, ou “Ecological City”

Estes modelos sucedem-se através da história numa mesma cidade, podendo ser nela detectados por sobreposição ou por contiguidade. Trata-se de simplificações, que procuram representar o que seria a teoria de cidade do actor dominante em questão, deduzindo o que poderia ser uma cidade se esses actores de cada época tivessem poder absoluto. Resultado do seu poder, seja ele directo ou catalítico, e agindo segundo a lógica dos seus ideais, a cidade seria assim formada segundo essa imagem e as suas teorias normativas, estruturando e organizando a partir daí as relações da cidade e as suas actividades (Shane, 2005:30-40) .

Na “Cidade da Fé”, predomina uma “praça central, que representa o crescimento da cidade como uma série relativamente estável de anéis concêntricos, que se expandem a partir de uma única praça (marketplace) numa planície agrícola. Esta rede auto-organizativa possuía um único centro ou atractor, formando à sua volta um sistema hierárquico de aglomeração” (Shane 2005:28).

Originalmente, este modelo de cidade definir-se-ia segundo regras mágicas, cósmicas ou sagradas, as quais determinariam não só o seu desenho como condicionariam o modo de viver e o quotidiano dos seus habitantes. Shane refere várias cidades do mundo que poderão conter partes mais antigas que servirão de exemplo para este modelo (ver Tabela). No entanto, Shane generaliza mais, referindo que a cidade da fé é a cidade pré-moderna, o que permite incluir muitas cidades importantes pré-industriais, organizadas não apenas em torno dos aspectos mágicos ou sagrados. Shane (2005: 42-43)

A “Cidade como Máquina” advém “do colapso do sistema de praça central (...) (que) resulta da introdução de um sistema de produção industrial” (Shane, 2005:29). “O fluxo é particularmente importante, pelo que há ligações físicas entre as partes separadas pela industrialização” (Shane 2005:43). “A teoria por detrás deste modelo é que a cidade é um sistema de partes mecânicas que interagem numa rede, não são ligadas a nenhum lugar em particular” (Shane 2005:46).

Todos os aspectos da “Cidade como Máquina”, refere Lynch, são “frios, matemáticos, sistematicamente previsíveis.” (Shane 2005:48). Efectivamente, neste modelo é incorporada a essência modernista, expressa pela Carta de Atenas de 1933 (Le Corbusier, 1973, cit. Shane, 2005), de segregação de funções por zonas, de regras simples de combinação, repetição e ligação, e que viria a servir para várias cidades dos EUA do pós-guerra (Shane, 2005:46).

Na “Cidade Orgânica”, “Lynch refere-se a ideias de Walter Isard (1956, cit. Shane, 2005) e Jay Forrester (1969, cit. Shane, 2005), que puseram em hipótese que as decisões sobre o local para as

instalações industriais e outros elementos urbanos são tomadas por actores a funcionar em redes de vários centros. Enquanto as distâncias aumentam e o sistema desenvolve múltiplos e instáveis pontos de equilíbrio, as redes de comunicação tornam-se importantes. Os sub-centros crescem e combinam-se, formando um sistema complexo e auto-organizativo. Estes sistemas multi-centrados têm longa tradição na teoria do planeamento”, para o que Shane dá o exemplo, de “Garden Cities of Tomorrow”, de Ebenezer Howard (Shane 2005:29).

De seguida, Shane (2005:71-73) refere o trabalho de Cedric Price, o qual se baseia também nos três modelos referidos de Lynch, para os utilizar como ferramentas de diagnóstico no seu trabalho posterior. No seu projecto “Taskforce” de 1982, Cedric faz um desenvolvimento dos três referidos modelos, utilizando as metáforas de três tipos de ovos cozinhados, o cozido, o estrelado e o mexido³⁹. Cada uma destas analogias, cremos, contribui para a caracterização dos modelos iniciais de cidade de Lynch, distinguindo cada “padrão de relações, de organização da cidade, distribuição de controlo e poder”.⁴⁰

Para Price, o “ovo cozido” será o plano da cidade pré-moderna: um único centro, como a gema, nas primeiras cidades europeias, um núcleo rodeado por uma estrutura de suporte concêntrica e separada do exterior pela casca, ou seja, a muralha. Aqui foca-se também a relação entre servidores (clara) e servidos (gema). Os “Young Planners” chamaram a este padrão a “Archi Città”, em italiano, a cidade inicial, sendo uma cidade separada do campo, com um centro bem definido e onde distâncias percorríveis a pé dominam a vida quotidiana e as relações (Shane 2005:71-72).

O segundo padrão de Price era o “ovo estrelado”. O cozinheiro tem que partir a casca e a cidade espalha-se para os subúrbios. A gema torna-se uma bolha densa e dourada, diferenciada da clara que se espraia como uma ameba em torno deste único centro. A suburbanização diferencia a cidade em núcleo económico e periferia residencial. Os “Young Planners” denominam este padrão como “Cine Città”, referindo-se ao Kíinema grego, que significa movimento. Segundo estes autores, a cidade da revolução industrial perde os seus limites definidos e flui para o campo, mas mantém o seu centro bem definido e talvez maior. É o mundo dos fluxos físicos de pessoas e bens, que aumenta a velocidade e diminui o tempo, reduzindo o tamanho do espaço, do globo. É a realidade de redes físicas sem fronteiras, com os seus próprios padrões e leis, um mundo não apenas povoado

³⁹ Nas versões originais, “hard-boiled egg”, “fried egg” e “scrambled egg”

⁴⁰ Shane refere ainda que em 2001, na conferência “Young Planners” em 2001 na Holanda, a International Society of City and Regional Planners adaptou estas analogias do ovo cozinhado para a era da informação, as quais descreveu a par do referido conjunto de metáforas.

por cosmopolitas, homens de negócios e turistas, mas também por emigrantes e refugiados (Shane 2005:72).

O terceiro padrão de Price é o “ovo mexido”, a cidade em rede. Seguindo a “cidade ecológica” de Lynch, é um modelo policêntrico. O cozinheiro mistura a gema privilegiada e junta um líquido (leite) para produzir um sistema combinado sem diferenciações entre o centro e o limite. A cidade correspondente no outro conjunto é a “Tele-città”, sendo “tele” a referência à comunicação à distância. É uma cidade com muitos centros espalhados pela área urbana, sem hierarquia tradicional; cidade e campo fundem-se no tapete da metrópole. A distância não tem expressão na vida quotidiana, dadas as tecnologias de informação. A realidade tem um tempo atemporal e um espaço sem distância (Shane 2005:72).

Modelos de Lynch	Metáforas de Cedric	Adapt. “Young Planners”	Exemplos	Ideais e motivos	Tipo de estrutura	Elementos dominantes
“Cidade da Fé”	“Ovo cozido”	“Archicittà”	Cidades antigas de Pequim, Quioto, Roma	Pré-moderno; o sagrado e o cósmico; a permanência	Organização concêntrica, segundo centro dominante; limites da cidade bem definidos	Enclave
“Cidade como máquina”	“Ovo estrelado”	“Cinecittà”	Diversas cidades americanas do pós-guerra	Moderno; o funcional; o movimento	Organização pela ligação de centros dominantes; clara distinção entre centro definido e dominante e arredores indefinidos	Armação
A cidade orgânica	“Ovo mexido”	“Telecittà”	Garden Cities	Pós-moderno; as telecomunicações	Múltiplos e híbridos centros. A cidade em rede; limites indefinidos	heterotopia

Tabela 4: Sistematização das características dos modelos de cidade apresentados por Shane (2005) (elaborada pelo autor)

Shane sublinha que os três modelos de “Città” correspondem à progressiva desintegração do centro: na Archi Città haverá 3 estádios, o pré-moderno, o medieval, e o renascentista e barroco, todos segundo um centro; na Cine Città haveria a cidade moderna, reformista, industrial e confusa, com a dinâmica do binário dos ricos e pobres; a cidade em rede terá múltiplos e híbridos centros. (Shane, 2005:175).

Podemos constatar que se trata de uma abordagem à evolução dos modelos de planeamento da cidade, mas que observam sobretudo o ideal de uso e de dinâmica que os actores atribuíram à cidade, e não tanto a sua forma concreta. Devemos também ter em mente que ela se confina à dimensão conceptual da cidade e do seu planeamento, conforme aliás o autor expressa devidamente. A par dessa dimensão, recordamemo-nos, qualquer cidade mais antiga contém no seu

tecido urbano uma parte que foi construída de um modo não planeado, pelo menos conforme isso se hoje concebe.

Assim, parece-nos que situar cronologicamente com precisão os modelos em questão é difícil, e quando tentamos fazê-lo logo percebemos que estaremos a incorrer num erro, como aliás sucederá na maior parte das aplicações dos conceitos e ideais à realidade. Por exemplo, cidades medievais portuguesas, portanto, anteriores à época modernista e industrial, poderiam conter mais do que uma praça central, ou seja, mais do que um espaço vago alargado cercado de edifícios, e a cada um era atribuído um desempenho para a cidade. Haveria, com efeito, a praça central, frente aos edifícios institucionais importantes e/ou igrejas, mas também o terreiro ou rossio, mais amplo, e menos estruturado, situado mais perifericamente, o adro, dedicado à igreja, e ainda o largo, de menor dimensão do que praça, e que poderia tanto conter um equipamento, como por exemplo uma fonte ou um forno (Madeira, 2001). Apesar da estreita malha urbana da restante cidade e da pressão da construção intra-muros, estes espaços eram criados e mantinham-se como lugar alargado para acolher mais habitantes, traduzindo assim a importância de diferentes funções e utilizações dos quais surgiram (Madeira, 2001; Paio, 2001).

Desde os tempos mais remotos que cidades se organizam segundo razões pragmáticas e objectivas, segundo o seu funcionamento, ou por condicionamentos como a configuração topográfica do sítio que ocupam. O relevo do terreno em questão determinará diversos e óbvios condicionamentos, não apenas para a edificação, recorde-se, mas já previamente, na génese da sua ocupação humana, ao conformar os seus atravessamentos segundo os incómodos e obstáculos que lhes colocou.

Na mesma lógica, a água, a sua configuração, dinâmica, e consequente utilização, são decisivas. O aproveitamento e a utilização da água para os diversos fins, como seja para beber, para as manufacturas de curtumes e tingimento de tecidos, ou para a defesa supunha uma organização que teria uma influência decisiva na configuração – espacial e não só – da cidade (Guillermé, 1983). Consequentemente, diversas razões práticas e de funcionalidade determinaram em várias cidades o surgimento e a disposição do largo do poço ou da fonte, da praça do antigo hospital ou do terreiro da feira.

Do mesmo modo, cremos que haverá que relativizar a atribuição da organização da cidade por zonas especializadas em funções à “Cidade como Máquina” e apenas a partir da revolução industrial. A referida organização da cidade, gerada pela gestão dos recursos naturais, como é o caso da água, define também zonamentos, referentes mesmo a actividades industriais (Guillermé,

1983). A cidade antiga não poderia configurar-se, assim, apenas pela determinação da magia e da religião, havendo muitos factores externos, como os condicionantes da sua envolvente, e internos, como a organização funcional e social.

Também deveremos ter as devidas precauções em aceitar, “tout court”, que estes modelos tenham uma sequência cronológica. Seja como for, estes conjuntos de modelos indicam-nos que na estrutura da cidade, ou pelo menos nos modelos que orientam o seu planeamento, será possível notar uma tendência para uma perda de predominância de um centro, em torno do qual toda a cidade se organiza. Esta proposta indica-nos também que estaremos eventualmente numa situação de redefinição da estrutura da cidade, já que o centro deixou aí de ser protagonista, conceptual e factualmente, ou pelo menos o centro tradicional conforme o concebemos ainda hoje.

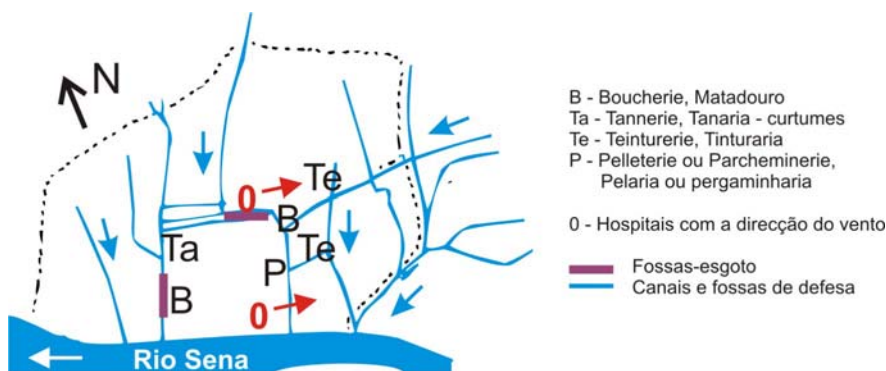


Figura7: Ruão cerca de 1250 (adapt. Guillerme, 1983). Este autor demonstra-nos a influência da água na configuração da cidade medieval da Bacia do rio Sena através da localização dos diversos equipamentos e actividades afins, a qual era determinada também segundo o seu impacto na cidade, no sistema dos canais, fossos e rios e a interdependência entre os mesmos.

O modelo de Lynch para a Cidade Orgânica ou Ecológica, para além de ser ideal e teórico como os restantes, é ainda uma proposta para o futuro, pelo que mais adiante a abordaremos mais detalhadamente, juntamente com outras propostas de outros autores para o futuro da cidade. Contudo, em muitas cidades (ou partes dela) construídas mais recentemente, poderá talvez encontrar-se algumas evocações deste modelo.

As cidades-orla, algumas cidades americanas, algumas cidades periféricas europeias apresentam, conforme descrevem Shane (2005), Ellin (1999), e Borja e Castells (1997), uma estrutura e dispersão pelo território, com uma indefinição e autonomia em relação ao centro, que as poderá aproximar da analogia ovo mexido. “Ao descrever a sua própria sociedade ideal no último capítulo da ‘Boa Forma da Cidade’, [Lynch] constrói um modelo de ‘paisagem desordenada’⁴¹” (Shane, 2005:33).

⁴¹ No original “muddled landscape”

Contudo, pelo que descreve e analisa Shane (2005), poderemos observar que este último modelo proposto por Lynch, na sua essência, é muito diferente do que encontramos nas referidas possíveis aproximações, já que nestas últimas persiste o princípio modernista, conforme Ellin (1999) esclarece, dos zonamentos do território urbanizado, o que não sucederá com o modelo de Lynch.

Teremos então uma configuração dessas cidades onde está ausente um centro estruturante e onde existe uma grande dispersão pelo território, juntamente com uma forte demarcação no território de zonas monofuncionais. Daqui resultará um tipo de usufruto específico por parte dos seus habitantes, a partir do qual Borja e Castells (1997) fazem a distinção entre urbanização e cidade conforme a seguir descrevemos.

Urbanização e cidade

Brandão (2005:117), recorrendo a Soria y Puig (1996, cit. Brandão, 2005), refere que “Cerdà fixou no nosso léxico os vocábulos: “urbe” (uma ideia de conjunto que é independente da magnitude ou concentração do edificado, antes vincando a noção de entreaajuda ou complementaridade funcional); “urbano” (para lá da realidade física construída e do conceito social de Cidade, abarca em si o conceito de sistema de organização da vida na urbe) e “urbanização” (fazer urbano, o que não o era), isto é, um conceito a um tempo culturalista e progressista, de “cultivo do urbano”.

Aqui está a definição de urbe que é preciso lembrar para o conceito da cidade, a base da necessidade da entreaajuda ou complementaridade funcional. Aliás, também Brandão recorda “A República” de Platão citando a frase “Pois bem, comecei eu, a cidade nasce, em minha opinião, por dar-se a circunstância de que nenhum de nós se basta a si mesmo, senão que necessita de muitas coisas” (2005:153).

É esta definição que funda a cidade; e também o seu espaço público, ou colectivo, já que neste se encontra originalmente muita dessa entreaajuda e complementaridade. E com esse fundamento na entreaajuda – e por consequência, na partilha de recursos – também se produz todo o seu equipamento para o melhor proveito e usufruto desse espaço, equipamento esse que mais tarde se vem a instituir, já segundo a lógica da cidade burguesa e industrial, em mobiliário urbano.

Cabe por isso recordar Borja e Castells, que estabelecem uma clara distinção entre urbanização e cidade. Afirmam, com efeito, que “o mundo tende para a urbanização generalizada”, mas que “esta urbanização é tanto criadora como destruidora da cidade”. Porque, esclarecem os autores, “urbanização não é cidade. Ou não é cidade para todos” (1997:363).

Estes autores prescrevem pois “o direito à cidade” como um dos “princípios ou grandes objectivos em relação à cidade”, o qual será “o reconhecimento deste direito a todas as populações que vivem processos de urbanização.” Por esta afirmação poderemos concluir que o primeiro conceito é relativo ao local onde se exerce a cidadania, enquanto o segundo se refere ao território construído, ao campo transformado. Os autores detalham ainda que “o exercício deste direito inclui habitação digna e não precária, bairro com serviços básicos e socialmente valorizado, articulação com o conjunto da cidade e mobilidade que torne as centralidades acessíveis, possibilidades de emprego e formação adequada para a inserção social e igualdade política e jurídica de todos os habitantes (residentes-usuários)” (Borja e Castells, 1997:366).

Borja e Muixi (2001) reforçam este conceito desenvolvendo que “a cidade é simultaneamente, historicamente e hoje, *urbe*, *civitas* e *polis*.” Esclarecem que a “*urbe* é aglomeração humana, território definido [embora cada vez mais dificilmente, como também vimos], densidade demográfica e diversidade social e funcional” (p105). Para a *civitas*, ou a urbanidade, os autores ressaltam a caracterização do território que decorre da “forte continuidade física e relacional e uma grande diversidade de actividades e funções”, onde é fundamental o convívio, a tolerância e a heterogeneidade para o comportamento comum (p107). A *polis*, por sua vez, é “o lugar do poder, da participação e da representação nas instituições, e também de oposição ao poder e das mudanças no poder” (p109). Julgamos evidenciar-se, nesta análise da cidade segundo estes autores, uma vertente de referência geográfica e territorial, com uma componente física muito mais predominante, uma vertente decorrente sobretudo da dinâmica das relações e dos usos, e uma outra, política.

Por estas afirmações, todos estes autores levam-nos a reflectir que, para que exista a cidade, teremos que ir mais além da urbanização, ainda que esta possa ser considerada como a sua “base”. Esse conceito de cidade dependerá sobretudo do acesso (de todos os cidadãos) à habitação e aos serviços básicos que proporcionem qualidade de vida. Ou seja, se pudermos considerar que a urbanização é sobretudo construção e materialização de recursos (ainda que, no conceito de urbanização definido pelos autores, os recursos em questão não sejam suficientes), a cidade depende do acesso efectivo a esses recursos, e do seu uso e usufruto.

Efectivamente, mais do que da sua produção (da sua materialização, construção, edificação, fabrico), a cidade dependerá sempre do seu desempenho, do seu uso e usufruto, da sua vitalidade e da energia dos seus habitantes, conforme até já vimos. Assim, sendo, a cidade construída poderá ser a cidade em potência, mas a cidade efectiva é a cidade usufruída; mais do que algo definitivo,

permanente, instituído e ‘assente’, a cidade é então, sobretudo o momento ou ocasião desse usufruto.

Poderemos mesmo ainda ir mais além nesta linha de raciocínio, deduzindo que a cidade não só é esse momento, como ainda que o cidadão, o utilizador que usufrui, tem um papel determinante nesse conceito.

Surge-nos assim, como observação final, que poderá ser possível distinguir a cidade feita e a cidade usada:

- Uma, instituída, decorre do poder que nela predomina, materializando-o e representando-o, é a cidade que se cristaliza, virada para o futuro, para a eternização, para perdurar, é a cidade estática, a cidade em potência;
- Outra, que não se institui, decorre do seu uso, do quotidiano, da leitura e interpretação dos seus cidadãos, é a cidade do presente, da dinâmica do momento. É a cidade que se efectiva.

A complexidade e a dinâmica de constante mudança da cidade

Podemos então afirmar, sem qualquer dúvida que sem os seus habitantes uma cidade não faz sentido; pelo contrário, deverá ser concebida segundo a relação daqueles com esta. “Todo o cidadão possui numerosas relações com algumas partes da sua cidade e a sua imagem está impregnada de memórias e significações.” (P11). Inclusivamente, Lynch considera que as pessoas “são tão importantes como as partes físicas e imóveis. Não somos apenas observadores deste espectáculo, mas sim uma parte activa dele, participando com os outros num mesmo palco.” (p11-12)

É de facto com esta lógica que Borja e Castells encontram motivos para expor toda a problemática da globalização nas cidades (1997). Em conclusão, enfatizam mesmo que “as pessoas fizeram um pedaço de cidade com o seu trabalho e a sua vida quotidiana”. Assim, para estes autores a cidade pode ser produtora de sentido, “pode contribuir para reconstruir o sentido da vida, tanto dos indivíduos como dos grupos” (p364).

Enric Pol (2002) também cita Lynch (1990) para lembrar que a cidade é mais do que uma mera organização do território; acima de tudo a cidade é, de facto, uma entidade social, que liga os habitantes à sua envolvente, reforçando a identidade do grupo e do indivíduo. Considera-se então a cidade como sendo o que contém os relacionamentos entre essas pessoas e delas com o espaço que

as envolve, também conforme a perspectiva de Lynch (1990), de Borja (2000) ou de Borja e Muixí (2001).

Porém, também Kevin Lynch nos diz que “A cidade não é apenas um objecto perceptível (e talvez apreciado) por milhões de pessoas das mais variadas classes sociais e pelos mais variados tipos de personalidades, mas é um produto de muitos construtores que constantemente modificam a estrutura por razões particulares.” Este autor recorda-nos, com efeito, que “não existe um resultado final, mas somente uma contínua sucessão de fases.” (Lynch, 1990:12).

Na mesma linha de pensamento, Shane também assinala que “em vez de produzir planos acabados e congelados no tempo, os planeadores passaram a analisar as situações de mudança em sistemas complexos e auto-organizáveis, sem uma fase final, perfeita e acabada.” E assim, reconhece que a disciplina de planeamento tem tido recentemente profundas alterações, dado que as cidades passaram a ser vistas como ‘sistemas complexos’, com a sua distribuição espacial dos elementos materiais, sendo estes ‘um sub-conjunto físico’ entre ‘muitas outras classes de sistemas’ que igualmente poderão ser importantes para o actor-projectista” (Shane, 2005:28).

Há também outros autores que se referem à cidade como um sistema⁴² ou um conjunto de sistemas. No entanto, será de reflectir se de facto poderemos encarar uma cidade actual sequer como um conjunto de sistemas, já que por vezes ela nos parece mais apenas um ajuntamento de sistemas: cada um funciona fechado em si, cada um tem a sua finalidade, nem todos os elementos interagem entre si, é muito difícil definir limites exactos e, acima de tudo, é muito difícil definir o propósito e a finalidade de uma cidade, já que eles serão quase sempre inúmeros.

As várias dificuldades com que actualmente nos defrontamos relativamente à cidade, desde a sua gestão à sua percepção e o seu uso, passando até pelas questões da sua sustentabilidade, poderão estar relacionadas com o facto de os seus elementos, os cidadãos e não só, não a encontrarem devidamente organizada como sistema ou conjunto de sistemas, ou pelo menos porque não a conseguem determinar como tal. Por vezes não há sequer objectivos e propósitos claros que orientem uma estratégia global evidente para todos e que tenha objectivos e finalidades bem definidos para solucionar os actuais problemas da cidade e que a todos interessam.

⁴² Sistema é uma agregação de elementos organizados numa estrutura (normalmente hierárquica) para atingir os objectivos do sistema (para os quais ele foi definido) (Czaja, Nair, 2006). Todos os sistemas têm as seguintes características: interacção de elementos, estrutura, propósito, finalidade, entradas (inputs), saídas (outputs) e limite (que separa os seus elementos do exterior).

Seja como for, podemos aceitar que a cidade é algo muito complexo sob vários pontos de vista, de difícil determinação, para o que contribui em grande parte a sua grande dinâmica e a permanente mudança, sobretudo como sucede actualmente. Para isso contribui também a sua sujeição a um grande número e diversidade de factores, entre os quais se destacam a existência dos vários actores ou intervenientes, sejam eles da cidade que se constrói e materializa, sejam eles os que a usam e percebem.

3.1.2. Espaço público e mobiliário urbano

Não é fácil, como vimos, definir uma cidade, quer do ponto de vista conceptual, quer pelos seus próprios cidadãos, sobretudo na época em que vivemos. Provavelmente, até há pouco tempo qualquer um de nós, sem hesitar, perante essa questão evocaria sobretudo a densidade de edificação, “os prédios”, assim como o espaço que se preservou entre os mesmos, “as ruas e as praças”. São de facto estas as coisas que se encontram numa dimensão mais perceptível e concreta, numa escala mais próxima de nós e do nosso quotidiano na cidade, e que conseguimos mais facilmente indicar.

Talvez esse consenso já não seja tão unívoco com anteriormente, a par do que sucede com a cidade. No entanto, diríamos que ainda hoje para muitos imaginar uma cidade sem ruas ou praças continua a ser impossível. Parece-nos que, deste par – prédios e o espaço entre eles –, aquilo que é construído tem tido mais consideração (a definição legal de cidade que consta na lei portuguesa espelha bem isso, repare-se ao que ela se refere), mas o facto é que – e continuando a falar dentro do chamado senso comum, da tal maioria – todos reconheceremos que esses espaços são parte integrante da cidade e que lhe são indispensáveis, conforme aqui também procuraremos demonstrar.

Definições e conceitos

A partir de uma primeira reflexão efectuada (Valente Pereira, 2002), podemos começar por referir que no actual conceito ainda predominante de cidade haverá, com efeito, não só a edificação (e o espaço que ela contém, que se encontra sob o seu tecto), mas também o espaço que envolve os edifícios. Não faz sentido, de facto, pensar num sem considerar o outro. Fisicamente (e talvez por oposição aos edifícios), esse espaço terá como características principais, em primeiro lugar, aquelas que o definem como tal, ou seja, ser livre, ser vazio de corpos (construções, objectos ou outra coisa), porque é o lugar em potência da acção ou de um corpo.

Apesar de ser constituído pelas ruas, praças, largos, avenidas, etc., no contexto da cidade, este espaço tem ainda a característica de ser contínuo e uno. A sua origem estará relacionada com a dependência do acesso dos diversos fluxos aos edifícios, primeiro dos seus habitantes, e com eles (pelo menos deseja-se) o ar, sol, água, alimentos, os esgotos, a electricidade, o telefone, etc., num número crescente que abordaremos a seguir. Mas essa continuidade é também indispensável porque estes fluxos (pelo menos, dos habitantes) funcionam principalmente segundo uma dinâmica bastante complexa de ligações múltiplas com várias origens e destinos (com algumas excepções evidentes, como a luz do sol!), dentro e fora da cidade.

No entanto, este espaço urbano e contínuo desempenha para a cidade e os seus habitantes outros papéis pelo menos tão importantes como esta sua função de meio de circulação dos seus vários fluxos, mesmo sendo alguns deles vitais. Antes de mais, e recordando a vertente atrás enunciada da união de esforços e mão-de-obra para exploração dos recursos naturais que funda a cidade, devemos ter em conta que é esse espaço, de uso comum, que permitirá o acesso também comum aos referidos recursos naturais. É o caso, por exemplo, do poço, ou de uma fonte, que se encontra no centro de um largo para acesso de todos.

Para além disso, o espaço colectivo poderá ser lugar de encontro da população não só para o acesso a esse tipo de recursos, poderá albergar eventos também colectivos e outros usos, de natureza diversa mas igualmente essenciais para a sociedade. Como consequência, trata-se de um espaço com grande visibilidade, assim como lugar de encontro dos habitantes. Poderemos assim desde já perceber que este espaço colectivo urbano, por natureza, é um elemento essencial para a sociedade a que pertence a cidade (Borja, 1998, 2000; Borja e Muixí, 2001), ao ser, por exemplo, lugar de relação e identificação, de contacto entre as pessoas, de animação urbana, por vezes de expressão comunitária (Borja e Muixí, 2001:46-49)⁴³.

Devemos então ter em conta que este espaço, para circulação dos seus habitantes e também para seu acesso aos recursos e equipamentos de uso colectivo, assim como para conter eventos colectivos, será utilizado por um grande número de pessoas. Esta utilização por um grande número de pessoas poderá ser em simultâneo ou não, conforme a necessidade do uso, o que nos indica desde já algumas características físicas do mesmo, nomeadamente a existência de áreas suficientemente grandes para poderem conter uma grande quantidade de gente.

⁴³ Na realidade, estes autores referem-se ao espaço público, conceito mais contemporâneo e que aprofundaremos a seguir, mas parece-nos, de facto, que estes atributos precedem o conceito mais contemporâneo.

Por outro lado, vimos já que, segundo vários autores, há uma interdependência entre cidade e poder, uma é construída, funciona e é regulada através do outro, servindo para, simultaneamente, sua ostentação, exercício e proveito. Ora, pelo uso que tem, ao ser o lugar de passagem e também permanência para tantos, ao ser parte do quotidiano de quase todos os cidadãos, este espaço colectivo é também, por natureza, o lugar do exercício e de ostentação, e também de confirmação do poder, seja ele democrático ou não. E logo, por consequência, o espaço colectivo é também por vezes lugar de contestação desse poder. Portanto, o espaço colectivo da cidade é palco da política, mesmo hoje, em que outros meios mais recentes o suplantaram em muitas funções de comunicação e informação.

Este espaço, colectivo, urbano e aberto, tem assim uma importância única para a cidade e respectiva sociedade, sob vários aspectos. E o seu valor depende da preservação das várias características, nomeadamente a sua continuidade e unidade. Neste sentido, incide sobre ele o poder e a sua política, não só pelo uso que dele é feito conforme referimos no parágrafo anterior, mas também pela sua concepção, construção, administração e regulação de que, de facto, depende directamente.

Maurice Cerasi (1990) considera que “o espaço colectivo de uma cidade pode ser definido como o sistema unitário de espaços e de edifícios englobados no território urbanizado que têm uma incidência sobre a vida colectiva, que definem um uso comum para muitos extractos da população e que constituem a sede e os lugares da sua experiência colectiva. O conceito é uma pura convenção: o espaço colectivo não existe como facto físico unitário e reconhecível (...), cobre mais uma série de atribuições de usos do que uma relação de elementos físicos facilmente classificáveis” (p87)⁴⁴.

Como podemos constatar, este autor está aqui a considerar um sistema definido fundamentalmente por diversas atribuições para com a cidade e os usos comuns dos seus habitantes, e não tanto pela sua configuração física. Mas este conceito obriga o autor a incluir também os edifícios que tenham o mesmo desempenho, conforme enuncia. Este sistema torna-se assim muito mais abrangente, e definitivamente abstracto; a sua unidade e continuidade mantém-se, tal como vimos com o das ruas e praças, mas não do mesmo modo físico e formal.

⁴⁴ A obra “Lo spazio collettivo della città”, de 1976, da qual consultámos a edição da tradução para castelhano, é o resultado de uma profunda e complexa reflexão que em muitos aspectos se revelou ainda importante e pertinente para esta investigação.

Pelo que vimos atrás, a indefinição dos limites e os fenómenos de suburbanização mais recentes tornam bastante difícil concretizar o que é o “território urbanizado”. Para além disso, uma cidade sempre dependeu da região ou do território no qual se encontra, não é de modo nenhum fechada em si mesma e autónoma, até porque também se inclui numa rede composta por outras cidades com as quais efectua diversas trocas, ficando também difícil circunscrever o que incide ao certo na vida colectiva. Assim sendo, no extremo, este sistema torna-se não só abstracto, mas infinito, ultrapassando em muito a cidade, definindo-se apenas por contraste dos sistemas e coisas que sejam exteriores à vida e à experiência colectivas (e urbanas) e ao uso comum, sendo que esta separação também pode ser difícil.

Parece-nos que é a inclusão dos edifícios neste sistema que torna este conceito mais inalcançável. De facto, os edifícios contêm espaços, podendo esse ser também lugar de usos, acções e eventos colectivos e comuns, mas a sua existência significa a separação desse espaço do exterior que o rodeia, independentemente do modo como isso se efectiva. Assim, esse espaço fará parte desse sistema (e não tanto o edifício em si, repare-se), mas um sistema composto por essas partes será uno e contínuo de um modo conceptual, mas não o será *de facto*.

No decurso desta exposição estreitaremos o âmbito da investigação, mas para já delimitamos que nos interessa sobretudo abordar o espaço da cidade que se define como contínuo e uno, percebido como tal, sobretudo por quem o usa. Esta é de facto a vertente que nos interessa, concreta, perceptível e mais próxima do cidadão, o conjunto e a continuidade dos “espaços abertos” que constitui o espaço colectivo de Cerasi (1990:88).

3.1.3. Usos do espaço colectivo

Podemos então considerar que a cidade e o seu espaço colectivo, conforme aqui o estamos a definir, são intrínsecos um do outro, a cidade, muito mais do que um conjunto de edifícios, define-se pela existência do conjunto de espaços que entre eles se interliga. Acima de tudo, repare-se, define-se pela actividade que aí sucede, pelo uso que a sua população faz dele. Assim sendo, torna-se fundamental determinar que usos são esses, para afinal determinar o espaço colectivo da cidade, e mesmo a própria cidade, pelo menos segundo este ponto de vista.

Vimos já a importância que o espaço colectivo tem para os fluxos da cidade, a sua circulação e os diversos usos que daí resultam. Vimos também que esses fluxos podem existir entre vários pontos,

dentro e fora da cidade, assim como de pontos que se situam dentro do próprio espaço colectivo. O espaço colectivo não é assim apenas lugar de passagem, mas também lugar de partida ou destino desses fluxos. E alguns desses pontos são singulares e únicos na cidade, razão pela qual se encontram nesse espaço. Deste modo, o espaço colectivo não só é essencial para a cidade porque nele se efectuam os fluxos que lhe são vitais, mas também por que contém recursos igualmente essenciais.

Para além disso, vários seriam os usos de permanência que originalmente se efectuariam no espaço colectivo das cidades e que não chegaram aos dias de hoje. Na continuação desta reflexão que temos vindo a efectuar sobre os conceitos de cidade, espaço público e mobiliário urbano, e sobretudo na vertente dos desafios que actualmente enfrentam, pareceu-nos fundamental determinar que usos seriam esses.

Usos de permanência

Várias são as descrições e referências às antigas actividades de comércio nas cidades, a par das diversas profissões e manufacturas que eram desempenhadas nas lojas e à vista de todos aqueles que passavam na rua, ou até mesmo a céu aberto quando a isso obrigavam. Nas ruas e praças faziam-se ainda grande parte dos abastecimentos (pelo menos, para grande parte da população), tanto aqueles que decorriam destas actividades e do seu comércio, como outros que dependiam de um equipamento de uso colectivo, como é o caso da água e seus chafarizes, fontes ou poços. Para além disso, nas ruas e praças ocorreriam também muitos outros e diversos eventos sociais, não apenas para lazer, entretenimento e distracção, mas também outros, como aqueles relativos à justiça, ou simplesmente ao uso do poder, como os julgamentos ou mesmo as execuções.

Muitas seriam, com efeito, as actividades que seria possível encontrar antigamente no espaço colectivo, como sucederia, por exemplo, em Lisboa (Couto, 2003; Moita, 1994, Caetano, 2004).

A Rua Nova dos Ferros ou Nova dos Mercadores (denominação que mudava conforme o troço), era o principal sítio do intenso comércio da época de expansão marítima do séc. XVI, não só nas lojas que aí havia, e certamente nas galerias, como mesmo na rua, onde ocorreriam os principais negócios, no que depois veio a ser a Bolsa de Lisboa: “O troço correspondente à Rua dos Ferros e ao Pelourinho Velho funcionava como Casa da Contratação e Bolsa do Comércio, onde se decidiam os preços e as cotações que regulavam o comércio mundial” (Moita, 1994:159). Aí se encontrava um recinto demarcado por ferros, certamente para esse uso, mas que não seria mais do que hoje denominaremos de pilaretes. A rua era, podemos assim concluir, lugar possível para todo



Figura8: Simulação da Rua Nova dos Ferros de Lisboa antes de 1755, onde podemos ver a cercadura em ferro que deu o nome a esta artéria e que delimitava o local para a Bolsa (Um projecto do Museu da Cidade, retirado de <http://www.museudacidade.pt/Lisboa/3D-lisboa1755/Paginas/default.aspx/> em 9/2011).

o tipo comércio, não só o mais comum e quotidiano, mas também o que hoje pertence ao nível de uma Bolsa de Valores.

Também actividades de manufactura de produtos e transformação de matérias-primas poderiam ocorrer no espaço colectivo, mesmo algumas de maior dimensão. Uma vez que também os conceitos de higiene e de segurança eram outros, parece-nos ser simples admitir que várias profissões e actividades usariam o espaço colectivo como local de trabalho, expondo-se assim à vista de todos e contribuindo para o quadro do buliço da cidade. Exemplo disso seria a Cordoaria, o fabrico de cordas e cabos para a construção naval, uma importante indústria para os descobrimentos portugueses. Esta actividade terá tido inicialmente lugar na colina de S. Francisco, onde seria efectuada a céu aberto, no espaço que seria a rua que depois veio a ganhar o nome de “Cordoaria Velha”. Só posteriormente, quando surgiu a Cordoaria Nova, ainda na década de 30 do séc. XVI, é que esta actividade se passa a efectuar então dentro de um edifício, entre a muralha e o Convento de S. Francisco, logo a sul da Porta de S. Catarina (Caetano, 2004).

De reparar ainda no que sucederia com o tipo de eventos relacionados com o exercício da justiça, das diversas actividades civis, ou simplesmente de demonstração e exercício do poder. Já vimos que se trata de um uso que estará intimamente ligado à fundação do espaço colectivo. Para além disso, como veremos, está também relacionado com a conceptualização contemporânea do espaço público, o qual terá tido como importante factor a ideia Neoclássica e Iluminista da ágora grega e do fórum romano da Antiguidade.

De qualquer modo, os tribunais nos largos, os pelourinhos, os castigos e as execuções, os ajuntamentos com discursos e até com votações de mão no ar, várias eram as actividades deste tipo que estão intimamente relacionadas com a origem do espaço colectivo e que de algum modo persistiram ao longo do tempo.

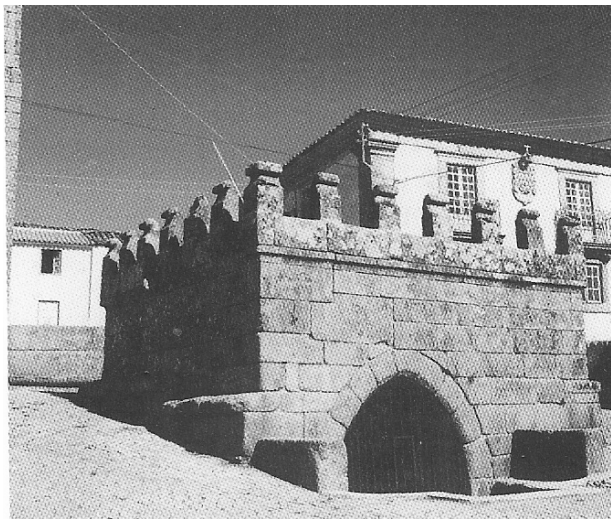


Figura 9 e Figura 10: "Foro" em Aguiar da Beira (Amaral, Santa Bárbara, 2002, fotos de 1968)

Muitos são, por exemplo, os pelourinhos que encontramos ainda hoje em várias cidades, vilas e aldeias de Portugal e que testemunham esse tipo de uso. Localizados quase sempre na praça do Paço do Concelho, não só eram um símbolo, como ainda hoje, do poder local e a autonomia do Concelho, como eram também o equipamento para o exercício efectivo desse poder, já que aí se castigavam os condenados pelo tribunal local.

Para além disso, mesmo este tribunal, como sucedeu em Linhares da Beira (Abrantes, 1998), também ele próprio poderia funcionar nessa mesma praça do Paço do Concelho. Consequentemente, para os tribunais existiam também equipamentos próprios aí implantados, um “foro”, onde os juizes, sentados de modo bem visível, decidiam os diversos assuntos para que eram chamados.

Trata-se de eventos efectivamente colectivos, que se pretendiam ‘públicos’, tanto para que justiça fosse feita, como para que fosse dado o exemplo do castigo aos prevaricadores. Sucediavam assim à vista de todos, na “praça pública”, em espaço colectivo aberto.

As ruas, praças e rossios também seriam o sítio de boa parte das actividades de ócio e de tempos livres. Ou, pelo menos, sê-lo-iam muito mais frequentemente do que hoje, apesar de nos parecer

mais difícil encontrar uma quantidade deste tipo de actividades comparável à actual, pelo menos para a mesma proporção da população, fosse nos espaços colectivos das cidades ou não.

De qualquer modo, vários são os testemunhos, por exemplo, das festas, arraiais e feiras, dos saltimbancos e contadores de histórias, dos músicos, dos jogos, enfim, muitos e variados seriam os acontecimentos, pagos ou não, cuja amplitude poderia chegar à construção de estruturas e recintos temporários que se montavam sobretudo nas praças, largos e rossios, aproveitando diversas ocasiões.

Claro que as ruas e praças seriam também, tal como sucede ainda hoje, o local de permanência para o descanso quotidiano, para a conversa casual e o “ver quem passa”. Toda esta panóplia de acontecimentos e usos permitem-nos supor que, pelo menos para aqueles com menos meios, apesar de tudo, a rua seria, por excelência, um local de distração, descanso e diversão.

Desta forma, e na continuação do que atrás analisámos, poderemos aceitar que o espaço colectivo se funda a partir de diversos usos e actividades que aí têm lugar e que são essenciais à cidade, as quais procuramos sistematizar:

- Lugar de usos relativos aos fluxos, sobretudo enquanto seu canal condutor, dos mais básicos aos dependentes de tecnologias diversas, dos de comunicação aos dos diversos trânsitos;
- Lugar de equipamentos e recursos singulares;
- Lugar do exercício e afirmação do poder, da lei, e consequentemente, da sua contestação, assim como de outras actividades cívicas;
- Lugar de diversas actividades laborais:
 - De manufacturas diversas, de dimensão e complexidade variável;
 - De prestação ou troca de serviços de mão-de-obra mais especializada;
 - De troca e comércio de bens, vindos tanto destas manufacturas, mas também do território circundante ou até mais longínquo, assim como de outras cidades;
- Lugar de actividades recreativas e de ócio;
- Lugar de diversos e frequentes eventos sociais em geral, sejam mais quotidianos, sejam mais extraordinários, que de algum modo contribuem para o reforço da identidade da sociedade em questão.

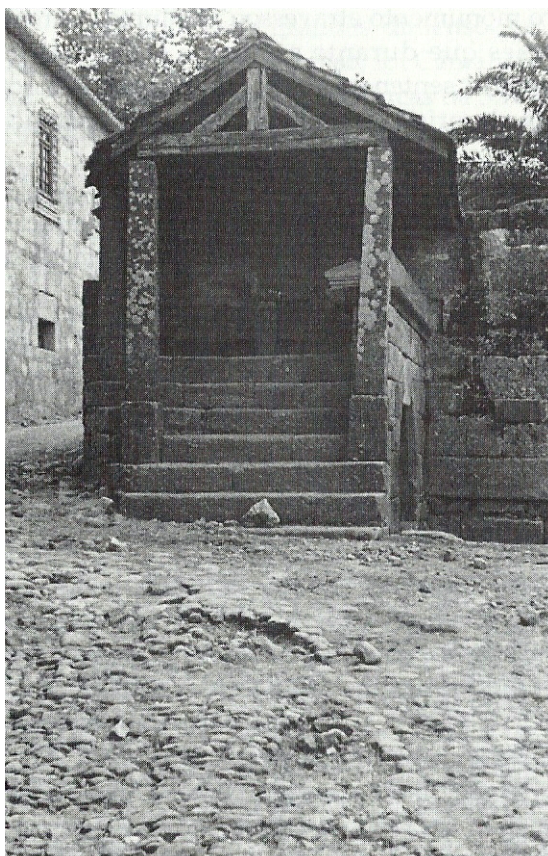


Figura11: "Foro" em Linhares da Beira, actualmente ainda existente, mas já sem a cobertura (foto sem data, Abrantes, 1998:38)

Esta análise demonstra-nos também que o espaço colectivo poderia ser susceptível de apropriação individual, por vezes mesmo de um modo efectivo, o que, segundo os conceitos actuais, poderá ser difícil de compreender. No entanto devemos recordar que só mais recentemente se codifica a relação entre o público e o privado e se institui a propriedade pública (como adiante veremos). Para Cerasi (1990:105), segundo uma observação de Aldo Rossi sobre o uso dos arcadas em Pádua até finais do séc. XVIII, existiria nas cidades um tipo espaços, como este, onde se produziriam “uma convivência de actividades privadas e colectivas”. Seriam assim espaços de transição, que permeiam o espaço individual da casa e o colectivo da rua, e que de algum modo demonstrarão a inexistência das actuais fronteiras entre estes dois espaço tão claramente vincadas como sucede actualmente.

Vários são, com efeito, os relatos e as representações de múltiplos eventos que colocavam os espaços colectivos das ruas, praças, largos e rossios no centro da actividade e da vida da cidade. Haveria assim, em primeiro lugar, para a cidade e para a sociedade, uma maior utilidade do espaço colectivo, ou até mesmo muito maior dependência, pelas diversas utilizações que ele continha. Com estas haveria também uma maior vida dos espaços colectivos, mas essa animação seria

sobretudo uma expressão da sua importância vital para a sua cidade. Seria essa utilidade que, com efeito, garantiria a sua própria existência, através da continuidade e renovação das muitas utilizações que aí se sobrepunham ou sucediam. Teríamos pois, um espaço por natureza contínuo, efectivamente multi-funcional, flexível e que correspondia a diferentes solicitações de diversas utilizações e muitos utilizadores.

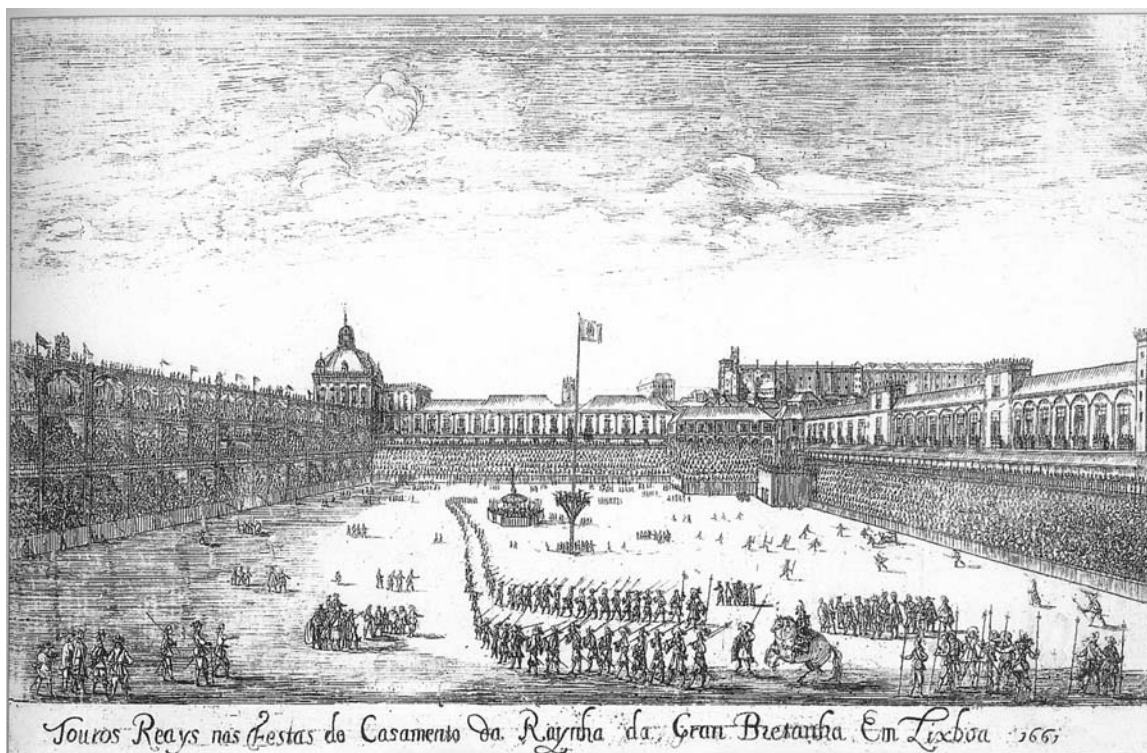


Figura12: Gravura do Terreiro do Paço “Touros Reays nas Festas do Casamento da Raynha da Gran-Bretanha em Lisboa”, de Dirk Stoop, 1661 (Museu da Cidade, Inv. MC GRA 0503, retirado de Fundação Gulbenkian, 2001:45)

Deste modo, a cidade expunha-se no espaço colectivo ao seu habitante muito mais do que actualmente. Nessa lógica, o espaço colectivo seria um elemento indispensável no reconhecimento e identificação da cidade para o seu habitante.

Seja como for, muitas eram as ocasiões – tanto as do quotidiano, como as extraordinárias, quer as boas, quer as más – em que os habitantes usavam o espaço colectivo da cidade a céu aberto. Como resultado, estes espaços seriam assim, poderemos concluir, lugar preponderante da vida da maior parte da população. Seriam, efectivamente, lugar de identidade, de experiências e memória colectiva.

Espaço colectivo e espaço público

Já vimos que a cidade não será anterior ao seu espaço colectivo, dele depende e com ele se constata, mas será anterior à instituição do espaço público, já que isso depende de uma noção jurídica moderna de bem público. Parece-nos assim que, ao fazer uma abordagem à evolução do espaço público com o intuito de determinar os desafios que actualmente enfrenta, torna-se importante considerá-lo também como um resultado da evolução, não só da cidade, mas do seu espaço colectivo.

De um modo geral, é difícil encontrar um consenso sólido sobre o conceito de espaço público, não só pelo “senso comum”, mas mesmo entre autores que abordam especificamente o assunto. Este conceito apresenta aspectos de conciliação difícil não só entre autores de áreas diferentes – porque se trata de facto de um tema inerente a várias disciplinas – como também entre autores da mesma área. É de facto um tema que geraria um debate muito interessante; no entanto, ocuparmo-nos desse debate, nesta investigação, tiraria lugar a outras questões essenciais. Deste modo, passamos desde já para a definição do conceito através de um conjunto de autores que nos pareceu suficiente para constituir uma base consistente para esta abordagem.

A partir da segunda metade do séc. XVIII ocorrem profundas transformações na sociedade ocidental – Europa e algumas das suas colónias, ou ex-colónias – as quais têm naturalmente repercussões no modo de conceber o espaço colectivo das cidades. A partir dos ideais Iluministas e neo-clássicos da época propõem-se princípios que fundam a democracia contemporânea, ou seja de que todos somos iguais e que temos os mesmos direitos. Principal base de inspiração será um ideal (também da época) das sociedades democráticas romana e grega da Antiguidade Clássica, cujo palco principal era o espaço “público” central dessas cidades, a ágora e o fórum.

Com a evolução jurídico-política que a partir daí decorre, consolida-se a noção da “coisa pública”, o que, conforme já visto anteriormente (Caetano, 1991), se define por ser insusceptível de apropriação individual, por satisfazer certa necessidade colectiva e poder existir apenas em direitos de fruição e por não ser delimitada, ao contrário das coisas privadas. Consagram-se assim como públicos (entre outros) o mar, os rios, o subsolo, o espaço aéreo, as redes de estradas e, claro está, o espaço urbano, colectivo e aberto que temos vindo a analisar, a “via pública”, conforme designa a lei.

Nora Rabotnikov (Rabotnikof, 1997), para o par público-privado que assim surge (e referindo-se já a um conceito para além do jurídico relativo ao contexto específico da cidade) enuncia três sentidos existentes e associados, desde a sua origem, a esta dicotomia: o colectivo e o individual; o aberto e

o fechado; o manifesto, visível e o secreto, oculto. Para esta autora, o público será de facto de natureza jurídico-política, mas ligado à metáfora espacial da praça, do ágora e do fórum onde, à luz do dia e na presença de todos (os que a isso tinham direito, acrescentamos nós), se tomavam as decisões. Fica assim, pelo menos segundo esta perspectiva, exposta a íntima relação entre o conceito de “coisa pública” e o espaço público.

Voltando ao que começámos a abordar com Cerasi (1990:89), este autor considera que o espaço público tem o papel protagonista na constituição do espaço colectivo da cidade moderna. No entanto, conforme detalha sobre o que o compõe, o espaço público não coincide com o espaço colectivo, é antes um seu constituinte, reconhecendo que várias actividades que formam o tecido conjuntivo da vida colectiva como o comércio, o tempo livre e a vida cultural, estão dominadas pela iniciativa e pelo capital privado. Acrescenta, aliás, que na cidade ocidental a vida colectiva completa-se em grande parte fora do solo público. Este autor ainda aproveita para referir, por oposição, que boa parte da propriedade pública não faz parte do espaço colectivo, já que se constitui também pelo que designou como “elementos funcionais” especializados e fechados, como será um nó ferroviário, um matadouro ou uma rede subterrânea de serviços⁴⁵.

Pelo que expõe este autor, evidencia-se aqui a questão essencial do espaço público: a coincidência da efectiva possibilidade dos usos colectivos, ou seja, de todos, com a da sua propriedade, pública, ou seja, também de todos. Serão essas as duas propriedades essenciais, as quais terão que ser ambas públicas, relativas, por um lado, à sua materialização, e por outro, ao seu uso.

Esta coincidência do uso com a propriedade terá como principal efeito o acesso ao espaço público ser efectivamente livre, não condicionado segundo qualquer proveito privado e cujo uso não seja alvo de outro interesse que não seja o público.

Os espaços de propriedade privada, por sua vez, quer tenham uso individual, quer tenham uso colectivo, têm sempre um propósito relativo ao seu proprietário, que normalmente é um proveito. É o caso dos “shoppings” ou centros comerciais, o seu uso é de facto colectivo, haverá muitas experiências colectivas que aí podem suceder, mas o acesso dos seus utilizadores tem sempre como fim último o consumo. A lei portuguesa, por exemplo, define o “direito de admissão”, o qual permite que possa ser recusado o acesso a estabelecimentos tais como cafés a quem não manifeste intenção de utilizar ou consumir os serviços aí existentes (DECO, 2011). Ou seja, nesta lógica, ao

⁴⁵ Embora assistamos a uma redução crescente da propriedade pública neste âmbito, o que nos poderá vir a obrigar a procurar outros argumentos para este debate, ou mesmo até mudar todo o seu sentido.

acederemos aos espaços colectivos privados, pelo menos na maior parte das vezes, somos potencialmente ou obrigatoriamente consumidores. De facto, só no espaço público podemos ser unicamente cidadãos.

Voltando à definição de Cerasi, temos ainda, de propriedade pública, aquilo que julgamos poder denominar de espaços especializados. Estes determinam-se por serem dedicados a um uso especializado, e logo, a ser efectuado por um conjunto de utilizadores especiais ou especializados. Consequentemente, o seu acesso poderá ser mais ou menos condicionado a esses utilizadores conforme o “grau” inerente à especialização em questão. Na prática, isto poderá significar que está aqui considerado tanto o espaço cujo acesso acaba por ser igualmente livre, desde que o uso especial o permita, como um espaço usado por um grupo de utilizadores muito restrito. Esta amplitude será de facto muito grande, já que, segundo esta lógica, poderemos aqui considerar vários espaços com grau de especialização ou dedicação também muito variável: os parques infantis, as ciclovias, as auto-estradas, etc.

No entanto, recorde-se que a restrição do seu uso está dependente apenas da compatibilidade da sua especialização com o utilizador candidato, como sejam os aspectos de segurança e de integridade física, e não por outro parâmetro definido pelo seu proprietário segundo os proveitos que ele retiraria desse uso.

Constatamos assim que, entre a propriedade pública e a propriedade privada há uma clara distinção, o que nos permite separar claramente espaço público de espaço privado segundo a perspectiva que apresentamos.

Porém, entre espaços de propriedade pública essa distinção não é vincada pela vertente jurídica. É difícil definir tão claramente uma fronteira entre espaços especializados e não especializados; apenas poderemos comparar o “grau” de especificidade dos seus usos e a consequente exclusão de utilizadores, o que variará entre os espaços que são de tal modo restritos que não se podem de considerar como sendo de uso colectivo, ao espaço público “puro”, absolutamente livre e acessível a todos e para qualquer uso, o que é impossível na realidade, sobretudo na cidade onde o partilhamos com tantos outros.

Teremos assim, na cidade:

- O espaço colectivo, que é o conjunto relativo aos usos e à vida colectiva;
- A propriedade pública, que faz parte do património de todos, independentemente da sua acessibilidade;
- O espaço público, que constitui a propriedade pública, cujo acesso é, por natureza, livre, ou seja, para todos, sem condicionamentos dependentes do proveito para privados. É o que sucede com as ruas, as avenidas, os jardins, as praças, etc.
- Os espaços especializados, de propriedade pública mas com algum condicionamento de acesso pela dedicação a usos especializados;
- Os espaços privados de uso colectivo que, têm um propósito relativo ao seu proprietário, normalmente um proveito. É o caso dos “shoppings” ou centros comerciais, em que o acesso dos seus utilizadores é condicionado, por exemplo, ao consumo.

Convergemos assim para a definição de espaço público enunciada por Borja e Muixí (2001:46)⁴⁶:

“O espaço público é um conceito jurídico: um espaço submetido a uma regulação específica por parte da Administração Pública, proprietário ou que possui o domínio sobre o solo e que garante a acessibilidade para todos fixando as condições de utilização e de instalação de actividades. O espaço público moderno provém da separação formal (legal) entre a propriedade urbana privada (expressa no cadastro e vinculada normalmente ao direito de edificar) e a propriedade pública (o domínio público por sub-rogação normativa ou por aquisição de direito mediante cessação), que normalmente supõe reservar o solo livre de construções (excepto os equipamentos colectivos, infraestruturas de mobilidade, actividades culturais e às vezes comerciais, referentes simbólicos, monumentais, etc.)”

Segundo este ponto de vista, será de facto a vertente jurídica que circunscreve o espaço público, na medida em que se refere não apenas a um uso colectivo e social, mas também que garante o seu acesso livre, segundo os princípios da democracia, e que garante a possibilidade de toda uma vertente fundamental para a sociedade que se define a partir do exercício dos direitos de cidadania, e onde o espaço público, é assim, o local por excelência.

Haverá efectivamente esta vertente jurídica que é actualmente fundamental para o espaço público, uma vez que o preserva e delimita. Precisamente nesta questão da delimitação, Remesar (coord, 2005), que refere também Borja e Muixí, considera ainda que ela deverá ser perceptível por quem nele se encontra, ao considerar que o espaço público, que deve ser “concebido como um todo”, é

⁴⁶ Versão traduzida de Remesar (coord., 2005:22)

“formado pelos elementos morfológicos que são visíveis a partir desses espaços”⁴⁷, englobando, “por um lado a paisagem urbana, e por outro, as fachadas [dos edifícios] que formam uma interface entre o espaço público e privado” (p22).



Figura 13: Tipos de espaço e seu acesso (elaboração do autor)

Com efeito, reconhece-se aqui a importância da vertente de quem percebe e de quem usa o espaço público, referindo-se também que “de uma forma geral, o espaço público é ‘composto, ordenado e mantido’, em função do seu uso e da sua percepção social” (p22).

Torna-se evidente a importância da percepção do espaço público para quem nele se encontra e o usa. No entanto, esta vertente perceptiva poderá desdobrar-se noutras duas, as quais poderão não coincidir em absoluto. Por um lado, teremos o espaço público percebido sensorialmente, segundo uma vertente mais concreta, visível, porventura paisagística. Aqui teremos como característica predominante o facto de se tratar de espaço aberto, a “célula aberta”. Por outro lado, teremos o espaço público enquanto sistema ou conjunto de sistemas, o qual se constata sobretudo pelo somatório das várias vezes em que o seu uso é efectuado, directo ou indirecto, vezes essas que o constituem e que podem pertencer a diferentes contextos físicos. Teremos assim uma vertente sensorial, do espaço físico percebido, e outra do seu uso, que poderá ultrapassar os limites desse quadro sensorial.

Finalmente, tratando-se “de percepção social”, isso significará a necessidade da existência de convergência de percepção, de percepção comum e persistente entre os diversos indivíduos da sociedade em questão.

⁴⁷ Já que aqui os autores consideram o espaço público também como sendo “formado pelo sistema de espaços públicos livres (ruas, praças, jardins, parques, praias, rios, mar)”

Dentro deste raciocínio baseado em Borja e Muixí encontramos também as características para a definição de espaço público que enumera Sofia Águas (2009:53): o de ser geralmente livre de construções, ser uma coisa pública, pertencer à colectividade (em que a noção de apropriação é essencial), permitir a fixação local e global, constituir um suporte fundamental para a identidade, ser regido pelo direito público em oposição aos bens privados regulados pelas regras do direito civil, ser de livre acessibilidade e possibilitar a interacção e a coexistência, permitindo o encontro com o outro e a comunicação.

Por esta lógica, Águas (2009:54) defende que “o que define a natureza do espaço público é o uso e não o estatuto jurídico, o que supõe domínio público, uso social e multifuncionalidade, acessibilidade.” Assim, considera apenas o que é “exterior em contexto urbano”, excluindo os que “não estão sempre acessíveis ao público”, mesmo o caso dos recintos de uso temporário ou até os jardins que fechem à noite. Esta última determinação para nós suscita reflexão sobre o acesso livre. Há de facto, como vimos, espaços de propriedade pública cujo acesso é condicionado, podendo essa restrição traduzir-se de várias formas, incluindo a temporal. Mas repare-se que este condicionamento decorre somente da especialização do seu uso e não dos proveitos privados. O condicionamento de usos será efectivamente adverso à natureza do espaço público, mas aqui se demonstra a referida dificuldade de definição da fronteira entre os espaços de propriedade pública de usos especializados e os espaços públicos “puros”. Porque, em última instância, torna-se muito difícil (e cada vez mais, como veremos adiante) encontrar um espaço urbano sem qualquer especialização ou condicionamento de uso definido previamente.

Sublinhe-se, no entanto, a importância da natureza livre, ou mesmo vazia, do espaço público. Esta será de facto a sua qualidade principal, não só por ser espaço, como vimos inicialmente, mas também na sua vertente pública, conforme sintetiza Remesar ao afirmar que “o espaço público é um contentor vazio de sentido, uma reserva necessária de território, para executar o sentido da cidade” (Remesar, 1998).

O que destaca sobretudo o espaço público do espaço colectivo é o conjunto de potenciais usos que lhe estão consagrados e atribuídos. É esse conjunto de usos, não só colectivos, mas ligados à cidadania e à sociedade, esgotando-se aí o seu derradeiro fim, que de facto o definem como tal. Ou seja, mais do que qualquer outra vertente (formal, funcional, ou outra), é o uso (potencial e efectivo) que distingue o espaço público, definindo-o pela sua consagração e pelo seu fim. No entanto, podemos apontar que, de facto, a verdadeira natureza do espaço público é a de não ter

qualquer condicionamento do acesso derivado dos usos dedicados ou restritos. O espaço público define-se pelo seu uso livre.

O espaço público é um tema profundo que tem sido alvo de largo debate, como já referimos, definindo-se segundo diversas perspectivas conforme as várias disciplinas que o abordam. O seu conceito será de facto multifacetado, o que pode dificultar um conceito efectivamente unívoco e universal.

Da nossa parte, e conforme o apresentamos até aqui, delimitamos para esta investigação a abordagem ao espaço público segundo a perspectiva do design urbano. O espaço público será de facto o campo de intervenção para o design urbano por excelência, para o qual se define um conjunto de princípios de procedimento, conforme enquadram, por exemplo, Carmona et al (2010) e Brandão (2005). Parece-nos, contudo, mais adequada a abrangência proposta por este último, que inclui também a escala e projecto do mobiliário urbano e da arte pública, não se confinando ao projecto do espaço nas suas diferentes escalas, afirmando-se assim como actividade mais abrangente e verdadeiramente inter-disciplinar como nos parece que é, ou deve ser. Para além disso, delimitamos a definição de espaço público enquanto propriedade efectivamente pública, conforme atrás já expusemos e conforme advogam Borja e Muixi (2001). Consequentemente, não nos parece que seja de considerar para este âmbito também os espaços privados de uso colectivo conforme o fazem Carmona et al, já que nos parece óbvio que os usos sociais e colectivos nunca poderão ser idênticos aos do espaço público.

Por sua vez, como vimos também, muitas actividades, mesmo as de proveito privado, começaram por ser exercidas primeiro no espaço colectivo (mesmo quando a seguir se tornou público). No entanto, essas mesmas actividades, dada a evolução que ocorreu, quer da actividade em si, quer da sociedade em geral, posteriormente passaram para espaços sem acesso público. E isto sucedeu mesmo com as actividades relativas a entidades públicas ou por elas controladas. Em seguida, essas actividades têm vindo a ser, gradualmente, privatizadas.

3.1.4.Os usos do espaço público

Como vimos, o espaço público moderno provém, em primeiro lugar, do surgimento das noções de público e privado, as quais se estabeleceram sobretudo a partir do fim do séc. XVIII. Ocorreu assim uma profunda transformação na conceptualização do espaço colectivo da cidade; porém, as

alterações foram de facto profundas também porque atingiram outras questões e vertentes do espaço público.

A instituição do espaço público significou, por inerência, a sua especificação e definição inequívoca, o que se terá traduzido, em primeiro lugar, na sua delimitação clara no chão da cidade, demarcando-se, por exemplo, o seu limite no plano das fachadas ao longo de uma rua. Para além disso, também se clarificam e regulamentam as suas atribuições e usos, separando-se os que são convenientes e apropriados ao interesse público daqueles que têm somente um interesse individual ou privado. A instituição do espaço público, afinal, pretenderá por princípio consagrar e proteger os usos do espaço colectivo segundo uma perspectiva democrática, de igualdade de acesso e para o exercício de cidadania.

Conforme já vimos atrás com a observação de Cerasi (1990) sobre os usos do espaço das arcadas em Pádua até finais do séc. XVIII, haveria na cidade uma fronteira menos definida entre o espaço colectivo e o espaço individual do que actualmente. “Somente no séc. XIX se codifica a relação entre o público e o privado, fazendo entrar sem ambiguidade numa das categorias, público ou privado, a propriedade e o uso de todos os elementos” esclarece o autor, acrescentado que “a distinção clara entre propriedade privada e propriedade pública introduzida pela legislação napoleónica empobreceu a complexidade e os matizes nos diferentes graus do ‘colectivo’ das estruturas urbanas precedentes”. (Cerasi, 1990:105).

Haveria assim toda uma diversidade de tipos de uso que resultariam desta gradação de transição entre o colectivo e o privado. Consequentemente, segundo este ponto de vista, a referida desambiguação entre propriedade pública e privada terá empobrecido a “complexidade nos diferentes graus do ‘colectivo’” também em relação ao seu uso e ainda à forma como ele era apropriado pelo utilizador. O esclarecimento da propriedade pública e das suas atribuições vai também, poderemos depreender, instituir como se pode ou como não se pode usar o espaço público. Para além disso, ficará também claramente definido quem tem competências para intervir no espaço público e quem pode estabelecer esses usos. Grande parte desta capacidade interventiva no espaço público ficará desta forma adstrita ao Estado, aos seus organismos de administração e aos seus funcionários e técnicos, assim como àqueles a quem forem delegadas expressamente essas atribuições.

Com a sua instituição protege-se a propriedade pública do uso e proveito privado. No entanto, neste caso do espaço público, isso também pode ter significado uma limitação da capacidade de

intervenção e apropriação pelo seu utilizador. Retiraram-se assim os contributos que daí poderiam resultar, em especial a diversidade e renovação dos seus usos através de quem os efectua.

Segundo esta linha de raciocínio, poderemos considerar que este poderá ter sido um factor para que o espaço público não tenha herdado a versatilidade e a capacidade de conter diversidade de usos, e a consequente versatilidade, que anteriormente caracterizaria o espaço colectivo da cidade. No entanto, outros factores surgiram que contribuíram para isso, como a seguir veremos.

A redução de diversidade de usos e utilizadores

Tal como sucede em várias cidades, Lisboa na segunda metade do séc. XIX, num esforço de se afirmar também (e ainda) como capital cosmopolita e metropolitana, procura actualizar-se aplicando os novos conceitos de urbanismo da época. Procede-se a intervenções em várias ruas e praças com o intuito de introduzir também novos usos e modos de comportamento no espaço público, o que significa a subtracção dos usos que não se enquadrassem na imagem de uma cidade moderna e industrializada.

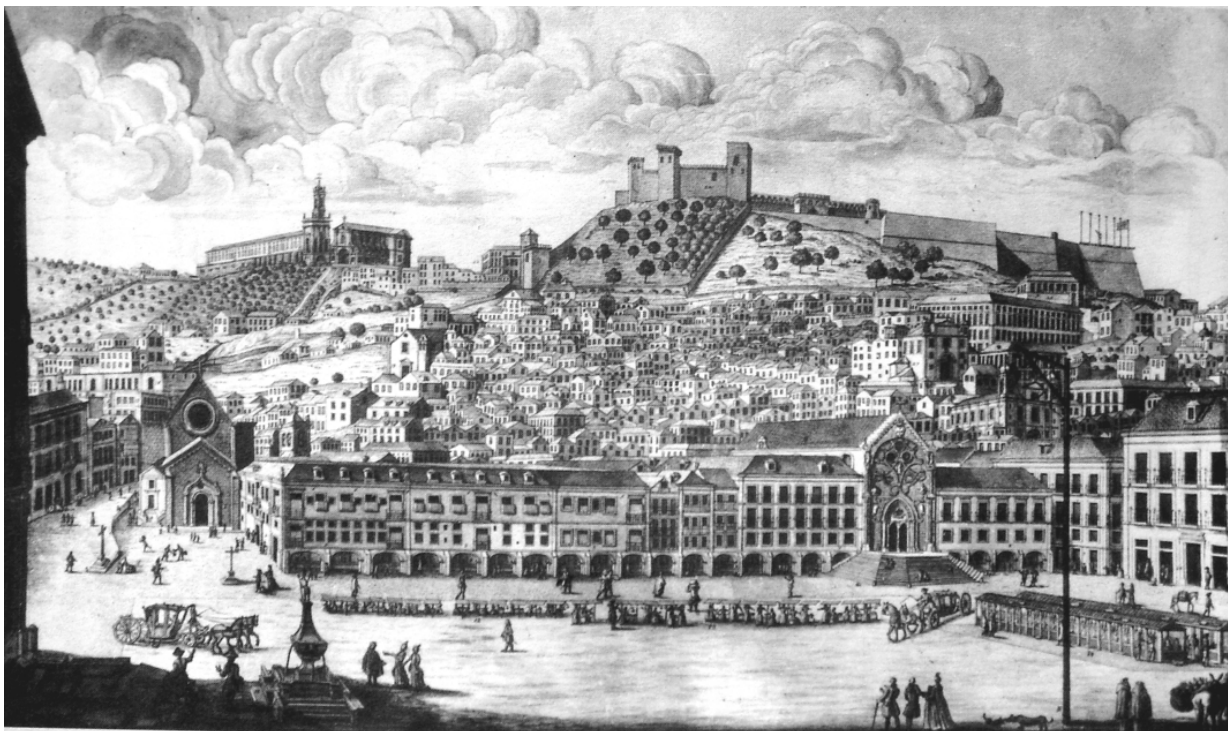


Figura14: Desenho à pena de Zuzarte, do Rossio antes do terramoto de 1755, onde podemos observar o Chafariz de Neptuno e as diversas bancadas de feira, equipamentos que atribuíam a este espaço o uso para os diversos abastecimentos. (Moita, 1994:242-243)

Procede-se à monumentalização de praças em Lisboa, como o Rossio, o que implicou que lhe tenham sido retirados anteriores usos “mais populares” como os mercados e feiras. Antes do

terramoto de 1755, este espaço, tal como outros que se situavam às portas da cidade (Madeira, 2001), era desde a sua origem local habitual de feiras e mercados, nele ocorria mesmo a emblemática Feira da Ladra às terças-feiras. Possuía o chafariz de Neptuno para abastecimento de água dos habitantes, há também registos de aí se realizarem também autos-de-fé, paradas militares, corridas de touros. Após o terramoto o Rossio permaneceu vários anos por limpar e reconstruir. A Feira da Ladra sai em 1809 e os restantes mercados e feiras serão gradualmente transferidos para a Praça da Figueira na sua maior parte. Em 1836, após a Guerra Civil, o Rossio passa a chamar-se “Praça de D. Pedro”, mas só em 1849, após várias décadas como terreiro árido, terminam as obras do seu calçamento e se instala a iluminação a gás. Em 1852 é finalmente lançada a primeira pedra do primeiro monumento a D Pedro IV e em 1861 esta praça é arborizada (Janeiro, 2006).



Figura15: Atlas da Carta Topográfica de Lisboa de 1856 de Filipe Folque, folhas 33, 34, 40 e 41. Ao centro o Convento e o Passeio da Estrela, numa zona da cidade de baixa densidade, onde eram ainda poucos os quarteirões consolidados (Arquivo Municipal de Lisboa, 2000)

Tal como sucede com a plantação de jardins e parques pelas várias cidades europeias, em Lisboa surgem os Passeios, o Público, o de São Pedro de Alcântara, o da Estrela, embora a cidade fosse nessa altura mais pequena e rarefeita do que outras capitais cuja industrialização tornava maior a sua necessidade. Estes novos jardins surgem assim no panorama do espaço público de Lisboa, ditando-se aí modas e comportamentos contemporâneos (Braga, 1995; Janeiro, 2006), embora a par das hortas e pomares ainda frequentes entre os edifícios e ruas da cidade (Figura15).

Apesar do enorme esforço da Obra das Águas Livres, a presença dos chafarizes nos espaços públicos é nessa altura posta em causa, não só pela lacuna que acusava de água canalizada que já havia noutras capitais europeias, como pelo facto de esse equipamento ser usado por uma parte da população que não interessava atrair ou concentrar em certas zonas. Retira-se assim em 1853 ou 1854 o Chafariz do Loreto do meio do cosmopolita Chiado, apesar da sua qualidade escultórica e do uso do abastecimento de água ser ainda necessário (Valente Pereira, 2006).

Conforme já vimos, a cidade do ocidente do séc. XIX caracteriza-se pelo seu grande crescimento. Nela se expressa também a grande evolução tecnológica da época e a consequente industrialização. Para além disso, em parte como consequência dos problemas de salubridade que então se atravessavam, resultados dessa mesma evolução, há também toda uma mentalidade higienista que surge, o que vai também contribuir para o surgimento de novos paradigmas para o urbanismo e para o espaço público.

Estes serão factores para causar profundas transformações no espaço público, o que se traduz, em primeiro lugar, num aumento de protagonismo dos fluxos e das suas redes, quer pelo aumento da sua diversidade (esgotos, água, electricidade, gás, transporte ferroviário, transporte rodoviário, telefone, telégrafo, etc.), quer pela maior carga que efectivamente aumentou nesses fluxos. Expressão bastante evidente deste aumento no espaço público das cidades será o significativo aumento do perfil transversal preferido para o traçado das novas ruas. De observar ainda que esse perfil transversal vai ser claramente dividido e organizado de modo a atender as necessidades de cada um dos fluxos, assim como as suas compatibilidades de localização e vizinhança.

O novo traçado também está relacionado com a procura de solução dos problemas de poluição e salubridade, da qual também surgirão as ruas mais largas e arborizadas, as avenidas ajardinadas e as alamedas. Algumas das artérias que surgem nesta altura também decorrem da demolição das antigas estruturas defensivas, as muralhas e os fossos.

Juntamente com o conjunto que constituía já o espaço colectivo das cidades constituído pelas ruas, praças, largos, terreiros, rossios etc., a cidade do séc. XIX vai herdar, para constituir o seu espaço público, também os jardins e parque dos palácios e conventos que entretanto são abertos ao público ao ficarem a cargo do Estado.

Para além do propósito higienista, estas novas áreas verdes estão especificamente designadas para o recreio e o lazer, os quais, dada a configuração do espaço e o seu equipamento, estão definidos de

um modo muito concreto, pressupondo não só um uso muito bem definido, como até um comportamento conforme por parte dos seus utilizadores. De resto, outros espaços da cidade, como praças e largos, vão ser frequente alvo de intervenções para a sua monumentalização como será possível constatar no caso de Lisboa, o que significará, por consequência, o afastamento de mercados e outras funções anteriores julgadas agora incompatíveis com esses arranjos.

Estas várias intervenções, que terão então como primeiro mote a higiene e salubridade, terão também o objectivo de contribuir para uma imagem moderna e industrializada da cidade. Com esta imagem incompatibilizam-se vários dos antigos usos e utilizadores, os quais se transferem para outros locais da cidade enquanto não desaparecem.

Dentro das intervenções ocorridas nesta época, recordamo-nos ainda das grandes obras de Haussmann em Paris, cujo sulcar das grandes avenidas sobre a malha medieval da cidade teria como grande intuito o de acabar de vez com os motins e barricadas que se sucederam após a Revolução de 1789, ao passar a permitir a livre manobra do exército (Broadbent, 1990; Bennevollo, 1989). Talvez não estivesse aqui pretendida uma separação deliberada entre a rua e o poder, o que também justificaria o desaparecimento do espaço público de muitos dos usos e actividades que já vimos relativos à política e à lei; contudo, mais certo será que todas estas intervenções e arranjos do espaço público tinham de facto como grande objectivo a imposição de um conjunto de usos do espaço público de acordo com uma imagem muito bem definida segundo o uso da classe dominante na altura.

Seja como for, a separação de usos terá tido como consequência, naturalmente, a separação de utilizadores, ou seja, a segregação de partes da população e classes sociais, como aliás estava bem expresso no regulamento inicialmente imposto no Passeio Público de Lisboa (Braga, 1995; Janeiro, 2006)⁴⁸.

Por tudo isto, será até possível constatar, de algum modo, o início da aplicação do princípio da subdivisão do espaço urbano em zonas monofuncionais que caracteriza o urbanismo moderno mais recente. Com efeito, o zonamento monofuncional não será próprio do urbanismo da cidade industrializada do séc. XIX, a sua maior expressão terá lugar mais tarde, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, através da divisão da cidade em zonas destinadas a uma única função, como a

⁴⁸ Não é especificamente o caso deste Passeio Público, no entanto, fica-nos a pergunta sobre até que ponto a referida herança dos jardins dos palácios para o espaço público não terá também significado a imposição da herança do comportamento aos utilizadores.

habitação, o comércio, a indústria, etc. (Cerasi, 1990; Carmona et al, 2010). Contudo, segundo esta perspectiva, poderá ser possível considerar já nesta altura, da cidade industrializada do séc. XIX, uma especialização de zonas segundo uma função, ainda que a outra escala da cidade, ou seja, no seu espaço público.

Como reflexão final sobre este assunto, podemos interrogar-nos até que ponto o debate e as várias críticas de que já foi alvo o Urbanismo Moderno, pelos efeitos que teve na cidade (Ellin, 1999), não serão válidos também para este âmbito, pelo menos alguns deles.

Observe-se ainda que entretanto as manufacturas, que já vimos que anteriormente poderiam ocorrer no espaço colectivo, ter-se-ão tornado definitivamente incompatíveis com esse contexto. Como se deduz facilmente, a grande evolução tecnológica deste período vai modernizar os processos de produção, tornando-os mais pesados para a sua envolvente; os parâmetros de higiene que surgem na altura (e possivelmente também alguns de segurança) em consequência dessa evolução, obrigarão cada vez mais à separação das actividades da restante cidade; finalmente, a par de uma crescente actividade privada nesta área, o novo conceito de espaço público irá necessariamente impedir qualquer tipo de ocupação indevida para proveito privado, embora, obviamente, o investimento inerente a este tipo de empreendimento já não fosse propício a uma aventura dessas. Assim sendo, a grande evolução que então ocorre, sobretudo na sua vertente tecnológica, é por esta via um factor também com algum peso para que se retirem anteriores usos do espaço colectivo.

A evolução do espaço público apresenta como característica a dedicação cada vez maior para os usos “de passagem”, dos fluxos de condução, comunicação, transportes, etc., em detrimento dos usos de permanência. De facto, é também nesse sentido que decorre o período actual de evolução tecnológica, que se caracteriza pela grande evolução das chamadas tecnologias de informação e comunicação.

Para além disso, a evolução destas tecnologias tem reduzido ainda mais a importância do espaço público na vida das pessoas, ao retirar-lhe também protagonismo enquanto canal de comunicação e informação. Anteriormente seria na rua que corriam as notícias e as novidades, quer porque eram passadas de boca em boca, quer porque eram oficialmente anunciadas, ou, simplesmente, porque era aí mesmo que sucedia a maior parte da acção da cidade. A chegada dos novos meios de comunicação, juntamente com a referida gradual transição de usos irá, nesta perspectiva, reduzir cada vez mais esta função do espaço público em tempos quase única para a cidade.

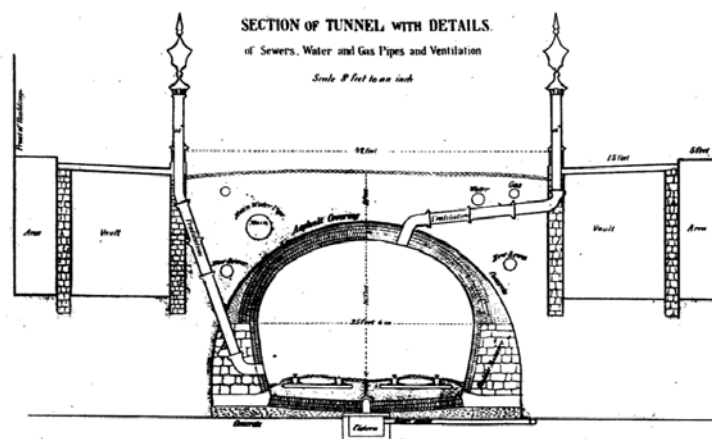
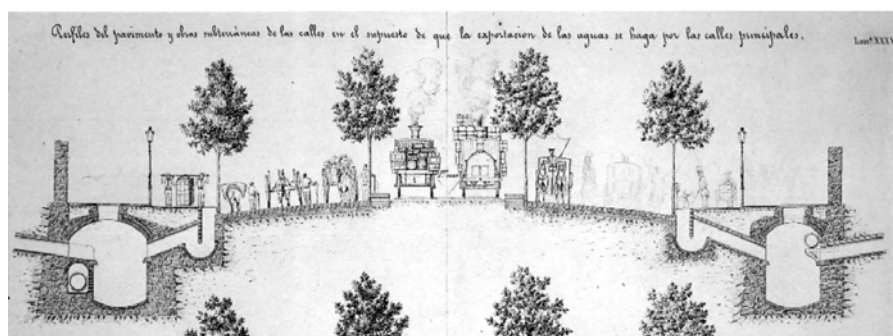
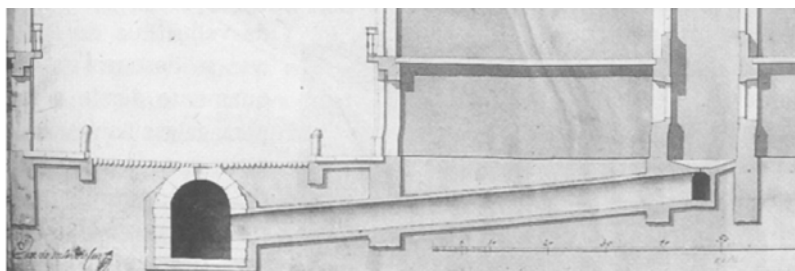
De referir ainda que esta evolução das tecnologias tem também causado um menor uso do espaço público para os usos de ócio e tempos livres. De facto, as referidas tecnologias de informação e comunicação, como todos sabemos, não servem somente para comunicar e informar, têm também um usos recreativo e de lazer, vertente essa que, para além do mais, tem vindo recentemente a ganhar maior expressividade.

Tal como sucedeu com a arquitectura em geral, a partir dos anos 1960 denunciavam-se os maus resultados derivados dos princípios do urbanismo moderno. Começa também a denotar-se a saturação da cidade (e dos seus habitantes) dos automóveis. Parece-nos evidente que esta saturação advém em boa parte, precisamente, do excesso de protagonismo dos usos de fluxos e de passagem em detrimento dos de permanência.

Inicia-se uma grande discussão sobre o papel do espaço público na cidade, cuja importância era óbvia para alguns, até para a vida da sociedade. Julgamos ser possível registar, de um modo geral, uma procura de maior qualidade para os espaços públicos, surgindo assim propostas de diversos autores, quer teóricos, quer práticos, onde se procura ir para além do mero tratamento formal, defendendo a atribuição de mais usos que propiciem a apropriação por parte dos habitantes e fortaleçam as atribuições sociais do espaço público (Ellin, 1999; Carmona, 2010).

Desde então têm vindo a ser introduzidas mudanças de um modo muito suave e gradual um pouco por todas as cidades em fase pós-industrial, em parte devido à referida saturação e ao decorrente reconhecimento dos cidadãos da importância de espaços públicos de qualidade. No entanto, será em boa parte por se evidenciarem os dividendos políticos que daí resultam que se viabilizam intervenções no espaço público até então impensáveis. De um modo geral, julgamos poder observar que estas intervenções se baseiam em programas que visam atribuir mais usos de permanência. Estes usos estarão, sobretudo, relacionados com o lazer, o descanso e os tempos livres.

Por princípio, todos os usos do espaço colectivo atrás enunciados que se enquadrassem no interesse público poderiam manter-se ao serem convertidos para usos no espaço público. Isso significaria que, à partida, segundo o novo enquadramento que então se institui, apenas os usos de proveito privado deixariam de ter legitimidade nesse espaço. No entanto, a evolução geral que entretanto sucede, quer pela vertente tecnológica, quer social, ou outra ainda, vai gradualmente retirando muitos dos usos que inicialmente se faziam do espaço colectivo da cidade, alguns deles antes ainda da instituição do espaço público.



DISTÂNCIA E PROFUNDIDADE DAS CANALIZAÇÕES SEGUNDO AS LARGURAS DOS PASSEIOS

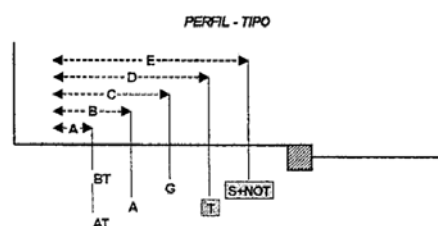


Figura16: Secção idealizada para uma das principais ruas da Baixa Pombalina, Eugénio dos Santos, 1756 (pormenor) (Moita ed., 1994:371). Observa-se aqui, no subsolo, apenas a existência da cloaca ao centro da rua, que receberia tanto as águas residuais domésticas como as pluviais.

Figura17: Secção de 35m de uma via do plano de Cerdà para Barcelona (1859) (Grupo 2C, 2009:liii). A partir do séc. XIX procura-se gerir a crescente diversidade dos seus fluxos através duma abordagem racionalista.

Figura18: Secção planeada para o projecto do Metropolitano de Nova Iorque em 1864. Um novo canal exclusivo para gerir no espaço da cidade pouco mais de cem anos depois da primeira figura, os respiradouros eram imprescindíveis (neste projecto previa-se ainda o uso do carvão) (retirado de Walker, 1918).

Figura19: "Esquema da localização das canalizações das companhias" (pormenor) (cedido pelo Eng. Luis Vicente, Div. San. DCMIEVP-DMPO,CML). Apresenta-nos apenas a localização das condutas que se encontram sob o passeio: electricidade, baixa e alta tensão (BT e AT), água (A), gás (G), Portugal Telecom (T), SLAT (S) e novos operadores de telecomunicações (NOT).

Esta constatação suscita-nos a reflexão sobre um eventual paradoxo na natureza do actual espaço público: por um lado, este define-se enquanto espaço livre e sem usos especializados ou pré-definidos; por outro, ao concretizar-se a partir do espaço colectivo, nota-se uma tendência maior para ser reduzido de usos e se subdividir em zonas mono-funcionais.

3.1.5.Sistematização dos actuais usos do espaço público

Apresentamos a seguir uma primeira reflexão sistematizada dos usos do espaço público que actualmente o definem como tal, tendo em conta os antigos já abordados, e para a seguir enquadrar os usos do seu mobiliário urbano. As observações que aqui apresentamos relativas aos actuais usos do espaço público referem-se ao que predominará em Lisboa, e que confirmaremos com os casos que a seguir apresentamos. No entanto, se pelo menos no contexto da cidade ocidental e de origem europeia, podemos partir do princípio que o espaço público está relativamente normalizado, conforme vimos já, isso significará que também os seus usos estarão relativamente uniformizados e padronizados. Deste modo, cremos que as referidas observações se poderão referir a muitos outros contextos para além dos observados.

Apesar da natureza que definirá o espaço público, de diversidade, multiplicidade e indefinição de usos e funções, livre e ‘de vazio’, julgamos que se evidencia a predominância de alguns usos e funções, pelo menos daqueles que são considerados como legítimos, os quais se demonstram também através do mobiliário urbano que nele mais frequentemente encontramos.

Poderemos começar por assinalar de novo que o espaço público é cada vez menos um local de uso de recursos e equipamentos indispensáveis ou únicos à cidade, com a excepção dos usos ‘de passagem’, para os seus fluxos, para os quais o espaço público é ainda de facto insubstituível. Continuamente crescente, sobretudo a partir do séc. XIX, o uso do espaço público pelos fluxos é de facto cada vez mais intenso, enquanto que outros usos, pelo contrário, têm vindo a migrar para outros espaços.

Predominância dos usos de passagem

Actualmente verifica-se no espaço público uma predominância dos usos relativos aos fluxos ou ‘usos de passagem’. Os fluxos de transportes, pedonais, de comunicação, de energia, de água e esgotos, etc., têm apresentado um grande aumento de ocupação ou presença no espaço público, quer na sua diversidade, quer na sua intensidade. Esta presença concretiza-se no espaço que é ocupado pelos seus canais – as estradas, as vias, as passagens, as condutas, as tubagens, os canos,

os cabos, etc. – os quais são frequentemente de uso especializado e exclusivo ao fluxo que serve, assim como na presença do grande número e diversidade de equipamentos e recursos a eles relativos que abordaremos no capítulo dedicado a esse tema.

De facto, como já foi visto, o espaço público é actualmente muito mais passagem e ligação de outros lugares do que um lugar de chegada ou acesso a equipamentos ou recursos que contenha. O espaço público é cada vez menos destino ou objectivo, os seus usos de permanência são cada vez em menor número, senão em frequência, pelo menos em diversidade.

O estacionamento

O estacionamento é de um uso do espaço público que está relacionado com os fluxos, mas que na prática não podemos considerar como sendo um uso de passagem, é de facto uma presença constante que não se consegue ignorar. Administradores do espaço público como as câmaras municipais têm reconhecido como essa carga diminui a qualidade do espaço público, desenvolvendo por isso algum esforço no intuito de contrariar esta ocupação tendencialmente crescente, quer através de acções para a criação de espaços de estacionamento alternativos, quer do seu condicionamento efectivo. Trata-se, no entanto, de um problema contemporâneo cuja resolução frequentemente se demonstra difícil.

Os usos de lazer

Dentro dos usos de permanência, verifica-se que há também uma predominância, a dos usos relativos ao lazer. Sendo o espaço público um lugar de encontro, começamos por referir neste âmbito o importante uso do convívio e da sociabilização.

Prevalecem, naturalmente, os usos de lazer que tiram partido das potencialidades particulares deste espaço e que sejam impossíveis em espaços interiores ou mais constrangidos, como é o caso das actividades físicas e/ou ao ar livre. É fácil constatar o passeio, o descanso e a contemplação, os principais usos das zonas verdes e das praças e largos, conforme indicam e legitimam o traçado dos seus caminhos e a implantação dos equipamentos.

Ainda dentro dos usos relativos ao lazer orientados segundo faixas etárias, conforme assinalamos, nota-se que frequente é também a ausência de condições efectivamente propícias para os usos dos adolescentes. A grande solicitação de usos específicos que nos parece haver por sua parte, como seja o seu convívio em grupos alargados, ou a prática das actividades físicas que lhe são específicas (o skate, os patins, a bicicleta ou outras actividades ‘radicais’), mereceriam maior atenção do que

efectivamente sucede. Na abordagem que faz à relação dos adolescentes com o espaço público, Sérgio Oliveira (2006:132) observa a importância do último enquanto local para a sociabilização e o convívio para os primeiros, é uma alternativa à escola e à casa, onde os constrangimentos e as regras são maiores. No entanto, conforme observa este autor, “o espaço público não é o espaço para os adolescentes”.⁴⁹ Julgamos poder observar, no espaço público de qualquer cidade, a (ainda) grande permanência dos adolescentes, pelo menos em certas alturas do dia ou da semana. Apesar disso, as suas solicitações específicas, como sucede com as demais faixas etárias de utilizadores, raras vezes são consideradas e o seu uso é muitas vezes marginalizado.

Os usos económicos e as actividades de proveito privado

Nos actuais usos do espaço público é também incontornável referir aqueles que são os relativos à publicidade. Obviamente, a sua forte presença deve-se sobretudo aos dividendos que lhe são inerentes, mas este uso confirma a eficácia que o espaço público ainda tem – ou que ainda pode ter – enquanto local de difusão de informação e comunicação, mais além do que mero canal para seu transporte entre dois pontos a si exteriores.

Trata-se de um uso para proveito privado, em princípio contrário aos princípios da “coisa pública”, cujo uso deverá ser sempre segundo o interesse público, no entanto o facto é que este é um dos principais usos do espaço público actual, quer porque se traduz também em dividendos para a Câmara Municipal, permitindo-lhe, pelo menos à partida, financiar e melhorar a administração do espaço público, quer porque se trata de um uso efectivamente muito solicitado dados os fortes motivos financeiros.

Outro uso de proveito privado também muito frequente é o dos quiosques e esplanadas de cafés e restaurantes. Note-se que estes serviços de hotelaria serão também um recurso que encontramos no espaço público relativo ao uso já referido do lazer, ao qual se adiciona assim o consumo.

De assinalar ainda outro tipo de pequeno comércio também frequente no espaço público, como o de venda de jornais, revistas, tabaco, lotaria, etc. Trata-se, para muitos habitantes, duma parte das rotinas do seu quotidiano, e logo um pretexto importante para o uso do espaço público.

⁴⁹ Sérgio Oliveira pormenoriza que “os adolescentes e os jovens caracterizam-se por serem menos formais na maneira como usam o espaço público, isto é, usam-no de modos que possivelmente não foram previstos e isto será tanto mais verdade quanto menos os espaços se lhes adequarem. É possível reconhecer isso facilmente no seguinte exemplo: os adolescentes usam o espaço público em grupos e normalmente os bancos não são em número suficiente, nem a sua implantação é a mais adequada. Isto leva a que se sentem uns nas costas do banco e outros no assento, ou que usem outras estruturas como banco, ou que não fiquem no espaço público por este não dar resposta às suas necessidades” (Oliveira, 2006:133).

É, aliás, pela potencialidade das actividades comerciais constituírem o quotidiano dos habitantes e assim chamar mais frequência de uso do espaço público, que algumas câmaras municipais preconizam o seu regresso, ainda que isso possa merecer alguma reflexão, já que é também um apelo através do consumo. No entanto, como já visto, outras actividades de permanência para além das agora referidas são raras, sejam elas comerciais ou não, sobretudo em Lisboa, em cujo espaço não se procurou ainda implantar feiras ou mercados de rua com uma presença mais continuada.

Os usos políticos

A democracia legítima, por princípio, os usos cívicos do espaço público e os relativos à política e ao poder, pelo menos através da expressão de posições e convicções, sejam elas de apoio ou contestação. No entanto, talvez possa ser observável que essas ocasiões de uso são cada vez mais raras (através das manifestações e comícios) ou esporádicas e extremas (como é o caso dos confrontos). Para além disso, dentro desta dimensão mantém-se o uso do espaço público enquanto canal de informação e comunicação, semelhante ao efectuado pela publicidade comercial, mas pela propaganda política, a qual é especialmente presente nos períodos das campanhas eleitorais.

Os usos sociais

Sendo o lugar do encontro e da sociabilização, o espaço público é também um importante local de diversas referências colectivas, nomeadamente as relativas à memória, cultura e identidade, embora possa ser também assinalável, pelo menos nalguns aspectos e ocasiões, uma diminuição desse desempenho.

Neste âmbito social, o espaço público e o seu mobiliário urbano poderão ser um contributo para a apropriação e a identidade, tanto através das ocasiões relativas a um uso mais quotidiano, como dos eventos menos habituais das festas, celebrações e outros eventos do género. Porque, de facto, o espaço público é ainda o lugar dos grandes acontecimentos da cidade, quer pela sua importância, quer porque é o sítio onde se pode juntar muita gente.

Os usos práticos e os usos formais e paisagísticos

Obrigatoriamente, não podemos deixar de referir os usos relativos às funções práticas, sobretudo porque o tema desta investigação é o mobiliário urbano. Será, conforme o que temos vindo a analisar, uma vertente fundamental da natureza do espaço público e do seu desempenho.

Há ainda a dimensão perceptiva formal, física, que teremos sempre que considerar num espaço físico. A composição e a linguagem formal, visual e paisagística são, como analisamos ao longo do

que apresentamos, qualidades cada vez mais reconhecidas e solicitadas do espaço público da actualidade, quer seja para os usos segundo uma vertente mais prática (orientação, segurança, etc.), quer seja, por si só, para o usufruto paisagístico ou estético.

Parecem-nos ser estes os actuais usos a referir do espaço público e que são efectuados pelo utilizador cidadão. Como facilmente se depreende, tratam-se de usos que se conjugam de diversos modos, ao poderem ser transversais, paralelos, simultâneos, incluídos, complementares ou até incompatíveis. Pareceu-nos importante e útil enunciá-los deste modo, sem procurar apresentá-los de um modo hierarquizado ou taxonómico. Tal tarefa pareceu-nos demasiado ingrata e até talvez estéril, pelo menos para a investigação que se apresenta.

Resumo da evolução do espaço colectivo/público

Em resumo, poderemos sistematizar as principais características da evolução do espaço colectivo e público da cidade:

- De um modo geral, para o conceito de espaço público enquanto fundamental para uma sociedade democrática, considera-se como paradigma o ideal neo-clássico da ágora da cidade grega e do fórum da cidade romana;
- O uso do espaço colectivo da cidade evolui de um modo mais ou menos estável, segundo a evolução da cidade e da sociedade em geral até ao séc. XVIII;
- Ainda a partir do fim do séc. XVIII dá-se a fundação do espaço público com a introdução da noção de “coisa pública” dada as transformações politico-jurídicas e sociais que então ocorrem.
- O espaço público das cidades fundar-se-á sobretudo a partir do anterior espaço colectivo urbano a céu aberto, as ruas, praças e largos, mas nele serão integrados também os jardins e parques, tanto aqueles que pertenciam aos palácios e conventos que então passaram para as mãos do Estado, como os que se plantaram depois já segundo as novas directivas higienistas. Será um novo tipo de espaço público que se introduz, dedicado especificamente aos usos do lazer e do recreio;
- A revolução industrial vai significar grandes transformações no espaço público, sobretudo a partir de meados do séc. XIX:
 - Introduzem-se novos padrões de higiene e segurança, alterando conceitos e padrões de qualidade de vida que se reflectem também no programa do espaço público;
 - Estes padrões decorrem também de uma grande evolução tecnológica geral que se iniciou nessa altura e que ocorre de um modo mais ou menos contínuo até a

actualidade, a qual será motivo para maiores transformações do espaço público, sobretudo no seu uso e atribuições;

- Há também grandes transformações do uso e das atribuições do espaço público dadas as profundas transformações na sociedade na altura, sobretudo pela ascendência da burguesia e da consequente imposição de novos padrões de gosto e de comportamento.
- Ao longo da evolução da cidade ocidental, a par da sua sociedade, é possível registar-se uma redução de quantidade e diversidade de usos do seu espaço colectivo ou público;
- A evolução do espaço público também se caracteriza pela sua dedicação cada vez maior para os usos “de passagem”, dos fluxos de condução, comunicação, transportes, etc., em detrimento dos usos de permanência;
- O período actual de evolução tecnológica, que se caracteriza pela grande evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação, tem também reduzido o protagonismo do espaço público enquanto canal de comunicação e informação, assim como nos usos de ócio e tempos livres.
- Tal como sucedeu com o urbanismo e a cidade em geral, a partir dos anos 1960 inicia-se uma grande discussão sobre o papel do espaço público na cidade. Desde então, tem-se sobretudo tentando contrapor o urbanismo do Movimento Modernos através de novas propostas para o programa do espaço público, suas atribuições e seus usos.

3.2. O papel do mobiliário urbano na génese da cidade e do espaço público

Apresentamos aqui uma abordagem ao mobiliário urbano enquanto meio fundamental para as funções, usos e utilidades ancestrais do espaço colectivo com a partilha de recursos e equipamentos que está na génese da cidade. De entre todos os temas que abordamos nesta investigação, o mobiliário urbano revela-se aquele que menos foi objecto de estudo ou investigação. É difícil encontrar bibliografia que forme um corpo teórico que permita basear devidamente uma investigação como a que se apresenta. Deste modo, procurando apresentar uma reflexão o mais objectiva possível, recorreremos também à análise dos casos que noutro capítulo apresentamos.

Esta falta de recursos fica logo à partida exposta ao tentarmos determinar o que é, concretamente, o mobiliário urbano. Trata-se de uma expressão que faz hoje parte do vocabulário comum, contudo, não podemos dizer que o conceito esteja já devidamente circunscrito ou que seja consensual, nem

mesmo em meios onde deveria estar totalmente cimentado, como no contexto camarário jurídico e administrativo.

Não nos foi possível encontrar com rigor a origem desta expressão, no entanto, como exporemos mais à frente, será uma expressão muito recente. Porém, o espaço colectivo está relacionado com a génese da própria cidade à qual ele pertence, e se a existência do espaço colectivo pressupõe a existência de usos colectivos, ou pelo menos de tipos de usos colectivos que o definiram como tal e que de algum modo perduraram com a cidade, então julgamos poder afirmar que na génese da cidade estão também os equipamentos elaborados para que esses usos fossem possíveis, e que se encontrariam nesse espaço de um modo relativamente permanente, para um uso também ele colectivo ou partilhado.

Deste modo, procuramos abordar este conceito de um modo mais abrangente, em todo o espectro da vida da cidade e das suas ruas e praças, e não apenas a partir de uma dada época histórica. Parece-nos que isso limitaria não só esta investigação como o seu propósito, ou seja, o de contribuir para a sustentabilidade do espaço público e dos equipamentos de uso colectivo/partilhado que nele se encontram.

3.2.1.Os artefactos e equipamentos de uso partilhado no espaço colectivo

Desde cedo que o homem necessitou de se rodear de artefactos para interagir com a envolvente, mesmo antes do surgimento das primeiras cidades. Para além disso, parece-nos que não é difícil aceitar que a partilha ou o uso colectivo de alguns artefactos é tão ancestral como a vida em sociedade, de certa maneira há até uma interdependência entre os dois.

A efectivação das cidades, como vimos, dependerá em parte da concentração de esforços e de mão-de-obra, quer a sua organização fosse hierarquizada, quer não. Isto poderá materializar-se no fabrico e construção de equipamentos e artefactos que de outro modo não seriam possíveis dado, por exemplo, a sua dimensão ou complexidade, e que assim se tornam singulares para a sociedade que os usa. O seu uso, para ser colectivo e partilhado, terá que ocorrer no espaço que permita a devida acessibilidade. Por sua vez, o próprio espaço da cidade colectivo e partilhado terá sempre que conter equipamentos e artefactos que permitam ou assistam os seus usos específicos, sejam estes os relativos aos fluxos e acessos, sejam os de permanência. Adicionalmente, estando a cidade

também relacionada, e eventualmente até dependente do exercício do poder, o espaço colectivo e o que ele contiver provavelmente servirão para afirmação e exercício do poder.

Haverá assim, na origem dos espaços colectivos das cidades, um conjunto de artefactos e equipamentos que permitem ou melhoram o seu desempenho, quer seja para usos relativos aos fluxos e acessos, quer seja para os de permanência, juntamente com outros que aí se encontram porque são singulares ou permitem um uso singular. Para além disso, dadas estas características, todos estes equipamentos e artefactos podem também ter um uso relativo ao poder, pelo proveito político, (assim como económico), tal como sucede com espaço colectivo em geral.

Conforme nos começa por referir Sofia Águas (2009), segundo Michel Carmona (1985, cit. Águas, 2009), logo nas primeiras cidades da Mesopotâmia encontrar-se-iam artefactos nos seus espaços de uso colectivo. A cidade romana é assinalada a seguir nesta evolução, visto que de facto se tratava de uma cidade que continha diversos edificios e serviços ‘públicos’ (segundo o conceito dessa época). As suas ruas e praças eram por isso foco de grande atenção (pelo menos, algumas delas) sendo pavimentadas e equipadas principalmente pelas fontes e os vários elementos de limitação espacial e condicionamento de fluxos de trânsito, como seja os marcos e os pilaretes. Assinale-se que estes serão, conforme aqui se apresenta, dos primeiros artefactos implantados nas ruas e praças e que perduraram até aos dias de hoje, tanto em forma, como em uso.

Remesar (coord., 2005:24-36) apresenta-nos uma visão panorâmica e histórica da evolução dos equipamentos que precedem o mobiliário urbano, organizado segundo as principais épocas da História ocidental e da evolução da cidade, conforme a seguir resumimos.

Em concordância com um dos quatro factores para o surgimento das cidades que vimos atrás, a fonte poderá ter sido um dos primeiros equipamentos a aparecer, tal como os aquedutos e condutas que a alimentam e os restantes recursos para a condução, armazenamento e abastecimento de água à cidade. A pavimentação das ruas também é apontada como sendo das primeiras intervenções nas principais ruas e praças, sobretudo aquelas mais importantes. Também a existência de iluminação exterior com um carácter mais ou menos permanente é considerada possivelmente existente nas cidades mais antigas, dada a necessidade de vigilância nocturna para protecção da cidade, certamente junto das muralhas ou noutros pontos estratégicos (Remesar coord., 2005:24-27).

O abastecimento e provisão de água continua uma prioridade para qualquer governo na cidade da Alta Idade Média, daí manter-se grande investimento e atenção para este tipo de obras, o que nos

recorda os frontões de várias fontes e chafarizes de Lisboa onde consta a heráldica da cidade (Valente Pereira, 2006). Mantém-se o princípio da pavimentação dos espaços mais significativos, entre os quais as praças centrais onde surgem também nesta altura os pelourinhos, conforme vimos, ligado às funções do exercício do poder local. Desta época assinalam-se também equipamentos e recursos cujo fim prático, possivelmente herdado da Antiguidade romana, era a identificação do território e do interior da cidade, fosse para orientação do transeunte, fosse para referência administrativa, nomeadamente os cruzeiros e esquemas de plantas da cidade. Dentro deste desempenho de identificação do espaço estão também as pequenas esculturas e baixos-relevos que ornamentavam fachadas, por exemplo, um santo padroeiro que aí estivesse representado, identificaria e daria protecção ao ofício que aí se laborava (Remesar coord., 2005:27).

A cidade renascentista e barroca apresenta novos valores de composição urbana, derivados da nova visão do espaço da cidade. Este passa a conceber-se como um todo, para o que se recorre à sua composição arquitectónica e a mais ornamento, sobretudo com a estatuária. Atribui-se deste modo mais valor simbólico e ornamental a equipamentos até então com um valor sobretudo utilitário, como será o caso das fontes (Remesar coord., 2005:28-29).

Na época da contra-reforma (maneirista) dão-se as primeiras intervenções sobre as cidades medievais, sendo o caso de Roma o mais referido. Sulcam-se sobre a sua malha densa uma rede de novas ruas direitas e mais largas de modo a ligar os seus principais locais e edifícios. Cria-se assim uma nova estrutura da cidade através de ligações directas entre vários pontos da cidade, reforçando-se o papel de referência para a estatuária e os monumentos (Remesar coord., 2005:30-31).

Nesta época surgem também os jardins, onde, embora se tratasse de espaços acessíveis a poucos, se implanta o seu mobiliário, como os bancos, a iluminação para as festas nocturnas e as fontes, para além das estátuas e de outros ornamentos. Estes jardins são os espaços que após o séc. XVIII vão ser abertos ao público (como sucede com o Jardim do Luxemburgo, conforme veremos adiante), herdando o espaço público este vocabulário de mobiliário urbano (Remesar coord., 2005:30).

A partir do séc. XVII dão-se mudanças na mobilidade urbana, pelos desfiles e passeios de coche que se tornam hábito em várias Cortes europeias. Por outro lado, o aumento da actividade comercial, derivado sobretudo da expansão marítima europeia, causa um aumento substancial de tráfego dentro das cidades. Vai assim ser necessário alterar o perfil transversal da rua. Esta vai de facto ser a altura em que se indiciam as profundas alterações que vão ocorrer posteriormente.

Surtem os primeiros esgotos, comeam a ser mais sistematicamente aplicados a pavimentação, a iluminação, as placas de toponímia e de número de porta, sendo para estes últimos um factor importante a instauração da Polícia nas cidades. Surge também a primeira sinalização viária (Remesar coord., 2005:30); Narboni, 1995).

Analisando os usos que estão na génese do espaço colectivo da cidade, conforme atrás enunciámos, conseguiremos, com alguma facilidade perceber que, de uma maneira ou de outra, os seus usos pressupõem o recurso a artefactos.

Para os usos relativos aos fluxos, incluindo os dos diversos trânsitos, pedonais ou de transporte, facilmente percebemos a necessidade dos inúmeros meios e recursos, como os pilaretes, cercas e lancis, assim como guardas e corrimãos, os sinais, entre outros, de condicionamento e orientação dos fluxos.

Como já foi visto, o espaço colectivo é por definição também o lugar dos equipamentos e recursos singulares (evidentemente, desde que de facto se pretenda que sejam acessíveis para todos). Imediatamente nos ocorre as fontes, poços e chafarizes, que existem no espaço colectivo desde os tempos mais remotos para permitir o acesso à água. Em muitos casos até, a cidade cresce posteriormente em seu torno, deixando livre o espaço necessário para esse acesso, surgindo assim o largo do poço, da fonte ou do chafariz que encontramos em tantas cidades e povoações de Portugal. Para além disso, em especial no caso das povoações com uma vida em comunidade mais prevaiente, como é frequente no contexto rural, muitos outros equipamentos ou artefactos encontraremos de modo a serem acessíveis a todos, como o lavadouro, o forno de pão, a eira, etc. Já referimos que, de facto, o espaço colectivo da cidade é, por natureza, lugar de diversas actividades laborais, independentemente, como já referimos também, do seu proveito poder ser privado. Cada uma dessas utilizações necessitará de algum tipo de equipamento ou artefacto específico, cujo carácter mais permanente ou mais provisório ou transportável da sua construção ou fabrico certamente variará conforme o interesse – e logo o seu investimento – for mais colectivo ou mais individual.

Vimos já quais são os equipamentos inerentes ao exercício efectivo do poder e da lei, assim como de outras actividades cívicas, é essa a razão da existência dos pelourinhos ainda hoje encontrados em várias povoações, assim como dos já mais raros foros, tribunais ou conselhos. De certo modo, estes equipamentos acabam por ser igualmente recursos singulares e por isso se encontram no espaço colectivo. No entanto, o uso do exercício do poder acompanha o espaço colectivo desde a

sua origem, conforme temos estado a analisar, pelo que julgamos que este conjunto de equipamentos se distingue dos anteriores.

Para além disso, o exercício do poder não se confina a estes equipamentos singulares, já que as várias intervenções, construções e equipamentos do espaço colectivo servem frequentemente também para a afirmação do poder ou, pelo menos, para a identificação (e consequente publicidade) do promotor desse empreendimento. Vários são os bustos, coroas e brasões em diversos equipamentos urbanos; não só nas várias fontes e chafarizes mais antigos de Lisboa, como já referimos, mas também em pilaretes implantados mais recentemente na mesma cidade.



Figura20: Bancadas em granito e abrigos do Mercado na Carrapichana. Numa intervenção recente pavimentou-se este largo e reconstruíram-se os abrigos, os quais já existiam, tal como as bancadas (fotos do autor, 2006).

Sendo os espaços colectivos eram geralmente usados para diversos fins, o seu equipamento teria que ser compatível, na medida do possível, com essa versatilidade. Ou seja, teria que ser igualmente versátil, compatível, ou então provisório ou amovível. Estruturas ou equipamentos relativos a um uso que ocupasse todo um espaço colectivo, como uma praça, obrigando-o à total dedicação a essa função, seriam temporárias. A sua permanência seria incompatível com o referido requisito de versatilidade, impedindo uma reconfiguração para outro uso. Surge-nos como melhor exemplo os diversos testemunhos dos vários usos e estruturas montadas para as diversas ocasiões no Terreiro do Paço em Lisboa. Este espaço, amplo e onde constaria como estrutura permanente apenas o chafariz de Apolo, recebia, com facilidade as touradas, as procissões ou os autos-de-fé. Note-se, aliás, que só pós a sua libertação nos anos noventa da função exclusiva de parque de estacionamento, este espaço lisboeta voltou a ser usado para diversos fins em diversas ocasiões.

Como já referimos também, será sobretudo a partir do séc. XIX que surgirão, no conjunto dos espaços colectivos ou públicos das cidades, os espaços ou zonas especializados para usos e funções específicos. Entre estes estarão aqueles se dedicam ao lazer, ao descanso ou ao recreio – pelo

menos de uma camada da população – como será o caso dos jardins e dos parques. Por consequência, nessa altura surgiram também os equipamentos também especificamente dedicados a esses usos, como é o caso dos bancos públicos, que encontramos hoje frequentemente por qualquer cidade. No entanto, temos que considerar que sentar para descansar é um uso ancestral de qualquer espaço exterior, seja ele rua ou jardim, pelo que deveremos também ter em conta, para uma eventual genealogia destes equipamentos e artefactos do espaço público, os anteriores bancos, cadeiras e assentos, dos mais móveis aos adossados em muros e nas fachadas dos edifícios, dos mais improvisados aos mais elaborados.



Figura21: Chafariz do Andaluz, foto de Eduardo Portugal, 1939 (Arquivo GEO). Frequentemente, mesmo chafarizes mais simples ostentam as armas da cidade ou do reino (visível ao centro). Podemos constatar isso também com equipamento mais recente e igualmente simples, como é o caso de candeeiros ou pilaretes (cf. Figuras 100, 101 e 102)

De registar ainda todos os equipamentos e recursos de “fundo”, relacionados com a usabilidade e funcionamento do espaço colectivo. Destes, o pavimento será talvez o mais ancestral, mas onde se incluem também os candeeiros, as placas de toponímia, o número de porta e outra sinalização ou elementos de informação. De facto, consideram-se aqui grande parte dos equipamentos que são instalados de uma forma sistemática e que se repetem ao longo do espaço colectivo, relativos e necessários a variados tipos de uso. Nesta lógica, deveremos considerar aqui também o grupo específico que já atrás referimos para os usos dos fluxos, como os pilaretes.

Refira-se contudo que o equipamento do espaço colectivo, implantado de um modo sistemático e repetido, assim como eventualmente pertencente a um sistema, irá ser uma característica da cidade industrializada do séc. XIX. Será, de facto, sobretudo nessa altura que surgirão novos tipos de artefactos, conforme veremos a seguir.

A par destes usos descritos, todos estes equipamentos e artefactos servirão ainda para contribuir, directa ou indirectamente, para os diversos desempenhos sociais do espaço colectivo. Apoiam, ou até são indispensáveis, para a multiplicidade de eventos, quer os mais quotidianos, quer os mais extraordinários, dando assim também, por si, o seu contributo para o reforço da identidade da sociedade em questão.

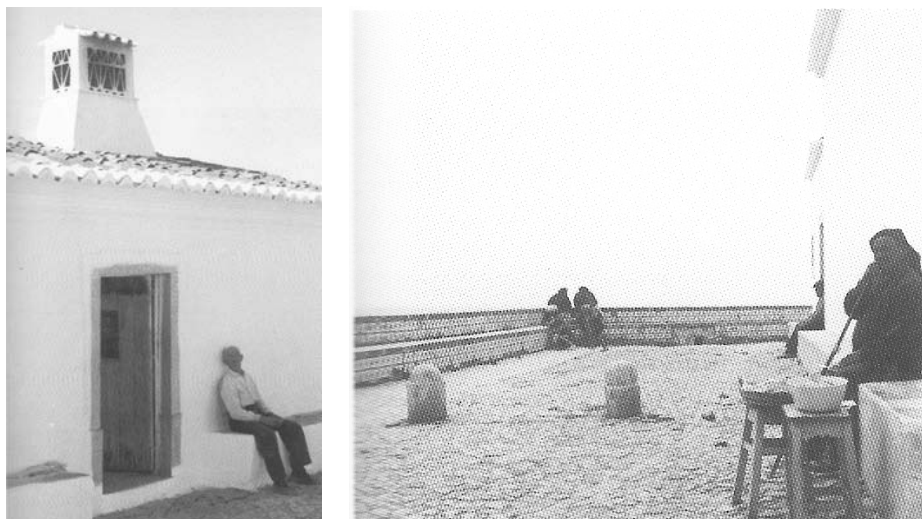


Figura22: Ericeira, Foto Keil do Amaral e Sta. Bárbara (2002:107)

Poderemos então propor uma organização duas categorias distintas de usos dos artefactos e equipamentos do espaço colectivo através do seu tipo de uso:

- Os usos que são específicos do artefacto ou equipamento, os quais definem o seu tipo, como por exemplo um candeeiro ou um chafariz;
- Os usos que são transversais aos tipos de equipamentos ou artefactos, como é o caso dos usos sociais, entre os quais o seu contributo para a identidade, ou dos usos relativos ao poder (que vimos não se limitarem aos equipamentos especificamente definidos para tal).

Conforme vimos, a cidade é também a cidade do momento, em que o cidadão, o utilizador que dela usufrui, tem um papel determinante esse conceito. Nessa linha de raciocínio, haverá duas vertentes da cidade que se podem distinguir, a cidade feita e a cidade usada. Uma, instituída, materializada, que se mantém, estática e em potência, e outra, que se efectiva, que decorre do seu uso, do quotidiano, da leitura e interpretação dos seus cidadãos, que é do presente e do momento.

Estivemos até aqui a observar estes diversos equipamentos e artefactos segundo a perspectiva da cidade materializada e de carácter permanente e instituído. Sempre terá havido, como vemos, um

grupo de equipamentos de uso colectivo dentro da cidade que são resultado directo da iniciativa das instituições da cidade.

Por outro lado, não é difícil aceitar a possibilidade de outros artefactos, também de uso colectivo, mas que surgem através de outros processos. Conforme reflectido noutra ocasião (Valente Pereira, 2003), poderemos aqui considerar também o processo iniciado pela simples colocação de qualquer coisa por um utilizador para solucionar uma necessidade sua imediata com que se depara num dado momento. Como esse recurso é deixado no local depois do seu uso, e esse local é de uso colectivo, um próximo utilizador poderá usá-lo a seguir.



*Figura 23: Auto-de-fé no Terreiro do Paço (João Alvarez de Colmenar, 1707, cit. Moita, 1994:352).
Figura24: Cortejo real no Terreiro do Paço. Col. Museu da Cidade (Moita, 1994:345). Conservado amplo e
vazio, este espaço de Lisboa pode sofrer várias configurações e receber diversos e sucessivos equipamentos
conforme o uso.*

Temos assim, no final, também um recurso existente no espaço colectivo de uso partilhado. Este tipo de produção de equipamentos ou artefactos do espaço colectivo tem como seu motivo a estrita e imediata necessidade constatada pelo utilizador no momento da utilização. Para além disso, a sua duração no local e a consequente sucessão de usos dependerá da necessidade efectiva do utilizador. A sua existência depende dessa utilidade e do uso (assim como a duração no local, já que o utilizador mantém ou não o artefacto ou equipamento em questão enquanto existir a necessidade). Contrariamente a outros artefactos ou equipamentos, cujos motivos primários para a sua concretização podem até ser outros que não as necessidades do utilizador.



Figura25: Lavadouro de roupa improvisado em Linhares da Beira. Os baldes, os pedaços de alcatifa e outras melhorias vão sendo introduzidos através dos contributos dos diversos utilizadores (foto do autor, 2004).

Parece-nos assim que teremos, deste modo, duas principais vertentes intrínsecas à existência dos artefactos e equipamentos do espaço colectivo, tal como sucede em relação à restante cidade, conforme vimos:

- Aquela que está directamente relacionada com a cidade instituída, cuja produção será efectuada segundo os respectivos processos e actores. Dependerá, como consequência, também dos proveitos que houver para esses actores, para além dos do utilizador. Está relacionada com usos instituídos, e logo, com solicitações óbvias ou habituais.
- Aquela que decorre de necessidades adicionais para o uso do espaço colectivo, cuja produção está intimamente relacionada com uma necessidade decorrente de um uso imediato. É por isso da iniciativa dos próprios utilizadores, pelo que poderá ter um carácter menos instituído e até mais subversivo e mais individual. Consequentemente, estes artefactos poderão perdurar no espaço colectivo pela supremacia da sua utilidade directa no local para os vários utilizadores e actores sobre qualquer outra vantagem ou desvantagem, independentemente de qualquer intervenção de instituição ou organismo de administração ou manutenção.

Podendo estes artefactos ser fruto de uma acção mais concertada e colectiva ou mais individual e espontânea, no fim a sua existência e permanência está intimamente relacionada com a da cidade e do seu espaço colectivo, havendo para isso vários factores comuns. Naturalmente, uma questão a ter em conta neste âmbito terá que ser a da legitimidade. No entanto, seguindo a linha de raciocínio

que apresentamos, essa legitimidade deverá ser considerada de um modo mais abrangente, ou seja, terá que ser abordada segundo as duas vertentes acima referidas.

3.2.2.A instituição do mobiliário urbano

Conforme vimos, a partir do fim do século XVIII ocorrem profundas transformações na sociedade ocidental, o que se reflecte, naturalmente, no modo de conceber e fazer a cidade e o seu espaço colectivo. Mais concretamente, é a partir dessa altura que, por um lado, se institui o espaço público, e por outro, há uma mudança nos usos e solicitações do espaço público, assim como no modo de o conceber e construir, resultante, em grande parte, do aumento da dimensão da cidade, da nova mentalidade higienista e da evolução tecnológica e industrial.

A cidade industrializada é agora planeada, quer de raiz, quer por profundas transformações como se verifica então em várias cidades da Europa, encarada como um sistema ou conjunto de sistemas, sobretudo de fluxos de comunicações e transportes, os quais é preciso organizar e gerir para o seu melhor desempenho.

O espaço público vai alterar-se profundamente segundo as novas solicitações, a evolução tecnológica e esta nova filosofia que desse contexto decorre. Ou seja, é nele que vão surgir os novos meios de transporte, o que se concretiza através dos novos canais, assim como das novas estações e interfaces. É também aqui que se materializam as inovações industriais que permitem a “sistematização tanto das infra-estruturas como da forma da cidade: (a) hierarquia viária, derivada da intensidade de tráfego; (a) preocupação higienista, quer com os espaços verdes urbanos (...), quer com a secção da rua” (Remesar (coord.), 2005:33).

No espaço público vai verificar-se, de facto, um aumento considerável do protagonismo dos sistemas, sobretudo daqueles que são ou estão relacionados com os fluxos, principalmente os de comunicações e transportes. Consequentemente, surge no espaço público um imenso conjunto de equipamentos e artefactos até aí inéditos: “visto que a cidade do séc. XIX pode definir-se também, como a cidade das redes de serviços, grande parte deste equipamento urbano está associado à satisfação das necessidades de interface entre a rede e o seu acesso, ou entre a rede e a distribuição dos seus serviços.” (Remesar (coord.), 2005:34).

Conforme vimos, no séc. XVII anuncia-se já aquilo que vai ser o espaço público do séc. XIX com a introdução de um modo sistemático de novos elementos, alguns dos quais relativos a redes de fluxos que então começam aí a ganhar expressão. Mas é no séc. XIX que de facto se assiste, para a

generalidade das principais cidades ocidentais (em particular as europeias e as dos Estados Unidos) à introdução no seu espaço público de um grande número de artefactos e equipamentos inerentes a essas redes de fluxos e serviços (Barles, Guillerme, 1998)⁵⁰.

Lisboa foi uma capital de um país que até meados do séc. XIX atravessara um período de sucessivos eventos que trariam graves problemas e grande instabilidade⁵¹. Consequentemente, a evolução derivada da revolução industrial viria a verificar-se primeiramente noutras capitais; embora seja preciso assinalar o caso singular que foi a Obra das Águas Livres, um sistema de abastecimento de água para toda a cidade, pensado ainda numa época barroca (as obras iniciam-se em 1731, após sucessivos atrasos dada a sua dimensão), mas já planeado segundo objectivos e abrangência próprios da época seguinte. De qualquer modo, vão sendo introduzidos na cidade diversos sistemas que vão ocupar o seu espaço público, seja à superfície, seja no subsolo, aumentando cada vez mais a sua complexidade. A primeira iluminação pública a azeite a partir de 1780, mas a rede de iluminação pública a gás inicia-se em 1848 e a de electricidade em 1889; o abastecimento domiciliário de água terá início de um modo mais consistente com a inauguração do sub-sistema do Alviela e da Estação Elevatória dos Barbadinhos em 1880; embora já antes tivesse sido reclamada e pensada, como nos projectos da reconstrução da Baixa, é também nesta altura que a rede de esgotos se começa a desenvolver, com as primeiras regras de saneamento em 1856; a rede de telefone surge em Lisboa a partir de 1882, cujos cabos só décadas mais tarde passaram a ser subterrâneos; é nesta altura também que os transportes colectivos ganham consistência, já que, após o reconhecimento do estatuto específico do “omnibus” para carruagens de transportes públicos, o caminho-de-ferro inicia o seu processo de implantação com os primeiros estudos em 1852, a rede de “americanos” é inaugurada em 1873 e a dos carros eléctricos em 1901 (para além da introdução nesta altura de diversos elevadores); o primeiro automóvel entra em Portugal em 1895 (Sociedade Lisboa 94, 1994).

Por aqui poderemos imaginar a transformação que significa para o espaço público a introdução de todos estes novos sistemas e redes em cerca de meio século. Vão, com efeito, implantar-se inúmeros e inovadores artefactos e equipamentos. Esta novidade residirá não só na tecnologia que neles se expressa, quer pelos materiais e processo de fabrico utilizado (como por exemplo, o ferro fundido) quer pelo serviço que a rede a que pertence presta (como por exemplo, a iluminação a

⁵⁰ Para Barles e Guillerme (1998) o urbanismo de Haussman tinha dois objectivos principais: a circulação e a higiene. (Son urbanisme de régularisation comprend deux objectifs majeurs : la circulation et l'hygiène).

⁵¹ O terramoto de 1755; As invasões francesas entre 1807 e 1811; A problemática ajuda do Reino Unido; A perda da importante colónia do Brasil em 1822; a Guerra Civil entre 1820 e 1842

gás), mas também pelo modo sistemático, cadenciado e constante (pelo menos assim se pretende), exprimindo o processo industrial e em série que o origina, com que estes elementos se passam a encontrar no espaço público.



Figura26: A Avenida 24 de Julho, fotografia de Joshua Benoliel por ocasião de uma greve de eléctricos, 1912 (Arquivo Municipal de Lisboa ref. A6847). Podemos observar a profusão dos diversos cabos eléctricos, dos seus postes e dos candeeiros.

Para além disso, a indústria e a tecnologia, e a seriação que delas decorre terão uma expressão ainda maior já que muitas das empresas que implantaram redes de serviços (transporte, gás, água, etc.) eram controladas por multinacionais que eram também distribuidores exportadores dos artefactos relativos a esse serviço e que se implantam no espaço público. Inicia-se assim um mercado internacional do que só mais tarde se vem a designar como mobiliário urbano, e que vai para além deste equipamento relativo ao tipo de serviço ou de redes, já que o sector industrial metalúrgico, sobretudo o francês e o inglês, não perde a oportunidade de se desenvolver expandindo-se para além-fronteiras. A consolidação deste mercado de mobiliário urbano assenta em boa parte na divulgação dos produtos dos catálogos destas empresas, o que significa uma sistematização, e sobretudo, uma normalização generalizada do repertório de elementos de mobiliário urbano (Remesar, 2004; Remesar (coord.), 2005:33-34).

O modelo de cidade industrializada e metropolitana do séc. XIX, contendo as últimas tecnologias aplicadas, por exemplo, ao transporte, e respondendo aos diversos padrões mais modernos, como os de salubridade e higiene vai ser, pelo menos para o contexto da Europa e da América da época,

um modo de afirmação do progresso e de poder da sociedade que continha. Vai por isso ser largamente difundido através dos principais meios de divulgação de então, tornando-se um ideal universal e obrigatório para as capitais. Com ele estabelecem-se modelos também para o espaço público, uniformizando-se os seus usos e os comportamentos dos seus utentes.

Diversos são os canais utilizados para divulgar estes modelos e fazê-los chegar ao administrador do espaço público. Assinala-se, para além do óbvio contacto directo e a distribuição de catálogos, como ainda hoje sucede, as revistas da área, as exposições universais que então também têm início, e em particular a publicação de grande impacto “Les Promenades de Paris”, de Alphand, de 1873, que divulga o projecto das intervenções em Paris levadas a cabo por Haussmann, a um nível de detalhe que indica qual o desenho das guardas dos jardins e qual o mobiliário aí utilizado.

A esta uniformização de modelo de cidade e de espaço público junta-se a já referida produção industrial e em série também para os equipamentos e artefactos do espaço público. Surge assim lugar para sistematizar e instituir uma colecção de tipos de artefactos e equipamentos para esse espaço, decorrente não só dos regulamentos camarários que também então se estipulam, mas também porque seria condição essencial para estabelecer o seu mercado. Surge, de facto, um “código” para esses elementos, que se torna imperativo para todos os fabricantes que pretendam participar, permitindo-lhes que tenham um catálogo de oferta de produtos previamente definidos e “prontos” a implantar em qualquer cidade.

Para os artefactos e equipamentos do já consagrado espaço público, vai instituir-se um processo de produção, ou seja, o modo e os pressupostos de concepção e de projecto, do seu fabrico, da sua comercialização, implantação e manutenção. Verificar-se-á com mais frequência o processo onde um equipamento ou artefacto a implantar no espaço público será definido previamente, sendo para isso considerado na maior parte das vezes um tipo de espaço público e uma cidade genéricos, em vez do contexto específico onde se irá implantar, a partir do qual se definiriam equipamentos e artefactos.

Uma vez que esses elementos definem por si os usos do espaço público, pelo menos aqueles que através deles deverão ser efectuados, esta “normalização” dos artefactos será, sem dúvida, um factor de peso para a também “normalização” do espaço público onde se vão inserir, conforme também referem Remesar, Lecea, Grandas (2004), ao se instituírem assim internacionalmente os seus usos e desempenhos.

Como constatamos, assiste-se no séc. XIX a uma profunda transformação do espaço público em diversos níveis. Poderemos observar que, dos elementos que o constituem, para além dos que são únicos e específicos para o local onde se implantam, será cada vez maior a prevalência de outros, produzidos industrialmente e em série. Os catálogos dos seus fabricantes vão, até hoje, estipular tipos de mobiliário e os seus usos, o que obviamente condicionará antecipadamente o uso do espaço público logo no seu projecto.

A par disso, tal como para o espaço público em geral, para este conjunto de elementos acentua-se também o seu desempenho técnico, funcional e prático, secundarizando-se outros usos, como os transversais que atrás referimos. Adicionalmente, é reforçada a vertente dos usos destinados aos fluxos, ou seja, de passagem. Assim, ainda que a constância e cadência no acompanhamento das várias circulações através do espaço público tenha aumentado a sua presença, muitos destes elementos contribuem para espaço público de um modo muito limitado e não necessariamente favorável à permanência e ao disfrute.

3.2.3.O mobiliário urbano na actualidade

Mais adiante aprofundaremos o que é o mobiliário urbano na actualidade, o seu conceito, os seus processos de produção, os seus actores, usos e âmbitos, assim como o que nos pareceu serem os principais desafios contemporâneos, quer aqueles a que ele próprios estão sujeitos, como aqueles a que a cidade e o seu espaço público estão sujeitos e que o mobiliário urbano poderá ajudar a solucionar. Apresentamos, no entanto, desde já uma primeira abordagem, no intuito de levar a termo esta parte da investigação.

De assinalar a maior novidade, do ponto de vista conceptual, que será o surgimento da expressão “mobiliário urbano”, a qual terá surgido no séc. XX, possivelmente a partir dos anos 60⁵². É uma expressão que actualmente não consta nos dicionários de português que nos foi possível consultar⁵³, mas está devidamente instituído, já que consta na maioria dos regulamentos camarários afins (Águas, 2009).

⁵² Até ao momento, apenas encontramos esta referência sobre a possível origem desta expressão no site da Wikipedia em francês, “L’expression « mobilier urbain » émerge à partir des années 1960”, sem que haja, no entanto, outras referências que a sustentem (Wikipedia contributors, 2011)

⁵³ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2011; Infopédia, Porto Editora, 2011; Academia das Ciências (Lisboa), 2001. Encontramos, contudo, a expressão no Larousse para a língua francesa: « Mobilier urbain, ensemble des équipements installés au bénéfice des usagers sur la voie publique et dans les lieux publics de plein air. » (Larousse Publishers, 2011a)

Já vimos anteriormente que é assinalável a evolução mais recente em relação ao modo como o espaço público é encarado e considerado. Atravessa-se uma época de globalização, a qual se reflecte também no espaço público. Surgem grandes oportunidades de renovação ou regeneração urbana através da introdução de novos espaços públicos com a renovação de zonas obsoletas, sobretudo industriais, portuárias, etc. São grandes oportunidades, nas quais o espaço público e a arte pública se converteram em estratégias económicas e sociais. O mobiliário urbano, por sua vez, supera a sua missão utilitária, convertendo-se em elementos chave da reordenação simbólica da cidade, tanto para os cidadãos, como para os turistas (Remesar (coord.), 2005:35).

Contudo, salvo algumas excepções, os tipos de mobiliário urbano que se definem na época da cidade do séc. XIX não vieram a evoluir do mesmo modo. Esta questão específica mereceria uma investigação mais dedicada, a qual determinasse concretamente, por exemplo, os tipos de modelos mais frequentes segundo um levantamento sistemático dos catálogos dos diversos fabricantes. Mesmo assim, julgamos poder dizer que a seguir a essa altura houve uma evolução no mobiliário urbano, porém isso ocorreu em grande parte no âmbito formal; fundamentalmente, os tipos de mobiliário urbano e o seu desempenho mantêm-se, na sua essência, iguais aos de há décadas⁵⁴.

De um modo geral, hoje reconhece-se a importância do mobiliário urbano, até pelos diversos usos e proveitos por parte de diversos intervenientes que se verificam. Reconhece-se os seus atributos até como constituinte de uma identidade local, no entanto, são muito pontuais as vezes que o mobiliário urbano é pensado especificamente para um local, mesmo que apenas do ponto de vista formal.

Verifica-se uma evolução no espaço público, em geral, incluindo nos seus processos de produção, havendo, por exemplo, uma disponibilidade de abertura às comunidades e à sua participação, que se procura concretizar através de processos inovadores. No entanto, muito raramente esses processos se têm estendido ao mobiliário urbano, a resistência a alterações no processo de

⁵⁴ Num catálogo da “Société Anonyme des Hauts-Fourneaux et Fonderies du Val d’Osne, por exemplo, uma das importantes fundições a nível internacional desta época de grande influência para esta alvorada do mobiliário urbano, a diversidade de “mais de 40.000 modelos” reside sobretudo no estilo e ao nível formal: dos equipamentos especificamente para o espaço público, determinamos os equipamentos relativos à água, quer para abastecimento, quer apenas para ornamento (fontes, chafarizes, tanques, repuxos e jogos de água, etc.), os relativos à iluminação (postes, lanternas, consolas, etc.), os postes com painéis, as grades de caldeiras, as floreiras, vasos, taças e cache-pots para plantas, os bancos (de “jardim” e de “cidade”), mesas e cadeiras, as guardas e portões, os urinóis e os coretos, assim como diversos artigos apenas para ornamento como bustos, estátuas e baixos-relevos.

produção do mobiliário urbano tem sido maior, mantendo-se praticamente o mesmo desde a origem da sua instituição, com a mesma estrutura hierárquica e os mesmos actores.

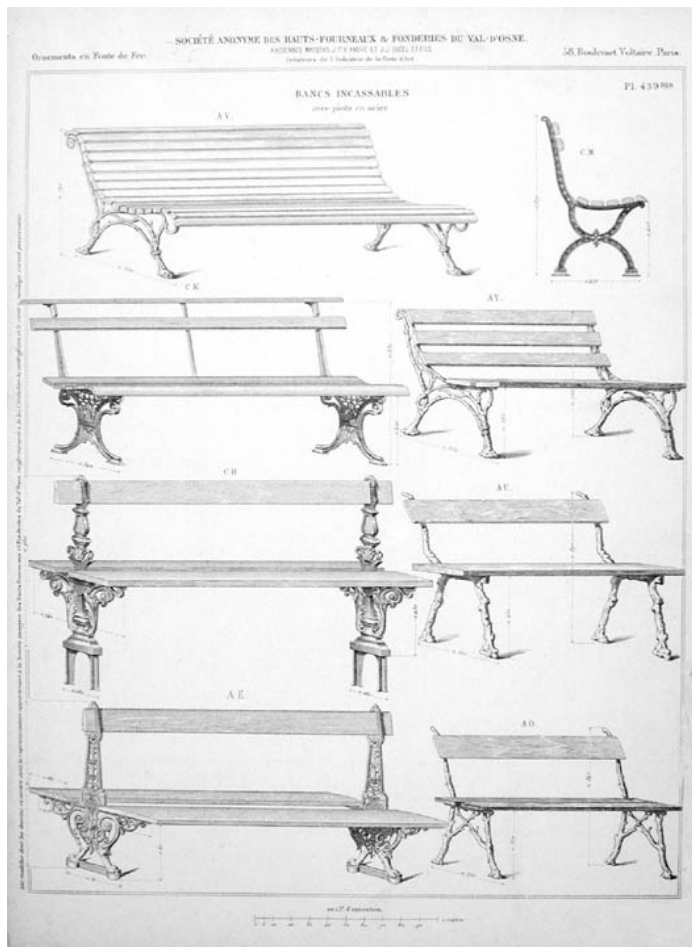


Figura27: Uma página do catálogo da Val d'Osne com oito "bancs incassables" dos vários modelos que aí constavam (Catálogo Val d'Osne, pl. 439bis Vol.2, s.d.).

Haverá que reconhecer, naturalmente, uma evolução dos tipos destes equipamentos. Para além da que obviamente deriva da evolução tecnológica (incidindo de vários modos, desde os novos materiais e tecnologias de fabrico, como os plásticos, às solicitações de uso, como por exemplo a introdução do automóvel no espaço público) julgamos ser assinalável, entre outros, a sua diversificação segundo solicitações específicas das actividades lúdicas e de lazer dos diferentes níveis etários. Será o caso, num primeiro momento, dos equipamentos dos parques infantis, e muito recentemente dos equipamentos para as actividades físicas dos adolescentes, passando pelo fenómeno português que serão as mesas de jogo para uso da 3ª idade.

Incontornável é o surgimento do mobiliário urbano de exploração publicitária. Se já anteriormente havia mobiliário dedicado a exploração publicitária, é em 1964 que a JCDecaux vai pela primeira vez implantar gratuitamente abrigos de paragem de autocarro numa cidade com mais de 100.000

habitantes, Lyon⁵⁵. Surge assim um novo tipo de mobiliário urbano, destinado a um novo uso, segundo um processo de produção diferente e que introduz um novo actor. Mais adiante aprofundaremos um pouco mais este caso, mas para já avançamos que se trata de uma proposta que vai rapidamente ser aceite por muitas câmaras municipais já que, aparentemente, se trata de uma solução onde todos ganham: o concessionário de publicidade com a exploração de publicidade, o cidadão com um espaço público mais bem mobilado e mantido, e a Câmara Municipal, quer porque dada essa suposta melhoria do espaço público adquire uma imagem melhorada, quer porque vai ainda auferir rendimentos da exploração publicitária. Inquestionável é a rendibilidade do negócio em questão, conforme revelam os relatórios e contas dos concessionários (JCDecaux SA, 2011). Aliás, o seu êxito chega a ponto de ser concessionada toda uma cidade como Paris, com todo o seu mobiliário urbano, a um único concessionário de publicidade, neste caso, uma vez mais a JCDecaux.

Para concluir, e no seguimento do que já atrás referimos, para além destes artefactos instituídos e provenientes de um processo predominante, é possível constatar outros, com os quais nos cruzamos no nosso dia-a-dia e que, embora escassos ou mesmo raros, não podemos deixar de considerar aqui a sua existência. É o caso daqueles que se estabelecem por um processo onde os actores estabelecidos e “legítimos” (câmaras municipais ou outros administradores do espaço público, projectistas, fabricantes, etc.) estão ausentes ou têm por vezes até um papel antagónico, pelo menos numa fase inicial. São os diversos casos em que a materialização de um equipamento é fruto de um uso não instituído do espaço público, dos quais alguns, como as rampas de skate ou as hortas urbanas, cujas actividades, depois de um longo período de marginalidade e persistência por parte dos seus praticantes, só muito depois vieram a merecer reconhecimento e legitimidade.

⁵⁵ Não encontramos até à data nenhuma contestação a esta afirmação por parte desta empresa. Contudo a frase que encontramos onde ela se insere precisará de maior fundamento, já que chamam a si até a autoria da própria expressão ‘mobiliário urbano’: “En 1964, Jean-Claude Decaux invente le concept de Mobilier Urbain, associant service public et publicité. Lyon est la première ville de plus de 100 000 habitants à être équipée gratuitement d'abribus.” (JCDecaux SA, 2009). Mas o conceito de associação da exploração de publicidade ao mobiliário urbano, em especial aos abrigos de paragem, será efectivamente da sua autoria, pelo menos julgamos poder deduzir isso pela pesquisa efectuada sobre a expressão “Abribus”. Trata-se de um nome existente no Larousse (Larousse Publishers, 2011b), e que será “le nom commercial d'un type d'abribus ou d'abris de bus proposé à partir de 1964 à Lyon, par l'entreprise JCDecaux aux collectivités territoriales en France. Le produit comprenait des éléments de mobilier urbain permettant de protéger les usagers des intempéries aux arrêts des lignes de bus ou de cars associés à un emplacement pour des panneaux publicitaires. Le matériel était souvent fourni gratuitement par la société qui se rémunérait par la publicité. (...) Abribus doit s'écrire avec une majuscule initiale car c'est une marque déposée par JCDecaux (referindo o Institut National de la Propriété Industrielle) Wikipedia contributors, 2012a).

É certo que várias são as vezes em que uma dada ocupação ou uso do espaço público da iniciativa de um cidadão é indevido e abusivo, sendo por isso necessário o seu controle e condicionamento. No entanto, trata-se de um resultado inerente à dinâmica de uso do espaço público, e que quanto a nós não pode de modo algum ser ignorada. Será, de facto, necessária uma observação atenta dos comportamentos e práticas dos vários grupos sociais para que se descubram e efectivem estas e outras potencialidades de uso do espaço público.

Neste sentido, como já vimos, anteriormente à instituição do espaço público esse uso e ocupação seria mais livre; a instituição do mobiliário urbano será um importante factor para o seu condicionamento, sendo a sua produção um processo bastante exterior ao cidadão. Actualmente, detecta-se alguma tendência de mudança seguindo os princípios contemporâneos de maior abertura e participação de todos nos processos da cidade e do seu espaço público, embora de um modo ainda mais embrionário e esporádico.

3.2.4.Principais marcos da evolução do actual mobiliário urbano

A partir do que abordámos agora, julgamos poder sistematizar os principais pontos para a evolução do mobiliário urbano:

- Os artefactos e equipamentos produzidos e utilizados pelo homem de uso colectivo e/ou partilhado estarão presentes logo no surgimento das primeiras cidades;
- Com a consolidação das cidades terão surgido também artefactos e equipamentos de natureza mais imóvel e permanente, quer pela sua tecnologia e materiais de construção, quer porque o seu uso estava directamente relacionado com o sítio onde se encontrava;
- Tal como a evolução das cidades e da tecnologia, é com a revolução industrial que se dá a grande transformação no percurso destes equipamentos. Passam a ser produzidos industrialmente e em série, pré-fabricados e pré-projectados de um modo mais sistemático, observando menos questões específicas do local de inserção, sejam elas formais ou funcionais. Estabelece-se um mercado para o mobiliário urbano, institui-se e sistematiza-se o mobiliário urbano;
- Nos anos 60 a JCDecaux introduz o mobiliário urbano financiado inteiramente pelo contrato de concessão de exploração da publicidade que expõe, sem encargos financeiros e até com compensações para o município. Difunde-se deste modo o mobiliário urbano de propriedade privada no espaço público;

- Houve uma evolução significativa recente do modo de projectar o espaço público, assim como nos seus pressupostos e objectivos programáticos, o que se deve em grande parte a uma nova atitude definida pelo design urbano; procurou-se uma maior atenção a certos aspectos até aí pouco considerados, como as características ou a identidade do local; isso significou frequentemente um aumento expressivo da qualidade do espaço público, sobretudo a favor do peão e do cidadão; no entanto essa evolução não foi tão significativa para o mobiliário urbano.

3.3. Desafios contemporâneos

No seguimento da análise que apresentamos da evolução da cidade, observando sobretudo o seu espaço público e o que o equipa, poderemos pôr em hipótese que, de facto, o espaço público enfrenta, para além dos que sempre existiram, novos e grandes desafios para a sua continuidade e, logo, para a sua sustentabilidade. Podemos assinalar, com efeito, profundas modificações da sua utilização e solicitação de desempenho, pelo menos nos seus modos mais “clássicos”, já em curso ou iminentes, as quais, no extremo, levariam eventualmente ao esvaziamento do espaço público, da sua utilização e utilidade para a cidade.

Vários são os autores que abordam este tema, entre os quais Sert (1951), Lynch (1990), Cerasi (1990), Castells (2007), Naredo e Rueda (1997), Borja e Castells (1997), Borja e Muixi (2001), Ascher (2007), Brandão e Remesar (2000), Valera e Pol, (1994), Pol (2002) e Vidal e Pol (2005). Serão, no entanto, Borja e Castells (1997), que, na perspectiva desse quadro contemporâneo, nos apresentam uma reflexão mais útil para esta investigação, pelo que partimos de uma sistematização dos referidos desafios elaborada a partir desta obra.

3.3.1. Sistematização dos desafios contemporâneos lançados à cidade e ao espaço público

Através da análise apresentada até aqui, propomos uma elencação dos desafios que actualmente enfrenta a cidade e, inerentemente, o seu espaço público e os seus elementos urbanos. Estes desafios derivam das características da actual situação que, em linhas gerais, se define por: a globalização; o questionamento de antigos valores e conceitos e indefinição de novos e actuais; grande e rápido crescimento das cidades; novos meios de comunicação; generalização do

consumismo na sociedade; polarização da vida do indivíduo entre trabalho e lazer; os problemas ambientais; os princípios de democracia, acessibilidade, inclusão, liberdade e igualdade (sendo o desafio a correspondência a estes princípios).

No âmbito da nossa investigação e no que se refere ao espaço público, poderemos começar por apontar, dentro da questão do confronto global-local, a pressão sobre o local e a sua identidade, derivada de processos como a competição entre cidades e o desenvolvimento do turismo; Ou a homogeneização crescente dos modos de vida, resultante da grande evolução dos meios de difusão e informação, o que, naturalmente, irá ter consequências nos modos de utilização e usufruto do espaço público. A globalização é, de facto, uma questão que está inerente às questões mais específicas que referimos a seguir.

Sendo o espaço público um componente vital e indissociável da cidade, assim como o mobiliário urbano o é também para o espaço público, os desafios que actualmente surgem dificilmente se podem referir apenas à cidade, ou ao espaço público, ou ao mobiliário urbano. Para além disso, efectuar uma sistematização suscita sempre grandes dúvidas, já que isso obriga à separação dos assuntos a abordar, o que por vezes é difícil dada a interpenetrabilidade entre os mesmos, tal como aqui ocorre. Haverá, assim entre estes uma hierarquia, já que uns são componentes de outros, cuja lógica procurámos utilizar para esta organização:

- Desafios directos da globalização
 - Novo papel das cidades, ponto de encontro entre o global e o local;
 - Competição internacional entre as cidades a vários níveis;
 - Organização da rede global com hierarquia incerta e volátil;
- Desafios directos dos novos meios de comunicação
 - Grande difusão de informação e sua homogeneização;
 - Metapolização: a deslocalização e dessincronização do indivíduo;
 - Crises de identidade;
 - Predominância dos espaços de fluxos sobre o espaço dos lugares, conflito iminente;
 - Dualização, polarização e co-habitação de contrastes
- Desafios decorrentes das grandes cidades e seu rápido crescimento
 - Planeamento modernista por zonas monofuncionais;
 - Dispersão; Viver na cidade sem ter experiência urbana;
 - Centro e periferia; Suburbanidade e exclusão;
 - Diluição de limites e fronteiras;
 - Impessoalidade do território, a incapacidade de percepção e consequente abstracção pelo cidadão;
 - Insegurança (ainda que mais por noção do que efectiva experiência);
 - Desactualização e incapacidade de gestão pelos actuais modelos de administração e enquadramento legal;
- Desafios decorrentes das profundas alterações na sociedade e suas solicitações à cidade e ao espaço público: Do público ao privado, do colectivo para o individual
 - Novos meios de comunicação e informação substituem funções ancestrais do espaço colectivo;

- Novas ofertas para recreio, entretenimento e ocupação dos tempos livres;
 - Evolução dos padrões de qualidade de vida no sentido do uso individual e propriedade privada;
 - Generalização do consumo;
 - As alterações de conceitos dos modelos de gestão e financiamento, a diminuição do poder do Estado em favor do financiamento e iniciativa privados;
 - A individualização (por oposição ao colectivismo) da utilização da cidade, conforme aponta Ascher
- Desafios decorrentes da flexibilização, da indefinição de conceitos e fronteiras, e da relativização de princípios e valores
- Desafios decorrentes da necessária diminuição dos excessos de consumo e desgaste dos recursos naturais
 - Grande desgaste dos recursos naturais na construção
 - Grande consumo do solo na sua conversão para construção para uso urbano
 - Excesso de consumo de combustíveis dado protagonismo da mobilidade e dos transportes sobretudo o privado automóvel a vários níveis;
 - Desgaste excessivo dos recursos naturais dado o crescimento da propriedade privada, o uso individual e a reduzida reutilização.
- Desafios decorrentes do cumprimento dos princípios contemporâneos de democracia, acessibilidade, inclusão, liberdade e igualdade
 - Grupos de utilizadores cada vez mais diversos;
 - Número crescente de características dos utilizadores a observar, incluindo características culturais e sociais.

3.3.2.Desafios directos da globalização

A globalização tem de facto causado impactos de várias formas, e tem sido assunto profusamente debatido por vários autores em diversas áreas, mesmo especificamente em relação aos seus impactos na cidade como é o caso de Borja e Castells (1997), conforme já referimos. Também neste âmbito trata-se efectivamente de uma questão de fundo, e parece-nos ser possível distinguir no debate destes citados autores alguns desafios específicos deste âmbito para as cidades.

No contexto emergente da globalização, Borja e Castells (1997) consideram que haverá um novo papel para as cidades, ao serem um ponto de encontro entre o global e o local. Isto significa que, para estes autores, haverá até uma mudança na hierarquia da dinâmica global entre cidades e países, em que as cidades vão ganhar protagonismo na dinâmica global em detrimento dos países a que pertencem.

Logicamente, “nem todas as megacidades são centros dominantes da economia global, mas todas ligam a referida economia global a processos e funções que afectam centenas de milhões de pessoas. As megacidades devem ser definidas em termos do seu poder gravitacional na relação com amplas regiões do mundo” (Borja e Castells, 1997:51).

As cidades dependem assim cada vez mais da sua articulação na economia global, o que significará uma competição directa cada vez maior e entre elas. O novo objectivo para a gestão urbana está pois em colocar toda a cidade com capacidade para enfrentar a concorrência global a partir do qual depende o bem-estar dos seus cidadãos. Para este desafio da competição global, segundo estes autores, o incremento de produtividade necessário à competitividade das cidades na nova economia informacional global depende, no essencial, de três factores: conectividade, inovação e flexibilidade institucional (Borja e Castells, 1997:31-32, citando Brothie et al., 1995).

Estes são factores que de algum modo são considerados pela Estratégia de Desenvolvimento Sustentável de Portugal, a qual estará assim confluência com esta linha de raciocínio. No entanto, no seguimento de Naredo (2003) e Latouche (2009), o incremento de produtividade significa, actualmente, aumento do desgaste dos recursos naturais, assim como de problemas do foro social. Nesta lógica, a competitividade das cidades pode originar maior desgaste, assim como os factores de que depende. Se assim for, a conectividade, a inovação e a flexibilidade institucional também podem tornar as cidades mais insustentáveis. Contudo, devemos ter em consideração que a conectividade melhora a informação, e a informação, por sua vez, é um importante meio para se obter a sustentabilidade (Naredo e Rueda, 1997; Vezzoli e Manzini, 2008).

De referir também que, para Borja e Castells, esta rede global terá uma organização com hierarquia incerta e volátil: “O que ninguém pode assegurar na nova economia é a permanência da referida hierarquia interurbana, a qual está sujeita a uma competição feroz em sectores tão voláteis como as finanças ou os investimentos imobiliários” (Borja e Castells, 1997:39).

Como podemos facilmente compreender, haverá assim uma influência directa de factores internacionais no urbanismo e desenvolvimento da cidade: “os resultados dos grandes projectos de urbanismo e desenvolvimento nas cidades passaram a ser reféns de factores internacionais externos sobre os quais há pouco controlo” (Daniels, 1993:166, cit. Borja e Castells, 1997:40).

Como já atrás apontado, uma cidade sempre foi o resultado de uma sucessão e sobreposição de processos, o que é mais evidente nas cidades mais antigas, como a maioria das europeias. Mas, como sublinham Borja e Castells, neste contexto da globalização, esse “processo contínuo de reestruturação urbana” é acelerado “em função de exigências e objectivos cada vez mais externos à sociedade local (Borja e Castells, 1997:57). Ou seja, mantêm-se os mesmos processos da cidade, a diferença está na sua aceleração e na influência global.

Mais concretamente, para a necessária articulação de uma região com a economia global, haverá novos requisitos indispensáveis de equipamentos e funcionalidades para as cidades, os quais Borja e Castells definem como sendo a “constituição de um nó urbano de gestão de serviços avançados organizados, invariavelmente, em torno de um aeroporto internacional, um sistema de telecomunicações por satélite, hotéis de luxo com segurança adequada, serviços de assistência secretarial em inglês, empresas financeiras e de consultadoria com conhecimento da região, gabinetes dos governos regionais e locais capazes de proporcionar informação e infra-estrutura de apoio ao investimento internacional, um mercado de trabalho local com pessoal qualificado nos serviços avançados e nas infra-estruturas tecnológicas.” (Borja e Castells, 1997:37).

Estes autores enumeram aqui, sobretudo, serviços, cujo propósito é prestar apoio ou assistência. Naturalmente, estes serviços pressupõem equipamentos e instalações próprios necessários nessa cidade. Assim como outros serviços, e equipamentos e instalações respectivos, que prestarão a assistência aos primeiros, o que vai desde o quartel de bombeiros à lavandaria, para além de todos os serviços complementares, como por exemplo os restaurantes.

Deste modo, poderemos dizer que para esta organização global se define uma hierarquia, possivelmente inédita, de equipamentos e serviços. Certamente que as hierarquias sempre existiram, havendo desde sempre na cidade equipamentos e sítios mais importantes que outros. E essa importância seria regulada por um poder local, regional ou nacional, o qual poderia definir, por exemplo, a partir dessa importância, quais desses elementos da cidade teriam que ser bens públicos. Nesta lógica supra-nacional, volátil e baseada na economia (controlada não por Estados e governos, mas por privados, anónimos e transnacionais) dir-se-ia que esse controlo será muito mais difícil.

3.3.3.Desafios directos dos novos meios de comunicação

Para Borja e Castells (1997), as megacidades concentram, entre outras coisas, a capacidade simbólica de criação e difusão das mensagens dominantes. Porém, essas mensagens advêm das redes globais, já que as megacidades estão externamente ligadas a essas redes e internamente desligadas do seu território e dos amplos sectores que o compõem (1997:50-52). Haverá assim uma absorção e homogeneização de mensagens que levará, pelo que expõem estes autores, à exclusão de amplos sectores sociais e de territórios, quer ao nível regional, quer global (Borja e Castells,

1997:59). Concentram-se assim, nestas cidades, tanto o maior potencial de desenvolvimento como os mais graves problemas sociais (Borja e Castells, 1997:283).



Figura28 - Marco de correio implantado na Av. de Paris em Lisboa (foto do autor, 2012). À medida que aumenta o uso das telecomunicações, da televisão e da Internet, o uso do serviço postal tem diminuído e, consequentemente, a densidade dos seus pontos de acesso (ANACOM, 2011). Comunicar com alguém deixou de ter o imperativo ou o pretexto de ir à rua para o envio de uma carta; estes equipamentos outrora indispensáveis irão assim desaparecendo, tal como mais um dos usos do espaço público, quer para esses remetentes, quer para a prestadora desse serviço.

Assinalamos, no entanto, que para Naredo (2003) e Latouche (2009), como já abordámos, a raiz destas duas questões é a mesma. Para estes autores, o modelo de desenvolvimento que se segue actualmente é, por si próprio, gerador de problemas sociais, porque pressupõe sempre a imposição de valores e processos. Latouche sublinha que, o desenvolvimento foi, é e será, antes de mais, desenraizamento. Sempre significou um aumento da heteronomia em detrimento da autonomia das sociedades, porque o desenvolvimento, conclui o autor, foi e é a ocidentalização do mundo. Este autor critica todo o conceito de desenvolvimento, de desenvolvimento sustentável e globalização, acusando que a globalização não será muito mais do que uma nova versão do que foi o desenvolvimento preconizado no pós-guerra, o que, por sua vez, terá derivado do que era antes a colonização. (Latouche, 2009:19-20).

Seja como for, podemos já perceber que haverá, consequentemente, crises de identidade, dando lugar a “outra história, outra dinâmica, [que não é de fluxos] e se está desenvolvendo, não

paralelamente, mas em reacção e contradição ao sistema de fluxos globais: a afirmação da identidade, histórica ou reconstruída” (Borja e Castells, 1997:29-31).

Este desafio que a globalização coloca à sociedade, pela sua “dualização”, poderá verificar-se também, segundo Borja e Castells, pelo grande contraste da co-habitação de grupos e funções em extremos opostos, de riqueza e marginalidade. Estarão já a ocorrer, segundo estes autores, processos de exclusão social mais profundos, e intrametropolitanos, e particularmente nas grandes cidades de quase todos os países. “Nos diferentes espaços do mesmo sistema metropolitano existem, sem se articularem e por vezes sem se verem, as funções mais valorizadas e as mais degradadas, os grupos sociais produtores de informação e detentores de riqueza em contraste com os grupos sociais excluídos e as pessoas em condição de marginalização” (Borja e Castells, 1997:59-60).

Já Shane (2005) refere a característica própria, até intrínseca, da cidade enquanto espaço de iminente conflito, visto que se trata de um espaço de compressão de várias pessoas e modos de viver. No entanto, Borja e Castells apresentam-nos o que poderá ser uma situação peculiar ou inédita, a qual decorrerá, depreendemos, da escala em questão, quer pela dimensão da cidade, quer pelo âmbito global.

Esta dualidade irá assim levar à emergência da economia paralela, ao florescimento de economias informais, as quais Vezoli e Manzini (2008) também referem, assim como Latouche. Estes autores referem, com efeito, a emergência de grupos autónomos e de acção local, e paralelos à economia central e de mercado. Trata-se de um contexto, segundo estes autores, que se refere muito mais a processos e questões locais, bem como a necessidades mais básicas e de primeira necessidade (?), e no qual poderão estar muitas das soluções para a insustentabilidade que a actual sociedade ocidental atravessa.

Os actuais meios de comunicação e de informação também levarão a uma predominância dos espaços de fluxos sobre o espaço dos lugares, já que teremos entrado na denominada “sociedade de fluxos” (Castells, 2002), conforme já referimos. Continua a existir o espaço dos lugares, como forma territorial de organização do quotidiano e da experiência da grande maioria dos seres humanos. Mas enquanto o espaço de fluxos está globalmente integrado, o espaço dos lugares está localmente fragmentado (Borja e Castells, 1997:66-67).

Pelo que vimos com Shane (2005), de algum modo as cidades sempre se relacionaram entre si exercendo o poder sobre o território que dominavam; de algum modo, a dinâmica das cidades em

rede sempre existiu. O que será próprio da actualidade será, isso sim, o meio de ligação utilizado e a rapidez de mudança que têm permitido. Para além disso, existe uma dimensão, global, nunca antes existente. Poderemos pois apontar que os novos desafios que hoje surgem referem-se, sobretudo, à abrangência que têm, resultante da globalização, e à rapidez com que ocorrem. Essas características obrigam, por si, a uma reflexão sobre o futuro, dada a amplitude sem precedentes que os seus impactos atingiram.



Figura 29: Os dispositivos e sistemas para orientação e navegação por satélite tornam, já por si, virtualmente obsoletos os equipamentos para informação e orientação do espaço público (para quem os possua). Dão-se agora os primeiros passos no recurso à “realidade aumentada”, com a qual é possível acrescentar muito mais coisas ao que existe fisicamente, o que nos suscita a reflexão sobre o que mais poderá vir a ficar obsoleto e que actualmente equipa e enriquece o espaço público de todos. (Figura retirada de The Guardian, 2010)

Por outro lado, dado o surgimento e generalização de meios de comunicação rápida e que nem sempre requerem o contacto pessoal, directo e físico, o espaço público já não é actualmente o centro vital da cidade, uma vez que deixou de ser o canal de comunicação e informação quase exclusivo que em tempos foi. Lugar dos eventos e das ocorrências (o que, note-se, apesar de tudo, em muitas circunstâncias ainda se mantém e tem um papel essencial), o espaço público era, sobretudo antes do desenvolvimento dos ‘mass-media’, também meio preferencial para passagem da notícia e comunicação em geral, desde o assunto mais trivial às resoluções e execuções oficiais do Estado.

Também Ascher (2007) aborda o impacto da evolução das tecnologias de informação e comunicação na cidade e no modo como esta se passará a conceber, organizar e utilizar. Este autor enfatiza a profunda alteração que decorrerá da possibilidade da individualização do espaço-tempo, dada a crescente autonomia de cada indivíduo providenciada pelas referidas tecnologias e meios.

Será, conforme expõe, possível uma “autonomia crescente face aos limites espaciais e temporais”, onde “a simultaneidade ou sincronização das acções já não são indispensáveis porque muitas delas podem realizar-se com um desfasamento ou assincronia [...]. Agora é mais fácil escolher individualmente os lugares e momentos de comunicação e intercâmbio.” (Ascher, 2007:35)

Será o “duplo processo de ‘deslocalização’ e de ‘desinstantaneização’” (Ascher, 2007:35) que daqui decorre que está na base do conceito da metápole (e metapolização) definido por Ascher, e que assenta na tendência para as cidades se organizarem, estruturarem e referirem cada vez menos segundo a lógica do seu território físico, e mais através dos transportes, da mobilidade e das tecnologias de comunicação e informação e seus fluxos e redes. Porque “as distâncias físicas já não se traduzem por durações fixas de tempo; também se pode escolher entre mudança de lugar (deslocação) e mudança de tempo (dessincronização)” (Ascher, 2007:60).

Teremos assim uma diversificação dos interesses individuais e colectivos, e estes originarão “territórios que mudam de tamanho e natureza dependendo de costumes e deslocações individuais” (Ascher, 2007:65).

3.3.4.Desafios decorrentes das grandes cidades e seu rápido crescimento

Para Borja e Castells, como vimos, o que faz das megacidades uma nova forma urbana é o facto de se constituírem em torno da sua ligação numa rede global, da qual são nós fundamentais, estando ao mesmo tempo internamente segmentadas e desligadas social e espacialmente. Assim, para estes autores, trata-se também de uma forma espacial que se caracteriza por vínculos funcionais estabelecidos num amplo território, enquanto, simultaneamente, mostram uma grande descontinuidade no seu padrão de ocupação do solo (Borja e Castells, 1997:52). As cidades crescem numa extensão sem precedentes, através de uma fragmentação, tanto do tecido urbano como dos grupos sociais que a constituem (Borja e Castells, 1997:49-67), o que evidencia a minimização do papel da continuidade territorial face à maximização da importância das redes de comunicações. Surgem assim formações urbanas como o caso americano das “cidades-orla” (edge-cities, ciudades-orilla) (Ellin, 1999; Borja e Castells, 1997), conforme já analisámos.

Ellin refere as diversas opiniões e o profundo debate que este tipo de urbanização tem suscitado (sobretudo nos EUA, onde é mais evidente). Conforme refere Ellin, alguns consideram-na apenas uma expressão física da economia de serviços e informação, tal como a cidade tradicional era uma

expressão da era da produção. Outros lamentam este tipo de urbanização, apontando que estes sítios geradores de emprego situam-se em áreas de afluência e que muitos dos trabalhadores vivem em áreas centrais ou em subúrbios mais pobres, acentuando-se assim o hiato entre pobres e ricos, a divisão por raça, rendimento e cultura (Ellin, 1999:106-107).

Contudo, parece-nos que a maior questão será a “privação de uma proporção crescente de população norte-americana (actualmente mais de metade) de qualquer experiência urbana no seu quotidiano” (Borja e Castells, 1997:55-56), conforme também já referimos, mesmo que essas áreas incluam equipamentos como bibliotecas, teatros, escolas, hospitais e outras instalações públicas e culturais, conforme é argumento de outros autores referidos por Ellin a favor desta evolução (Ellin, 1999:106-107).

De facto, parece-nos indispensável para uma cidade constituir-se por estes diversos equipamentos, a lei portuguesa até a define por aí, conforme já vimos. No entanto, e no seguimento do que expõem Borja e Castells (1997), Ellin (1999) e Carmona et al. (2010), o verdadeiro desafio deste tipo de urbanização decorrerá da descontinuidade do tecido urbano, da sua divisão através das suas zonas monofuncionais, dispersas através um imenso território. Para além de outros desafios que aqui exporemos, esta organização gera profundas divisões, não só funcionais, físicas e territoriais, mas também sociais. Sobretudo, reflectir-se-á no fim da chamada “vida urbana” para muitos dos seus habitantes, com imaginários de territórios utilizados sem centros urbanos. O fim desta vida urbana, poderemos sublinhar, será também o fim de um cosmopolitismo que a caracteriza. A população deste tipo de urbanização, em massas cada vez mais homogêneas e maiores, usufrui da cidade apenas ao contribuir para uma dinâmica dos fluxos de mobilidade cada vez mais preponderante.

Segundo a análise e reflexão de Nan Ellin (1999) já referida, sobre o urbanismo pós-moderno e os factores que o originaram, a arquitectura moderna e os princípios que fundamentaram a construção da cidade moderna (que ocorreu sobretudo após a Segunda Guerra Mundial) suscitaram várias críticas e reacções de vários quadrantes, dizendo-se que “o planeamento e desenho da cidade modernista era o projecto de deslocalização, de espaços anónimos e impessoais, de estruturas em massa e auto-estradas”, de “falta de legibilidade da paisagem” (Ellin, 1999:16). Surgiram assim, decorrentes do “boom” económico desta época de reconstrução, grandes extensões urbanizadas (as denominadas “urban sprawl”, alastramento urbano) estruturadas por auto-estradas, não só massificadoras, mas também deslocalizadoras, de perda de referências e de lugares sem identidade.

Como poderemos perceber, esta organização e conceito de cidade, pelo modo como conforme resulta a utilização e usufruto da cidade, coloca grandes desafios à continuidade do seu espaço público, pelo menos conforme o concebemos agora, como lugar da permanência, do encontro casual, da diversidade e até do exercício da cidadania e da liberdade.

Caindo as fronteiras físicas, perdendo-se uma distinção assinalável entre a cidade e a sua vizinhança, difundindo-se os usos, funções e utilizações, por todo o território urbanizado, actualmente a definição de cidade torna-se mais difícil; a determinação de uma cidade confina-se hoje ao desenho de um limite que obedece a critérios legais e administrativos, mas que raramente coincide com as dinâmicas e necessidades reais. O grande e rápido ‘alastramento urbano’ coloca assim habitantes em lugares cuja administração está desfasada das suas necessidades, e também cada vez mais afastados dos centros do território ou de qualquer outra referência. Para além disso, este crescimento tem gerado um tecido urbano com uma estrutura pouco clara, sendo nalguns casos construída sem essa preocupação, o que resulta, entre outros problemas (bastante mais graves, como veremos), numa indefinição do conceito de cidade e na determinação e identificação de uma cidade específica.

Conforme indicam Castells (2002) e Borja e Castells (1997), com a evolução tecnológica que se verifica, as cidades não demonstram tendência a desaparecer, antes pelo contrário. Para além disso, começa agora a surgir também a questão de que as referidas tecnologia e economia se têm demonstrado insustentáveis, assim como o modelo que geraram de cidade, sendo importantes factores dessa insustentabilidade a sua grande dimensão e dispersão. Isto significa, com efeito, que a concentração não só não é uma questão ultrapassada, como será uma característica de que, segundo alguns autores, depende o futuro das cidades.

Estaremos também perante a questão da escala impessoal da cidade, decorrente do rápido crescimento das cidades e da sua grande dimensão, mesmo que esse fenómeno talvez não pertença exclusivamente a este período da segunda metade do século XX. O rápido crescimento e a dimensão atingida já nessa altura através da industrialização do século anterior poderiam também ter suscitado a mesma relação (ou a falta dela). Seja como for, trata-se de uma dimensão cuja escala aumenta o desequilíbrio entre os subúrbios e o centro, em que os primeiros, cada vez mais extensos, vão tendo o centro cada vez mais distante, ou seja, a sua referência fica cada vez mais remota, enquanto os centros se tornam cada vez mais preponderantes (Borja e Castells, 1997).

Estaremos, com efeito, perante uma escala pouco humana (Sert, 1951; Naredo e Rueda, 1997), o que se reflecte na relação geral do cidadão com o espaço público da sua cidade. As grandes distâncias entre os diferentes locais a que o cidadão acede, por exemplo, entre a casa e o local de trabalho, a dimensão monumental e pouco humana dos espaços e construções com que se defronta, para além do grande número de todos os estranhos com que nos cruzamos no espaço público, são por vezes factores de afastamento do espaço público das cidades e, por consequência, do seu abandono e deterioração.

Este distanciamento do espaço público está também relacionado com a noção de diminuição de segurança⁵⁶, mesmo que isso seja mais uma opinião comum do que a constatação de uma experiência efectiva e individual. Há, de qualquer modo, a tendência para se considerar o espaço público como sendo inseguro.

No entanto, cabe reflectir que outrora o espaço colectivo das cidades quase sempre foi muito mais inseguro do que sucede actualmente na grande maioria das cidades⁵⁷, pelo menos até à generalização da iluminação e do policiamento das ruas. Nesta lógica, poderemos deduzir que uma das razões que estará eventualmente por trás desta noção poderá ser o facto de o indivíduo ter cada vez menos proximidade e familiaridade com o espaço público da sua cidade, considerando-o cada vez menos como seu e estranhando cada vez mais as pessoas que nele encontra.

De qualquer modo, Ellin (1999) expõe também que a crescente (noção de) insegurança nas cidades é um factor que tem vindo até a interferir, sobretudo recentemente, na conformação da cidade e, sobretudo, do espaço público. Para esta autora, a insegurança tem sido um elemento base do urbanismo pós-moderno, com o qual se tem verificado, por exemplo, um crescimento do “privatismo”, que se traduz tanto através da proliferação (com grande adesão das populações) de espaços privado de uso colectivo, como os centros comerciais, ou dos condomínios fechados.

Para esta autora, “esta onda mais recente de confusão e medo pode ser atribuída à aceleração da mudança e da globalização, junto com um desafio concomitante à visão do mundo moderna e dominante, um declínio da esfera pública, o alargamento do acesso às tecnologias da informação e

⁵⁶ Aqui não nos estamos, pelo menos por agora, a referir à segurança segundo a amplitude que consideram Borja e Castells (1997), a qual inclui, por exemplo, a noção de integração do indivíduo na sua sociedade ou o direito aos espaços acolhedores e significativos, ou ainda a segurança de ter direito à protecção social, à educação e à saúde, cuja possibilidade de acesso distingue, conforme expõem, a cidade da urbanização.

⁵⁷ Veja-se, por exemplo, o caso de Lisboa, conforme descrito Couto (2003)

o consequente obscurecimento do poder” (Ellin, 1999:127). Terá assim ocorrido uma “viragem para dentro”, para a privacidade, “uma retirada facilitada pela televisão, o walkman, o vídeo, e o PC” dos “olhos da rua” de Jane Jacobs (Ellin, 1999:131, citando Sutton, 1991).

Ellin não deixa de referir que, “em vez de determinar as fontes da insegurança, o reflexo mais comum tem sido evitá-la e a auto-protecção” (Ellin, 1999:131), e que “esta fuga ou viragem para dentro, contudo, só contribui para os problemas dos quais se foge. A retirada da esfera pública deixa um vazio no qual o mercado ou o regime autoritário podem facilmente entrar” (Ellin, 1999:135).

Esta evolução das cidades tem também gerado dificuldades e desafios de financiamento, gestão e administração, o que é derivado não só da dependência de uma estrutura global, incerta e instável, como já vimos, mas também da dimensão que esses desafios e dificuldades estão a atingir, a par do desfasamento cada vez maior com os conceitos e instrumentos legais e competências das instituições de administração e gestão (Borja e Castells, 1997).

Vários termos se têm referido, como a “megalópole” ou “cidade região”, em relação às grandes extensões de território urbanizado que actualmente se verificam, “contudo, estes conceitos raramente se traduziram institucionalmente” (Borja e Castells, 1997:291). “A realidade social, económica, cultural e social ultrapassa os limites da cidade entendida como município e, para além disso, por vezes supera até os limites superiores administrativos, transformando-se numa realidade territorial não contemplada pelo Direito.” (Borja e Castells, 1997:283). “Em geral são escassas as áreas metropolitanas que têm um sistema de competências bem definido e com recursos suficientes para as desenvolver” (Borja e Castells, 1997:287).

Haverá assim um desfasamento entre o que está enquadrado legal e administrativamente e o que sucede na cidade real, evidenciando-se problemas financeiros, e de planeamento e estratégia do território, os quais os governos centrais têm acabado por ter a seu cargo. Para além disso, há ainda questões da necessária competência de representatividade externa dado o contexto mundial onde a cidade há de se inserir agora directamente (Borja e Castells, 1997:284).

Estes autores enumeram diversos problemas, entre os quais as dificuldades para a criação dos meios necessários e de financiamento, a pouca eficiência, adequação, operacionalidade e pouco controlo dos serviços necessários e sua gestão, e até mesmo um deficit democrático (Borja e Castells, 1997:289-291).

Para estes autores não restam pois dúvidas que “a gestão dessas cidades e a construção de novos modelos de vida capazes de responder às novas formas produtivas e culturais colocam enormes desafios”, os quais só poderão ser enfrentados através de “uma redefinição dos instrumentos de gestão urbana” a partir da “análise dos processos tecnológicos, económicos, culturais e institucionais que estão na base da transformação das cidades” (Borja e Castells, 1997:22).

3.3.5.Desafios decorrentes das profundas alterações na sociedade e suas solicitações à cidade e ao espaço público: do público ao privado, do colectivo para o individual

Anteriormente, haveria, conforme já referimos, uma maior utilidade do espaço colectivo para a cidade e para a sociedade, ou até mesmo dependência, dadas as diversas utilizações que ele continha. Haveria uma maior vida dos espaços colectivos que garantiria a sua própria existência, através da continuidade e renovação das muitas utilizações que aí se sobrepunham ou sucediam. Teríamos pois, um espaço por natureza contínuo, efectivamente multi-funcional, flexível e que correspondia a diferentes solicitações de diversas utilizações e muitos utilizadores, espaço esse que, ao longo do tempo, tem vindo a ser esvaziado e fragmentado.

O tipo de eventos relacionados com o exercício da justiça, das diversas actividades civis, ou simplesmente de demonstração do poder é um dos exemplos que já apontámos. Os tribunais nos largos, os pelourinhos, os castigos e as execuções, os ajuntamentos com discursos e até com votações de mão no ar, a maioria deste tipo de usos desapareceu da rua, várias podendo ser as razões para isso tenha acontecido⁵⁸. Restam, como constatamos, as manifestações, as marchas e as campanhas políticas, as quais confirmam, devemos salientar, o papel fundamental e único do espaço público na cidade. No entanto, não deixamos de os ver também como sendo dos poucos casos restantes de uma outra época.

O caso do abastecimento de água também nos evidencia esta transição: ao passar do chafariz ou poço para a torneira em casa, o largo ou praça onde os primeiros se encontravam deixou de ter esses usos, e logo menos utilizadores que a eles acediam (Valente Pereira, 2006).

⁵⁸ Esta retirada do poder das ruas estará também relacionada com a separação deliberada entre a rua e o poder, conforme o que terá sido logo uma das grandes razões para as obras de Haussmann em Paris, ao sulcar grandes avenidas sobre a malha medieval da cidade, já que um dos grandes intuitos era o de acabar de vez com os sucessivos motins e barricadas ao permitir a livre manobra do exército. (Broadbent, 1990; Bennevollo, 1989)

A evolução das diversas actividades humanas, profissionais ou não, tem-se traduzido, entre outros modos, na sua ramificação em outras, cada vez mais especializadas. Assim, existe um número cada vez maior destas actividades, assim como do modo como através delas se utiliza, de um modo geral, o espaço. Inerentemente, tem sido exigida a criação de espaços cada vez mais especializados, dedicados e exclusivos, para que a sua utilização permita o melhor desempenho dessas actividades.

Julgamos poder ser observável que esta evolução também tem ocorrido no espaço colectivo da cidade. Confrontando o que seria anteriormente a configuração e utilização do espaço colectivo da cidade com a actualidade, haverá uma tendência para a sua conversão em espaços ou sub-espaços especializados, mais dedicados a uma actividade ou função, seja ela profissional ou não.

Conforme já referido, com a sua evolução, a maior parte das actividades de manufatura (ou mesmo todas) foram gradualmente transitando para espaços especialmente equipados, exclusivos e fechados, nomeadamente edifícios e naves industriais, abandonando o original lugar que, talvez por ser mais partilhado e acessível, era também menos adequado.

Por sua vez, o local onde a transacção destas manufacturas ocorre tem também vindo a deslocar-se para espaços de utilização mais dedicada e exclusiva. Na actual Lisboa, por exemplo, mantém-se o actualmente denominado “comércio tradicional” nas lojas dos pisos térreos dos edifícios, mas cada vez com maiores dificuldades. Este facto é comumente constatável não só pelas frequentes queixas mediatizadas dos seus proprietários, como também pela óbvia decadência do protagonismo comercial da Baixa lisboeta. Quanto ao “comércio de rua” ou os “mercados de rua” desta cidade, persistem, ainda algumas feiras, quer porque estão culturalmente instituídas e protegidas, como será o caso da Feira da Ladra, quer porque a grande afluência, como sucede com o caso da Feira do Relógio, vai obrigando a Câmara Municipal a mantê-las. É também possível, por vezes, encontrar alguns engraxadores, floristas e ainda outros vendedores que improvisam um ponto de venda, por exemplo, com um pano no chão onde expõem as suas mercadorias.

Parece-nos que o trajecto feito pelo comércio das ruas de Lisboa ao longo dos tempos está bem exemplificado com a evolução do comércio do Rossio e da Praça da Figueira (cf. 4.1.6). Aí poderemos testemunhar as bancadas mais ou menos improvisadas que se encontrariam no Rossio desde a sua origem até à sua monumentalização. Nessa altura transitaram para a Praça da Figueira, onde depois se definiu um recinto específico para esse fim. Posteriormente, esse recinto foi convertido em edifício, cujo desaparecimento deixou, até hoje, algumas floristas e bancadas

improvisadas (de novo) e de outros pequenos de comerciantes dispersos pela praça entretanto também monumentalizada.

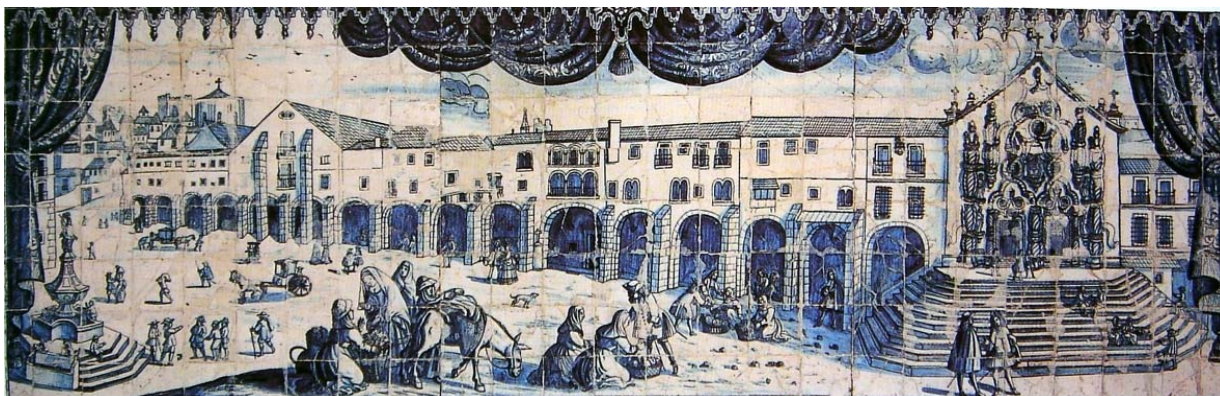


Figura30: Rossio e Hospital Real de Todos os Santos, painel de azulejo, Séc. XVIII (inícios) (Museu da Cidade, N° Inventário: MC.AZU.PF.60, Moita, 1994:145). Outra imagem que retrata este espaço onde consta, para além do Hospital e do Chafariz de Neptuno, a actividade de feira.

De referir também a profusa venda ambulante que até há algumas décadas ainda existia, cujos vários pregões, para muitos, eram parte significativa da paisagem sonora lisboeta. Actualmente, estes apenas fazem parte das memórias dos já menos recentes habitantes, mas também de vários registos que procuram preservar o que para muitos era uma característica muito própria e importante da cidade.

De um modo geral, o comércio de rua de Lisboa está quase extinto, praticamente não encontramos, podemos afirmar, nenhum mercado de rua, para além dos anteriormente citados. Esse uso continua, obviamente, a existir, as pessoas continuam a comprar coisas, mas parece-nos que é efectuado actualmente sobretudo através do seu herdeiro, que será não o dito “comércio tradicional”, das lojas, com o qual afinal sempre conviveu, mas as grandes superfícies comerciais, os hipermercados e os centros comerciais, muitas vezes até denominados de “fóruns”. São efectivamente, repare-se, espaços fechados em si mesmos, separados e/ou afastados da restante cidade.

Muitas queixas dos lojistas do “comércio tradicional” têm provocado estes equipamentos, e muita controvérsia têm suscitado sobre a sua relação com o espaço público da cidade a que pertence, pela sua incompatibilidade e prejuízo. Por agora não entraremos nesse debate, apenas queremos referir que nos parece que estas questões decorrem, precisamente, da subdivisão do espaço colectivo da cidade. E estes espaços, que então resultam do apartar de usos do espaço colectivo da cidade que dela assim se separam, trouxeram para si todo um conjunto de funções e utilizações, neste caso relativos às actividades comerciais, retirando-as às ruas e praças onde originalmente pertencia.

Nalgumas cidades, pelo menos nalgumas europeias, é possível encontrar a restituição (ou preservação) dos mercados de rua, ao reconhecer-se a sua importância, precisamente, para a vitalidade do espaço público e, inerentemente, para a qualidade de vida dos cidadãos (figura 31). Para Lisboa, para já, apenas houve uma proposta no Orçamento Participativo de 2011 para a criação destes eventos, no entanto a sua votação foi reduzida.

Conforme também já apresentámos, parece-nos que as actividades de ócio e de tempos livres também foram igualmente alvo desta transposição. Ainda hoje assistimos ou participamos nalguns eventos recreativos e culturais no espaço público, descansamos numa praça ou num jardim, damos um passeio, etc. No entanto, é-nos evidente, com a experiência de cidadãos, que as ruas e praças perderam grande parte do protagonismo enquanto local de distração, descanso e diversão.

Muitos destes usos da rua têm vindo a ser substituídos por diversas actividades com que actualmente ocupamos o tempo livre, só que desempenhadas noutros sítios. Não só passamos mais tempo em espaços especializados, de uso colectivo e fechados, como o cinema, o teatro, o museu ou, uma vez mais, o centro comercial, como até cada vez mais as desempenhamos no espaço privado e individual da nossa casa, onde encontramos cada vez mais meios e oferta para virarmos costas à rua.

Na nossa época e, em geral, na sociedade ocidental, a oferta para a ocupação dos tempos livres tem sido cada vez mais variada, cada vez mais são os aliciantes para que não os passemos nos diversos espaços públicos das cidades. Essa grande oferta poderá proporcionar maior escolha e melhor qualidade na ocupação dos tempos livres, mas coloca também grandes desafios aos espaços públicos das cidades.

Com esta observação surge-nos ainda uma questão, cuja oportunidade não queremos deixar de aproveitar. Pelo menos como sucede em Lisboa, conforme adiante apresentamos nesta investigação, apesar desta feroz concorrência, na definição de projectos de usos do espaço público para permanência continua a apostar-se, sobretudo, naqueles que são relativos também à ocupação dos tempos livres. Muitos continuam a ser os casos de êxito, tanto em Lisboa como noutras cidades, de projectos de parques, praças e outros lugares públicos de permanência, mesmo os mais recentes, e que se destinam, precisamente, a estes usos, vencendo assim esta dura batalha. No entanto, parece-nos que há uma certa tendência para seguir programas de projecto de espaços públicos que já há muito foram definidos e que continuam a não ser questionados.

De um modo geral, assistimos à transição para o espaço doméstico de várias actividades anteriormente efectuadas em espaços de uso colectivo, fechados ou não. Com a evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação que já referimos, será possível admitir que este trajecto, iniciado pelo abastecimento de água, tem vindo a ser seguido também pelos meios de diversão, de informação, e até do comércio. Tarefas essas que, na sua génese, estiveram na fundação do espaço colectivo das cidades.

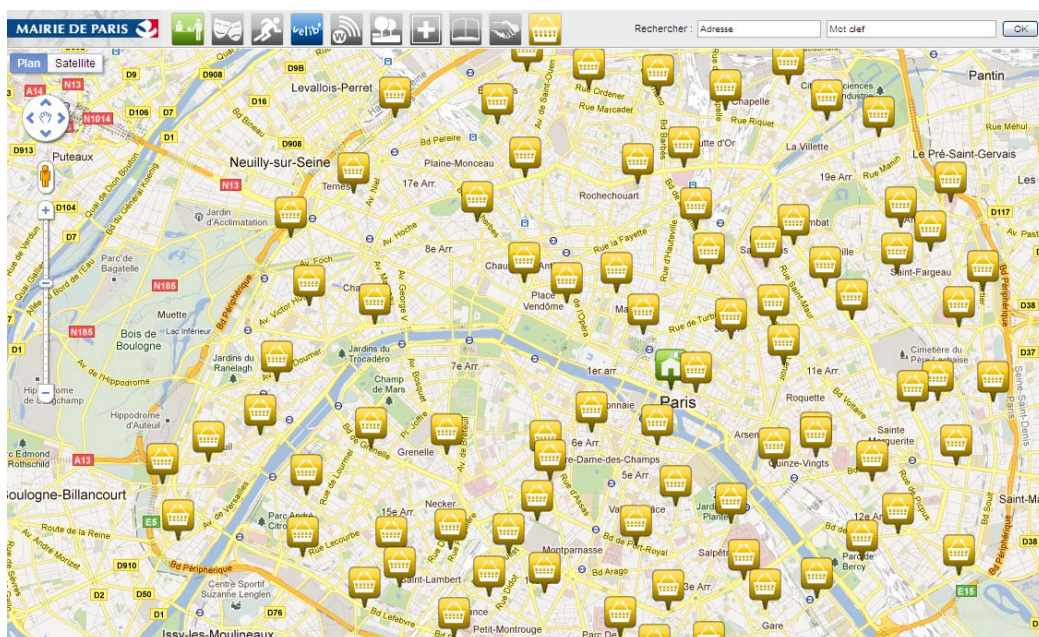


Figura31: Planta da Mairie de Paris com a actual localização dos mercados de rua em Paris. Disponível em <http://plan.paris.fr> Recorte de ecrã efectuado 10-09-2011

Com esta evolução das actividades humanas, houve um esvaziamento gradual de funções e utilizações das ruas, praças, largos jardins, etc., enfim, do espaço público das cidades.

Para além disso, nos casos em que os usos do espaço público se mantiveram, poderemos observar que este espaço da cidade, que se define, como vimos, como diverso, multifuncional e contínuo, se tem vindo a subdividir em espaços, ou sub-espacos, ou zonas, monofuncionais e mais especializados.

Sobre esta questão observemos por exemplo, os espaços canais, para os fluxos, mobilidade e transporte. Julgamos que é possível observar que anteriormente poucas seriam as ruas com uma separação tão vincada em canais dedicados como hoje é corrente. Actualmente os automóveis são tanto mais incompatíveis com os peões quanto maior é a sua velocidade, sendo a separação e exclusividade dos seus canais mais imperativa quanto maior for essa diferença. Certamente que os actuais conceitos de segurança são muito diferentes, mas o facto é que esta separação é hoje mais

evidente do que anteriormente, ou pelo menos em comparação com cidades onde a velocidade do automóvel não está tão presente.

Em Lisboa, mais recentemente, têm surgido várias ciclovias, as quais a Câmara Municipal tem vindo a implantar em ruas e avenidas já ocupadas por outros canais. Muitas vezes, esta implantação tem sido pela procura, em cada momento, da solução menos prejudicial, seja para os automóveis, seja para os peões. Apesar disso, e de certa maneira, como seria de esperar, esta implantação tem causado celeuma e protestos, quer dos peões, quer dos automobilistas, conforme o caso⁵⁹.

Deixando de lado o debate sobre a excessiva hegemonia do automóvel e todos os problemas que isso causa à cidade, o que queremos salientar é que toda esta questão deriva não directamente da nova utilização que surgiu, mas do canal, de utilização dedicada e exclusiva, que para ela se tem vindo a implantar. Acima de tudo, os referidos protestos estão directamente relacionados com as ocasiões em que a falta de espaço obrigou à redução do espaço previamente dedicado aos fluxos já existentes.

Por sua vez, durante o último século surgiu no subsolo das cidades, de um modo exponencial (onde a recente evolução das TIC foi fundamental), um número de condutas e cabos, de uso dedicado, quer pelo que transporta, quer pela tecnologia que utiliza, quer pelo operador a que pertence. Esta proliferação de canais, note-se, está também relacionada com a referida passagem das utilizações e funções do espaço público para o espaço doméstico.

A partir daqui é-nos permitido, por um lado, questionar quantos mais meios de comunicação ou transporte poderão ainda surgir, e se será possível inserir para cada um o seu canal dedicado no espaço público de uma cidade já construída. Por fim, tentamos ainda imaginar o que será o extremo desta subdivisão continuada...

Esta profusão de canais no espaço público das cidades será, julgamos ser possível aceitar, um dos efeitos da pressão do espaço de fluxos sobre o espaço dos lugares conforme indicam Borja e Castells (1997) que atrás já abordámos. Usos do espaço público da cidade, que implicavam uma

⁵⁹ Várias notícias e protestos, de uma maneira mais ou menos regular, têm sido publicadas até à conclusão desta investigação, decorrentes da inserção de ciclovias em Lisboa. Referimos, por exemplo, o protesto decorrente da construção da ciclovia na Av. do Colégio Militar, Rua do Seminário e Rua Fernando Namora, em que a Junta de Freguesia de Carnide, “perante um conjunto muito elevado de reclamações de moradores e constatando no terreno a irregularidade da situação das obras (...) entregou no dia 5 de Agosto, no Tribunal uma providência cautelar contra a Câmara Municipal de Lisboa”. (Junta de Freguesia de Carnide, 2009).

permanência de pessoas em diversas ocasiões e lugares, cada vez mais são substituídos pelos usos de passagem, dos fluxos e comunicação. É este, aliás, o princípio enunciado para os modelos conceptuais da “cidade como máquina” de Lynch, e da “Cinecittá”, conforme vimos atrás com Shane (2005).



Figura32: Ciclovía recentemente inserida na R. Dr. Nicolau Bettencourt em Lisboa. A adição deste mais este canal de uso exclusivo em várias ruas de Lisboa veio necessariamente tirar o espaço anteriormente ocupado pelos demais canais já existentes (para os fluxos pedonais e rodoviários). Consequentemente, têm-se gerado diversas situações de conflito. Foto do autor, 2011

No caso da informação e comunicação, de assinalar ainda que estas eram funções que, na sua origem e por muitos anos, competiam ao espaço público (ou colectivo) quase em exclusividade. Foi mais um conjunto de utilizações que se foi transitando para outros meios, à medida que estes surgiram e se vulgarizaram. Os jornais, a rádio, a televisão, a internet, são os canais de informação utilizados por quase todos, ainda que isso signifique a uniformização de conteúdos, o que é de facto não só mais uma forma de pressão do global sobre o local, como há todo um nível de comunicação e contacto informal que deixa de existir.

O conceito que baseia esta subdivisão para a especialização do espaço público está, poderemos facilmente constatar, em confluência com a evolução dos modelos conceptuais da cidade e das linhas orientadoras do planeamento modernista, conforme nos demonstram Shane (2005) e Ellin (1999). Esta mentalidade foi também por si só, certamente um factor muito importante para esta evolução do espaço público e do seu uso.

Os actuais padrões de nível e qualidade de vida⁶⁰ também lançam, por si, desafios muito abrangentes ao espaço público. Resultante da evolução desses padrões, poderá ser notada uma evolução das solicitações feitas ao espaço público a todos os níveis, desde a diversidade de usufrutos à sua higiene e à segurança dos seus utilizadores.



Figura 33: Joshua Benoliel usando um "morrão público" na ocasião de uma greve da companhia dos fósforos em 1920. Figura34: Abastecimento de água potável em Bragança pelos bombeiros (foto Lusa, 12/10/2011). Em situações de crise e de escassez de bens, o espaço público continua a ser recurso indispensável.

Para começar, esta evolução dos referidos padrões tem vindo a retirar ao espaço público usos e funções, conforme temos vindo a analisar, já que, em conformidade com o objectivo geral que está assim estabelecido, se verifica uma tendência para o uso (aliás, o consumo) individual e no espaço privado. É também a referência a estes padrões que está por trás da evolução, conforme temos vindo a analisar, do abastecimento de água, dos meios de comunicação e informação, do modo como se preenchem os tempos livres, etc.

Para além disso, esta evolução dos padrões de qualidade de vida também está a levar a solicitações de desempenho e uso do espaço público que, de novo, obrigam à sua subdivisão e especialização. Com esta evolução, quando não é substituído por outros, o espaço público tem vindo a ser subdividido, para a sua actualização aos novos requisitos.

Na evolução geral do nível de vida teremos vários conceitos que a compõem, sendo centrais os de higiene e segurança, os quais contribuíram sem dúvida para estas mudanças. Com eles alteraram-se muitos dos nossos usos e hábitos quotidianos, incluindo os relativos ao espaço público. Veja-se,

⁶⁰ Convém aqui, em todo o caso, recordar o que Naredo (2003) e Latouche (2007, 2009) referem sobre estas noções e o que contribuiu realmente para a sua constituição

aliás, as profundas alterações de que ele próprio foi alvo, precisamente nesse sentido, com as grandes obras em diversas cidades europeias do séc. XIX (cf. 3.1). Dados os novos conceitos e requisitos nesses aspectos, estamos convencidos que, pelo menos na maioria das cidades ocidentais conforme hoje as temos, a mistura de usos do espaço público anteriormente existente dificilmente voltará.

Reflectindo um pouco mais sobre os efeitos destes requisitos para o espaço público, repare-se no caso das áreas infantis de recreio nos espaços públicos, pelo menos nos de Lisboa, os denominados “parques infantis”. Pela segurança que lhe foi estipulada, estes espaços são hoje exclusivos e separados do restante. Este requisito, em conjunto com a obrigatoriedade da instalação de brinquedos devidamente homologados para o efeito, torna muito mais difícil a sua integração com o restante espaço onde ele se insere (já que, na maior parte dos casos, se trata de áreas pequenas inseridas, por exemplo, num jardim), quer funcionalmente, quer paisagisticamente. Para além disso, tratando-se de espaços de uso exclusivo para uma parte da população, o seu uso “correcto” acaba por ser reduzido, já que muitas vezes é usado “incorrectamente” por outros utilizadores.

Fica-nos, assim, definido o desafio do uso do espaço público também face aos conceitos que baseiam a actual noção de nível e qualidade de vida, particularmente os requisitos contemporâneos de higiene e segurança. O desafio decorrerá, nesta perspectiva, do que poderá por vezes ser a oposição entre a necessidade de um espaço especializado ou dedicado, mesmo para um uso do espaço público, para que se cumpram devidamente as referidas condições, e os problemas que isso mesmo poderá trazer para o espaço público. Para cumprirmos as condições de higiene e segurança contemporâneas poderemos estar também a contribuir para a subdivisão do espaço público da cidade em espaços monofuncionais e especializados, a assistir a uma desagregação progressiva, a qual, no fim, poderá levar até à sua desintegração.

A iminente diminuição do controlo do espaço público pelo Estado é outro aspecto a considerar neste contexto. Vimos já com Borja e Castells (1997) que a evolução das cidades tende para o aumento de dificuldades no seu planeamento, administração e financiamento. Estas dificuldades advêm, entre outras, do seu rápido crescimento, e do aumento da sua complexidade, que decorre da diversificação da população, das solicitações que esta lhe faz e da ocupação e uso do território a que isso obrigará. Logicamente, muitas destas dificuldades também se verificam no espaço público.

Vimos também que tem havido uma evolução das solicitações feitas ao espaço público, as quais, como temos estado a procurar demonstrar, ao mesmo tempo que diminuíram, se tornaram cada vez

mais diversas, mais exigentes e mais complexas. É o que sucede com as expectativas e exigências que hoje cada um de nós, enquanto cidadão, tem para com o espaço público, e do equipamento que se tornou imperativo ele conter para que corresponda às mesmas.

Muitas destas exigências tornaram-se normais dada a mudança de paradigmas com que nos orientamos, incluindo para os padrões de nível e qualidade de vida, como também já abordámos. Assim, muito do referido equipamento tornou-se imperativo, ou exigível, dados, por exemplo, os parâmetros de segurança que hoje estão estabelecidos.

Sem nos referirmos a toda a imensa panóplia de elementos que actualmente povoam a maioria das ruas das cidades só para a segurança relativa ao trânsito automóvel, mesmo as ruas e locais exclusivamente pedonais apresentam actualmente diverso equipamento relativo à segurança.

Entre esse encontramos aquele que é relativo à iluminação pública, ainda que nos devamos recordar que esses elementos desempenham, ou devam desempenhar, também outras funções para o espaço público (Brandão coord., 2002). Actualmente espera-se, de facto, que um largo ou uma rua esteja devidamente (ou minimamente) iluminada à noite, para que nos sintamos mais seguros. Quando isso não sucede, ficamos inibidos a permanecer nesse local, ou até a seguir por aí o nosso percurso.

A necessidade de iluminação à noite sempre terá sido a mesma, nomeadamente nas ruas das cidades⁶¹, e o seu surgimento terá passado a permitir usos que até então não existiam, pelo menos por parte de muitos utilizadores. Mas trata-se de um conjunto de equipamentos que apenas a partir do séc. XIX se começou realmente a generalizar nas cidades europeias (Narboni, 1995), os quais, podemos afirmar, necessitam de bastante manutenção e têm um gasto de energia inerente ao seu funcionamento. Trata-se, com efeito, de um equipamento com vários encargos.

Parece-nos que esta generalização da iluminação pública é um caso que nos demonstra a gradual exigência de desempenho do espaço público, a qual tem obrigado a mais e maiores capacidades para as instituições que o administram, planeiam e mantêm.

Poderá ser argumentado que a iluminação pública há já algum tempo que existe e que as câmaras municipais têm conseguido acompanhar, pelo menos minimamente, essa evolução de exigências. No entanto, tem havido uma evolução de exigências cada vez maiores ao espaço público das

⁶¹ De recordar a aventura que era uma incursão à noite nas ruas de Lisboa, conforme descreve Couto (2003)

idades e, conseqüentemente, às entidades que o administram. Porque, aparte as questões de financiamento, que tem que ser necessariamente maior, os maiores problemas decorrem do aumento de complexidade do espaço público, quer da sua concepção, quer da sua constituição, ou quer ainda da sua manutenção, e da maior capacidade que os mesmos obrigam.

Já vimos o que Borja e Castells (1997) referem sobre os diversos problemas, financeiros, de planeamento e estratégia do território urbanizado, de representatividade institucional, etc., derivados do actual grande crescimento das cidades e da desactualização dos organismos e instituições encarregues dessas funções face a essa realidade. Esta abordagem incluirá, logicamente, o espaço público das cidades. Ou seja, o modo como as cidades evoluíram e os problemas e desafios específicos que daí decorrem, conforme enunciados por estes autores, são problemas que as referidas entidades enfrentarão também em relação ao espaço público.

Para além disso, temos estado a procurar demonstrar que o espaço público apresenta uma evolução específica, a qual poderemos dizer, de algum modo, tem decorrido para além da enunciada evolução das cidades. Dessa evolução derivam, naturalmente mais desafios, decorrentes de diversos factores específicos, conforme temos procurado descrever. Assim sendo, as entidades e organismos encarregues pelo planeamento e estratégia, concepção e projecto, manutenção e administração do espaço público enfrentam cada vez mais e maiores de desafios para efectuar essas tarefas.

Actualmente, as referidas entidades e organismos são quase sempre estatais ou públicas, pertencentes, conforme nos descrevem também Borja e Castells (1997), ao governo central ou às autarquias. É o que sucede, efectivamente, em Portugal. Se estas dificuldades se mantiverem, ou até se continuarem a crescer, e se com isso estas entidades e organismos tiverem ainda menor capacidade de efectuar as referidas funções em relação ao espaço público, isso significará também a diminuição da capacidade de controlo do espaço público pelo Estado, pelo governo, os organismos e instituições públicos e, derradeiramente, pelo cidadão.

Como consequência directa, poderá ocorrer a diminuição e deterioração das diversas qualidades e desempenho específicas do espaço público, podendo culminar na eliminação definitiva das suas vertentes institucionais e sociais. O desafio colocado deste modo ao espaço público tem assim uma extrema profundidade.

A tendência, actualmente existente, para o aumento da exploração do espaço público para interesses privados, poderá também ser consequência das dificuldades de gestão e controlo por parte do Estado e dos organismos públicos.

De um modo geral, tem havido um maior protagonismo dos actores privados na cidade, assunto que é largamente debatido e reflectido, por exemplo, também por Borja e Castells (1997), sendo que Borja o volta a abordar no contexto específico da cidade de Barcelona (Borja, 2010). É efectivamente uma questão de grande complexidade, e profunda a tal ponto que para Ceraci “as experiências da arquitectura moderna para uma organização diferente do espaço colectivo aberto foram truncadas à nascença pelas novas formas de urbanização capitalista e por uma nova intervenção pública puramente defensiva” (1990:94). Para Nan Ellin (1999), conforme nos expõe, desde o pós-guerra que o urbanismo (das cidades ocidentais, sobretudo das norte-americanas) tem procurado evoluir principalmente através do ciclo da procura de paradigmas e conceitos alternativos que corrijam a pressão dos privados sobre a cidade e o posterior comprometimento com os mesmos no momento das suas concretizações.

Em relação ao tema específico que aqui investigamos, como exemplo mais evidente desta ocorrência poderemos apontar a crescente penetração e êxito do negócio de concessão de publicidade, em particular aquela que está associada ao mobiliário urbano.

Este êxito está em grande parte relacionado com a solução que estes concessionários propõem como alternativa à tarefa de manutenção do mobiliário urbano que as autarquias desempenham com cada vez maior dificuldade. O surgimento, por exemplo, dos abrigos de paragem de autocarro com publicidade incorporada decorre, primeiramente, da disponibilização de mais um serviço nas cidades, os transportes colectivos, e depois, da melhoria de condições para os seus utilizadores, em concreto, da protecção à intempérie durante o tempo de espera. A sua associação à publicidade, provém, precisamente, da dificuldade das autarquias em corresponder devidamente aos requisitos relativos à utilização desse serviço e, sobretudo, à evolução das condições, resultante quer da evolução do próprio serviço, quer do aumento de exigências dos seus utilizadores.

Claro que a proliferação destes abrigos está directamente relacionado com a sua associação à publicidade. Este terá sido o catalisador que permitiu que se tenha estabelecido o actual pressuposto obrigatório ou exigível da sua implantação em todas as paragens; sem ele, obviamente, essa generalização nunca poderia ser concebida. No entanto, tenhamos em conta que os abrigos de paragem surgiram antes da sua associação à publicidade, ou seja, primeiro existiu o novo uso e

solicitação, e o correspondente aumento de complexidade do espaço público e da necessidade de maior capacidade de administração, na qual a manutenção se demonstra crucial.

Depois, verificando-se a incapacidade por parte do organismo designado, em corresponder à implantação desejada, assim como à sua manutenção, recorre-se a uma solução alternativa proposta pelos concessionários de publicidade. Independentemente da capacidade de negociação que cada Câmara terá para a elaboração das condições e contrapartidas dos contratos relativos a esta concessão, passámos, para todos os efeitos, a ter mais um actor no espaço público.

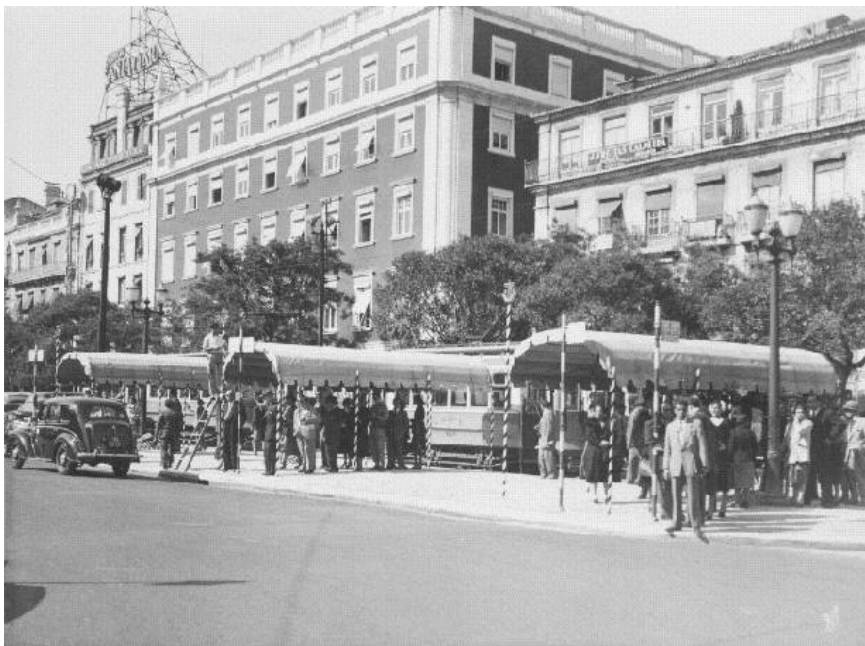


Figura35: “Resguardos para chuva, mandados colocar pela visita do presidente, vereação e representantes da imprensa aos viveiros da Câmara Municipal de Lisboa”. Repare-se no brasão da cidade no topo dos postes mais altos destes abrigos para as paragens de autocarro da Praça dos Restauradores. (Foto de Firmino Marques da Costa, s.d. Arquivo Municipal de Lisboa, ref. PT/AMLSB/FMC/000037)

Esse actor, que é o concessionário de publicidade, também ele tem, naturalmente, capacidade de intervenção sobre o espaço público, a qual se orienta segundo os interesses próprios. Actualmente, por exemplo, a implantação dos abrigos de paragem de autocarro depende também da visibilidade dos seus painéis de suporte de publicidade. A necessidade dos utilizadores é, com efeito, confrontada com essa rentabilização na altura em que se discute a sua implantação (cf. caso de estudo 4.1.7.).

A tendência para a emergência de novos actores verifica-se nas profissões de projecto do espaço público. De facto, com a maior especialização das diversas profissões, decorrente da sua evolução natural, com o aumento de complexidade que tem apresentado a cidade e o seu espaço público,

como já vimos, e com a atenção cada vez mais dedicada de que o espaço público tem sido alvo, tem-se verificado uma desmultiplicação de várias actividades profissionais dedicadas a esta área, conforme nos referem, por exemplo, Ellin (1999) e Brandão (2005).

Temos ainda o debate actual sobre o papel a desempenhar pelo próprio cidadão. Adiante discutiremos os fundamentos para que exista, para os cidadãos, maior actuação no espaço público. No entanto não queremos deixar de salientar agora que, apesar de certos casos onde, até tradicionalmente, o cidadão tem uma importante intervenção no espaço público, como é o caso de Barcelona (Borja, 2010), muitas são as cidades, entre as quais Lisboa, onde só muito recentemente esse espaço de actuação começou a ser disponibilizado pelas suas autarquias⁶². Este é, com efeito, um assunto muito actual, e que tem sido largamente debatido, sobretudo na definição, no modo de procedimento e na coordenação dessas atribuições com os demais actores (cf. 3.3.8).

Tal como estes, poderão continuar a surgir mais actores no espaço público, sobretudo aqueles com os seus próprios interesses e intenções. Esta profusão de actores significará, já se compreende, uma maior necessidade da capacidade de negociação dos mesmos, incluindo o Estado e as câmaras municipais. Na análise sobre os problemas mais frequentemente encontrados na gestão das áreas metropolitanas, Borja e Castells (1997:289-291) referem, de facto, a proliferação de diversos actores, não só privados, como também públicos, entre os quais diversos organismos administrativos, a necessidade de conciliar os seus interesses e, em conclusão, a importância de uma autoridade metropolitana, que, para além de ser um interlocutor forte e legítimo, também deve ter capacidade para negociar, tanto externamente, como internamente.

De considerar também que este aumento de actores poderá significar a diminuição de protagonismo no espaço público, quer por parte do Estado, quer dos diversos organismos e entidades públicas. Por consequência, poderão ficar por desempenhar várias das funções e atribuições que cabem a estas entidades que, por inerência, zelam pelo bem público. Se recordarmos, por exemplo, quais destas as que são enunciadas por Pedro Brandão (2005:106-107)⁶³, não conseguimos imaginar outro actor que, pelo menos em relação ao espaço público, possa desempenhar devidamente estas funções.

⁶² Veja-se, por exemplo, a recente criação do “Orçamento Participativo” pela Câmara Municipal de Lisboa.

⁶³ Na sua essência: Assegurar os direitos dos cidadãos; Promover a sustentabilidade da ocupação humana do território; Desenvolver políticas que regulem os interesses

Consequentemente, com esta eventual profusão de actores e a diminuição de protagonismo das entidades públicas e do Estado, poderemos assistir a uma evolução do espaço público, no sentido de ser tendencialmente mais dedicado e conformado segundo os proveitos desses actores ou do resultado da sua negociação. A efectivação causada por estas mudanças pode ser, de facto, muito profunda no espaço público, já que poderá até verificar-se no seu próprio conceito.

Como já vimos, julgamos ser possível testemunhar que usos que anteriormente se faziam do espaço colectivo das cidades, por natureza multifuncional e diverso, têm vindo a efectuar-se noutros espaços, exclusivos e especialmente dedicados a esses usos. Esses espaços têm sido criados, quer através da subdivisão do espaço colectivo, sendo dentro dele criadas zonas para esses usos específicos, quer pela completa transferência desses usos para outros espaços das cidades.

Alguns desses usos transferiram-se, para espaços ou recintos de propriedade privada, sobretudo aqueles de cujo uso se pode retirar maior proveito. É o que terá sucedido com o comércio dos mercados que, como atrás vimos, anteriormente se efectuava na rua, e que actualmente nos está disponível sobretudo nas “grandes superfícies”. Aliás, é o que sucede com muitos dos usos que referimos. Julgamos assim ser possível constatar que a referida transferência de usos poderá estar a ocorrer não só para os espaços especializados, mas também para os espaços privados. Ou seja, para além de usarmos mais o espaço doméstico, como já vimos (no qual entram, cada vez mais, interesses e proveitos de outros), cada vez mais, no nosso dia-a-dia, passamos de um espaço privado para outro. E estes, como já sabemos, têm sempre um uso específico, previamente definido segundo um proveito dos seus proprietários.

Repare-se ainda que, tendo estes espaços um uso (ou mais) definidos segundo um proveito, os seus proprietários procuram certificar-se que esses usos sejam efectuados. Deste modo, tornam-nos, quer os espaços, quer os seus usos, o mais apelativos possível para os seus utilizadores. Logo, o espaço público vê-se numa disputa de utilizadores, perante uma concorrência feroz (por vezes até desleal), com mais meios e que gradualmente tem saído vencedora.

Talvez como resultado desta disputa, a vida de cada indivíduo cada vez mais estará, de facto, orientada para que dê proveito a alguém, incluindo no seu tempo livre. E assim, de um modo geral, cada vez mais o indivíduo aceita assumir-se sobretudo como consumidor, aceitando a incumbência de assegurar o ciclo produção-consumo na qual se baseia o sistema económico ocidental (e ocidentalizado) (Manzinni, 2008; Latouche, 2007a, 2007b; Naredo, 2003).

Creemos que se torna necessário e urgente reflectir, num âmbito mais lato, esta tendência de transformação do cidadão em consumidor. Esta última atribuição acaba por preponderar sobre as outras – eventualmente, até mais importantes – chegando mesmo a substituí-las. Um dos casos, que para aqui nos é mais pertinente, será efectivamente o de cidadão, o de utilizador e usufruidor do espaço público. Com efeito até aqui acaba por prevalecer frequentemente uma atitude de consumo, sendo origem de inevitáveis e evidentes desfasamentos e mal-entendidos, derivados da distorção causada por essa óptica, sobre o que é o seu desempenho e o seu usufruto, e qual o papel e responsabilidades de cada cidadão em relação ao mesmo.

Voltando à questão da desmultiplicação de actores no espaço público, interessa ainda considerar a sua pertinência no contexto do que referimos atrás com Ascher (2007), acerca das grandes mudanças que ocorrerão na cidade decorrentes da flexibilização, e sobretudo, da individualização do espaço-tempo. Se, de facto há mais actores, então esta individualização do espaço eleva-se exponencialmente, torna-se um desafio ainda mais complexo.

A exposição deste autor suscita-nos também uma reflexão sobre estas questões e o modo como elas se repercutem no espaço público. Segundo Ascher, como atrás já abordámos, cada cidadão tenta cada vez mais controlar individualmente o seu espaço-tempo, o “onde quero, quando quero e como quero”, o que tem sido possível dados os meios técnicos que entretanto surgiram, como é o caso do automóvel e do telemóvel. Estes e outros são recursos de uso individual e que permitem grande grau de autonomia, ao mesmo tempo que passam a ser os principais factores de conformação da vida em geral de cada indivíduo. Aqui se inclui o modo como ele se relaciona e usa o espaço físico, onde, por exemplo, o dimensionamento referente às suas distâncias se alterou profundamente. Deste modo, ocorre assim uma maior individualização da vida dos cidadãos, que supõe mudanças nos modos como estes organizam o território e empregam o tempo. Concretamente, é maior a possibilidade, entre outras coisas, da personalização e flexibilização de horários, assim como uma maior independência de escolha dos lugares para as diversas actividades e tarefas (Ascher, 2007:60-61).

Assim sendo, e continuando com o autor, coloca-se um desafio a vários serviços públicos, já que a sua maioria está estabelecida “na base de uma mesma prestação para todos”. O autor refere o caso dos transportes públicos: “nas metápolis os cidadãos deslocam-se cada vez mais em todos os sentidos, a todas as horas do dia e da noite, de formas diferentes e mudando segundo os dias e as estações”; apesar disso, os transportes continuam a basear-se nas deslocações pendulares, radiocêntricas segundo um “modelo fordiano”, ou seja, “de um princípio repetitivo, de produção

em massa e economia de escala: o mesmo transporte e itinerário, para todos e ao mesmo tempo” (Ascher, 2007:62-63).

Torna-se-nos pois óbvio que fica, deste mesmo modo, lançado um grande desafio ao espaço público, assim como ao mobiliário urbano, pelo menos enquanto se definirem segundo o seu uso partilhado e colectivo.

Como já vimos antes, a evolução dos padrões de “qualidade de vida”, pelo menos segundo os padrões ocidentais, estará directamente relacionada com mais acesso aos recursos e meios. O derradeiro objectivo será que essa disponibilidade seja não só total, como incondicional, o que na prática significará uma utilização individualizada. Agora vimos com Ascher que, de facto, haverá essa tendência para a individualização, mas numa dimensão ainda mais abrangente.

3.3.6.Desafios decorrentes da flexibilização, da indefinição de conceitos e fronteiras, e da relativização de princípios e valores

Pelo que já vimos, poderemos estar perante uma dificuldade cada vez maior em definir uma cidade, assim como até em definir o próprio conceito de cidade. Será cada vez mais difícil determinar os limites, a estrutura, o seu centro, ou outras referências da cidade onde vivemos.

Na linha de raciocínio que apresenta, sobre a evolução das cidades em direcção à metápole e que já atrás começámos a abordar, Ascher afirma terminantemente que “a organização de níveis segundo a lógica da matrioska (da Europa ao bairro) não é viável a médio prazo na forma actual”, já que estaremos perante uma “sociedade de n dimensões, e em territórios que mudam de tamanho e natureza dependendo de costumes e deslocações individuais” (Ascher, 2007:65).

Borja e Castells (1997), dentro da análise que efectuam sobre o impacto das novas tecnologias na cidade e na sociedade, defendem que também as condições, a forma de organização do trabalho e as relações laborais serão profundamente alteradas, sobretudo através da sua flexibilização. Para estes autores, haverá um sentido contrário ao da revolução industrial e da agregação (espacial) da força de trabalho da qual dependeu, já que o processo de trabalho se fragmentará, através de tarefas que serão mais individualizadas. A sua estruturação será pois mais flexível, também porque se baseia menos numa organização espacial e de proximidade e mais no contexto mais volátil das redes de comunicação (p27).

Estaremos perante uma multiplicação de actores, de modos de conceber, de proveitos, que levará a cidade a um grau de complexidade, e em várias vertentes, tornando-se um desafio cada vez mais difícil de enfrentar, pelo menos com os meios e modos como tem sido feito até agora.

Dentro deste aumento de actores do espaço público teremos também, como já vimos, uma profusão de profissionais. Sobre estes, Nan Ellin refere ainda que, a dada altura, num processo de autocrítica que desafiou as assumpções da arquitectura e do urbanismo sobre o racionalismo e o determinismo, os profissionais de projecto assumiram a sua difícil imparcialidade dentro da dimensão política. Eles próprios reconheceram-se como sendo também actores interessados, estando assim ao nível dos demais, incluindo os políticos. Por isso, “não há um único interesse público (mas vários e contestados interesses públicos e que nem todos têm a mesma voz)”. Deste modo, “o papel dos designers urbanos, segundo esta autocrítica, deve ser menos autoritário (mais humilde) e mais expressamente político, com o objectivo de dar poder às pessoas de modo a melhorar a sua comunidade e o seu ambiente” (Ellin, 1999:71).

Ellin discute esta questão considerando sobretudo o contexto específico da política, conforme aliás define. Em todo o caso, parece-nos que, no final, se trata de uma reflexão com um alcance mais abrangente. Segundo esta perspectiva, generaliza-se a desmultiplicação, mesmo em relação ao que se considera o que constitui ou deve constituir o interesse público. E não sendo este assim único e inequívoco, isso significa que deixa de fazer sentido partir-se do princípio que há apenas uma maneira correcta de fazer as coisas para com esse interesse.

O Estado, ou outra das entidades referidas que zelam pelos interesses públicos, têm de facto vindo a deixar de ter a única palavra de decisão sobre o espaço público, como aliás já vimos. Esta relativização de valores, estará de facto relacionada com o facto de se determinar o que deve e não deve ser feito através da negociação dos diversos actores.

Por sua vez, os profissionais de projecto já não poderão alegar valores e verdades únicas, o que dependeria de um interesse único, para a partir daí elaborarem a sua opinião. Esta deixa, definitivamente, de ser imparcial, seja pela relativização de várias referências, seja porque não faz sentido que alguém que faça parte de um grupo de actores, em que cada um negocia com interesses e valores diferentes, possa invocar imparcialidade.

Temos, de facto, mais um desafio, agora decorrente da indefinição e relativização generalizada, que dificulta a definição de valores e referências universais. Torna-se assim mais complexo, parece-nos, basear e orientar conceitos, processos e usos da cidade e do seu espaço público.

Ellin (1999) aceita que de facto estaremos, pelo menos em relação ao urbanismo, numa época pós-moderna, constituída sobretudo por diversas reacções ao modernismo, ao seu determinismo, racionalismo, assim como ao universalismo, idealismo e às suas militâncias. Ellin recorre a Jean Baudrillard, que aponta “a característica de um universo onde não há mais definições possíveis, tudo foi feito; tudo foi destruído em pedaços, resta brincar com esses pedaços”, e a David Harvey (1989:44, cit. Ellin, 1999), para quem se trata da “total aceitação da efemeridade, descontinuidade e do caos” (Ellin, 1999:141).

Como consequência, segundo esta autora, presentemente “a celebração da dissonância em vez do consenso e a acusação imediata do comportamento político incorrecto (ao prejudicar um grupo ou assumir autoridade) tornaram problemáticos a ética e o pensamento visionário, desencorajando o compromisso político.” Terá passado a ser mais comum, segundo a autora, uma “reticência em relação à visão de um futuro desejável e à tentativa de o concretizar”, e essa “retirada do compromisso político pode virar-se para um sentido substituto de desilusão, cinismo e desespero” (Ellin, 1999:130-131).

Este contexto de indefinição e falta de referências contribui também para o sentimento crescente de insegurança que atrás já abordámos também com Ellin (1999), incluindo para com a cidade e o seu espaço público, o qual o tem, por isso, conformado (deformado?). E para isso contribuem também, continuando com esta autora, os novos meios de comunicação, ao atraírem os seus espectadores com uma “hiper-realidade” aliciante (e alucinante), abstraindo-os do espaço real, aumentando o seu afastamento e estranheza do espaço público.

Já havíamos enunciado o desafio colocado ao espaço público dada a concorrência dos novos meios de comunicação e informação. No entanto, torna-se-nos agora evidente que o espaço público está perante mais um grande desafio, dada a época em que nos encontramos e que assim parece adversa ao lugar de encontro e de confluência de usos que é por natureza, e cuja construção se concretiza, em grande parte, a partir dos compromissos que para isso os seus actores assumem.

3.3.7.Desafios decorrentes da necessária diminuição dos excessos de consumo e desgaste dos recursos naturais

No capítulo 2, ao abordarmos o assunto da sustentabilidade, procurámos demonstrar que, de facto, um dos grandes desafios com que actualmente todos nos deparamos é o do excessivo desgaste dos recursos naturais. Não só pela sua dimensão sem precedentes, quer em quantidade, quer em diversidade dos recursos em questão, mas também porque isso deriva de hábitos, conceitos e padrões de consumo e de referência de qualidade de vida profundamente enraizados na actual sociedade (pelo menos na dominante). Dado o actual “sistema de produção-consumo”, como já vimos, tudo é conversível em bens materiais e de consumo, incluindo o bem-estar e as relações entre as pessoas. A concretização de qualquer solução eficaz tem-se pois demonstrado difícil, sobretudo pelas grandes e profundas mudanças que serão necessárias.

De um modo geral, já predomina a reduzida reutilização, a obsolescência e o desgaste prematuros. Para além disso, valoriza-se o individualismo, prevalecendo a propriedade privada e o uso individual. Estes valores serão também um contributo para o agravamento dos problemas ambientais, já que eles promovem a redundância e sobreposição de equipamentos, artefactos ou meios, em detrimento da partilha e da eventual economia de recursos que daí poderia decorrer.

A promoção deste conjunto de valores será ainda propensa a diversos problemas sociais. Em cada indivíduo está latente a noção de isolamento, de falta de pertença ou de exclusão; são esquecidos princípios básicos e essenciais a uma sociedade equilibrada e coesa, como o serão a solidariedade, a entajuda e o diálogo.

Para além disso, e no âmbito da investigação que apresentamos, parece-nos que estruturas, sistemas e meios concebidos para um uso colectivo e partilhado, como o serão a cidade, e sobretudo o seu espaço público e também o mobiliário urbano, estão condenados ao serem seguidos esses valores e princípios que lhe serão antagónicos. Diríamos mesmo que muitos dos problemas e desafios que eles actualmente atravessam decorrem disso mesmo.

Para Naredo e Rueda (1997) actualmente a cidade tem a “existência paradoxal de um organismo colectivo que funciona fisicamente sem que os indivíduos que o compõem o conheçam nem se interessem pelo seu funcionamento global e, por consequência, sem que esse sistema colectivo possua órgãos sociais responsáveis capazes de o controlar. Trata-se, em suma, de um organismo em cujo metabolismo falham os ‘feed-back’ de informação necessários para corrigir a sua expansão explosivamente insustentável.”

A proliferação do transporte privado automóvel, um dos exemplos mais gritantes e a partir do qual as cidades são hoje ainda concebidas e construídas, fomenta, em conjunto com uma lógica mais de mercado do que de administração e gestão, o grande crescimento e a ocupação de extensas áreas de território construído. É certo que, sobretudo recentemente, em muitas cidades se tem vindo a procurar devolver qualidade aos seus espaços públicos condicionando, tanto quanto possível, o trânsito automóvel. Contudo, muitos dos automóveis continuam a ser comprados segundo uma ideia de suposta liberdade e autonomia de mobilidade para o seu utilizador e, paradoxalmente, neste cenário de uso, são sobretudo um sorvedouro de tempo, dinheiro, energia e recursos em geral, ao engrossarem os milhares de quilómetros de filas que rodeiam as várias cidades pelo mundo fora.

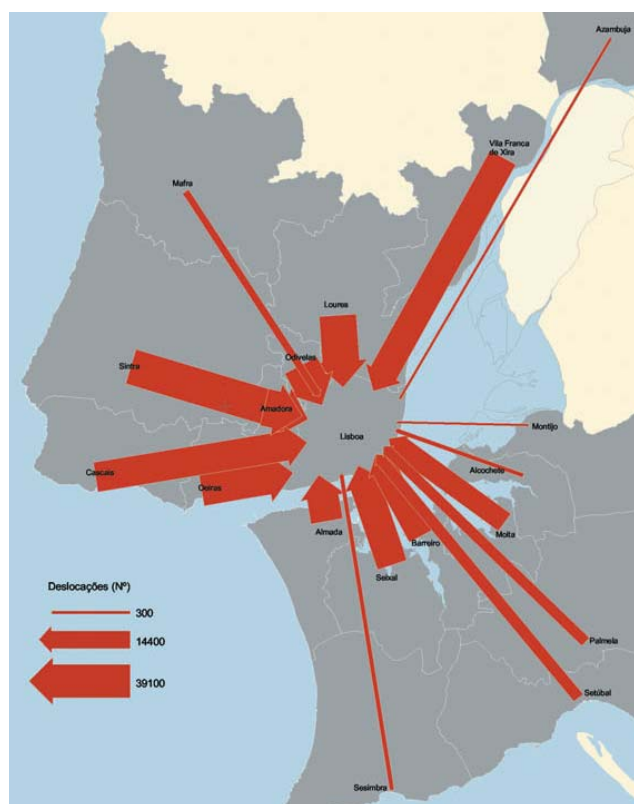


Figura36: “Mapa XI-5 Deslocações para o trabalho com destino a Lisboa.”, (dentro da Área Metropolitana de Lisboa, através da rede rodoviária). “em 1998, cerca de 265 000 pessoas afluíam diariamente para o concelho de Lisboa, a grande maioria proveniente dos outros concelhos metropolitanos da margem Norte do Tejo (p231) (Tenedorio, 2003)

Segundo os Censos de 1991 em Portugal, dos cerca de 1 milhão e 100 mil empregados residentes nos concelhos que compõem a Área Metropolitana de Lisboa, 72,3% trabalham no exterior da freguesia de residência e 41,1% no exterior do concelho. 22,2% destes empregados demoram mais de 1 hora no trajecto casa-trabalho, 39% em transportes colectivos e 25,9% em automóvel ligeiro como condutor (Oliveira, Rodrigues, 2001). A dependência do automóvel é extrema; parece que, em situações de crise, alguns abdicam da alimentação e dos medicamentos antes do automóvel

(Publico, 2010), apesar dos grandes encargos que lhe estão inerentes: por exemplo, mais de metade da energia usada por cada família portuguesa é consumida com o seu carro (Jornal Expresso, 2011).

Assim, no caso do concelho de Lisboa (Ferrão et al., 2007), o qual tem uma actividade marginal de indústria, assim como de extracção de materiais, minérios ou agrícolas, os principais fluxos de materiais que se registam na cidade são as entradas de produtos para consumo interno e de matérias-primas para a produção e consumo local, e as saídas de emissões e dos resíduos (a processar nos arredores). Ao analisarem esta matriz para a cidade de Lisboa com dados do ano de 2004, estes autores referem que “o consumo de recursos materiais não renováveis representa cerca de 80% do consumo total de materiais (...). Desta fracção não renovável, 64% são referentes a Minerais não metálicos (na sua maioria materiais de construção) e 11% são Combustíveis Fósseis. Os restantes 4% referem-se a minerais metálicos. Ao analisar “em detalhe os 10 tipos de produtos mais consumidos em Lisboa (...), em peso, verifica-se que os produtos alimentares assumem o primeiro lugar seguindo-se os combustíveis para transporte e os bens de equipamento para a habitação e os artigos pessoais (como Mobiliário, Vestuário, Calçado e Têxteis para o Lar).”

De facto, em Lisboa, tal como em muitas outras cidades, é assinalável o grande consumo de combustíveis fósseis derivado do grande movimento pendular centro-periferias, para o qual predomina o uso do transporte privado. Parece-nos evidente que, em primeiro lugar, será necessária uma gestão e administração do território que reduza este movimento pendular, permitindo que seja reduzida a distância entre a casa e o trabalho que muitos são obrigados a percorrer diariamente.

Para além disso, parece-nos também evidente a actual reduzida promoção da optimização do desempenho dos recursos, através, por exemplo, da sua partilha, fundamental para uma política e gestão de transportes colectivos adequada. Uma redução do actual uso de meios individuais, neste caso o automóvel – até porque dentro destes é frequente encontrarmos um ocupante para os cinco lugares disponíveis – em favor de outros, de uso partilhado, contribuiria também para uma redução dos consumos de uma cidade, equilibrando as entradas e saídas dos seus fluxos de materiais.

O grande crescimento e generalização dos modos de transporte, no qual se verifica o protagonismo do uso do automóvel privado, fará também com que a cidade cause outros impactos. Naredo e Rueda (1997) referem que o “gigantismo sem forma” das actuais conurbações se baseia no estabelecimento de redes que facilitam o transporte horizontal de abastecimentos de e para áreas cada vez mais distantes da envolvente local ou mesmo regional dos povoamentos. Nesta óptica,

Julgamos poder concluir, esta grande mobilidade será um contributo para que os fluxos de materiais das cidades causem impactos com um alcance sem precedentes, já que são trocados com zonas cada vez mais remotas.

Adicionalmente, esta facilidade nos transportes será também um dos principais factores para o já abordado fenómeno do “alastramento urbano” (urban sprawl), ao verificar-se o crescimento da cidade para zonas cada vez mais afastadas do centro e de modo mais disperso, adquirindo uma escala cada vez menos humana e mais dependente dos meios de transporte. Isto traduzir-se-á num consumo ainda mais acelerado do território em áreas urbanizadas, o que significará, para todos os efeitos, um outro impacto nos recursos naturais.

Num âmbito mais alargado, soluções e políticas para a sustentabilidade actualmente mais concretizadas baseiam-se em pouco mais do que a reciclagem. É, sem dúvida, um progresso em relação ao extremo desperdício de materiais que se verificava antes, mas demonstrou-se já que ficam aquém enquanto resposta eficaz. Através dos exemplos que abordamos agora, parece-nos que isso se torna ainda mais evidente, demonstrando-se a necessidade de se observarem mais princípios de reutilização e partilha de recursos. Concretamente, evidencia-se a necessidade da reabilitação e a densificação da cidade em vez do alastramento para as periferias e do abandono dos centros, assim como da maior partilha dos seus recursos e sistemas, em particular dos transportes.

Estas mudanças obrigam, conforme se percebe, a profundas mudanças, que se demonstram difíceis, uma vez que isso significará mudanças em diversos planos para os processos de gestão e de administração em causa, tais como o financeiro e o político, já que para isso será necessário encontrar outros factores e protagonistas.

No entanto, acima de tudo, e conforme também já vimos, são necessárias mudanças nos conceitos e padrões de qualidade de vida, mais favoráveis, afinal, à cidade e à partilha (e poupança) de recursos e à vida em sociedade que a fundamentam.

3.3.8.Desafios decorrentes do cumprimento dos princípios contemporâneos de democracia, acessibilidade, inclusão, liberdade e igualdade

Julgamos ser possível partir do princípio que só recentemente se tem realmente procurado instituir a ideia da democracia, através de uma sociedade onde todos os seus indivíduos são tratados de igual modo, para os quais são atribuídos os mesmos direitos e deveres. Consequentemente, têm

para sido isso definidos princípios no sentido de assegurar a inclusão e a igualdade de oportunidades.

Se a ideia original desta sociedade pertence à Grécia Antiga, é certo que nessa realidade não haveria a intenção de a aplicar de um modo efectivamente universal, ou não fosse ela própria uma sociedade escravagista. Este ideal veio de novo a ser enfatizado e foi inspirador em momentos posteriores da História, pelo menos na ocidental, no entanto parece-nos que só agora se encara este princípio na sua globalidade, procurando abranger todos os indivíduos, “sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação.”⁶⁴

Mesmo assim, convém sublinhar que nos estamos a referir apenas à esfera onde encontramos os conceitos, os ideais e os princípios. Porque, apesar de actualmente serem poucos ou mesmo nenhuns os que expressam uma posição frontal ou declaradamente contra estes serem princípios, o facto é que muitas atitudes e práticas, quer de pessoas, quer de instituições, estão ainda hoje longe de os reflectirem e concretizarem.

Por sua vez, conforme já vimos, a cidade implicará também uma dinâmica de hierarquia de poder (Broadbent, 1990), gerando a estratificação da sua sociedade e uma distribuição de recursos desigual (Lynch, 2010). Para além disso, a coexistência comprimida e potencialmente conflituosa que aí ocorre, não só torna óbvia a necessidade da existência de instituições urbanas e a regulamentação (Shane, 2005), como ainda é muitas vezes apontada como motivo suficiente para a consolidação da referida hierarquia e do exercício do poder apenas por alguns, sob o suposto argumento do pragmatismo e da eficácia.

Se a cidade está assim, conceptualmente e de facto, ligada a estes princípios e procedimentos, dir-se-ia então que isso será uma causa para a eventual dificuldade da implementação nesse contexto dos princípios contemporâneos que agora abordamos.

Para além disso, esta dificuldade será tanto maior quanto mais diversa for a sua população, ou seja, quanto mais distintos forem os seus indivíduos – nas suas aspirações, quotidianos, capacidades e limitações – que pretendemos considerar neste conjunto de princípios. E esta diversidade, claro está, depende directamente do tamanho da população em questão. Teremos ainda, para culminar, a

⁶⁴ Art. 2º da “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, United Nations Information Centre, Portugal, proclamada Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris em 10 Dezembro de 1948. (ONU, 1948)

dificuldade cada vez maior, decorrente da crescente mobilidade e dos fluxos de migração que actualmente se verificam à escala global, em retratar convenientemente a população em questão, para que daí possamos ir ao encontro das necessidades que determinarmos. Assim sendo, no actual contexto das grandes cidades esta questão torna-se, simultaneamente, ainda mais urgente e complexa de resolver.

Para além disso, verifica-se que a aplicação dos princípios que abordamos aqui não só têm vindo a ganhar abrangência na população como também em diferentes vertentes e dimensões. Sem querer tratar este assunto de um modo leviano ou superficial, será talvez possível delinear esta evolução se seguirmos, por exemplo, a abolição da escravatura que se inicia no fim do séc. XVIII, o começo do reconhecimento dos direitos para as mulheres com o séc. XX, a gradual condenação do racismo, e o surgimento de princípios e legislação onde se procura assegurar a acessibilidade para todos. Esta última terá começado a ser observada a partir da sua vertente física, nomeadamente da mobilidade, mas, conforme o decurso da evolução que aqui delineamos, a acessibilidade tem continuado até hoje a ganhar abrangência. Tem-se por isso procurado observar maior diversidade de diferentes deficiências ou limitações, ou, simplesmente, características, considerando assim vertentes cada vez mais diversas, incluindo a cultural ou a social, já segundo um ponto de vista de inclusão.

Será ainda de recordar aqui a análise que efectuámos no capítulo 2, onde julgamos poder observar que também a sustentabilidade, pelo menos do ponto de vista conceptual, tem vindo também a ganhar abrangência, ao ser reconhecida a necessidade de uma perspectiva multi-dimensional para que seja possível resolver efectivamente as questões e problemas em causa. Assim, reconhece-se hoje a necessidade de uma vertente social para a sustentabilidade, onde está implícita a absoluta necessidade de que também por essa razão sejam observados os princípios de liberdade e democracia, assim como de inclusão e acessibilidade universais. Deste modo, trata-se da necessidade da observação destes princípios por si só, mas também pelos efeitos práticos que lhe estão inerentes. Será também possível perceber que, à medida que se reconhece a necessidade da abrangência destes princípios e ideais, dada a interdependência que se vai demonstrando entre as várias questões e desafios das diferentes vertentes, torna-se evidente que as soluções e a aplicação dos princípios e ideais terão que ser, também elas, abrangentes e profundas, e logo, de concretização complexa.

Pela importância do espaço público para a sociedade e cidade que constitui, conforme temos vindo aqui a analisar, é fundamental que neste contexto se verifiquem estes princípios e ideais, pelo menos sempre que se aspira uma democracia. No espaço público, reconhecido e declarado como o

lugar do exercício da cidadania, a concretização desses princípios torna-se ainda mais evidente e incontornável, e também porque estamos aqui a considerar o espaço público na sua dimensão física e material. O seu uso comum e partilhado, e que em princípio deve ser acessível a todos, torna de facto a conciliação das divergências e apaziguamento dos conflitos tanto mais necessária – quer por razões de natureza conceptual, quer prática – quanto difícil.

Conforme já salientámos com Ascher (2007), um dos desafios com que as cidades e o seu espaço público se defrontarão é aquele que decorre da diversidade cada vez maior dos seus utilizadores, tornando-se cada vez mais complexa a resposta adequada às suas solicitações.

Para além disso, tem sido também debatida a necessidade da observação dos princípios de democracia e de inclusão para além da esfera da mera utilização, pela qual muitos autores defendem que aos cidadãos deve ser atribuído um papel mais activo e interventivo na cidade, devendo ser-lhes possível, por exemplo, a participação nos seus processos produtivos em fases mais prematuras. Por exemplo, Núria Ricart (2009) apresenta uma reflexão aprofundada sobre a participação, sobre a qual, recorrendo a Marchioni (1994, cit. Ricart, 2009), argumenta que, para além de ser um processo próprio de uma sociedade democrática, torna-se ainda mais necessário dados os desafios decorrentes do contexto actual da globalização. Refere, nesta ocasião, o paralelismo ou desfasamento que actualmente se verifica entre a democracia representativa praticada pelas actuais instituições e a democracia participativa que se revela assim necessária.

Questões sobre a intervenção do utilizador no projecto

A análise e reflexão de Ricart suscita várias interrogações, algumas das quais expostas logo pela própria autora, sobretudo nos processos que deverão ser efectuados e sua metodologia, assim como na preparação e receptividade que são necessárias e específicas. Aliás, a atribuição de poder de intervenção e de decisão aos utilizadores nas metodologias de projecto e produção mantém-se um tema actual, não só no caso concreto da produção da cidade, com os processos de participação cidadã, mas é também um tema amplamente debatido e reflectido nos círculos da produção da arte, da arquitectura e também do design. Têm-se suscitado, de facto, tanto a questões práticas, relativas à viabilidade/praticabilidade desses princípios ou às alterações que tal exige na metodologia de projecto normalmente praticada, como também se tem gerado a discussão de índole ética e deontológica, relativamente às atribuições, responsabilidades, direitos e deveres que está estabelecido caberem a esses profissionais especialistas e autores.

Construído o seu argumento em defesa da participação, Henry Sannoff (2000:22) discute este assunto, enumerando os entraves que encontrou como os mais frequentemente referidos. Procurámos sistematizar um pouco mais o que este autor apresenta, cruzando-o também com outros autores, pelo que as organizamos segundo os seguintes grupos: as questões de índole educativa, cultural ou formativa, as questões relativas à legitimidade destes processos, as questões relativas ao exercício das profissões que recorrem à participação, a qualidade resultante de um projecto participativo, e finalmente as questões de índole prática.

As questões de índole educativa, cultural ou formativa

Estas questões poderão ser relativas a todos os tipos de eventuais participantes da equipa de trabalho. Começando pelos utilizadores, apontar-se-á, em primeiro lugar, a falta de capacidade de prestar uma colaboração válida numa equipa de trabalho ou de decisão. Para o caso do “participatory design”, Sannoff refere que, segundo alguns profissionais argumentam, a participação dos cidadãos não é necessária, e muitas vezes é indesejável, já que esses utilizadores não têm as capacidades necessárias e muitas vezes só atrapalham. Esta questão, acrescentamos, poderá resultar de várias dificuldades que possam surgir, desde a relativa a abordar assuntos que requerem uma formação mais especializada, até a eventuais limitações culturais ou educativas. No caso destas últimas, poderá fazer com que com os processos participativos possam ser determinadas soluções que não são mais do que “aspirações ditadas por revistas da moda”, conforme reflecte também Pedro Brandão sobre esta questão (2005:225- 226).

Para a resolução geral deste problema, Sannoff propõe o recurso a um consultor externo para ajudar neste processo, o que inclui treinar os vários intervenientes da equipa, porque, conforme aponta, as dificuldades nem sempre surgirão apenas por limitação dos cidadãos. Profissionais, governantes e gestores também terão frequentemente falta de capacidade ou experiência para este tipo de equipa, o que pode, no fim, resultar nas mesmas limitações no desempenho. Naturalmente que, diremos nós, uma medida a ponderar será a de proporcionar aos profissionais em causa, na sua formação, a devida capacidade de trabalho numa equipa destas, pelo menos a partir do momento em que se venha a tornar imperativa a formação deste tipo de equipas.

Aproveitamos ainda a oportunidade para recordar uma nota sobre este assunto em relação à actividade do Design⁶⁵, o que será observável no que respeita à sua base teórica, como àquilo que é

⁶⁵ Segundo conferência “A sustentabilidade do processo de trabalho do designer” por Cristóvão Valente Pereira, apresentada no “Congresso e-design – Visões para o ensino na Europa” que teve lugar a 6 e 7 de Novembro de 2009, na Culturgest, em Lisboa, organizado pelo Centro Português de Design, cujo livro de actas aguarda publicação.

a sua prática frequente. Na bibliografia da teoria do design é frequente encontrarmos a afirmação que o designer deve trabalhar em equipa para estar bem inteirado de todos os dados, contextos e condicionantes que deve considerar para o projecto, conforme já referem, por exemplo, Dorfles (1989:79) e Munari (1979:37). São esses dados, por exemplo, o mercado de inserção do produto, a estratégia de marketing, a imagem do produto e do cliente ou fabricante, os requisitos técnicos e funcionais. Para além disso, frequentemente procura-se também considerar como ponto de partida outras especificidades do utilizador, como propõe, por exemplo, Norman (1988).

Para além disso, é possível afirmar que frequentemente sucede, na prática, que vários são os intervenientes do processo de projecto e produção em design, por vezes com mais poder de decisão que o próprio designer, como seja o cliente, o seu empregador ou até a hierarquia de trabalho de uma organização onde o designer se insere.

Várias são, de facto, as condicionantes e parâmetros com que o designer normalmente se propõe trabalhar e que, por princípio, as usa a seu favor, considerando-os antes como catalisadores e pontos de apoio para basear as suas propostas, em vez de as considerar como constrangimentos ou limitações à sua “liberdade criativa”. Neste caso a questão não estará tanto no facto de ser ou não possível para o designer trabalhar com os utilizadores do seu projecto, mas antes, quando muito, na criação de condições para incluir também esses intervenientes na sua equipa de trabalho.

As questões relativas à legitimidade destes processos

Para este caso aponta-se frequentemente a possibilidade de se subverter o processo de participação, e assim as pessoas envolvidas não serem verdadeiramente representativas do universo dos utilizadores. Continuando com Sannoff, este autor refere que muitas vezes as pessoas envolvidas não representam maiorias, são antes cidadãos com interesses especiais. Segundo o autor, existirão vários factores que inibem a participação do cidadão que não tenha esses interesses como catalisador, as quais incluem a prioridade às necessidades pessoais, a noção de pouca eficácia e suspeita de burocracia.

Por essa razão, enfatiza o autor, todos os esforços devem ser feitos para incluir os afectados em questão, o que requer contacto directo e individual, através, por exemplo, das escolas e das crianças, clubes, associações e organizações comunitárias ou religiosas.

As questões relativas ao exercício das profissões que recorrem à participação

Para alguns, segundo refere Sannoff, a participação pode ameaçar profissionais e gestores e as suas funções enquanto especialistas, uma vez que isso implica a mudança do controle das decisões para os utilizadores. Diríamos que este receio terá duas vertentes, uma primeira, derivada das eventuais dúvidas de índole ética e deontológica, relacionadas com a perda de controle do profissional face ao trabalho que será da sua área de especialidade; uma segunda vertente, mais de natureza “corporativa”, tem que ver com a possibilidade de, deste modo, virem a estar ameaçadas as actividades próprias dos profissionais e gestores especialistas envolvidos, ao ser retirado da sua competência exclusiva o trabalho em questão.

Para este problema Sannoff ressalva que os profissionais têm uma especialidade diferente da dos utilizadores, já que a destes é identificar problemas, não necessariamente resolvê-los. Deste modo, propõe a necessária distinção de competências aos membros integrantes de uma mesma equipa de trabalho.

De reflectir também na abordagem de Pedro Brandão sobre a questão geral da legitimidade, quer do processo de participação, quer dos profissionais que com ela trabalham. Este autor aponta que, supostamente, haveria já actualmente participação das populações nos processos de intervenção na cidade, ao serem representadas pelas instituições políticas. No entanto, “a estas compete a lei, o plano, o regulamento, o quadro, o serviço, a Política”, e logo, a expressão da sua intervenção confina-se a este plano, acrescentamos nós. Esta será, diremos, uma participação muito indirecta e longínqua, para além de ser uma intervenção que funciona por constrangimento e pouco (ou nada) dialogante com o “desenho e o seu actor concreto”, conforme já referiu Brandão (2005:226-227).

Com este autor chegamos pois à conclusão que o princípio da legitimidade de um processo de participação dependerá da atribuição das devidas competências aos intervenientes, mas também de um efectivo e eficaz diálogo entre os mesmos: “No plano do Design Urbano, cabe todo o lugar à participação e ao diálogo: dar participação, é antes do mais, ajudar a formular requisitos, a transformar reacções em acto positivo, dotar de linguagem comum, dar meios e maioria cultural, criar espaços para o diálogo com os utentes. Trazer para o desenho o seu desígnio, a sua meta final, é um processo que não se confina no espaço administrativo da norma” (Brandão, 2005:227).

A qualidade dos resultados obtidos através de um projecto participativo

Continuando com Sannoff, este autor aponta outra questão que frequentemente se lança, pelo menos na área de trabalho que aborda, o de design e planeamento urbano, relacionada também com a responsabilidade mas segundo o ângulo da qualidade dos resultados obtidos, a qual ficará comprometida porque num trabalho em equipa a responsabilidade é espalhada e deixa de haver, consequentemente, um responsável final que responda pela qualidade do projecto.

Para este caso da responsabilidade profissional, ou, mais concretamente para o caso, da desresponsabilização individual do profissional envolvido, refere-se frequentemente no meio empresarial a expressão “management by comitee” (gestão por comissão), utilizando como sua ilustração a frase “um camelo é um cavalo desenhado por uma comissão”, conforme recorda Sannoff.⁶⁶

Esta expressão será alusiva aos resultados obtidos quando um projecto é feito sem que haja um responsável a coordenar e a chefiar o projecto, permitindo-se que o projecto vá evoluindo pela sucessão de negociações e de soluções de compromisso, obtendo-se da pior maneira um resultado que não é mais do que a acumulação desestruturada das várias partes. Para confirmar este princípio são apontados casos sucedidos na indústria automóvel americana.⁶⁷

Sobre esta questão, Sannoff defende que as pessoas podem ser razoáveis. A maior parte das pessoas mudará as suas perspectivas, afirma, ao serem confrontadas com nova informação que as ajude a ver como o conjunto geral se enquadra na sua visão (Sannoff, 2000:23). Repare-se, contudo, que este argumento está baseado em dois premissas que importa abordar.

O primeiro refere-se ao âmbito e conteúdo da ideia que estiver em negociação, a qual tem que ter, para este efeito, argumentos objectivos e que sejam aceites como vantajosos. Nesta obra, aliás, insiste-se neste aspecto; aí, por exemplo, é chamada a atenção para a importância, num processo participativo, da plena compreensão do que se está “em cima da mesa”, algo que deve ser concreto e derivado das necessidades objectivas determinadas.

⁶⁶ Não nos foi possível determinar quem é o autor original desta afirmação, mas vários terão sido aqueles que a utilizaram, entre os quais Sir Alec Issigonis, o designer do automóvel “Austin Seven”, ou “Mini”, como depois se veio a chamar.

⁶⁷ Em 2000 a General Motors lançou no mercado norte-americano o “Pontiac Aztek”, rejeitado pelo mercado logo desde o seu lançamento e posteriormente apontado como um exemplo de um design feito em grupo, por negociação e cedências e de responsabilidade anónima entre os vários departamentos da empresa (Weisman, 2005).

Se a primeira premissa tem que ver com as características daquilo que está em discussão, o segundo refere-se também às características, mas daqueles que a trabalham e discutem. Mais concretamente, a capacidade de comunicação, de argumentação e, conseqüentemente, de negociação, dos intervenientes ou membros da equipa de trabalho será, sem dúvida, uma questão central nestes processos, tal como acontece em todas as situações, abundantes na nossa sociedade, onde é necessário discutir ideias e pontos de vista.

De facto, a qualidade de um projecto participativo dependerá em boa parte do modo como o seu processo se desenvolveu. Por esta razão o consultor, enquanto mediador e organizador, será um importante agente nestes processos, conforme já referimos de Sanoff.

Ainda relacionada com esta questão do compromisso da qualidade do resultado obtido resultante da constituição da sua equipa de trabalho, fazemos ainda uma última nota que nos parece pertinente com os exemplos concretos abordados: ao se referirem ao mundo empresarial, e em concreto à indústria automóvel – o que até pode fazer com que sejam considerados como um pouco exteriores à área que nos propomos aqui a investigar – estes casos passaram-se com profissionais, inseridos em empresas, que em princípio se baseia numa organização, constituída por hierarquias e por equipas. Ou seja, nestes casos dificilmente se poderá argumentar que o falhanço decorre da participação de não profissionais e da impossibilidade do diálogo com não profissionais, conforme vimos atrás.

As questões de índole prática

Para terminar esta análise a partir do que enuncia Sanoff, vejamos agora as questões relacionadas com a exequibilidade do projecto. Segundo este autor, sobre os processos participativos aponta-se também frequentemente a dificuldade na obtenção de resultados válidos através de um consenso, uma vez que se trata de equipas numerosas. Como todos temos uma opinião diferente, é possível obter tantas respostas diferentes quantas pessoas forem consultadas.

Trata-se, poderemos apontar, de questões relativas à organização destes processos e das suas equipas, o que já abordámos anteriormente. Para além disto, Sanoff refere o argumento contraditório de que as pessoas são semelhantes e que as necessidades não se diferenciam, o que nos recorda também que havendo necessidades concretas e comuns ao grupo, o consenso e a solução serão mais fáceis de encontrar.

Outra questão que é apontada à praticabilidade é o facto de o envolvimento de utilizadores consumir mais tempo, e por isso ser mais caro do que apenas recorrer a profissionais com larga experiência e conhecimento especializado. Contudo, recorda o autor, o tempo e esforço dedicado a envolver os utilizadores é uma forma básica de desenvolvimento comunitário ou organizacional, pelo que, se a isto juntarmos a possibilidade de com um processo participativo ser encontrada uma solução mais próxima das necessidades e aspirações dos utilizadores, e logo mais duradoura, então deveremos antes considerar investimento e não perda de tempo.

Finalmente, dentro desta problemática da praticabilidade, reflectimos sobre a questão da sua concretização, sobretudo quando se confrontam soluções “feitas à medida” com processos industriais de fabrico. Diríamos que, sobre isto, as limitações, possibilidades e características de cada processo são absolutamente distintas, pelo que há que reflectir, antes de mais, sobre os processos que se está a considerar para a solução que se pretende concretizar, determinando aqueles que são os mais adequados, e não o contrário, ou seja, procurar uma solução cuja concretização se enquadre em processos pressupostos.

Haverá certamente muitos outros argumentos e questões, quer de um lado, quer de outro. Adicionalmente, nos processos de trabalho onde participam várias pessoas e cuja organização não seja hierárquica, ou “de-cima-para-baixo”, a complexidade e dificuldade de concretização – e a discussão que daí decorre – tornam-se ainda maiores. No entanto, o êxito de um processo destes será, segundo a lógica que aqui traçamos, a melhor forma de efectivar os princípios e ideais que referimos, especialmente no contexto do espaço público.

4.

O mobiliário urbano e os seus processos

Para esta investigação considerámos como importante conhecer a realidade da produção e do uso do mobiliário urbano. Só conhecendo esses processos, os seus utilizadores, intervenientes e o desempenho e uso destes equipamentos e artefactos é possível elaborar qualquer proposta que se pretenda útil e minimamente praticável.

Numa análise inicial (Valente Pereira, 2002), houve uma primeira abordagem onde foi possível delinear alguns dos processos mais praticados, relativos ao mobiliário urbano. As predominâncias, que nessa altura se determinou parecerem existir, permitiram tomar alguns pontos de partida que agora procurámos confirmar e aprofundar.

Procurámos agora estabelecer um conjunto de casos que, dentro das possibilidades e recursos de que dispusemos, fosse minimamente coeso e também representativo de alguma parte da realidade actual. Deste modo, tomámos como ponto de partida o contexto da cidade de Lisboa e as intervenções que ocorreram entre 1995 e 2005. Assim, para compreender e verificar melhor os processos de produção do mobiliário urbano desta cidade, entendemos como necessário observar os casos de implantação que se tenham concretizado. Efectuámos também uma abordagem a outros casos, os quais, ainda que fora deste contexto definido permitem-nos conhecer também melhor a realidade e a contextualização do primeiro âmbito definido, quer porque nos mostram outros processos possíveis, ainda que menos frequentes, quer porque os que não foram concluídos nos levam também a reflexões úteis.

4.1. Casos de Lisboa

4.1.1. Caracterização da CML

A Câmara Municipal de Lisboa foi naturalmente o principal contacto efectuado, uma vez que é quase sempre o dono da obra nestas intervenções. Para além disso, acumula frequentemente ainda as funções de projectista, através das suas direcções, divisões e gabinetes de projecto e gestão de

espaço público e mobiliário urbano. Procurou-se ainda encontrar outros intervenientes quando isso se demonstrou necessário, como o são os fabricantes e fornecedores contratados para a obra do mobiliário urbano em questão, ou outros projectistas.

À data dos contactos efectuados, está instituído que a Câmara Municipal de Lisboa administra, fiscaliza, mantém e projecta o espaço público desta cidade sobretudo através das competências da Direcção Municipal de Ambiente Urbano (DMAU), mais concretamente através da Divisão de Estudos e Projectos (DEP) e do Departamento de Gestão do Espaço Público (DGEP). Este último compõe-se, por sua vez, pela Divisão de Iluminação Pública (DIP), a Divisão de Qualificação do Espaço Público (DQEP) e a Divisão de Fiscalização e Controlo do Espaço Público (DFCEP).

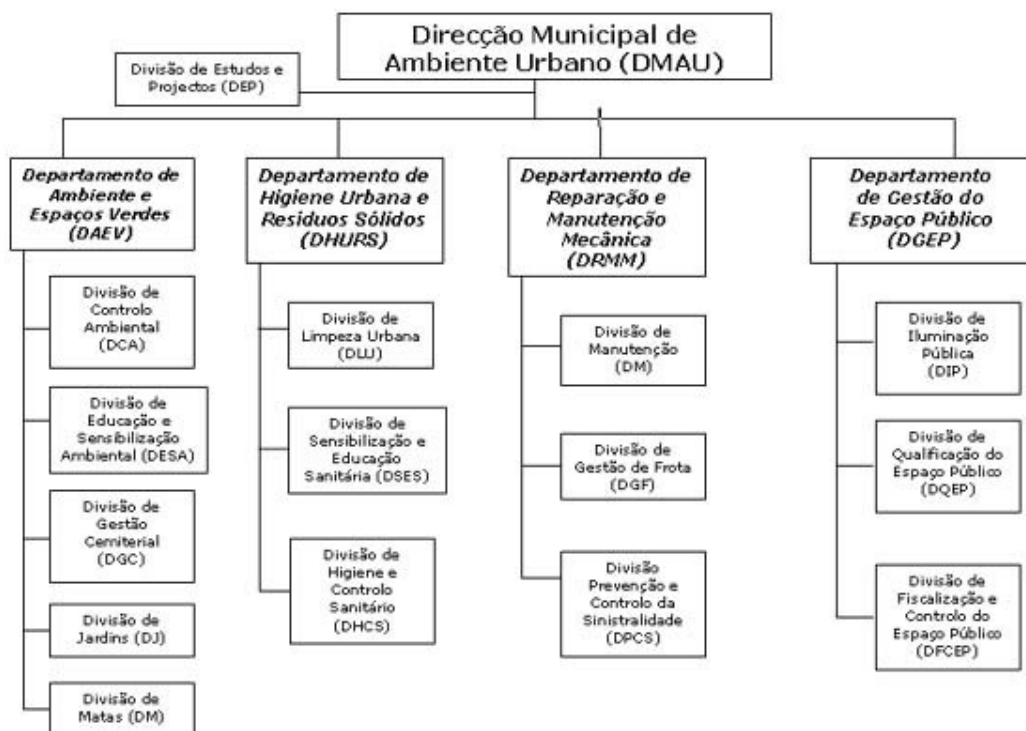


Figura37: Organograma da Direcção Municipal de Ambiente Urbano (DMAU)⁶⁸

A DEP tem como atributos específicos o projecto do espaço público que seja de maior dimensão, dentro das competências da arquitectura, da arquitectura paisagista, do design e das engenharias afins. A actividade da DIP relaciona-se com o projecto, implantação e manutenção da iluminação pública. A DQEP terá como atributo central as questões e procedimentos relativos à ocupação ou utilização por privados do espaço público de Lisboa⁶⁹. À DFCEP está-lhe atribuído, entre outros, o conjunto de todas as tarefas referentes à coordenação, controlo e fiscalização de todas intervenções

⁶⁸ www.cm-lisboa.pt, consultado em 22-04-2009

⁶⁹ <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=25&idi=31693> consultado em 01-03-2010

no espaço público de Lisboa e que não estejam a cargo da Divisão de Qualificação do Espaço Público (DQEP), ou seja, decorrentes de ocupação sujeita a licenciamento (por pessoas ou entidades que não a própria CML)⁷⁰. Abrange todas as intervenções projectadas pela Divisão de Estudos e Projectos (DEP), assim como outras, cuja dimensão ou importância não justifique o envolvimento daquela divisão, como é o caso da implantação pontual de mobiliário urbano, e que são decididas apenas por esta divisão⁷¹.

Para se determinar que casos se abordam na presente investigação, seguidamente à referida primeira abordagem efectuada (Valente Pereira, 2002), foram efectuados contactos iniciais com técnicos da Câmara Municipal de Lisboa, em particular com o Chefe da referida Divisão de Estudos e Projectos, o Arq. João Castro. Foi assim possível compreender as atribuições de cada direcção, departamento e divisão para com os processos relativos à produção e implantação do mobiliário urbano. Foi também possível um primeiro panorama das intervenções no espaço público de Lisboa, o que em grande parte foi possível devido à consulta e análise do já referido Portfolio da DEP. Neste documento, junto com alguma observação directa no local (para os projectos que se concretizaram), fizemos uma primeira análise a 341 projectos desta divisão que foram efectuados até 2005.

De referir que no conjunto de trabalhos do portfolio apresentado é possível perceber um trabalho “de fundo”, relativo à estratégia e gestão do espaço público de Lisboa e dos elementos que o compõem. Referimo-nos não só à contribuição para o PDM, aos diversos levantamentos efectuados ou em preparação, ao “Plano dos Eixos de Lisboa ou ao “Plano de Acessibilidade do Espaço Público de Lisboa”, mas também aos projectos relativos à produção de mobiliário e equipamento urbano específicos, o que pressupõe uma gestão do espaço público a qual, ao considerar as diferentes escalas, será também mais global.

Parece-nos ser possível sintetizar e sistematizar algumas notas e observações gerais relativas ao portfolio da DEP 2005 (cujo resumo se inclui em anexo) para a caracterização das intervenções efectuadas no espaço público:

⁷⁰ <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=25&idi=31693> consultado em 01-03-2010

⁷¹ Esta era, de facto a organização da Direcção Municipal do Ambiente Urbano da Câmara Municipal de Lisboa na ocasião em que os contactos foram efectuados. Contudo, em meados de 2011 esta Direcção sofreu mudanças, sendo o DGEP extinto, ao substituir-se a organização segundo competências por uma organização segundo o território.

Motivo de intervenção:

- Degradação geral do espaço (ex: jardins históricos)
- Actualização dos espaços e do seu equipamento no seu desempenho, adequando-os às novas solicitações:
 - Novas leis relativas às acessibilidades
 - Novos requisitos de segurança
 - Implantação de novas actividades (ex: ciclovias, skateparks, etc.)
- Espaços sem intervenção anterior
 - Zonas de fronteira (logradouros, zonas entre urbanizações, terrenos que ladeiam rodovias, rotundas, etc.)
 - Espaços devolutos
 - Conversão de quintas

Tipos de intervenção definida segundo funções ou usos:

- Circulação, a mobilidade e os acessos
- Recreio e o lazer
 - Infantil
 - Juvenil (desportos “radicais”)
 - Passeio
 - Desporto
 - Passivo (contemplação, descanso, permanência etc.)
- Hortas urbanas (função recreativa e educativa)
- Envolventes das escolas primárias.
- “Enquadramento”
- Feira, mercado e comércio

Modo de intervenção:

- Modelação e regularização de terrenos;
- Definição de pavimentos através do seu desenho e escolha de tipos;
- Definição de vegetação e sua implantação;
- Escolha de mobiliário urbano por catálogo e sua implantação;
- Projecto de edifícios e equipamentos (quiosques, esplanadas, bares, etc.);
- Projecto de mobiliário urbano.

Intervenientes:

- Apresenta-se o técnico ou técnicos a quem é atribuída a autoria.
- Refere-se por vezes a solicitação dos moradores como motivo para a elaboração do projecto.

Em termos de funções e usos aqui observados para os diversos espaços públicos, para além da circulação, a mobilidade e os acessos, predomina o recreio e o lazer – para além do infantil e do juvenil –, seja pelas actividades ligadas ao passeio e ao desporto, seja pelo tipo de recreio mais passivo como a permanência ou a contemplação. Observa-se ainda algumas propostas de constituição de hortas urbanas (caso em que a função recreativa está a par da educativa), tanto em projectos específicos, como integrados em projectos de parques, jardins, e ainda de envolventes das escolas primárias. Há ainda, naturalmente, a função de “enquadramento”, ou seja, de contributo para a qualidade paisagística de um dado espaço, havendo mesmo um número assinalável de projectos específicos para essa função.

Muitos dos projectos resultam da necessidade de intervenção pela degradação que o espaço apresenta. Nestes casos, as alterações propostas não são, na maior parte das vezes, pouco profundas, respeitando-se o seu essencial. Este tipo de intervenção verifica-se frequentemente nos designados jardins históricos.

Outros são relativos à actualização dos espaços e do seu equipamento no seu desempenho, adequando-os às novas solicitações, como seja a observação das novas leis relativas às acessibilidades, os novos requisitos de segurança, ou ainda a implantação de actividades, sobretudo de recreio e lazer, anteriormente inexistentes: as ciclovias, os skateparks, entre outras.

Vários projectos são também para espaços que, por exemplo, ao se encontrarem em zonas de fronteira entre duas diferentes intervenções, não tiveram tido ainda qualquer tipo tratamento ou, quando muito, tiveram uma intervenção provisória ou supérflua. Aqui abundam os logradouros, as zonas entre urbanizações, os terrenos que ladeiam as rodovias, rotundas, pequenos terrenos desocupados, etc.

Neste portfolio apresenta-se o técnico ou técnicos a quem é atribuída a autoria. Em algumas das memórias descritivas – as quais são, naturalmente, sucintas – refere-se a solicitação dos moradores como motivo para a elaboração do projecto.

Observa-se que os projectos apresentados incluem quase sempre a implantação de mobiliário urbano de catálogo. Contudo, existem alguns projectos de mobiliário urbano, como é o caso do projecto dos equipamentos para o Parque Periférico, o kit de engraxador e os quiosques de flores e de restauração.

4.1.2. Critérios e justificação da selecção dos casos

Com esta primeira abordagem, foi possível determinar a seguinte classificação dos tipos de intervenção que poderemos encontrar no espaço público em Lisboa:

1. Pelo tipo de intervenção. Aqui consideramos sobretudo a dimensão da obra em questão, o que significa uma variação nos motivos e nas oportunidades para a mesma:
 - 1.1. Construção de novos arruamentos e urbanizações
 - 1.2. Novos projectos de espaço público em zonas consolidadas
 - 1.3. Projectos de alteração parcial do espaço público
 - 1.4. Projectos de inserção (adição) de novo mobiliário urbano
 - 1.5. Projectos de substituição de mobiliário urbano existente
2. Pelo tipo de zona da cidade. Conforme a zona onde sucederá a intervenção, assim variam as suas condicionantes, desde a legislação relativa à protecção do património até à mobilização e pressão dos moradores:
 - 2.1. Zona histórica
 - 2.2. Zona recente (não histórica)
 - 2.3. Zona residencial
 - 2.4. Zona não residencial
3. Pelo tipo de espaço público. Conforme o uso a que se destina, assim também variará o seu programa e pressupostos:
 - 3.1. Praças, largos, e outros locais de permanência
 - 3.2. Avenida, ruas e outros “espaços-canais”, de fluxos ou “de passagem”
 - 3.3. Jardins, parques, e outras “zonas verdes”
4. Pelo modo como foi projectado o mobiliário urbano. Interessa-nos perceber as variações na altura em que foi projectado o mobiliário urbano em relação ao decorrer do restante projecto do espaço e nas diferenças que isso apresenta:
 - 4.1. Previamente, pelo fabricante, sendo o modelo posteriormente seleccionado por catálogo
 - 4.2. A par do restante projecto do espaço público, ao ser destinado especificamente para o mesmo

5. Segundo quem é o projectista e o modo como se processa a implantação. A autoria dos projectos varia, o que significa processos de produção também distintos:

5.1. Projecto da CML

5.2. Projecto externo à CML

5.3. Projecto dos concessionários de publicidade

Deste modo, a partir do conjunto que inicialmente abordámos e considerando os recursos de que dispomos, seleccionamos os seguintes casos:

1. Rua das Janelas Verdes

Projecto da CML (DEP) de espaço público, um espaço canal, integral e de maior dimensão, incluiu o projecto de mobiliário urbano expressamente desenhado para esse local.

2. Parque das Conchas

Projecto da CML (DEP), de uma zona verde, de requalificação profunda.

3. Quiosque de florista

Projecto da CML (DEP) de mobiliário urbano, definido para um uso específico sem oferta no mercado

4. Praça da Figueira

Projecto de um projectista exterior à CML, de espaço público, uma praça, de maior dimensão

5. Mobiliário para exploração de publicidade

Projectos pontuais de implantação de mobiliário (bancadas de jornais, abrigo de paragem, MUPIs) a partir de um pedido e um projectista exterior

6. Implantação pontual de mobiliário urbano

Projectos de menor dimensão de implantação de mobiliário urbano pela CML (DFCEP), segundo princípios genéricos e com regras generalizadas

7. Iluminação da Av. de Madrid

Projecto de substituição de equipamento de iluminação pública, o qual suscitou protestos dos moradores

4.1.3.Eixo Rua das Janelas Verdes

Apresentamos uma análise a este projecto a partir da entrevista de 21/6/2011, efectuada a João Castro, Chefe da Divisão de Estudos e Projectos, DEP, da Direcção Municipal do Ambiente Urbano, DMAU, da CML, assim como da consulta às fontes referidas e da observação do local.

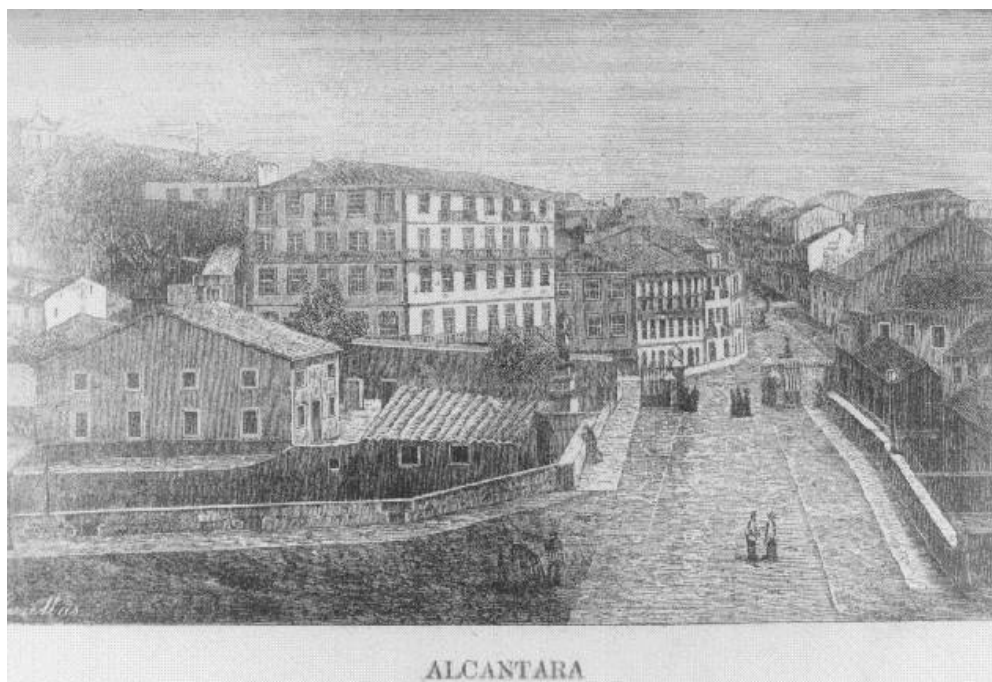


Figura38: Vista sobre a ponte de Alcântara para leste (PT/AMLSB/AF/EDP/S00926, Arquivo Municipal de Lisboa)

A Rua das Janelas Verdes integra um estruturante e antigo eixo de Lisboa, já que foi, até relativamente tarde, a principal ligação terrestre do centro da cidade com a sua periferia oeste. Trata-se de um percurso ancestral que orla, ao longo do rio Tejo, boa parte do lado oeste da zona actualmente mais central e histórica da cidade. Podendo-se considerar por agora o seu extremo original a oriente o que é hoje o actual Chiado, onde existiam as Portas de Santa Catarina da muralha da cidade construída por D. Fernando no séc. XIV, daqui seguia, de um modo relativamente direito, em direcção a Oeste para chegar à antiga ponte de Alcântara, cuja origem é remota e incerta e foi o único atravessamento da ribeira de Alcântara existente nesta direcção até ao final do séc XIX. Seguindo o seu percurso pela actual toponímia, temos assim, a seguir ao Chiado, a Rua do Loreto, Largo do Calhariz, Calçada do Combro, Rua do Poço dos Negros, Rua da Esperança, Rua de Santos-o-Velho, Largo de Santos-o-Velho, Rua das Janelas Verdes, Rua Presidente Arriaga, Calçada da Pampulha, Rua do Sacramento a Alcântara, Praça da Armada e Rua Prior do Crato, para encontrar então a referida ponte (Moita, 1994; Couto, 2004).

Será, com efeito, fácil compreender a importância deste percurso, conforme até o denuncia também o seu traçado, o qual, apesar de ancestral, consolidou-se amplo e direito, mesmo depois do crescimento da cidade o ter absorvido. Apenas começou a perder protagonismo a partir de meados do séc. XIX, à medida que se sucederam os aterros para que a cidade se expandisse sobre o rio Tejo, dando origem a eixos mais amplos e com maior capacidade.

A obra em análise, denominada de “Eixo das Janelas Verdes” no portfolio da DEP (p.239 e 240), teve como equipa projectista o Arqº Paisagista João Rocha e Castro e a Arqª Marina Borges. Conforme nos informou João Castro, aproveitou-se a oportunidade da obra no subsolo, da substituição de um colector de esgotos, para esta obra de requalificação do espaço público, desde a Calçada Ribeiro dos Santos, em Santos, até ao Largo da Armada, em Alcântara, num total de 4km, e incluindo o Largo de Santos e o Largo do Dr. José de Figueiredo. Projectada em 1996, foi iniciada em 1998 e terminada em 1999. Foi um trabalho que enfrentou diversas dificuldades, conforme nos relatou o entrevistado, sobretudo pelo objectivo que ficara estabelecido de se obterem “corredores pedonais francos de nível, lineares, aumentando a qualidade e segurança da fruição urbana de um eixo histórico” (portfolio DEP, p.239).

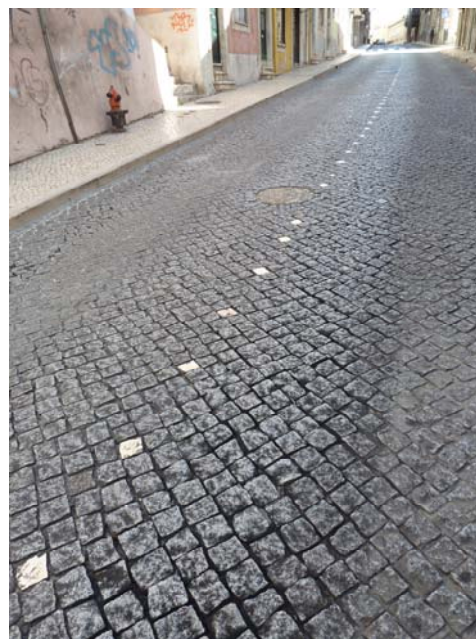


Figura39: O pavimento em granito que actualmente encontramos ao longo de todo o eixo em análise (foto do autor, 12/2011).

Rui Godinho (na altura vereador), susceptível às tendências que então se começavam a perceber um pouco pelas cidades da Europa, nesta ocasião muda as prioridades até aí habituais para uma intervenção destas: coloca um paisagista à frente de uma obra de espaço público que não era de espaço verde, retirando supremacia ao trânsito rodoviário. O entrevistado refere as dificuldades que

nessa altura enfrentou, ao propor, por exemplo, uma largura de 2.80m para as faixas de rodagem, menor do que os 3.20m estabelecidos para projecto. Conforme refere, só o conseguiu ao demonstrar, empiricamente, que em certos troços deste eixo a largura das faixas de rodagem já era até de 2.70m, e que isso não impedia, conforme se argumentava, o cruzamento de autocarros à velocidade normal.



Figura40: Podemos aqui observar um exemplo do nivelamento de acessos pedonais definido para este projecto. Podemos observar também a sinalização rodoviária horizontal em calcário branco que existe em todo o eixo (foto do autor, 12/2012).

João Castro pode assim concretizar o seu princípio de considerar mais espaço para o peão que definiu para o perfil transversal deste eixo, definindo larguras mínimas para as faixas de rodagem. Dada a variação de distâncias entre os edifícios ao longo do percurso, definiu então como princípio orientador o desenho regular dos lancis dos passeios, procurando manter a largura constante, tanto quanto possível, de 1.50m de um dos lados. O passeio maior seria o do lado sul da rua, pela preferência dos peões dada a menor exposição solar. A seguir, como já referimos, aplicou a largura de 2.80m a cada uma das duas faixas de rodagem, deixando o outro passeio com o espaço que restasse. Obviamente, houve uma redistribuição de espaço pela largura destes dois corredores pedonais nas ocasiões em que o segundo ficasse excessivamente estreito. Nas ocasiões em que sobrasse espaço para além do necessário para os dois passeios, colocar-se-ia lugares de estacionamento.

Outra dificuldade decorreu da necessidade de regularização de uma superfície centenária. Houve a necessidade da regularização, em primeiro lugar, da directriz, ou seja, no sentido longitudinal, dada a necessidade de se actualizar a suavização das mudanças de declives. Para além disso, para estas

ruas fazem frente edifícios também antigos e de cota de soleira muito desigual entre si. Esta regularização, juntamente com o objectivo de se eliminar degraus ou acessos aos edifícios que obstruíssem os corredores pedonais, obrigou a um trabalho de observação, experimentação e correcção em detalhe em cada um dos muitos casos que surgiram nesta extensa obra.

Para a construção do pavimento recorreu-se a materiais tradicionais de Lisboa, não só a calçada portuguesa para os passeios, mas também a calçada para as faixas de rodagem. Embora aqui ficassem definidos os cubos de granito e não o basalto, pedra originalmente aplicada em Lisboa, para a sinalização horizontal também foi utilizada a pedra (calcário), até porque a sistematização dos atravessamentos pedonais foi um objectivo também para aqui definido (portfolio DEP, p.239).

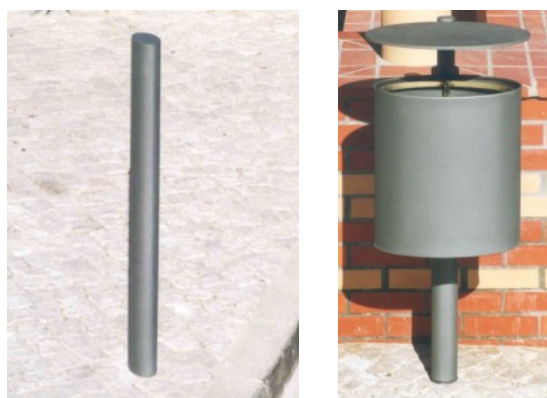


Figura41: Imagens do catálogo da Fabrigimno⁷² das peças que esta empresa desenvolveu e fabricou para o Eixo das Janelas Verdes a partir dos desenhos de João Castro

Também tradicional em Lisboa, mantendo-se assim o que era já existente também nestas ruas, foi o desnivelamento entre as faixas de rodagem e os corredores pedonais através do lancil de pedra, contudo, introduziu-se a inovação do seu rebaixe nas passagens de peões. Inovador também foi a implantação sistemática de pilaretes ao longo de todo o eixo, de forma planeada e prevista num projecto de intervenção, conforme nos salientou o entrevistado. Este era, de facto, um espaço onde o estacionamento desordenado e abusivo grassava, e a sua requalificação segundo os princípios já enunciados tornou imperativo a resolução deste problema.

Conforme se compreende, trata-se de um projecto onde houve a necessidade imperativa de simplicidade formal do projecto, dados os requisitos funcionais relativos aos fluxos que era necessário manter. Procurou-se assim tirar todo o partido dos poucos elementos disponíveis para atribuir identidade e coesão paisagística a este eixo. João Castro teve, de facto, a oportunidade que

⁷² <http://www.fg.com.pt/main.php?id=25&area=43> consultado em 5/7/2011

não desperdiçou de desenhar também o mobiliário urbano neste projecto, nomeadamente os já referidos pilaretes, assim como as papeleiras.

Estes equipamentos foram depois desenvolvidos e fabricados pela Fabrigimno, Fabricação de Material Desportivo, Lda. a qual forneceu o empreiteiro da obra. Por essa razão esta papeleira e pilarete constam actualmente no catálogo para venda desta empresa.



Figura42: As actuais papeleiras não são as definidas no projecto inicial, mas sim o modelo que encontramos definida para toda esta zona da cidade (foto do autor, 12/2012)

Nesse catálogo designa-se o “Pilarete decorativo PACÍFICO Série Oceanos, ref: MU78061”, fabricado “em tubo de aço elipsoidal com acabamento por decapagem, metalização e pintura a esmalte forja”. A altura especificada é de 0.90m⁷³. A papeleira é definida como sendo o modelo “Pacífico elipsoidal ref. MU05030”. Tem “estrutura em aço com acabamento por decapagem, metalização e pintura a esmalte forja”. Terá um “balde com tampa e dispositivo de suporte para saco de polietileno” com “sistema basculante permitindo a sua abertura através de trinco instalado no suporte tubular” através de chave. Com 35L de capacidade, as dimensões especificadas são de 0.90m de altura (acima do solo) por 0.45 e 0.28m⁷⁴.

⁷³<http://www.fg.com.pt/main.php?mostra=1&id=25&prod=GEN00121945949.867001437&tbl=registos&area=43&familia=55&subfamilia=80> consultado em 5/7/2011

⁷⁴<http://www.fg.com.pt/main.php?mostra=1&id=25&prod=GEN00121945947.117001388&tbl=registos&area=43&familia=55&subfamilia=81> consultado em 5/7/2011



Figura 43: O suporte para a sinalização vertical projectado para este eixo, dada a frequente exiguidade da largura de passeio (foto do autor, 12/2011). Figura 44: Pilaretes implantados na zona do viaduto sobre a Av. Infante Santo. A substituição deste equipamento nem sempre tem sido criteriosa, nem mesmo na escolha de outro modelo (foto do autor, 12/2011).

Não houve problemas na implantação do mobiliário urbano, o qual foi todo proposto e implementado de uma vez. O entrevistado observou também que os únicos equipamentos que não se controlaram foram os abrigos dos transportes públicos. Colocados posteriormente, não tiveram critério de natureza pedonal e truncaram os passeios.

Contudo, de referir estas paleiras vieram a ser pouco tempo depois retiradas, dada a directiva de uniformização para toda a cidade que entretanto foi definida pelo já na altura Director da Direcção Municipal do Ambiente Urbano, o Eng. Rui Mesquita.

Outra novidade definida por este projecto para este eixo foi a plantação de ciprestes (planta escolhida pela sua silhueta adequada às restrições do espaço), os quais contribuirão, juntamente com os restantes elementos e equipamentos, para a “qualificação e perenidade desta intervenção” através da evidência dos “alinhamentos, [d]o compasso e [d]o ritmo” (portfolio DEP, p.239).

Refira-se ainda os suportes dos sinais de trânsito que foram definidos também por este projecto de intervenção. Tratou-se, com efeito, de uma inovação para um equipamento das cidades normalmente pouco contemplado como foi este caso. Contudo, conforme salienta João Castro, tratou-se de uma alteração essencial para que prevalecesse o conceito de acessibilidade e mobilidade (sobretudo pedonal) do projecto. Assim, desenvolveram-se suportes que se encostam às fachadas, evitando-se assim os habituais obstáculos que estes postes normalmente causam.

Apesar da abrangência deste projecto que se pode verificar, a iluminação pública não foi contemplada. Os candeeiros que ainda hoje constam existiam já na altura da intervenção em análise. Tratou-se de uma intervenção a cargo da Direcção de Iluminação Pública.

Após a elaboração do projecto e sua aprovação superior camarária, antes de se dar início às obras houve uma sessão de apresentação e esclarecimento à população moradora. Houve também diversos contactos pontuais e informais com o Arq. João Castro durante o acompanhamento que fez à execução da obra.



Figura 45: Vista do topo da Calçada Ribeiro dos Santos (foto do autor, 12/2011). Figura 46: Vista da Rua das Janelas Verdes no trecho mais largo, junto ao seu extremo leste (foto do autor, 12/2011). Quando possível, foram inseridos lugares para cargas e descargas ou de estacionamento, ponteados por ciprestes.

Observações e conclusões

Trata-se de um projecto inovador, pelo menos para Lisboa, pela prioridade dada ao peão e à sua acessibilidade. É também um projecto que se pode considerar de qualidade, não só pela observação dos princípios de acessibilidade que na altura se haviam imposto há pouco tempo, mas também pela intenção de proporcionar maior qualidade de uso para o peão, assim como em atribuir a este eixo mais consistência visual e paisagística.

Esta intervenção foi feita com muito pragmatismo, construída através de um processo de determinação de partes muito objectivo, visto ser um “espaço-canal”, uma via importante da cidade, onde diversas componentes funcionais e de uso tinham prioridade imperativa. Houve, de qualquer modo, também a prioridade de disponibilizar ao peão um sítio mais apazível e mais convidativo. Recorreu-se, para isso, a uma melhoria deste ambiente não através de um modo parcial, pela vertente visual e formal, mas global, harmonizando todos estes requisitos que muitas vezes são considerados como contrários e inconciliáveis, procurando-se obter uma intervenção globalmente favorável a todos os utilizadores.

Foi um trabalho moroso derivado sobretudo da necessidade de observação das preexistências. Estas poderão pôr à prova a concretização de um projecto e a sua viabilidade, visto haver mais condicionantes a considerar. De facto, projectos em zonas históricas são mais exigentes também no sentido de se garantir a sua sustentabilidade pela durabilidade que tiverem.



Figura 47: Pavimento da Praça da Armada, junto do chafariz (foto do autor, 12/2011). Figura 48: Pavimento da Praça da Armada, do passeio e do eixo rodoviário (foto do autor, 12/2011). Figura 49: Pavimento pedonal junto ao Jardim 9 de Abril. Figura 50: Pavimento no final da Cç Ribeiro dos Santos, idêntica à anterior (fotos do autor, 12/2011). É evidente todo o proveito que se procurou tirar da calçada portuguesa para a caracterização deste eixo.

Este projecto demonstra as possibilidades de uma intervenção simples. Em muitas situações não é necessário um projecto (até se deve evitar) muito elaborado para solucionar os problemas de um espaço.

Mostra, por outro lado, a imperatividade de determinar, de modo aprofundado e preciso, primeiro, a zona a intervir, e segundo, os parâmetros do programa e a sua elaboração, sendo esses antecedentes absolutamente necessários para o êxito da obra, ao evitar-se um projecto pouco fundamentado ou com gratuitidades.

Os recursos para esse objectivo eram poucos dadas as características funcionais e formais/visuais do espaço. Para isso baseou-se, para além do recurso ao pavimento, no mobiliário urbano, nomeadamente nos pilaretes, nos candeeiros e nas papeleiras.

Os pilaretes poderiam contribuir mais para a identidade do eixo dada a sua presença constante, embora seja sempre difícil e imprescindível o equilíbrio entre esse contributo e a sua demasiada imposição e saturação.

Mas, acima de tudo, ainda que tenham sido especificamente desenhados para o sítio em questão com o propósito expresso de contribuir para a sua caracterização, a manutenção não tem conseguido acompanhar devidamente esse requisito. Assim, embora esse modelo original ainda lá predomine, actualmente encontramos muitos outros modelos.

Para além disso, essa intenção do contributo para o espaço será enfraquecido pela sua vulgarização à medida que se for implantando noutros locais.

Por sua vez, as papeleiras foram retiradas prematuramente, encurtando o seu ciclo de vida, pelo menos no local. Sendo isso derivado da uniformização destes equipamentos para toda a cidade que posteriormente ocorreu, podemos observar que isso sucedeu por factores relacionados com a administração e gestão global do espaço público de Lisboa, para além do programa do projecto de intervenção deste espaço, factores esses que só surgiram posteriormente.

Consequentemente, do projecto inicial deste mobiliário urbano, as papeleiras foram substituídas e os pilaretes, pelo que se observa, têm vindo a sê-lo também, sem que no entanto haja um critério de uniformização.

Sobre isto fica-nos a observação da dificuldade de manter a coerência de um projecto destes, que foi pensado de um modo global e abrangente, dada a grande dinâmica e mutabilidade constante do espaço público de qualquer cidade. Demonstrou-se neste caso a importância da observação da integração do projecto no contexto da cidade e da manutenção do espaço público. Apesar da relativa uniformidade da sua edificação, assim como da imperatividade do uso de fluxo, sobretudo do trânsito, e ainda da procura de observação dos princípios de acessibilidade, a intervenção procurou uma unidade e coesão formal e visual ao longo de todo o eixo.

Poderemos retirar daqui as observações, por um lado, de que é fundamental uma boa coordenação entre o projecto dos espaços públicos e a sua manutenção, sob pena de todo o investimento no projecto, ao fim de uns anos, ter sido em vão.

Compreende-se o motivo da concretização deste projecto, e da sua eventual pouca conformidade com as capacidades de manutenção da CML. Trata-se de um projecto paradigmático, a partir do qual se estabeleceram novas directrizes de projecto de espaço público com maior observação e atenção ao peão e ao cidadão e com maior cuidado paisagístico e formal. Alguma determinação terá sido essencial para que o projecto fosse avante (pelo menos essa foi a nossa compreensão pelo decurso da entrevista), caso contrário talvez não tivesse atingido os seus objectivos.

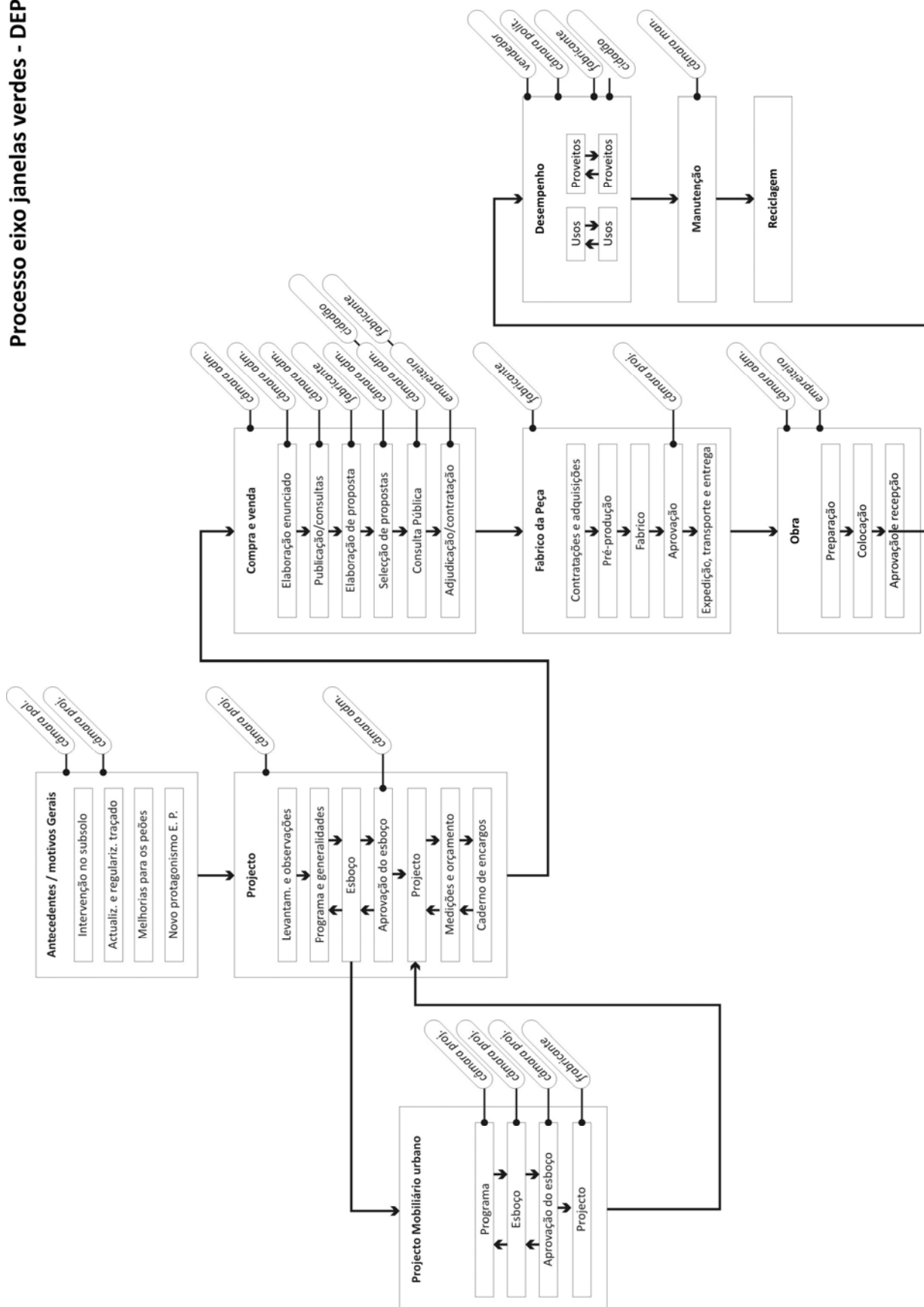


Figura 51: Processo do Eixo Janelas Verdes (elaboração do autor)

4.1.4. Parque da Quinta das conchas e dos Lilazes

A “Alta de Lisboa” é o último grande empreendimento de urbanização de Lisboa. Com cerca de 300 hectares e de utilização diversa, para além da residência de 65.000 habitantes, nela estão também previstos comércio, hotelaria e outros serviços. Situa-se na zona do Alto do Lumiar, anteriormente denominada também de Musgueira, entre os bairros já consolidados do Lumiar e da Ameixoeira (a oeste) e o Aeroporto da Portela (a leste), e a norte do bairro de Alvalade e Segunda Circular até aos bairros das Galinheiras e Charneca do Lumiar.⁷⁵

Este empreendimento terá procurado corresponder aos requisitos contemporâneos de urbanismo, nomeadamente através da diversidade, não só de usos, procurando assim evitar as zonas monofuncionais, como de extractos sociais. Com efeito, a par de uma oferta relativamente diversa de habitação para venda, foram também realojados os moradores de habitação social ou precária que aí já se encontravam.⁷⁶



Figura52: Planta do projecto de requalificação do Parque da Quinta das Conchas e dos Lilazes (Portfolio DEP de 2005, pág.104)

⁷⁵ <http://www.altadelisboa.com/page/apresentacao.html> consultado em 23-05-2011

⁷⁶ Encontramos, inclusivamente, esta urbanização como referida dentro das directivas “new urbanism” na Wikipedia (Wikipedia, 2011a)

Pela mesma razão, a par de infra-estruturas viárias e de transportes, equipamentos sociais, desportivos e de lazer, foram previstos parques verdes num total de 70 hectares, dos quais o Parque da Quinta das Conchas e dos Lilases, já existentes ocupam uma parte considerável⁷⁷.

A Quinta das Conchas, actualmente com 24 hectares de relvados e área florestada, terá sido constituída em meados do séc. XVI por Afonso de Torres. A Quinta dos Lilases tem uma área de 4,5 hectares e terá sido constituída em 1897 pelo empresário Francisco Mantero na então ainda periferia da cidade. Em ambas existiriam originalmente diversas actividades de agricultura e pecuária, para as quais haviam diversos equipamentos, tendo alguns deles chegado aos nossos dias.⁷⁸



Figura 53: "Plano Director Municipal de Lisboa - 1948: Planta das circulações, comunicações principais e dos espaços livres" (pormenor, retirado de Moita (ed.), 1994:500). Ao centro podemos ver a zona verde em estudo com os contornos praticamente iguais aos de hoje, ao contrário da restante zona onde se encontra.

Numa versão do primeiro plano director municipal de Lisboa, de 1948 (Figura 53), figurava esta que é ainda hoje uma das maiores áreas verdes da cidade, aliás uma das poucas coisas que haveriam de se manter na zona que nesse documento vemos muito vagamente definida, e que aliás haveria de se concretizar de modo diferente (para não falar de tantos outros equipamentos).

O projecto de intervenção neste parque resultou de um processo complexo, de oito anos, com três fases e diversos intervenientes de várias vertentes, incluindo oito projectistas da Divisão de Estudos e Projectos, diversos políticos (vereadores e presidentes da Câmara) assim como um intenso diálogo e negociação com a população, a qual esteve muito atenta e mobilizada para esta obra.

⁷⁷ <http://www.altadelisboa.com/page/apresentacao.html> consultado em 23-05-2011

⁷⁸ <http://lisboaverde.cm-lisboa.pt/> ; <http://lisboainteractiva.cm-lisboa.pt/> consultados em 23-05-2011

Percebe-se já por aqui que se tratou de um processo difícil e frequentemente crispado, a começar com a referida mobilização da população que já residia no bairro, uma vez que estava receosa de perder o parque. Entendia-se haver uma ameaça efectiva a este espaço, possivelmente por promessas que no passado terão sido feitas sobre este parque e a sua preservação e que não se via serem cumpridas. O entrevistado refere, a título de exemplo, a parcela de terreno que durante o mandato de Jorge Sampaio estava destinada a ser incluída neste perímetro, mas onde posteriormente foi construído o empreendimento do condomínio fechado “Parque das Conchas”.



Figura54: Vista parcial da "Nave Central", onde se pode constatar a diversidade de pavimentos, o betão e o ripado de madeira, assim como a constante presença da água através dos diversos canais que atravessam este espaço. Ao fundo vemos o Equipamento infantil e Juvenil. (Foto do autor, 12/2005).

João Castro aponta que o sucesso que considera ter o projecto derivou deste complexo processo que existiu, o que resultou, por sua vez, desta pressão dos moradores, e da consequente disponibilidade acrescida e atenção dos técnicos, fazendo muita auscultação da população e experimentação, desenvolvendo o projecto em grande detalhe de consolidação e justificação.

Sobre isto, de referir, conforme relata o entrevistado, que na realidade a maior parte das discussões se ficavam pelo campo formal e não tanto pelo funcional e estrutural (com a excepção das áreas e delimitações do parque, assunto que era muito sensível), o que corresponderá, conforme também afirma João Castro, às capacidades de compreensão e intervenção da população.

Dada a sua complexidade, foi também necessário, para os projectistas da Câmara, um intenso trabalho de equipa, o que exigiu, conforme sublinhou o entrevistado, uma considerável capacidade de gestão, organização e conciliação dos seus membros.

Houve uma primeira versão do projecto pela então DMAEV (Direcção Municipal de Ambiente de Espaços Verdes), aprovado pelo então vereador Rui Godinho, mas que a SGAL, a entidade financiadora desta intervenção, entendeu ser demasiado onerosa, sobretudo ao confrontá-la com o projecto que propôs inicialmente de requalificação para este espaço, no âmbito do empreendimento da Alta de Lisboa.

Esta proposta da SGAL, da autoria da Arq. Isabel Aguirre de Urcola e com a colaboração da Arq. Ana Carvajal García (autoras também do outro grande parque da Alta de Lisboa, o Parque Oeste), esta intervenção baseava-se também em abrir o parque à cidade, para além de reabilitar os elementos paisagísticos existentes e outros princípios comuns à boa prática destes projectos. Procurar-se-ia que ele fosse, deste modo, mais do que um parque fechado ou lugar de passeio sem destino. Percebe-se assim que foi compreendida desde logo a sua potencialidade em ser efectivamente um espaço de ligação e conexão da zona, e logo, de grande centralidade (Ramalho, 2001).

Ter-se-á entendido que a sua grande dimensão obrigaria de facto a um desempenho de conexão e ligação, sob pena de este grande espaço fragmentar o restante território onde se insere. No entanto, e por seguir a fundo este conceito de abertura e interpenetrabilidade, este projecto propunha um elemento que veio a causar grande controvérsia: nesta proposta, o eixo actualmente constituído apenas pela Av. Álvaro Cunhal e Rua Arnaldo Ferreira, aqui estava projectado para atingir a Alameda das Linhas de Torres, por entre a Quinta das Conchas e dos Lilases. Deste modo a área de parque seria interrompida através de uma rua com trânsito, trânsito esse que muitos receavam ser de intensidade considerável pela ligação mais directa que assim efectuava entre a nova parte da cidade e a artéria consolidada que é a referida Alameda.

A equipa camarária de projecto (que equivale à actual Divisão de Estudos e Projectos (DEP) da Direcção Municipal de Ambiente Urbano (DMAU)), por sua vez, e aproveitando a oposição à proposta do empreiteiro, faz uma revisão do projecto, com o intuito de reduzir custos e valorizar as suas qualidades, sobretudo aquelas que eram mais do agrado da população e que o favoreciam face ao projecto adversário. Com efeito, um recurso utilizado para este confronto, e que foi fundamental para o seu triunfo, terá sido a maior proximidade conseguida por esta equipa com a população e o consequente apoio do seu projecto. Como já se compreende, o êxito desta nova versão do projecto junto da população terá sido em grande parte por esta equipa ter procurado compreender melhor os receios e desejos da população, o que se traduziu na necessidade de reflectir mais

aprofundadamente sobre o modo de se concretizar para o parque este desempenho de conector, de modo a que ele próprio não viesse a ser fragmentado ou mesmo dilacerado.



Figura55: Vista de um dos caminhos em betão ladeado a paralelepípedos de granito, da nave central. À esquerda os candeeiros da Fundició Benito, ao fundo a vegetação mais densa da zona da mata (foto do autor, 12/2005).

À medida que se consolidavam estas preferências e antagonismos, os políticos assumem de vez o papel de mediador, dado, pelo que nos parece, os óbvios os proveitos que retirariam desta obra com a sua visibilidade. De referir pois que para a concretização desta obra há que considerar a importância das iniciativas e intervenção dos políticos na altura, nomeadamente os presidentes de então, Santana Lopes e Carmona Rodrigues (que também se envolvia enquanto vereador). João Castro recorda também a mobilização que teve a Junta de Freguesia do Lumiar nesta questão, sobretudo nas iniciativas de organização de reuniões e de mediação.

Em 2005 este parque reabre ao público com grande parte da obra de qualificação efectuada, cuja versão final do projecto pertence assim à Câmara Municipal de Lisboa, mais concretamente à actual DEP, sendo os seus autores os técnicos desta divisão: os Arquitectos Paisagistas Sandra Somsen, Teresa Cordeiro, Paula Alves, Maria José Fundevila, Rui Reis e o Arquitecto Paulo Pereira, sob coordenação do Arquitecto João Rocha e Castro (Chefe da Divisão).

Reconhecido o valor de “espaço patrimonial”, assim como a sua envolvência por uma “malha urbana densa” das duas quintas em questão, consolida-se este parque já que “impõe-se [também]

enquanto espaço actual de recreio e de cultura”. Optou-se por isso pela “perpetuação de uma memória cultural das quintas do termo de Lisboa, “valorizando-o e preservando o seu património” e “promovendo as funções ecológicas e sociais” (p.104 portfolio DEP de 2005).

Este projecto, como seria de esperar, respeitou a maioria da vegetação previamente existente, até porque aí já encontrávamos um grande número de árvores de grande porte. Consequentemente, mantiveram-se as diferenças entre as zonas que compõem o parque, potenciando assim diversos usos e desfrutes.

Apresenta-se assim actualmente ao utilizador uma zona central, denominada pela equipa projectista de “nave central”, de uso mais intensivo, conforme induzem os principais acessos ao parque que aí vão dar e de facto se verifica pela sua utilização. Esta zona é composta por uma parte com uma ampla clareira de relvado, propício ao desporto ou actividades de recreio em grupo, uma zona infantil e outra juvenil, assim como um café com espaço de exposições e um restaurante, ambos com esplanada. Encontramos aí ainda uma ampla zona em laje de betão a qual, por estar dividida em dois níveis de modo a potenciar que aí ocorram espectáculos, como é o caso do já habitual e bem sucedido “CineConchas”⁷⁹. No entanto, e ainda que seja denominada como “palco” no projecto, trata-se de uma construção muito menos impositiva do que muitas zonas de outros parques destinadas a este tipo de eventos, quer visualmente, quer funcionalmente, já que permite, pela sua configuração pouco excludente e muito versátil, que outras actividades diversas ocorram noutras ocasiões, como a patinagem ou uma feira.

Também nesta parte central se encontra uma zona também ampla mas com mais algum arvoredado, propícia por isso a utilizações menos activas, ainda que igualmente em grupo. Na sua extremidade leste encontramos ainda a “Fonte Luminosa”, a qual, juntamente com os diversos canais que alimenta e que se espalham por esta zona, constitui o seu sistema de rega. Por oposição, do outro lado encontramos um plano de água para onde confluem estes canais.

A água é, de facto, um elemento com uma forte presença nesta zona para os utentes, sendo ainda que constitui o seu sistema de rega efectivo, o qual é constituído também por um circuito subterrâneo para retorno da água do referido lago para a fonte inicial. Devemos contudo assinalar que na maior parte das visitas que até hoje efectuámos muito poucas foram as vezes que encontramos a referida fonte a funcionar e, consequentemente, os canais com água corrente.

⁷⁹ Mais informação em <http://www.viverlisboa.org/?p=5300> consultado em 25 de 2011



Figura56: Panorâmica da Nave Central. O amplo campo de visão é uma das características paisagísticas deste espaço; providencia ao observador uma boa legibilidade do sítio, dando, simultaneamente, uma noção de segurança e de acolhimento (foto do autor, 7/2011)

Conforme já podíamos supor, o referido eixo que na anterior atravessava o parque entre a zona da Quinta das Conchas e a dos Lilases, e que seria a principal fonte de controvérsia da anterior versão por estar aberto ao trânsito rodoviário, nesta versão acabou por ser absorvido pelo parque. Evitou-se o que poderia ser, segundo nos parece também, uma fractura fatal para a integridade deste espaço, criando-se um atravessamento, mas pedonal, permitindo-se assim o pleno desfrute de um ambiente de parque urbano. Pela importância que entretanto este eixo adquiriu pelo desenrolar dos acontecimentos, como percebemos, e pelo potencial de centralidade que de facto lhe seria sempre devido, esta “Alameda da Água” merece atenção acrescida através de um projecto dedicado pela equipa da DEP, neste caso as Arqs. Paisagistas Teresa Cordeiro e Sandra Somsen, criando-se aí, simultaneamente, um eixo de atravessamento pedonal denso e uma zona de permanência e contemplação, também do referido elemento que aqui ganha presença reforçada.

Por contraste, a Quinta dos Lilases, a norte, “de carácter mais intimista” e a “mata” da Quinta das Conchas, a sul, com uma vegetação mais frondosa, permitem utilizações e desfrutes complementares à primeira. Para a Quinta dos Lilases, no seu projecto definido como “espaço patrimonial de lazer e aprendizagem”, chega-se a detalhar a possibilidade de “actividades didácticas ligadas aos aspectos sensoriais dos ciclos de vida e do correr das estações” (p.104 portfolio DEP de 2005).

Verifica-se também que estes espaços tiveram menos transformações do que o central, por se optar por manter, quer a vegetação, conforme já referido, quer os antigos equipamentos e construções. Foi, aliás, o que ficou logo definido em projecto ao se afirmar que “o presente projecto destina-se à recuperação da mata da Quinta das Conchas e dos Lilases, em termos de caminhos, plantações e infra-estruturas” (p111 do portfolio DEP).

Assim, encontramos na Quinta dos Lilases os componentes originais do sistema de circulação de água e rega, como a nora, o reservatório e as condutas em terracota, assim como os lagos, que representam as ilhas de São Tomé do Príncipe, locais onde os proprietários originais da Quinta

fizeram fortuna⁸⁰. Junto a estes lagos encontramos abrigos também desta época e restaurados recentemente, estando preservado um certo ambiente bucólico ou romântico conforme seria então usual.

Oferece-se assim, com efeito, um variado leque de motivos para visita e para utentes de diversas características. Para isso contribui a multiplicidade e extensão de caminhos agora pavimentados, ainda que em grande parte se tenham mantido os traçados originais, apesar das mudanças no desenho do seu perímetro e acessos (recorde-se que se trata de um recinto fechado). De referir ainda os materiais empregues nestes pavimentos, os quais, obedecendo e explicando uma lógica estruturadora do espaço, também organizam e diversificam os percursos que neles fazemos: ripado transversal tipo “deck” em madeira maciça; laje de betão com rebordo a calçada de granito reciclada; caminhos da mata em gravilha com o mesmo rebordo em granito; encontramos ainda alguns percursos sinuosos, designadamente na Quinta dos Lilases, numa quarta variação de pavimento, em laje de betão.

Obviamente que uma parte considerável do investimento neste parque foi também para os novos equipamentos e mobiliário urbano. Com efeito, para além da recuperação dos já referidos equipamentos de água (poços, reservatórios, canais) e dos abrigos da Quinta dos Lilases, assim como a que ainda está para suceder com o seu edifício principal (que confronta com a Alameda das Linhas de Torres) e com a “Casa do Monte” da mata, foram construídos de novo os edifícios dos já referidos café e restaurante, foi completada a cerca do parque nas zonas da nova urbanização e foram construídos os novos canais de água e fonte atrás mencionados. A localização dos serviços e seus edifícios no parque teve um papel estratégico, conforme nos salienta João Castro, para a qual se considerou a dinâmica dos utentes, no sentido de atrair, polarizar e distribuir trajectos e permanências, favorecendo o desempenho do espaço, contribuindo ainda, juntamente com o grande ângulo de visão disponibilizado aos utentes, para as questões relativas ao sentimento de segurança mútuo.

O mobiliário urbano que encontramos aí é novo, e foi definido, naturalmente, segundo as actividades e usos previstos: um recinto com jogos e brinquedos infantis, um conjunto de escorregas, uma “teia” de elásticos para uso mais juvenil e conjuntos de mesas e cadeiras, actualmente usados para merendas (a oeste). Distribuíram-se, para além da iluminação e das papeleiras, sinalética e bancos, numa primeira fase na nave central e na Quinta dos Lilases e mais recentemente na zona da mata. A iluminação, as papeleiras e os bancos foram distribuídos pelo parque segundo implantação cadenciada ao longo do bordo dos seus eixos e a densidade de utentes.

⁸⁰ <http://lisboaverde.cm-lisboa.pt/> consultado em 25 de Maio de 2011

Todos estes equipamentos foram seleccionados de catálogos de fabricantes e fornecedores. Segundo nos informou João Castro, o conjunto de mobiliário foi definido a partir dos parâmetros de simplicidade, permitindo-se a afinidade formal com a envolvente, assim como dos materiais. Para estes equipamentos foi também estipulado que necessitassem de pouca manutenção.



Figura 57: O banco Tramet junto do pavimento tipo "deck". Figura 58: O mesmo banco confrontado com outro tipo de pavimento em lajetas de betão aplicado na Nave Central do Parque. Este banco apresenta uma boa conjugação com o espaço, seus materiais e sua configuração; apesar do seu desenho e construção simples, é um importante elemento na identidade deste parque. (fotos do autor). Figura 59: O banco sobre o pavimento de betão e paralelepípedo de granito (foto DEP).

Podemos verificar a intenção de uma distribuição uniforme do mobiliário urbano ao longo dos diversos percursos, embora haja predominância no espaço da “Nave Central”. Para a esta e para a Quinta dos Lilases foi escolhido o banco fabricado pela Escofet 1886 SA, modelo Tramet, com costas e sem costas⁸¹. Trata-se de um banco adaptável tanto pela sua configuração como pelos usos e posturas que permite. Este será talvez a peça de mobiliário urbano que mais presença marca neste espaço e que mais contribui para a sua identidade.

De notar uma boa conjugação destes bancos com os candeeiros que aí encontramos, apesar de pertencerem a fabricantes diferentes. De facto estes candeeiros são fabricados pela Fundició Ductil Benito, com luminária Folio Plus e o poste modelo “Quebec”⁸².

As papeleiras são fabricadas pela Fabrigimno, modelo “Oslo elipsoidal”⁸³, cujo projecto é do próprio João Castro, mas anterior, destinado a integrar o projecto de requalificação do “Eixo das Janelas Verdes” (cf. Análise efectuada a este projecto, ponto 4.1.3.).

No extremo da “Nave Central”, a oeste, encontramos uma zona com conjuntos de mesas e cadeiras. Ao contrário do que se pode julgar ao primeiro contacto, esta zona não se destinava a merendas e

⁸¹ http://www.escofet.com/pages/productos/ficha_productos.aspx?IdP=34&FA= consultado em 03-07-11

⁸² http://www.benito.com/br/iluminacao_publica/ e consulta ao catálogo deste fabricante de 1999

⁸³ <http://www.fg.com.pt/main.php?mostra=1&id=25&prod=GEN00121945947.117001388&tbl=registos&area=43&familia=5&subfamilia=81>, consultado em 04-07-11

piqueniques, mas sim para o jogo (para o qual a terceira idade é grande aderente), à semelhança do que existe em muitas praças e jardins de outros bairros de Lisboa. Para João Castro este equívoco a que somos levados representa para si uma falha no projecto.

Neste espaço verde de Lisboa é de facto permitida grande variedade de usos e modos de desfrute, quer pela diversidade de lugares para estada e permanência, quer pelos muitos percursos que podemos escolher, dos mais amplos e rectos aos mais sinuosos, sobre os quais ainda se vai cruzar a referida variedade de ambientes.

Contudo, e apesar de o parque ter aberto e do seu sucesso estar já atingido, o projecto aguarda ainda a sua conclusão, dado o desinteresse político que se instaura para com ele quando a presidência da Câmara “muda de mãos”. Mesmo a “Nave Central” do parque, apesar da sua grande utilização e apropriação, apresenta também plantações por concluir, sobretudo na orla do lago.

Na zona da mata, ainda que seja a que menos intervenção teria com este projecto, vários dos seus caminhos estão por terminar, assim como a sua cercadura. Note-se, ainda nesta zona, na maioria dos acessos que se encontram permanentemente encerrados, e sobretudo na grande ruína que ainda é a Casa do Monte.

Na Quinta dos Lilases, por sua vez, está por plantar (ou replantar, como nos referiu o entrevistado, uma vez que o problema terá sido com a manutenção) grande parte de vegetação de menor porte (arbustos e relvados); apesar da grande importância e para a sua vitalidade e utilização, está também por se concretizar o acesso previsto em projecto a este recinto através de uma porta norte para a rua Leopoldo de Almeida, a qual, note-se fará a ligação mais directa do Parque para a zona mais central do Lumiar. Parece-nos, através da sua visita, que esta é a zona de menor êxito de usos, pelo menos dos que foram destinadas pelo seu projecto. É certo que a intenção do projecto era atribuir-lhe um certo recolhimento e isolamento, razão pela qual, conforme nos sublinhou João Castro, o muro já existente entre as duas quintas foi deixado intacto, com poucas interpenetrações. Cria-se assim um espaço com uma utilização mais dispersa, menos activa e menos intensiva, o que nos parece inteiramente adequado ao completar o leque de usos e desempenhos definidos para o parque. No entanto, cremos que a falta do referido acesso para o exterior norte criou demasiado isolamento, o que, junto com a falta de manutenção enunciada, que por sua vez retira grande parte dos atractivos, usos e desfrutes próprios que lhe estavam atribuídos no projecto, torna esta zona como a mais necessitada de atenção.

Também noutras zonas do parque, para além da Quinta dos Lilases, se obviam problemas para além daqueles que resultam da inconclusão do projecto, como vimos. A “Nave Central” apresenta, na zona infantil dos escorregas, o relvado demasiado desgastado na encosta que revestiria. Reconhecido que estava este problema pela equipa de projecto, esta elaborou uma proposta para o corrigir; no entanto, até hoje essa correcção nunca foi efectuada. Mas na “Nave Central” o problema mais óbvio será o relativo ao sistema de circulação de água, o qual está parado na maior parte do tempo, o que tem permitido a acumulação de lixo e lodo nos canais onde a água deveria correr.



Figura60: A zona dos escorregas infantis, onde se obvia a necessidade de intervenção na encosta já em 2005 (foto do autor 12/2005)

De referir ainda que do lado nascente há apenas duas entradas para o parque, uma das quais se encontra numa zona ainda deserta, por urbanizar, para além de dar para a zona mais periférica da Mata. A outra entrada, no fim da Rua Arnaldo Ferreira, facilmente se constata que é um dos principais acessos para os utentes, não só deste lado, mas mesmo relativamente a todo o perímetro. No entanto, este portão é também de acesso à zona de serviço e de cargas e descargas do restaurante atrás referido, pelo que está permanentemente rodeado de contentores de lixo e da inevitável sujidade daí procedente, resultando num ambiente pouco convidativo. Será assim, parece-nos, de considerar a separação (pelo menos visual) dos dois acessos, um para uma zona reservada de serviço, outra para o acesso público.

Numa visão geral sobre as partes em falta, seja porque estão por concluir, seja porque se degradaram ou porque não funcionam, algumas não inibem, como se observa, o desempenho e utilização gerais e fundamentais, mesmo no caso da vegetação por plantar na nave central, da falta de relvado na encosta dos escorregas, ou até mesmo no da circulação da água. Contudo, estamos

em crer que as outras zonas do parque estão em subutilização, em grande parte por aguardarem a conclusão do projecto.

De salientar, por outro lado, e também na “Nave Central”, o caso da pavimentação posterior de um caminho que havia sido traçado pelo repassar dos utentes. De facto, passado pouco tempo da inauguração do parque, o relvado central acusava um desgaste linear, resultante do que seria o percurso da ligação mais directa entre o acesso da Rua Luis Pastor de Macedo, a Sul, e o da Rua Arnaldo Ferreira, a Norte. Constatou-se assim que nenhum dos vários percursos para os quais haviam sido projectados os pavimentos correspondia efectivamente à necessidade que se obviava de se atravessar esta grande área na referida direcção, do modo mais eficaz, e logo, o mais curto possível. João Castro reconhece esta lacuna de projecto, a qual, no decurso do registo e pedido de correcção pela Divisão de Matas, responsável pela manutenção deste espaço, permitiu a devida melhoria do projecto e, pela sua concretização (ao contrário do que sucedeu nas outras situações enunciadas) melhorar também o local, ao torná-lo mais correspondente às solicitações dos utentes.

Seja como for, esta obra de qualificação do parque foi distinguida com os Prémios Valmor e Municipal de Arquitectura de 2005, por ser considerada “um bom exemplo de aproveitamento e recuperação” “mantendo a identidade original” e ainda integrando “um conjunto de espaços diversificados, a cujas características se acrescentaram múltiplos equipamentos para as várias actividades de recreio e lazer”⁸⁴.

Independentemente dos prémios, julgamos estar certos de se tratar de um projecto muito válido e de qualidade, mesmo que o seu êxito só se pudesse confirmar pelo uso e apropriação deste parque, o qual, mesmo o observador mais desatento consegue constatar.

Para além de ser possível uma grande diversidade de usufrutos e utilizações, o que por si já é um modo de garantir mais utentes, e logo, a sua sustentabilidade, também permite um uso contemporâneo, simultaneamente activo e descontruído.

João Castro considera que este é um bom exemplo de requalificação do espaço público de Lisboa, e afirma com segurança tratar-se de um projecto de sucesso pela sua grande afluência e utilização. Salienta ainda que o processo de requalificação em questão correu muito bem, não só pelo cuidado do que foi articulado e proposto no projecto, mas também porque isso foi resultado do bom controlo e fiscalização da obra por parte da DFCEP.

⁸⁴ <http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/008x/index.php?ml=1&x=2005qc.xml> em 26 de Maio de 2011



Figura 61 e Figura 62: Preparação para a projecção de filmes das sessões "Cine Conchas" que têm ocorrido em Julho desde a reabertura do Parque (fotos do autor, Julho 2011)

Conclusões e observações

Julgamos poder afirmar que facilmente se constata a grande qualidade desta intervenção, tanto do ponto de vista programático, como do projecto. De facto, houve a preocupação em preservar e valorizar o património e a memória existente do local, actualizando, simultaneamente, os usos para as necessidades contemporâneas. Houve, para além disso, um cuidado adicional na sustentabilidade do local, não só através da referida actualização, mas também pelo fortalecimento de centralidade e interconectividade deste espaço com os bairros envolventes.

A flexibilidade e diversidade de utilizações e usufrutos é também um valor acrescentado para este espaço. Recursos como a zona de espectáculos, tornam este espaço densamente usado e, consequentemente, efectivamente central. O êxito deste espaço verifica-se, de facto pela diversidade e permanente afluência de utilizadores.

A centralidade geográfica do parque no bairro foi um importante catalisador para o seu êxito. Mas o facto de permitir vários atravessamentos foi condição essencial para o integrar no bairro e efectivar esse êxito.

Poderemos afirmar que a mobilização e a pressão da população foram fundamentais para a qualidade e êxito deste projecto, já que isso obrigou a uma atenção acrescida pela câmara, seus políticos e projectistas. As diversas versões, a sua negociação, discussão e a intervenção das diversas partes foram, sem dúvida, um factor decisivo para este projecto. O próprio presidente assumiu a resolução das questões do parque, mobilizando, consequentemente, todos os recursos necessários da Câmara.

No entanto, por oposição, esta pessoalização funciona adversamente para a intervenção quando o presidente que faz este patrocínio (Santana Lopes) perde as eleições. Nenhum dos novos vencedores está interessado em assumir essa paternidade, já que entenderam que isso beneficiaria o seu opositor. Ou seja, poderemos dizer que o factor político inicialmente foi proveitoso para este espaço, mas no fim isso tornou-se uma desvantagem.

A intervenção no parque acabou por servir de moeda de troca dos novos empreendimentos para os antigos residentes, e esse terá sido um factor para todo o investimento, até porque esses residentes estavam a criar sérios entraves. Por outro lado, os políticos viram neste confronto uma possibilidade de obter dividendos políticos pela sua mediação.

Evidenciam-se alguns problemas de manutenção e funcionamento, os quais diríamos que serão, sobretudo, resultado de um desfasamento entre o que foi previsto em projecto e o que de facto chega a ser – ou poder ser – praticado. Interessará pois, mais do que atribuir responsabilidades sobre os problemas que surgiram, procurar um modo de os prevenir, os quais, diríamos também, pertencerão sobretudo ao foro da gestão e administração do espaço público.

Seja como for – e talvez este seja um preâmbulo para a solução de alguns dos problemas referidos - cabe igualmente salientar o papel fundamental por parte da manutenção, pela sua contribuição para a melhoria de uso do espaço público e, intrinsecamente, do seu projecto, através das correcções e acrescentos que detectou como necessários.

Como se verificou no caso da nova pavimentação a unir as portas a sul e norte, esta equipa de manutenção não ignorou esta solicitação de uso, quer por insistir na replantação do relvado, quer por deixar o sulco que se criou sem relva, nem a negou, pondo uma cerca em torno do relvado para que ele voltasse a crescer, obrigando assim os transeuntes contrafeitos a contorná-la. Em vez disso, essa solicitação de uso foi escutada, compreendida, e atendida, onde uma equipa de manutenção atenta, em primeiro lugar, e outra de projecto, em segundo, se demonstrou serem fundamentais para que haja a possibilidade de evolução do projecto pelo acompanhamento da sua utilização.

Tratou-se, poderemos observar finalmente, de uma intervenção directa do utilizador, efectuada através da prática do seu uso, uma indicação para uma melhoria que depois foi integrada no restante projecto. Este caso leva-nos à reflexão que uma intervenção do utilizador, e talvez a mais natural, será precisamente através da utilização, actuação lhe caberá de um modo mais natural num processo como os que temos analisado. A questão está, mais uma vez, na possibilidade dada nesse

sentido pelos demais actores, sobretudo aqueles que têm maior capacidade de intervenção, como os projectistas, através, por exemplo, de uma atitude mais aberta e permeável.

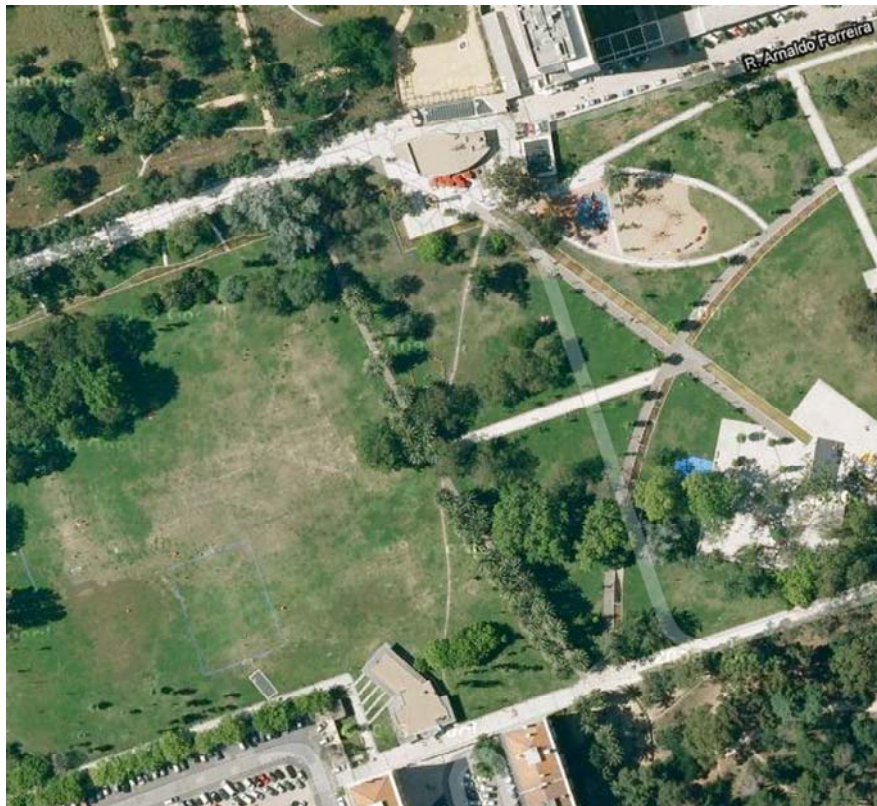


Figura63: Recorte ecrã efectuado em 17-6-2011 retirado de uma ortofoto apresentada pelo Google Maps, onde se vê ao centro o caminho sulcado pelos utentes a unir os dois acessos mais utilizados, ainda sem pavimento em lajetas de betão.

Poderemos verificar que este foi um caso em que a mobilização e intervenção dos cidadãos foi fundamental, quer porque permitiu que fossem defendidos e expressos os seus interesses, quer porque isso serviu para que os políticos, e consequentemente o aparelho camarário, se mobilizassem também a seu favor. Finalmente, essa intervenção verificou-se ainda através do uso do espaço, conforme referimos, para o que a atenção dos serviços camarários afins foi fundamental. Ou seja, para um espaço público de qualidade é fundamental a participação e intervenção dos cidadãos, mas é também imprescindível uma disponibilidade nesse sentido por parte dos seus administradores.

De referir ainda a variedade – e sobretudo a adaptabilidade – do catálogo da Fundició Dúctil Benito, tanto do ponto de vista formal, como dos materiais e acabamentos que emprega (para além de ter também uma oferta completa nos tipos de lâmpadas e iluminação). A oferta deste fabricante permite a escolha da luminária independente do poste, o que possibilitou que estes equipamentos fossem também um bom contributo para a coesão e qualidade de projecto deste espaço.

Refira-se finalmente, que estamos perante mais um projecto de grande abrangência e detalhe, que ainda não foi concluído (tal como o caso da Praça da Figueira, ponto 4.1.6.) e que já foi alterado (tal como o caso das Janelas Verdes ponto 4.1.3.). Isto poderá significar a necessidade de que um projecto destes seja aberto, permeável a alterações e que possa, idealmente, crescer continuamente, em vez de se destinar a uma inauguração e posterior manutenção, o que, para além de difícil, poucas vezes sucede. A inauguração tem que ver com a viabilidade do ponto de vista político, só assim tem retorno. E esse foi a falha do plano de salvaguarda de Sacavém referido adiante (cf. Ponto 4.2.1.).

Assinalamos também o contraste entre a zona da Quinta dos Lilazes e o restante parque: os poucos acessos daquela zona foram determinantes para a sua consideravelmente menor utilização, apesar da sua localização igualmente central no bairro. Confirma-se assim a importância dos acessos e possibilidades de atravessamento.

Como ponto positivo é de sublinhar a versatilidade do espaço, que permite o seu uso para diversos eventos, tais como o cinema nas noites de Verão.

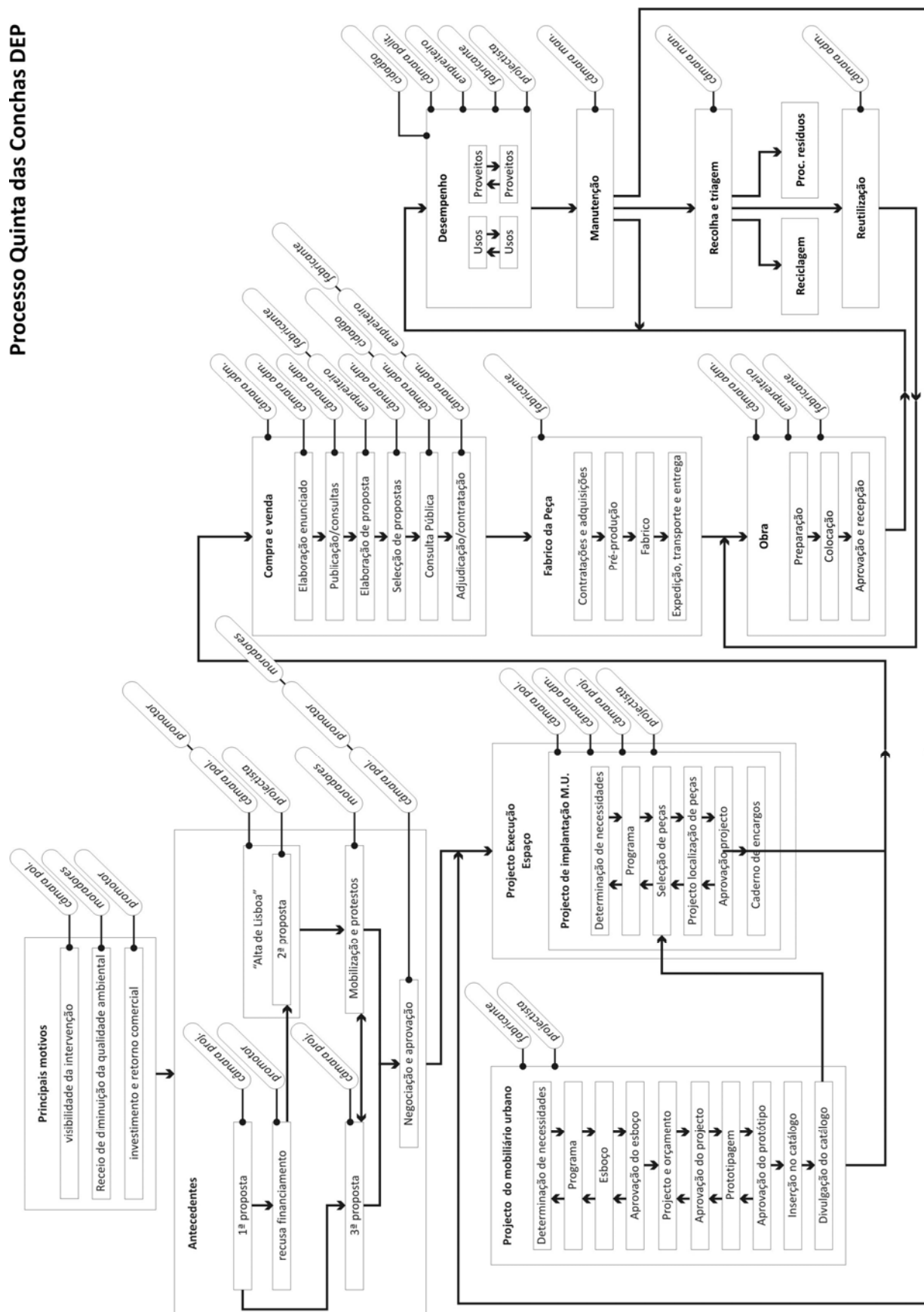


Figura 64: Processo Parque da Quinta das Conchas e dos Lilazes (elaboração do autor)

4.1.5. Quiosque de florista

Baseado nas entrevistas a Paulo Cardoso a 2/6/2011 e a João Castro de 21/6/2011, complementada com as consultas às fontes referidas.

O projecto de quiosque de florista, hoje implantado na Parada do Cemitério dos Olivais, foi desenvolvido dentro de um programa de estágio da Licenciatura em Design da Faculdade de Arquitectura na Câmara Municipal de Lisboa, na Divisão do Espaço Público Urbano - DEPU, em 1998 e 1999. Os estagiários foram os Designers José Borges, Liliana Soares, Paulo Cardoso (o entrevistado), Sofia Amaral, Susana Figueiredo, designados como autores (portfolio DEP de 2005, p. 464). Esta divisão foi entretanto extinta, passando alguns dos estagiários a colaboradores na Divisão de Estudos e Projectos, pertencente, como a extinta, também à Direcção Municipal do Ambiente Urbano, DMAU.

Para estes estagiários foi estabelecido, pela Câmara Municipal, o programa de procura de sistematização e projecto de equipamentos para venda de cariz especialmente ambulante, considerando sobretudo a zona mais central de Lisboa. Pretendia-se que esta sistematização pudesse qualificar um tipo de equipamentos que de algum modo são uma característica de Lisboa, assim como controlar e regular as actividades que os utilizam. Porque, de facto, na maior parte dos casos encontrados por esta equipa, tratava-se de concretizações segundo critérios e mão-de-obra dos próprios vendedores, o que fará com que a sua qualidade seja muito dependente das suas aptidões para essas tarefas. De assinalar que nesta altura encontravam-se em concretização as intervenções no Rossio e na Praça da Figueira, sem que no entanto houvesse alguma relação deste com esses projectos.

Segundo João Castro, esta ideia estaria já anteriormente latente na Câmara, uma vez que os técnicos já teriam, nalgumas ocasiões, referido a sua oportunidade. Com efeito, a partir de meados dos anos 90, também dentro desta Câmara, o espaço público começa a adquirir maior protagonismo, sobretudo na sua componente pedonal e no reconhecimento do seu papel qualificador da cidade, percebendo-se, consequentemente, o valor político que assim ele adquirira. Desse modo, torna-se mais ou menos exposta a necessidade de uma intervenção destas, que seguisse a nova lógica que tinha fomentado as diversas intervenções que começaram então a surgir em Lisboa.

Em concreto, este programa constituiu-se por um equipamento para vendedores de castanhas assadas, outro para engraxadores, o qual ainda chegou à fase de protótipo, outros ainda para a

venda de flores, sendo para este caso pensados um equipamento para a venda ambulante e dois modelos de quiosque, de cariz mais permanente. Um, definido no programa de estágio e destinado ao Rossio, teria por isso configuração para praças ou largos, pelo que tinha acesso por todos os lados; outro, proposto posteriormente pela equipa de projecto, seria para colocação em ruas, pelo que tinha um alçado privilegiado e de acesso.

Este conjunto de projectos passou por uma aturada fase de estudo, observação e levantamento de condicionamentos e de requisitos, onde a Divisão de Mercados e Praças teve uma importante colaboração já que foram várias as visitas ao contexto em questão e os contactos com estes vendedores.

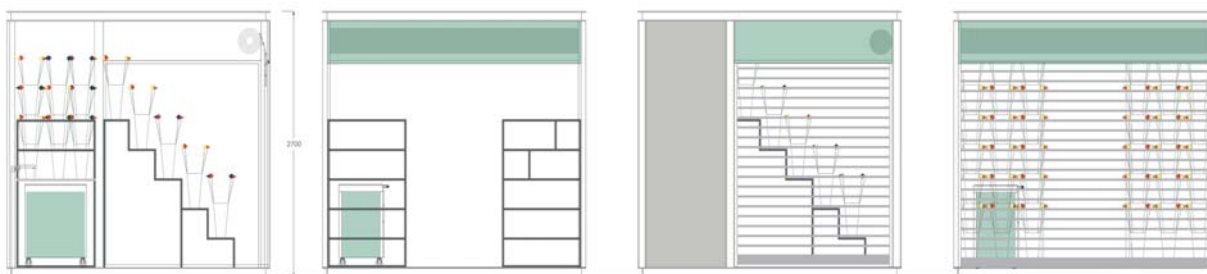


Figura65: Alçados do projecto da DEP para o quiosque de florista que viria a ser implantada na parada do Cemitério dos Olivais (Portfolio DEP, 2005, p 464).

No entanto, conforme o próprio entrevistado referiu, estas propostas enfrentaram dificuldades de concretização, começando por alguma falta de sensibilização por parte das divisões de gestão e controlo destas actividades. Para além disso, os próprios projectistas defrontaram-se por vezes com equipamentos cuja produção continha uma forte componente pessoal e individualizadora da presença da actividade no espaço público. Veja-se, por exemplo, o variado conjunto de caixas dos engraxadores que ainda hoje encontramos em vários locais do centro da cidade. A definição de um equipamento, de um modo padronizador ou nivelador estes equipamentos, acabou por se revelar aos projectistas como demasiado intrusiva, uma vez que assim estariam a suprimir essa componente pessoal e característica do próprio vendedor, subvertendo assim a sua identidade e presença.

De todos estes projectos, apenas o quiosque para floristas chegou a ser produzido e implantado, conforme aqui o analisamos, no seguimento da proposta da Arq. Paisagista Conceição Candeias, do mesmo gabinete camarário, para implantar estes quiosques na Parada do Cemitério dos Olivais, dado o projecto para a sua requalificação que tinha então em mãos. Esta obra constituía, juntamente com outras, um conjunto de intervenções com o objectivo de requalificação das paradas de diversos cemitérios de Lisboa. Tratou-se, conforme também nos informou João Castro, de um objectivo

definido a nível político, para o qual o então vereador Rui Godinho teve um papel decisivo, mas também técnico, de gestão (do espaço público), tendo aí sido Joaquim Ramos, então director da Direcção Municipal do Ambiente de Espaços Verdes, quem deu também um importante contributo.

Neste espaço da Parada do Cemitério dos Olivais havia já floristas que tinham o seu local de venda aí implantado, os quais eram produções autónomas sujeitas às capacidades de cada vendedor, como habitualmente. Decidiu-se incluí-los nessa intervenção, disponibilizando-lhes assim também melhores condições de funcionamento.

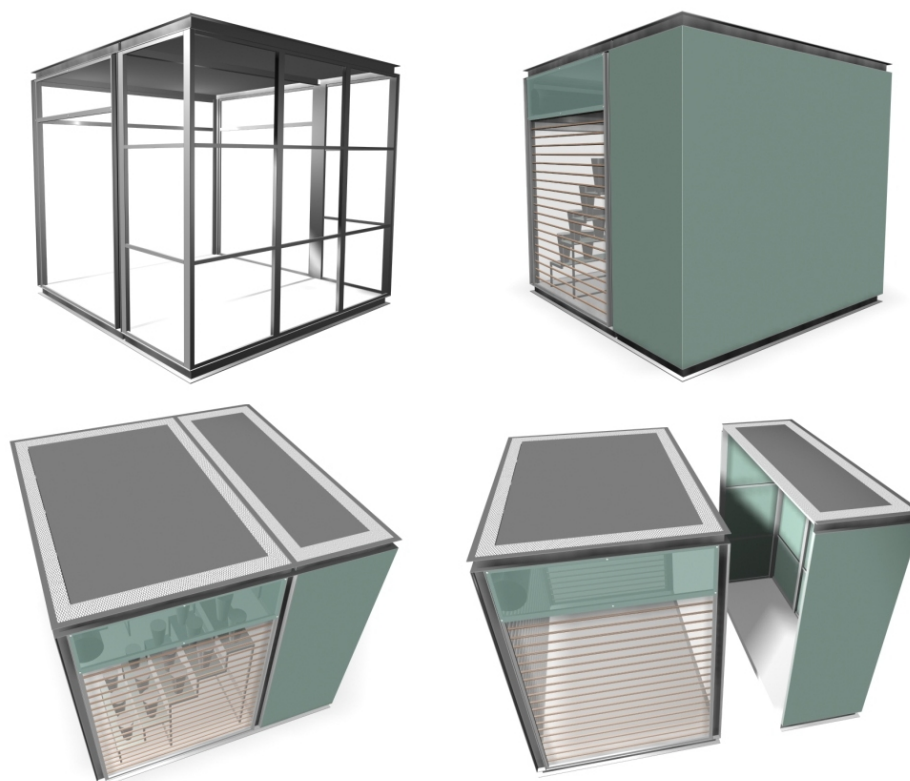


Figura66: Imagens do equipamento, onde se demonstra a estrutura em perfis de aço (à esquerda em cima), a mesma estrutura com os painéis em resina fenólica (em cima, à direita). Em baixo, a explicação da adaptabilidade do tamanho (Portfolio DEP, 2005, p 464)

A decisão de utilizar este projecto do quiosque de florista para este espaço esteve sobretudo relacionada com o facto de não haver no mercado equipamentos adequados. Porque, conforme nos esclareceu João Castro, que nesta fase do projecto já seria chefe da Divisão encarregue do projecto desta obra, haveria um fabricante, “Eric”, de estruturas em fibra de vidro, em cujo catálogo constava um quiosque para floristas, a qual foi até implantada nalguns locais em Lisboa (por ex., na Av. Guerra Junqueiro, junto da pastelaria Mexicana e na Av. Duque d’Ávila). Mas ficou definido (e aqui, segundo nos sublinhou este entrevistado, Joaquim Ramos teve de novo um papel decisivo) que inserir a proposta dos estagiários seria um melhor contributo para o espaço em questão, uma

vez que o seu projecto embora bastante depurado tinha a requerida qualidade de desenho. Seriam, com efeito necessários elementos verticais neste conjunto que estivessem à altura do grande protagonismo que lhes estava atribuído.

O projecto de estágio foi assim revisto e desenvolvido pela equipa de projecto da CML, da qual Paulo Cardoso fez parte (já como colaborador permanente), e até um nível de projecto de execução. Com efeito, até 2001, altura em que foi concluído, foram definidos os diversos detalhes construtivos e de fabrico, conforme necessário para o posterior lançamento do concurso para a sua produção. Para este desenvolvimento foram feitos novamente “inquéritos funcionais e de actividade”, conforme definiu agora este entrevistado, desta vez às floristas que já vendiam na Parada do Cemitério dos Olivais. Consequentemente, o projecto inicial foi quase todo aproveitado para este contexto, com a excepção da sua área, que de 2x3 metros teve que passar a 3x3 metros. João Castro recordou ainda que este projecto veio a ser aprovado pela Direcção Municipal das Actividades Económicas – DMAE, a qual efectua o controlo municipal das actividades comerciais como esta.

Na memória descritiva deste projecto, constante na p. 464 do Portfolio DEP de 2005, podemos ler a intenção de este ser um quiosque que se insere “num projecto mais amplo de Quiosques Tipo para Floristas, que se pretende introduzir em qualquer ponto da cidade, e que pela sua repetição se torne num objecto marcante e facilmente identificado com Lisboa”. Aliás, pela análise deste portfolio podemos compreender esta intenção, a de contribuir para a identidade de Lisboa através de uma linguagem constante em vários equipamentos, bancas ou quiosques, de diversas actividades, que aí se propõem.

No entanto, nessa análise é-nos possível também compreender que essa intenção se concretiza através de uma linguagem formal muito sóbria, a qual, ainda que coesa e constante, deriva quase que exclusivamente dos requisitos funcionais, construtivos e de uso de cada um dos equipamentos. A referida memória descritiva enuncia como “principal objectivo dar resposta às necessidades das floristas, dos consumidores e da cidade”; Paulo Cardoso, por sua vez, referiu-nos que no projecto houve sobretudo uma intenção de neutralidade e “invisibilidade”, para que qualquer um dos equipamentos não tivesse uma presença demasiado impositiva no local onde se viesse a implantar. Foram, por isso, considerados sobretudo os referidos requisitos, aos quais se procurou corresponder com a melhor qualidade construtiva e de materiais possível.

Conforme podemos observar, “o quiosque divide-se em duas zonas, uma destinada à exposição e armazenamento de flores e uma outra, destinada à circulação [do vendedor] e área de trabalho. Não sendo um quiosque visitável, os consumidores poderão visualizar a totalidade das flores, expostas em escadas, privilegiando-se uma frente, o que facilita a sua colocação nos passeios públicos, onde têm primazia os circuitos pedonais lineares.” (portfolio DEP, p464)



Figura67: Vista do local de implantação dos cinco exemplares do equipamento em análise (Portfolio DEP, 2005, p 464)

Estando definidos pelo projecto todos os dados necessários e suficientes para a produção da quiosque de florista, incluindo ainda medições, definição e quantificação de todos os materiais, a Câmara pode lançar o concurso para o seu fabrico, no qual a empresa vencedora foi a Cabena⁸⁵. Este fabricante, por sua vez, cumpriu escrupulosamente o projecto de execução, sem propor qualquer alteração decorrente quer de alguma limitação sua, quer de uma proposta técnica de melhoria. A única excepção deu-se com a solução para o ensombramento da fachada principal, onde o projecto definia uma estrutura rígida deslizante e que, por ser também demasiado pesada, foi nesta altura substituída por um toldo em tela e de enrolar. Esta alteração foi aprovada pela

⁸⁵ Cabena - Cabinas de Benavente Lda., começa em 1980 a sua actividade com o fabrico de cabinas para tractores agrícolas e industriais, e em 1995 com o fabrico de equipamento de limpeza urbana e viária e mobiliário urbano, lançando o primeiro abrigo para passageiros de transportes públicos em 1997. <http://www.cabena.pt/EMPRESA/historia.htm> em 01/06/11

equipa de projecto, tal como a restante construção dos 5 quiosques, a qual, tal como a sua implantação, foi devidamente acompanhada.



Figura 68: Foto dos equipamentos no local, abertos e com o toldo armado. Figura 69: As prateleiras de exposição das flores (Portfolio DEP, 2005, p 464)

A Cabena apresenta actualmente, no portfolio dos seus produtos constante no seu site⁸⁶, este que denomina como modelo “Lisboa”, dentro do conjunto “quiosques”. Conforme nos é aí apresentada, a estrutura deste equipamento é em perfis de aço soldados, com acabamento com pintura “tipo forja”, a cobertura com painéis de dupla chapa lacada com isolamento de poliestireno (expandido), e os painéis em chapa de aço lacada, de resina fenólica e vidro temperado. A porta é em chapa seccionada e perfurada (conforme encontramos em muitas montras), solução construtiva também usada em parte das fachadas laterais, embora aí seja fixa. O piso interior é em chapa de alumínio. Interiormente, contém, para além dos já referidos expositores para as flores, em tubo de aço inox soldado e com as prateleiras em painéis de resina fenólica, uma cuba para lavagens e um quiosque de trabalho e para armazenar os utensílios⁸⁷.

Sobre esta parte do fabrico e da consequente relação existente entre estas duas entidades, referimos ainda que, conforme nos informou João Castro, nem a Câmara de Lisboa, nem os seus projectistas, auferem quaisquer direitos de autor por alguma venda que a Cabena venha a efectuar destes equipamentos.

⁸⁶ <http://www.cabena.pt/MOBILIARIO%20URBAN/quiosques.htm> em 01/06/11

⁸⁷ “quiosque lisboa.pdf” consultado em <http://www.cabena.pt/MOBILIARIO%20URBAN/quiosques.htm> em 01/06/11

Como vimos, este habitáculo foi determinado pela equipa de projecto sobretudo a partir de requisitos funcionais muito específicos, os quais, por sua vez, caracterizam até a sua “fisionomia”. Com efeito, a amplitude da abertura, a configuração dos expositores, o recurso apenas à chapa perfurada para as fachadas frontal e laterais que permite um bom arejo do habitáculo, são sobretudo respostas objectivas e dedicadas aos requisitos de conservação do produto que aí se encontra em venda, ou seja, as flores. Parece-nos, no entanto, que o fabricante optou por procurar dar mais alguma polivalência a esta estrutura, uma vez que evitou designar esta estrutura como sendo especificamente para venda de flores, conforme pensado inicialmente em projecto.



Figura70: Fotos do quiosque "Lisboa" constante no catálogo da Cabena (www.cabena.pt consultado em 31/5/2011)

Fazendo um balanço depois de terminado e concretizado este projecto, Paulo Cardoso considera que se tratou de um projecto de sucesso e que corresponde às necessidades do seu uso, confirmando assim que essas necessidades foram previamente detectadas. Apontou, contudo, que numa futura melhoria, procuraria dar ainda maior área de exposição, a qual seria permitida através de uma maior abertura se esta se efectuasse também, por exemplo, através dos painéis laterais. A configuração que actualmente encontramos resultou, conforme referiu o entrevistado, de uma procura de controlo de ocupação da superfície do espaço público pela actividade em questão, mas, na sua perspectiva, o resultado acabou por ser demasiado restrigente. Até porque, também pelo que indicou o entrevistado, aquilo que deveria assim resultar num maior contraste de configuração deste equipamento enquanto aberto e enquanto fechado, permitiria resolver o calor excessivo que por vezes ocorre no interior.

Outra reflexão do entrevistado refere-se ao modo como o projecto evoluiu, sobretudo na sua vertente técnica e construtiva. Com efeito, para o projectista, teria sido mais vantajoso se o fabricante tivesse sido consultado numa fase mais prematura do projecto, podendo assim dar-lhe um maior contributo. Estando o projecto já fechado, conforme ocorreu neste caso, todo um potencial de conhecimento e experiência do fabricante foi descartado. Este, ao ter que cumprir integralmente o enunciado do concurso que ganhara, não pode propor, sequer, alternativas com as quais estivesse mais familiarizado ou que permitissem uma redução de custos na produção. Contudo, dada a tramitação legal que uma Câmara Municipal tem que seguir para a adjudicação de trabalhos como este, é difícil encontrar uma alternativa efectivamente possível segundo esta pretensão.

João Castro, comentando este projecto, reconhece as mesmas falhas no projecto em relação ao equipamento ser demasiado fechado, sobretudo porque isso causa calor excessivo no interior nos dias mais quentes. Essa é, conforme referiu, a principal queixas dos vendedores que tem ouvido. No entanto, este chefe de divisão não tem dúvidas que esta foi a melhor solução para o espaço em questão e para a intervenção que lhe foi feita. Reiterou que foram, através deste equipamento e da melhor maneira, correspondidas necessidades específicas, sobretudo funcionais, resultado conseguido por um detalhado processo de depuração.

Sobre a questão da manutenção e final de vida de uso destes equipamentos, ou seja, da sua recolha e eventual reciclagem ou reutilização, João Castro confessou que nada foi pensado nesse sentido em concreto, pelo que a manutenção que tem existido até ao momento é efectuada quase que exclusivamente pelos vendedores que exploram os quiosques.

Através da observação efectuada no local após alguns anos da sua implantação e de um breve contacto com os vendedores concessionários⁸⁸, confirma-se que de facto a principal questão será a do mau isolamento térmico desta estrutura. As placas de resina fenólica, as chapas de vidro das fachadas laterais e o isolamento insuficiente empregue no tecto serão os principais agentes, os quais são também os principais alvos de tentativas de melhorias. A chapa microperfurada das fachadas laterais também foi alvo de emendas e acrescentos por parte dos concessionários, embora para esta o problema fosse, segundo estes, a entrada de vento e chuva. Registe-se ainda que cada quiosque tinha ainda guarda-sóis e outros improvisos que acusarão, tal como o disseram os concessionários, a sombra insuficiente disponibilizada pelo toldo de origem. Houve ainda a

⁸⁸ Visita ao local em 16/6/2012; tendo apenas sido possível o registo fotográfico

menção a problemas de infiltrações, assim como de ferrugem da estrutura metálica, o que é de facto evidente.

Conclusões e observações:

O programa de estágio permitiu o desenvolvimento de equipamentos específicos para a cidade que não se encontravam no mercado do mobiliário urbano. Mas esta oportunidade derivou também do facto de não haver, pelo menos aos olhos dos técnicos camarários de então, equipamentos à altura dos requisitos que haviam determinado, não só formais, mas sobretudo funcionais.



Figura71: Foto retirada na visita ao local. Os acrescentos e improvisos dos concessionários predominam no isolamento e no ensombramento.(foto do autor, 16/6/2012).

Deste modo, foi definido um equipamento específico e que contribuirá para a identidade da cidade de Lisboa, não tanto do ponto de vista formal, mas sobretudo funcional ou de uso e desempenho. Parece-nos que foram essenciais a proximidade e levantamento cuidadoso das condicionantes e problemas a solucionar específicos do uso e do espaço em questão. Uma observação cuidada e um contacto próximo com os utilizadores foi um elemento chave para o desenvolvimento de um projecto cuidadoso (e que permitiu responder aos problemas em questão).

Para a efectivação do projecto foi pois fundamental o apoio, ou pelo menos a anuência, das direcções e divisões municipais responsáveis pela administração do espaço público e das actividades que aí sucedem.

Os projectistas pretenderam que esse projecto fosse específico para Lisboa, tendo em atenção sobretudo a sua componente funcional e de usos, reforçando através desta sua vertente a identidade do espaço público. Surge-nos com o estudo deste caso a reflexão que, ao atribuir identidade a um espaço ou a um lugar pelo seu mobiliário urbano, mais do que procurar que isso suceda apenas do ponto de vista formal, variando configurações e aparências segundo o mesmo programa de funções e usos, há que observar, reconhecer e propor desempenhos específicos, antigos, presentes ou futuros, do espaço em questão. Deste modo, fundamentaremos melhor essa sua existência no contexto da cidade e da sociedade, e também a pertinência – e a sustentabilidade - da intervenção em vista. Claro que, como vimos também, deste modo torna-se indispensável elaborar um programa mais profundo, com outro tipo de exigências.

Como reflexão final, diríamos que se evidencia com este caso a necessidade de haver equipamentos que sejam definidos a partir da correcta observação de usos específicos e consequente adaptação. Porque não só o equipamento poderá desempenhar a funções a que se destina e os usos que lhe são solicitados, como ainda esses mesmos usos podem até dar um importante contributo para a identidade dos espaços onde se inserem.



Figura72: Vista do interior, constatando-se a boa exposição das flores dada a grande frente aberta destes quiosques (foto do autor, 16/6/2012).

Processo bancada florista - DEP

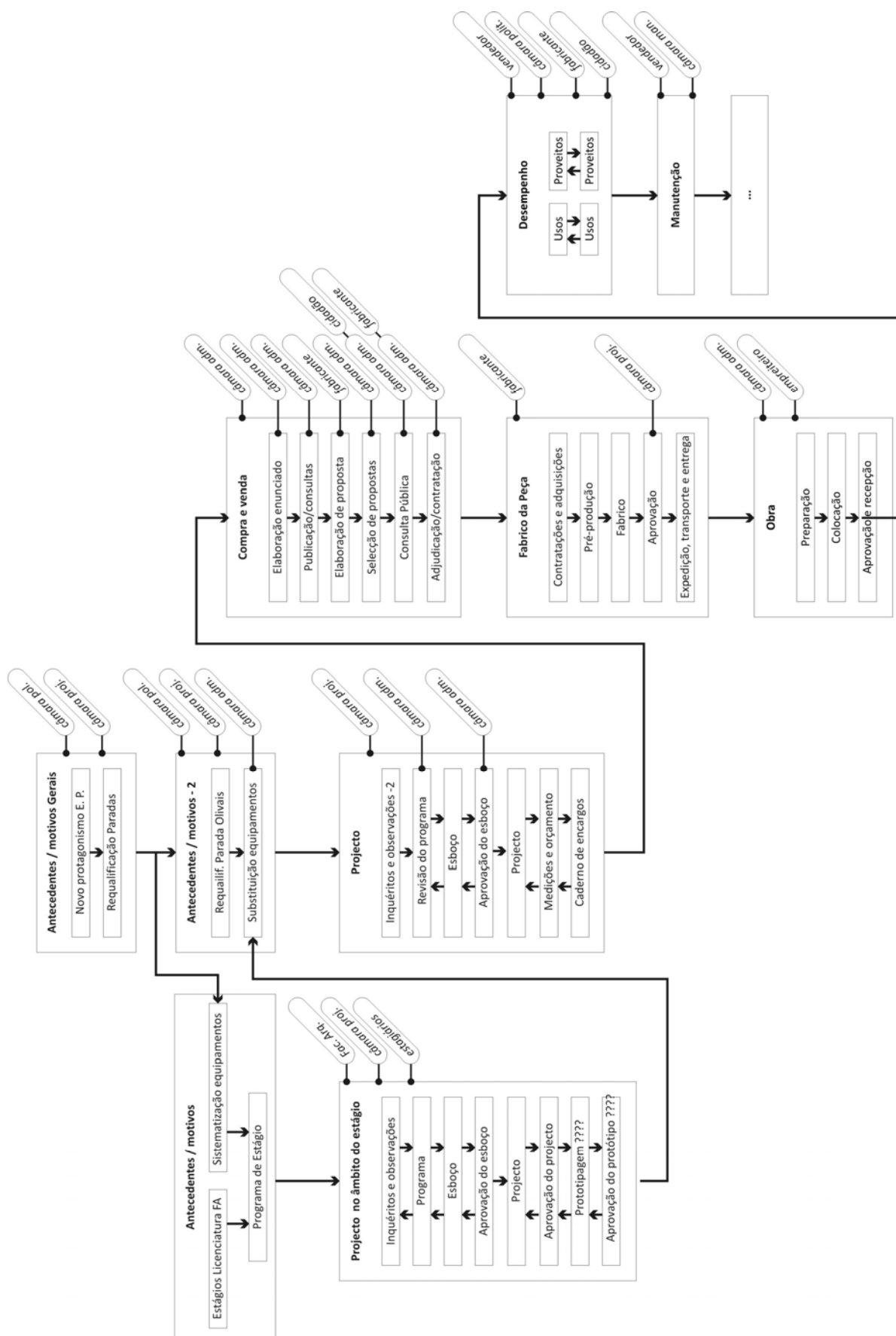


Figura 73: Processo do quiosque de florista em Lisboa (elaboração do autor)

4.1.6.O processo de intervenção na Praça da Figueira em Lisboa

A seguir apresenta-se o resultado da consulta de fontes (conforme indicação) em conjugação com entrevista no dia 8 de Fevereiro de 2011 a João Paulo Martins, arquitecto que integrou a equipa de projecto do atelier de Daciano da Costa para a requalificação da Praça da Figueira em Lisboa.



Figura74: Mercado da Praça da Figueira, desenho de J. Christino e de M. de Macedo (Arquivo Municipal de Lisboa, ref. PT/AMLSB/EDP/S00199)

Cronologia resumida da praça da Figueira

Até ao terramoto de 1755 no lugar da actual Praça da Figueira estava construído o Hospital de Todos os Santos. A reconstrução pombalina da Baixa de Lisboa pressupunha a construção de um “Hospital Real”, o que nunca veio a acontecer. Tendo permanecido um espaço aberto após o terramoto, foi lugar de mercado, sendo inaugurado em 1885 um edifício de estrutura em ferro, conforme era frequente na época. Esse edifício virá a ser demolido em 1949.

Com essa demolição o espaço fica vago e expectante, servindo apenas para estacionamento, até à construção da linha do Metropolitano e da estação do Rossio sob esta praça, a qual será inaugurada em 1963. Nessa ocasião é então feito um novo arranjo da praça, que incluía uma placa central coberta em lajes de calcário e a implantação ao centro da Estátua de D. João I, de Leopoldo de Almeida, o que ocorre já em 1971.

Nos anos 90 é decidida a construção do parque de estacionamento subterrâneo (o contracto celebrado será de Dezembro de 1993), obra que viria a ser completada já no início da década seguinte. Paralelamente, a estação do Rossio vai também sofrer ampliação, vindo a inaugurar em 1999.

Considera-se essa ser também uma oportunidade para repensar a praça em si, para o que o atelier de Daciano da Costa define um projecto integral, prevendo também uma intervenção nas fachadas dos edifícios. O projecto inicia-se apenas em 1999, quando as referidas obras do subsolo já se tinham iniciado, e até à data ainda não foi completado.



Figura75: Museu da Cidade - Mercado da Praça da Figueira. Pintura a óleo sobre tela de um anónimo do século XIX, (Catálogo da exposição de documentos e obras de arte relativos à história de Lisboa. Lisboa, 1947. 206. [58] p., Arquivo Municipal de Lisboa, ref. PT/AMLSB/MNV/S00388)

No seguimento de uma estratégia de melhoria do centro de Lisboa, e especificamente com o intuito de reduzir o número de carros estacionados nas ruas e praças dos bairros centrais, a Câmara Municipal de Lisboa promoveu a construção de diversos estacionamentos subterrâneos em diversos pontos do centro da cidade. Assim, à semelhança do que sucedeu mais ou menos em simultâneo noutros espaços públicos, a Câmara atribuiu a uma empresa privada a concessão para a exploração desse espaço, neste caso a Comporest - Companhia Portuguesa de Estacionamentos, Lda., actualmente uma empresa da Bragaparkes, concessão essa que incluiria a empreitada de construção do mesmo.

Para além desta obra, a praça da Figueira é nesta altura ainda alvo de outra profunda intervenção no seu subsolo, a obra de ampliação da estação do Metropolitano do Rossio.

Perante tais intervenções, Rui Godinho, então Vereador do Pelouro do Ambiente e Espaços Verdes, terá visto assim a oportunidade de aproveitar a reconstrução da praça inerente a estas obras para a requalificar e tornar mais dedicada aos peões. Este vereador, sensibilizado com as mudanças que, neste sentido, então começavam a constatar-se em vários espaços urbanos de cidades do estrangeiro que entretanto visitara, irá assim fazer o convite expresso ao atelier de Daciano da Costa. Factor determinante para esta adjudicação directa terá sido, certamente, o notável curriculum de Daciano

da Costa, mas haveria um contacto prévio do projectista com a Câmara em questão, o qual teria produzido já um relatório com uma proposta de estratégia para a cidade de Lisboa, relativo ao design de equipamento e mobiliário urbanos.



Figura 76: Vista parcial do edifício do mercado da Praça da Figueira, que foi inaugurado em 1885 e existirá até 1 de Julho de 1949 (foto de Eduardo Portugal, Arquivo Municipal de Lisboa, ref. PT/AMLSB/EDP/S00201)

Programa e descrição do projecto

Para esta equipa de projecto, a Praça da Figueira, “ocupa um lugar singular neste sistema” que é a Baixa Pombalina já que, sendo “um complemento do Rossio, foi sempre uma praça de vivência popular, mais funcional que representativa. A sua relativa informalidade [que se acentua pelo contraste com a ortogonalidade do desenho urbano desta zona], reflecte-se mesmo na arquitectura das suas frentes, na geometria da sua implantação, onde parece ser dominante o casual, em sucessivas adaptações ao existente” (Martins, 2000:233).

Mandatos	Nome
1980 a 1989	Nuno Abecassis (AD) (Eleito em 1979, 1982 e 1985)
1989 a 1995	Jorge Sampaio (PS-PCP-MDP-PEV-PSR) (Eleito em 1989 e 1993)
1995 a 1/2002	João Soares (PS-PCP-PEV-PSR-UDP) (Substitui Jorge Sampaio e é eleito em 1997)
1/2002 a 7/2004	Pedro Santana Lopes (PSD) (Eleito em 2001)
7/2004 a 3/2005	António Carmona Rodrigues (apoiado pelo PSD) (Substitui Santana Lopes)
3/2005 a 10/2005	Pedro Santana Lopes (PSD) (Substitui Carmona Rodrigues)
10/2005 a 5/2007	António Carmona Rodrigues (apoiado pelo PSD) (Eleito em 2005)
5/2007 a 8/2007	Marina Ferreira (interina, PSD) (Substitui Carmona)
8/2007 até hoje	António Costa (PS) (Eleito em 2007 e 2009)

Figura 77: Cronologia dos Presidentes da Câmara Municipal de Lisboa e das eleições autárquicas mais recentes (http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_Presidentes_da_C%C3%A2mara_Municipal_de_Lisboa ; <http://www.cne.pt/index.cfm?sec=0304000000>, consultadas em 3/3/2011)

Para a sua proposta inicial, esta equipa apresentou assim como fundamentos programáticos do que entendeu ser um “Projecto Integrado”, a “valorização do monumento equestre, reformulando a sua relação com a malha urbana pombalina e promovendo uma nova dinâmica espacial”, o “reordenamento, reequipamento e sinalização gráfica do espaço físico em termos da sua prática material, distinguindo claramente zonas funcionais das zonas de lazer” e a “requalificação dos edifícios envolventes, acentuando o carácter pombalino do ‘construído’ e intensificando a sua imagem visual pelo revestimento das fachadas com composições azulejares” (Martins, 2000:233).



Figura 78: A Praça da Figueira após a demolição do edifício do Mercado. Foto de Mário de Oliveira, posterior a 1950 (Arquivo Municipal de Lisboa, ref. PT/AMLSB/MAO/S00224)

O projecto procurou assim reforçar o carácter “informal”, “casual”, “funcional” e “popular” desta praça (Martins, 2000, 2001). Concretamente, e face à possibilidade colocada pela Câmara da sua remoção, neste projecto foi proposta a mudança de sítio do referido monumento a D. João I, alinhando-o com o eixo da Rua da Prata e tirando-a do centro da praça, já que a “posição centralizada, (...) pontuando o espaço público como se de uma ‘Praça Real’ se tratasse, pressupõe uma unidade arquitectónica inexistente neste caso e insinua no conjunto uma monumentalidade que não corresponde à vivência popular que a ele sempre esteve associada” (Martins, 2000:234). Deste modo, obtém-se um espaço mais amplo e mais receptivo a diversos eventos, mais festivos ou mais comerciais, para os quais ficaram definidos e implantados pontos de alimentação eléctrica no pavimento da placa central.

Foi definida uma “regra geométrica” para a estrutura da praça, a que obedeceria tanto o desenho do chão como o “ordenamento das diversas áreas funcionais”, a qual tomava “como matriz geradora o eixo da Rua da Prata” com a qual fica alinhado o monumento e por onde se define “uma quadrícula ortogonal regular” (Martins, 2000:235). Por esta quadrícula propôs-se assim a organização e estruturação de todo o espaço, começando pelos passeios laterais e a placa central, bem como os

diversos acessos, ventilações e implantação de equipamentos. O chão será, como se percebe, alvo de um profundo e criterioso estudo, não só no seu desenho como também nos materiais e técnicas a empregar na pavimentação, pretendendo-se, com o resultado final, que uma “ligação entre os passeios envolventes e a placa central fosse tão fluida quanto possível” (Martins, 2000:235).



Figura 79: A Praça após 1971, com a estátua de D. João I localizada ao centro (Arquivo Municipal de Lisboa.)

Esta estruturação iria organizar ainda diverso equipamento a instalar especificamente desenhado para este local, mas que deixou de ser considerado em fase projecto de execução. Seria o caso de bancos e pilares em lioz para iluminação (apesar de se manter as lanternas de fachada comuns a toda a Baixa). Refira-se ainda a ideia de uma estrutura, tipo galeria ou latada, a implantar no canto da praça com a Rua D. Antão de Almada (a noroeste), com a qual ficaria alinhada. Esta, juntamente com quiosques que estavam também previstos, albergaria e potenciaría as antigas actividades comerciais que seriam assim aqui recolocadas, reforçando a referida vertente funcional e popular conforme se pretendia.

Outro importante componente deste projecto seria a intervenção nas fachadas dos edificios, pretendendo-se sobretudo “disciplinar a aposição de letreiros e grafismos, palas e outros elementos da construção” (Martins, 2000:236), assim como o seu revestimento a azulejo, o que seria o importante contributo para a identidade da praça.

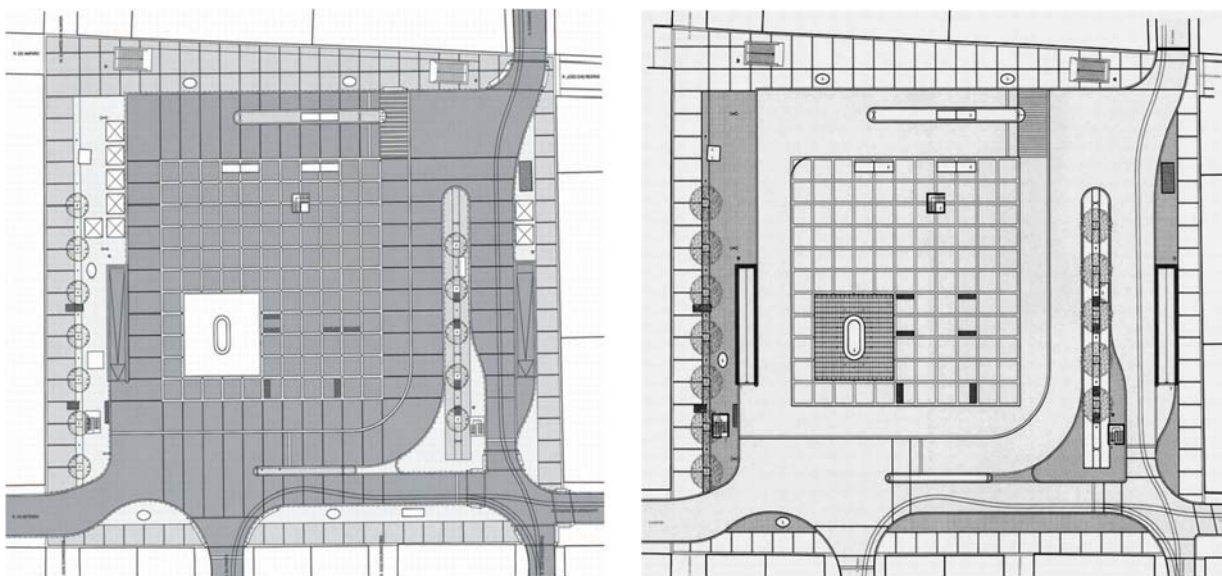


Figura80: Plantas de síntese, do projecto de execução e das telas finais. É possível observar a proposta de implantação de árvores e da estrutura para comércio e esplanadas no lado oeste ainda existente no projecto de execução (à esquerda). Também é possível perceber a intenção inicial da malha desenhada no chão que regeria o espaço, mas que acabou por ser retirada (Atelier Daciano da Costa, imagens cedida por João Paulo Martins)

Concretização do projecto

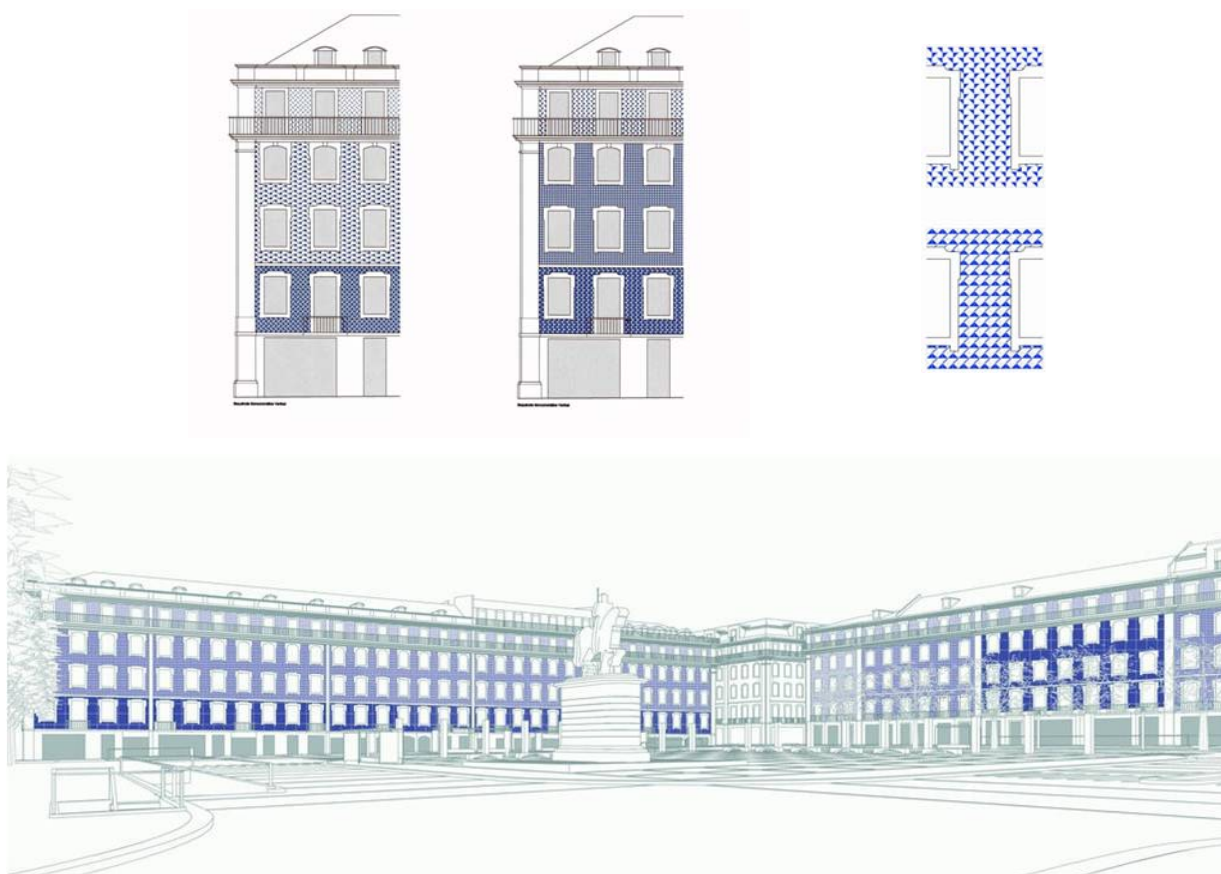
Propunha-se assim para a Praça da Figueira uma intervenção bastante completa, integral e de grande detalhe. Contudo, muito desse detalhe ficaria por concretizar; pelo menos até agora nenhum dos referidos elementos especificamente pensados para o local se veio a concretizar.

Deveremos começar por salientar que a execução de um novo projecto para a praça não estava prevista inicialmente. Como referido, o contrato com a Comporest fora assinado em 1993 (aliás ainda no mandato do anterior presidente da Câmara, Jorge Sampaio). O concessionário teria, portanto, pressuposto reconstruir a praça tal como estava antes da intervenção. Quando a equipa do atelier de Daciano Costa iniciou o projecto em 1999, a obra do parque de estacionamento estava no seu início de execução, e as obras do Metropolitano até estariam já no fim.

O programa integral que os projectistas lançaram para a intervenção em questão exigiria grande capacidade administrativa e de gestão do espaço público por parte desta Câmara. Tal capacidade, frequentemente já reduzida pela autonomia de intervenção que têm normalmente os concessionários do espaço público, seria neste caso ainda menor, dadas as condições contratuais estabelecidas para esta obra, conforme nos refere o entrevistado.

Interessa aqui referir também o contexto político, que foi particularmente pouco propício à evolução de qualquer projecto, especialmente um como este da Praça da Figueira. João Soares

substitui Jorge Sampaio em 1995 e encabeçando uma coligação PS-PCP⁸⁹. Cerca de quatro anos depois começaram a existir conflitos interpartidários, que vieram a resultar na ruptura dessa coligação ainda antes do fim do segundo mandato de João Soares. É já neste contexto de rivalidade que terão nascido, ou pelo menos que vieram a desenrolar-se, o projecto de requalificação da praça do Rossio, conduzido por João Soares (PS), e o da praça da Figueira, proposto por Rui Godinho (PC). Acrescente-se ainda o desgaste político que o governo do PS atravessava entretanto, e teremos um quadro geral das instáveis circunstâncias que marcaram este tempo.



*Figura81: Visualização do revestimento de azulejos para as fachadas da praça (pormenores e vista geral)
(Atelier Daciano da Costa, imagens cedidas por João Paulo Martins)*

Essa instabilidade veio ainda a agravar-se de 2002 até 2007. A presidência e vereação da Câmara Municipal de Lisboa atravessaram então um período de mudanças sucessivas e de várias decisões adiadas, conforme podemos perceber pela cronologia atrás apresentada.

Entretanto ocorre a morte de Daciano da Costa em 2005 (precedida do período em que o seu estado de saúde se agravava), o que terá tido, deduzimos nós, impacto também no decurso deste projecto. Mas a concretização da obra permitiu ainda a inauguração da fase construída no mandato de João

⁸⁹ <http://www.cne.pt/index.cfm?sec=0304000000> em 04-03-2011 15:33

Soares, no decurso da campanha eleitoral; as negociações para o completamento da intervenção decorreram ainda conduzidas por Daciano da Costa, já durante a presidência de Pedro Santana Lopes.

Facilmente se compreende que nestas condições a equipa já teria dificuldades acrescidas para desenvolver e fazer construir o seu projecto em função das obras que já estavam a decorrer. No entanto, para além disso, continuando com o que nos relata João Paulo Martins, houve ainda mais outra dificuldade, decorrente da pouca possibilidade de diálogo com todos os diversos agentes que tinham capacidade de intervenção na praça em questão, tanto no seu subsolo, como no seu solo. Esta equipa terá envidado todos os esforços, tanto com o intuito de obter os diversos elementos necessários para o seu projecto, como de efectivar o necessário diálogo que permitisse negociar a melhor solução para todas as partes; no entanto, frequentemente se terá confrontado com intransigência ou indiferença, o que também era possibilitado pela já referida pouca capacidade de coordenação e de imposição da Câmara, que aqui seria indispensável.

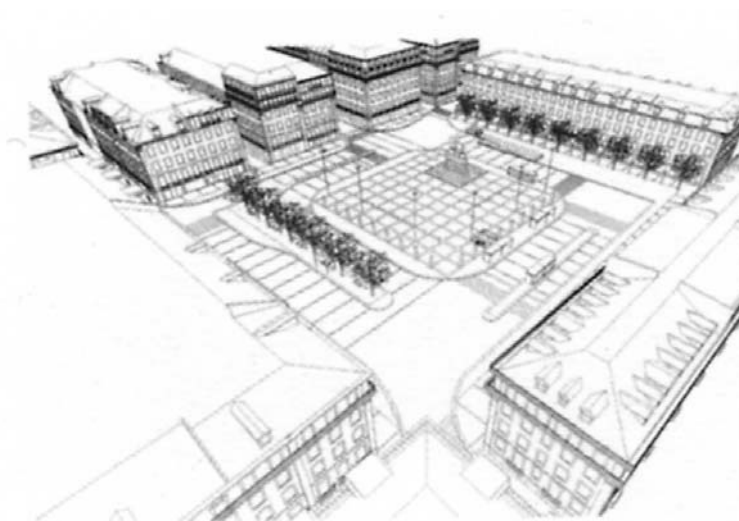


Figura82: Visualizações da proposta para a Praça da Figueira do Atelier Daciano da Costa, onde podemos observar os pilares em lioz para iluminação a circular a placa central, o desenho do pavimento das rodovias e a fileira de árvores no lado oeste. (retirado de Martins, 2000:235).

Frequentemente o projecto foi sendo redefinido conforme o que se constatava nas visitas que eram feitas à obra, para além das outras alterações que foram determinadas pela própria equipa com o desenvolvimento normal do projecto. Foi o caso da desistência dos bancos e dos pilares em lioz, decisão tomada em favor do requisito estabelecido de se criar aqui para esta zona da cidade um espaço suficientemente amplo e versátil, capaz de albergar diversos eventos e festividades.

O entrevistado sublinhou que o pouco diálogo com que se defrontou a equipa de projecto que integrava para com os demais intervenientes foi na altura escasso, a ponto de não ter contacto com a equipa de projecto que, na mesma ocasião, intervinha no Rossio. Isto, apesar de ambas as obras serem de iniciativa camarária, das duas praças estarem unidas por duas ruas de poucos metros de comprimento e pertencerem à mesma zona de Lisboa definida e protegida por lei, a “Baixa Pombalina”, conforme refere o IGESPAR, Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico⁹⁰. O IPPAR (organismo que na altura tinha as competências que entretanto passaram ao IGESPAR) terá mesmo chegado, a certa altura, a explicitar a falta de conexão entre os projectos das duas praças, salientando a necessidade de maior coordenação nas intervenções na Baixa de Lisboa.

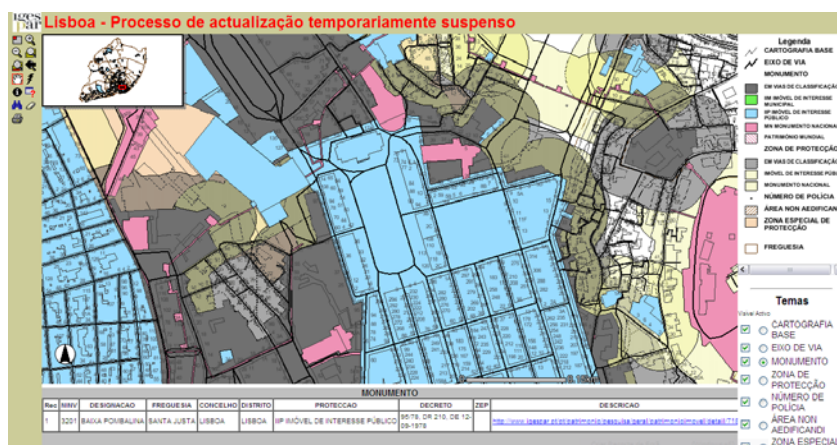


Figura 83: Planta de Lisboa segundo o IGESPAR, com a indicação pela zona azul ao centro delimitando parte da zona protegida da “Baixa Pombalina”. (<http://geo.igespar.pt/website/lisboa/viewer.htm>, recorte de ecrã efectuado em 17-02-2011)

De referir que excepção a esta falta de comunicação sucedia no relacionamento e acompanhamento ao projecto por parte das equipas de técnicos da Câmara, nomeadamente a Divisão de Estudos de Transportes e Tráfego, onde tinha sido formado, especificamente, um grupo de trabalho. A mesma proximidade existiria com o Departamento de Planeamento e Controlo Ambiental, da Direcção Municipal de Ambiente Urbano e Espaços Verdes, assim como, naturalmente, com o vereador do Pelouro do Ambiente, Rui Godinho (Martins, 2000:232).

Por outro lado, eram de facto várias as condicionantes a considerar neste projecto, sobretudo as de ordem técnica e funcional, para além das condutas de electricidade, água, gás ou de

⁹⁰ “IIP, Imóvel de Interesse Público”, segundo o Decreto-Lei 95/78 de 12-09 (<http://geo.igespar.pt/website/lisboa/viewer.htm> consultado em 17-02-2011 12:38)

telecomunicações comuns à rua ou praça de qualquer cidade. Com efeito, o subsolo desta praça está bastante preenchido, não só pelas já referidas duas intervenções maiores, como ainda pelos dois postos de transformação de electricidade, um pertencente à EDP⁹¹ e outro à Carris⁹², os quais, por sua vez, tiveram ainda que ser re-localizados com estas obras. De referir que, ao nível do subsolo, para além de tudo isto, a Praça da Figueira é também um importante local para a gestão dos efluentes de Lisboa (de águas pluviais), pelo que aqui se encontra também um importante colector.



Figura84: Panorâmica da Praça da Figueira na actualidade a partir do seu vértice sudeste (fotos dos autor, 1/2012)

Consequentemente, sem referir as condicionantes que ocorrem normalmente no desenho do espaço público, como o traçado das rodovias ou a inclusão de áreas destinadas a esplanadas, houve aqui ainda outras, porventura mais trabalhosas e limitadoras para o desenho do chão da praça. Terá sido, de facto, o que sucedeu com todas as inerentes condutas de respiração e ventilação, assim como todos os acessos, escadas, rampas e elevadores, cuja possibilidade de “arrumação” e organização por parte desta equipa projectista era, como se tem vindo a descrever, bastante difícil e com acção limitada. O Metropolitano, assim como a Comporest, definiram quase que autonomamente o local dos diversos acessos rodoviários e/ou pedonais (conforme o caso). Sobre esta questão, João Paulo Martins referiu ainda a tentativa frustrada que houve de implantar na praça um único e comum elevador de acesso aos dois espaços subterrâneos, para a qual, ainda que pareça a solução mais lógica e de senso comum, as duas empresas em questão nunca mostraram qualquer receptibilidade. O entrevistado referiu ainda que a Comporest teve também autonomia para implantar a sinalética que entendeu necessária relativa ao seu parque de estacionamento.

⁹¹ EDP, Energias de Portugal, é uma S.A. que detém um conjunto de empresas ligadas à produção, distribuição e comercialização de electricidade, como de gás (www.edp.pt em 17-02-2011 16:35)

⁹² CARRIS – Companhia Carris de ferro de Lisboa S.A, efectua a prestação do serviço de transporte público urbano de superfície de passageiros. Na Praça de Figueira são hoje terminais as carreiras do eléctrico nº12E e 15E, e de autocarro nº 714 e 737 (www.carris.pt em 17-02-2011 16:41).

Para além de todas estas presenças que assim se impunham ao nível do solo, outras ainda se vêm a acrescentar. À equipa projectista cumpriria a tarefa de organizar, tanto funcionalmente, como visualmente, o espaço da praça; no entanto isso não incluiu, paradoxalmente, a disposição dos painéis de publicidade, a qual terá ficado ao critério do seu concessionário. Esta publicidade está bem visível na praça também através da implantação dos abrigos das várias paragens da Carris, visto este ser um ponto não só de cruzamento, mas de terminal de várias carreiras, o que ainda acrescenta autocarros que permanecem estacionados aguardando a hora de começar o seu percurso. Esta é assim uma ocupação adicional que fica fora do propósito desta intervenção, de a tornar mais orientada para a utilização e apropriação dos peões, ainda que o atelier de Daciano da Costa a tenha procurado evitar ao propor a mudança desses terminais para outros locais menos centrais. No entanto, mais uma vez, o diálogo com a empresa em questão para que as carreiras fossem alteradas nesse sentido não surtiu qualquer efeito.



Figura85: Vista do lado oeste, alinhada com o eixo da rua D. Antão de Almada. No local das esplanadas estaria proposta no projecto do atelier de Daciano da Costa uma estrutura permanente para albergar actividades comércio de rua (foto do autor, 6/2012)

Pelo que nos é permitido observar, os maiores entraves à concretização do projecto conforme ele foi proposto terão derivado, como já apontámos, sobretudo da falta de capacidade de coordenação do conjunto das intervenções a efectuar, assim como da pouca imposição da Câmara face à actuação dos demais actores, conforme temos vindo a mencionar. Saliente-se, como exemplo disto, que pelo menos para esta equipa de projecto não era claro quem era aqui o dono de obra, se a Câmara Municipal de Lisboa, se a Comporest (ou a Bragaparkes).

Talvez o que melhor ilustra esta questão terá sido a intenção de intervenção nas fachadas e as diversas peripécias que ela sofreu, a qual esgotou grande parte da disponibilidade e motivação dos projectistas em realizar o projecto conforme haviam definido.



Figura86: Vista do lado leste para sul, alinhada com a Rua da Prata. A organização dos diversos equipamentos e acessos subterrâneos permite, apesar da sua quantidade, uma circulação pedonal (foto do autor, 6/2012)

Deveremos começar por ter em conta que esta intervenção seria realizada em propriedade privada, o que exigia ainda um melhor desempenho por parte da Câmara para um procedimento burocrático e administrativo mais complexo, para além da disponibilidade para todos os contactos, neste caso com os muitos proprietários em causa. Terá existido a indispensável proximidade com estes actores, quer por parte desta equipa projectista, quer de técnicos da Câmara. Os contactos para negociação terão tido sucesso, apesar das resistências iniciais, entre as quais o receio de eventuais alterações na construção destes edifícios antigos decorrentes do diferente comportamento térmico e hidrológico do revestimento proposto. Mas, para além das demoras inerentes a um empreendimento como este, onde por vezes é difícil, ou até impossível, encontrar proprietários em processos de heranças, em relação ao quarteirão que se encontra entre a Praça da Figueira e o Rossio houve uma grande indefinição derivada da possibilidade de este vir a ser convertido em hotel.

Também na “opinião pública” esta proposta causou celeuma e encontrou resistência. Houve alguma mediatização relativa ao financiamento, não só do que seria a obra resultante do projecto do

atelier de Daciano da Costa, mas também da construção do parque subterrâneo⁹³, para o qual se questionou também o processo de adjudicação. Se se pode encarar este tipo de questões como normais e inerentes à mudança de presidentes e vereação, o facto é que existiu mais a dificuldade relativa ao financiamento do revestimento que agora analisamos, já que, para a Comporest, esse custo não estaria contemplado na intervenção inicialmente prevista, como o não estava a alteração do desenho dos pavimentos. Mas, na realidade, parece ter-se tratado de um montante pouco significativo, e que a própria Câmara teria capacidade de cobrir. Aqui, os maiores problemas terão derivado de alguma descoordenação no processo da compra face aos requisitos técnicos desse revestimento, o que terá resultado até na produção, até hoje desaproveitada, dos azulejos por parte da Recer⁹⁴.

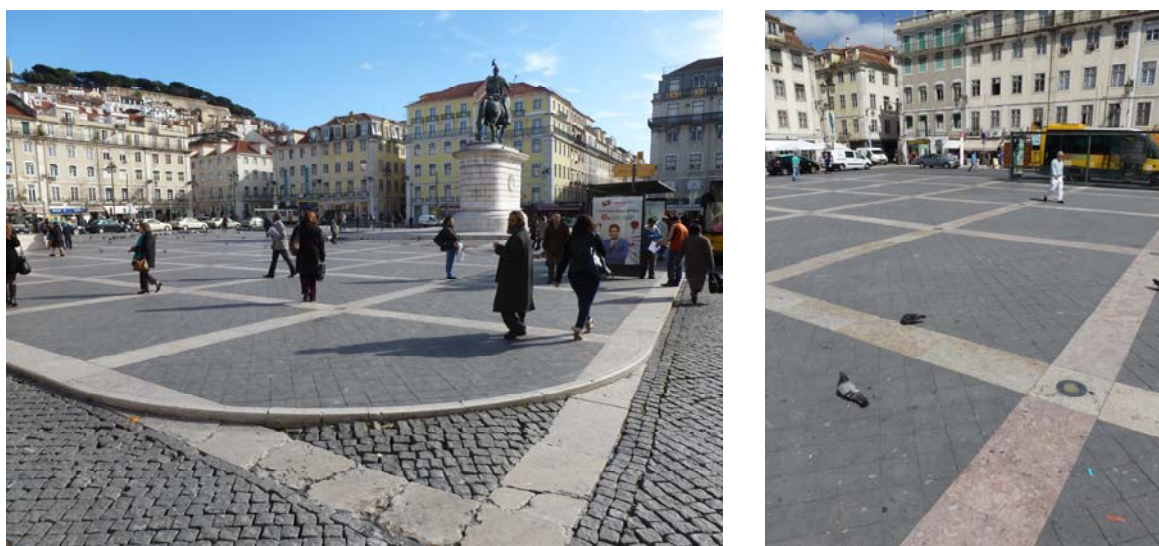


Figura 87: Vista do vértice noroeste para a placa central (foto do autor, 1/2012). Figura 88: Pormenor da placa central (foto do autor, 6/2012). A placa central é bastante vasta, sendo frequentemente ocupada com diversas actividades e usos (foto do autor, 1/2012)

As questões que se levantavam sobre a adjudicação e financiamento das intervenções, juntamente com o desgaste que o PS já sofria a nível nacional (recordemo-nos que, face aos resultados das eleições autárquicas, em que o PS perde, entre outras, a Câmara de Lisboa, o primeiro ministro António Guterres vai apresentar a sua demissão), tudo isto se reflecte na presidência e vereação desta Câmara. O entrevistado referiu também a derradeira e controversa proposta de João Soares,

⁹³ “Santana Lopes diz que obra ‘sem facturas’ foi a dos arranjos de superfície na Praça Figueira”, Público de 06.06.2007 (http://www.publico.pt/Pol%C3%ADtica/santana-lopes-diz-que-obra-sem-facturas-foi-a-dos-arranjos-de-superficie-na-praca-figueira_1296090 em 22-02-2011)

⁹⁴ http://www.publico.pt/Local/azulejos-azuis-na-praca-da-figueira-dividem-especialistas_1211677 em 09-03-2011 12:24

⁹⁵ A notícia refere-se certamente à Recer-Indústria de Revestimentos Cerâmicos SA, uma das principais deste sector em Portugal, pertencente à RECER Investimentos, SGPS, S.A. (http://www.recer.pt/pt/grupo_recer.14/o_grupo_recer.a32.html em 09-03-2011 12:53)

de construir um elevador da Baixa, precisamente num logradouro junto da Praça da Figueira, para a colina do Castelo, como causa do aumento de desconfiança na “praça pública” relativamente a uma proposta com a profundidade desta.

Procurando ultrapassar todas estas várias dificuldades para concretizar, tanto quanto possível, a sua proposta, a equipa de Daciano da Costa tinha-se dedicado a esta sua componente de maior importância que era o revestimento das fachadas, deixando, conseqüentemente, de insistir nos outros detalhes e equipamentos que também faltava implantar.

Em Dezembro de 2004 Daciano da Costa e Ana Monteiro da Costa, por iniciativa própria, ainda reapresentam à Câmara esta parte da sua intervenção na Praça da Figueira⁹⁶ (altura em que seria Carmona o Presidente). Assinale-se ainda que até hoje nenhum presidente da Câmara terá chegado a indeferir efectivamente esta parte do projecto. No entanto, estando a execução a meio, o projecto perdeu os seus defensores dentro da Câmara quando os promotores iniciais desta intervenção a deixaram no mandato seguinte. Na realidade, o período conturbado gerado pelos mandatos sucessivos e inacabados impediria o prosseguimento de qualquer proposta deste género que então decorresse. Aliás, para João Paulo Martins, como resultado das constantes mudanças na Câmara e do seu alongamento, o processo administrativo ter-se-á simplesmente perdido.



Figura 89: Grelhas de respiração dos equipamentos subterrâneos, onde se percebe a preocupação com o seu alinhamento com os restantes elementos da praça.

Figura90: Os pilaretes “Fradinhos”, desenhados também por Daciano e fabricados em ferro fundido pela Larus, são também um importante elemento caracterizador do espaço, bem como o desenho do chão e sua variedade e conjugação de pavimentos. O modelo de papeleira é o que encontramos em toda esta zona da cidade. rua (fotos do autor, 6/2012)

⁹⁶ 2004-12-06 projecto de requalificação das fachadas é apresentado na câmara (www.cm-lisboa.pt/?idc=42&idi=33576 consultado em 16-02-2011)

Observações e conclusões

Decidiu-se intervir na Praça da Figueira, nomeadamente ao nível do seu subsolo, para que aí fossem acrescentados ou melhorados serviços e desempenhos, o que obrigou a obras complexas e de grande envergadura, tanto no sentido físico, como económico. Embora tardiamente, entendeu-se que essa seria também uma oportunidade para requalificar a praça em si, procurando-se assim que esse espaço urbano correspondesse mais às necessidades e requisitos contemporâneos de uma cidade.



Figura91: panorâmica da praça a partir do vértice noroeste (fotos do autor, 1/2012)

Pela contratação de um autor de renome, em vez do recurso à mão-de-obra interna da CML, procurou-se garantir a execução de um projecto de qualidade, que reforçasse ou trouxesse características singulares para o espaço público da Praça da Figueira, fossem elas funcionais, formais ou outras.

Do conjunto de intervenções que então se verificaram nesta praça, a resultante do projecto de design urbano que aqui estudamos seria a que, parece-nos, mais a iria beneficiar enquanto espaço público e urbano, a que mais iria contribuir para a qualidade da imagem de Lisboa e para o seu ambiente, e que, simultaneamente, menos investimento financeiro exigia, gerando assim maior retorno a todos os níveis dos investimentos necessários. Tratou-se, pareceu-nos, de uma proposta profundamente estudada e legitimamente fundamentada em princípios contemporâneos de urbanismo e de espaço público. No entanto, essa foi também a intervenção que mais obstáculos encontrou, a que maior controvérsia pública suscitou e a que menos apoios e apoiantes teve, sejam eles institucionais, financeiros, políticos, ou outros.

Uma intervenção destas obriga a uma abordagem global e integral, e a equipa do projecto não encontrou, pelo menos na altura em que era necessário, um organismo administrador e gestor do espaço público com a necessária preparação, capacidade ou vontade para conseguir concretizar essa intervenção.



Figura 92: Os candeeiros pré-existent ao projecto em análise e que foram mantidos. Constituem o conjunto que identifica a Baixa e o Chiado pela ornamentação com motivos heráldicos (foto do autor, 6/2011) Figura 93: Os candeeiros de iluminação pedonal implantados segundo o projecto de Daciano da Costa. Deste lado oeste da praça encontramos também uma fila de banco “Axis” da Larus (foto do autor, 1/2012)

Para as obras do subsolo, mais onerosas, tecnicamente mais complexas, e também, refira-se, as que talvez maiores impactos causarão, existiram mecanismos e factores que permitiram uma concretização rápida e agilizada. Um deles foi certamente o peso considerável que os retornos mais imediatos e mais evidentes têm sempre nas preferências para os investimentos das empresas particulares.

A obra do projecto da equipa de Daciano da Costa, tecnologicamente mais simples, certamente muito menos onerosa e causando certamente menos impactos, encontrou todo um conjunto de obstáculos. A época foi particularmente pouco propícia para o seu prosseguimento, sob o ponto de vista institucional, como referido. Seja como for, para além de contextos ocasionais mais ou menos propícios, parece-nos que as dificuldades de concretização deste projecto nos evidenciaram a importância da vertente institucional – política e administrativa – neste tipo de intervenções. Sobretudo quando as mesmas se pretendem com uma dimensão e profundidade como esta, e que

trazem benefícios para o ambiente urbano não imediatamente relacionáveis com interesses económicos particulares.

De reflectir também que, para além da grande sensibilidade, quer da zona em questão, quer do momento político, terá sido a grande visibilidade deste projecto e o grande impacto que consequentemente causou na opinião pública, aquilo que mais entaves e controvérsia veio colocar. Se assim for, as intervenções no espaço público exigem, de facto, uma maior atenção e disponibilidade nesta vertente por parte da sua administração.

Numa visita mais desprevenida à Praça da Figueira poderemos julgar, pelo menos num primeiro relance, que nela não há projectos inacabados, apesar do mau estado de muitos dos seus edifícios. No entanto, podemos agora reparar, que de facto o cariz funcional, informal e de uso popular, que nos pareceu central na proposta, ficou muito aquém do que se propunha, conforme reconheceu também João Paulo Martins.



Figura94: Vista geral sobre a Praça da Figueira depois da intervenção em análise. Actualmente esta continua a ser a sua configuração. Assinala-se problems de resistência das lages de pedra do pavimento e da iluminação encastrada no chão. Há vários destes elementos partidos, em grande parte decorrente da actividade dos skaters que por esse mesmo pavimento foi atraída (Atelier Daciano da Costa, cedida por João Paulo Martins).

Parece-nos com esta análise, que embora a qualidade do projecto seja efectivamente um elemento central para que seja possível a qualidade numa obra como esta, é indispensável a conciliação de todas as outras vertentes e componentes, ou as intenções que aí se lançaram, logicamente, não poderão ser concretizadas.

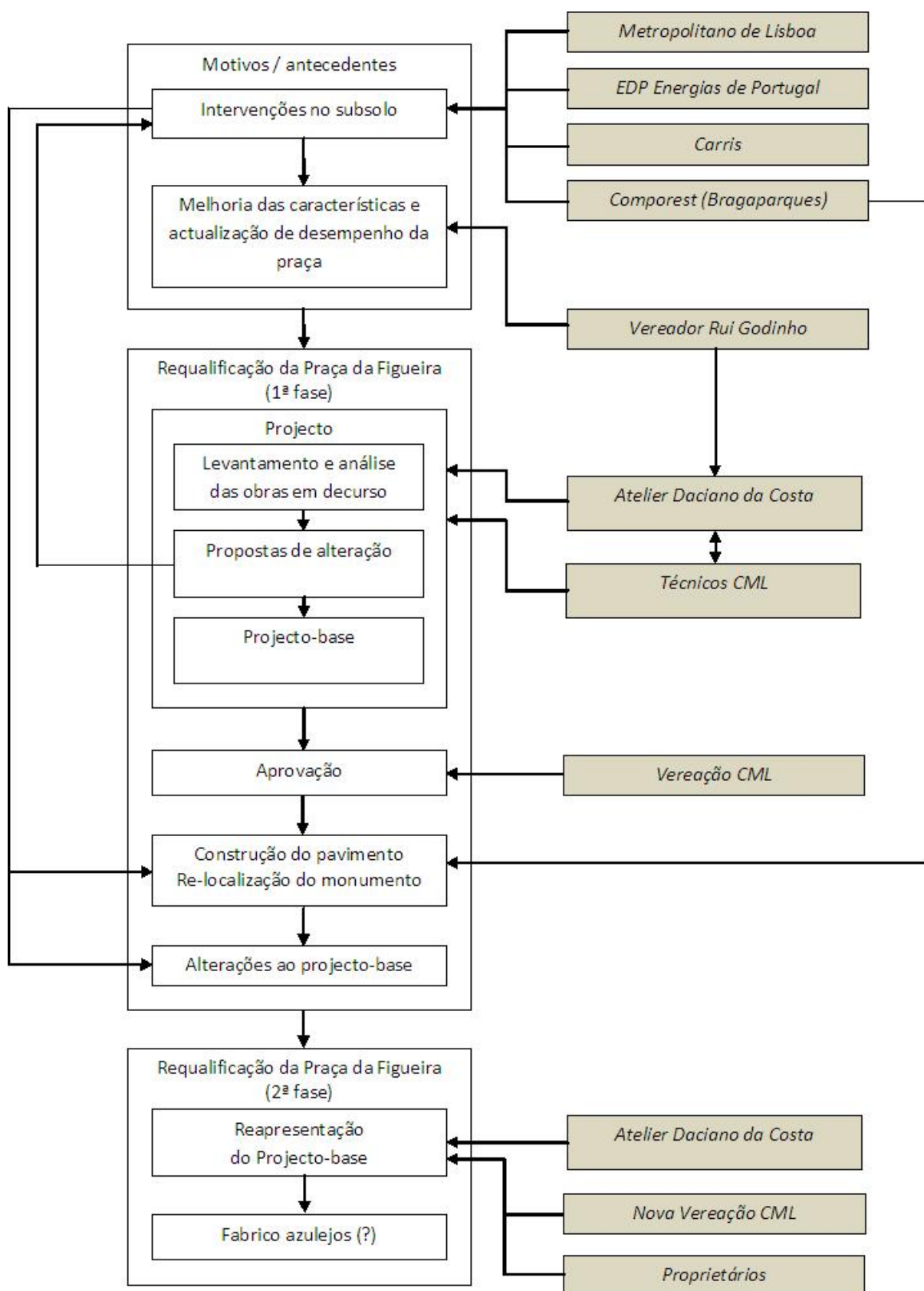


Figura 95: Processo da Praça da Figueira em Lisboa (elaboração do autor)

4.1.7.O mobiliário urbano de Lisboa com exploração publicitária privada

Baseado na entrevista com Rogério Gonçalves, Técnico da Divisão de Qualificação do Espaço Público – DQEP, em 13/4/2011, em conjunto com a consulta aos documentos referidos. Foram também considerados alguns dados recolhidos anteriormente, em especial através das entrevistas a Pedro Silva Dias, Manuela Gonçalves e Edgar Tibúrcio (Cemusa), e Ruy Vieira e Filipe Vaz (da JCDecaux Portugal) (Valente Pereira, 2002).

Sendo uma das Divisões que compõem o Departamento de Gestão do Espaço Público (DGEP), poderemos definir como atribuição central da Divisão de Qualificação do Espaço Público (DQEP) as questões e procedimentos relativos à ocupação ou utilização por privados do espaço público de Lisboa⁹⁷. Assim, inclui-se aqui o licenciamento, a coordenação do projecto e o acompanhamento, quer da sua implantação, quer da manutenção, dos equipamentos e do mobiliário urbano pertencente aos concessionários de publicidade. Estes são, no caso do espaço público de Lisboa, a Cemusa e a JCDecaux. As duas empresas celebraram contratos com a Câmara Municipal em 13 de Julho de 1995 e válido por 20 anos (C.M.Lisboa, 2004a; C.M.Lisboa, 2004b).

Os contratos abrangem quiosques ou bancas de jornais, abrigos de paragem de autocarro, MUPIs (com e sem poste de bandeira e/ou relógio), e sinalização direcciona. Nestes contratos, onde foram atribuídos “direitos de afixação de mensagens publicitárias” às referidas empresas, foram definidos quais os equipamentos a implantar, os seus modelos, a sua quantidade e a sua localização.

Não foram, na ocasião da entrevista, determinados muitos dos fundamentos para esses parâmetros que definem o mobiliário urbano (para além dos mais concretos e objectivos, como é o caso dos relativos às acessibilidades), nem quem foram, concretamente, os seus autores ou intervenientes. Pelo que sabemos, não haverá, pelo menos publicado, qualquer registo acta ou memória descritiva, do processo e dos critérios de escolha desses modelos.

No entanto, foi-nos possível saber que as várias condições e conteúdos que definiam os fundamentos dos contratos, assim como os aditamentos que lhe sucederam, terão sido definidos sobretudo pela vereação e seus assessores, não havendo acompanhamento ou consulta dos técnicos camarários que lidam diariamente com estes equipamentos. Claro que isto não significa que os referidos assessores não tivessem competências suficientes para essas decisões, técnicas ou outras. Foi, conforme conseguimos apurar, um processo de decisão sobretudo político e exterior à estrutura

⁹⁷ Acessível em <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=25&idi=31693>, consultado em 01-03-2010

camarária e “regular”. A definição dos modelos a implantar terá ocorrido a partir dos catálogos dos concessionários.

Numa ocasião como esta ficam também definidas aquilo que se denomina como contrapartidas. Estas consistem em serviços ou produtos, providenciados igualmente por estas empresas, mas que não são para exploração publicitária ou para proveito comercial próprio, mas sim para o município. Começando pelo serviço directamente prestado pelo equipamento destes concessionários, como sucede na cedência de superfície para publicidade institucional no caso dos MUPIs, ou no caso dos abrigos de paragem, estas concretizaram-se, até hoje, de outros modos diversos, desde os “Sanitários Públicos de Manutenção Automática” até ao financiamento de obras públicas, passando por diversos equipamentos para serviço da Câmara Municipal (Boletim Municipal, n 524, 4 março 2004, P595; 2º Suplemento ao Boletim municipal nº539, de 17 de Junho de 2004, p. 54 a 56). Sendo estes suportes de propriedade privada, a sua ocupação da via pública depende das directivas e procedimentos estabelecidos pelo Edital nº 101/91 “Regulamento Geral de Mobiliário Urbano e Ocupação da Via Pública”⁹⁸, documento de referência central para a Divisão em abordagem.

Este regulamento estabelece que toda a “ocupação da via pública fica sujeita a licenciamento” (Art. 6º), e aplica-se “quer ao mobiliário urbano de propriedade privada quer ao de propriedade pública, seja explorado directamente seja por concessão” (art. 4º, §2), excluindo-se apenas aquele que decorra de obras, que pertença ao subsolo ou à sinalização de tráfego [rodoviário] (§3).

Estão nele estabelecidas diversas regras, princípios e critérios. Não só para o licenciamento, que deverá pautar-se “por critérios de índole social, por exigências de salvaguarda dos equilíbrios ambiental e estético, da segurança e fluidez do trânsito de viaturas e peões e dos legítimos interesses de terceiros” (art. 12º), como também para este mobiliário urbano, que deverá obrigatoriamente corresponder a “tipos aprovados pela Câmara” (art. 8º), os quais vêm definidos no cap. VI como: “esplanadas”, “quiosques” e “bancas”, “abrigos”, “toldos, alpendres e vitrinas”, e finalmente “exposições”. É também estabelecida a utilização de modelos pré-aprovados quando estes existam (art. 9º). Acrescente-se ainda que se estabelecem regras para a implantação destes equipamentos, em especial das dimensões para o espaço vago necessário em torno das mesmas.

Para além disso, tratando-se de suportes publicitários, a DQEP observa também as directivas estabelecidas pelo Edital nº 35/92, no qual se estabelece o “Regulamento de Publicidade” relativo

⁹⁸ Acessível em http://www.cm-lisboa.pt/archive/doc/edital_101_1991.pdf consultado em 27-06-11

ao processo de licenciamento de mensagens publicitárias no espaço público de Lisboa⁹⁹. Estão aqui também estabelecidas, agora para os suportes que contenham este tipo de mensagens, diversas normas relativas à sua implantação, assim como os diversos tipos de suportes publicitários (Capítulo IV). Refira-se, como interessante para a investigação em curso, a categoria “Painéis, MUPIS e semelhantes”.

O pedido de implantação deste grupo de equipamentos pode ser feito por qualquer um, sendo os casos mais frequentes o dos próprios concessionários, de um cidadão, da Junta de Freguesia ou das pessoas ou entidades que utilizam também esse mobiliário, como é o caso das empresas de transportes colectivos, como a Carris, para os abrigos de paragem, ou dos ardinas para as bancas de jornais.

A CML, através desta divisão, avalia os pedidos feitos, coordena e controla a sua implantação, assegurando a devida observação da lei, fazendo também as necessárias consultas, conforme está especificado nos arts. 25º e 26º do referido regulamento de ocupação do espaço público.

Bancas de Jornais

A exploração de uma banca de jornais depende, primeiramente, da emissão de uma “Licença de Ocupação da Via Pública” para esse negócio por parte da CML (conforme procedimento no já referido Edital nº 101/91), a qual é atribuída em hasta pública. Recentemente, entendeu-se que não há lugar para que sejam emitidas novas destas licenças de exploração para a venda dos jornais e revistas. Os últimos casos de implantação de novas bancas de jornais no espaço público de Lisboa são já, em maioria, os de substituição de outras antigas. Nalguns casos, o ardina possuidor da licença pede ainda que essa mudança seja não só do equipamento, como também do local da sua implantação, por exemplo, para uma zona da cidade mais recente e com menos oferta deste serviço.

Nos últimos referidos casos têm também sido sempre implantadas bancas da Cemusa, cujo modelo utilizado actualmente é o “Grimshaw”, o qual terá sido negociado previamente também entre a Cemusa e a Associação dos Ardinas de Lisboa.

Face aos pedidos, é estudada por este departamento a posição de implantação destes equipamentos, o que é feito em conjunto com a Cemusa, dada a vertente de suporte publicitário e a necessária orientação para o seu bom desempenho, e também com o ardina. O DQEP, por sua vez, vela pela observação da lei, em especial no que se refere às acessibilidades (Decreto-Lei nº163/2006), para

⁹⁹ Acessível em http://www.cm-lisboa.pt/archive/doc/Edital_035_1992.pdf consultado em 27-06-11

além de outros aspectos do interesse do cidadão ou utente, incluindo os paisagísticos e arquitectónicos e de preservação do património. Cumpre ainda a este departamento a consulta à Junta da Freguesia em questão, assim como ao Regimento de Sapadores Bombeiros (sobretudo quando se trata de implantações que sejam defronte de edifícios) e ainda à Divisão de Controle e Fiscalização de Infra-estruturas do Subsolo (também da CML), ainda que a implantação destes equipamentos dependa sempre da execução de uma sondagem ao subsolo da área a ocupar para que se determine, precisamente, a existência de eventuais cabos ou condutas que sejam incompatíveis com a obra.

As regras e legislação de publicidade no espaço público de Lisboa (o já enunciado Edital 35/1992) definem também princípios de implantação e localização, que são assim, naturalmente, também observados. Por uma questão de optimização de recursos, a CML prefere juntar e aprovar 10 dos pedidos de novas implantações que lhe são feitos, para então a Cemusa poder produzir, fornecer e implantar novas bancas. Estas são fabricadas em grande parte em Espanha, havendo uma parte de serralharia efectuada em Portugal.

Para além da produção do equipamento, toda a obra é coordenada e empreendida pelo concessionário de publicidade, sendo acompanhada e fiscalizada pelo DQEP, embora, dada a longa e próxima relação existente entre os técnicos de ambos os lados que permite alguma confiança neste aspecto, a principal atenção por parte desta divisão vá sobretudo para a verificação da conclusão da obra.

Desta forma, podemos concluir que o concessionário de publicidade oferece as já descritas contrapartidas, paga a devida licença de exploração de publicidade¹⁰⁰, auferindo para si as receitas da exploração publicitária.

A seu cargo fica a manutenção destes equipamentos, desde a limpeza às reparações que se tornem necessárias. O ardina, com efeito, não beneficia de qualquer receita para além da resultante do seu próprio negócio, nem lhe cabe, logicamente, qualquer encargo ou responsabilidade pela manutenção. Cumpre-lhe somente o pagamento da licença anual de ocupação de via pública relativa à exploração deste ponto de venda.

¹⁰⁰ EDITAL N° 35/92 Regulamento de Publicidade; “Tabela de Taxas Municipais”, acessível em http://www.cm-lisboa.pt/archive/doc/TTM_2011.pdf, consultado em 27-06-11



Figura96: Mobiliário urbano de exploração publicitária implantado na Av. de Roma. De cima para baixo e da esquerda para a direita: MUPI da JCDecaux (modelo Foster); MUPI da Cemusa, (modelo Grimshaw) MUPI da Cemusa com relógio (modelo Grimshaw); MUPI com mastro de bandeira (modelo Silva Dias); Abrigos de paragem de autocarro da JCDecaux (modelo Prestige) e da Cemusa (modelo Grimshaw) (fotos do autor, 7/2012).

Na implantação destes equipamentos a orientação da exposição das superfícies para publicidade para as rodovias é um factor prioritário. Assinalamos ainda, neste caso, a excessiva diversidade de modelos que nos é possível encontrar num trajecto de pouco mais de 400 metros, o que não nos parece ser um bom contributo para a caracterização e identidade desta paisagem.

Estes quiosques da Cemusa têm, com efeito, vindo a substituir outros anteriores, de diversos fabricantes e que nem sempre eram também suporte de publicidade explorada por concessionários. Outros tipos de quiosques a assinalar na cidade de Lisboa são os mais antigos, denominados de Históricos, que têm sido preservados e mantidos pela própria CML. De assinalar ainda a existência em Lisboa de 50 quiosques modelo “Atlântico” da JCDecaux, cuja decisão de implantação nos anos 90 decorreu de uma iniciativa do Departamento de Acção Social da CML. Para esses quiosques foram criadas as necessárias licenças de exploração próprias, as quais foram atribuídas por este departamento aos candidatos segundo as suas necessidades económico-sociais (conforme alternativa prevista no Edital 101/91 para a atribuição de licenças). Contudo, muitas foram as desistências. Actualmente apenas cinco dessas bancas se encontram ainda em funcionamento, sendo que nas restantes apenas a publicidade é explorada.

Naturalmente que nem todos os quiosques que se encontram em Lisboa são para a exploração de um negócio de jornais e revistas. Há um conjunto assinalável para bebidas e restauração, em particular os que têm sido ultimamente implantados em diversos jardins e parques de Lisboa, da Fabrigimno; mais concretamente, 12 unidades do modelo “MU77008 Quiosque Contemporâneo”¹⁰¹, instalados por iniciativa do Vereador José Sá Fernandes.

Abrigo de paragem

O processo de implantação dos abrigos de paragem que é também suporte de publicidade é muito semelhante ao das bancas de jornais. É iniciado pelo pedido da própria empresa transportadora a que pertence a paragem (em Lisboa apenas a Carris tem licença para que as suas paragens tenham abrigo com publicidade), embora este seja também feito, por vezes, pelos próprios utentes. Os serviços da Câmara também poderão dar início ao processo; porém, as razões para o fazer estão mais relacionadas com necessidades de reorganização do espaço público, ou seja, com o deslocamento de uma paragem ou o realinhamento da sua posição.

Os abrigos de paragem em Lisboa que são também suporte de publicidade estão concessionados à JCDecaux ou à Cemusa. Os novos estão a cargo da segunda empresa, já que a primeira, mais antiga em Lisboa, já atingiu a sua quota de ocupação acordada contratualmente. Qualquer dos dois concessionários tem vários modelos de abrigo previamente definidos, os quais são escolhidos conforme a zona da cidade a que se destina nas novas implantações.

¹⁰¹ <http://www.fg.com.pt/main.php?id=35>, consultada em 05-05-2011

Do mesmo modo que no anterior caso, a DQEP analisa a obra em questão e segundo os mesmos instrumentos e procedimentos. Assim, para além da Junta de Freguesia, do Regimento de Sapadores Bombeiros e da Divisão de Controle e Fiscalização de Infra-estruturas do Subsolo, como referido relativamente às bancas de jornais, também são consultados o Departamento de Tráfego e de Segurança Rodoviária da CML, e a empresa transportadora quando não é ela própria que faz o referido pedido.

A empresa transportadora não paga qualquer licença pela existência do abrigo, apenas a concessionária de publicidade o faz, tal como sucede nos outros casos.

MUPI (mobiliário urbano para informação)¹⁰²

Neste momento, a quota máxima de implantação está praticamente atingida para qualquer um dos concessionários. Assim, as implantações deste tipo de equipamentos que têm ocorrido são, na maior parte das vezes, as de substituição, havendo no entanto algumas decorrentes de realocização, ainda que os contratos de concessão tenham definido, para além da referida quota, também a localização desta publicidade.

À DQEP cumpre o mesmo procedimento. Contudo, neste caso apenas é consultada a Divisão de Controle e Fiscalização de Infra-estruturas do Subsolo.

Sinalização direccional (rodoviária)

Alguma da sinalização direccional em Lisboa está a cargo das empresas concessionárias de publicidade através de condições contratuais estabelecidas para a exploração de publicidade. No entanto, estes são casos que já não são coordenados por esta divisão.

Observações e conclusões

Neste processo evidencia-se que há, de facto, uma definição e parametrização prévias do mobiliário urbano. Ou, pelo menos, uma tendência nesse sentido, no mobiliário urbano que é aqui contemplado:

- O seu tipo está estipulado por normativa camarária, e está definido sobretudo pela sua função e desempenho;

¹⁰² A expressão original que designa estes painéis publicitários será francesa « Les premiers MUPI (Mobilier urbain pour l'information) voient le jour dans les années 1970, en 1972, plus précisément. Le principe est simple : un panneau de format 2 m2 supporte d'un côté un plan de ville ou une campagne d'information municipale et de l'autre, un visuel publicitaire ». (<http://www.jcdecoux.com/fr/Innovation-Design/40-ans-d-innovation/MUPI> consultado em 02-07-2012 12:31)

- A sua implantação ou disposição é condicionada por princípios definidos num nível geral, segundo a legislação nacional relativa às acessibilidades, e, em maior detalhe, segundo a regras camarárias específicas. Há depois um nível mais concreto, onde, por coordenação dos técnicos da Câmara e por consulta às entidades atrás mencionadas, se adapta estas regras às características e condicionantes do local;
- Alguns dos tipos de mobiliário urbano aqui contemplados têm também um modelo definido previamente, nomeadamente aquele que está a cargo dos concessionários de publicidade. Conforme apurámos, tratou-se de um processo muito pouco participado, definido através duma selecção efectuada a partir da oferta dos fabricantes (ou concessionários), e acordada entre estes e a Câmara, ao nível superior, de vereação. Não foi, podemos concluir, alvo de consulta pública ou de outro mecanismo onde o cidadão possa contribuir. Excepção será a banca de jornais, ainda que para esta escolha tenha contribuído apenas a Associação de Ardinhas de Lisboa.

Segundo análise apresentada, qualquer ocupação do espaço público (para além da que poderemos denominar como “normal” de qualquer cidadão) terá que ser licenciada pela CML. Ou seja, terá que ser dado conhecimento ao município da intenção de ocupação e da sua natureza, para obter a necessária autorização. Compreende-se facilmente as razões para este controle, assim como o resultado do que aconteceria ao espaço público e à cidade se tal não fosse feito.

De igual modo se compreende a necessidade de preservar o espaço da cidade que é de todos, regrando a sua utilização para o proveito de privados, ainda que essa utilização, para além de inevitável, possa ser um bom contributo para a vitalidade e dinamização das ruas e praças.

A tipificação e os parâmetros definidos para o mobiliário urbano abrangem toda a cidade de Lisboa, ficando assim, à partida, a possibilidade da escolha de outros modelos (ou de outros tipos) apenas nas zonas históricas. Compreende-se que essa definição é motivada pela melhor defesa do espaço público, e também por razões relativas a um esforço de racionalização e optimização de recursos.

Permanece, no entanto, uma reflexão relativa aos parâmetros que devem de facto ficar definidos, e ao nível de detalhe e concretização, dada a eventualidade de um estreitamento de possibilidades a um nível muito antecipado e de um modo muito concreto poder espalhar a evolução destes equipamentos e, logo, do espaço público. Será necessário, com efeito, que a inevitável e necessária estrutura legal e normativa, que preserva o espaço público de empenhos individuais ou privados,

seja também suficientemente dinâmica e flexível para permitir a imprescindível actualização e acompanhamento da evolução das necessidades e solicitações da sociedade.

Outra reflexão que nos surge é que, ao se estipularem modelos para este tipo de mobiliário urbano, apesar da escala em questão o permitir, não foram definidos modelos específicos para a cidade de Lisboa. Optou-se por modelos previamente definidos por catálogo, que são modelos desenhados para funções específicas, mas também para funções comuns às diversas cidades. São com efeito, tanto formalmente como funcionalmente, equipamentos para um espaço público genérico, para uma cidade genérica.

Finalmente, é possível encontrar numa mesma rua de uma cidade, como por exemplo Lisboa, diversidade excessiva de modelos destes equipamentos. As características formais – para as quais trabalharam tantos projectistas de renome, conforme estes concessionários enfatizam – e os eventuais contributos para a caracterização da paisagem e para a identidade da cidade que daí poderiam resultar são assim, necessariamente, menores. Além do mais, são cada vez mais frequentes as campanhas publicitárias que cobrem todo o equipamento, dando-lhes um aspecto completamente diferente. Fica pois, sobretudo, a referência funcional, aquela que é vulgar em todas as cidades.



Figura97: Abrigo de paragem modelo "Prestige", da JCDecaux, também na Av. de Roma (fotos do autor, 5/2011). Têm sido frequentes as campanhas publicitárias que extravasam a superfície a que se deveriam confinar, ocupando todo o mobiliário urbano, ou até, nalguns casos, a calçada. À parte da discussão sobre a excessiva pressão e presença da publicidade no nosso dia-a-dia, suscita-nos a reflexão sobre quais serão as consequências e quais deverão ser os limites para este tipo de alterações à imagem e identidade da nossa envolvente quotidiana.

Processo mobiliário de publicidade - DQEP

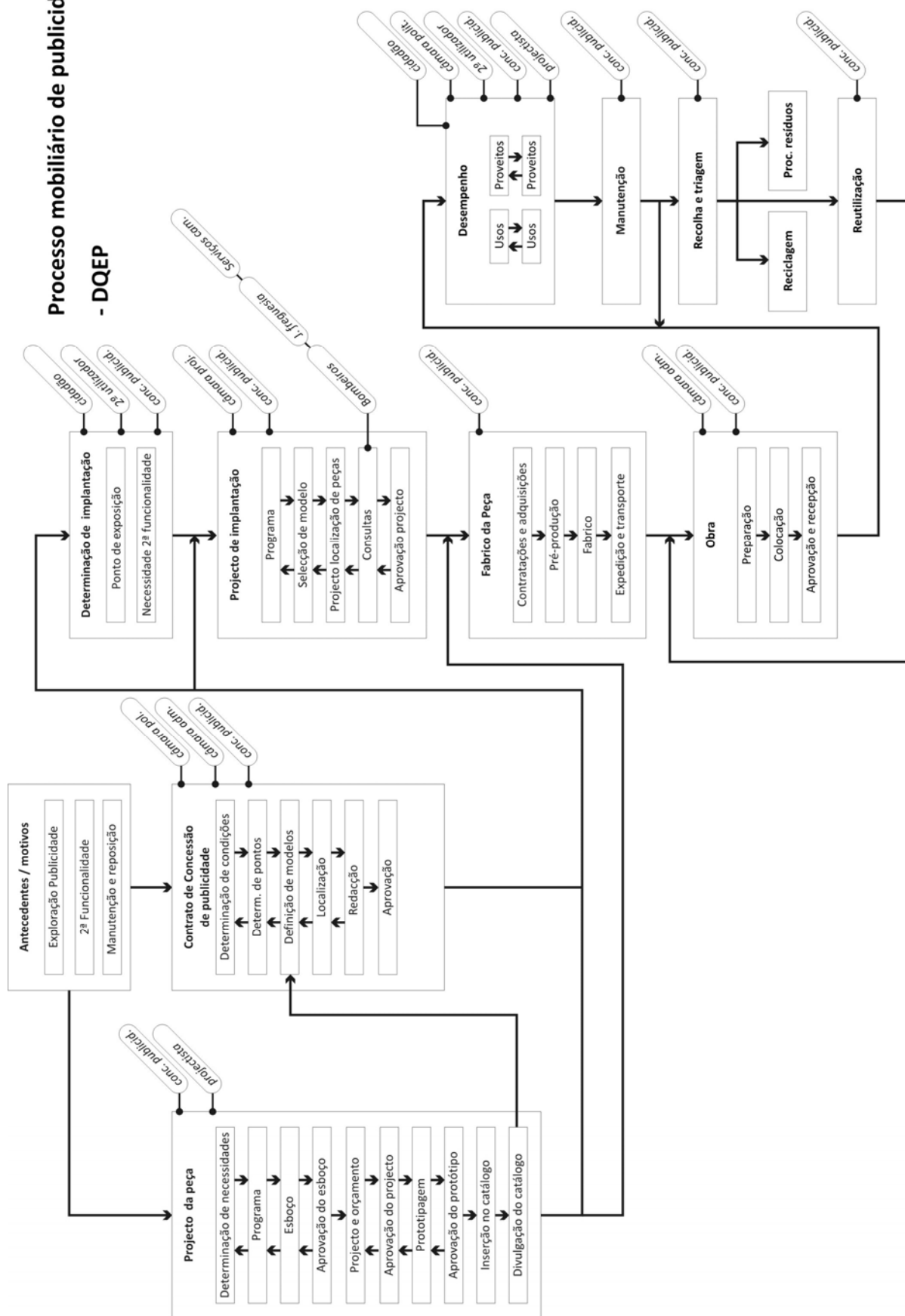


Figura 98: Processo do mobiliário de publicidade em Lisboa (elaboração do autor)

4.1.8. A implantação pontual e a manutenção de mobiliário urbano

Baseado na entrevista em 26/4/2011 à Arq. Paisagista Teresa Sande, Técnica Superior da Divisão de Fiscalização e Controle do Espaço Público (DFCEP), em conjunto com a consulta aos documentos referidos. Feitos também contactos telefónicos complementares à Eng. Célia Penedo e à Dra. Mafalda Reis em 19/5/2011 da mesma Divisão, e outro ainda à Arq. Ana Veloso, em 17/06/2011.

O DFCEP, sob a responsabilidade da Arq. Teresa Cunha Lopes, constitui o Departamento de Gestão do Espaço Público (DGEP) juntamente com outras divisões (DIP e DQEP, também abordadas nesta investigação), e está-lhe atribuído, entre outros, o conjunto de todas as tarefas referentes à coordenação, controlo e fiscalização de todas intervenções no espaço público de Lisboa e que não estejam a cargo da Divisão de Qualificação do Espaço Público (DQEP), ou seja, decorrentes de ocupação sujeita a licenciamento (por pessoas ou entidades que não a própria CML)¹⁰³. Abrange todas as intervenções projectadas pela Divisão de Estudos e Projectos (DEP), assim como outras, cuja dimensão ou importância não justifique o envolvimento daquela divisão, como é o caso da implantação pontual de mobiliário urbano, e que são decididas apenas por esta divisão.

Deste modo, a colocação de pilaretes, guardas ou outros elementos, que não esteja integrado numa intervenção de maior profundidade num espaço público e com um projecto mais abrangente, fica apenas a cargo desta divisão, a qual toma todas as providências necessárias para a sua concretização. A colocação de pilaretes é o caso mais frequente, seguido da colocação de bancos.

Os documentos normativos e de referência utilizados por esta divisão para os critérios de projecto de implantação de mobiliário urbano são, ao nível nacional, o Decreto-lei 163/2006, que estabelece as normas para a acessibilidade de pessoas com necessidades especiais, e ao nível municipal, os editais 29/2004 “Regulamento para a Promoção da Acessibilidade e Mobilidade Pedonal”, 101/91 “Regulamento Geral de Mobiliário Urbano e Ocupação da Via Pública”, e ainda o Despacho 217/P/97 “Ocupação do espaço público com floreiras e pilaretes por motivos de interesse público” e a Deliberação 146/AM/95 “Regulamento de Mobiliário Urbano, Ocupação de Via Pública e Publicidade dos Bairros Históricos”.

De assinalar também um outro documento normativo, interno, “Pilaretes a adoptar na cidade de Lisboa”, de 2006 (em anexo), um documento de principal orientação para este caso, que estabelece

¹⁰³ <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=25&idi=31693> consultado em 01-03-2010

os critérios para a colocação deste mobiliário, nomeadamente “modelos a utilizar”, “critérios de localização”, “regras técnicas para colocação” (ficha 1), assim como as características técnicas dos materiais e acabamentos (fichas 5 e 6), e ainda um “articulado para cadernos de orçamentação”.

Este documento, cuja elaboração foi levada a cabo pela Arq. Ana Veloso, terá surgido da necessidade de se regularizar não só os critérios de implantação deste equipamento, no sentido de assim poderem ser seguidas da melhor maneira as diversas directivas constantes nos outros documentos atrás referidos, como também os modelos a utilizar para a cidade de Lisboa.

Houvera anteriormente uma sistematização de modelos a seleccionar, onde foi definido um conjunto de modelos de pilaretes mais utilizados, e que aí se designaram internamente por “P1”, “P2”, “P3”, etc. Tratava-se de modelos simples e comuns no mercado, evitando-se assim, conforme define a lei, que a Câmara ficasse refém de algum fabricante antes do processo de concurso e adjudicação.

Mas esta regra era apenas seguida por alguns dos técnicos camarários, uma vez que não estava devidamente implantada. Assim, em muitas ocasiões continuou-se a seleccionar e implantar pilaretes na cidade de Lisboa sem seguir este princípio ou outro equivalente, evidenciando-se tanto os problemas de imagem e até estéticos, decorrentes da possibilidade de numa mesma rua coexistirem diferentes modelos, como os de manutenção e reposição que, como facilmente se compreende, se tornavam assim muito difíceis de resolver.

Com a implementação do referido documento, por sua vez, passou a ser viável a Câmara Municipal manter em armazém o número necessário destes exemplares, permitindo uma melhor gestão de compras e resposta na sua reposição. Neste documento, e após a consulta a vários técnicos desta Direcção Municipal, tanto da DFCEP, como da DEP, conforme nos informou a Arq. Ana Veloso, sistematizaram-se os modelos que se haviam procurado estabelecer anteriormente, embora a Arq. Teresa Sande nos tenha informado que posteriormente foi ainda decidido utilizar apenas três deles, os quais são escolhidos conforme a zona da cidade:

- O modelo “P1”, para zonas de bairros históricos ou de bairros mais centrais e antigos, como as Avenidas Novas;
- Os modelos “P2” e “P4”, para as restantes zonas, devendo o técnico, com o intuito de preservar alguma coerência formal, seleccionar o modelo segundo o que já se encontra implantado na zona.

De assinalar que houve um modelo de pilarete, com brasão da cidade e pintado a verde, que ainda foi implantado durante algum tempo e foi considerado na primeira tentativa de sistematização. Mas, conforme o que se recordava a Arq. Ana Veloso, deixaram depois de ser considerados na colecção considerada pelo referido documento “Pilaretes”, sobretudo por serem mais caros.

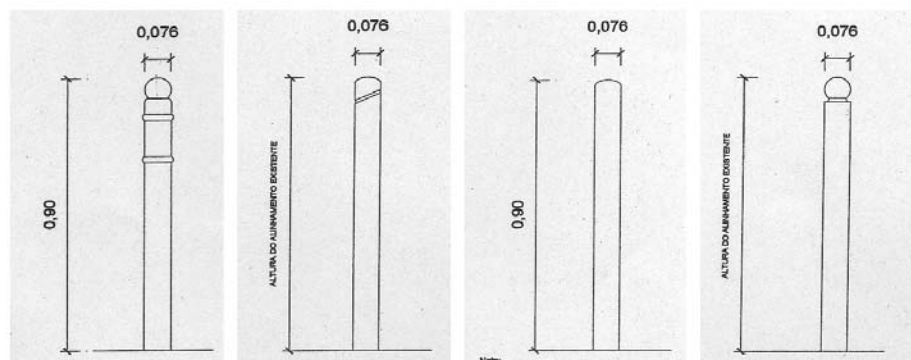


Figura99: Os quatro modelos de pilaretes designados, respectivamente, “P1”, “P2”, “P4” e “P5”, apresentados no documento elaborado pela DFCEP

Quanto aos critérios para as regras gerais de implantação, as mesmas surgiram, como facilmente se compreende, de princípios objectivos de acessibilidade e conforme estão definidos no referido Decreto-Lei 123/97 (hoje substituído pelo Decreto-Lei 163/2006), assim como de condicionantes de produção e construtivas, para as quais foi tida em conta, obviamente, a vertente económica.

Pelo que nos foi possível asserir, para o restante mobiliário urbano a implantar em Lisboa ainda não estão vinculados modelos tal como para os pilaretes, com a excepção do mobiliário urbano dos concessionários de publicidade e das papeleiras. Contudo, na mesma ocasião, conforme a Arq. Ana Veloso nos informou, também foi planeado elaborar outros documentos nesse sentido. Mas, em vez disso, no seguimento do que nos informou a Arq. Teresa Sande, actualmente apenas estão definidas algumas regras para os bancos de jardim a implantar, onde se preconiza a utilização da linha “Axis”, da Larus, com excepção das zonas históricas, onde se utiliza o banco clássico, designado como modelo “Avenida”.

Processo de colocação pontual de mobiliário urbano

Cidadãos ou Juntas de Freguesia fazem mais frequentemente o pedido deste tipo de implantação de mobiliário, e que fica assim apenas a cargo desta Divisão, sendo também frequente o pedido de comerciantes ou empresas. No caso do pedido de implantação de pilaretes, que é o mais frequente, esse decorrerá da necessidade de melhoria de condições de segurança para os peões, da prevenção do estacionamento indevido de viaturas (sendo esta a razão mais concreta e mais frequente), ou da

preservação, por si só, das condições de acessibilidade e circulação dos peões conforme definem as referidas normativas.

O pedido, que não é mais do que o alerta da necessidade desta implantação, é então analisado pela DFCEP, a qual, ao deferi-lo, elabora (através dos seus técnicos e com a aprovação da chefe de divisão) o projecto segundo os regulamentos e, em especial, o documento “Pilaretes a adoptar na cidade de Lisboa”, donde é escolhido o modelo a utilizar e onde estão já estipulados a maioria dos dimensionamentos. Ficam assim determinadas as quantidades necessárias, as quais serão utilizadas para orçamentação e lançamento do concurso de empreitada com o fornecimento do equipamento e sua colocação. Ou, simplesmente, para a requisição no armazém do número necessário. De facto, conforme a dimensão da empreitada em questão e a sua urgência, assim se opta pelo lançamento do referido concurso, ou se utiliza o stock de armazém e a mão-de-obra municipal. Em qualquer dos casos, mantém-se a observação dos modelos constantes no documento referido.

Muitas vezes são os próprios técnicos desta divisão que iniciam um processo de colocação pontual de mobiliário urbano, quando detectam a sua necessidade na área da cidade da qual estão encarregues (os técnicos estão distribuídos por grupos de freguesias da cidade). O critério de implantação que estes técnicos utilizam será feito também segundo o referido documento principal, nomeadamente no seu ponto “3 – Critérios de localização”, constantes na ficha 1 (ver documento em anexo), apesar de, pelo menos pela nossa leitura, o motivo de implantação nos parecer um pouco abstracto e as situações prioritárias demasiado abrangentes, ficando assim para o técnico um maior encargo no discernimento das situações.

Acrescente-se que, para efeitos de colocação pontual e a cargo da DFCEP (assim como reposições), no armazém encontra-se o mobiliário urbano mais comum no espaço público de Lisboa, ou seja, pilaretes, guardas e bancos públicos (para além de papeleiras, a quais estão a cargo da DHURS). De referir que, nestes casos de implantação de mobiliário a cargo desta divisão, todo o projecto e sua concretização, incluindo todos os procedimentos e decisões necessárias, ocorrem internamente. As juntas de freguesia, neste caso, não são ouvidas.

Porém, a manutenção deste mobiliário urbano, essa sim, está a cargo das Juntas de Freguesia, ou pelo menos esse é o princípio definido. Porque, na realidade, várias vezes a própria Câmara acaba por ter que intervir, dada a pouca capacidade de resposta das juntas, não só nas reposições de mobiliário urbano inutilizado, como também nos trabalhos de reparação, mesmo os mais simples de repintura ou substituição de, por exemplo, uma ripa de um banco de jardim.

Por outro lado, refira-se que a Arq. Teresa Sande relatou dificuldades passadas, decorrentes de iniciativas unilaterais de Juntas de Freguesia de implantação de mobiliário urbano, sem que esta DFCEP tenha tido conhecimento. Complementado este com outros relatos ocasionais em contactos efectuados a outros técnicos da Câmara, ficou-nos, de facto, a impressão que haverá aqui alguma propensão para algum desacerto entre a Câmara Municipal e as Juntas de Freguesia.



Figura 100: Uma fila de pilares do modelo "P1" na R. dos Duques de Bragança (foto do autor, 7/2011). Figura 101: mesmo modelo, mas com o brasão da cidade, no Lg. Dr. José Figueiredo (foto do autor, 10/2011). Figura 102: Um pilar modelo "P5", mas também com o brasão da cidade (em relevo, na esfera do topo), implantado no cruzamento da Av. de Roma com a Av. Frei Miguel Contreiras (foto do autor, 7/2011).

Tal não será difícil de compreender se nos detivermos um pouco na observação deste procedimento: à Câmara Municipal cabe a decisão e os encargos de implantar este tipo de mobiliário urbano, sem que para isso tenha que consultar a Junta de Freguesia. A esta, por sua vez, está-lhe atribuída somente a manutenção desse equipamento, independentemente dos motivos que apresente para discordar da sua implantação. Inversamente, um pedido seu de implantação pode ser indeferido. Tenhamos em conta, para além disso, que estas duas entidades são directa e independentemente eleitas. Para duas entidades diferentes poderão também diferir os proveitos políticos duma nova implantação, da manutenção ou da substituição de mobiliário urbano.

Finalmente, a recolha destes equipamentos está a cargo dos serviços camarários, sendo possível a reciclagem dos materiais ou sua reutilização com as necessárias reparações para reimplantação, conforme o caso em questão.

Observações e conclusões

Juntamente com os parâmetros mais objectivos e incontornáveis, têm vindo a definir-se, de modo prévio, generalizado e a um nível muito concreto e restritivo, outros parâmetros para a implantação

de mobiliário, como é o caso dos modelos de pilaretes. Haverá, aliás, a tendência para que este tipo de procedimentos se generalize.

Em várias ocasiões da actual sociedade industrial se tem confirmado que uma standardização ou normalização de produtos tem quase sempre como motivo a simplificação da produção, o que muitas vezes significa a sua viabilização, sendo o objectivo o acesso desses produtos a mais pessoas. É por isso óbvio o motivo das iniciativas da CML neste sentido, a qual se defronta ainda hoje com grandes dificuldades de gestão e manutenção do espaço público de Lisboa, dada a grande diversidade de modelos de mobiliário urbano que aí se implantou a partir do final dos anos 80, conforme reconheceram diversos técnicos desta Câmara que nos foi possível contactar.

Poder-se-á argumentar, aliás, que essa grande liberdade de projecto, que então existiu, deu um grande contributo para a caracterização do espaço público, ou, pelo menos, permitiu que fossem implementados projectos de maior qualidade. Mas a profusão de modelos que por vezes se verifica acaba por funcionar, precisamente, no sentido inverso, ao fragmentar a indispensável coesão.

Posteriormente, e conseqüentemente, definiu-se uma regra, segundo um processo sobretudo intracamarário e ao nível técnico, onde, observe-se, a intervenção política pouco peso teve. Pelo contrário, os argumentos administrativos e de gestão do espaço público terão sido decisivos. Estipularam-se assim três modelos deste mobiliário urbano a utilizar na cidade de Lisboa, o que foi efectuado a partir de catálogos de fabricantes, acabando por ser seleccionados os modelos mais comuns.

Parece-nos necessária uma reflexão sobre a presença cada vez mais pesada do pilarete no espaço público das cidades, já que, sendo uma resposta expedita para a demarcação e defesa dos espaços e vias pedonais (sobrepondo-se ao lancil, onde este se demonstra ineficaz), ela será também uma denúncia de problemas mais vastos da cidade contemporânea. Trata-se, pois, de uma questão profunda, cuja discussão não iremos agora abordar. O que aqui verificamos é que os pilaretes são a solução agora instituída e praticada para esses problemas do espaço público.

Com a redução das possíveis alternativas, estes equipamentos não podem contribuir, por si, para a identificação ou caracterização de um local. Ficaram, de facto, confinados à sua função prática de condicionar e controlar acessos e fluxos. Para além disso, uma vez que os modelos são previamente existentes em catálogo, não podem sequer contribuir para a caracterização da imagem de Lisboa, já que os poderemos encontrar em qualquer outra cidade.

Se podemos partir do princípio que a decisão de uniformização dos modelos de mobiliário urbano assegura a questões da sua viabilidade, precisamente por isso, por se implantar em toda uma cidade e aos milhares, estamos também perante uma oportunidade singular de coesão da sua imagem e caracterização. A dimensão quantitativa obriga a uma solução reflectida; a abrangência dos aspectos qualitativos necessitaria de um aprofundamento, incompatível com a simples escolha por catálogo. Seria, de facto, uma ocasião única para a implantação de um equipamento especificamente dedicado a uma cidade específica e ao seu espaço público.

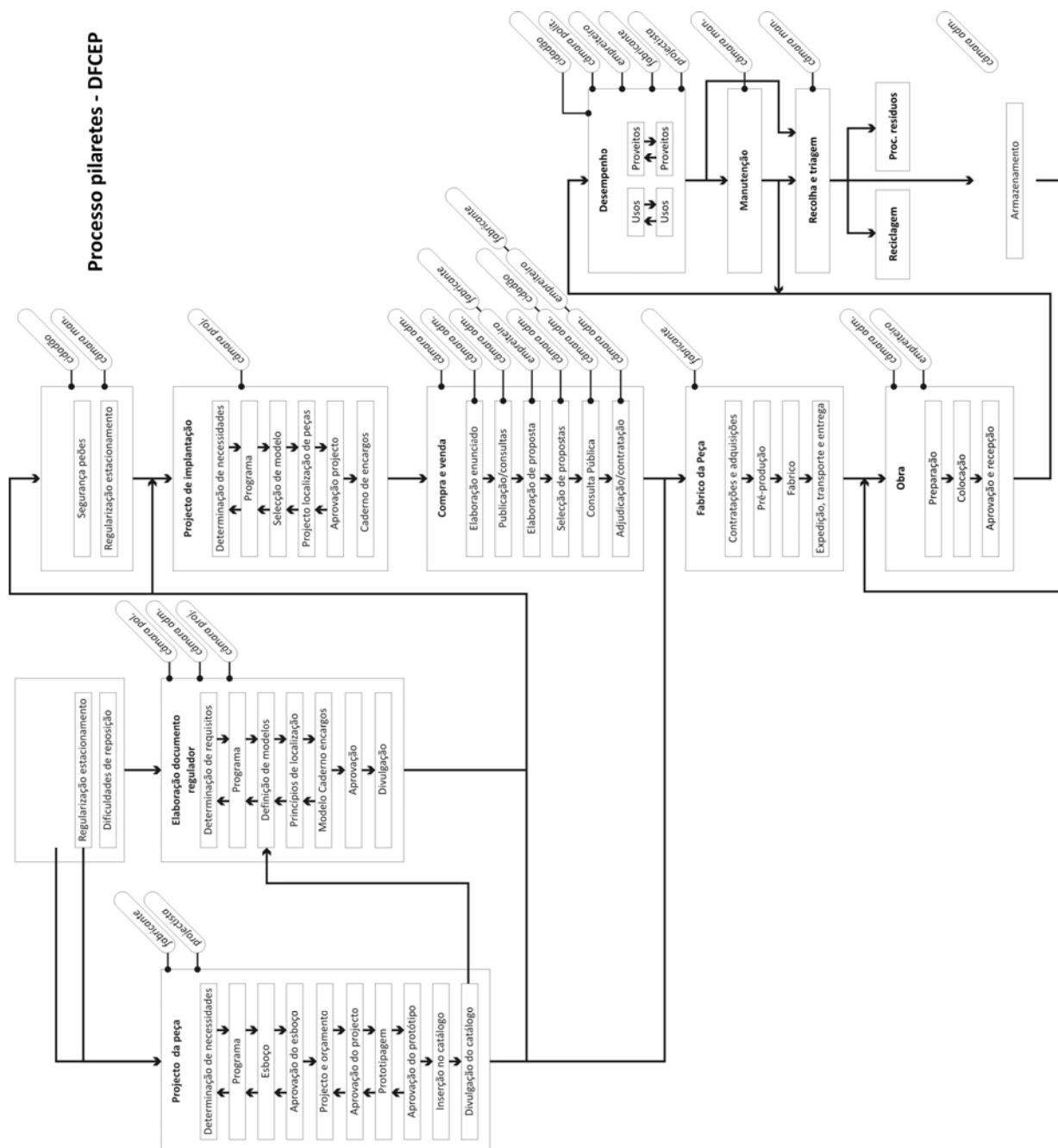


Figura 103: Processo dos pilaretes em Lisboa sem armazenamento prévio

Processo pilaretes - DFCEP Armazenamento prévio

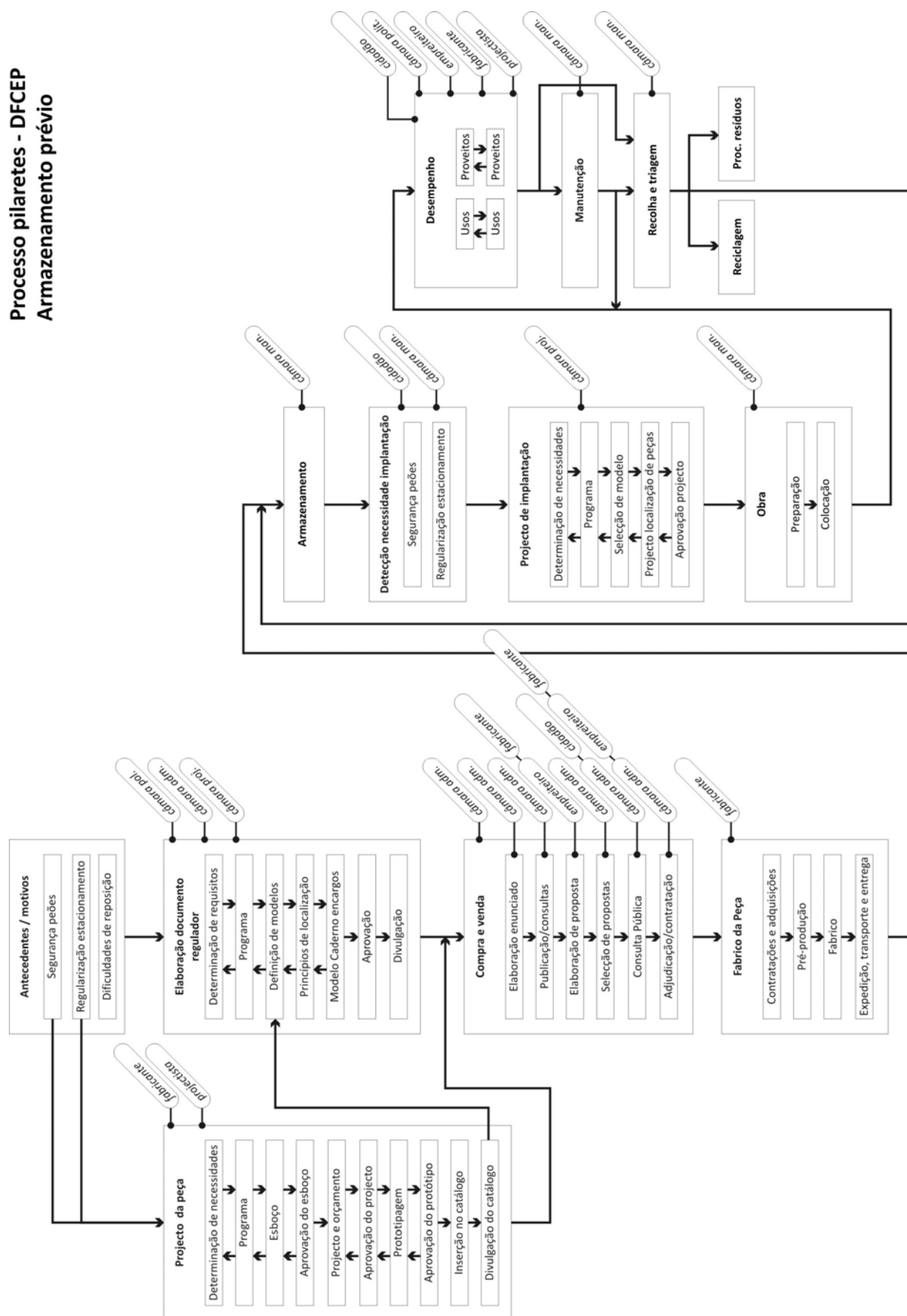


Figura 104: Processo dos pilaretes em Lisboa com armazenamento prévio (elaboração do autor)

4.1.9.A substituição dos candeeiros da Av. de Madrid em Lisboa

Descrição e análise de publicações (blogs de opinião, sites de fabricantes e artigos de jornais¹⁰⁴) e entrevista ao Arq. João Castro, ao Arq. Miguel Carrelo (DEP – DMAU) e ao Eng. Tiago Gomes (DIP – DGEP, DMAU)

A Câmara Municipal de Lisboa, com o intuito de melhorar a iluminação de algumas ruas de Lisboa, tem vindo a substituir alguns dos candeeiros da cidade, em particular aqueles que mais acusam as décadas de idade que têm. Procura-se com isso que os novos equipamentos tenham um melhor rendimento (debitando mais luz face ao seu consumo), passando a observar as actuais directivas de poupança energética, para além de cumprir as normas de segurança que se encontram em vigor. Dados os limites orçamentais para esta tarefa, esta substituição tem ocorrido faseadamente, ainda que obedeçam a um plano global com o intuito de manter coerência nesta intervenção¹⁰⁵, actuando-se assim bairro a bairro e rua a rua. É o que ocorreu em várias ruas da Freguesia de S. João de Deus, sendo que as queixas expressas de alguns dos moradores pela fraca iluminação da Av. de Madrid terão sido um factor para que a Câmara Municipal tenha iniciado a intervenção nesta avenida.

Tal como noutras ruas da cidade, os candeeiros originais da Av. de Madrid, implantados na altura do seu arruamento nos anos 40, são da Cavan, em betão torneado e polido. A superfície da sua coluna, lisa ao tacto, apresenta uma textura visual formada pelos inertes e pelo betão que os liga. Segundo as exposições de alguns daqueles que publicaram os seus protestos, tratam-se de modelos desenhados especificamente para a zona agora em estudo.

Os candeeiros substitutos, por sua vez, da Indalux, são com a coluna metálica. Ainda que nalgumas ruas, mesmo deste bairro, o modelo utilizado apresente uma coluna também metálica, mas com o acabamento em pintura preta, textura mate, os postes que foram escolhidos para a Av. de Madrid apresentam a sua superfície com um acabamento apenas zincado, sem rectificação das juntas ou soldaduras efectuadas.

¹⁰⁴ Cavan SA, Sociedade Portuguesa: www.cavan.pt; Indalux Equipamientos Eléctricos, Lda, Grupo Indal: www.indal.es; Valmont: www.sermeto.fr; Blogue do Movimento Fórum Cidadania Lisboa: cidadaniaix.blogspot.com; Blogue “O Carmo e a Trindade”: carmoeatrindade.blogspot.com.

¹⁰⁵ Na ocasião dos contactos efectuados o referido plano ainda estava em fase de aprovação. No entanto, as intervenções efectuadas nesta altura, como a que aqui analisamos, terão sido já alinhadas segundo as estratégias aí definidas, as quais, por sua vez, obedecerão ao Plano Estratégico do Espaço Público de Lisboa, também ainda em fase de aprovação.

Para a escolha destes modelos, tal como sucederá noutras ocasiões, os critérios considerados terão sido o cumprimento da ampla legislação, quer nacionais, quer comunitárias, e das várias normas, nacionais e europeias, que actualmente têm que ser observadas para estes equipamentos, relativos à sua segurança, à economia de energia, ao seu rendimento e desempenho lumínico, à sua fiabilidade e manutenção. Factor relativo à segurança tido em conta para a selecção destes modelos será também a diminuição dos danos causados pela eventual queda da coluna, resultante, por exemplo, do embate de um carro; um poste de betão, cujo peso é maior, poderá efectivamente provocar mais danos ao cair. A altura deste modelo estará mais adequada às zonas predominantemente pedonais, onde se deve optar por modelos com cerca de 5 m, ao contrário do que sucede com os primeiros modelos, cuja altura é actualmente considerada como mais adaptada para zonas onde predomine a circulação rodoviária.



Figura 105: Os candeeiros originais dos anos 40, em betão polido, fabricados pela Cavan. Figura 106: Os candeeiros substitutos, da Indalux, com o poste sem pintura (fotos do autor, 7/2010).

Para além disso, numa escolha de um equipamento destes também será tido em conta a sua integração no espaço onde se insere, sendo considerados, por um lado, as questões paisagísticas, e por outro, questões relativas ao “tipo” de espaço, ou seja, se se trata de uma zona histórica ou classificada, a sua centralidade, o tipo de uso, etc. Pelo nos é possível observar, não só nesta rua como noutras de Lisboa, para além de se considerarem ou não como zonas centrais ou históricas, o “peso” dos parâmetros paisagísticos é variável.

Foi-nos possível confirmar que, de facto, a CML não consultou os moradores ou a junta de freguesia para esta obra, pelo que os modelos para implantação foram escolhidos a partir de critérios determinados internamente, pelos seus políticos e pelos seus técnicos.

Logo que foi iniciada esta substituição surgiram os protestos, segundo o Jornal de Notícias, de “alguns moradores e o movimento Fórum Cidadania” (Jornal de Notícias, 2007), que se concretizaram em “posts” em blogues e em comunicações e pedidos de reuniões com a Câmara. Houve, para além disso, alguma mediatização através de artigos de jornais.

Pelo que foi então exposto, os principais motivos – e os mais concretos – de indignação indicados por estes cidadãos foram, segundo apontam, a primazia aos “critérios técnicos”, em detrimento dos “estéticos”. Segundo estes, os postes a implantar como sendo “objectos fracos e incaracterísticos”, “sem qualidade nem de materiais nem de design” e que não estariam de “acordo com as características urbanas e arquitectónicas da Avenida de Madrid, ao contrário dos candeeiros originais” (Cidadania LX, Março de 2007). Ou até, simplesmente, a falta de critério, ao apontarem a diversidade existente nos modelos em ruas que estão próximas.



Figura107: Pormenores de acabamento do poste com acabamento zincado, onde podemos observar as soldaduras não rectificadas (fotos do autor, 7/2010).

Por sua vez, em relação aos que seriam para substituir, os autores dos protestos denominaram-nos de “candeeiros históricos” (Cidadania LX, Março de 2007) e “únicos” (Carmo e Trindade, Março de 2007), não compreendendo porque a Câmara não optou antes pela reparação e manutenção destes equipamentos.

O “grupo de moradores dos bairros do Areeiro e de Alvalade”, na ocasião de uma reunião no dia 11 de Fevereiro de 2008, com o Director Municipal de Ambiente Urbano, o Eng. Ângelo Mesquita,

terá apresentado um conjunto de opiniões de diversos investigadores, entre os quais Pedro Bebiano Braga, Ana Tostões e Maria João Pinto-Coelho, através das quais os mesmos terão sido unânimes, considerando os candeeiros em vias de abate como sendo “parte integrante do património” destes bairros, pelo que deveria “ser feito um esforço no sentido da sua preservação”, já que “os candeeiros de iluminação pública contribuem para a caracterização de áreas históricas consolidadas”¹⁰⁶.



Figura 108: Candeeiro da Rua Edison (foto do autor, 7/2010). Figura 109: Candeeiro da Rua Cervantes (foto do autor, 7/2010). Nestas duas ruas que cruzam a Av. de Madrid, os candeeiros originais foram restaurados, sendo a luminária substituída recentemente, conforme evocado pelos protestantes. Podemos verificar que ao segundo, inclusivamente, foi acrescentada iluminação pedonal.

Ou seja, deste modo estes equipamentos foram considerados equivalentes àqueles que pertencem às efectivamente classificadas zonas históricas da cidade, como é o caso da Baixa e do Chiado, também porque, segundo entendiam estes moradores, os bairros em questão serão também, por sua vez, zonas a preservar. Aproveitamos a oportunidade para referir que nas zonas efectivamente classificadas a CML também procedeu à actualização os candeeiros das suas ruas, mas foi mantido o mesmo tipo de modelos de candeeiros, mudando-se apenas a luminária e os aparelhos eléctricos, mas não a sua configuração geral.

Sobre os candeeiros em vias de implantação, o mesmo grupo de moradores terá expressado que a coluna em “chapa galvanizada” “evoca a iluminação das auto-estradas, zonas industriais e outros locais meramente utilitários”. Este grupo considerava também que estes candeeiros não

¹⁰⁶ Conforme documento que terá sido apresentado por este grupo de moradores à CML, consultado num dos contactos efectuados para esta investigação.

apresentavam “um design de qualidade equivalente aos modelos dos anos 40”, mas não deixavam de notar que havia candeeiros implantados noutras ruas próximas cuja colunas eram “de melhor qualidade”, ainda que se tratassem de modelos semelhantes.

A obra ficou então parada por alguns meses, até que terá sido encontrado o acordo de manter, de um lado da rua, os candeeiros originais, e do outro os novos, que já estavam parcialmente colocados, para que fossem também atendidos aqueles que tinham chamado a atenção à CML pela iluminação insuficiente que existia na rua.



Figura 110: Candeeiro do Jardim Fernando Pessa (foto do autor, 7/2010). Figura 111: pormenor do candeeiro do mesmo candeeiro (foto do autor, 7/2010). O modelo actualmente presente num jardim próximo da Av. de Madrid, semelhante, embora de outra marca (Valmont). O poste tem um acabamento de qualidade, é pintado e apresenta acabamentos mais cuidados, como podemos verificar na foto da direita que mostra uma tampa.

Conclusões

A CML entendeu que não se tratava de uma zona onde fosse necessário ter tanto em conta o mesmo tipo de critérios como faz em relação aos candeeiros de zonas históricas, como será o caso da Baixa e do Chiado, ou mesmo de outras de construção mais recente mas igualmente centrais. Não terão sido, neste caso, devidamente considerados certo tipo de questões, como a identidade e caracterização de um espaço público, a configuração do mobiliário urbano ou até, se quisermos, a componente estética.

Por sua vez, para os moradores desta zona essas questões deveriam ser igualmente consideradas. Eventualmente, poderá ser entendido que por parte destes protestantes haja uma certa atitude conservadora em relação ao espaço em questão e à necessidade de preservação absoluta das suas características físicas. Algumas dúvidas em relação a este protesto por parte de alguns dos técnicos

da CML contactados foi o facto de este ter sido um caso isolado em várias intervenções semelhantes já efectuadas.

Seja como for, terá havido neste caso, concluimos nós, um desfasamento entre o conceito da CML sobre os candeeiros e as suas funções e o dos cidadãos e moradores. A primeira deu prioridade à eficácia da função de iluminação e o cumprimento das actuais leis de segurança e normas face aos custos. No entanto, para os segundos, isso será tão importante como a sua aparência e o contributo que fazem para o espaço onde se inserem. Estes evocaram, como vimos, a necessidade de utilizar os mesmos critérios das zonas históricas, já que esta deverá ser considerada como sendo também uma delas. Mas pareceu-nos que a questão do acabamento da coluna, considerado desadequado ou mesmo de má qualidade, terá sido um factor decisivo, visto pelos moradores como uma desconsideração da sua rua por parte da CML.

A partir deste caso julgamos poder apontar que, para os moradores, o mobiliário urbano, ou pelo menos os candeeiros da sua rua, são susceptíveis de serem elementos que adquirem uma importância significativa no contributo para a identidade e caracterização do espaço onde se inserem.

4.2. Outros casos

4.2.1. Cadeiras móveis de jardim em Paris

Relatório do contacto efectuado a Laurent Delrieu, funcionário disponibilizado pelo Senado de Paris e a Pierre Bonnord, pela EPA do Museu do Louvre¹⁰⁷, em conjunto com fontes secundárias (conforme referências).

Foram já há algum tempo disponibilizadas em Paris, primeiro no Jardim do Luxemburgo e depois no Jardim das Tulherias, cadeiras móveis (aqui, no seu verdadeiro sentido) em vez dos mais tradicionais bancos de jardim fixos ao chão. Estas cadeiras permitem que o seu utilizador possa escolher o local e a orientação da sua preferência, conferindo-lhe maior grau de liberdade, o que, se reflectirmos, significa uma maior capacidade de intervenção no espaço público em uso.

Breve cronologia do Jardim do Luxemburgo¹⁰⁸

Ao enviuvar do rei Henrique IV, Maria de Médicis, adquire em 1611 a propriedade do Duque do Luxemburgo, num então “faubourg” tranquilo e predominantemente rural, mas onde também havia outros eminentes italianos. A esta propriedade juntará outras, para aí mandar construir um novo edifício, contíguo ao existente e maior que este, inspirado nos palácios florentinos de então, tal como um vasto parque, que é plantado segundo a traça do Jardim de Boboli. Até ao seu exílio, em 1631, esta será a sua residência.

O jardim virá a ser consideravelmente diminuído para os 25 hectares de hoje, primeiro no lado oeste do palácio, em 1782, e depois com os “Grands Travaux” de Haussmann, conforme se decide em 1865, apesar do grande protesto que suscita na altura.

Após a Revolução de 1789, o Palácio do Luxemburgo é declarado Palácio Nacional em 1791. O Senado de França instala-se no Palácio em 1879, passando esta instituição a administrar também o

¹⁰⁷ Le Louvre est un établissement public administratif (E.P.A), statut qui lui confère une véritable autonomie de gestion. 53% de son budget annuel provient de ses ressources propres (billetterie, location d'espaces, mécénat, exportation d'expositions...).
<http://www.louvre.fr/llv/mecenat/raisons.jsp>

¹⁰⁸ Informação prestada pelos entrevistados assim como pelos sítios:
<http://www.senat.fr/evenement/archives/D41/chaisester.html> em 15-02-2010;
<http://www.senat.fr/evenement/archives/D41/chaises.html> em 15-02-2010
<http://www.senat.fr/evenement/archives/D41/chaisesbis.html> em 12-01-2011
<http://www.senat.fr/visite/jardin/conservation.html> em 12-01-2011
<http://www.senat.fr/lng/pt/palais.html> em 12-01-2011

Jardim, conforme sucede até hoje. No entanto, o Jardim já fora antes visitável pelo público no século XVIII, dada a abertura ao público do primeiro museu de pintura no Palácio. Logo nessa altura são aí disponibilizadas cadeiras móveis, mais confortáveis do que os bancos existentes, alugadas por concessionários privados, responsáveis pela sua gestão e manutenção.

O contrato, que a partir daí se elabora para a concessão desse serviço e que ao longo dos anos se torna cada vez mais extenso, fixa para a prestação desse serviço, entre outras condições, o número de cadeiras a disponibilizar (1500 em 1843), assegurar a sua boa distribuição pelo Jardim, a reparação e substituição necessárias, ou até a cor a utilizar (a certa altura “bambu”) e o diâmetro mínimo de 35mm para seus os pés, para além da taxa a cobrar, a apresentação e conduta dos empregados.



Figura 112: Os três modelos disponíveis no jardim do Luxemburgo: a cadeira sem braços (à esq.), a cadeira com braços (aqui em dois exemplares) e à direita o “fauteuil”, mais largo e mais reclinado. Fabricados, como se verifica, em tubo e chapa de aço carbono soldado e pintado, alguns exemplares do último modelo, como o que aqui se apresenta, têm os apoios dos braços em madeira. (foto do autor, 7/2003)

Os três modelos que actualmente se encontram tanto no Jardim do Luxemburgo – cadeira sem e com braços, e outra mais reclinada, ou “fauteuil” – foram para aí especificamente criados em 1920, tendo o seu desenho passado depois para o domínio público.

Estes modelos vieram também a ser adoptados para o Jardim das Tulherias, onde também anteriormente havia cadeiras volantes e pagas, mas segundo um outro modelo, de construção em madeira.

A actividade privada e concessionada do aluguer de cadeiras teve, naturalmente, os seus altos e baixos, os quais decorreram sobretudo dos diversos acontecimentos históricos de Paris, até à sua fase de declínio final, durante os anos 60, para acabar por se extinguir definitivamente em 1974. A partir dessa altura e até hoje, as cadeiras são disponibilizadas gratuitamente.

O actual processo de administração e manutenção

Conforme já referido, actualmente o Jardim do Luxemburgo está sob a administração do Senado de Paris e o Jardim das Tulherias sob a administração do Museu do Louvre. Os dois jardins não estão, com efeito, sob a administração da ‘Mairie’ de Paris e, por consequência, conforme confirmámos pelos contactos efectuados, sob a concessão da JCDecaux, à semelhança do que sucede com o mobiliário urbano desta cidade.



Figura113: Cadeiras ao longo de um percurso do Jardim do Luxemburgo. Os utilizadores têm, como se verifica, liberdade de colocação destas cadeiras, o que nos permite observar que na maior parte das vezes a orientação escolhida, de costas para os caminhos e passagens, é precisamente a contrária àquela que classicamente os bancos de jardim têm (foto do autor, 7/2003).

Os entrevistados referiram razões um pouco diversas sobre as razões da extinção da concessão do aluguer de cadeiras. Referiram que de facto o negócio deixou de ter novos interessados, dado o seu baixo rendimento, mas que também se procurou providenciar uma maior comodidade para os utilizadores, pelo acesso que seria assim facilitado às cadeiras, juntamente com a liberdade da sua colocação.

Referiram ainda razões de imagem de prestígio, em especial para com os turistas, destes jardins, das instituições que os administram, e da cidade de Paris em geral. Os entrevistados entendem, para

além disso, que as cadeiras com o modelo e modo de uso tal como hoje os encontramos são elementos de identificação importante destes espaços, e que devem por isso ser preservados. Também relacionado com esta razão, foi ainda referido o “serviço público” que será o acesso aos jardins e o seu usufruto o que, segundo os entrevistados, pressupõe que deva ser gratuito, assim como estes equipamentos que eles contêm.

Uma vez que o desenho das cadeiras em análise é, como já sabemos, do domínio público, actualmente vários fabricantes as fazem. Deste modo, quando uma destas instituições precisa, abrem concurso para o fabrico e fornecimento de novas cadeiras. Dada a sua confidencialidade, não nos foi facultado qualquer valor relativo a essa aquisição. Sobre isto, e pela observação dos materiais utilizados – tubo e chapa de aço carbono com acabamento de pintura – e os processos de serralharia utilizadas na produção – a viragem de tubo, a calandragem de chapa e a soldadura – que nos foi possível observar nos exemplares em uso, é-nos apenas permitido deduzir que se trata de um custo baixo por unidade.

Pela mesma razão, não nos foi possível também saber os custos de manutenção, embora esses tenham sido definidos como pouco elevados. Apenas pequenas reparações são feitas pelo pessoal encarregue de qualquer um dos jardins, como por exemplo na pintura, sendo que as cadeiras com estragos maiores, como pés dobrados ou soldaduras partidas, são simplesmente substituídas.

Para o Jardim do Luxemburgo, o fornecimento necessário decorrerá, com efeito, sobretudo das substituições, as quais foram consideradas como não sendo muitas, talvez algumas dezenas por ano. Foi admitido, obviamente, que haverá alguns roubos, mas foram considerados poucos, até raros. Cabe-nos constatar que estamos perante um recinto com algum controlo, cuja cercadura e o número de entradas (e saídas) têm sem dúvida um desempenho importante.

Quanto ao Jardim das Tulherias, por sua vez, foi-nos relatado que aí já haverá muitos roubos, assim como bastante degradação, esta causada sobretudo pelo uso indevido ou negligente. Foi, de facto, referido que este jardim tem mais entradas e tem uma cerca mais vulnerável, pelo que aqui a renovação anual é mais importante.

De referir ainda que estas cadeiras estão também disponíveis em qualquer um dos jardins entre o Outono e a Primavera; no entanto, guardam entre metade a um terço das cadeiras, conforme o tempo, para preservar as cadeiras mas também porque têm menos utentes.

Cabe-nos ainda assinalar que as duas instituições em questão – o Senado e o Museu do Louvre – têm um orçamento anual cuja dimensão torna o peso da administração destes dois espaços pouco significativo. Não nos foi possível obter dados concretos para o Museu do Louvre, mas em 2010 foram destinados para o Senado 336,112 milhões de euros, dos quais 12,157 milhões de euros foram para o Jardim que administra¹⁰⁹. Como já referimos, não temos dados específicos sobre o custo das cadeiras em estudo, mas com alguma facilidade deduzimos que os valores inerentes a esses equipamentos têm uma dimensão muito reduzida face a estes montantes.

Observações e conclusões

Reconheceu-se que o Jardim das Tulherias e o Jardim do Luxemburgo ocupam um lugar próprio na cidade de Paris. Trata-se, poderemos argumentar, de espaços únicos, de características únicas, cujo contributo, sob vários pontos de vista, é essencial à cidade, pelo que lhes é devida toda essa atenção. Estes jardins merecem assim, não só ser preservados, como deverão também manter as primeiras posições no mapa de destaques da cidade, para o que já mereceram “distinções”, digamos assim, como a passagem à gratuitidade do uso das suas cadeiras por parte dos cidadãos.

A estas cadeiras, por sua vez, como julgamos poder observar, foi reconhecido, social e institucionalmente, um contributo essencial nessa caracterização, pelo que a sua preservação é fulcral para cada um dos espaços. À partida, a mobilidade das cadeiras pode ser considerada uma mera funcionalidade prática e somente uma questão de comodidade no seu uso. No entanto, o que foi tomado em consideração ultrapassou esta dimensão prosaica. Considerou-se, como julgamos ser possível constatar, que elas próprias caracterizam um uso, o de podermos transportar e escolher livremente o sítio onde nos sentamos, e que este uso, por sua vez e por si, é um importante elemento da identificação e caracterização, não só das cadeiras, mas também do espaço onde elas se encontram e usam.

O valor concreto dos custos decorrentes deste mobiliário não nos foi facultado, pelo que se torna difícil ter uma noção nítida da sua dimensão e confrontá-la com o restante contexto em estudo. Foi-nos, contudo, possível aceder ao orçamento anual de um destes espaços públicos de Paris, pelo que nos é possível perceber que os custos relativos à manutenção das cadeiras em questão serão uma fracção de menor importância nesse conjunto. Deveremos no entanto, ter em consideração que o custo adicional e inerente à mobilidade das cadeiras será sempre superior ao de outros equipamentos fixos. Apesar disso, é de assinalar que se entendeu tratar-se de um custo

¹⁰⁹ http://www.senat.fr/role/fiche/comptes_budget.html em 12-01-2011

indispensável para os espaços, que é um valor adicionado que justifica plenamente essa particularidade no uso.

Normalmente, num projecto relativo a mobiliário urbano, seja o projecto desse equipamento em si, seja o da sua selecção por catálogo para implantação num espaço, os principais critérios são relativos à sua forma e ao seu aspecto, e o seu uso e desempenho na utilização são, na maior parte dos casos, muito idênticos. Mas neste caso, teremos que admitir que a importância das características funcionais e de uso estão, pelo menos, a par desses aspectos formais.

	“Clássico”	J.Luxemburgo
designer	projecto	projecto
fabricante	fabricao	fabricao
paisagista	implantação	colocação
cidadão	utilização	utilização

Figura 114: Comparação dos atributos dos intervenientes entre o processo habitual e o das cadeiras móveis dos Jardins do Luxemburgo e do Louvre (elaboração do autor).

Uma outra reflexão nos é suscitada: será talvez de procurar considerar o princípio de não observar os custos relativo ao mobiliário urbano isoladamente nem comparando apenas segundo uma perspectiva económica e de custos directos, mas segundo todo o contexto em que estes equipamentos se inserem, tanto pela observação dos custos totais de um espaço público, como nos custos decorrentes de um espaço público de má qualidade, como ainda no seu possível contributo para a imagem da cidade, para o aumento do uso e da qualidade do espaço público (e logo, também, nos retornos a longo prazo).

É incontornável o facto de que os espaços aqui analisados têm também características favoráveis a este mobiliário volante, já que são cercados, têm alguma vigilância e encerram à noite. São efectivamente espaços menos devassados do que uma comum rua ou praça. Seja como for, caberá aqui uma outra reflexão para a generalidade da produção do mobiliário urbano, esta relativa ao poder de intervenção do cidadão utilizador. Com efeito, neste caso há, para este interveniente, um maior poder de actuação no processo de produção do mobiliário urbano. No processo clássico, o mobiliário urbano já se encontra implantado e fixo num dado local e com uma orientação previamente definida; no caso destas cadeiras, será o utilizador a tomar estas decisões, ou seja, esta

última fase de produção fica a seu cargo. Já não é, na realidade, uma fase de projecto, definida previa e separadamente da sua utilização, e com carácter definitivo, mas antes algo que faz parte da utilização e que pode ser alterado nessa altura, e logo, que é natural ao utilizador.

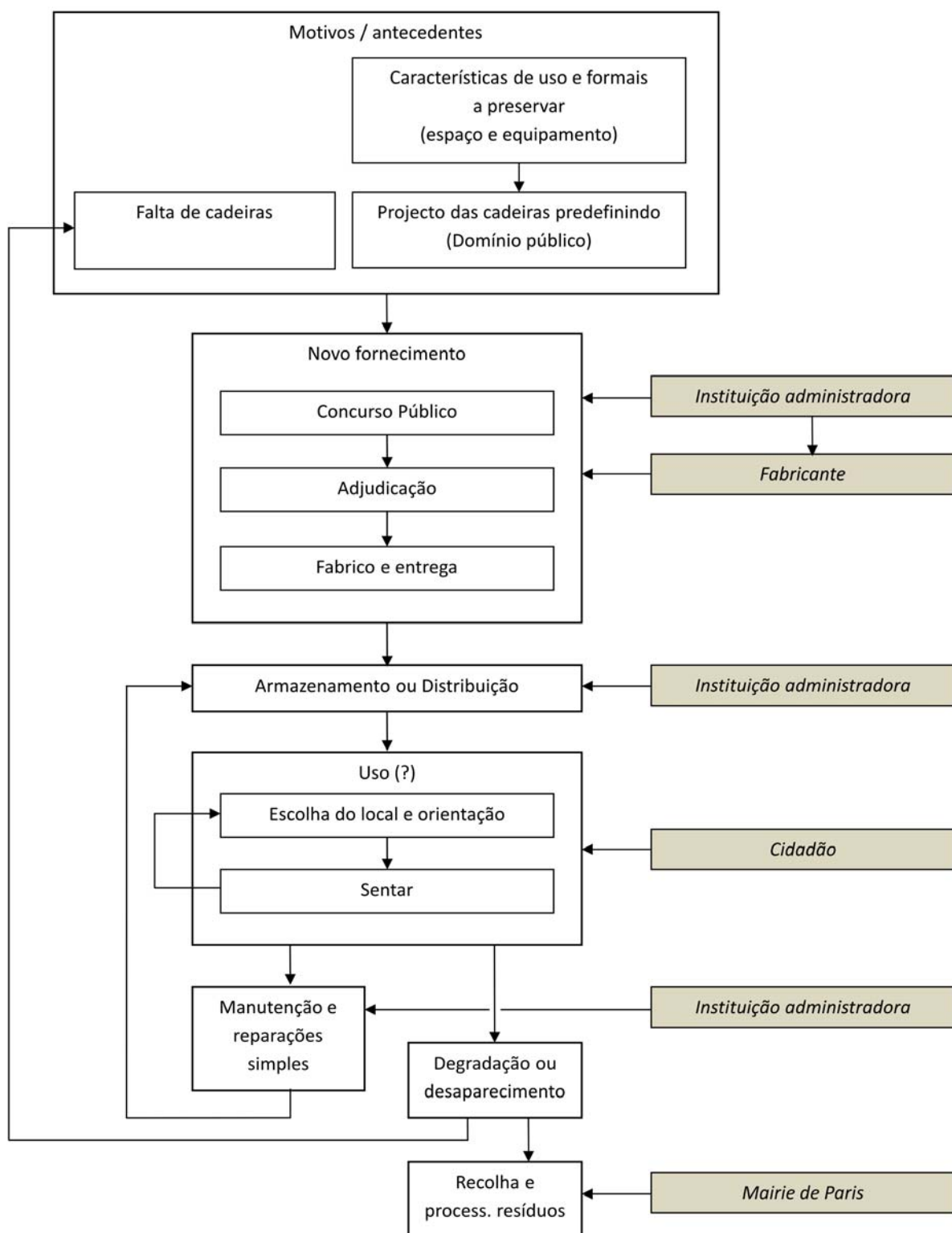


Figura 115: Processo das cadeiras dos jardins de Paris

4.2.2. Plano de Salvaguarda no Núcleo Histórico de Sacavém

Baseado na entrevista a Luz Valente Pereira realizada em 2/7/2011 e na entrevista a Maria João Gonçalves realizada em 11/7/2012, em conjunto com a consulta aos documentos referidos. Analisa-se aqui a aplicação (embora não tenha chegado a ser terminada) da metodologia de reabilitação urbana de Luz Valente Pereira (1991, 1994, 1999) no Plano de Salvaguarda do Núcleo Histórico de Sacavém, coordenado por Maria João Gonçalves.

A metodologia

Segundo nos disse Luz Valente Pereira, a metodologia de reabilitação que propõe “derivou da análise das metodologias de planeamento que se esgotam na elaboração dum plano – um relatório, desenhos de zonas e um regulamento – desligado das pessoas e da realidade das dinâmicas sociais, burocrático, incompreensível para a larga maioria dos que virão a ser afectados por ele, mas orientador da especulação sobre os terrenos, que não tem em conta a constante evolução da vida real dos locais, que rapidamente se desactualiza, que não se compromete com as ações a realizar no curto prazo as quais continuam a ser decididas ao sabor das conveniências dos políticos e não na sequência natural do processo de planeamento. Acrescente-se que nada contribuem para a evolução cultural das populações uma vez que nada aprendem nem discutem sobre si e sobre as suas condições de vida, nem sobre a organização e desenho do seu território”.

Para esta autora, preparar e fechar um plano de intervenção urbana e depois aplicá-lo é inútil, porque desse modo está sempre desactualizado. Um processo deste modo hermético à sua envolvente nunca consegue ter devidamente em conta as suas inúmeras condicionantes, mesmo as económicas, as quais, para além de inúmeras e diversas, numa cidade estão em constante mutação.

Para enquadrar a sua proposta (Valente Pereira, 1991), refere que, embora se tenha tratado de uma “actividade que inicialmente se limitava à recuperação de monumentos” (p.viii) considera que a reabilitação urbana deve ser considerada como um “processo corrente de intervir no tecido urbano existente com o objectivo de fomentar o desenvolvimento da comunidade nele territorializada, desenvolvimento encarado nas suas múltiplas dimensões incluindo a espacial: a organização e a qualificação do território. (...) É um processo de desenvolvimento, uma dinâmica de transformação que se realiza a partir da comunidade e do seu território para que esta equacione, avalie e elabore a sua própria evolução, a construção da sua modernidade, a sua apropriação dos espaços” (p.1). Assim, a reabilitação urbana, ao “gerir o conjunto das acções necessárias para realizar o desenvolvimento local nas suas múltiplas componentes de forma descentralizada e articulada com

o planeamento do aglomerado urbano” (p.viii), “não separa a comunidade do seu espaço de vida, não divorcia a qualificação espacial do desenvolvimento social.” (p.1).

Esta metodologia (Valente Pereira, 1991) visa assim sobretudo o desenvolvimento, que aqui se define como algo que “não tem definição unívoca”, que “é evolutivo”, “relativo”, “multidimensional”, que “tem de se concretizar na vida quotidiana e no território onde ela se processa”, para além de “conflitual”, (p.4-5); que tem como características ser um “processo social, sempre em aberto, uma acção contínua no tempo, e localizada no espaço, elaborada pela própria comunidade em ligação com o seu território. (P6). Assim, surge-nos também como importante característica desta metodologia o facto de se propor principalmente como um processo dinâmico e contínuo.

Definindo como principal objectivo prestar “apoio técnico à decisão política e à efectivação duma acção contínua de desenvolvimento das comunidades territorializadas em áreas urbanas” (Valente Pereira, 16:1991), poderemos ainda referir que se pretende aplicar uma metodologia que não se esgota num plano, pretende ser permanente, acompanhando a evolução da cidade, para a participação e para o planeamento de acção (da equipa de técnicos), integrando a gestão corrente da autarquia.

Quanto à sua estrutura, e ressalvando tratar-se de um processo dinâmico, definem-se as seguintes fases principais (Valente Pereira, 1991:17-18) (Tabela completo no fim deste ponto):

- Fase I - Preparação técnico-política
 - Proposta de planeamento e programação preliminares;
 - Início de informação pública
- Fase II - Comunicação Alargada e discussão pública
 - Detecção e captação dos conhecimentos, capacidades e dinâmicas locais de desenvolvimento para efectivar a reabilitação e inseri-la nas práticas sociais
- Fase III – formalização do planeamento e programação preliminares e sua implantação
 - Preparação do planeamento/acção de reabilitação
- Fase IV – Realização do planeamento/acção

Como podemos constatar, nesta proposta os técnicos têm um papel central na fase inicial, sobretudo aqueles com aptidões no âmbito formal e espacial, como é o caso dos arquitectos, já que nesta fase, que é fundamental para este processo, se baseia numa leitura formal e física/espacial do

território em questão. Haverá, no entanto, uma diversidade necessária para a formação da equipa de trabalho para complementar.

Pretende-se, com efeito, que os técnicos, aproveitando a sua capacidade de leitura, se apercebam da sua própria posição sobre a área que abordam. Uma leitura da imagem “pode permitir apanhar coisas que não vêm nos livros ou inquéritos”, conforme nos referiu a autora na entrevista. Através de um “tactear”, que pode incluir perguntas ocasionais, pode assim ser efectuada uma abordagem de uma forma mais rica, sobretudo sensitiva, genérica e mais alargada do que outra estritamente objectiva ou científica. A leitura do local poderá permitir conjugar e compreender outro tipo de informação, mais “dura”.



Figura116: Esquema do processo pretendido para a interpretação do território a reabilitar (elaborado pelo autor na ocasião da entrevista efectuada a Luz Valente Pereira)

Seguidamente, face às necessidades determinadas, avaliam-se os meios disponíveis, para os quais podem contribuir (quer efectivamente, quer para a sua determinação) os diversos membros da sociedade, incluindo os diversos agentes com atividades profissionais na área. Pretende-se sobretudo que resulte um “caldeirão de informação” para a equipa de planeamento, do qual se elabora um caderno de encargos para desenvolvimento e concretização.

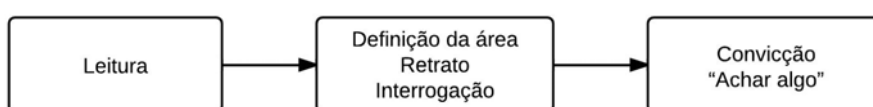


Figura117: Esquema do processo pretendido para a elaboração do diagnóstico para a reabilitação do território (elaborado pelo autor na ocasião da entrevista efectuada a Luz Valente Pereira)

Acima de tudo, trata-se de uma leitura continuada e permanente, com o intuito de acompanhar a evolução da cidade. Porque com este método não se pretende que o resultado seja um plano, mas uma evolução de intervenções, embora possa haver uma fase de arranque mais singular.

O método em questão pretende basear-se sobretudo na observação do funcionamento e uso da cidade, pelo que os técnicos e os projectistas deverão estar sobretudo em campo, experimentando, observando e propondo em função dos resultados e da sua evolução. Por exemplo, uma das acções

em Sacavém, como veremos, foi retirar temporariamente, do seu núcleo histórico, o trânsito automóvel. Isso permitiu observar como o seu espaço público foi então utilizado e usufruído, que alterações se observaram e qual a reacção dos vários grupos da população, nomeadamente “qual o interesse e capacidade de participação e de proposta”.

Facilmente se compreende que se trata de uma competência sobretudo camarária (ou de uma entidade administradora do espaço público), para a qual este método é dedicado, até pela circunstância específica do âmbito de intervenção. No entanto, a continuação do processo permitirá alguma delegação a outras entidades ou instituições.

A implementação em Sacavém

No final dos anos 80 do séc. XX, época em que se começa a desenhar o Plano de Salvaguarda de Sacavém, segundo Maria João Gonçalves, “planeamento” era em muitas câmaras municipais pouco mais do que uma palavra, por vezes até constava no nome de uma divisão ou gabinete, mas poucos sabiam realmente qual a sua necessidade ou importância na gestão autárquica.

Apesar disso, os executivos da Câmara Municipal de Loures dessa altura, em particular o seu presidente, Severiano Falcão, tiveram a percepção dos efeitos do grande crescimento de edificado e da pressão imobiliária sobre o património do concelho que começara a ocorrer a partir dos anos 60. Seria necessário tomar medidas urgentes que preservassem o que ainda restava de uma antiga região predominantemente rural, caracterizada, por exemplo, por diversas quintas, a par de alguns pequenos núcleos urbanos como é o caso de Sacavém.

Era visível, para além do património que ia desaparecendo, os vários problemas sociais que assolavam o município, traduzidos, por exemplo, num vandalismo exacerbado. O profundo desenraizamento da sua população verificava-se não só na sua grande parte que era imigrante, mas também naqueles que nela eram residentes há mais tempo, uma vez que aí não encontravam referências que pudessem contribuir para a sua identidade.

Criou-se assim, em 1986, um grupo de trabalho, dentro da Divisão de Planeamento da Câmara de Loures, para estudar o património deste concelho, com vista à sua identificação, registo e salvaguarda, e consequente colmatação, pelo menos em parte, dos referidos problemas. Diagnosticado o território, ponderou-se uma estratégia de intervenção e elaborou-se um plano de acção, divulgando-se a situação de então e as consequentes necessidades de preservação.

Determinou-se como estratégia imediata mais adequada, e como experiência piloto, a reabilitação dos referidos antigos núcleos urbanos, os quais poderiam ser focos estruturantes de referência e de identidade do território. Inclusivamente, nestes, a pressão urbanizadora surtia também o efeito do abandono da sua população residente, a qual, aliciada com a nova construção que surgia¹¹⁰, se mudava para os novos bairros. Tal resultaria da procura de uma promoção social, mas era também, simplesmente, a consequência da procura de melhores condições de habitação, dada a degradação dos referidos núcleos na altura.

Para além da urgência de intervenção que era necessária por si só, Sacavém surgiu como a melhor possibilidade para uma fase inicial do referido plano de âmbito municipal. Tratava-se de um desafio tecnicamente aliciante, conforme nos confessou Maria João Gonçalves, mas que apresentava como vantagens objectivas tratar-se de um núcleo com um conjunto urbanístico e edificado assinalável. Logo na altura também se compreendeu que se tratava de uma população “socialmente rica” e significativa, factores muito oportunos para a urgente estruturação da identidade do território. Apesar disso, e a título de exemplo para melhor compreendermos os problemas que se encaravam na altura, alguns dos sacavenenses não tinham orgulho do sítio onde moravam a ponto de preferir dizer que moravam em Moscavide, uma povoação vizinha, muito mais recente e com muito menos referências históricas.

Por outro lado, esse património construído não era suficientemente importante a ponto de ser necessário todo o complexo processo de intervenção das instituições como o IPPAR¹¹¹, o que alongaria a sua execução; também pela sua menor dimensão, a reabilitação desse conjunto necessitaria pois de menor financiamento. A sua localização geográfica foi também um factor favorável, já que se entendeu que a grande proximidade com Lisboa permitiria um conjunto de sinergias. Adicionalmente, começava a desenhar-se a possibilidade da Expo 98, que se viria a implantar em terrenos contíguos, o que, a par de tornar mais urgente a necessidade da sua reabilitação, era também uma oportunidade, dadas as grandes intervenções que então se começavam a adivinhar. Assim, após proposta ao executivo por parte da equipa técnica, determinase que o núcleo antigo de Sacavém seria alvo de um plano de salvaguarda.

Maria João Gonçalves teve conhecimento da metodologia de reabilitação urbana proposta por Luz Valente Pereira através de um dos vários encontros e simpósios em que participou ou assistiu (não se recorda qual). Para si, tratava-se de um processo particularmente adequado ao referido plano de

¹¹⁰ Alguns moradores aspiravam o que designavam como casas “de paredes lisas”, segundo refere Maria João Gonçalves.

¹¹¹ Actualmente substituído pelo IGESPAR, Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, IP

acção e à intervenção que se começava a definir especificamente para Sacavém, em especial pela sua vertente de proximidade com a população e a noção de reabilitação muito abrangente que nele se propunha. Era aí dado um especial relevo à dimensão social, conforme afirmou esta entrevistada, o que seria um modo particularmente adequado de diagnosticar, assim como de responder, aos problemas referidos. Por sua vez, o processo flexível e contínuo de “planear agindo e agir planeando” permitia uma “actuação imediata”, o que, dada a urgência necessária que já referimos, era também muito oportuno.

Em 1989-90 o Gabinete de Salvaguarda do Núcleo Antigo de Sacavém é implantado no local, segundo directiva do referido plano de acção previamente definido, mas também já de acordo com a perspectiva de proximidade com a população da referida metodologia de reabilitação (a Câmara de Loures contratou o Laboratório Nacional de Engenharia Civil para que o GURPLAM¹¹², do qual Luz Valente Pereira era coordenadora, realizasse o trabalho de consultadoria ao longo do desenvolvimento do plano de reabilitação em questão). Entendeu-se que essa localização era necessária para um correcto diagnóstico, não só do núcleo urbano em si, mas de toda a zona circundante, através de uma melhor interacção e envolvimento com a população. Do modo incisivo que a metodologia propunha, seria assim possível de facto compreender melhor os usos, percepções, circuitos, actividades e outras relações, assim como as aspirações, que as pessoas faziam daquele sítio.

No intuito da elaboração de um diagnóstico completo que era assim necessário, foi criada para o Gabinete uma equipa de trabalho multidisciplinar. Como era fundamental o efectivo envolvimento e participação da população, esta incluía um animador cultural e um jornalista. Estabeleceu-se que haveria uma discussão pública por cada tema relativo ao plano de reabilitação. Os seus temas eram gerais (habitação, espaço público, etc.) e transversais aos planos de acção que entretanto se estabeleceriam (e que seriam apresentados previamente ao executivo da Câmara de que a seguir falaremos). O referido animador revelou-se necessário uma vez que, com o intuito de suscitar mais o interesse e a participação, essas discussões integravam-se numa semana de diversos eventos e actividades culturais e festivas.

O jornalista, por sua vez, teria como função manter o contacto e a proximidade entre a população e a equipa técnica para além desses eventos, para o que haveria um “jornal do plano”, o qual, por um lado “traduziria” e divulgaria a actividade da equipa técnica, e por outro receberia o respectivo feed-back da população. Contudo, conforme desabafou Maria João Gonçalves (essa foi também a

¹¹² Grupo de Estudos de Urbanismo e Planeamento Municipal

opinião de Luz Valente Pereira), esse canal acabou por não funcionar desse modo previsto, dada alguma falta de sensibilidade que era necessária (ou disponibilidade) do jornalista em questão.

A equipa começa a desenvolver o seu plano a partir de 1989 com a criação do gabinete; em 1991 tinha chegado a uma primeira versão do plano, o qual previa profundas intervenções, em várias vertentes e aspectos, de reabilitação do núcleo urbano em questão. Com o intuito de providenciar do modo mais eficaz a informação necessária aos políticos autárquicos, assim como prestar todo o apoio técnico na sua decisão, sobretudo no modo como se sucederia a sua concretização, essa versão concretizou-se num conjunto de onze acções. Este funcionaria como um “menu a la carte”, com o qual os executivos poderiam estabelecer, ouvindo os técnicos e estando sensíveis às reacções da população, as prioridades e definir as estratégias de actuação. Conforme frisou a Maria João Gonçalves, estas acções eram fundamentadas também um estudo financeiro, programação de acções e orçamentos parciais e globais.

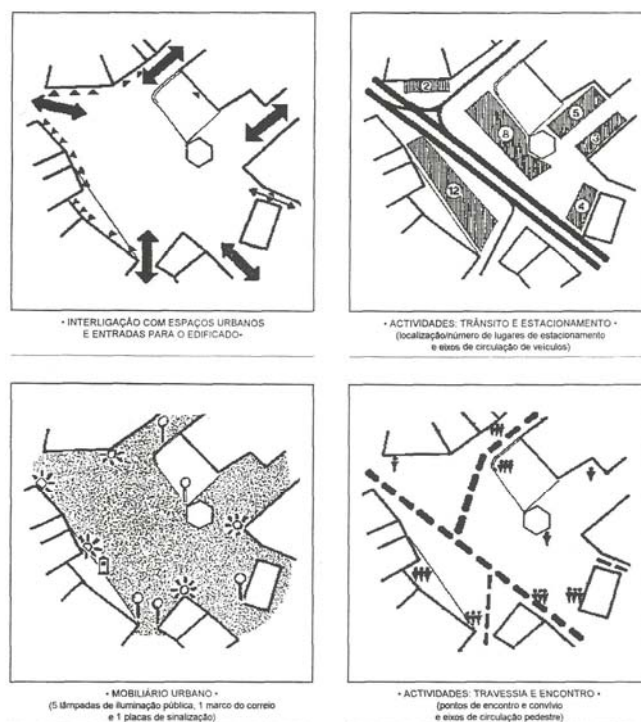


Figura 118: Plantas-esquemas com caracterização e diagnóstico do Largo 5 de Outubro (Plano de Salvaguarda de Sacavém, 1991, apresentada em anexo em Valente Pereira (1999)). Indicam os acessos, circulação rodoviária e estacionamento, mobiliário urbano e percursos pedonais e locais de permanência. Este documento apresenta também, em relação a este largo, o levantamento das actividades predominantes, tipos de pavimento, cores das fachadas, pormenores arquitectónicos assinaláveis, bem como os edifícios e seu estado de conservação.

Contudo, após a apresentação deste plano e das suas acções pela equipa aos executivos, essas decisões não sucederam como esperado ou como seria necessário. Mantinha-se, de facto, a urgência e a oportunidade da intervenção; teria até surgido a possibilidade do seu financiamento ser

feito com fundos exteriores à autarquia. Para além disso, também fruto da proximidade e do contacto que entretanto se criara, a população à medida que iam surgindo as expectativas, pressionava cada vez mais a equipa do gabinete.

Em consequência, começa a ser cada vez mais difícil a relação do gabinete em análise com a restante Câmara, incluído com os executivos, já que estes entretanto eram outros, fruto das eleições que entretanto ocorreram, e até com a Divisão de Planeamento a que pertencia. Poucos na altura realmente compreenderiam a sua grande actividade e produção, o modo como se desenrolava, que era muito diferente do habitual, tanto no seu ritmos, como no seu propósito,

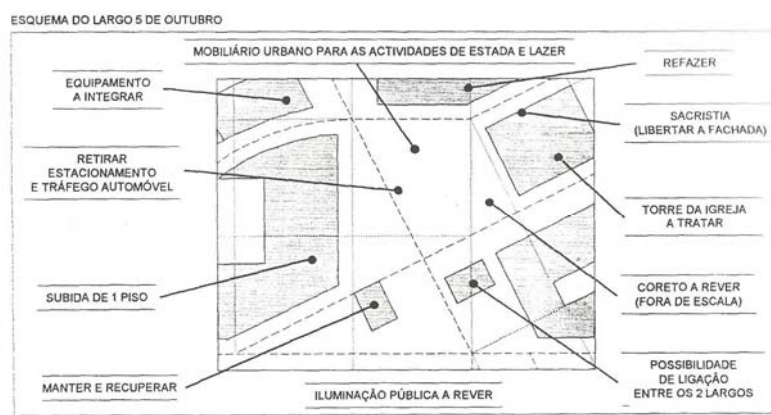


Figura 119: Planta-esquema Lg 5 out. indicando propostas (Plano de Salvaguarda de Sacavém, 1991, apresentada em anexo em Valente Pereira (1999)). O documento onde se encontrava este esquema definia as propostas determinadas por este plano para o Largo 5 de Outubro: “Dignificar e valorizar a qualidade de espaço público urbano; Retirar o tráfego automóvel e o estacionamento à superfície, criando um parque de estacionamento subterrâneo; Ampliar o espaço público para norte (...); Reabilitar o edifício do Centro Escolar Republicano, introduzindo um equipamento de forte carácter urbano central (...); Criar incentivos à qualificação dos espaços e actividades económicas; Pavimentar o espaço exterior, criando locais com aptidão para os diversos tipos de actividades ligadas ao estar, lazer, recreio, convívio e espectáculo (...); Melhorar a iluminação pública; Captar para o Largo ou proximidades actividades de forte cariz urbano central.

Apesar da demora das referidas decisões e das dificuldades, o gabinete avança em 1992 com a realização da discussão pública dos respectivos eventos, os quais tiveram como primeiro tema o espaço público. O executivo não esteve pessoalmente presente, contudo, segundo Maria João Gonçalves (e também Luz Valente Pereira), foi um êxito dada a envolvimento e mobilização da população, assim como da sua compreensão do que se pretendia.

A título de exemplo, um dos eventos realizados para o referido tema, em consenso com os moradores, foi o “Dia do Espaço Público”, onde se retiraram os carros do núcleo antigo. Embora pudesse haver alguma desconfiança ao início, pelo menos por parte de alguns, tratou-se de um evento muito participado, o grau de envolvimento de alguns dos moradores levou-os a ponto de lavarem a rua. Como se depreenderá, este evento visava sobretudo suscitar o debate acerca da

reabilitação do espaço público, em particular do referido núcleo, questionando aos moradores, através da sua experiência constatada empiricamente (com as esplanadas e os espaços pedonais que aí surgiram temporariamente) se isso incluiria retirar permanentemente o trânsito automóvel.

Como se compreende, aumentava a pressão da população, assim como a urgência relativa ao aproveitamento das oportunidades, o que obrigava o gabinete a aumentar também, por sua vez, a pressão no sentido de obter uma resposta concreta para que a situação se definisse. Contudo, o executivo central autárquico manteve o seu silêncio em relação às decisões pedidas, a ponto de se criar uma situação de indefinição que levou à demissão de Maria João Gonçalves do seu cargo de coordenadora deste Gabinete em 1993.

Questionada sobre o que foram para ela as razões para este silêncio, Maria João Gonçalves refere que se tratou sobretudo de perplexidade por parte dos executivos. Sublinhe-se que a questão não era o financiamento necessário, ou a eventual falta dele por parte da autarquia; tal estaria assegurado, conforme já referimos, através de fundos externos. Também não terá sido tanto para a então coordenadora, ao contrário da opinião de Luz Valente Pereira, um possível receio de perda de protagonismo perante a população, em favor dos técnicos com que a contactavam frequentemente. O plano até previa o devido envolvimento dos executivos, como se constata, sendo-lhes possível toda a visibilidade e protagonismo que quisessem, embora isso não tenha sido devidamente aproveitado, como vimos.

De referir que a introdução de novos políticos, com as eleições autárquicas que entretanto ocorreram, foi também um factor muito desfavorável. Constatou-se que alguma descoordenação a esse nível resultou de uma comunicação ineficaz aquando da transmissão de mandatos (apesar de ser o mesmo partido, a CDU (PCP-PEV), a manter-se à frente da Câmara de Loures). Seja como for, foi claro para Maria João Gonçalves que as prioridades políticas entretanto mudaram.

Segundo afirma Maria João Gonçalves, pelo menos até essa altura não era habitual a reabilitação de uma zona do modo profundo e multidimensional como se propunha, o que obrigava a decisões de envergadura que os políticos não estariam disponíveis para tomar, quer porque não se aperceberam da sua necessidade e propósito, quer porque simplesmente não as entenderam (ou não quiseram entender), dada a sua complexidade e inovação. Estava, de facto, em jogo um compromisso também profundo, o qual os políticos nessa altura preferiram não assumir. Esse compromisso, conforme referiu também esta entrevistada, estava acentuado pela envolvência da população que entretanto se dera, “a participação cidadã é engulho para os políticos!”, afirmou.



Figura120: O Largo 5 de Outubro em Sacavém na actualidade (foto do autor, 14/7/2012). Manteve-se a circulação rodoviária, embora de acesso local, o estacionamento também foi reduzido. Foi implantado algum mobiliário urbano que privilegia e preserva os usos pedonais. A intervenção no núcleo de Sacavém, concretizada já sem a coordenação de Maria João Gonçalves e a consulta a Luz Valente Pereira, é menos profunda e abrangente do que tinha sido proposta inicialmente.

Conclusões e observações

Este caso indica-nos todas as vantagens que podem resultar do entrosamento e contacto próximo entre as autarquias (ou outras entidades executivas e administrativas) e a comunidade científica e investigadora nos processos relativos à cidade e ao espaço público.

Ao propor um processo contínuo, dinâmico e próximo da população, a metodologia aqui abordada procura corresponder da melhor maneira à realidade dos processos da cidade e o espaço público. Esse será o processo que mais conseguirá acompanhar a evolução constante e cada vez mais rápida dos seus usos e solicitações.

Poderá argumentar-se que optar por processos muito inovadores poderá acarretar perigos e imprevistos no decorrer da intervenção. Diríamos no entanto, que pelo menos os eventuais problemas que aqui abordámos não resultaram da metodologia proposta em si ou de qualquer desfasamento seu com a realidade que demonstrasse tratar-se de algo utópico, mas simplesmente da falta de disponibilidade por parte de alguns dos intervenientes. De facto, este caso demonstramos, sobretudo, a importância crucial do compromisso e sintonia entre todos os intervenientes quando estamos perante uma intervenção desta abrangência e profundidade.

Assim sendo, se podemos apontar alguma falha nesta intervenção que analisamos, isso não terá decorrido da metodologia utilizada, mas sobretudo do modo como ela foi, ou melhor, como acabou por não ser, implementada.

Figura 121 (Pág. Seguinte): Processo da metodologia de reabilitação urbana proposta por Luz Valente Pereira (1991, 1994, 1999, adaptação do autor).

Designação / Objectivos		Tarefas / etapas	Intervenientes	Procedimento	Meios	Resultados
Fase 1 Preparação técnico-política: Proposta de planeamento e programação preliminares; Início de informação pública	Preparação técnico-política; concertação entre agentes (formas); descrição e interpretação da realidade presente; Divulgação e informação pública; Criação de bases práticas de entendimento e colaboração	1. Formação duma opinião técnica sobre a área e a sua reabilitação.	Equipa técnica de planeamento local e Junta de Freguesia; interlocutores privilegiados e representativos (Ex: escolas, associações, comerciantes)	Elaboração de estudos sumários de planeamento que englobem O estudo da inserção da área no seu contexto urbano e municipal / regional. O conhecimento e a avaliação da área urbana	Leitura, interpretação e avaliação da imagem da área urbana e das suas relações com o envolvente. Levantamento dos planos, programas e compromissos existentes das acções e empreendimentos em curso e a realizar a curto prazo. Entrevistas com autarcas, técnicos e outros agentes sociais que conheçam bem a área. Estudos sectoriais. Investigação jornalística sobre a área e a sua reabilitação; Recolha e organização da informação disponível; identificação dos agentes sociais directamente ligados à transformação da área. Acompanhamento de problemas de gestão corrente.	Caracterização e diagnóstico. Propostas alternativas de planeamento. Medidas cautelares. Identificação de agentes, meios, procedimentos e instrumentos para a realização do planeamento / acção, incluindo os programas detalhados e estudos que serviram para proceder à escolha de projectos e estudos que se revelem necessários para passar das acções planeadas às intervenções concretas no terreno (ex: projecto de edifícios, espaços urbanos, planos de pormenor, intervenções sociais, ou de reorganização de serviços.
		2. Ajuste e concertação a nível municipal do trabalho realizado em 1. Primeira tomada de decisões.		Sobretudo técnicos e políticos da Câmara Municipal		
		3. Ajuste e concertação a nível regional/central. Segunda tomada de decisões.		Equipa técnica de planeamento local, técnicos e responsáveis de nível municipal e central/regional.		
		4. Definição da proposta técnico-política do planeamento e programação preliminares da reabilitação da área.		Equipa técnica de planeamento		
Fase 2 Comunicação Aberta e discussão pública	Detecção e captação dos conhecimentos, capacidades e dinâmicas locais de desenvolvimento para efectivar a reabilitação e inserção nas práticas sociais; identificar os procedimentos e agentes para continuar o processo de comunicação com a população	1. Organização da comunicação e discussão públicas	Equipa técnica em conjunto com as Juntas de Freguesia e Câmara Municipal Equipa técnica Vários	Estabelecer locais, emissores, canais e receptores de comunicação	documentação anteriormente elaborada	a) Apresentação das propostas técnicas políticas de planeamento em especial as definidas como prioritárias, e programação preliminares, que inclui: Caracterização e diagnóstico da área e sua inserção. Definição de objectivos, políticas e estratégias. Propostas alternativas de intervenção. Indicação de meios humanos e financeiros necessários. b) Estabelecimento dos procedimentos e meios para a realização do diálogo e concertação técnica-política as diferentes níveis. c) Início das bases de informação pública, através da comunicação social e de posto de atendimento.
		2. Preparação do material para apresentação e discussão		Preparação do trabalho realizado na 1ª fase para a sua adequação à comunicação com a população		
		3. Realização da comunicação e discussão públicas do planeamento e programação preliminares.		Distribuir a comunicação no espaço e no tempo as diferentes realidades de forma a atingir os diferentes agentes sociais		
		4. Estabelecer as formas e agentes de comunicação permanente		Sessões de trabalho com técnicos e responsáveis da Administração central, empresas concessionárias e outros agentes sociais		
Fase 3 Formalização do planeamento e programação preliminares e sua implementação	Preparação do planeamento/acção de reabilitação	1. Versão final do planeamento e programação preliminares.	Equipa técnica de planeamento local. Agentes directamente envolvidos na gestão e execução da reabilitação segundo as suas áreas de acção	Estabelecer locais, emissores, canais e receptores de comunicação	Programa relativo às acções decididas para intervenção a curto prazo. Plano e programa de reabilitação urbana (urbanístico e de desenvolvimento socio-económico e cultural). plano geral da área e/ou sub-áreas, planos e programas de acção social relativos a sectores específicos da população ou de contexto da instalação de actividades. Critérios e regras de avaliação e controlo do uso e ocupação do solo e da construção. Sistema de informação de base geográfica. Instrumentos de participação e concertação.	Visão local sobre a área e a sua reabilitação. Perspectivas, estrangulamentos, dinâmicas locais de desenvolvimento; Identificação de conflitos e conteúdos. Abertura à apropriação e responsabilização dos agentes locais.
		2. Elaboração dos instrumentos de planeamento e gestão.		Preparação do trabalho realizado na 1ª fase para a sua adequação à comunicação com a população		
		3. Realização da implementação do planeamento.		Distribuir a comunicação no espaço e no tempo as diferentes realidades de forma a atingir os diferentes agentes sociais		
		4. Planeamento e programação das acções a realizar a curto prazo.		Sessões de trabalho com técnicos e responsáveis da Administração central, empresas concessionárias e outros agentes sociais		
Fase 4 Realização do planeamento/acção	Realização do planeamento, gestão e execução de forma permanente, organizada e inter-relacionada	Planeamento contínuo. Apoio e avaliação das acções sucessivamente decididas e executadas e da gestão corrente.	Conforme rede e agente estabelecida e dinâmica desencadeada pela própria acção. Junta de Freguesia e apoiada nos serviços municipais e na participação dos outros agentes sociais	Trabalho corrente de definição e realização de acções de transformação de responsabilidade pública, e de incentivo, acompanhamento e controlo da iniciativa privada		Dinâmica organizada instrumentada e auto-controlada de desenvolvimento e qualificação do território

4.2.3.Larus

Relatório e observações a partir da entrevista a Pedro Martins Pereira, gerente, da visita às instalações da empresa, ambas realizadas em 27 de Maio de 2010, e da consulta do site da empresa¹¹³ durante esse mês.

A Larus, Artigos para a Construção e Equipamentos Lda., iniciou a sua actividade em 1988, aproveitando o impulso de um concurso que então venceu, de concepção construção de 8 quiosques para a cidade de Aveiro. Esta foi, para o seu fundador, Pedro Martins Pereira, a oportunidade de concretizar as ideias baseadas no conhecimento previamente adquirido através do programa “Jeep – Jovens Empresários de Elevado Potencial” que tinha acabado de frequentar, juntamente com toda a experiência prática – tanto de produção, como de gestão, como ainda de comercialização – que teve ao trabalhar na “Alba”, empresa de fundição e metalurgia pertencente à família há várias décadas e que já produzia mobiliário urbano, além produtos de água e saneamento bem como outros acessórios para a construção civil, artigos para a agricultura, entre outros.

Concentrando desde sempre a sua actividade no projecto, fabrico e comércio de mobiliário urbano, a Larus inicialmente dedicou-se quase em exclusivo aos quiosques, bancas e esplanadas. Será sobretudo com a ocasião da Expo 98 que começa a avançar para outras tipologias de mobiliário urbano. Ao procurar fornecer o mobiliário urbano desse evento, acaba por vencer os concursos para o projecto e produção dos “quiosques multimédia”, para consulta e informação dos visitantes, e a produção da sinalética desse recinto, para a qual virá a contribuir também no desenvolvimento do seu projecto, nomeadamente no seu sistema de suporte e fixação. Dada a urgência desse momento e o bom desempenho que então demonstrou, a Larus teve ainda a oportunidade de desenvolver e fornecer abrigos para ensobrimento das filas de visitantes que então cresciam sob o sol de verão.

Partindo do conceito do fundador da empresa que o mobiliário urbano será, basicamente, tudo aquilo que permitirá às pessoas usufruir fora de casa o que usufruem dentro da mesma, desde então a empresa tem vindo a alargar e a renovar o seu catálogo de produtos, nos quais se utilizam diversas tecnologias de produção. Na realidade, a capacidade própria de fabrico concentra-se nas tecnologias consideradas mais rentáveis para a concretização destes produtos, ou seja a serralharia, para aço e alumínio, a carpintaria e da fibra de vidro, para além das subjacentes, como é o caso das cablagens e electrificação. A empresa pretende manter-se uma estrutura leve, flexível e não limitada por investimentos maiores em infra-estruturas de fabrico; a liberdade de projecto e as

¹¹³ www.larus.pt

possibilidades de concretização das ideias ditam assim quais das restantes tecnologias serão necessárias para encontrar a solução mais adequada, recorrendo-se assim à sub-contratação conforme necessário.

Esta mesma filosofia é aplicada ao caso particular da fundição, uma tecnologia, já por si, tradicionalmente associada ao fabrico de mobiliário urbano, e neste caso, como já vimos, bastante familiar a Pedro Martins Pereira. No entanto, dados os compromissos consequentes do investimento considerável nos equipamentos necessários para tal, como é o caso dos fornos e a sua manutenção, optou-se também pela subcontratação de uma empresa dedicada especificamente a esse processo. É o que já sucedeu tanto com a Alba, cujas instalações se encontram próximas das da Larus, como com firmas do estrangeiro, conforme tem sucedido mais recentemente. Esta opção permite assim que esta tecnologia se torne acessível e rentável, mesmo para uma empresa de menor dimensão como a Larus.

Como já se entende, na Larus os grandes automatismos não são necessariamente preferidos em detrimento de processos semi-artesanais. Não porque se trate de serem mais adequados à dimensão da empresa, mas porque, para além de frequentemente ser necessário que a mão-de-obra qualificada ocupe um lugar significativo, segundo uma filosofia de flexibilidade e adaptabilidade, procura escolher-se os meios de produção mais adequados ao projecto e a encomenda em questão. Acima de tudo, será dada prioridade à filosofia que baseia a empresa, a qual se afirma, sobretudo, como “uma empresa de investigação e desenvolvimento”, conforme consta no seu site.

Sendo a componente de projecto e o design o que de facto identifica a empresa, o departamento de design e projecto ocupa, de facto, um lugar de grande centralidade nessa organização. Haverá, contudo, uma grande proximidade entre os sectores da produção e de projecto, o que aliás vai também ao encontro do espírito de equipa que reina na empresa, conforme Pedro Martins Pereira procura manter, juntamente com uma atitude de respeito e acessibilidade de todos.

Esta configuração da fábrica estará assim mais adequada ao mercado de curtas séries a que se propõe. Para além disso, diríamos que uma das características do mercado do mobiliário urbano é que com pouca frequência as encomendas feitas à generalidade dos seus fabricantes vai além das poucas dezenas de exemplares.

Segundo o seu gerente, mais do que a qualidade dos materiais e da execução, a mais-valia da empresa está na qualidade do projecto e na capacidade de renovação permanente dos seus produtos.

Serão estes os seus principais meios para enfrentar a concorrência na actual era de globalização. Este contexto não é pois visto como uma adversidade, antes pelo contrário, já que abre mais possibilidades, como o acesso a mais tecnologias de fabrico pela subcontratação.

Esta estratégia e orientação são possíveis para uma empresa com esta dimensão, porque o investimento necessário para o lançamento dos seus novos produtos não tem um peso considerável no orçamento da empresa, pelo menos assim o considera o gerente. O mobiliário urbano, já por si, ao ser muitas das vezes um produto com uma complexidade técnica relativamente modesta, não terá peso considerável para o seu desenvolvimento. Mas, para além disso, frequentemente opta-se nesta fábrica por não se fazer sequer um protótipo na fase de lançamento, utilizando-se apenas a divulgação desse produto através de imagens virtuais, ou, quando muito, um modelo funcional. Em concreto, desenvolve-se o projecto de modo a que o produto fique pronto a entrar em produção, mas esta fase inicia-se apenas quando exista uma encomenda. Não há pois stocks, como se depreende, o que reduz ainda mais o investimento necessário num produto, sendo este outro factor para a referida renovação e diversificação de oferta.

Inclusivamente, esta flexibilidade permite uma grande permeabilidade a projectos externos e a autores que não integram a já considerável equipa permanente de design e projecto da Larus, o que até será mesmo visto como mais uma vantagem. De facto, têm sido também feitas edições de projectos resultantes de propostas de diversos autores, o que é tido como um importante factor de promoção da empresa, sobretudo através dos mais conhecidos (Siza Vieira, Daciano da Costa, entre outros). Para além disso, esta atitude permite ainda corresponder ao sempre bem-vindo e motivante desafio do desenvolvimento de peças para locais específicos, conforme Pedro Martins Pereira gosta de encarar estes projectos.

Outra razão para a atitude desta empresa está na procura de manter uma maior proximidade com os gabinetes de projecto de exteriores, como os de arquitectura e de paisagismo, sejam eles pertencentes às câmaras ou não. Porque, realça Pedro Martins Pereira, embora a compra seja concretizada por outros (onde os empreiteiros são uma boa parte), são os primeiros actores – os prescritores, conforme designa – que decidem a compra, ao indicarem a selecção feita das peças na implantação no espaço que projectaram, para não falar das ocasiões em que projectam também o mobiliário, conforme já referido. Dada esta orientação, a comunicação desta empresa concentra-se em formas e canais específicos fazendo, por exemplo, um investimento considerável, sobretudo dos meios humanos da empresa, para a presença em revistas e feiras técnicas e profissionais, bem como em candidaturas a prémios internacionais, como são os casos do DME Award em 2007, prémio que

se atribui à gestão do design por parte de empresas europeias, e do “Red Dot”, atribuído em 2008 à luminária “17”, da autoria de Francisco Providência.

Descrição dos processos de produção

Considerando o modo como se inicia o seu projecto, a Larus tem os seguintes tipos de produtos:

- a) Os produtos que surgem de um pedido específico de um cliente.
(ex: a sinalização para a Expo 98)
- b) Os produtos que surgem de uma colaboração com um autor externo.
(ex: a cadeira Mateo)
- c) Os produtos que surgem por iniciativa da equipa de projecto da Larus.
(ex: Linha Axis, uma das mais vendidas)

Nos casos dos produtos que surgem de um pedido específico de um cliente, seja este um museu, uma câmara municipal ou outro, pretende-se a colocação de peças com projecto próprio num espaço específico, logo, que não exista previamente no catálogo da Larus. Neste caso, pode o projecto ficar a inteiramente a cargo da equipa de projecto da Larus, ou pode esse cliente ter contratado um projectista para o produto em questão. Assim, o projecto será desenvolvido por esse projectista em conjunto com a equipa da Larus, ou apenas por esta equipa com o acompanhamento e aprovação do projectista externo e/ou do cliente.

Tem sido também frequente para a Larus aceitar a proposta de um autor externo, um arquitecto, um paisagista ou um designer, para o desenvolvimento de um projecto seu. Esta iniciativa pode também dar-se no sentido inverso, surgindo o produto a partir da proposta da Larus a um desses autores. Há ainda os casos em que os projectos são iniciados e desenvolvidos internamente, pela equipa de projecto da Larus. Note-se, no entanto, que apenas o primeiro caso pressupõe, à partida, a efectiva produção; nos dois últimos casos, a produção só terá lugar após uma eventual encomenda.

Fazemos a seguir uma descrição do processo, numerando as suas fases de acordo com o esquema que a seguir se apresenta. São, pelo cliente que faz a encomenda e/ou pelo seu projectista, apresentadas as necessidades e eventualmente um programa ou briefing para o início do trabalho (1). Uma vez que o gerente da Larus é também o coordenador da equipa de projecto, este é discutido e apresentado directamente à equipa de projecto, a qual coordenará toda a fase de projecto (3), sozinha ou com a colaboração do autor externo (2), conforme o caso. Logicamente,

nos casos em que o processo é iniciado por um projectista externo ou pela equipa interna de projecto, serão estes que estabelecerão esses pontos de partida.

Para além disso, existe a já mencionada proximidade entre a equipa de projecto e a de produção, dadas as características da empresa (*). Deste modo, é possível que as várias etapas que compõem a sua evolução estejam ligadas entre si de um modo reversível e não hermético, permitindo a fácil revisão a montante desta evolução de problemas que sejam detectados.

Conforme já referido, o cliente e/ou o projectista externo, em conjunto com a equipa de projecto da Larus, farão o acompanhamento e a aprovação de todas as fases do processo de produção (4), nomeadamente, dos esboços, do projecto final e do protótipo.

Ainda durante o decurso do projecto ou após a sua aprovação, executa-se modelos ou protótipos do produto, cuja concretização pode ir desde os modelos virtuais ao protótipo funcional, o que depende tanto da necessidade decorrente da evolução do projecto, como da disponibilidade financeira para esse efeito face aos custos em questão. Esta fase, naturalmente, é acompanhada tanto pela equipa de projecto, e do autor externo quando este exista (5), como pela equipa de produção da Larus (6).

No decurso da execução destes modelos poderá haver duas possibilidades: ou se inicia desde logo a produção (precedida da necessária preparação, embora, como já vimos no caso da Larus, esta seja mais simples); ou estes modelos servirão, antes de mais, para a divulgação e comunicação do produto em questão e, conseqüentemente, também da empresa, através da sua inserção no site e no catálogo, e da sua presença em feiras ou na imprensa especializada.

O impacto causado por esta visibilidade exterior que mais interessa à Larus é, obviamente, junto dos projectistas de espaços, sejam eles de equipas camarárias ou não (8), já que, em princípio, estes terão um peso decisivo na compra, porque lhes cabe indicar ao cliente dono da obra o modelo que foi seleccionado para implantar (9).

A partir das referidas indicações, o dono da obra faz então à Larus a encomenda das peças, o que dará início à sua produção (10). Esta estará a cargo da equipa de produção da Larus (11), embora se mantenha a mesma proximidade com a equipa de projecto, dada a também já referida reversibilidade da ordem das fases deste processo. Por esta razão, poderão existir protótipos para

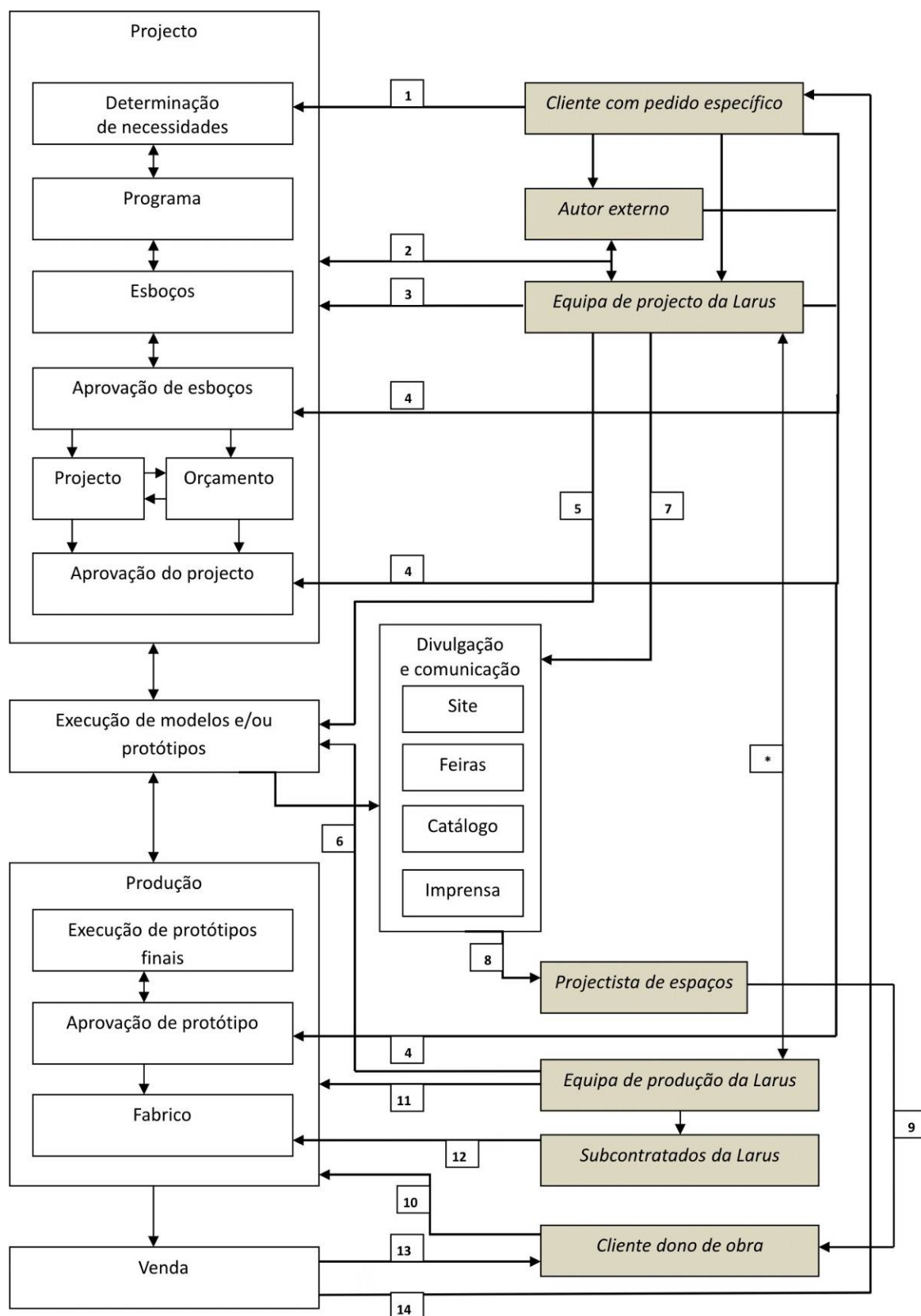


Figura 122: Processos da Larus (elaboração do autor)

testes finais prévios ao início de produção definitivo. A equipa de produção da Larus irá também controlar o fabrico executado pelo subcontratado para o efeito, conforme o caso (12).

Finalmente, a venda será feita, seja ao cliente que encomendou uma peça específica (14), seja ao cliente que seguiu a indicação do projectista do espaço (13), comprando uma peça previamente projectada, quer esta seja da autoria da equipa da Larus, quer seja de um autor externo.

Meios

De um modo geral, os meios utilizados nestes processos são o contacto pessoal, contacto telefónico, correio electrónico e fax, a documentação relativa à contratação, peças técnicas, escritas (memórias descritivas e caderno de encargos), e desenhadas (desenhos técnicos para aprovação e para produção), visualizações e ilustrações, maquetes, modelos à escala, modelos à escala funcionais, protótipos, fotografias dos protótipos e dos modelos, para além dos já descritos meios relativos à divulgação e comunicação (site, stands em feiras, artigos em revistas técnicas e profissionais e o catálogo da Larus).

Análise do portfolio

No site da Larus, o seu catálogo apresenta-se organizado nas seguintes categorias:

- “Mobiliário”, onde encontramos as linhas de mobiliário urbano, que podem ser compostas por assentos (podendo, dentro da mesma linha, variar o número de lugares e tipo), papeleira, bebedouro, conjunto de mesa com assentos (piqueniques ou jogo), mesa de churrasco, floreira, e finalmente apoio para estacionamento de bicicletas. Algumas destas linhas serão mais específicas de um tipo de espaço público (parque urbano, espaço de piquenique, rua ou praça, etc.) No entanto, todas se organizam segundo esta tipologia, embora nem todas apresentem um produto para cada um desses tipos.
- “Iluminação”, onde encontramos as luminárias da Larus, por enquanto apenas duas (sendo uma delas alimentada pela energia da luz solar armazenada durante o dia).
- “Acessórios”, onde constam peças isoladas, nomeadamente, grelhas de caldeira, pilaretes e dissuasores, apoios para estacionamento de bicicletas, estruturas de ensombramento e um contentor de dejectos caninos.
- “Quiosques”, em cinco modelos, variando tanto na forma como na função e no contexto a que se dedica (jardim, praia, alimentação e bebidas, tabaco e jornais, etc.)
- “Sinalização”, onde consta o sistema “poste Larus”, utilizado para a Expo 98, e as linhas “Quadris” e “Rondo”.

- “Abrigos”, referindo-se a abrigos de paragem de “bus”, ainda que aí conste também uma proposta para um MUPI.

Realçando a qualidade do projecto dos seus produtos e a atenção prestada ao mesmo, muitos dos projectos são da autoria de nomes conhecidos, como é o caso de Daciano da Costa, Francisco Providência, Siza Vieira, Alcino Soutinho, ou Souto Moura.

Quanto aos materiais, estes produtos são quase todos em aço, inox ou carbono, seja de serralharia e metalomecânica (perfis extrudidos e chapa), seja de fundição, com o acabamento por pintura. Muitos deles incluem também a madeira. No caso dos abrigos é ainda utilizado o vidro e, no dos quiosques, os painéis “tipo sandwich” ou de resina fenólica. Há ainda alguns assentos em betão, uma papeleira e um assento (banco IP6) em termoplástico roto-moldado, e ainda a luminária a energia solar em plástico rotomoldado. Podemos ainda encontrar o alumínio extrudido nos postes da sinalização para a Expo 98 e na estrutura de alguns equipamentos.

Sendo uma empresa que procura manter uma imagem de qualidade dos seus produtos, não só material mas de projecto, o seu concorrente mais próximo no mercado português será a Ieta Design, sendo ainda de considerar os produtos representados pela Citi XXI. A Fabrigimno também é um normalmente um concorrente sério nos concursos camarários a que a Larus se propõe, conforme considera Pedro Martins Pereira.

Análise de alguns produtos

Cadeira Mateo

A cadeira Mateo foi desenhada por Josep Mateo, o mesmo autor do projecto de requalificação da Praça da Devesa, ou do “Centro Cívico” de Castelo Branco¹¹⁴, local onde veio a ser inserida e para onde foi especificamente desenhada. O projecto foi desenvolvido entre 2006 e 2007, no âmbito do programa Polis daquela cidade, em colaboração entre este autor e as equipas de projecto e produção da Larus. Desde início, a intenção do autor foi permitir mobilidade a esta peça, podendo o utilizador escolher a posição que entender, ao longo da calha ondulante – seguindo o desenho do pavimento – onde o seu pé posterior está ligado por roldanas. Inicialmente o autor tinha até a intenção da possibilidade deste assento poder também rodar; no entanto o próprio autor viria a

¹¹⁴ Trata-se de um antigo quarteirão ocupado por um quartel militar, rodeado pela Alameda da Liberdade, Rua do Saibreiro, Rua José Bento e Rua da Sra. Da Piedade, cuja designação do projecto Polis é o Centro Cívico no local da Devesa, sendo o local de implantação deste mobiliário designado pela Larus como “Praça da Devesa” <http://www.cm-castelobranco.pt/index.php?link=ppcivico>. Na gíria constatámos que é designado, com óbvia ironia, como “As Docas”, dada a semelhança do grande espaço para onde confrontam os bares e restaurantes e onde se encontram as suas esplanadas.

desistir dessa ideia, receando problemas técnicos, apesar da referida equipa estar na disposição de encontrar uma solução adequada.

Tem havido problemas de conservação para este equipamento mas, contrário do que se poderia supor, estes não decorrem de qualquer problema de funcionamento ou fragilidade dos mecanismos que permitem a referida mobilidade. Com efeito, os problemas que se verificam decorrem da inadequação dos materiais de fabrico, nomeadamente a espessura demasiado reduzida da chapa utilizada para o tampo e as costas. Segundo Pedro Martins Pereira relatou, este desajuste derivou dos extremos e incompreensíveis cortes orçamentais que o projecto sofreu por parte do dono da obra.



Figura123: Um conjunto de cadeiras modelo "Mateo" no terraço da Praça da Devesa de Castelo branco. A mobilidade permitida pela calha acaba por não trazer vantagens efectivas, a única escolha real está no seu modo de agrupamento. Para além disso, este local é pouco propício à permanência dado o clima de grandes extremos de Castelo Branco. O ensombramento, que vemos ao fundo, com o único utilizador do local na altura da nossa visita, não está dentro do alcance destas cadeiras (foto do autor, 4/2011).

Numa observação no local, parece-nos que a mobilidade destas cadeiras tem como vantagem a possibilidade de as juntar ou afastar umas das outras, permitindo assim configurar o seu agrupamento em função dos seus utilizadores.

No entanto, parece-nos que esta mobilidade conseguida ficou aquém do que seria a intenção inicial. Constatamos que, de facto, as possibilidades para o utilizador não vão além da estrita mobilidade já referida: as cadeiras têm uma orientação muito reduzida, a qual é permitida apenas pela ondulação do desenho da calha, não sendo possível, por exemplo, virá-las frente-a-frente ou orientá-las

livremente segundo um ângulo de visão; não há, na prática, vantagem em mudar a cadeira de sítio para além das razões já referidas, já que isso não permite, por exemplo, escolher uma zona de sombra ou de sol; o “campo de possibilidades” destas cadeiras é muito restrito.

Devemos ainda referir que estas cadeiras se encontram num espaço que é um terraço pouco convidativo, demasiado exposto à intempérie, o que se torna mais problemático dado o clima de extremos desta cidade. É, de facto, um espaço que o utilizador sente demasiado desabrigado e exposto para nele permanecer.



Figura124: Os vários tampos vandalizados demonstram que seria necessário uma maior espessura da chapa ou uma estrutura de apoio (foto do autor, 4/2011).

Linha Axis

A Axis é uma linha de mobiliário urbano de grande simplicidade formal e construtiva. Constitui-se por uma única superfície constituída por réguas em madeira de Tali e dois pés em ferro fundido. Dada a intenção da menor manutenção possível, as réguas são protegidas por verniz não tóxico e os pés têm a superfície tratada com metalização e pintura¹¹⁵.

No seu desenho houve desde o início a intenção de ser o mais simples possível, e ter alguma relação com os bancos antigos. As linhas elementares de presença discreta permitirão assim a sua inserção e harmonia em diversos tipos de ambientes, seja mais históricos, seja mais contemporâneos.

Foi um projecto desenvolvido em dois anos, com a coordenação de Pedro Martins Pereira, tendo sido concluído em 2002. A primeira encomenda foi apenas em 2004, segundo Pedro Martins Pereira demorou algum tempo a ter aceitação no mercado. No entanto, a partir do momento em que os primeiros exemplares foram implantados, a sua produção foi exponencial. Esta linha de

¹¹⁵ http://larus.pt/clientes/MOBILIARIO/Linha%20axis_pt.pdf consultado em 17/01/2012

mobiliário urbano é actualmente a mais vendida da Larus. Dentro desta linha, o elemento mais vendido é o assento de 3 lugares; a mesa é o que vende menos. O seu grande êxito deve-se sobretudo, segundo Pedro Martins Pereira, ao seu desenho simples e versátil.



Figura 125: O banco de três lugares da linha Axis, o mais vendido da Larus. Figura 126: Dois bancos duplos da linha Axis. Figura 127: O banco sem costas da linha Axis. Figura 128: Um conjunto de mesa e cadeiras. Vários são os equipamentos que compõem a linha Axis, o que é possível pela versatilidade de construção e dos componentes (fotos disponíveis em <http://www.larus.pt>, acedidas em 17/01/2012).

O êxito deste mobiliário é de facto evidente, vários são os sítios onde é possível encontrá-lo implantado. Como cremos ser possível observar, a sua configuração formal é compatível com diversos ambientes, o que se deve em parte à sua presença relativamente discreta. Esta grande compatibilidade foi conseguida, poderemos constatar, pelo desenho que é de facto um compromisso interessante entre a contemporaneidade do aspecto geral e a evocação histórica que é feita através de alguns elementos formais.

Conclusões

A Larus é uma empresa centrada no projecto de mobiliário urbano e equipamento para o espaço público, prestando grande atenção à qualidade do mesmo. Caracteriza-se por uma grande flexibilidade a todos os níveis, desde o relacionamento com outros projectistas e clientes, até aos

processos de fabrico e materiais que utiliza. Destes exige-se uma qualidade ao mesmo nível, mas são sempre encarados como um meio para concretizar a ideia que se pretenda e não para a restringir.

A variedade da oferta reside, sobretudo, na forma e nos materiais. No entanto, e apesar dos seus produtos se pautarem pela tipologia habitual do mobiliário urbano, compreende-se que a inovação a todos os níveis é um dos valores prezados pela empresa, o que se traduz nas propostas quer ao nível funcional, como é o caso da luminária a luz solar, quer ao nível do uso e do relacionamento com o utilizador, como é o caso da cadeira “Mateo”.

A metodologia da sua actividade demonstra que o investimento num novo produto de mobiliário urbano pode ser reduzido, e logo, que é possível uma empresa obter rentabilidade através de um negócio baseado em peças de mobiliário urbano cuja produção tenha a dimensão de alguns exemplares, como é o caso da sua implantação num único local. Isso será, conforme defende Pedro Martins Pereira, não só uma capacidade a preservar, dada a globalização que se vive actualmente, como até mesmo uma vantagem efectiva para a empresa, dada a actual concorrência aberta que decorre desse contexto que ela actualmente enfrenta.

O desenvolvimento de peças e equipamentos específicos para um local pode assim ser considerado compatível com o actual mercado de mobiliário urbano. Basta que comece por haver disponibilidade de actores como este para tal.

O modo como esta empresa se afirma, sobretudo através do projecto, da sua inovação e flexibilidade, permite-nos ainda observar que, no processo de produção do mobiliário urbano, o projecto pode tanto despoletar este processo, como ter nele um papel central e mediador, pelo menos entre o que o projecto se propõe resolver e o que são os constrangimentos económicos e de produção de um fabricante.

4.2.4.Os processos participativos no bairro de La Mina

A seguir descrevemos e analisamos, através da entrevista a Nuria Ricart em 14/7/2010 e da consulta à sua tese (Ricart, 2009), as intervenções efectuadas no Bairro de La Mina, Sant Adrià de Besòs, nas quais o Centro de Investigação Polis da Universidade de Barcelona tomou parte.

Descrição do contexto e dos motivos

O bairro de La Mina situa-se na zona metropolitana de Barcelona, contíguo e a nordeste desta cidade, até à margem direita do rio Besòs. Nesta zona havia já algumas utilizações anteriores, quer agrícolas, quer industriais, ou quer ainda residenciais (de um modo mais pontual), no entanto este território viria a ser sobretudo transformado durante o final dos anos 50 e 60. As grandes migrações que existem nesta altura para as grandes urbes em Espanha originarão vários bairros de barracas, como sucederá em redor de Barcelona, onde se contarão cerca de 10.000 dessas habitações.

Toda a zona que inicialmente tinha sido pensada como um grande bosque por Cerdá, no seu plano de 1859 para Barcelona, através do “Plano Comarcal” de 1953 será antes considerada como a grande reserva que a cidade tem para o seu futuro desenvolvimento. A zona de La Mina, neste contexto, será uma zona residencial urbana intensiva de blocos isolados.

O bairro será assim construído entre 1955 e 1975 em duas fases, sendo a última pensada para absorver mais moradores de barracas através de planos governamentais. Em La Mina irão alojar-se cerca de 15.000 habitantes procedentes de 262 municípios, sobretudo de diversos bairros de barracas, em especial do Camp de la Bota, o mais próximo, dos quais 30% eram de etnia cigana.

O resultado será uma volumetria impressionante e muito pouco sensível à estrutura territorial e às características da população, faltando a devida urbanização e equipamentos correspondentes. Do que seria um grande e completo plano projectado na primeira fase constroem-se nove blocos. A segunda fase vai rever o plano inicial, aumentando o número de famílias a alojar. Os blocos mais recentes, denominados “La Mina Nova“, constroem-se em 2 anos, de 72 a 74, em que 2100 apartamentos, com uma densidade quase 4 vezes maior do que na média de Barcelona, acolhem um grande número de famílias acostumadas a um modo de vida próprio de casas unifamiliares.

La Mina nasce e cresce assim como um bairro marginal, desde cedo com “problemas de polícia e vigilância” e que se agravam de dia para dia. Com a falta de controlo dos residentes e a negligência geral das instituições, cresce a delinquência e a falta de civismo. Factor determinante para esta situação será a sua localização, já que fisicamente encontra-se mais próximo de Barcelona, mas

administrativamente pertence ao território do município de Sant Adrià de Besòs, do qual está separado pelo rio Besòs e por todo um conjunto de infra-estruturas de transporte.

Desleixes institucionais, falta de recursos e equipamentos, pouca conectividade com os centros administrativos, juntos com problemas de drogas, ao nível sócio-cultural da população e a imagem nos media, convertem o bairro num gueto sem lei fechado durante os anos 80 e 90.

As reivindicações dos moradores, que marcam Barcelona nos anos 70 e 80, trazem algumas melhoras à cidade em geral, mas com La Mina as intenções para uma profunda e necessária mudança acabam em reiterados fracassos que vão desgastando os movimentos para o efeito.

A transformação de La Mina

Apenas no fim dos anos 80 e princípio dos anos 90, na fase prévia da organização dos jogos olímpicos, as administrações tentam remediar os desequilíbrios com intervenções para que o bairro começasse a ter uma certa qualidade urbana. Mas será necessário esperar por outro evento à escala internacional, o Fórum 2004, para que chegue a La Mina um Plano de transformação integral a realizar até 2010. Com o plano do Fórum pretende-se fazer chegar a Av. Diagonal de Barcelona ao mar, conforme o plano de Cerdà, pelo que se inicia também o Plano especial da margem direita de Sant Adrià, onde se aproveita esta nova centralidade oferecida e propõe-se, entre outras: construir um porto de âmbito metropolitano nos terrenos da central térmica, criar um parque fluvial navegável e remodelar os bairros de la Catalana e la Mina, o que significa eliminar os edifícios de la Mina Nova.

Perante esta intenção, organizam-se os protestos dos moradores, o que originará também a criação da Plataforma de Moradores e Entidades do Bairro. Deste modo, o plano inicial para la Mina não será executado integralmente, mas muitas das ideias chegaram a concretizar-se.

Surge então, em 2000, o plano de Transformação de la Mina, cuja principal intenção seria contrariar a situação no bairro, em que uma minoria delinquente, marginal ou violenta dominava o seu espaço público, estigmatizava o bairro e impedia que 90% da população pudesse levar uma vida cidadã normalizada (referindo o diagnóstico de Borja). Este plano prevê então a transformação do bairro, articulando uma proposta de intervenção integrada e global na melhoria das condições de habitabilidade, vida comunitária e convivência. Este plano será gerido por uma entidade supra-local, o Consórcio de la Mina, composto pela Generalitat da Catalunha, a Diputació de Barcelona, o Ajuntament de Sant Adrià e o Ajuntament de Barcelona.

Trata-se de um plano integral que aborda a problemática urbana do ponto de vista urbanístico e social. Os objectivos específicos do plano, que incluía melhorias também nos prédios, são: resolver os problemas de exclusão social e de degradação da vida comunitária, melhorar as condições de habitabilidade, estruturar um espaço territorial, superar os receios e cepticismo dos moradores do bairro, que já viram frustradas as suas expectativas ao longo do tempo, estruturar e planificar actuações para 10 anos suportadas pelo suficiente acordo institucional e financeiro.

Estes e outros aspectos urbanísticos articulam-se através do Plano Especial de Reforma Interior (Peri La Mina), da autoria dos arquitectos Jornet-Llop-Pastor, aprovado em 2003 depois de um processo aberto e participativo através de exposições públicas, debates e reuniões sectoriais. Resumidamente, este plano propõe-se, através dos princípios de centralidade, diversidade e intercâmbio, actuar urbanisticamente de modo a melhorar a conectividade do bairro com a sua envolvente, reordenar a estrutura física dos espaços públicos, e melhorar as actividades ligadas ao plano do solo, através das actividades não residenciais nos pisos térreos.

Neste contexto cria-se a Plataforma de Entidades e Moradores/as do bairro, actor fundamental do processo de transformação que agrupa diferentes entidades e associações coordenadas de modo a reivindicar propostas e acompanhar as transformações na zona, para que estas fossem adequadas às opiniões e vivências dos moradores. A aprovação do plano atrás referido integrará, por isso, muitas das ideias promulgadas da Plataforma, onde se destacam a ligação da nova Rambla, o novo centro projectado para o bairro, com o espaço do Forum 2004 e para ligação ao mar, e o atravessamento de novos eixos pedonais através de alguns dos antigos quarteirões, dando assim maior conectividade ao bairro, tanto interna como externa.

Este contexto vai ser também propício ao projecto “Cartografies de La Mina”, proposto e desenvolvido pelo Centro de Investigação Polis, CRPolis, da Universidade de Barcelona, entre os anos 2002 e 2006.

Cartografies de La Mina

O “Centre de Recerca Polis: art ciutat, societat” (Centro de Investigação Polis: arte, cidade, sociedade), CRPolis, formado por pessoal docente e investigador das Faculdades de Belas Artes, de Psicologia e de Economia da Universidade de Barcelona aborda, de um modo interdisciplinar e em relação aos critérios de sustentabilidade urbana e social, a relação existente “entre o design de elementos urbanos, espaço público, arte pública, tecnologias da informação e participação cidadã” (citando Remesar, 1999).

Já a partir de 1998 esta equipa tinha adquirido experiências anteriores, através dos trabalhos que desenvolveu nos municípios de Sant Ariá de Besòs e Barcelona. Nessas ocasiões, através da sua linha de investigação e intervenção no âmbito da arte pública e da participação cidadã, foi promovida a intervenção e estudo de práticas sociais vinculadas em projectos de espaço público.

O princípio estruturante desta linha parte da afirmação de Argan, que “o planeamento do espaço público e por consequência a arte pública, não tem que ser feito para os cidadãos, mas pelos cidadãos” o que pressupõe que os operadores estéticos, arquitectos, artistas, psicólogos, sociólogos, etc., têm como missão a organização dos espaços para permitir aos cidadãos criar lugares (Remesar, 1997:134).

Deste modo, a Arte Pública “constitui um processo político de enorme importância, já que é a própria cidadania e não os agentes mediadores das redes culturais que definem os estilos artísticos, acedem à definição dos processos e fluxos de estetização da envolvente e exercem, através de uma reflexão partilhada, o controlo sobre o seu próprio destino expresso na forma da cidade”, pelo que a arte pública “deve ter como principal objectivo que os seus cidadãos tenham controlo sobre a estética do seu próprio ambiente” (Remesar, 2001).

Na confluência destes motivos e princípios com o enquadramento do referido Plano de Transformação do Bairro gerido pelo Consórcio de La Mina, e com a promoção, a par de outros projectos, da Plataforma de Entidades e Moradores/as do bairro de La Mina da, o CerPolis vai propor o projecto “Cartografies de La Mina”. O seu objectivo básico é contribuir para diluir a lacuna existente entre o conhecimento que têm os moradores e utilizadores do bairro do seu próprio espaço público e o conhecimento que têm os políticos e técnicos que gerem o Plano de Transformação de La Mina. Entendendo a participação cidadã em termos de governabilidade como âmbito de confluência do “fluxo de comunicação horizontal” entre dois grandes actores, os cidadãos e a administração (políticos e técnicos), o projecto, com financiamento próprio e autónomo, vai procurar concretizar propostas de melhoria do espaço urbano.

Descrição do projecto

Pretendendo dar ferramentas de tipo cognitivo e metodológico aos cidadãos, para poder elaborar e avaliar ideias e os correspondentes argumentos, bem como estabelecer canais de comunicação entre os próprios moradores e os organismos competentes na gestão desse espaço, o projecto tinha, resumidamente, como objectivos específicos (e em conformidade com os objectivos do CeRPolis):

- Conhecer as vivências, percepções, pensamentos, conceptualizações e perspectivas que gera o espaço urbano de La Mina;
- Experimentar métodos de participação cidadã flexíveis e pontuais;
- Intervir no espaço público através de métodos e estratégias da arte pública;
- Potenciar a participação dos cidadãos para pensar, gerar ideias e conformar propostas de uso público;
- Formar os participantes em temáticas de tipo técnico e capacitá-los na análise territorial e regional;
- Tomar parte na discussão e crítica dos resultados obtidos com um número máximo de pessoas da comunidade;
- Contribuir, na medida do possível, para a apropriação cívica e valorização dos novos espaços públicos do bairro

Seguindo a metodologia “taller de projectes” (atelier de projectos) proposta também pelo CRPolis, o projecto desenvolveu-se em duas fases de trabalho, que deram lugar a um documento de síntese denominado Plano de Acções do Bairro, o qual define uma série de esquemas directores sobre a intervenção em temas do espaço público no bairro de La Mina, que se iram traduzindo em projectos e acções concretas em etapas posteriores.

A primeira fase, efectuada entre 2002 e 2004, pretendia observar e entender os diversos pontos de vista sobre o espaço público que co-existem em La Mina. É uma fase de aproximação e análise, como se utiliza o bairro, que lacunas, faltas, problemas, potencialidades, etc. Pretende-se, no fim, tratar o tema de modo a conhecer a visão dos moradores e profissionais que aí trabalham.

Concretamente, executaram-se nesta altura, com diversos grupos, ateliers de duas ou três semanas aplicando o método das “CPBoxes” (Comments and Pattern Boxes), desenvolvido também pelo CeRPolis. Este método provém de uma ideia “caixas AT” (de acotaciões e tendências), desenvolvida pelos artistas Alabern+Punsola, por sua vez inspirados no trabalho dos “cool hunters” (caçadores de tendências, os quais observam e interpretam o que se passa no ambiente urbano a nível de texturas, cores e formas, elementos que servem para designers e artistas para as suas criações da temporada ou estação). Sendo mais um instrumento para a participação cidadã, este método pretende ser mais pontual e flexível, mais adaptável às diversas condições do território físico e social. O seu eixo motor centra-se na capacidade generativa da criatividade, muitas vezes subestimada nos processos de participação cidadã.

A aplicação desta ideia neste contexto da arte e participação baseia-se em poder explicar, de forma colectiva e consensual, aspectos do território em trabalho a partir de elementos gráficos trazidos pelos participantes. Estes ajudam a articular argumentos e discursos individuais, permitindo também enriquecer o debate colectivo nos ateliers. É composto por uma ou duas sessões de trabalho, e parte de um conjunto de ideias colectivas representadas gráfica e verbalmente, para reflexão e interpretação teórica. Lança-se a questão (por exemplo, no caso em estudo lançou-se, entre outras a pergunta “O que te agrada em La Mina? E como gostavas que fosse o teu bairro? “), recolhe-se e organiza-se as delimitações e, com as anotações dos dinamizadores, elabora-se um relatório que pretende representar os discursos e debates abertos, o qual é retomado pelo grupo de trabalho, e que também pode originar uma primeira aproximação a um possível produto comunicativo para exposição.

As ideias e opiniões foram integradas em linhas de trabalho, através das quais se organizou o diagnóstico efectuado. Estas linhas foram: a casa, a envolvente quotidiana, o espaço público e o design urbano; o tecido associativo e os seus equipamentos, a imagem interna do bairro, o bairro e a administração, e as relações externas. Sobre a envolvente urbana, determinaram-se 3 aspectos que caracterizavam e estigmatizavam o bairro: o tráfico de droga, a sujidade e a insegurança. Foi ainda apontado a pouca diversidade do comércio. Sobre o espaço público e o design urbano, identificou-se: o tema do mobiliário e o design urbano, ligado à luta contra os problemas mencionados; a arte pública, enquanto articulador de temas tão intangíveis e importantes como o da beleza e a identidade; o da infra-utilização de alguns espaços como o Parque do Besòs.

Seguindo a metodologia base proposta pelo CRPolis, nos primeiros meses de 2004 realizou-se a comunicação desta fase, começando por expor publicamente as referidas linhas de trabalho durante as 1as. Jornadas sobre o espaço público de La Mina. A organização deste evento esteve a cargo da equipa de trabalho, em colaboração com a já mencionada Plataforma de moradores e entidades. Estas Jornadas realizaram-se numa biblioteca municipal local, onde se expôs todas as reflexões efectuadas e resultados obtidos, mas onde também se organizaram diversos eventos com vista à envolvência dos seus visitantes: “visitas guiadas”, expondo as linhas de trabalho ao debate a todos os visitantes; uma votação dos visitantes sobre os problemas do bairro; o “fotomaton”, uma actividade lúdica que pretendeu incidir no tema do espaço público, sendo uma fotografia que inseria o retrato dos visitantes num desenho do bairro com elementos gráficos feitos para os ateliers; o espaço “Eu proponho”, onde os seus visitantes puderam escrever e ou desenhar os seus pedidos e pensamentos.

Concretizou-se também uma intervenção pública chamada “Interrogantes sobre o espaço público de La Mina”. Tratou-se de uma intervenção artística no primeiro troço existente da nova rambla, a partir das 12 linhas de trabalho determinadas nos ateliers e que se aprofundarão na 2ª fase. Estas expuseram-se sob a forma de perguntas, expostas em pendões fixos nos candeeiros. Ambos eventos pretendiam poder abrir o processo a todos os moradores e estarem presentes no seu espaço público, o que terá também facilitado ainda mais o seu contacto o tecido associativo e institucional.

A detecção de linhas de trabalho e o diálogo que fluiu entre diversos grupos de moradores e profissionais permitiu definir uma série de ateliers que se desenvolveram durante todo o ano de 2005, no enquadramento da **segunda fase do processo**. Nesta etapa levou-se a cabo um total de onze ateliers sobre temas específicos do espaço público com a colaboração de sete grupos de trabalho, mas também abertos em duas ocasiões ao debate público no âmbito de festas ou actividades no espaço urbano.

Na sua maioria os ateliers desenvolveram temáticas transversais às linhas de trabalho. Alguns deles foram fruto de pedidos concretos dos participantes. A estrutura, temática, objectivos, etc., variou. Os resultados foram recolhidos e transmitidos aos próprios participantes, à administração pública competente (o consórcio) e também a outros actores concretos.

Desses ateliers, refira-se o “Design Urbano do “Passeig Camarón”” (um dos espaços centrais do bairro), cujos tópicos foram uma análise à composição dos elementos que organizam as ruas e praças, como os pavimentos, o mobiliário ou as árvores, as possíveis melhorias do desenho e composição dos elementos do espaço em questão, e finalmente o trabalho para a adequação ao utilizador.

Outro atelier, “La Rambla al mar”, pretendia recolher e analisar ideias para esse novo eixo do bairro, onde se procurava compreender o que seria o futuro eixo estruturante do bairro, fazer o estudo da disposição dos novos equipamentos e serviços aí colocados e a sua relação com o bairro, analisar os pontos fortes e os fracos deste novo espaço público, a estrutura do próprio espaço, detectando a relação dos seus nós, as suas pontuações e a relação com os extremos, a análise do impacto na mobilidade do bairro, pelos transportes privados e os públicos, o novo comércio, e finalmente as propostas de elementos que melhorassem o espaço a partir de usos desejados (passagens de peões, arvoredos, papeleiras, esculturas, bebedouros, iluminação, etc.).

Atelier semelhante foi feito para o parque urbano do bairro, o Parc del Besòs, para o qual se pretendia também recolher propostas de melhoria do mobiliário e do desenho para os seus usos. Detectou-se os principais elementos negativos, como seja a insegurança, visibilidade e usos, definiu-se os elementos positivos, depois estudou-se a adequação do seu desenho e mobiliário aos usos e actividades dos moradores, actuais e futuras, para depois estabelecer critérios para melhorar os usos, potenciando os positivos e eliminando os negativos ou ilícitos.

Houve ainda, entre outros, ateliers relativos especificamente à limpeza e segurança do bairro (este último para a participação dos agentes da autoridade), outros que abordaram questões arquitectónicas (abordando novos edifícios a implantar ou as fachadas dos existentes), e outros ainda as questões urbanísticas, como a relação do bairro com as zonas limítrofes.

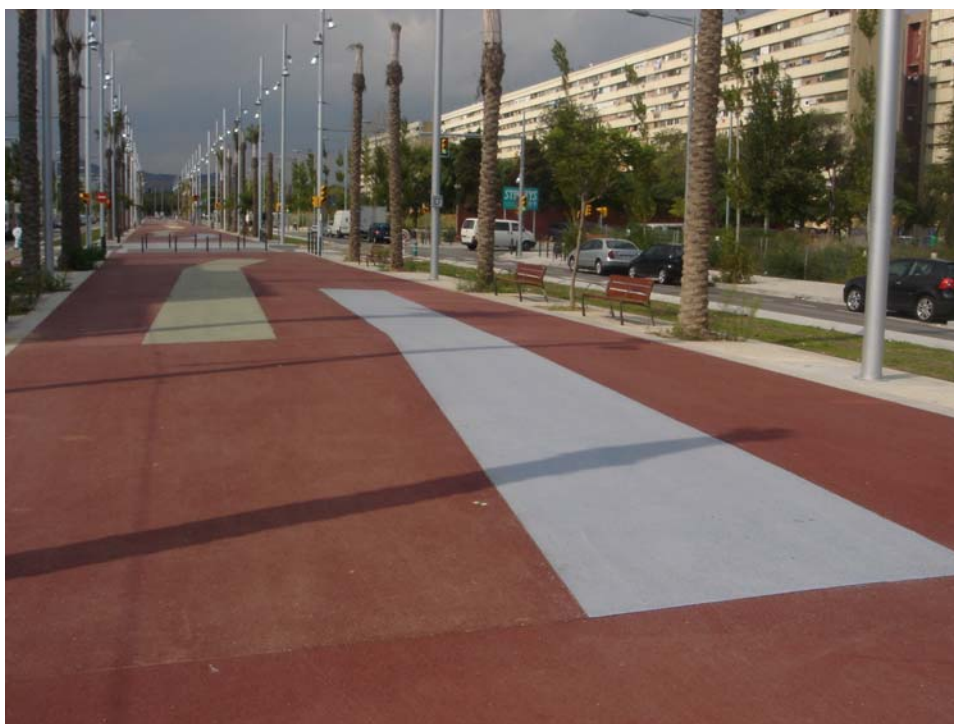


Figura129: A nova Rambla de La Mina. O projecto do pavimento decorreu dos princípios programáticos que se definiram nos ateliers de trabalho que constituíram as “Cartografies de la Mina” com os moradores e os diversos grupos de interesse (foto do autor, 9/2008).

A partir de toda a informação recolhida, através dos ateliers das duas fases descritas e das sessões e exposições públicas, elaborou-se o já referido documento de síntese, a “Compilação dos resultados dos ateliers de participação cidadã sobre espaço público”, organizado pelas linhas estratégicas de actuação, com as temáticas transversais, e os âmbitos de acção, onde constam as análises aos espaços concretos do bairro. Este trabalho serviu de base para a redacção do “Plano de Acções do Bairro (PAB)”, um documento público relativo ao convénio de colaboração com o Âmbito do

Espaço Público do Consórcio de La Mina, para orientar os projectos numa terceira fase de trabalho, uma vez terminado o processo das Cartografias, para a intervenção em temas da arte e espaço público deste bairro, denominados “Linhas estratégicas de intervenção”.

No final desta fase organizaram-se as 2as. Jornadas sobre o espaço público, novamente em conjunto com a Plataforma, iniciando-se o diálogo entre moradores, a administração e o CrPolis, para que se implementem propostas concretas incluídas no PAB. Como resultado das propostas e recomendações do PAB, o Consórcio levou a cabo transformações neste espaço público onde se destaca: parques infantis e de jogos, ciclovias, uma escultura pública seleccionada por concurso público, e o novo desenho do pavimento de La Rambla, realizado em 2008 pelo CRPolis.

Assim, como **intervenientes** destes processos, tivemos, enquanto entidade de administração pública, o Consórcio de La Mina, cuja “Área do espaço público” foi o principal interlocutor com o CRPolis. Este centro, que coordenou e desenvolveu o projecto descrito das Cartografias, por sua vez, procurou também assegurar a sua proximidade com o território através do contacto com a Plataforma de Moradores e Entidades do bairro, com quem aliás assina um convénio de colaboração na segunda fase do processo. Para além disso, este centro procurou ainda outros contactos importantes para que este projecto se desenvolvesse conforme os princípios e os objectivos estabelecidos, pelo que participaram nas referidas duas fases diversas instituições e organizações, incluindo diversas associações cívicas e de moradores, para além do público que compareceu nas sessões e exposições públicas.

É possível constatar que a **estrutura do projecto** das Cartografias teve em consideração as propostas de Pindado, Rebollo e Martí (2002, cit. Ricart 2009) e de Font e Blanco (2003, cit. Ricart, 2009). Resumidamente, como vimos, este definiu-se por uma primeira fase, de detecção e diagnóstico de problemas, seguida de outra, onde se estabeleceram os princípios e as orientações para a solução dos mesmos. As duas fases terminaram com processos de “validação social”, através da sua exposição, discussão e aprovação públicas. Uma terceira fase, já na consequência deste projecto, define-se pela confluência das referidas propostas que aí se geraram no também já referido Plano de Transformação de La Mina, através das propostas e alterações que aí foram integradas e concretizadas.

Como **meios de transmissão de informação e comunicação** foram utilizados, como vimos, documentação com informação escrita e visual técnica e não técnica, o contacto directo e pessoal,

quer através dos ateliers, quer dos eventos em espaços públicos (exposições, sessões públicas, etc.), e a ainda a utilização de outros meios, como a internet e a rádio.

Dada a participação cidadã que ocorreu em vários momentos da transformação do bairro de La Mina, a **hierarquia de decisões e dos intervenientes** não foi linear, já que, de um modo geral, entre estes houve reciprocidade. A administração pública, considerando os problemas do bairro e a oportunidade da realização do Fórum 2004, iniciou todo este processo através do Plano de Transformação de La Mina. Mas foi também este conjunto de organismos, que se organizou e adquiriu corpo no local através da criação do Consórcio de La Mina para corresponder às especificidades de gestão deste território, que desde início demonstrou abertura e criou as devidas condições para a participação dos seus moradores, com o intuito de mais eficazmente resolver os graves problemas que aí se verificavam. Deste modo, o PERI pôde ser revisto e acompanhado pela Plataforma de Moradores e Entidades do Bairro, para o que os seus arquitectos tiveram que ter também a capacidade para trabalhar e desenvolver o projecto nessas condições.

Com toda esta sucessão de eventos e dinâmicas percebe-se que existiu sintonia entre todos estes actores na sensibilidade e reconhecimento do que eram todos os graves problemas do bairro, bem como em relação ao modo mais correcto de os ultrapassar, conforme nos parece que ficou demonstrado. É também de registar a capacidade geral de mobilização para a concretização das soluções que nos pareceu caracterizar o processo de transformação de La Mina. De facto, houve mérito por parte dos seus promotores e organizadores, nomeadamente os organismos públicos que integraram os Consórcio, todos os que constituíram a Plataforma, e o CRPolis, pelas dinâmicas e processos de trabalho que propuseram e promoveram.

É certamente controverso afirmar sem dúvidas que existe uma cultura de participação cidadã na área metropolitana de Barcelona, no entanto parece-nos difícil afirmar que não houve, para este caso, qualquer contexto cultural ou social favorável a todo este processo.

Mas o êxito das suas propostas só foi possível através do trabalho acrescido, próprio de um processo mais complexo como é o participativo, de todos aqueles que participaram e que para isso se dispuseram, não só os promotores e organizadores já referidos, mas também os arquitectos, as associações, instituições e entidades do bairro, o público que participou nos eventos descritos e todos os demais.

Conclusões e observações

A disponibilidade prévia, quer dos órgãos autárquicos, quer dos cidadãos, revelou-se fundamental. Foi também fundamental a cultura participativa, com todo o historial de anteriores casos, os quais permitiram ainda adquirir a necessária experiência na prática desses processos.

Estes processos poderão ser desencadeados pelos cidadãos, e são, de facto, fruto de problemas e dificuldades que os mesmos enfrentam. Mas, obviamente, são os organismos administrativos que os concretizam, pelo que a sua permeabilidade e flexibilidade para aceitar estas dinâmicas é fundamental.

Esta cultura obriga a uma abertura por parte dos órgãos autárquicos e administrativos, aos seus técnicos e políticos ainda que por vezes essa abertura seja insatisfatória. Mas essa mesma cultura também enquadra os hábitos e atitudes dos cidadãos, numa maior consciência do seu papel na cidade.

Acima de tudo, parece-nos que casos como este demonstram que a mobilização dos cidadãos é fundamental nos processos da cidade. No entanto, parece-nos também que, para que essa mobilização exista, ou para que o esforço e disponibilidade desses participantes seja bem aproveitado, torna-se imprescindível toda uma envolvente propícia de cultura participativa. Essa depende, em grande parte, dos organismos públicos e dos administradores da cidade e do espaço público. Contudo, depende também das atitudes e contribuições dos próprios cidadãos.

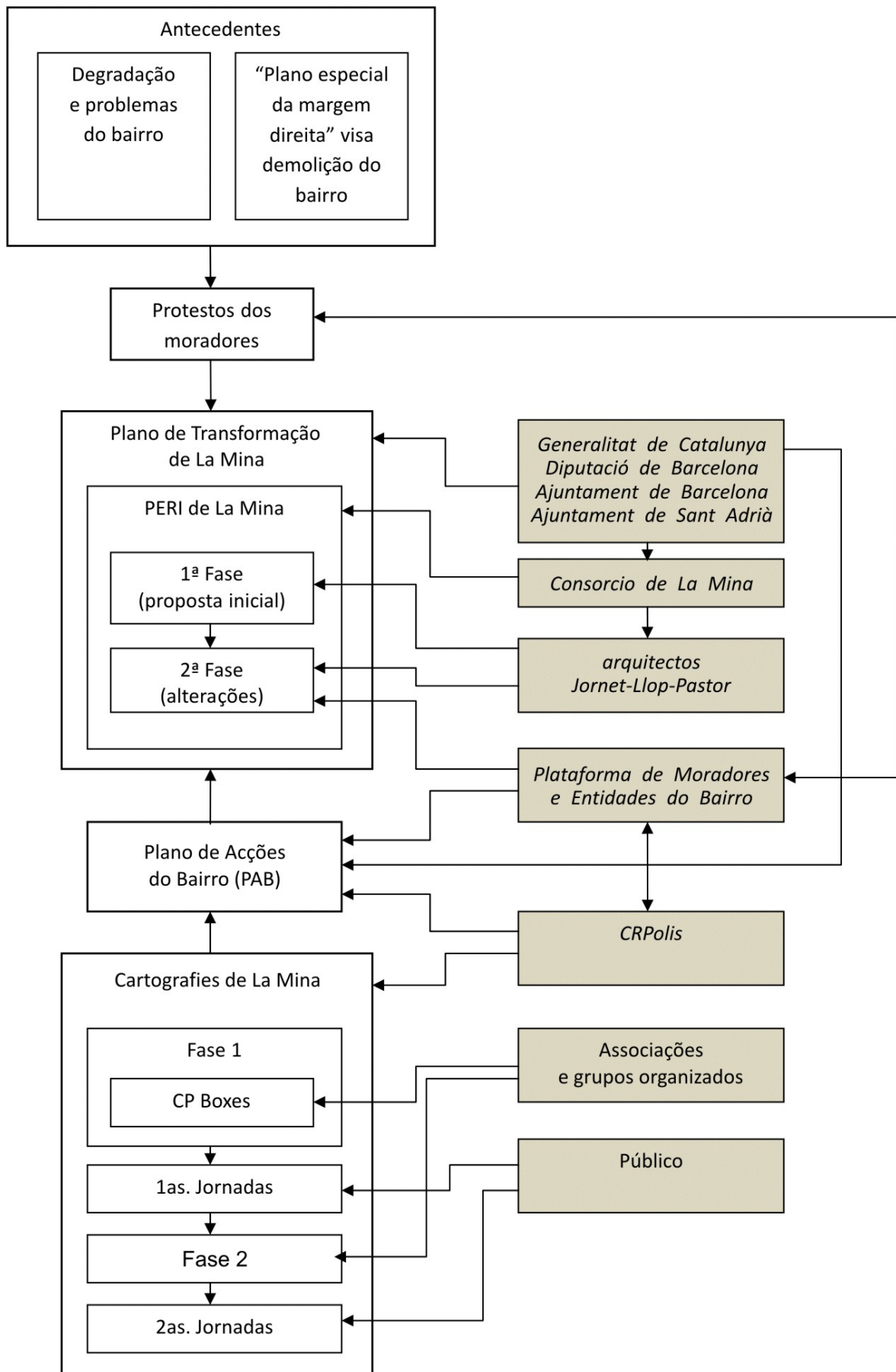


Figura 130: Processos do bairro de La Mina

4.2.5.Av. Brasil

Dos casos existentes de projecto global para o espaço público, aborda-se agora o da Av. Brasil/Ronda Mig, da cidade de Barcelona, já que se trata de um caso que, além de ter sido um resultado com qualidade e adequado às necessidades então existentes, teve um processo de produção que pode ser considerado como paradigmático.

Por ter sido logo de início desenhada como uma principal artéria da cidade de Barcelona, o seu trânsito rapidamente se tornou demasiado denso, incompatibilizando-se assim com o bairro por onde passa, o qual é ainda hoje sobretudo habitacional. Era pois imperativo isolar este trânsito, o que era essencialmente de atravessamento e para toda a cidade.



Figura131: A Ronda del Mig antes da sua cobertura (Atelier Espinas i Tarrasó, disponível <http://www.espinasitarraso.com/proyectos.jsp?id=7#>, consultado em 8/10/2011)

Ter-se-á começado apenas por afundar as rodovias. Contudo, esta solução estava incompleta para os moradores, os quais tinham como objectivo a cobertura desta rodovia, permitindo-se assim o seu efectivo isolamento. Esta obra era, obviamente onerosa, pelo que a decisão de construção pelo Ayuntamiento foi sendo adiada.

Perante a pressão dos moradores, chegou-se por fim a uma solução estruturada com um perfil transversal para esta avenida organizado em 3 níveis: o inferior, por onde passava a referida rodovia, um intermédio, destinado ao estacionamento dos residentes, e um superior, para utilização predominantemente pedonal. Este nível intermédio terá sido a chave para o referido problema financeiro, ao ficar acordada a venda dos seus lugares de estacionamento aos moradores.

Confrontados com aquele espaço, o atelier de Jordi Henrich e Olga Tarrasó considerou compensar o seu sobredimensionamento, sobretudo no que respeita à sua largura. Não só porque sairia da escala que pretendiam adequada para aquele bairro habitacional, como também porque se esta vastidão não fosse colmatada, manter-se-ia o fosso já criado pelas muitas faixas de rodagem que separavam os dois lados da avenida; assim ficaria por resolver um dos principais problemas.

Outra questão a resolver, também apontada pelos projectistas, terá sido a fraca qualidade de traçado das fachadas dos edifícios que constituem esta frente de rua que, também pela sua grande dimensão – pelo menos para os parâmetros de Barcelona – era necessário “compensar”.

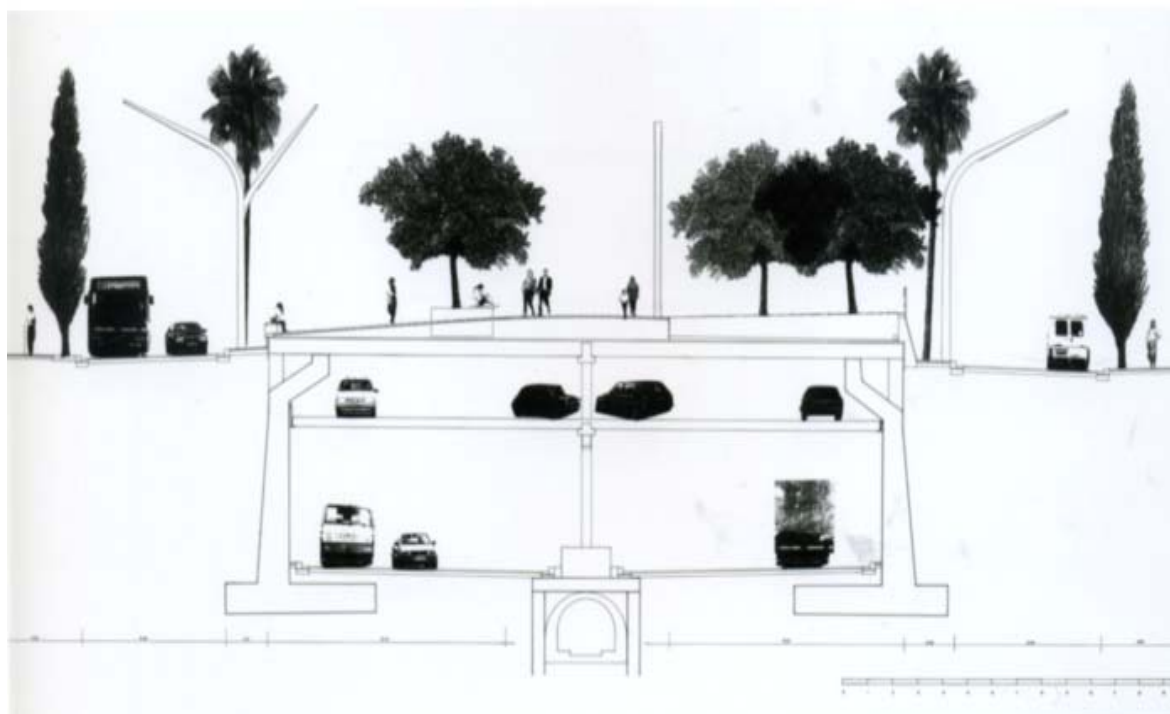


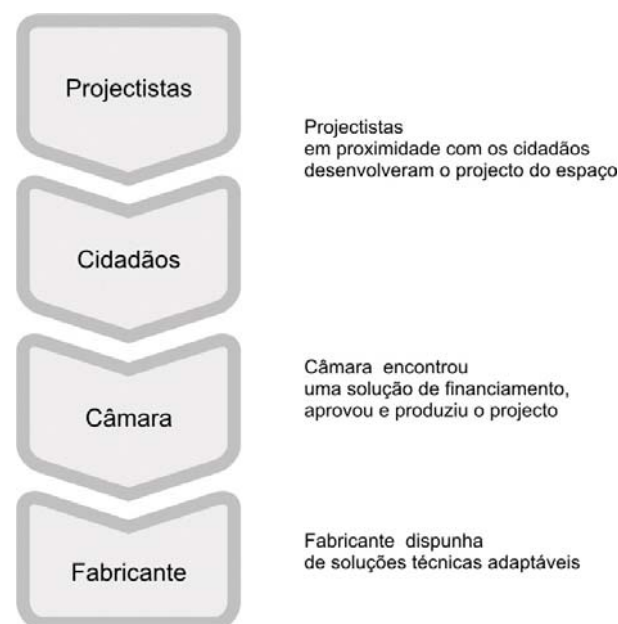
Figura 132: Esquema do perfil tipo para o projecto de cobertura da Ronda del Mig. O piso intermédio, para estacionamento, foi a principal solução de financiamento para esta obra. (adapt. Atelier Espinas i Tarrasó, disponível <http://www.espinasitarraso.com/proyectos.jsp?id=7#>, consultado em 8/10/2011)

Sendo ainda tomado em consideração que a utilização profusa de árvores poderia também de certo modo criar também outras barreiras, pelo menos visuais, considerou-se que a solução mais indicada para a pretendida cosedura, com adequado preenchimento do vasto espaço vazio, seria através da utilização de mobiliário urbano, com um papel principal atribuído às luminárias.

A estas últimas permitiu-se pois, por todas estas razões, uma presença acima do normal, quer pela sua dimensão, quer pelo seu desenho, quer pela sua implantação. Decidida que estava esta predominância, e seguindo a lógica desta ideia, a solução seria de facto o equipamento com

desenho específico. O resultado do projecto apresenta, no fim, uma harmonia de todo o conjunto e uma efectiva integração do seu mobiliário, não só dentro do espaço então desenhado como com toda a sua envolvente.

Factor inspirativo dos projectistas para a determinação das impositivas formas destas luminárias terá sido desde logo o material que a Schröder dispunha. Vista a aplicação da luminária “Condolux” noutros projectos do mesmo âmbito e na mesma cidade, esta empresa foi contactada desde logo a qual, pela dedicação prestada, efectivou o êxito deste projecto.



*Figura 133: Processo de produção dos candeeiros para a cobertura da Ronda del Mig/ Av. Brasil
(elaboração do autor)*

Ainda que não estivesse previsto limite de aplicação no seu princípio, este projecto acabou por compreender 4 fases de construção, cobrindo cerca de 8 km.

Talvez também por esta indefinição, as condições contratuais acordadas entre os projectistas e a Schröder não limitaram nem quantidades nem âmbito de implantação, e até ficou salvaguardado que esta luminária pudesse continuar a ser produzida e logo implantada noutros locais que não apenas este.

A Schröder apresenta hoje esta luminária em catálogo de características especiais, para projectos extraordinários, o qual inclui outras luminárias assinadas por diversos autores tais como Pininfarina ou Siza Vieira.



Figura134: Os candeeiros da autoria de Olga Tarrassó e fabricados pela Schröder. A sua constante presença e a forte silhueta que definem esta forma tornam-na o principal elemento caracterizador deste espaço, sem, no entanto se tornar demasiado impositivo (foto do autor, 7/2010).

Conclusões e observações

Julgamos poder afirmar que este é um caso de êxito em várias vertentes: pela concretização de um projecto com participação cidadã ao nível de detalhe de mobiliário urbano; pela correcta solução de um problema grave e que veio trazer melhorias significativas ao lugar; pelo recurso, quanto a nós adequado e oportuno, ao mobiliário urbano para a construção da caracterização e identidade do lugar; pela qualidade do projecto nos seus vários níveis, do funcional ao paisagístico, onde a sua adequação e acessibilidade são importantes elementos.

Julgamos ser importante sublinhar que, de facto, as atitudes dos intervenientes foram fundamentais para o êxito do projecto, as quais podemos sistematizar:

- A qualidade do projecto proposto pelos autores
- A mobilização e pressão feita por parte dos cidadãos
- O êxito da solução de financiamento encontrada
- A disponibilidade por parte do Ayuntamiento para a concretização
- A existência de um produto da Shröder flexível na sua aplicação

Trata-se, de um caso que demonstra o importante desempenho que o mobiliário urbano pode ter na caracterização e identidade do local onde se insere. Para além disso, é também um exemplo que demonstra as ocasiões e oportunidades nas quais o recurso a mobiliário urbano especificamente desenhado para um lugar pode ser uma mais-valia.

Demonstra-se também que a rentabilidade do mobiliário urbano deverá ser observada segundo diversas perspectivas, e que não se verificará apenas através de uma produção cuja dimensão é incompatível com a da criação dos lugares.

4.3. Caracterização dos processos do mobiliário urbano

No capítulo 3 já introduzimos o tema “mobiliário urbano”, a partir do ponto de vista da evolução ao longo dos tempos dos equipamentos e artefactos de uso colectivo, implantados ou com presença mais ou menos provisória no espaço colectivo ou público da cidade.

Para além disso, nos casos analisados neste capítulo, temos vindo a considerar o mobiliário urbano conjuntamente com o espaço público, do qual é fundamentalmente indissociável.

É agora nosso objectivo, para prosseguirmos nesta investigação, concentrarmo-nos numa caracterização do mobiliário urbano na actualidade, tanto de um ponto de vista conceptual como através do modo como é produzido. Para isso partimos da análise dos casos apresentados, fundamentalmente dos que se referem a Lisboa, assim como do seu enquadramento com os demais artefactos e equipamentos que nos rodeiam no nosso quotidiano em geral. Parece-nos pois essencial sistematizar e caracterizar o mobiliário urbano e os processos, identificando:

- Definições;
- Os seus intervenientes;
- Os motivos e proveitos;
- Os usos;
- A estrutura do processo e suas fases, incluindo os factores para o fim do ciclo de vida;
- As dimensões

4.3.1. Definições

Começando por relembrar aqui a sua definição, numa primeira abordagem efectuada (Valente Pereira, 2002:101), já tinha sido enfatizada a importância do mobiliário urbano para o espaço público e para o seu utilizador, o cidadão. O mobiliário urbano deveria definir-se nesse sentido como “artefactos que equipam o espaço público, servindo de ‘interface’ entre o espaço e o seu utilizador para que este o possa usufruir”.

Em Remesar (coord.) (2005:24-25) o mobiliário urbano é definido como sendo o “Conjunto de elementos móveis que ocupam o espaço público e que podemos definir como o conjunto de objectos e artefactos de propriedade pública ou privada, instalados no espaço público e colectivo e vinculados a uma função utilitária, simbólica e/ou serviços oferecidos à colectividade (circulação,

iluminação, conforto, publicidade, etc.). Em suma, designamos por mobiliário urbano todos os objectos ou equipamentos de pequena escala, instalados ou apoiados no espaço público que permitem um uso, prestam um serviço ou apoiam uma actividade”.¹¹⁶

Se integrarmos estas duas definições, sobretudo com o intuito de enfatizar a componente da importância que, pelo menos no seu conceito, o mobiliário urbano tem para o espaço público, de um modo mais simples poderemos dizer que o mobiliário urbano é o conjunto dos artefactos e equipamentos de pequena escala instalados no espaço público e colectivo, que permitem um uso, prestam um serviço ou apoiam uma actividade, e, sobretudo, uma melhor utilização e usufruto desse espaço pelo cidadão.¹¹⁷

Assim, o mobiliário urbano define-se sobretudo pelo contexto específico onde se insere, o espaço público, e pelos usos que aí se podem efectuar, sobretudo aqueles que potenciam o uso desse espaço e o seu desempenho, tendo principalmente em consideração as suas características específicas que temos vindo a abordar. Este conceito é o que está mais de acordo com o que temos vindo a apresentar nesta investigação.

Parece-nos que, com os casos abordados, se demonstra que o mobiliário urbano pode ser um elemento fundamental na caracterização e identidade do local onde se insere. Para além disso, este contributo pode ocorrer não só através das suas características formais; torna-se também claro que outras características do mobiliário urbano, como o seu uso, desempenho ou funcionamento, podem ser um importante elemento constituinte da identidade do lugar.

Para além disso, o mobiliário urbano apresenta também outras características específicas que acabam por contribuir para a sua definição. Estas características encontram-se tanto no campo conceptual, onde colocaríamos propriedades que todos esses artefactos e equipamentos deveriam sempre conter, como outras, que de facto encontramos na maior parte desses produtos actualmente implantados no espaço público.

O mobiliário urbano pode resultar de um processo de produção e uso – considerando todo o processo de detecção da sua necessidade, projecto e desenvolvimento, pré-produção, fabrico,

¹¹⁶ Esta é também a definição adoptada por Sofia Águas (2009) após uma abordagem a definições de outros autores.

¹¹⁷ Esta definição adaptada foi também apresentada por Cristóvão Valente Pereira na conferência “SUSTENTABILIDADE PARA O MOBILIÁRIO URBANO - Alguns aspectos e requisitos específicos para a sustentabilidade do mobiliário urbano” do CIPED6 de em 11/102011 na Fundação Calouste Gulbenkian. Aguarda-se publicação dos artigos.

distribuição, implantação, manutenção, uso, recolha e deposição – que apresenta, ou que pode apresentar, algumas semelhanças, mas também diferenças em relação ao de outros artefactos e equipamentos. Poderemos afirmar, no final, que o mobiliário urbano acaba por resultar de um processo de produção que apresenta especificidades e características singulares, as quais derivam em grande parte de outras especificidades, estas do seu contexto de inserção e de uso que é o espaço público.

4.3.2. Intervenientes

Segundo a revisão da bibliografia que efectuámos, encontramos a enumeração dos intervenientes ou actores que, segundo os autores que a seguir apresentamos, devem participar nos processos do espaço público.

Valente Pereira, 1991:13-14	Brandão (coord.), 2002:12; 18	Borja, 2010:27; 28	Lloyd-Jones (ed.), 2004:39-40
Autarcas (políticos)	Políticos	Políticos / governo	
Administração			Autoridades
Técnicos	Técnicos autárquicos planeamento do EP		
Técnicos	Técnicos autárquicos de gestão do EP		
	Projectistas (de várias áreas)	Sectores profissionais	Instituições profissionais
		Sectores culturais, universitários	Instituições académicas, investigação
Meios de comunicação		Meios de comunicação	
Investidores e empreendedores privados	Promotores		Sector privado
Outros grupos de interesse como os comerciantes (de comércio tradicional)			
Comunidade	Público / comunidade / cidadãos	Sociedade civil, movimento popular urbano e cidadão	Organizações da sociedade civil e da comunidade

Tabela 5: Sistematização dos intervenientes segundo os autores consultados (elaboração do autor)

Perante esta confrontação dos intervenientes que nos referem estes autores, e a partir dos casos que analisámos e que apresentamos, sistematizamos a seguir os intervenientes que encontramos e que

nos parecem ser os mais frequentes e típicos em relação aos processos específicos do mobiliário urbano:

- Fabricante ou representante
- Câmara Municipal (ou administrador do espaço público ou dos seus equipamentos)
- Projectista independente (dos dois anteriores)
 - De mobiliário urbano
 - Do espaço público
- Empreiteiro
- Promotor imobiliário, urbanizador e outras entidades privadas
- Concessionário de publicidade
- Cidadão

Fabricante ou representante

Trata-se, na maior parte dos casos, de uma empresa que se dedica exclusivamente a conceber, desenvolver, fabricar e comercializar o mobiliário urbano, para o que pode utilizar recursos próprios ou através de subcontratação. A sua presença no mercado é feita através de uma marca própria, a qual se constitui por linhas de produtos de tipologia relativamente constante, sendo as variações sobretudo ao nível formal e tecnológico.

Grande parte dos modelos implantados de mobiliário urbano resulta da iniciativa deste interveniente, segundo uma motivação de marcar a sua presença no mercado e dispor de variedade de oferta no seu catálogo. Assim, na maior parte dos casos o mobiliário urbano é projectado antes de lhe ser determinado um local ou do projecto de implantação, ou seja, é possível considerar como contexto de inserção apenas um local genérico. Há também, no entanto, casos em que a produção se desencadeia a partir de uma solicitação de um cliente ou de um parceiro (uma Câmara Municipal ou um projectista independente) dada a existência de um projecto de um local que contempla um produto específico.

Câmara Municipal

Trata-se da instituição executiva responsável pelo município, pela administração do território local. Os seus executivos (vereadores e presidente) são eleitos pelos habitantes locais. Pelas competências

que lhe são legalmente determinadas e pelas necessidades da administração em questão¹¹⁸, a Câmara Municipal tem diversas atribuições e capacidades, o que se verifica também no âmbito específico da gestão e administração do espaço público das cidades:

- Competências de projecto (execução, gestão e/ou coordenação)
- Controlo e manutenção do desempenho e do uso
- Promoção, gestão e fiscalização de obras e intervenções
- Competências económicas e de gestão financeira
- Competências do âmbito social e cívico

Uma Câmara Municipal terá assim diversos técnicos necessários para o desempenho destas actividades, incluindo projectistas de vários âmbitos e especialidades (arquitectos, paisagistas, designers e engenheiros), pelo menos como sucede normalmente com uma Câmara Municipal com uma dimensão como a de Lisboa. Frequentemente o projecto do espaço público é da autoria destes técnicos, com a excepção de alguns projectos de maior visibilidade ou envergadura e que por isso são entregues a um autor externo. As câmaras municipais são, conforme se depreende, o cliente mais importante para os fabricantes, já que são os seus projectistas (ou os políticos) quem decide quase sempre que modelos se irão implantados.

Para além dos projectistas e dos demais técnicos, na Câmara Municipal os que ocupam cargos políticos são também elementos fundamentais, já que a eles cabe a maior parte das decisões finais e mais importantes. Muita da actuação de uma Câmara Municipal tem, como se compreende, fundamentações não só técnicas, mas também políticas.

Projectista independente

No contexto dos processos de produção do mobiliário urbano que aqui abordamos, percebemos que existem duas vertentes de projecto, a do artefacto ou equipamento em si, e a do espaço onde ele se implanta. Deste modo, encontramos casos em que um projectista independente (ou seja, que não integra, a título permanente, nem uma equipa de um fabricante de mobiliário urbano, nem de uma Câmara Municipal) executa um dos projectos, ou ambos. Trata-se, em princípio, de um arquitecto ou de um designer, cuja estrutura de apoio pode variar em dimensão e complexidade (podendo ser um profissional que trabalha sozinho ou um atelier com uma equipa maior).

¹¹⁸ Conforme julgamos poder sintetizar pelo que consta no site da Câmara Municipal de Lisboa, o qual apresenta, inclusivamente, uma página onde são especificadas as “Competências da Câmara Municipal”, <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=12>, acedido em 01-03-2010.

Normalmente, para o projecto de mobiliário urbano, pelo que nos foi possível observar até à data, este interveniente prestará o seu serviço ao ser contratado por um fabricante de mobiliário urbano, um concessionário de publicidade ou por uma Câmara Municipal. No primeiro e segundo casos, será para elaborar o projecto de um produto ou de uma linha de produtos. No segundo caso, na maior parte das vezes este interveniente será contratado para elaborar o projecto de um espaço público. Aqui, poderá estar contemplado não só a implantação do mobiliário urbano, mas um projecto integral que inclui também o desenvolvimento desses produtos.

De referir que a contratação deste interveniente poderá suceder sobretudo pela eventual limitação dos recursos para executar um projecto, como pode suceder com uma Câmara Municipal, ou então pelo valor acrescentado que se considera trazer o prestígio e notoriedade do autor. Esta vantagem pode ser considerada por qualquer dos três contratantes, dados os retornos adicionais, quer financeiros, quer políticos, que assim poderão existir.

Empreiteiro

Normalmente as obras de intervenção no espaço público são efectuadas por uma empresa contratada pela Câmara Municipal, exceptuando-se algumas reposições ou manutenção de alguns dos equipamentos de menores dimensões. Numa obra que inclua a implantação do mobiliário urbano, o empreiteiro encarrega-se de o comprar ao fabricante, podendo por isso suceder que apresente uma contra-proposta com modelos alternativos ao inicialmente definido em projecto. Pode no entanto até suceder que a Câmara Municipal forneça a peça a implantar.

Promotor imobiliário, urbanizador e outras entidades privadas

Sobretudo em obras de maior porte onde, por exemplo, se urbaniza uma grande área, o projecto da sua malha de ruas e praças, assim como a sua construção, poderá não estar a cargo de uma câmara municipal. Casos como o do empreendimento da Alta de Lisboa (embora este seja uma obra singular), que descrevemos com a análise da requalificação do Parque da Quinta das Conchas e dos Lilases, é frequente o projecto e a obra em causa estarem a cargo de uma entidade, como uma empresa ou um consórcio. A câmara municipal acompanha de perto a evolução do empreendimento, aprovando, por exemplo, as suas sucessivas fases de projecto e construção, até à sua conclusão e entrega, embora, como vimos, não tenha sido isso que se passou no exemplo concreto do referido parque; nesse caso, uma equipa de projecto da Câmara de Lisboa propôs um projecto, alternativo ao do promotor, o qual veio depois a ser o concretizado. O projecto e a obra dos espaços públicos de uma urbanização são normalmente definidos como sendo encargos por conta destes privados em condições estabelecidas ou negociadas com a câmara municipal.

Por vezes a qualidade do espaço público é aqui também compreendida enquanto factor de valorização da urbanização em questão. No entanto, observando o que sucede no mercado imobiliário, a atenção neste sentido incide sobretudo nas acessibilidades e a proximidade dos equipamentos ou outras zonas da cidade (para além de outros critérios relativos ao imóvel em si). Há por vezes também alguma valorização da componente paisagística (“as vistas”). Outras qualidades formais ou funcionais do espaço público, onde a qualidade do mobiliário urbano ocupe algum tipo de protagonismo, serão em geral menos consideradas, excepto talvez nas urbanizações e empreendimentos destinados aos estratos socioeconómicos mais altos. De qualquer modo, por aqui compreendemos que este interveniente poderá ter também um papel decisivo na produção do mobiliário urbano, nomeadamente na fase de projecto ou de escolha dos modelos a implantar. Percebemos também que, por esta via, por vezes se recorre ao mobiliário urbano enquanto factor contributivo para a valorização de um investimento imobiliário.

Concessionário de publicidade em mobiliário urbano

Apesar da grande visibilidade e constante presença das peças de mobiliário urbano destes intervenientes no espaço público de grande parte das maiores cidades em todo o mundo, a realidade é que eles próprios não se afirmam tanto como fabricantes ou concessionários de mobiliário urbano, mas sobretudo concessionários de publicidade em espaço público¹¹⁹. Esse é, com efeito a principal fonte de rendimento do seu negócio, do qual, refira-se, as câmaras municipais também beneficiam. Tratando-se de uma fonte de receita rendosa¹²⁰ e de um negócio ainda em crescimento¹²¹, a questão desta exploração publicitária tem-se revelado um dos grandes actuais

¹¹⁹“Somos líderes mundiais no campo da Publicidade Exterior”; “Uma empresa de primeira linha, especializada no design, instalação, manutenção e produção de equipamentos publicitários a partir de mobiliário interior e exterior de elevada qualidade, adaptado para estar em harmonia e realçar a paisagem urbana”; “Os municípios, as agências de publicidade, centros comerciais e outras entidades públicas e privadas beneficiam da sua experiência com a Cemusa que, ao mesmo tempo, contribui para o realçar da estética e aumentar a funcionalidade dos serviços públicos, enquanto apoiam o desenvolvimento económico das comunidades urbanas locais.” (<http://www.cemusa.com/web/po/index.aspx> em 14-01-11)

“A JCDecaux foi fundada em 1964 a partir da ideia de Jean-Claude Decaux de associar a publicidade exterior ao mobiliário urbano. (...) O grupo é líder mundial em todos os segmentos da publicidade exterior” (http://www.jcdecaux.pt/content/jcdecaux_pt/jcdecaux_portugal/jcdecaux_monde/ em 14-01-11)

“Mobilier Urbain, Affichage grand format et Publicité dans les transports sont les trois activités principales de la communication extérieure.” (<http://www.jcdecaux.com/fr/La-communication-exterieure/Definition> em 14-01-11)

¹²⁰ “A JCDecaux SA (...) publicou hoje o volume de negócios do primeiro trimestre de 2010 em crescimento de 14,7 % em 487,2 milhões de euros, contra 424,6 milhões de euros no primeiro trimestre de 2009.” (http://www.jcdecaux.pt/content/static/upload/noticias/internacional/2010/05-05-10%20CA%20T1_pt.pdf em 14-01-11)

¹²¹ “Un média compétitif: Télévision hertzienne, télévision par câble, radio, presse, cinéma, publicité sur Internet... Ces médias sont aujourd’hui dans une situation de plus en plus concurrentielle et complexe. La communication extérieure bénéficie largement de cette fragmentation de l’offre, qui en fait le seul média de masse à pouvoir toucher le consommateur sur ses

desafios para o espaço público, e em especial para o mobiliário urbano. Pode ser, efectivamente, um excelente meio de financiamento, mas poderá também subjugar estes equipamentos a esse desempenho ao ponto de subverter as prioridades que o definem como equipamentos para usufruto do cidadão da cidade e do espaço público. No âmbito da exploração de publicidade em mobiliário urbano, o espaço público de Lisboa está concessionado até 2015 à JCDecaux e à Cemusa.

Cidadão

Mais do que mero habitante da cidade, a definição mais básica estabelece que o cidadão é o “Indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um estado livre”¹²². Evitando o debate mais aprofundado sobre a cidadania, recordamos a distinção de Borja e Castells (1997) entre urbanização e cidade, conforme já vimos atrás, e que nos permite concluir que vai ao encontro desta definição. Em países com um regime político como o de Portugal, os direitos e deveres da cidadania estão legalmente definidos na sua Constituição¹²³. No âmbito da investigação que se apresenta, enfatizamos que o cidadão será aquele que utiliza e usufrui, por excelência, do seu espaço público e do mobiliário urbano. E, conforme procuramos demonstrar, é a efectivação desse uso e usufruto que confirma tanto o estatuto do cidadão, como o próprio espaço público e o seu mobiliário urbano. Conforme todos (aqueles que podemos...) experimentamos enquanto cidadãos, são diversos os seus motivos para o uso do espaço público. Julgamos poder considerar que pelo menos em Lisboa, muitas pessoas têm uma atitude predominantemente passiva em relação ao espaço público, havendo pouca intervenção do cidadão na produção do espaço público e do mobiliário urbano para além de uma ocasional e pontual reclamação. Não haverá hábito ou uma cultura favorável a esse tipo de mobilização, pelo menos como sucede, por exemplo, no caso da área metropolitana de Barcelona.

Poderemos observar que alguns dos intervenientes enunciados pelos autores atrás referidos são comuns ou equivalentes aos que agora encontrámos. A maior ausência parece-nos ser a do grupo definido como “os sectores culturais, universitários” por Borja (2010) ou as “instituições académicas, investigação” por Lloyd-Jones (ed.) (2004). O primeiro autor refere este sector como tendo sido um importante factor para o que foi o caso de regeneração urbana de Barcelona, como alias nos pareceu verificar-se no caso do bairro de La Mina que apresentamos, o que exemplifica o

différents lieux de vie. De plus, la communication extérieure est un média particulièrement compétitif. C’est ainsi qu’au Royaume-Uni, des études ont montré que pour 1 000 euros investis, la communication extérieure offre 525 997 contacts, contre 258 647 pour la radio, 150 071 pour la presse quotidienne et 131 372 pour la télévision.” (<http://www.jcdecaux.com/fr/La-communication-exterieure/Definition> em 14-01-11)

¹²² <http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=cidadão>, 14-01-11

¹²³ <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>, 14-01-11

trabalho que o Centro de Investigação Cerpolis da Universidade de Barcelona tem vindo a desenvolver. Isso irá ao encontro do que defendem os segundos autores, ao enunciarem este grupo como elemento a participar no trabalho conjunto e com os demais autores para que sejam possíveis os processos de design urbano sustentável (Lloyd-Jones (ed.), 2004:39).

Em relação a Lisboa, será de reconhecer alguns casos pontuais, como os estágios para recém-licenciados em Arquitectura do Design da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, no qual se puderam concretizar resultados como os quiosques para floristas (que também analisamos). Recordamo-nos ainda das várias edições da pós-graduação em Design Urbano, levadas a cabo pelo Centro Português de Design, onde através de uma relação estreita com câmaras municipais, juntas de freguesia ou outras entidades, sempre se procurou propor uma solução a problemas concretos. Poderemos ainda considerar os exercícios efectuados durante alguns anos pelos alunos da licenciatura em Design de Equipamento da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa segundo enunciados informalmente propostos pela Divisão de Estudos e Projectos (DEP/DMAU) da Câmara Municipal de Lisboa, ou ainda o posterior protocolo de colaboração entre o Mestrado em Design de Equipamento desta última faculdade e o fabricante de mobiliário urbano Larus.

No entanto, julgamos poder afirmar que, especificamente em relação ao mobiliário urbano, a colaboração ou mobilização deste sector da sociedade não tem a mesma expressão conforme ocorre noutras áreas de conhecimento ou actividade, mesmo comparando com as que lhe são mais próximas, como a arquitectura, o urbanismo ou o design de outros produtos. Aliás, a dificuldade que encontrámos nesta investigação relativa ao mobiliário urbano parece-nos demonstrar que, de um modo geral e não só em relação a Lisboa, este tema tem suscitado pouco interesse ou motivação.

Através desta abordagem compreendemos que haverá neste processo de produção uma particular complexidade, dada a multiplicidade de intervenientes que nele encontramos. Observamos que, na maior parte das vezes, prescritor, comprador e utilizador são intervenientes diferentes, ao contrário do que sucede com a quase totalidade dos produtos de consumo privado, onde essas acções cabem todas à mesma pessoa. Consequentemente, e como veremos a seguir, usos, motivos e proveitos diferentes, provenientes de cada interveniente, muitas vezes entram em conflito.

Observamos também que este será um factor decisivo para a complexidade do processo de produção do mobiliário urbano, conforme analisaremos a seguir, sobretudo porque a diversidade de intervenientes é uma constante deste processo em toda a sua extensão.

Finalmente, assinalamos desde já o modo profundamente hierárquico como estes intervenientes se organizam neste processo. Como também aprofundaremos a seguir, tal resulta sobretudo da sua irreversibilidade, onde cada interveniente poucas vezes considera feedback de informação daqueles que vêm a seguir.

4.3.3.Motivos e proveitos

Segundo os casos analisados poderemos dizer que, de um modo geral, em Lisboa (e provavelmente nas cidades em geral) as maiores obras, sobretudo as do sub-solo, são uma oportunidade aproveitada também para as intervenções maiores no espaço público (acima do solo). Intervenções de grande dimensão apenas no espaço público serão menos frequentes, sucedendo sobretudo em ocasiões de preparação da cidade para a recepção de um evento importante, como foi o caso em Lisboa da Capital da Cultura ou da Expo 98.

Haverá também, naturalmente, as intervenções no espaço público que não decorrem da necessidade de obras no subsolo. Frequentemente, na sua origem está a desadequação funcional do lugar ou simplesmente a sua degradação, o que quase sempre inclui a implantação, ou reimplantação, de mobiliário urbano.

De registar ainda as intervenções no espaço público de dimensão reduzida, certamente mais frequentes do que as anteriores, que se confinam a requalificações menos profundas, ou até somente à obra da implantação ou substituição de mobiliário urbano.

Para além destas razões objectivas, haverá motivos específicos dos intervenientes que aqui abordamos para a intervenção no espaço público que contemple a implantação de novo mobiliário urbano, como sejam:

- Os motivos políticos, próprios dos políticos (vereadores, presidente ou outros elementos da câmara municipal ou junta de freguesia), com destaque especial para os motivos e os períodos eleitorais;

- Os motivos comerciais, relativos sobretudo aos fabricantes de mobiliário urbano, os empreiteiros, os projectistas, os concessionários de publicidade ou outro profissional ou empresa que exerça uma actividade segundo essa intervenção;
- Os motivos curriculares e de realização profissional, os quais serão comuns a qualquer profissional ou técnico, pertencente a qualquer organização (empresa ou câmara municipal) ou à própria organização, como é o caso dos fabricantes de mobiliário urbano;
- Os motivos relativos à necessidade do bom desempenho do espaço público, da asua administração, gestão e manutenção. Embora o cidadão seja neste sentido o principal interessado, ao ser o utilizador segundo as diversas vertentes, o bom desempenho do espaço público é também necessário para a Câmara Municipal, o administrador ou explorador de uma rede de fluxos ou abastecimento, o concessionário de publicidade, ou qualquer organização que pretenda, para seu proveito directo ou não, um espaço público eficiente, funcional e praticável.

Podemos perceber que haverá de facto motivos distintos, os quais poderão variar conforme os intervenientes. Consequentemente, estes motivos não têm o mesmo peso no processo do mobiliário urbano, e estarão directamente relacionados com a capacidade do interveniente a que se respeita.

Os motivos políticos poderão ser os de maior peso nas intervenções no espaço público. Várias vezes constatamos que as qualificações ou requalificações do espaço público são utilizadas em campanhas eleitorais, por se tratar de um tipo de obra com grande visibilidade, com o consequente protagonismo então frequentemente atribuído ao mobiliário urbano.

Por sua vez, ao existir um mercado de compra e venda de mobiliário urbano, naturalmente que os motivos comerciais são também decisivos (para aqueles que são vendedores, naturalmente). Nos casos da exploração publicitária este motivo será mesmo o principal, ao manter-se o retorno financeiro depois da sua implantação, incluindo para a câmara municipal. Juntamente com os motivos políticos, parece-nos que estes serão os motivos mais decisivos no processo de produção do mobiliário urbano.

Os motivos curriculares e de realização profissional serão um dos mais importantes para aqueles que intervêm no espaço público através da sua profissão. Contudo, parece legítimo deduzir que estes motivos não terão no processo o mesmo peso que os anteriores.

Quanto aos motivos relativos ao desempenho do espaço público, o seu peso no processo do mobiliário urbano é tanto maior quanto mais evidente e imperativa for a sua necessidade. Serão na sua maioria motivos decorrentes de necessidades directas e objectivas do espaço público. Naturalmente, será este tipo de motivos, decorrentes da degradação ou desactualização de um espaço público e/ou do seu mobiliário urbano, que mais frequentemente mobilizam o cidadão para uma reclamação ou solicitação. Convém no entanto observar que esta actuação sucede sobretudo num plano mais “visível” e “directo” para este interveniente, enquanto outro tipo de intervenções, como as do plano mais “técnico”, são normalmente iniciadas pelos administradores do espaço público ou das redes que nele se encontram.

Conforme se poderá constatar, os motivos que referimos variarão conforme o interveniente; assim, e sendo diferente o peso do interveniente no processo do mobiliário urbano, certos motivos prevalecem em detrimento de outros.

Poderemos ainda observar que o desfasamento entre os motivos decorre também da fase do processo a que se referem. Os motivos mais decisivos, nomeadamente os políticos e os comerciais relativos à compra e à venda, predominam nas fases iniciais, desvanecendo-se após a sua implantação. Os motivos relacionados com o uso em si do espaço público e do mobiliário urbano, que são os que mais interessam para o cidadão, apenas são partilhados com a exploração das redes e da publicidade.

Talvez por aqui se possa também explicar porque razão há por vezes um investimento na implantação de mobiliário urbano que não é de todo acompanhado por uma manutenção equivalente; nem as câmaras municipais, nem os fabricantes de mobiliário urbano a contemplam. Pelo contrário, poderá ser na contemporaneidade, dentro deste processo de produção, dos motivos do cidadão e do concessionário de publicidade, que reside o êxito do mobiliário urbano para exploração publicitária.

4.3.4. Usos actuais do mobiliário urbano

Apresentámos em 3.1. uma análise da evolução dos usos do espaço público, com uma sistematização dos actuais usos predominantes do espaço público. A seguir apresentamos o mobiliário urbano que constatamos na actualidade e segundo essa sistematização.

Usos de passagem

Como vimos, actualmente verifica-se uma multiplicidade crescente de canais pertencentes a redes de fluxos, o que significa um número e diversidade de equipamentos e recursos a eles relativos cada vez maior. Em conformidade com as funções práticas que assinalamos, distinguimos:

- O mobiliário urbano e o equipamento que pertence a uma rede de fluxos e que contribui para a melhoria do uso do espaço público directamente pelo cidadão. Referimo-nos aqui aos equipamentos através dos quais usamos o espaço público não como lugar de destino mas apenas como meio de acesso a outro, pelo que poderemos assinalar, por exemplo, os sinais de trânsito, os semáforos, guardas e separadores, ou até a iluminação rodoviária;
- O mobiliário urbano e o equipamento que pertence a uma rede de fluxos e que não se destina a um uso directo do espaço público pelo cidadão, ou que até tem acesso a ele interdito. Destes, assinalamos as tampas, registos e acessos, os postes (que não de iluminação), os armários técnicos, etc.

Usos de estacionamento

Apesar de ser um uso relacionado com os fluxos de trânsito rodoviário, pelo que há equipamento comum, encontramos nas ruas equipamentos dedicados a este uso; para além do exemplo óbvio dos parquímetros, muitos pilaretes, guardas, lancis, etc., são equipamentos do espaço público que se destinam, especificamente, ao seu controle e não tanto à segurança rodoviária.

Usos de lazer

Segundo o que atrás referimos, encontraremos diverso equipamento relativo a estes usos, sobretudo nas zonas de permanência do espaço público para as actividades físicas e/ou ao ar livre. É fácil constatar o passeio, o descanso e a contemplação, os principais usos das zonas verdes e das praças e largos, conforme indicam o traçado dos seus caminhos e os seus bancos, assim como as mesas de jogo (havendo aqui um predomínio da terceira idade), o equipamento dos parques infantis, de desporto e exercício físico, e por vezes o equipamento para refeições, que pode incluir até a sua confecção (para o que existem, por exemplo, conjuntos de mesas e assentos e grelhas para assados e churrasco).

Usos económicos e as actividades de proveito privado

É cada vez maior a presença da publicidade no espaço público, não só através dos equipamentos que a ela lhe são exclusivamente dedicados (os MUPIS, os “outdoors”, os “reclamos luminosos” ou os mais actuais painéis de LEDS, etc.) como aquela que está adossada ao mobiliário urbano que possibilita outros usos, sendo os casos mais frequentes os abrigos de paragem e as bancas de jornais e quiosques.

Por sua vez, conforme assinalámos, há também outro equipamento de proveito privado, como os pontos de venda, quiosques e bancas de jornais, revistas, tabaco, lotaria, etc., ou o equipamento de esplanadas de cafés e restaurantes.

Usos políticos

Nesta vertente encontraremos actualmente sobretudo o equipamento relativo ao uso semelhante ao efectuado pela publicidade comercial e de carácter menos permanente (painéis, out-doors, faixas, estandartes, etc.), ou as estruturas para as manifestações ou comícios (palcos, equipamentos de som, etc.). Talvez porque se trata de usos mais eventuais e menos frequentes, actualmente, ao contrário do que sucederia anteriormente, poucos ou nenhuns são os equipamentos ou condições com um carácter permanente que sejam específicos para este âmbito de usos ou que os propiciem.

Usos formais e paisagísticos

Conforme também vimos, há a considerar a dimensão perceptiva formal, física, já que nos referimos a um equipamento ou um artefacto, e que se implanta num espaço físico. A composição e a linguagem formal, visual e paisagística são qualidades cada vez mais reconhecidas no mobiliário urbano, sendo diversas vezes o principal critério de selecção num projecto de implantação.

Usos sociais

Já referimos a importância desta vertente para o espaço público, na qual o seu mobiliário urbano tem gradualmente dado o seu contributo. Contudo, aparte de exemplos muito pontuais, como os mastros de bandeira, parece-nos que raramente encontraremos mobiliário urbano que se dedique especificamente a esse uso. Assim, o contributo para a apropriação e a identidade, ou para a preservação da memória colectiva, será com efeito um uso transversal, ainda que não universal, do mobiliário urbano. Trata-se, para além disso, de uma consequência de outros usos.

Usos práticos

Tal como o anterior, este uso será também transversal ao mobiliário urbano, mas neste caso será universal. É de facto a sua principal razão de ser e que o torna indispensável e constante no espaço público contemporâneo, ao permitir um melhor desempenho no seu uso: a limpeza e higiene, a iluminação, a climatização e ensombramento, a segurança, o conforto, são os exemplos que mais facilmente se evocam. É esta sua característica que normalmente é tida como referência para definir e classificar o mobiliário urbano, na maior parte das vezes está atribuída uma função prática para cada peça de mobiliário urbano.

Quanto a estes usos, julgamos ainda poder considerar duas vertentes:

- Aqueles que fazem de interface do utilizador com o contexto onde se encontra, que é o espaço público. Ex: a iluminação, que permite o uso nocturno; bancos de jardim, que propiciam uma permanência prolongada; equipamento de parques infantis, que chama as classes etárias mais jovens, assim como os seus acompanhantes; semáforos e outros equipamentos que regulam e melhoram os fluxos de trânsito;
- Aqueles que não fazem directamente de interface entre o utilizador e o espaço público, mas antes com outro sistema que aí se encontra: o mobiliário ou o equipamento urbano encontra-se no espaço público, contudo essa inserção existe por uma questão de acesso e não por ser directamente útil para o espaço público. É o caso dos chafarizes, os quais serviam sobretudo para o abastecimento de água das habitações, ao contrário dos bebedouros, que servem ainda essencialmente para beber água no espaço público, ficando no primeiro grupo que enumeramos.

4.3.5.A estrutura do processo mais frequente de produção e suas fases

Continuando a considerar especificamente o mobiliário urbano, interessará agora referir os processos de produção mais frequentes, que envolvem o seu projecto, o fabrico, o seu uso e a manutenção, substituição. Já anteriormente tinha sido feita uma abordagem inicial a estes processos, procurando-se aí fazer uma primeira sistematização da estrutura das fases e seus intervenientes dos processos mais frequentes (Valente Pereira 2002:71). Analisando a observação que agora efectuámos dos casos que apresentamos, julgamos poder afirmar com mais alguma certeza que existe de facto um processo de produção predominante, cuja estrutura do faseamento sintetizamos no modelo que a seguir apresentamos com o detalhe possível.

Produção mais comum do mobiliário urbano

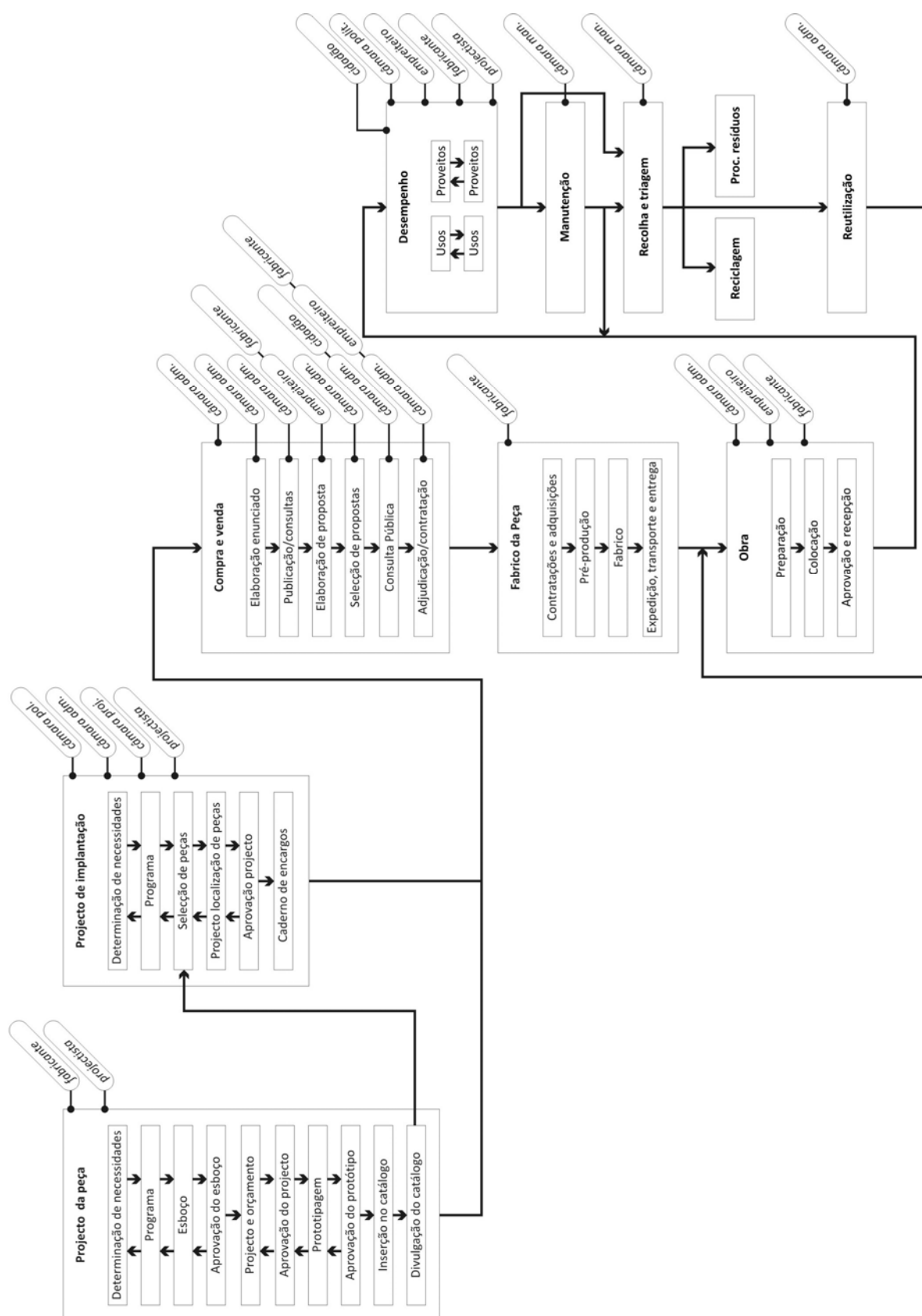


Figura 135: Processo mais comum do mobiliário urbano (elaboração do autor)

Actualmente a maioria dos artefactos e equipamentos implantados no espaço público é projectada, fabricada e comercializada por uma empresa interveniente, já atrás descrito e denominado como fabricante de mobiliário urbano. De facto, no mercado da sua comercialização, o vendedor é esse fabricante ou o representante. Esta empresa concebe e desenvolve os seus produtos, colocando-os no catálogo que elabora para a sua divulgação no mercado. Este catálogo é, na maior parte das vezes, constituído por produtos que correspondem a um tipo normalizado de mobiliário urbano, sendo a sua variação sobretudo na forma.

Na maior parte das vezes sucede que a escolha do mobiliário urbano que consta nos referidos catálogos é feita pelos projectistas responsáveis pelo projecto do restante espaço público, sendo ou não estes técnicos da Câmara Municipal. Em certas ocasiões, como na implantação de mobiliário urbano em novos arruamentos, o processo de compra (e, consequentemente, as decisões a ela inerentes, como por exemplo, a escolha do modelo) pode não ser efectuado pelos serviços da Câmara Municipal, mas sim por empreiteiros ou os promotores. No entanto, são as câmaras municipais que são o dono da obra no espaço público, pelo que haverá poder de decisão final por parte desta instituição. Ultimamente registámos alguma intenção por parte da Câmara Municipal em estabelecer alguns parâmetros para a escolha dos modelos de mobiliário urbano, sendo o caso relatado de implantação dos pilaretes exemplo disso.

Na maior parte das vezes o projecto da peça é independente e anterior ao do espaço onde se implantará. Para essa ocasião, os seus projectistas farão uma selecção de peças por catálogo, apesar de elas frequentemente virem apenas depois a ser fabricadas.

Normalmente, os fabricantes de mobiliário urbano não fazem stocks das suas peças. Com efeito, há algum investimento para o projecto e para a sua divulgação, mas o investimento maior no fabrico do mobiliário urbano é apenas feito para o momento da implantação. A decisão do investimento no projecto não depende, com efeito, da garantia da sua venda.

Demonstra-se também que a sua rentabilidade não passa obrigatoriamente por uma produção em larga escala, o mobiliário urbano é quase sempre produzido a partir da concretização da encomenda e poucas vezes produzido em larga escala.

Como traço geral e caracterizador da produção mais frequente do mobiliário urbano, pelo que nos foi possível analisar, todos os processos são compostos por tarefas hierarquizadas e sucessivas. Em quase todos, a maior parte das suas tarefas são executadas e decididas pelos elementos da Câmara,

técnicos ou políticos, pelos projectistas e outros técnicos por ela contratados, assim como por aqueles que integram as empresas que a Câmara adjudica.

Quanto ao cidadão, e no seguimento do que atrás já referimos, em todo este processo também a sua intervenção é reduzida ou pouco significativa. Haverá pouco hábito ou cultura nesse sentido, e através dos contactos que efectuámos pareceu-nos que também a Câmara Municipal dispõe ainda de poucos canais que sejam eficientes nesse sentido. A intervenção do cidadão é por isso muitas vezes reactiva, sendo feita sobretudo através de reclamações acerca de situações concretizadas¹²⁴.

Por comparação, podemos até constatar que essa capacidade de intervenção do utilizador é menor até do que nos processos mais frequentes de outros artefactos e equipamentos. Através de uma análise simplificada dos processos de produção, efectuamos a seguir uma reflexão onde comparamos o processo de produção do mobiliário urbano mais frequente com os demais.

A complexidade do processo do mobiliário urbano

Num caso hipotético de auto-suficiência e auto-produção, manufactor e utilizador são a mesma pessoa. Assim, as decisões tomadas no fabrico são intrinsecamente ligadas e indissociáveis das solicitações de uso. O uso, que obviamente está dependente do resultado da produção, dá um retorno ou feed-back automático e contínuo, sendo ainda, também obviamente, permitidas as alterações e melhorias resultantes da sua experiência.

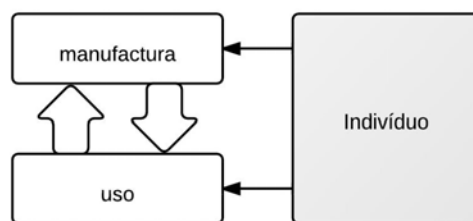


Figura 136- Simplificação do processo de auto-suficiência e auto-produção (elaboração do autor)

¹²⁴ Não nos foi possível efectuar um levantamento que nos permita, de um modo efectivamente válido, retratar as intervenções ou reclamações feitas por munícipes, no entanto diríamos também que estas intervenções têm na maior parte das vezes um âmbito muito restrito, ou melhor, estão muito restritas aos interesses e usos directos que o reclamante faz, ou quer fazer, do espaço e do erário públicos. Exemplo que nos parece demonstrativo será o conjunto de propostas feitas para o “Orçamento Participativo”, que a Câmara Municipal de Lisboa tem promovido nos últimos anos (<http://www.cm-lisboa.pt/op/>). Apesar do seu objectivo alargado a toda a cidade, onde se enquadrariam também propostas com profundidade que contribuiriam para a orientação política da gestão da cidade, predominam as propostas de interesse muito localizado e para um grupo reduzido de cidadãos.

No caso de uma produção num pequeno grupo (por exemplo, uma pequena comunidade com produção local), produtor e utilizador não serão a mesma pessoa, mas haverá uma comunicação fácil e recíproca. O produtor conhecerá o utilizador e as suas necessidades para conceber algo à medida, podendo até haver colaboração nessa fase; o utilizador terá fácil acesso ao produtor para que possa fazer qualquer solicitação ou reclamação. Para além disso, tratando-se de processos de fabrico flexíveis e adaptáveis, como alguns dos artesanais ou até semi-industriais, mais facilmente serão incorporadas novas solicitações ou correcções decorrentes da experiência de uso. O produto poderá assim evoluir tão rapidamente quanto eficaz for essa comunicação e existir proximidade entre estes dois intervenientes.

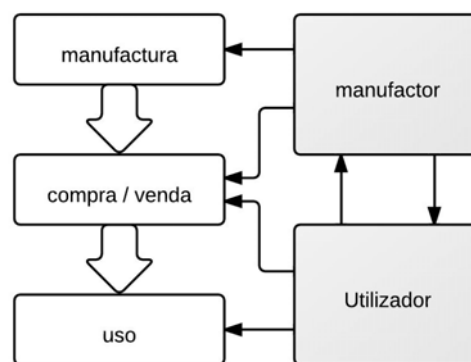


Figura 137 – Simplificação do processo de produção em pequenos grupos ou comunidades (elaboração do autor)

Naturalmente, à medida que o grupo de utilizadores é maior, a proximidade com o produtor diminui, pelo menos com todos eles. Por sua vez, para um fabrico em maior quantidade de exemplares, frequentemente o investimento inicial é maior, como seja em máquinas ou ferramentas específicas (como por exemplo, moldes), o que por vezes inibe a introdução de alterações nessas linhas de produção.

Num processo de produção maior, alarga-se também a diversidade de intervenientes nesta cadeia e aumenta a sua complexidade. Surgem os intermediários, os revendedores, os armazenistas, os contratantes, etc., tornando indirecto o contacto entre produtores e utilizadores. Esta complexidade é também maior porque vários intervenientes acumulam mais do que um destes atributos. E assim, por exemplo, um designer, frequentemente tem que ter em conta para os seus projectos as solicitações (ou imperativos) de um primeiro utilizador, que é o cliente, como o será um fabricante que o contrata, e um segundo, que é o “utilizador final”.

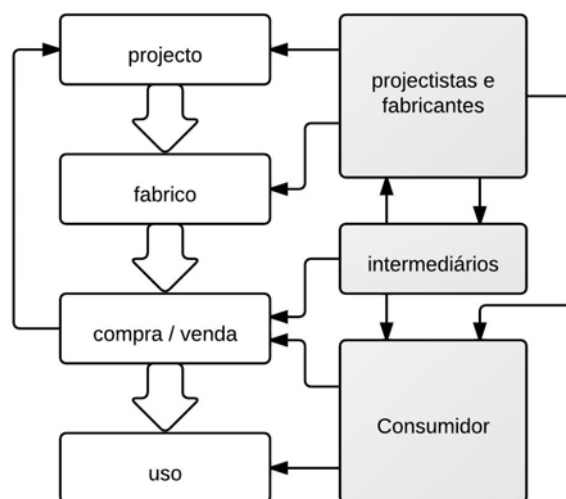


Figura 138 - Simplificação do processo mais comum dos produtos de consumo (elaboração do autor)

De assinalar ainda que, nas produções em grande escala, os “utilizadores finais” são cada vez mais, tornando-se cada vez mais diversos, e logo, mais incógnitos e difíceis de identificar. Recorre-se assim frequentemente à sua identificação por grupos, os quais terão que ser por isso o mais transversais possível (idade, sexo, estrato socio-económico, etc.), o que permite uma caracterização muitas vezes pouco precisa. A comunicação é predominantemente unidireccional (como aquela que se efectua através da publicidade), pelo que o utilizador final está assim tanto mais afastado das fases iniciais (e mais decisivas) do processo de produção, assim como dos intervenientes que aí actuam, como os designers, quanto maior e mais complexo for o sistema de produção em questão.

Ainda assim, neste processo o consumidor tem a compra como meio de intervenção directa, e modo como o faz é cuidadosamente auscultado pelos intervenientes que se encontram a montante. A escolha de um produto entre os diversos que compõem a oferta do mercado, seja entre os equivalentes de marcas concorrentes, seja entre aqueles que compõem uma gama de uma mesma marca, das opções possíveis, como a cor ou outras configurações, tudo isso será, como sabemos, elementos que caracterizam um factor tido primordialmente em conta nas fases mais prematuras deste processo (ou mesmo um motivo para que se inicie este processo). Existem ainda diversos estudos de mercado, de tendências e de auscultação de opiniões, onde se procura antecipar essas opções, para que seja possível assegurar o êxito que se pretende.

Há também, num processo habitual de produtos de consumo, a possibilidade do recurso à garantia do produto ou à assistência após a venda por parte do fabricante ou seu representante, o que muitas vezes serve também de comunicação de retorno usado pelos seus fabricantes.

No processo do mobiliário urbano, a base é também a compra e a venda desse produto, embora haja algumas excepções, como o caso do mobiliário concessionado para a publicidade. Só que, note-se, o utilizador final, o cidadão, normalmente já não é o comprador.

Neste caso, em que comprador e utilizador não são a mesma pessoa, a capacidade interventiva do cidadão nesse processo é pois ainda menor, pelo menos de um modo directo, e ainda que tenhamos em conta a eficácia das eleições ou de outros processos complementares a este. Porque o seu poder interventivo mais frequente, enquanto eleitor ou nas consultas públicas, refere-se a grandes opções e directivas gerais, ou relativo a obras de maior porte, pelo que a não chega a esse tipo de pormenor. A selecção de mobiliário urbano, por exemplo, é, quase sempre um processo intracamarário, dos seus técnicos e por vezes dos políticos, ou conduzido por outro administrador do espaço público, ou ainda pelo empreiteiro da sua obra de implantação. Mas o cidadão raramente tem, conforme procurámos demonstrar com os casos que apresentamos, um poder directamente interventivo.

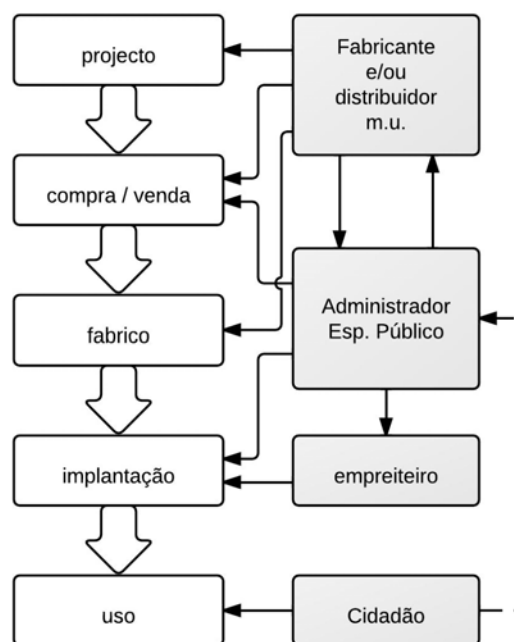


Figura 139 - Simplificação do processo de produção mais comum do mobiliário urbano (elaboração do autor)

Como resultado, sobre os diversos equipamentos e artefactos que o rodeiam e que usa, cada indivíduo tem, apesar de tudo, mais poder interventivo enquanto consumidor do que enquanto cidadão. Claro que, quando é o único proprietário e utilizador, essa sua capacidade será sempre maior do que quando se trate de mobiliário urbano, já que a sua propriedade e uso são partilhados. Contudo, não deixamos de salientar a grande diferença que existe, já que estes últimos artefactos

essa capacidade é frequentemente nula, ainda que no final se tratem de artefactos e equipamentos com desempenhos e usos análogos.

Poderemos constatar que de um modo geral a evolução dos artefactos e equipamentos se tem traduzido no aumento da sua complexidade, assim como dos seus processos de produção, o que se verifica também pelo aumento dos seus intervenientes, tanto em diversidade, como número. Consequentemente, o utilizador final tem-se afastado das fases mais decisivas desse processo, assim como com muitos dos intervenientes que aí actuam, diminuindo a sua capacidade de intervenção.

No entanto, dos processos produtivos contemporâneos, o do mobiliário urbano apresentará uma complexidade ainda maior. A referida capacidade do utilizador final é ainda menor, não necessariamente por essa maior complexidade, mas porque ele não é parte directamente activa num dos principais motivos e charneiras desse processo que é, tal como nos produtos de consumo em geral, a sua compra e venda.

Tal como sucedeu em muitos outros casos, a dada altura também os artefactos e equipamentos da cidade passaram ser produzidos industrialmente, em maior série e para utilizadores e contextos mais genéricos. Isso terá sido um factor de peso no afastamento do cidadão desses processos produtivos. Contudo, a organização e a dinâmica que entretanto se adoptou para esses processos produtivos, em si, e que pouco teve a ver com questões tecnológicas, terão sido possivelmente uma das principais causas do referido afastamento.

Por sua vez, e também segundo os casos que analisámos, não deixamos de evidenciar que a pouca capacidade de intervenção do cidadão não é de todo irremediável no processo de produção do mobiliário urbano. Os casos apresentados da obra da Av. Brasil em Barcelona e o das cadeiras dos Jardins do Luxemburgo em Paris demonstram, cada um de um modo concreto e diferente que, para além de desejável, é de facto possível uma maior capacidade de intervenção por parte do cidadão.

De facto, conforme analisámos, no processo de produção de mobiliário urbano da Av. Brasil, tal como a restante intervenção onde ele se integrava, os cidadãos tiveram a possibilidade de intervir desde as fases mais prematuras. Neste caso, a hierarquia dos intervenientes foi inversa ao habitual, já que os fabricantes intervieram posteriormente, concluindo, validando e concretizando o projecto inicialmente desenvolvido pelos projectistas e aprovado pelos cidadãos e pelo “Ayuntamiento”.

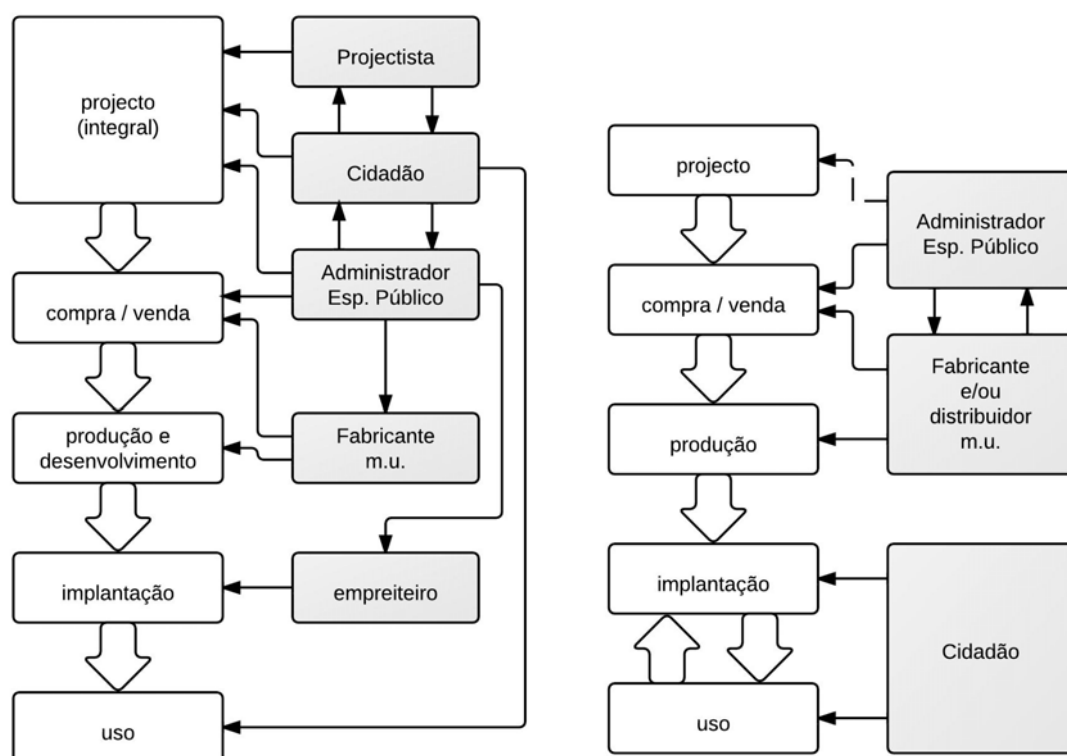


Figura 140 - Simplificação do processo de produção do mobiliário urbano na Av. Brasil em Barcelona (elaboração do autor). Figura 141 - Simplificação do processo de produção das cadeiras dos Jardins do Luxemburgo (elaboração do autor)

Quanto aos Jardins do Luxemburgo, o administrador pode lançar os concursos sempre que for necessário, sem estar obrigado a um fabricante ou autor, uma vez que o projecto da sua cadeira móvel é propriedade pública. Para além disso, como este equipamento não está preso ao chão, tal como sucede de uma maneira geral com os assentos no espaço público, na prática o utilizador substitui aqui o projectista que normalmente tem o atributo de definir o local e a orientação do assento.

Características próprias relativas à sua fase de uso

Através desta análise parece-nos possível salientar ainda que o mobiliário urbano apresenta também diferenças para com a maioria dos artefactos e equipamentos de que nos rodeamos que são produtos de consumo e de uso individual, conforme sintetizamos na Tabela 6:

Tendência	Produtos de consumo	Mobiliário Urbano
Número de utilizadores	1	∞
Número de utilizações	1	∞
Duração normal da fase de uso	Minutos > Anos	Décadas

Tabela 6: Comparação de diversas tendências entre o mobiliário urbano e os produtos de consumo em geral

Conforme podemos constatar até no nosso quotidiano, a maioria dos produtos de consumo de que nos rodeamos são para o nosso próprio uso, ou, nalguns casos, para um grupo reduzido de utilizadores, como por exemplo a nossa família. Para além disso, como já vimos também, muitos deles desgastam-se numa única utilização, cuja duração pode atingir poucos minutos (cf. 2.2.2).

Quanto ao mobiliário urbano, por sua vez, podemos perceber que, ao ser de uso partilhado, tem ao longo da sua vida, inúmeros utilizadores; para além disso, na maioria dos casos o mobiliário urbano tem uma fase de uso bastante longa, podendo atingir várias décadas, conforme nos testemunham os vários equipamentos centenários em diversas cidades do mundo. Como resultado, o mobiliário urbano pode ter um número incontável de utilizações, desde que seja devidamente utilizado e mantido.

Assim, os impactos causados pelo seu fabrico diluem-se, em primeiro lugar, pelo número de vezes que é utilizado, e depois, pela sua longa duração. Também por esta vertente poderemos constatar que estes artefactos e equipamentos não são, de facto, produtos de consumo: muitas das questões e problemas relativos aos produtos para consumo privado, entre os quais o impacto do excessivo desgaste de recursos naturais, para o caso do mobiliário urbano, não tem de modo algum a mesma importância.

De facto, várias são as utilizações e os utilizadores; registe-se, para além disso, que há também, conforme até vimos atrás, uma multiplicidade de tipos de intervenientes e com diversos usos.

Refira-se ainda que é na efectivação do seu uso que o mobiliário urbano contribui, de diversos e importantes modos, para o espaço público onde se insere, assim como para a cidade em questão, conforme também tivemos já oportunidade sistematizar.

Finalmente, é de referir que o espaço público é um contexto de uso com solicitações específicas, mas também muito exigentes:

- Pela exposição à intempérie;
- Pelo uso intenso e constante;
- Por ser um equipamento quase sempre destinado ao contacto directo, ao manuseamento, e que frequentemente se traduz num funcionamento mecânico;

- Pela diversidade de utilizadores, e dos múltiplos e inesperados modos de relacionamento e manuseamento que deles resultam;
- Pelo frequente uso com uma atitude menos cuidada, sobretudo quando não existe da parte do utilizador uma noção de apropriação e de responsabilidade sobre esses equipamentos;
- Ao ser um dos alvos preferenciais de destruição deliberada e roubo

Logo, como compreendemos, expõe-se a absoluta necessidade de o mobiliário urbano estar adaptado a estas exigências, através, entre outras propriedades, da sua resistência e durabilidade em vários níveis. No entanto, como se compreende, por si só isso não será suficiente, pelo que uma boa manutenção é um importante factor para o bom desempenho do mobiliário urbano.

A manutenção e o fim de vida

Pelo que temos vindo a expor, a qualidade do uso do espaço público passa tanto pela qualidade do seu projecto como da sua boa manutenção. É pois evidente a necessidade de uma política de gestão de manutenção dos espaços públicos bem consolidada, para que a partir daí haja bases suficientes para se elaborarem projectos de qualidade. Na realidade, os projectos de qualidade dos espaços públicos só o serão efectivamente se a sua manutenção for eficiente. Não valerá assim a pena investir em projectos e intervenções no espaço público que não seja possível manter devidamente.

Nesse sentido, evidencia-se a necessidade da boa integração do projecto de intervenção com a sua manutenção. É essencial observar em projecto as capacidades e limitações desses serviços e dos orçamentos camarários para os mesmos.

Pelo que nos foi possível observar, à excepção daquele que se dedica à exploração publicitária, na maior parte dos casos o mobiliário urbano é sujeito a pouca manutenção; com efeito, segundo as declarações dos contactos que fizemos para o estudo de casos, muito do mobiliário urbano é simplesmente substituído, em especial aquele que exige pouco investimento na sua compra, cujo caso mais evidente é o dos pilaretes.

Para além disso, esta substituição por vezes ocorre em situações extremas, sendo apenas feita na ocasião em que já se exige intervenções mais profundas, em todo o conjunto de mobiliário urbano de um dado espaço público, ou em todo o espaço público em si.

Note-se, contudo, que frequentemente a Câmara faz reutilização de mobiliário urbano. Logo, como se depreende, pelo menos no caso da Câmara Municipal de Lisboa, algumas peças destes

equipamentos existem em armazém. Aí o maior problema, como ficou exposto com os casos dos pilaretes e da Rua das Janelas Verdes, reside na excessiva diversidade de modelos que por vezes ocorre, tornando mais difícil a preservação da coerência dos equipamentos num dado espaço da cidade.

A partir do enquadramento de outros autores em relação às razões do fim de vida de um produto, apresentamos na tabela 7 as possíveis razões para a recolha de uma peça de mobiliário urbano.

Papanek, (1992:34)	Walker: (2006:140)	Vezzoli e Manzini (2008:132)	Mobiliário Urbano
Obsolescência material	Desgaste	Degradação do desempenho e fadiga estrutural devido à utilização normal	Desgaste material inevitável e previsto pela utilização normal
Idem		Degradação derivada de causas ambientais ou químicas	Desgaste material inevitável e previsto pela exposição à intempérie
	Disposability ("descartabilidade")		Fim previsto em utilização temporária
	Não reparáveis		Conservação e manutenção indevidas
	Idem	Dano causado por acidente ou uso impróprio	Utilização ou manuseamento indevidos (vandalismo, uso descuidado, etc.)
	Obsolescência funcional		Obsolescência de desempenho
Obsolescência tecnológica	Obsolescência tecnológica	Obsolescência tecnológica	Obsolescência tecnológica
	Obsolescência estética	Obsolescência estética ou cultural	Obsolescência de aparência
			Intervenções no espaço de inserção, formais ou funcionais, solo ou subsolo
Obsolescência artificial, através de materiais de curta duração, não reparável, estilística			Obsolescência determinada ou imposta artificialmente e com fins exteriores (políticos, comerciais, etc.)

Tabela 7: Razões para o fim de vida de uso do mobiliário urbano a partir da confrontação das possíveis razões referidas por autores para os produtos em geral (elaboração do autor).

4.3.6.Dimensões

Vários autores afirmam que devem ser observados os diversos contextos ou dimensões a que o projecto de espaço público se refere. Apresentamos a seguir a exposição dessas dimensões segundo alguns desses autores.

Luz Valente Pereira (1991:3-4) refere-nos, explicitamente, que as “dimensões do desenvolvimento, tal como das necessidades humanas”, serão a económica, a cultural e a social. No entanto, a autora ressalva que o desenvolvimento (motivo principal para as intervenções para requalificação da cidade) não tem definição unívoca, é evolutivo, é relativo e é multidimensional.

Brandão (coord.) assinala-nos as “vertentes ambiental, económica e social da sustentabilidade conforme recomendados pelo Livro Verde do Ambiente Urbano da UE e pela Agenda Local 21” (2002:11), bem como que “o bom desenho do espaço público deriva de um entendimento sistemático e cuidado do lugar e do contexto ambiental, cultural, social, económico e político (2002:18). Para além disso, apresentam-se como aspectos que se devem definir num programa de projecto para um local o enquadramento físico, urbano, arquitectónico, paisagístico e histórico (2002:20).

Segundo Cerasi, na definição de “espaço colectivo” encontramos os factores cultural, histórico, espacial e geográfico (1990:88). Para além disso, este autor refere como “material para a constituição de um espaço colectivo novo” a “realidade geográfica e histórica da cidade”, “o plano da entidade pública” e “as reivindicações sociais e o desfrute social”. O autor refere ainda “condicionantes e limitações tanto geográficas como técnicas, que impedem a vontade política ou cultural de aplicar livremente os seus próprios modelos, já que esta estará fortemente condicionada pelos modelos sociais e económicos presentes e pré-existentes, pelos limites quantitativos que esses modelos definem, e pelas formas típicas da distribuição dos factos físicos na cidade (1990:89). Teremos assim, parece-nos, primeiramente delimitadas a dimensão cultural e histórica, a física, a institucional e a social, às quais aqui se refere a constituição do espaço colectivo. As condicionantes referidas em seguida, por sua vez, parece-nos, indicam ainda uma dimensão técnica, outra política, e ainda a cultural e a económica.

Sendo o mobiliário urbano parte integrante do espaço público e elemento da qualidade deste, a ele se referem também as dimensões acima referidas. As dimensões económica, ambiental e social, conforme já vimos, são referidas no relatório Bruntland (1987) como indispensáveis para a

sociedade sustentável. A dimensão social incluirá as dimensões cultural e histórica que aqui os autores indicam como importantes a observar, para além da dimensão socio-económica e a laboral, as quais não se podem ignorar nos processos de produção.

No caso do espaço público e do mobiliário haverá ainda uma vertente institucional, referida já pelos Sistema de Indicadores de Sustentabilidade (APA, 2007), e que se refere, especificamente, aos meios e estruturas de gestão e administração da cidade e do seu espaço público, como é o caso de uma Câmara, e que será transversal à dimensão social, económica e ambiental, mas que se identifica por processos e modos específicos, distintos dos das restantes organizações não públicas. E esta dimensão compõe-se, por sua vez, pelo que está implícito na definição de uma câmara municipal enquanto instituição: a vertente política, a administrativa e a legislativa, as quais se distinguem pelos propósitos próprios e razões específicas que as definem.

Para além da vertente técnica, onde se enquadram as condicionantes referidas por Cerasi, e que em princípio será do domínio específico dos projectistas e outros especialistas que actuam no espaço público, em relação ao mobiliário urbano há ainda que referir como incontornável a vertente funcional, na qual se inserem todos os requisitos de desempenho relativo ao uso prático indispensáveis a estes equipamentos, assim como ao espaço público em geral.

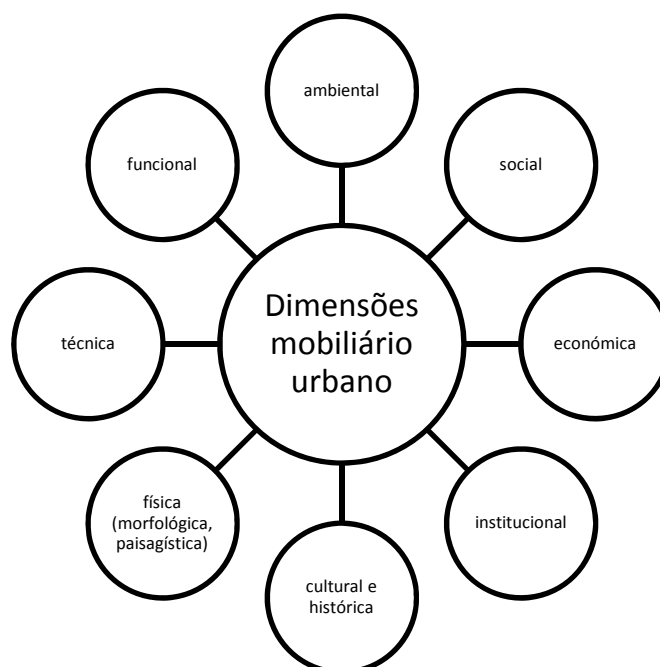


Figura 142: Dimensões a que se refere o mobiliário urbano (elaboração do autor).

4.4. Conclusões

4.4.1. Resumo das principais observações em cada um dos casos analisados

Apresentamos os aspectos que se nos revelaram mais importantes nos casos analisados, para o tema desta investigação:

- **Cadeiras móveis dos Jardins do Luxemburgo (Paris):** Assinala-se a intervenção do cidadão através do próprio uso na implantação, uma fase normalmente efectuada por outros intervenientes. Esta intervenção tem como consequência importante a reversibilidade desta fase, resultando num processo mais adaptável às solicitações do utilizador. Esta particularidade de uso é também um importante contributo para a identidade do lugar.
- **Av. Brasil (Barcelona):** Processo que ocorreu através da inversão da sucessão dos intervenientes, segundo uma organização mais colaborativa e menos hierarquizada entre os mesmos. Resultou de uma atitude mais flexível, sobretudo por parte dos fabricantes, em que as soluções técnicas que dispõem são parciais e abertas a diversas soluções. É um exemplo de participação cidadã com êxito, assim como demonstrativos das possibilidades de contributo do mobiliário urbano, pelo menos para a caracterização paisagística e formal de um espaço.
- **La Mina (Sant Adrià de Besòs):** Outro exemplo importante que demonstra as questões relativas à concretização da participação cidadã. Demonstra também a necessidade fundamental de se recorrer a estes processos que envolvam diversos intervenientes na situações de requalificação de áreas urbanas.
- **Banca de florista (Lisboa):** Evidencia a importância da revisão e consequente inovação do uso do mobiliário urbano, tanto pelo contributo que isso significa para o lugar, como para a evolução do mobiliário urbano.
- **Mobiliário urbano de publicidade (Lisboa):** Para além da grande fonte de rendimento, e das desvantagens resultantes da demasiada dedicação que estes equipamentos quase sempre têm a essa vertente, há a registar um menor interesse, por parte dos intervenientes decisores na fase de compra e venda, e maior na fase de uso. Na prática, isso resulta numa melhor manutenção, o que acaba por ser uma vantagem para o espaço público e para o cidadão.

- **Sacavém (concelho de Loures):** Procurou-se concretizar para a reabilitação de um núcleo antigo de um modo abrangente e em diversos aspectos, e através de um processo contínuo, o que estará mais de acordo com o que sucede na realidade da evolução e do uso do espaço público. Evidenciou-se, para o êxito de propostas como esta, a absoluta necessidade da envolvimento e participação de todos os intervenientes.
- **Quinta das Conchas (Lisboa):** Demonstra de novo a importância da mobilização dos cidadãos, assim como a importância da coincidência de interesses entre cidadãos e políticos. Demonstra ainda a importância da atenção ao uso na manutenção, que neste caso permitiu a correcção, ou a evolução, do projecto implantado.
- **Praça da Figueira (Lisboa):** Os projectos de intervenção no espaço público poderão ser integrais, mas deverão ser adaptáveis. Demonstra também que quanto mais abrangente for o projecto em questão, maior a dificuldade de o implantar e de o manter íntegro.
- **Eixo Janelas Verdes (Lisboa):** O mobiliário urbano pode ser um importante elemento caracterizador do espaço público, mas é preciso atenção às suas limitações e possibilidades, nomeadamente quando pretendemos que esse contributo se efectue através da sua forma, a qual está sempre confinada à escala do equipamento em questão. A atenção à manutenção é fundamental, há que garantir sintonia com as suas capacidades.
- **Implantação pontual e manutenção de mobiliário urbano (Lisboa):** Confirma a importância de uma devida conciliação das várias fases do processo de produção do mobiliário urbano, particularmente das fases de manutenção e projecto.
- **Av. de Madrid (Lisboa):** Demonstra mais uma vez a importância do mobiliário urbano enquanto elementos constituinte da identidade do lugar, e que pode suceder de modos e em ocasiões inesperadas. O projecto e as intervenções no espaço público, em particular nas substituições, devem pois estar alerta a esta vertente do mobiliário urbano.
- **Larus:** Confirma o potencial de adaptabilidade e flexibilidade do fabrico do mobiliário urbano, uma vez que não existem stocks. Tal não é necessário nem mesmo para peças de maior tiragem, como é o caso da linha “Axis” produzido por esta empresa. Confirma também a vigência da tipologia de uso do mobiliário urbano.

4.4.2. Observações e conclusões finais

Apresentamos agora um resumo que assinala outros aspectos principais abordados neste capítulo:

- O processo produtivo do mobiliário urbano é normalmente mais complexo que a maioria dos produtos e artefactos, quer pela diversidade de intervenientes, quer pela estrutura das suas fases;
- O mobiliário urbano é quase sempre produzido em série, projectado antes do espaço onde se insere ou até sem que este esteja sequer definido. No entanto, na maior parte das vezes, o fabrico só se inicia depois da encomenda, ou seja, paradoxalmente, depois de definido o local;
- O referido processo é normalmente hierárquico, com fases sucessivas e segundo um sentido único. São reduzidos os mecanismos de feed-back e que permitam reversibilidade e adaptabilidade, conforme se expressa também com a reduzida manutenção;
- Com a excepção do mobiliário urbano para exploração de publicidade, normalmente os principais intervenientes dão grande ênfase às fases iniciais (projecto e fabrico) em detrimento da fase de uso e sua manutenção (fabricantes interessam-se na venda, câmara concentra-se na implantação). Assim, de um modo geral, a manutenção é reduzida, e quando existe predomina a substituição integral;
- Demonstra-se, por sua vez, a importância da fase de uso, quer pelos contributos para os utilizadores e para cidade e o espaço público, quer pela sua grande duração;
- O cidadão tem pouca ou nenhuma intervenção no processo de produção, mesmo menor do que a maioria dos produtos de consumo.

A sustentabilidade e o mobiliário urbano

A partir do que discutimos nos capítulos anteriores e das análises das observações efectuadas, neste capítulo procuramos determinar as bases e princípios para a sustentabilidade do mobiliário urbano.

Conforme já vimos, segundo vários autores, uma sociedade efectivamente mais sustentável só será possível através de princípios e processos mais abrangentes e profundos, com os quais se proceda a mudanças que não se confinem apenas a uma poupança circunscrita de recursos naturais, quer materiais, quer energéticos. Segundo esses autores, serão necessárias mudanças fundo na sociedade, incluindo nos seus padrões de qualidade de vida e no sistema de produção e consumo.

Essas mudanças serão não só necessárias para que seja possível diminuir efectivamente o excesso de consumo dos recursos naturais, mas também pelo conceito de sustentabilidade contemporânea, mais abrangente e multidimensional, o qual preconiza também uma sociedade mais justa, mais equilibrada e mais democrática.

A cidade é intrínseca à sociedade humana, e sobretudo à contemporânea, sendo o seu espaço público uma estrutura fundamental, sob vários pontos de vista. Como já vimos também, actualmente, tanto um como outro atravessam actualmente grandes desafios, sendo necessária também uma profunda reflexão neste âmbito. Para além disso, alguns dos problemas e desafios que temos vindo a abordar, mesmo que de âmbitos diferentes, terão afinal raízes comuns.

Abordamos agora que propostas e soluções serão possíveis, sobretudo aquelas que se relacionam com o âmbito desta investigação. Começaremos pelas propostas à sustentabilidade da cidade, procurando em seguida enquadrar princípios para o mobiliário urbano.

Conforme temos estado a analisar, o mobiliário urbano é também um artefacto ou produto, pelo que os princípios de sustentabilidade contemporâneos gerais relativos à produção são também a eles aplicáveis. No entanto, conforme pretendemos demonstrar, pelas suas características específicas, de usos, desempenhos e solicitações, o mobiliário urbano requer princípios específicos,

tanto para a sua própria sustentabilidade, como pelos contributos que pode e deve dar para a cidade e o espaço público onde se insere.

Assim, propomos um conjunto de princípios que seja mais abrangente, que integre os princípios segundo o caso específico do mobiliário urbano, enquanto produto e enquanto constituinte do espaço público. Para além disso, procura-se que esses princípios sejam também correspondentes aos desafios específicos e contemporâneos do espaço público, tendo sobretudo em conta aqueles para os quais o mobiliário urbano pode contribuir para a sua solução. Trata-se, efectivamente, não só de assegurar a sustentabilidade, de um modo abrangente, do mobiliário urbano, mas também do espaço público, e até da cidade, tanto quanto for possível.

5.1. A cidade sustentável

5.1.1. Informação, consciência, perceptibilidade

Aqui pretende-se fazer uma breve abordagem aos impactos ambientais da cidade com a sua envolvente. A noção de cidade enquanto ecossistema e o seu fluxo de materiais e energia segundo os diversos tipos de utilizações e consumos poderá permitir uma contextualização para a produção e utilização do mobiliário urbano.

Partindo do princípio que a Terra é um sistema aberto em energia e praticamente fechado em materiais, ainda que os sistemas que suporta sejam abertos tanto em materiais como em energia (Rueda, 1995), e na procura de tornar os diversos sistemas humanos sustentáveis sob o ponto de vista ambiental, demonstrou-se ser necessário perceber, concretamente, que impacto os mesmos causam à sua envolvente¹²⁵. Conforme se percebe com facilidade, isso significa a necessidade de se conseguir medir, e consequentemente, quantificar esses impactos, para saber concretamente que desgaste há nos recursos naturais em questão, quer através do seu consumo, quer através dos impactos que esse dado sistema emite.

¹²⁵ Como também está implícito no conceito “Spaceship Earth” de Buckminster Fuller: “our spaceship is so superbly designed as to be able to keep life regenerating on board despite the phenomenon, entropy, by which all local physical systems lose energy. So we have to obtain our biological life-regenerating energy from another spaceship, the sun.” (Cap. 4). (Fuller, 1963)

Metabolismo Urbano

Deste modo, recorreu-se ao conceito de metabolismo que, sendo um conceito originário da Biologia, tem vindo a ser aplicado em áreas cada vez mais distintas, entre as quais a Sociologia, a Antropologia Cultural, a Geografia e a Economia. Surge assim também o conceito de Metabolismo Socioeconómico, o qual resulta da “observação de que a sociedade necessita, para as suas funções “vitais”, de manter permanentes transferências (throughput) de materiais e energia. Consequentemente, o metabolismo socioeconómico é hoje amplamente usado para relacionar o funcionamento da economia (e da sociedade) com as suas pressões ambientais” Niza (2007:24).

Porque, conforme enfatiza também este autor, e no decurso, já referido, da evolução da consciencialização ambiental, actualmente reconhece-se que os diversos problemas ambientais podem surgir não só das substâncias que são nocivas para o ambiente, mas também da quantidade de matéria que no total for movimentada. “O progresso no sentido da sustentabilidade dependerá então, pelo menos em parte, da redução das entradas (extracção), por um lado, e pela consequente redução das saídas (emissões e resíduos), por outro”. Torna-se, de facto, útil “contabilizar os fluxos de materiais para conhecer as quantidades envolvidas e avaliar os seus impactes” (Niza, 2007:27)

Considera-se também que a cidade é como um ecossistema e, por consequência, o diagnóstico necessário para o seu planeamento e a intervenção posteriores devem acomodar-se aos princípios e regras que ditam o funcionamento do sistema urbano na pesquisa cuja intenção seja maximizar a entropia recuperada em forma de informação e minimizar a entropia projectada para a envolvente (Rueda, 1995).

Nesta linha de raciocínio cria-se a “Matriz dos Materiais”, que será um meio que “consiste na contabilização, em unidades físicas, dos materiais que entram e saem de um sistema económico (país, região, cidade etc.), num determinado período de tempo” (Ferrão et al, 2007:16). Será assim possível o registo e contabilização de todos os fluxos de materiais que entram e saem, por exemplo, de uma cidade como Lisboa num determinado período de tempo. “Consiste em analisar a Cidade como um organismo que, para manter as suas funções vitais, consome matéria e energia e, depois de as digerir, acumula materiais e liberta resíduos de diferentes formas, os quais se transformam frequentemente em problemas ambientais. A complexidade deste organismo exige que a sua gestão se baseie em novos métodos de diagnóstico que permitam conhecer o seu metabolismo. De facto, não se pode gerir sem conhecer!” (p7) Conhecer e quantificar este processo será, obviamente, um importante meio para a cidade sustentável.



Figura 143: Simplificado das entradas e saídas associadas ao metabolismo material de uma economia (Niza, 2007:25)

Importância da informação, consciência e perceptibilidade

Conforme afirmam Naredo e Rueda, “Para aplicar a noção de sustentabilidade forte é necessário identificar também os sistemas cuja viabilidade ou sustentabilidade se pretende avaliar, assim como precisar o âmbito espacial (com a conseguinte disponibilidade de recursos e escoadouros de resíduos) atribuído aos sistemas e o horizonte temporal para o qual se define a sua viabilidade”. Porque, como se compreende, “para tornar operativo o objectivo proposto, é necessário definir um conjunto de informação aceite que nos indique se uma cidade caminha ou não para uma maior sustentabilidade local e global ou em que aspectos uma cidade é mais sustentável que outra”. Os autores sublinham, por isso, que a “adequada compreensão e formalização deve ajudar o ‘metabolismo urbano’ a dotar-se dos ‘feed back’ necessários para corrigir o actual desvio globalmente insustentável (Naredo e Rueda, 1997).

Trata-se, de facto, da criação de dispositivos que permitam a identificação e a informação necessárias para que, por um lado, se possa identificar o sistema em questão (neste caso, uma cidade) e o seu estado no momento, e por outro, que se possa determinar qual a sua evolução.

Também Vezzoli e Manzini, (2008) referem que algumas políticas ambientais mais recentes têm vindo a promover o designado “consumo crítico”. Estas políticas terão como objectivo suscitar a consciencialização do consumidor/utilizador e aumentar a possibilidade de fazerem as suas escolhas de consumo, o que significa a necessidade da disponibilização da informação sobre o produto no momento da sua compra. Ressalvando que a prática do consumo crítico deve ser mais abrangente, já que é sua convicção que não são apenas as escolhas de consumo que têm que mudar, mas todo o modo de viver, os autores referem dois exemplos, o “eco-label” e a “energy-label”, que hoje já encontramos habitualmente nos electrodomésticos e nos produtos eléctricos como as lâmpadas, onde se informa, por exemplo, a sua eficiência energética (Vezzoli e Manzini, 2008:32).

As razões que fundamentam dispositivos como a referida matriz dos materiais ou a informação mais completa sobre os produtos de consumo expõem a absoluta necessidade de informação acerca do contexto onde se insere um indivíduo, assim como dos sistemas a que pertence. Obvia-se assim também a necessidade da noção do conhecimento dos impactos das atitudes e acções que se tomam ou não, e consequentemente, de uma consciência global o mais completa e possível, até porque esse pode ser o caminho para a resolução de muitas outras questões e problemas actuais, já que muitos deles, como temos estado a analisar, estão interligados.

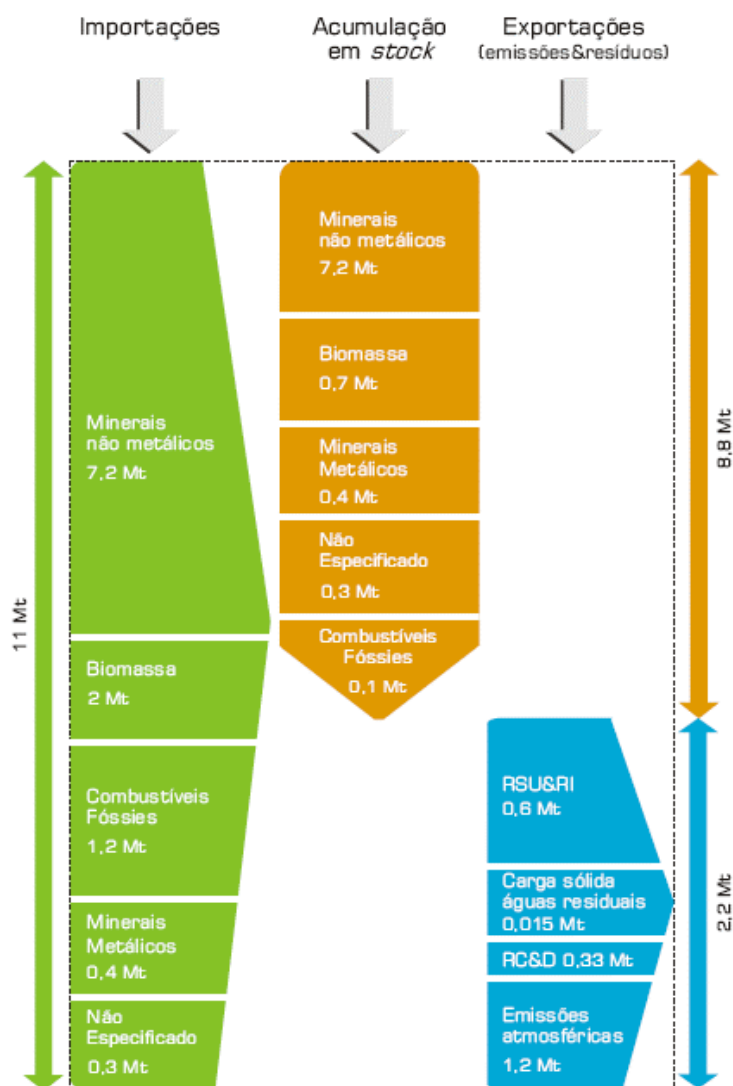


Figura 144: “Balanço de Materiais da cidade de Lisboa, 2004” (Ferrão et al, 2007:36)

A elaboração da “Matriz dos Materiais de Lisboa” permitiu observar a análise dos fluxos de materiais desta cidade, “que representa cerca de 7% dos materiais consumidos no país”. E permitiu concluir que “Na perspectiva de um Desenvolvimento Sustentável, estes resultados suportam a necessidade de apostar em novas fontes de energia e novas tecnologias (nomeadamente a microgeração através da energia solar fotovoltaica e solar térmica), novas formas de mobilidade

(reduzindo a necessidade de uso diário de veículo pessoal) [uma vez que os autores não deixam passar despercebido o facto de Lisboa ser um centro administrativo e empresarial, causando um grande movimento pendular diário de pessoas entre centro e periferias] e no consumo de alimentos produzidos de uma forma mais sustentável - menos extensiva em solo e intensiva em produtos químicos e água.” (Ferrão et al, 2007:50)

Assim, logo através de uma análise como esta, torna-se evidente a necessidade, em primeiro lugar, da elaboração de dispositivos informativos como uma matriz de materiais. Em segundo lugar, evidencia-se também que a gestão territorial da cidade é também um factor crucial para que seja possível aos seus habitantes usá-la de um modo mais sustentável.

A questão da perceptibilidade é igualmente importante. Conforme já vimos, ao abordar a questão do grande e rápido desafio das cidades, Sert (1951) já havia alertado para a questão da escala impessoal a que as grandes metrópoles actualmente chegaram, cuja dimensão não permite que cada indivíduo crie e mantenha laços ou referências com o local onde se encontra, com o centro a que se refere, ou mesmo com os outros indivíduos. Para além disso, as grandes metrópoles comportarão o problema de serem muitas vezes um meio de grande complexidade, o que pode dificultar mais a sua consciencialização e perceptibilidade por parte dos indivíduos que a habitam.

Já Lynch (1990) afirmara que “a legibilidade é crucial na estrutura citadina”, uma vez que “embora a clareza ou a legibilidade não seja de modo algum a única característica importante de uma cidade bela, a sua relevância adquire um significado especial quando se observam arredores na escala urbana de tamanho, tempo e complexidade.” Porque, para além da importância elementar da envolvente ser organizada e reconhecível, “uma estrutura física viva e integral, capaz de produzir uma imagem clara, desempenha também um papel social” e “a imagem de um bom ambiente dá, a quem a possui, um sentido importante de segurança emocional (...) o inverso do medo que deriva da desorientação” (Lynch, 1990:13). Ao percebemos também a importância da cidade ter a probabilidade de evocar uma imagem forte ao seu observador, ou seja, a sua ‘imaginabilidade’ (Lynch, 1990:20), com este autor percebemos, de facto, a importância da relação do cidadão com a sua envolvente.

Deste modo, a boa consciência, a informação e o conhecimento do cidadão será fundamental para a cidade de um modo muito abrangente, já que é um importante meio para a sua sustentabilidade da cidade e também para a sua relação e proximidade com o cidadão.

5.1.2. Modelos de cidade sustentável

Tornou-se evidente para vários autores, conforme analisamos a seguir, que a solução para uma maior sustentabilidade de uma cidade, ou de uma região urbana, passa em grande parte pela reestruturação e reordenação do seu território.

Cidade compacta e diversa

Rueda (1995) defende que a cidade compacta e diversa, na sua generalidade, é o modelo sistémico mais sustentável, permitindo ainda reduzir drasticamente a entropia projectada à envolvente.

Naredo e Rueda (1997) reiteram este ponto de vista ao afirmarem que “parece que o planeamento do território que se baseie em acções que diminuam o valor do quociente do espaço sobre a diversidade permitirá corrigir, em parte, as disfunções do sistema actual e tornar flexível algumas das variáveis que actualmente mais condicionam o funcionamento do ecossistema urbano e da envolvente.” Estes autores elencam que a sua lógica inclui:

- O aumento da complexidade nos espaços relativamente reduzidos;
- A diminuição da ocupação do solo mantendo-se as mesmas funções;
- A redução do tempo para se efectuarem os contactos;
- A redução de energia consumida para manter e tornar o sistema mais complexo;
- E, por último, reduzir a instabilidade, pois proporciona um maior número de circuitos reguladores recorrentes.

Ao contrário da conurbação, extensa e organizada monofuncionalmente (com menor complexidade), e ainda segundo estes autores, o modelo que melhor se adapta aos propósitos da cidade sustentável é o da cidade compacta e densa (para o que referem expressamente o modelo da cidade mediterrânica). Com os ajustes necessários, para Naredo e Rueda este será um dos modelos que em princípio melhor pode corresponder aos propósitos em questão, pela sua continuidade formal, multifuncional, heterogénea e diversa em toda a sua extensão (Naredo e Rueda, 1997).

Na nova conurbação perderam-se as bases epistemológicas que completam o sentido da cidade; a essência da cidade, ou seja, o contacto, a regulação, o intercâmbio e a comunicação, projectada no espaço público (ruas e praças) vai-se perdendo para ser substituído pela casa, um papel mais preponderante das redes e os espaços privados de lazer, compra, transporte, etc. Neste modelo de cidade compacta e diversa, pelo contrário, “pode conformar-se perfeitamente com o primeiro

objectivo da cidade, que é aumentar as probabilidades de contacto, intercâmbio entre pessoas, actividades, associações e instituições” (Naredo e Rueda, 1997).

Como poderemos observar, os autores defendem que a melhoria da sustentabilidade de uma cidade, ou a rapidez da correção das suas disfunções, ocorre com a existência de uma boa comunicação entre as suas diversas partes. E assumem que esta qualidade de comunicação está directamente dependente do espaço físico que a cidade ocupa em área. E, por consequência, assumem que esta qualidade depende, por um lado, do espaço que a informação tem que percorrer para ir desde o emissor ao receptor, e por outro, da “densidade” da rede dos seus diversos canais, para que seja permitido o processamento de uma maior quantidade de informação.

O modelo de cidade compacta e diversa vai assim ao encontro da importância da comunicação, da informação e da consciencialização para a sustentabilidade. Para além disso, este modelo de cidade é também o que permitirá reduzir melhor o consumo de materiais, energia, tempo e solo, permitindo, em princípio os mesmos usos e desempenhos da cidade, proporcionando ainda os mecanismos de regulação e controle para conferir estabilidade ao sistema.

A cidade compacta e diversa será o modelo que permitirá um sistema mais sustentável, ao permitir otimizar o uso do solo e dos diversos recursos energéticos e naturais. Para além disso, esta redução da escala urbana terá como resultados concretos a eventual maior proximidade com o cidadão, o que lhe permitirá uma maior consciencialização dos impactos causados no ambiente.

Expõem-se assim, para a cidade sustentável, os princípios de densidade e diversidade (complexidade), para otimizar a ocupação do solo, diminuir distâncias e melhorar a informação. No entanto, como todos estes autores ressaltam, estes, por si só, não são suficientes, é necessário, para além disso, mudanças mais profundas de paradigmas e padrões de vida.

As Regiões Urbanas Sustentáveis e as Cidades Compactas Verdes

O relatório do “Working Group on Urban Design for Sustainability” (Lloyd-Jones, ed, 2004) procura identificar “modelos e estratégias para boas práticas no design urbano para apoiar a sustentabilidade nos países da EU e nos que estejam em processo de adesão”. Para isso centra-se nos temas do redesign e regeneração das áreas urbanas, assim como o projecto para áreas ainda não urbanizadas¹²⁶ e a consolidação do tecido urbano, segundo uma visão abrangente que permita chegar a uma região urbana sustentável (Lloyd-Jones, ed, 2004).

¹²⁶ No original designadas como “greenfield”, termo relativo às áreas como as de uso rural, florestas, zonas naturais, etc.

Enunciando alguns dos grandes desafios actuais para o design urbano, já por nós referidos anteriormente, este relatório reconhece que a “Estratégia da Cidade Compacta”, defendida, conforme referem estes autores, pela Comissão Europeia em 1991, é um modelo básico ainda válido para o design urbano sustentável. No entanto, no entender deste grupo de especialistas, este modelo precisa de ser desenvolvido, segundo uma visão mais abrangente e integradora, dada a necessidade que estabelece de tornar sustentável não só a cidade (subentendendo-se que se refere às zonas edificadas), mas toda a região a que está afectada e com a qual se interliga, permitindo-se aí também, por exemplo, a consolidação de uma ‘estrutura verde’ (Lloyd-Jones, ed, 2004).

Estes autores determinaram que os diversos modelos de formas urbanas sustentáveis propostas até agora (incluindo as que já consideram as diversas vertentes relativas ao desenvolvimento sustentável) são, de um modo geral, variações e híbridos de duas estratégias básicas, a da “Cidade Compacta” e a dos “Ciclos Curtos”¹²⁷ (Lloyd-Jones, ed, 18:2004).

A estratégia da “Cidade Compacta” fundamenta-se, tal como descrevem os autores, “na forma da cidade e eficiência da distribuição das actividades humanas que aí ocorre, optimizando o uso da infra-estrutura da cidade, particularmente na do transporte, através das estruturas de povoação compactas, de uso misto e denso, as quais permitem uso eficaz do uso do transporte público e dos sistemas de movimento não baseados no automóvel, diminuindo os movimentos veiculares” (Lloyd-Jones, ed, 19:2004).

No entanto, embora reconheçam que a Cidade Compacta continua a ser um elemento chave para a sustentabilidade, para este grupo de trabalho os projectos das diferentes zonas da região, urbanas ou não, devem estar estreitamente ligadas, uma vez que a cidade contemporânea europeia deve ser simultaneamente compacta e verde (Lloyd-Jones, ed, 19:2004). Daí a proposta de “Cidade Compacta Verde”¹²⁸.

Quanto à estratégia dos “Ciclos Curtos”, também como descrevem estes autores, estará associada à ênfase para a sustentabilidade ambiental local através do uso mais eficiente dos recursos naturais locais, da maior autonomia local e da menor ‘pegada ecológica’, conforme preconizado pela Agenda 21 Local. Um dos modelos para a sua concretização será o da cidade espalhada e de baixa densidade, um sistema urbano composto por pequenas povoações compassadas por áreas naturais ou espaços para produção hortícola (Lloyd-Jones, ed, 19:2004).

¹²⁷ No original “Compact City strategy” e “Short Cycles strategy”

¹²⁸ No original “Green Compact City”

Os autores propõem um modelo de síntese destas duas abordagens para as regiões urbanas, ainda que admitam que a confrontação destes dois modelos sugira a sua oposição nalguns aspectos, tais como a forma urbana centralizada face à descentralizada ou a sua concentração e desconcentração (Lloyd-Jones, ed, 21:2004).

A sua proposta de criação de Regiões Urbanas Sustentáveis (Sustainable City Regions) baseia-se assim no conceito de ‘concentração descentralizada’, com o intuito de reduzir a pressão e a predominância do centro principal de uma região. Os autores reconhecem a eventual analogia com o conceito das ‘New Towns’ constantes na proposta ‘Garden City’ de Ebenezer Howard, mas procuram sobretudo recorrer a este conceito com o intuito de criar uma estrutura que permita maior desenvolvimento das periferias ao criar um sistema mais equilibrado de centros distribuídos pela região e ligados através de uma rede eficiente de comunicações e transportes predominantemente públicos. Assim, a concentração descentralizada poderá até ser vista como uma extensão da cidade compacta para o contexto regional metropolitano em vez de uma alternativa a essa forma urbana (Lloyd-Jones, ed, 22:2004).

A estratégia da Região Urbana Sustentável procura dar o devido valor ao padrão das áreas urbanas e rurais que formam a paisagem europeia (Lloyd-Jones, ed, 22:2004). Trata-se, julgamos poder concluir, de uma abordagem coordenada e abrangente entre as diferentes zonas de uma região, sejam elas mais rurais ou mais urbanas.

Para além da optimização da ocupação do solo através de uma densificação e compactação da cidade, esta proposta procura também uma solução que torne os ciclos de produção e consumo mais curtos. Concretamente, procura-se aqui que esses ciclos se processem, tanto quanto possível, dentro do território da própria cidade. Essa estratégia tem, em primeiro lugar, o intuito de poupar recursos utilizados nas deslocações entre as várias fases do ciclo de vida (por exemplo, reduzir o transporte de produtos produzidos numa região para outra, onde são consumidos); depois, o intuito de reduzir o extravasamento dos impactos noutros territórios, e finalmente, o intuito de tornar mais possível a informação e o controlo de todo o ciclo de vida de um produto.

Para o “Working Group on Urban Design for Sustainability” (Lloyd-Jones, ed, 2004), conforme podemos observar nos seus princípios e objectivos, a estratégia da Cidade Compacta e Verde e da Região Urbana Sustentável reconhece a importância do espaço público na cidade europeia, recomendando em especial que os percursos pedonais e as funções sociais das ruas devem ser tratadas com a mesma importância que os sistemas de tráfego. Recomenda-se uma infra-estrutura

pública bem planeada e coordenada que inclua serviços de transportes públicos e redes pedestres e de bicicletas, estruturas de ruas e de espaços públicos que promovam acessibilidade em especial para as comunidades em desvantagem e que apoie um alto nível de actividade social, cultural e económica. As ruas, conforme aí se enfatiza, são espaços multi-funcionais, de usos mistos e concentrações de actividades; dos poucos elementos comuns a todas as cidades e vilas da Europa, são apontados como críticos para a vida, a coesão social e segurança das cidades. Deve assim ser assegurado o papel integrado e multifuncional da estrutura tradicional das ruas; a centralidade e a distribuição equitativa dos espaços públicos abertos; uma relação com a estrutura verde e que também assegure a estrutura do tecido urbano, e que una novos e antigos empreendimentos (Lloyd-Jones, ed, 52-53:2004).

Estes autores detalham ainda o papel dos edifícios públicos para a cidade sustentável. Outrora importantes marcos na paisagem urbana, actualmente são frequentemente resultado de uma construção o mais barata possível, pelo que perderam a sua importância na estrutura da cidade. Para além disso, a maior parte das construções mais marcantes são edifícios privados, como as sedes das empresas, bancos, etc. Assim, e seguindo o que expõe este grupo de trabalho, demonstra-se a necessidade de se “restabelecer a significância” dos edifícios públicos, os quais devem ser ainda bons exemplos de bom design urbano para a sustentabilidade, tal como dos espaços públicos das cidades europeias.

Reconhece-se, de um modo mais ou menos geral, que a maioria das cidades atravessará problemas de sustentabilidade dado o excessivo desgaste dos recursos naturais que tem provocado. Esse excessivo desgaste, cuja urgência é de igual modo reconhecida, decorrerá também dos hábitos e padrões de estilo de vida da sua sociedade, mas sobretudo do modo como o território da cidade se usa. Assim, a resolução desses problemas ambientais, por si só, passará em boa parte por uma reorganização e reestruturação da cidade.

Algumas propostas que surgiram nesse sentido procuram corresponder ao conceito de sustentabilidade mais abrangente, contemplando soluções que sejam também socialmente adequadas.

Contudo, outros dos desafios já anteriormente abordados estão também nessa origem. Surgiram, conseqüentemente, mais propostas de reordenamento e reestruturação do território. Embora não se

dediquem especificamente à resolução dos referidos problemas ambientais, acabarão por propor soluções que, quando não são semelhantes, são maioritariamente compatíveis.

5.1.3. Centro e periferias, hierarquia e organização da cidade

Como já vimos, poderemos estar a assistir, por um lado, ao reforço da hegemonia dos centros das cidades, os quais estão cada vez mais ligados e orientados ao contexto da globalização, e por outro, ao seu distanciamento do restante território onde fisicamente se inserem e que dominam (Borja e Castells, 1997). Por sua vez, a grande extensão que os territórios urbanizados têm vindo a atingir, causam fenómenos como as cidades-orla e a perda de referências e identidade de vastas zonas através desses grandes territórios urbanizados.

Do mesmo modo que o “Working Group on Urban Design for Sustainability” (Lloyd-Jones, ed, 2004), outras propostas existem onde se reequaciona a organização da cidade, procurando equilibrar o desempenho e o ‘peso’ do centro sobre a restante estrutura e território.

Jordi Borja (2000) é peremptório ao afirmar que “a cidade conhece-se e reconhece-se pelos seus centros”, porque “onde a cidade tem em especial o seu presente e o seu futuro é nos seus centros.” No entanto, dada a evolução das actuais cidades, “hoje o ‘centro’ são os centros, a história urbana produziu diversos centros (o histórico, o moderno ou o do séc. XIX, “novas centralidades”,...),” que “a cidade de cidades tem pois várias histórias e diversos centros, incluindo os centros nas periferias, algumas vezes longe da cidade – município central” (Borja, 2000:79).

Assim, a proposta de Borja é a de “se fazer cidade, regenerando velhos centros e criando novos centros à escala metropolitana” (Borja, 2000:79). Ao ressaltar a importância dos centros das cidades somente segundo o seu desempenho na vertente social, para o que apresenta um conjunto de atributos que define e que a seguir aprofundaremos, este autor reafirma assim o papel fundamental do centro para a estruturação da cidade.

Será assim essencial que cada parte da cidade tenha o seu centro, pelo que é necessária uma “gestão democrática da cidade”, a qual “consiste precisamente em socializar a centralidade da qualidade e em “monumentalizar as periferias” desqualificadas” (Borja, 2000:85).

Características dos centros segundo Borja

Uma vez que considera ser um elemento fundamental para a estruturação da cidade, Borja refere diversos requisitos para que os centros, cumpram devidamente esse desempenho. Parte do princípio que “as cidades diferenciam-se, sobretudo, pelo seu centro”, que “os centros não são somente núcleos nevrálgicos da vida urbana devido à sua capacidade multifuncional e por produzirem um sentido integrador, também são o lugar da diferença” (Borja, 2000:80).

Deste modo, “os centros devem ser monumentais, ter capacidade de integração e atracção, de atribuir competência local, de garantirem mobilidade, acessibilidade e visibilidade, de manter e construir tecidos urbanos. Para além disso, “os centros urbanos são os lugares que contêm uma pluralidade de significados por excelência: atractivos para o exterior, integrantes para o interior, multifuncionais e simbólicos, são a ‘diferença’ mais relevante de cada cidade, a parte da mesma que pode proporcionar mais ‘sentido’ à vida urbana” (Borja, 2000:79).

Borja sublinha ainda que os centros deverão poder garantir “a mobilidade, a acessibilidade e a visibilidade de cada uma das áreas da cidade e mantendo e construindo tecidos urbanos polivalentes, mistos pelos usos e populações, nos quais o espaço público é o elemento ordenador” (Borja, 2000:79).

De referir ainda que este autor, segundo uma atitude quase sempre crítica para com o urbanismo funcionalista, defende também que os centros das cidades devem, tal como o espaço público em geral, ser “polivalentes, mistos pelos usos e populações”, e que a sua especialização, tal como a deterioração, “questiona radicalmente as suas capacidades de integração e atracção.” (Borja, 2000:79)

Cidade orgânica de Lynch

Conforme refere Shane (2005), como já vimos, Lynch foi crítico para com as regras implícitas no modelo conceptual de cidade que designou como “cidade como máquina”, o que seria a essência da cidade Modernista de Le Corbusier, do CIAM e da Carta de Atenas de 1933. A crítica de Lynch a este modelo é o compromisso de construir de raiz, o que é desperdício, já que este modelo não terá meio de adaptar células antigas a novos usos, pelo que abandona os centros antigos, fazendo outros novos, de negócios, ou para crescimento periférico. Este padrão estará assim condenado a expandir-se para sempre, deixando para trás a devastação e abandono, conforme sucederá actualmente em cidades americanas (Shane, 2005:43-49).

Lynch (2010, cit. Shane, 2005) propôs assim o modelo de Cidade Orgânica ou Ecológica o qual, conforme afirma Shane (2005), se baseou na mesma lógica do modelo de Broadacre City do seu professor, Frank Lloyd Wright. Cada casa estaria aí convertida numa pequena quinta, a paisagem e os grandes sistemas ecológicos desempenhariam um importante papel na fusão da cidade no campo. Para Lynch, que para este caso evocou também a Garden City com os seus dois magnetos campo e cidade de Howard, este tipo de alastramento urbano não seria necessariamente mau (Shane, 2005:49).

Adicionalmente, os dois primeiros modelos teóricos de Lynch assumem o controlo por elites, num sentido de “cima para baixo”, a nobreza e o clero para a Cidade da Fé, os executivos corporativos ou capitalistas na Cidade como Máquina. Assim, para o terceiro modelo da cidade ecológica, Lynch imaginou uma estrutura mais complexa, na qual as elites elegidas respondem ao feedback¹²⁹ dos habitantes (Shane 2007: 28-30).

Segundo refere Shane, Lynch propôs que fosse permitido considerar a influência menos quantificável do inconsciente colectivo. O feedback de grandes números de actores urbanos menos poderosos, defendia esse autor, permitiria que novos padrões emergissem através de processos aprendizagem de tentativa-e-erro. Esse retorno dará poder ao utilizador final, o actor-designer local. O referido feedback desse modelo, que conta com a eficiência dos sistemas informacionais, permitirá “achatar” a hierarquia do comando e controle que se desenvolveu nos sistemas altamente centrados, modernos industriais, tais como o fordismo, com o seu produto único, estandardizado e produzido em massa. Baseado na mesma confiança do ‘feedback’ e pelo colapso das hierarquias modernistas, Hall e outros autores (Bahnam, Barker, Hall, Price, 1969 cit. Shane, 2005) questionaram a possibilidade de sucesso de planos directores para as vastas regiões das cidades modernas, sendo mais optimistas com a flexibilidade e adaptabilidade do controlo local nos sistemas globais (Shane, 2007: 28-30).

Para este modelo, Shane refere também os projectos de Cedric Price, que tentou incorporar o rápido ‘feedback’ dos utilizadores nos seus próprios projectos: “Price assumiu que os actores designers nos seus edifícios podiam ler os padrões de feedback na cidade e mudar o seu ambiente construído em conformidade. Podiam acompanhar sistemas globais e locais, observando os fluxos

¹²⁹ Aqui optámos por utilizar a expressão original inglesa, dada a difícil tradução directa, sobretudo para o contexto em causa: retorno, opinião, reacção, resposta, realimentação. Para além disso, a expressão consta no Dicionário da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa (2001).

de mudança, energias, enquadramentos de tempo, e diferentes preferências de uma sociedade em mudança” (Shane, 2007:30)¹³⁰.

Conforme refere Shane, o seu conceito da Cidade Orgânica ou Ecológica foi profundamente influenciado pelos conceitos “de baixo para cima” (bottom-up) de Alexander. O solo seria assim gerido por “trusts” sem fins lucrativos e por pessoas “educadas pelo lugar” que reconformam a sua cidade. Daí resultaria, conforme detalhado, uma “paisagem desordenada” (“muddled landscape”), resultado do trabalho de pessoas que cuidam intensamente do seu próprio lugar de habitação na paisagem. (Shane, 2007:32-33)

Desse modo, detalha Shane, A cidade ecológica, “é quase literalmente um organismo. (...) Os ajustes internos tendem a manter o organismo num estado equilibrado sempre que for perturbado por uma força exterior. É por isso auto-regulador, e é também auto-organizativo.” Haverá ainda “um sentido de equilíbrio que inclui a justiça social”, dada “a base desta visão da cidade orgânica. Os elementos desta cidade são pois mais complexos e híbridos que os da cidade como máquina.” (Shane 2007,49-51)

A complexidade, também de funcionamento e de estrutura, para o que a indefinição de limites e fronteiras também contribui, será uma das principais características deste modelo: “Na cidade ecológica, as fronteiras nem sempre são claras e hibridez é a norma” (Shane, 2007:51). Trata-se assim de uma situação complexa, de “transições em fusão” frequentes, onde “as ambiguidades” e a “flexibilidade” são importantes (recorrendo a expressões de Lynch, 2010, cit. Shane, 2005).

A criação, o reconhecimento, o teste de padrões, bem como a auto-organização, são fundamentais para a cidade ecológica, logo a comunicação é de importância fundamental dentro da cidade, para que todas as partes desse organismo estejam conscientes das dinâmicas em questão, para que haja o “sentido do todo” (Shane, 2005:53). Segundo Shane, Lynch, tal como Fritjof Capra (1996), enfatiza que no paradigma ecológico os ciclos ou circuitos de resposta ou reacção (feedback loops) são cruciais para o processo de reconhecimento de padrões e para a formação de estruturas.

¹³⁰ Cedric Price (1934-2003) é considerado um dos arquitectos mais visionários da última metade do séc. XX. Fulcral à prática de Price era a convicção de que através do uso das novas tecnologias o público poderia ter um controlo da sua envolvente sem precedentes, o que levaria a resultados como edifícios que corresponderiam às necessidades dos visitantes e às muitas actividades que aí pudessem ter lugar. Assim, o projecto “Fun Palace” (1960-1961), que nunca chegou a ser concretizado, mas que influenciou Renzo Piano no seu projecto do Centro Georges Pompidou em Paris, consistiria numa estrutura aberta com gruas móveis, que moveriam e conjugariam indefinidamente qualquer das diversas partes do edifício. (<http://www.interactivearchitecture.org/fun-palace-cedric-price.html> em 3-9-2010)

Existirão assim “estruturas auto-organizativas” que funcionam como uma “estrutura dissipativa”, já que se constitui a partir das respostas de situações específicas e enquanto a sua necessidade se mantiver. Dependem tanto da solicitação como da resposta dos actores para manter a sua forma, procurando manter um equilíbrio dinâmico e sensível, longe do equilíbrio estável, sob constante pressão, um estado precário à beira do caos (Shane, 2005:54). “O fluxo de informação é crucial para manter a identidade estrutural através do tempo. Os ciclos ou circuitos das respostas ou reacções (feedback loops) podem funcionar de modo a manter um equilíbrio particular ou padrão.” (Shane, 2005:55).

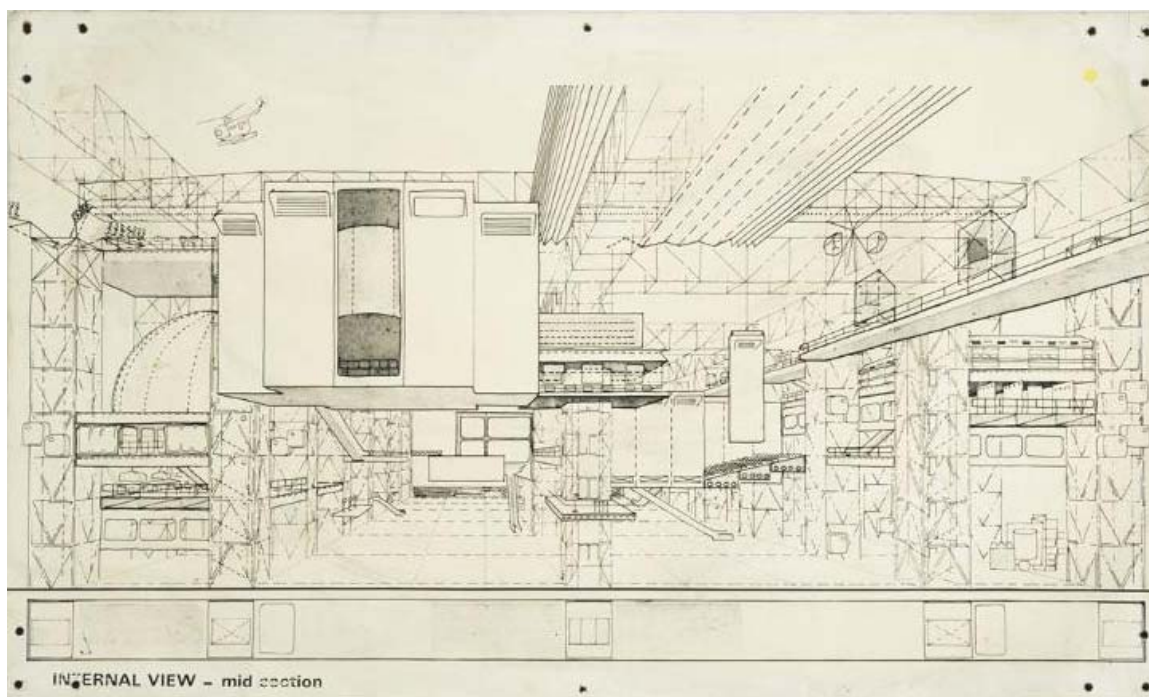


Figura145: Ilustração de uma vista interior do projecto "Fun Palace" de Cedric Price (Colecção Centre Canadien d'Architecture / Canadian Centre for Architecture, Montréal, ref. DR1995 0168 520, disponível em <http://www.cca.qc.ca/en/collection/283-cedric-price-fun-palace>, acedido em 3/9/2010)

Shane observa que esta visão da cidade como organismo será também o resultado da mudança mais geral de encarar o mundo, incluindo a abordagem aos sistemas ecológicos. A visão lógica e funcional, como máquina, a visão newtoniana, “a antiga assumption científica que entidades discretas e fundamentais que actuam deterministicamente entre elas era inadequado: as fronteiras dos objectos já não podem ser concebidas como perfeitamente claras”. Shane evoca o físico Werner Heisenberg, que escreveu que o mundo é “uma complicada trama de eventos, onde ligações de diferentes tipos se alternam ou sobrepõem ou combinam e por isso determinam a textura do todo (Heisenberg, 1962, cit. Shane, 2005)¹³¹. Recorrendo também a Capra (1996, cit. Shane, 2005),

¹³¹ Werner Karl Heisenberg ganhou o Prémio Nobel da Física em 1932 “pela criação da mecânica quântica” http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/physics/laureates/1932/ em 13-11-2011 14:06

refere que a mudança para o modelo ecológico assemelha-se à mudança para a mecânica quântica na medida em que implica um afastamento da análise de partes (a ciência no modo Cartesiano e Newtoniano) para o estudo do sentido ou “textura” do todo. Todo o conhecimento torna-se assim conhecimento aproximado, dependente dos meios de observação empregues e no sentido do todo. (Shane, 2005:51-52)

Shane, através de Lynch, expõe o facto da construção e conformação da cidade ser um efeito e uma expressão do poder e, por consequência, da vontade daqueles que o detêm. O terceiro modelo de cidade, ao contrário dos dois anteriores, derivará da dispersão desse poder ou, seja, da sua democratização (pelo menos, supostamente). A proposta da cidade orgânica, não concêntrica, será muito mais receptiva à intervenção dos seus habitantes (na realidade, baseia-se nisso), a qual ocorre através da intervenção directa e decorrente desse uso. A sua organização, adaptável, resulta em grande parte da auscultação de toda a dinâmica da actividade do uso da cidade. Aproxima-se assim a cidade construída e materializada da usada. Tal como determinado com necessário para a sustentabilidade em geral, a informação e a comunicação entre as partes de um todo, como é o caso de uma cidade, são meios fundamentais.

De facto, este modelo de cidade pressupõe um grande protagonismo das tecnologias de informação e telecomunicações. Serão esses meios que permitirão, poderemos assim supor, o bom desempenho da cidade baseada neste modelo, independentemente da possibilidade do contacto pessoal. Aliás, este protagonismo é também preconizado a partir de outras abordagens, como seja aquelas que propõem a “desmaterialização” para a sustentabilidade (como por exemplo, Vezzoli e Manzini, 2008).

Será a existência de uma estrutura de comunicação como essa que permitirá que Lynch proponha, conforme expõe Shane, uma ocupação do solo da “cidade orgânica” com uma configuração algo dispersa, semelhante ao das “cidades jardins” de Howard ou da “Broadacre City” de Frank Lloyd Wright, conforme já vimos. Note-se, contudo, que estes conceitos virão a servir também de referência para concretizações como o modelo de cidade dispersa americano, ou das cidades-orla, as quais suscitam, por parte de vários autores diversas observações e críticas, incluindo Ellin (1999), Borja e Castells (1997) e até por parte do próprio Shane (2005), como já vimos.

Contudo, conforme expõe Shane, o objectivo do modelo de cidade orgânica, de uma cidade auto-sustentável e compreensível, não tem qualquer relação com a realidade da situação das megalópoles. Esse resultado é rejeitado logo por Lynch, é tanto um organismo como uma máquina,

são várias as falhas na analogia orgânica, mesmo que se pudesse admitir conter uma mudança conceptual da cidade como um sistema controlado e organizado centralmente, normalizado para elementos produzidos industrialmente. (Shane, 2005:55-56)

De qualquer modo, surgem-nos ainda algumas questões relativas à grande dependência das tecnologias de informação e comunicação. Conforme já vimos com o que demonstram Castells (2002) e Borja e Castells (1997), esses meios têm, contrariamente ao que inicialmente se previa, tendencialmente reforçado a existência das cidades e, sobretudo, criado uma preponderância ainda maior dos centros das cidades sobre o restante território. A evolução destes meios tem sido, conforme demonstram esses autores, um factor central para a globalização, donde resultam diversas hegemonias e outros grandes desafios à integridade e identidade locais.

Trata-se, de qualquer forma, de uma proposta que nos interessa considerar pela descentralização, “des-hierarquização” e democratização da organização do território, onde um sistema muito comunicante em vários sentidos é o elemento central para a auto-organização dinâmica e contínua desta estrutura.

Cabe no entanto reflectir que alguns modelos propostos poderão ser vistos como uma negação da cidade, dada a modalidade de um certo retorno, talvez até um pouco ingénuo e saudosista (para não dizer conservador), à cidade pré-industrial, ou até ao povoamento de uma sociedade rural. Ellin (1999) refere esta como sendo uma das vertentes do urbanismo pós-moderno (o qual é visto sobretudo como uma reacção ao urbanismo moderno), criticando-a ao considerar que pretende ser uma coisa quando é outra, negando a realidade actual através da construção de uma imagem fictícia e anacrónica.

5.1.4. O reconhecimento da importância do espaço público

Conforme refere Ellin (1999), os resultados do urbanismo praticado depois da Segunda Guerra Mundial, segundo um “planeamento por números” autoritário, terão levado a que “muitos arquitectos e urbanistas questionassem as assumpções elitistas das suas profissões e a rever quem eram os seus clientes e o que eram as suas funções, passando a considerar questões para além do âmbito físico.” Segundo esta autora, lançam-se assim vários desafios e propõem-se alternativas nos anos 60 e 70, referindo o “planeamento social”, o “planeamento baseado em comunidades”, a “arquitectura participativa”, a “arquitectura de processo”, o “planeamento de defesa” e a auto-

construção¹³², entre outros, no seguimento de propostas de Patrick Guedes e Frank Lloyd Wright, que “pretendia mobilizar as pessoas na concepção da sua própria envolvente, considerando o estilo como elitista”. Esta autora sublinha o paradigma que foi a “Imagem da Cidade” de Lynch (1990), ao considerar este como “inspirador para este trabalho, uma vez que o seu método de entrevista propunha que os projectistas descobrissem as imagens da cidade das pessoas num esforço de reforçar os seus cinco elementos” (Ellin, 1999:65).

Townscape movement

Dentro do contexto de um “eixo anglo-americano”, Nan Ellin (1999) refere o “townscape movement” – possivelmente traduzível (mas com reservas) para “movimento para a paisagem urbana” – que começa a ganhar corpo a partir dos anos 1950, sobretudo através da revista “Architectural Review”, e como reacção à tendência modernista de ver a cidade como um “jardim de esculturas” (citando Jacobs e Appleyard, 1987:14), ou da falta de urbanidade de algumas das novas cidades que então surgiam. Ellin refere também Gordon Cullen, já que este autor desenvolveu a ideia de paisagem urbana para descrever a “arte da relação” entre os elementos da paisagem, enfatizando que a nossa experiência de um lugar é o resultado de uma “visão em série” ou o desdobrar de sequências de cenas de rua, propondo um compêndio de boas qualidades para uma paisagem urbana, incluindo o arquitectural, o pictórico, o poético e o prático. Para Ellin, este movimento enfatizou a relação entre os diversos elementos da cidade, encorajando os projectistas a juntar o edifício em redor do espaço público em vez de os “sentar” no seu centro. (Ellin 1999:61)

Trata-se de uma visão holística da cidade, na qual, segundo Ellin, Kevin Lynch e Jane Jacobs ocupam posição central, e cujo importante ímpeto americano foi o medo e confusão gerados pela arquitectura e sociedade modernas. Haveria pois um desejo de humanizar a cidade, de a tornar legível e aliviar o medo urbano, o que levou à ênfase do ressurgir da função social e simbólica da rua e de outros espaços públicos. Em contraste com os planeamentos prevalecentes no pós-guerra, Jane Jacobs, por exemplo, defende que uma rua preparada para lidar com estranhos e para que favoreça a segurança, como sucede nos bairros com sucesso neste aspecto, deverá ter três qualidades (Jacobs 1961:35, cit. Ellin, 1999:62):

1. Clara demarcação entre espaço público e espaço privado, ao contrário do que sucede nos subúrbios;

¹³² No original “social planning”, “community-based planning”, “participatory architecture”, “process architecture”, “advocacy planning”, “self-building”.

2. Devem haver ‘olhos na rua’, os quais pertencerão aos donos naturais da rua, ou seja, pela existência de prédios virados para a rua;
3. O passeio deve ter utilizadores de um modo relativamente contínuo, quer para que haja olhos na rua, quer para que os que estão nos prédios olhem mais para a rua.

Ellin assinala o desenvolvimento em muitos meios de uma consciência da importância de um espaço público significativo decorrente, em parte, do seu declínio em quantidade e qualidade que então diversos autores apontavam (referindo também historiadores, filósofos, e cientistas sociais, como Mumford (1961), Habermas (1962)¹³³ e Sennett (1973)) (Ellin 1999:62-63).

Ellin refere assim as diversas propostas que deram consistência a este “Townscape Movement” (Ellin 1999:63-64), entre os quais:

- K. Lynch (1976), que apelou à criação de um carácter do lugar que dê uma noção de identidade, segurança, prazer, e compreensão a uma paisagem
- Charles Moore e Kent Bloomer, que apelaram a uma concepção humanizante, fazendo-a muito sensorial e sincrética, combinando referências históricas com outros elementos decorativos, de modo a que tenha significado para o público em geral.
- C. Alexander e outros co-autores (1977), que adoptaram as metodologias de Sitte e de Lynch num esforço de criação de uma noção de identidade histórica em novos sítios. Este “modo de construir atemporal” pode ser expresso através de padrões relacionados que constituam uma “linguagem de padrões”, com o intuito de descobrir as soluções de projecto preferíveis.
- C. Norberg-Schulz (1979)¹³⁴, que abordou este conceito segundo a “recuperação de lugar”, ou o respeito pelo “genius loci”. Não devemos copiar o antigo, mas determinar a identidade do lugar e interpretá-la de novos modos, afirmou este autor.

Segundo Ellin, este movimento para a paisagem urbana e a sua parte norte-americana terão deixado profundas marcas, tanto na teoria, como na prática do design urbano, permitindo, por exemplo, a correcção de alguns problemas como os já referidos, derivados do planeamento a grande escala do pós-guerra, por vezes a partir de intervenções segundo uma escala muito menor (Ellin 1999:64).

¹³³ Certamente para nos situarmos melhor historicamente, Ellin refere a data da edição original desta obra em alemão, referindo depois na bibliografia a edição americana: Habermas, 1989, cit. Ellin, 1999.

¹³⁴ Ellin depois refere a edição de 1984.

Motivos e bases do Design urbano

O grupo que Ellin (1999) refere é também, quase na sua totalidade, o grupo de autores e projectistas que Carmona et al. (2010) consideram que desde os anos 60 se tornaram “influentes na formação do que viria a ser o design urbano”, referindo Jane Jacobs, Levin Lynch, Gordon Cullen, Christopher Alexander, Aldo Rossi, Ian McHarg e Jan Gehl.

Carmona et al. referem o “entendimento abrangente” que adoptam para definir design urbano como sendo “o processo de fazer lugares melhores para pessoas do que se fossem produzidos de outro modo”¹³⁵, para o que enfatizam quatro temas centrais: que o design urbano é para as pessoas; a importância do ‘lugar’; que o design urbano opera no mundo real, com as suas oportunidades e constrangimentos; a importância do design como processo (Carmona et al., 2010:3).

O termo “design urbano”, segundo Carmona et al., “foi cunhado no fim dos anos 50 na América do Norte e é muitas vezes associado a Jose Luis Sert, numa conferência em Harvard em 1956”, e viria a substituir o anterior, “civic design”, tipificado pelo “Movimento City Beautiful”, considerado por estes autores como mais tradicional e estrito, já que se focava mais na paisagem e no projecto dos principais edifícios cívicos e na sua relação com os espaços abertos. O design urbano contemporâneo, nesta lógica, evolui a partir de uma preocupação sobretudo estética da distribuição das massas de edifícios e o espaço entre eles, passando a denotar uma abordagem mais abrangente, preocupando-se com a conformação do espaço urbano como meio de fazer, ou refazer, os lugares ‘públicos’ que as pessoas podem usar e disfrutar (Carmona et al., 2010:3).

Socorrendo-se de Jarvis (1980, cit. Carmona et al., 2010), estes autores referem que haverá assim “duas tradições gerais do pensamento do design urbano”, que decorrem de diferentes modos de apreciação do design e os produtos do processo do design, enquanto objectos estéticos ou exposições (para ver) e como envolventes (para usar ou para viver). Estas tradições, a ‘visual-artística e a do ‘uso social’, sintetizaram-se numa terceira, a de ‘fazer lugares’ (Carmona et al., 2010:6).

A “tradição visual-artística”¹³⁶, mais orientada para o produto, tende a concentrar-se mais nas qualidades visuais e estéticas da experiência dos espaços urbanos do que na miríade de factores e processos culturais, sociais, económicos, políticos e espaciais que contribuem para o sucesso dos

¹³⁵ “a broad understanding of urban design as the process of making better places for people than would otherwise be produced”.

¹³⁶ No original “The visual artistic tradition”.

lugares urbanos. Começando com Sitte e Le Corbusier, nesta orientação, onde “predominou a composição pictorial” estes autores incluem aqui a “townscape”, que consideram especificamente desenvolvida por Cullen, cujo livro parece enfatizar a dimensão visual e excluir virtualmente todas as outras. Carmona et al. chegam mesmo a expor que esta obra representa um grande contraste com a contemporânea “Imagem da Cidade”, ao não dar o mesmo reconhecimento às percepções públicas dos lugares e paisagens urbanas (Carmona et al., 2010:6-7).

A “tradição do uso social”¹³⁷ (Carmona et al., 2010:7), também recorrendo a Jarvis, contrasta com a tradição anterior ao enfatizar o modo como as pessoas usam o espaço, englobando questões das percepções e de noção de lugar (sense-of-place). Jarvis enuncia aqui Kevin Lynch (1990) e Jane Jacobs (1961) como os proponentes centrais desta abordagem. Lynch terá mudado o foco do design urbano de dois modos:

- Primeiro, em termos da apreciação da envolvente urbana, rejeitando a noção que se tratava de um interesse exclusivo e elitista, ao enfatizar que o prazer tirado dos espaços urbanos era uma experiência comum;
- Segundo, em termos de estudo, em vez de examinar a forma física e material dos lugares urbanos, Lynch (1990:3) sugere que se examinasse as percepções e as imagens mentais das pessoas.

O livro de Jane Jacobs atacou muitos dos conceitos fundamentais do planeamento urbano “modernista”, anunciando muitos aspectos do design urbano contemporâneo. Jacobs argumentou que a cidade nunca poderia ser uma obra de arte porque a arte era feita de “selecção da vida”, enquanto a cidade era “a vida, no seu máximo vital, complexo e intenso (1961:386). Concentrando-se nos aspectos socio-funcionais das ruas, passeios e parques, as suas observações do comportamento humano enfatizam o seu papel enquanto sítios de actividade humana e lugares de interacção social (Carmona et al., 2010:7).

Seguidamente, Carmona et. al (2010:7-8) referem a “tradição de criação do lugar”¹³⁸, surgida nos últimos 20 anos, e enraizada em grande parte nos pioneiros do design urbano que inicialmente referem. Sintetizando as duas tradições anteriores, o design urbano contemporâneo relaciona-se assim simultaneamente com o design dos lugares urbanos enquanto entidades físicas/estéticas e

¹³⁷ No original “The social usage tradition”

¹³⁸ No original “The place-making tradition”

enquanto conjuntos comportamentais (behaviourial settings), ou seja, com a ‘cidade dura’ dos edifícios e espaços e a ‘cidade suave’ das pessoas e das actividades.

Por fim, para Carmona et. al (2010:8) haverá ainda uma “tradição emergente”, a do “urbanismo sustentável”, afirmando que a “procura de um desenvolvimento mais sustentável é uma preocupação cada vez mais explícita no design urbano e na criação dos lugares, talvez até o alvo de uma nova tradição de pensamento e prática com direito próprio.” Esta corrente reforça a “tradição da criação dos lugares” e relaciona-se, conforme expõem os autores, com as propostas através das quais a forma urbana possa contribuir para a redução do excesso do desgaste dos recursos naturais, mas também com as que procuram soluções que assegurem também o futuro das cidades em si, por exemplo ao revitalizar zonas centrais, ou reduzindo a preponderância do automóvel.

Carmona et al. procuram demonstrar, através da evolução dos desafios e das solicitações que as cidades atravessam, qual a evolução resultante a partir das diversas soluções que foram propostas, as quais deram corpo à actividade do design urbano. Esta evolução acaba por colocar o espaço público das cidades numa posição central, quer porque muitos dos problemas determinados decorriam de lacunas no seu funcionamento e desempenho, quer porque era meio ou mesmo fim em muitas das soluções que se determinaram e propuseram.

Para estes autores evidenciam-se vertentes fundamentais, inicialmente até talvez opostas, para uma intervenção adequada na cidade e no seu espaço público, dado o objectivo central que também estabelecem da “criação de lugares”, ou “place-making”. Para Carmona et al., como vimos, é fundamental uma envolvente de qualidade física e visual, mas também que ela corresponda às diversas solicitações sociais, de uso e de percepção dos seus habitantes e utilizadores.

5.1.5.A importância da identidade dos lugares para a “sociedade vertebrada”

A par das propostas que emergiram a seguir à Segunda Guerra Mundial alternativas ao urbanismo que então se executava, Nan Ellin (1999) refere que foi também nessa altura que os psicólogos começaram a direccionar a sua atenção para a observação à envolvente. As propostas destes investigadores irão ser uma importante contribuição para o modo de pensar e intervir na cidade, para além de virem a influir no trabalho das demais áreas profissionais, nomeadamente na prática de projecto.

Surge, nomeadamente, o sub-campo da psicologia ambiental, que definiu o conceito de identidade do lugar (place identity) como “uma estrutura da própria identidade que define a identidade pessoal de um indivíduo em relação ao mundo físico, através de memórias, ideias, sentimentos, atitudes valores, preferências, significados e conceitos sobre o comportamento relevantes para os conjuntos físicos no quotidiano de cada um” (Prochansky, cit. Ellin 1999:67).

Enric Pol e Sergi Valera (1999) desenvolvem esta linha de raciocínio, partindo, precisamente, do princípio que “a identidade pessoal e social se apoia na identidade do lugar, ou “place-identity” (citando Proshansky, Fabian & Kaminoff, 1983; Lalli, 1988; Hunter, 1987), e de que “as pessoas e os grupos precisam de se identificar com um espaço físico próprio, assim como com um grupo, que lhes disponha as bases para criar e partilhar o seu modo de ser,” que são necessários “modelos referenciais”.

Assim, para Pol e Valera (1999), num contexto urbano, as pessoas ou os grupos podem definir-se a si mesmas segundo uma identificação num determinado nível de abstracção, ‘bairro’, ‘área’ e ‘cidade’. Se isso ocorrer, “se existe uma boa identificação com a cidade, se existe uma identidade potente de lugar, o nível de satisfação global do cidadão é mais elevado do que se não existir”.

Conforme expõem estes autores, poderão assinalar-se dois elementos que se podem converter em símbolos representativos da identidade social urbana de um grupo ou de uma comunidade: o nome da categoria com que se identifica uma área concreta do meio urbano, e os lugares definidos cujas características peculiares são reconhecidas como representativas dessa categoria urbana, ao simbolizarem algumas dimensões relevantes para essa categorização. Assim, quando um dos referidos elementos de uma estrutura urbana, entendida como uma categoria social, que identifica um grupo social vinculado a essa envolvente, é capaz de simbolizar uma ou algumas das dimensões relevantes dessa categoria, e permite que os membros desse grupo se identifiquem como iguais entre si e diferentes dos demais, será um espaço simbólico urbano (Pol e Valera, 1999).

Consequentemente, compreende-se porque defendem Pol e Valera (1999) que o simbolismo do espaço urbano demonstra ser uma componente básica e determinante do bem-estar social.

Adicionalmente, através do projecto da rede “City-Identity-Sustainability” (CIS), Enric Pol (2002) assinala que as estratégias que visam contribuir para mudar a situação alarmante do planeta, referente ao excesso do desgaste dos recursos naturais, como a de dispor informação (conforme

aqui também abordamos, cf. 5.1.1.), não têm sido suficientes para mudar as atitudes e comportamentos das pessoas conforme seria necessário.

Segundo expõe este autor, “a sustentabilidade não é possível sem um tecido social bem estabelecido que permita às pessoas reconhecerem-se a si próprias como um grupo ou como uma comunidade que partilhe características prototípicas e que tenha atingido certos níveis de coesão social” (Pol, 2002:10). Ou seja, conforme também explica o autor, só através da identidade, a qual depende da satisfação de uma população, da identificação dessa comunidade e da noção de coesão, se poderá obter a sustentabilidade.

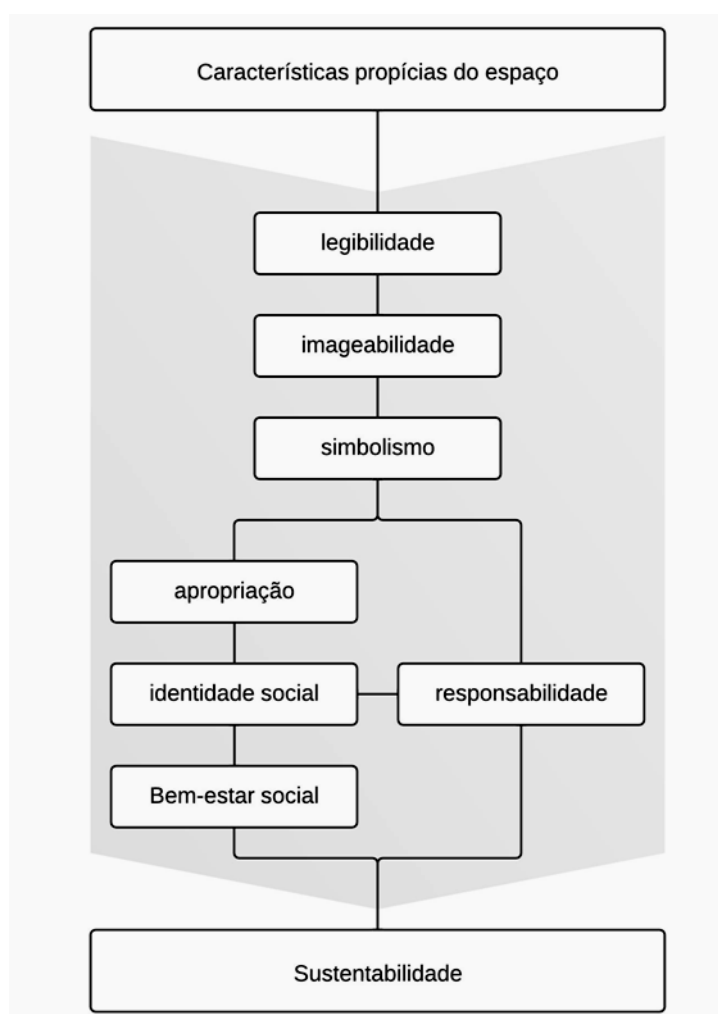


Figura 146 – Processo através do qual o espaço e as suas características propícias de uso podem contribuir para a sustentabilidade do lugar (elaborado pelo autor, a partir de Pol e Valera, 1999 e Pol, 2002)

Para além disso, também para a rede CIS a sustentabilidade obriga à adopção de uma perspectiva para além da questão ecológica, holística e transaccional, que ligue todas as perspectivas, relacionando-se também com a solidariedade e a equidade, uma vez que a qualidade de vida depende disso em grande parte. Isso dependerá de uma estrutura socio-física, onde a cidade é uma

das principais expressões, e de um tecido social, onde a identidade é uma das suas expressões (Pol, 2002:13-14).

Consequentemente, a rede CIS assume que a sustentabilidade não é possível sem uma sociedade vertebrada, uma sociedade baseada em estratégias de sobrevivência individual não pode atingir a sustentabilidade. É também necessário um sentido de pertença e ligação – de apropriação – ao espaço para que possa existir uma noção de responsabilidade, cujo processo pode ser acelerado através das características do espaço. Assim, para promover a sustentabilidade, são necessárias estratégias que ajam no tecido social e na estrutura socio-física (Pol, 2002:11).

Como características básicas para definir um espaço simbólico urbano, Pol e Valera (1999) assinalam a ‘imageabilidade (imageability) ambiental’, ou a capacidade de suscitar uma imagem cognitiva clara e relevante (Lynch, 1990), e a ‘imageabilidade social’, ou as características do conjunto de significados espaciais socialmente criados e partilhados (Stokols, 1981, cit. Pol e Valera, 1999).

Sobre o modo como um espaço se torna um lugar simbólico, estes autores recordam que, historicamente, a criação do espaço colectivo tem uma dupla origem na prática quotidiana: a criação social e espontânea de novos espaços por parte da população utilizadora, e a planificação ou a acção intencional de quem tem o poder para iniciar uma acção de transformação no meio. Essa dupla origem define, para estes autores, o simbolismo ‘*a priori*’ e o simbolismo ‘*a posteriori*’ (Pol e Valera, 1999).

O ‘simbolismo *a priori*’, um “acto de poder” de “uma instância da estrutura social” para criar ou transformar uma envolvente, pode ir de uma urbanização a uma toponímia. A pretensão deste espaço simbólico, com um significado pré-estabelecido, pode ou não consolidar-se na população e tornar-se um elemento simbólico partilhado. Poderá, de facto, haver sintonia com a população receptora, mas se não houver, a população poderá sentir-se agredida e recusar activamente a intervenção, ou alhear-se à intervenção, ou ainda considerar os novos valores como positivos e aceitá-los (Pol e Valera, 1999).

O ‘simbolismo *a posteriori*’ refere-se aos espaços ou objectos que desempenham um papel activo no mundo referencial de uma colectividade segundo o significado que através do tempo e do uso adquiriu para cada uma das pessoas individualmente e para o grupo social como conjunto. Estão carregados de significados a partir da interacção entre as pessoas e actuam como elementos

vertebradores da comunidade. Conforme enfatizam estes autores, ao contrário do que sucederá com os anteriores, os espaços simbólicos ‘a posteriori’ não requerem qualquer estrutura formal potente, monumental ou destacada, podem ser estruturalmente anódinos, ainda que sejam tremendamente relevantes para o grupo da população a que se referem. Conforme se depreende, pode suceder que este fenómeno suceda com espaços pré-concebidos, com uma significação ‘a priori’ (Pol e Valera, 1999).

No entanto, Pol e Valera (1999) sublinham que, ao contrário do que sucede com a transformação urbanística, a construção ou a reconstrução de uma identidade social que facilite a coesão social e a solidariedade é sempre um processo lento, ainda que varie conforme a situação. Pol (2002), inclusivamente, afirma que o processo o desenvolvimento de uma rede social e relacional, que tende a ser espontâneo, pode ser acelerado através de uma intervenção social correctamente planeada e desempenhada. Assim, Pol (2002) apela a que o planeamento urbano respeite as redes sociais pré-existentes do mesmo modo que respeita os edifícios e monumentos de interesse histórico.

Adicionalmente, Pol e Valera assinalam que os espaços que mais rapidamente formaram parte do universo simbólico referencial da população, pelo menos no caso de um bairro de Barcelona, foram os que permitiam o seu uso para actividades de carácter social, formais e informais (como o lazer, encontro, manifestações de moradores ou culturais, etc.). Isso confirmará o que já havia mostrado Valera (1993), que este processo é independente da qualidade estética ou monumental em questão, permitindo-lhes concluir que a monumentalidade, por si só, não é suficiente para acelerar este processo, e até influirá menos do que uma estrutura que permita e convide à acção social no lugar, facilitando a apropriação e tornando-se um lugar referencial e aglutinador de um colectivo (Pol e Valera, 1999).

A partir destes autores, poderemos sublinhar que, como a monumentalidade pode não ser suficiente para os processos de criação de espaços simbólicos, o apelo de Borja para monumentalizar as periferias (cf. 5.1.3), nesta óptica, deverá significar, acima de tudo, a criação de espaços ou meios que providenciem um simbolismo *a posteriori*.

Confirma-se assim, também através desta leitura de Pol e Valera, a importância do uso para a construção da cidade, incluindo para a consolidação dos seus centros. Não será suficiente proporcionar centros, através, por exemplo, da sua monumentalização, é preciso que se efectivem os processos sociais, para os quais é necessários disponibilizar-lhes espaço e tempo.

5.1.6. Possíveis contribuições para soluções dos desafios

Vários são os desafios que actualmente existem, conforme vimos anteriormente, alguns deles com uma abrangência e profundidade cuja resolução necessária ultrapassa o âmbito que aqui estudamos, mesmo aqueles que se reflectem na cidade e no espaço público. Contudo, dentro do âmbito pertinente para esta reflexão, a análise efectuada evidencia também o papel fundamental que o espaço público pode desempenhar na sustentabilidade da cidade. Ou seja, as soluções que se procuram para os actuais problemas das cidades, embora dependendo de factores mais abrangentes, deverão incluir a regeneração do espaço público.

Consequentemente, e a partir de tudo o que anteriormente foi analisado, parece-nos que eventuais soluções para os actuais desafios passarão pelos seguintes pontos:

- A. Cidade compacta, diversa e de ciclos curtos, com autonomia local ecológica e política.
- B. Estruturar e organizar a imagem da cidade, com vários centros e zonas de usos diversos e com autonomia de identidade.
- C. Atribuir ao espaço público a capacidade de um papel preponderante para a cidade, que contribua para:
 - a. A identidade, a estrutura, compreensão e imageabilidade da cidade e do seu território,
 - b. A coesão social, o convívio, a solidariedade
 - c. A partilha de recursos.
- D. Diversificar os usos do espaço público, reforçando aqueles que estão na sua origem:
 - a. Enquanto canal de difusão e comunicação de informação locais e informais;
 - b. Enquanto local de recursos e eventos únicos;
 - c. Enquanto local de outros usos de permanência, para além do lazer, como os cívicos e políticos, ou mesmo até de actividades privadas, desde que favoráveis
- E. Reforçar a multifuncionalidade e diversidade do espaço público, assim como adaptabilidade e a flexibilidade, possibilitando a coexistência e renovação de usos e utilizadores

A. Cidade compacta, diversa e de ciclos curtos, com autonomia local ecológica e política.

As propostas de Latouche atrás enunciadas, os 8 Rs do “círculo virtuoso do decrescimento sereno” (2007b:56-71) serão abrangentes e gerais, pelo que serão de considerar como fundamento para as propostas mais concretas que se fizerem. No entanto, algumas das suas vertentes poderão ser particularmente consideradas em certos aspectos, como será a ideia de “reconceptualizar”, já que os

autores abordados referem essa necessidade em relação ao modelo de cidade que se pretenda mais sustentável.

Para além disso, Latouche enfatiza também a necessidade de “relocalizar”, referindo-se à autonomia local em várias vertentes, da além da produção, até mesmo do sentido da vida, para os quais refere a necessidade de se reencontrar a sua ancoragem territorial. Consequentemente, o autor refere especificamente a necessidade da decisão ser tomada também à escala local, o que pressupõe, concluímos nós, a capacidade de intervenção e participação por parte dos habitantes.

O modelo de cidade compacta e diversa, inserida numa região urbana com autonomia local sob vários aspectos, poderá pois contribuir para a solução de diversos dos desafios atrás referidos. A referida ancoragem ao local, assim como a autonomia plurifacetada será certamente um contributo para contrapor às diversas formas de pressão da globalização que vimos anteriormente, já que uma cidade que siga este modelo poderá criar as condições favoráveis para o reforço e a preservação do local onde se insere.

Conforme temos vindo a abordar, o modelo de cidade compacta e diversa é uma proposta que acaba por surgir como solução para problemas que pertencem a diversos âmbitos. Por isso, ele será também um modo de corresponder aos desafios decorrentes das grandes cidades e do seu rápido crescimento, conforme vimos segundo diversos autores, nomeadamente Borja e Castells (1997) Ascher (2007) e Ellin (1999). O planeamento modernista por zonas monofuncionais, a dispersão do tecido urbano, viver na cidade sem ter experiência urbana, os desequilíbrios entre o centro e as periferia (Sert, 1951; Borja e Castells, 1997; Ellin, 1999) e a suburbanidade, com a exclusão de amplos sectores sociais e de territórios, a impessoalidade (Sert, 1951), a insegurança (Ellin, 1999), ou até a desactualização e incapacidade de gestão pelos actuais modelos de administração e enquadramento legal (Borja e Castells, 1997), para todos estes desafios, conforme já vimos, o modelo de cidade compacta e diversa surge como resposta específica, dada a sua própria natureza que contempla um tecido urbano de certo modo mais clássico, denso, estruturado e mais contínuo. O uso mais diverso, intensificado, mais contínuo e permanente em cada zona e bairro da cidade, poderá ser um contributo para a maior autonomia e localização.

A distribuição de usos e habitantes diversos por toda a cidade, por oposição à urbanização segundo zonas homogéneas, poderá ainda contribuir para a amenização da dualização, polarização e evidência de contrastes decorrentes da co-habitação de grupos e funções em extremos opostos, de

riqueza e marginalidade (Borja e Castells, 1997), desde que com isso se consigam suavizar efectivamente os limites e fronteiras que tornam os contrastes mais evidentes.

Este modelo de cidade foi também, conforme já vimos, uma proposta que surgiu visando reduzir o consumo e desgaste dos recursos naturais. A diversificação e intensificação dos usos em cada zona do território urbano é, de facto, um modo de reduzir o consumo, ou a ocupação, do solo para a construção de uso urbano, para além de ser também um modo de aumentar o seu rendimento. Adicionalmente, a proximidade geográfica de usos que daí resultará poderá ser também um modo de reduzir o excesso de consumo de combustíveis (e de tempo), quer porque se encurtam distâncias, quer porque essas distâncias poderão ser percorridas através de meios mais sustentáveis.

Finalmente, embora seja certamente uma solução mais remota dada a complexidade do problema em questão, não deixamos de referir que a cidade compacta e diversa poderá também, de alguma forma, contribuir para uma sociedade mais equilibrada, acessível e democrática, dada a sua escala poder favorecer maior proximidade entre as pessoas, e logo, também entre o cidadão e o poder.

B. Estruturar e organizar a imagem da cidade, com vários centros e zonas de usos diversos

Se a cidade dispuser de uma configuração, organização e estruturação que favoreçam a sua leitura, possibilitando assim a constituição da sua imagem por parte dos seus habitantes e visitantes, e logo, o reforço da identidade dos seus vários locais, conforme defendem os diversos autores que vimos a partir de Lynch, vários dos problemas enunciados da cidade contemporânea poderão também ter uma solução à vista.

A estruturação do território que referimos, a partir dos diversos locais que o compõem e da interligação que daí decorre, vai em primeira instância ao encontro do princípio da “relocalização”, tal como enunciámos no ponto anterior, ou seja, no reforço dos locais e na “ancoragem” que a partir deles é feita, tanto para referência e estruturação do território, como da sociedade que nele vive. Isso significará, logicamente, que esta proposta visa também contrapor os efeitos da globalização, sobretudo na organização de hierarquia incerta e volátil que dela decorre. Por sua vez, a eventualidade do novo papel das cidades, enquanto ponto de encontro entre o global e o local, conforme vimos que referem Borja e Castells (1997), parece-nos que será uma excelente oportunidade para a mesma e até para o seu espaço público, desde que sejam observadas as questões relativas aos restantes desafios que temos estado a analisar, quer os que decorrem também da globalização, quer os outros.

Outro grupo de desafios que vimos para os quais a estrutura do território através da identidade local poderá dar o seu contributo é o dos novos meios de comunicação. Parece-nos tanto mais óbvia a necessidade do reforço dos locais, da sua imagem e sua identidade para com os cidadãos quanto maior for a iminência do conflito entre o espaços de fluxos e o espaço dos lugares, sobretudo se há a tendência para a predominância dos primeiros.

Conforme vimos já também com os vários autores abordados, o reforço dos locais e da sua identidade e imagem poderá ser também um modo do habitante conseguir compreender melhor as actuais grandes cidades onde vive, sobretudo se as mesmas crescem rapidamente (Borja e Castells, 1997; Ascher, 2007; Ellin, 1999). A autonomia que daí poderá resultar permitirá também contrapor a exclusão de territórios e respectivos sectores sociais do “mapa mental” das regiões urbanas, conforme actualmente se verifica em relação a muitas periferias. Será assim possível equilibrar o peso do centro da cidade em relação às periferias, pelo menos desse modo existirão outras referências estruturantes para os seus habitantes, mais locais, mais próximas, e logo, mais facilmente perceptíveis.

Para além disso, perante o contexto de uma cidade bem percepcionada, compreendida e imaginada, ancorada em lugares consistentes, o cidadão estará mais apto a lidar com o rápido crescimento e as constantes mutações e diluição de fronteiras com que frequentemente se depara no seu quotidiano contemporâneo, no qual se relativizam até princípios e valores.

A existência destas referências territoriais poderá assim ser um modo de se reduzir a impessoalidade e a abstracção por parte do habitante em relação ao lugar onde vive e à sua relação com o contexto da restante cidade e com os demais habitantes. Em última instância, parece-nos, a maior proximidade entre território e habitante que daí poderá resultar será também um modo de reduzir a frequente noção de insegurança referida por Ellin (1999).

C. Atribuir ao espaço público a capacidade de um papel preponderante

Algumas das soluções, conforme vimos até agora, enquadram-se no âmbito mais abrangente da escala da cidade. No entanto, outras poderão passar pelo recurso ao espaço público, o qual pode conter a solução directa para muitos dos desafios apresentados, desde que lhe seja reconhecido o papel que lhe permita prestar os seguintes contributos.

Os contributos para a identidade, a estrutura, compreensão e imageabilidade da cidade

Conforme já vimos através da análise aos diversos autores que apresentamos, a compreensão, a identidade e a estruturação da cidade são fundamentais para o cidadão, e neste âmbito o espaço público tem um desempenho central.

Deste modo, o espaço público poder ser um importante recurso para o reforço dos locais, da sua imagem e da sua identidade, contrapondo assim vários dos actuais desafios da globalização que temos vindo a abordar. Entre outras possibilidades, o contributo do espaço público para a imagem da sua cidade será um recurso de valor até na competição internacional entre as cidades referida por Borja e Castells (1997), como já se verifica actualmente, por exemplo, no âmbito dos destinos de turismo. De igual modo, a iminência das crises de identidade decorrentes da globalização poderão ser contrapostas através do recurso do espaço público no reforço do local, da sua imagem e da sua identidade.

Se, como vimos atrás, se revela importante o reforço das referências para a identidade dos lugares quanto maior for a indefinição e relativização, seja de conceitos, seja de fronteiras, também nesse âmbito se torna evidente que o espaço público, pelas suas especificidades e desempenho – se para isso for concebido e desenvolvido – poderá ser um importante meio a utilizar nesse sentido.

De reflectir ainda que, se Pol (2002) nos refere a importância de uma sociedade bem estruturada para que seja possível uma efectiva diminuição dos excessos de consumo dos recursos naturais, então podemos apontar que o espaço público é também um meio para essa necessária redução, desde que contribua de facto para a referida estruturação.

Os contributos para a coesão social, o convívio e a solidariedade

Como já vimos, ao abordar as questões relativas à sustentabilidade da sociedade segundo um conceito abrangente, pelo menos segundo os autores que analisámos torna-se necessária uma reflexão mais profunda onde se enquadre também os seus valores de referência.

É o que nos propõe Latouche através dos atrás referidos 8 Rs (Latouche, 2007b:56-71), nos quais encontramos referências específicas também para este âmbito, através do princípio “reavaliar” onde enuncia, mais concretamente, valores humanos e pessoais que deverão ser menos assentes numa “megalomania individualista”, sobrepondo o altruísmo ao egoísmo e a cooperação sobre competição desenfreada. A partir daqui, Latouche refere ainda a necessidade de “reconceptualizar” conceitos como pobreza e riqueza, escassez e abundância.

Poderão assim ser contrapostos alguns desafios decorrentes da vida nas grandes cidades e do seu rápido crescimento (Borja e Castells, 1997; Ascher, 2007; Ellin, 1999): a já referida tensão entre o centro e as periferias e os efeitos de exclusão e de anonimato de amplos sectores sociais e territórios; a possível abstracção do cidadão do seu contexto, seja ele físico ou social; a consequente noção de insegurança e o crescente isolamento e individualismo daí resultantes. Parece-nos evidente que o fortalecimento das relações sociais e pessoais, sobretudo através de propósitos como os de entajuda e solidariedade, serão um importante meio para uma sociedade mais coesa e estruturada. Essas serão, por sua vez, condições mais favoráveis para que se cumpram os princípios contemporâneos de democracia, acessibilidade e inclusão.

Por sua vez, se for possível reverter deste modo a tendência do público para o privado e do colectivo para o individual que actualmente será possível constatar na sociedade em geral, as solicitações e usos daí resultantes poderão ser mais favoráveis à cidade e ao seu espaço público. Se a evolução dos padrões de qualidade de vida não prosseguir tão acentuadamente no sentido do uso individual e propriedade privada, poderão ser reforçados os usos do espaço público, sendo assim possível reforçar, por exemplo, usos próprios de recreio, entretenimento e ocupação dos tempos livres, mesmo perante a actual abundância de ofertas deste âmbito e muito mais orientadas para o consumo.

O espaço público pode ser sempre, de facto, um meio de cercear a generalização do consumo que actualmente se verifica, já que para o seu desfrute tal não é (ainda) obrigatório. Cada indivíduo pode pois ter aqui a oportunidade de ser menos consumidor e de reforçar o seu atributo de cidadão e elemento da sociedade. Com a generalização e diversificação do uso e utilizadores do espaço público poderá até ser contrariado o estigma que sempre esteve latente ao espaço público de ser um lugar dos mais desfavorecidos.

Os contributos para a partilha de recursos

Conforme já vimos também, o excesso de desgaste dos recursos naturais decorre em boa parte do uso individual e único de grande parte dos produtos, o que decore em boa parte da evolução dos padrões de qualidade de vida, os quais se orientam sobretudo no sentido do uso individual e propriedade privada.

Logicamente, propõe-se assim a solução, entre outras, do maior uso partilhado de artefactos e equipamentos (Vezzolli e Manzini, 2008). Naturalmente, isso suscita, uma vez mais, um grande

desafio, a uma profunda alteração de valores e conceitos que regem a nossa actual sociedade, ou o “reavaliar” dos valores humanos e pessoais, conforme propõe Latouche (2007b:56-71).

Sendo, por natureza, o lugar da partilha de recursos, artefactos e equipamentos parece-nos que o espaço público poderá ser uma solução central para contrapor a generalização do consumo, conforme já referimos, assim como o desgaste excessivo dos recursos naturais, sobretudo se estes decorrem sobretudo do crescimento da propriedade privada, do uso individual e da pouca reutilização que na maior parte das vezes se verifica.

D. Diversificar os usos do espaço público, reforçando aqueles que estão na sua origem

Como vimos, a natureza do espaço público pode ser, por si, um excelente recurso para muitas das soluções de diversos problemas com os quais se depara actualmente a sociedade e a cidade. No entanto, vários são também, como já vimos, os desafios que afrontam directamente o espaço público. Assim, se o fundamental é reforçar a natureza do espaço público, de modo a que este possa desempenhar devidamente as suas funções, e logo, contribuir devidamente para a solução dos desafios enunciados, pela mesma razão torna-se necessário diversificar os usos do espaço público, reforçando aqueles que o fundamentam. Este será também um modo de contrapor o declínio de usos do espaço público que actualmente se verifica, sobretudo na sua variedade e contributo válido para a sociedade.

O espaço público enquanto canal de difusão e comunicação de informação locais e informais

Como já referimos, dados os desafios directos dos novos meios de comunicação, deverá ser reforçado o papel do espaço público enquanto meio de difusão de informação, já que esse será um canal por excelência de informação local e de comunicação directa, o que poderá contrapor, como já referimos, a informação normalizada veiculada pelos meios centrais e globais, que vieram a desempenhar estas que eram funções ancestrais do espaço colectivo, assim como as crises de identidade que daí poderão decorrer.

Parece-nos, inclusivamente, que o reforço destes meios locais de informação e comunicação poderá ser um meio de auxiliar a gestão e administração locais do espaço público. Desse modo será possível reforçar as necessárias capacidades do administrador do espaço público, desde que, para a defesa desses interesses, haja um contributo, efectivo, para a mobilização e consciencialização geral.

A melhoria do desempenho do espaço público enquanto canal de comunicação e de informação poderá ainda contribuir também para a necessária diminuição dos excessos de consumo e desgaste

dos recursos naturais, dado papel que já referimos da informação para permitir consciencializar e quantificar no sentido de se poupar e gerir melhor os recursos naturais.

Por fim, refira-se ainda que o desempenho que temos vindo aqui a sublinhar como importante para o espaço público pode, como nos parece óbvio, ser também um importante contributo para o cumprimento dos princípios contemporâneos de democracia, acessibilidade e inclusão. O acesso à informação e a possibilidade de comunicação são para isso fundamentais, e os meios locais serão potencialmente mais acessíveis pela sua maior proximidade.

O espaço público enquanto local de recursos e eventos únicos

O reforço do papel do espaço público, enquanto local por excelência dos recursos e eventos únicos e singulares, será um meio de consolidar o seu lugar na sociedade, na sua memória e na sua cultura. Será um meio de lhe restituir o lugar que lhe pertence desde a sua origem. O seu desempenho neste sentido pode inclusivamente ser através de diversos usos, desde os do âmbito social, político e cívico, aos de lazer e tempos livres.

O espaço público enquanto local de outros usos de permanência

A partir do que analisámos anteriormente, parece haver uma tendência para a redução da diversidade dos usos do espaço público. Tal verifica-se também pela redução da diversidade dos usos de permanência, dada a demasiada prevalência nesse âmbito dos usos relativos ao lazer. Torna-se assim necessário reforçar a polivalência do espaço público, também através da atribuição de usos que o definam mais como destino do que como passagem para outros locais. A solução passará também pela diversificação de usos, como os cívicos e políticos, relativas tanto a ocorrências mais singulares como mais quotidianas, ou mesmo até os usos de actividades privadas, desde que sejam favoráveis a esse objectivo de fixar mais usos de permanência ao espaço público.

Esta desmultiplicação do uso do espaço público, sobretudo no sentido de promover a permanência dos cidadãos poderá, ser também um meio de amenizar o efeito da predominância dos espaços de fluxos sobre o espaço dos lugares resultante da globalização, conforme vimos que referem Borja e Castells (1997), se de facto for assim possível contribuir para a consolidação do local. De igual modo, esta diversificação poderá salvaguardar o uso do espaço público e a sua importância no contexto da cidade, sobretudo se se propuserem outros usos para além dos relativos ao lazer e aos tempos livres, dada a crescente oferta nesse âmbito e noutros sítios que caracteriza a sociedade e muitos dos hábitos contemporâneos.

Conforme já abordado atrás, o reforço dos usos e dos utilizadores do espaço público na sua desmultiplicação também em diversidade será um meio de o tornar economicamente mais sustentável, tornando a sua administração e gestão mais fácil. Para além disso, uma generalização da consciência e reconhecimento da importância do espaço público contribuirá também para uma maior mobilização no sentido de o defender e preservar como tal.

Esta solução não passaria, em princípio, pela necessidade de uma reconceptualização de conceitos e de princípios, tal como já referimos em relação a outras, uma vez que nos referimos a usos que anteriormente pertenceriam ao espaço público (ou ao espaço colectivo) da cidade. No entanto, trata-se também de uma mudança igualmente profunda, dada a evolução da sociedade e do desempenho para com ela do espaço público, sobretudo nos últimos tempos, como já analisámos.

E. Reforçar a multifuncionalidade, a diversidade e a adaptabilidade do espaço público

Pelo que até agora expomos, parece-nos que se torna evidente que não só deve ser assegurado ao espaço público – ou devolvido conforme já sucederá em certos casos – o papel central para a cidade e para a sociedade que está na sua origem, como é necessária uma reflexão dos seus atributos e usos no contexto contemporâneo, dados todos os desafios que actualmente se colocam. Porque, conforme já vimos, esses desafios não se colocam apenas ao próprio espaço público, ainda que isso não signifique que sejam menores, mas mesmo a toda a cidade e, em muitos aspectos, até à sociedade.

Por sua vez, como vimos, a solução de muitos desses desafios poderá passar pelo recurso ao espaço público, sobretudo pela diversidade dos seus usos. Essa diversidade estará na própria natureza do espaço público, pelo que será de começar pelo reforço dos usos que estiveram na sua origem. Mas, para além disso, deverão ser pensados novos usos e funcionalidades, uma vez que os desafios que referimos decorrem de um contexto que, além de contemporâneo, é totalmente inédito.

Será por isso correcto procurar pensar no espaço público segundo o enquadramento desses desafios, para os quais devem assim ser propostas soluções. No entanto, a melhor preparação será sempre aquela que permite não só resolver, neutralizar ou absorver os desafios e problemas para os quais foi planeada, mas também os outros que não foram previstos. Assim sendo, acima de tudo deverá ser assegurada a coexistência, a polivalência, a flexibilidade e a multifuncionalidade do espaço público, até porque também se trata de uma propriedade que o define na sua origem. Para além disso, dentro desta linha e numa perspectiva de futuro, deverá ainda ser assegurada a permanente renovação de usos e utilizadores.

Deste modo o espaço público poderá dar o seu contributo à estratégia atrás já referida do recurso à cidade compacta e diversa, podendo assim ser evitados problemas derivados do planeamento modernista, nomeadamente aqueles que decorrem da monofuncionalização, que já descrevemos, ou da dispersão do tecido urbano.

O recurso à flexibilização, adaptabilidade diversidade e multifuncionalidade do espaço público será também, parece-nos, o melhor modo de o preparar para a tendência de constante mutação, indefinições e incertezas que, segundo os autores que analisámos, caracteriza a actualidade. Inclusivamente, perante um grupo cada vez mais diverso de utilizadores, de origens e culturas cada vez mais distintas, assim como com quotidianos, modos de vida e solicitações cada vez mais individualizados (Ascher, 2007), um espaço público adaptável e flexível torna-se cada vez mais imperativo. Não que isso signifique a sua desintegração, pelo contrário, será o recurso a essas propriedades que permitirão a sua continuidade e preservação perante contextos tão abrasivos.

Esta flexibilização e adaptabilidade ao utilizador e ao seu uso (idealmente, a cada utilizador e a cada uso) será assim, parece-nos ainda, a melhor possibilidade de se ir ao encontro dos princípios contemporâneos de democracia, acessibilidade, inclusão, liberdade e igualdade.

A seguir apresentamos tabelas onde resumimos a reflexão que efectuámos agora sobre as possíveis contribuições para as soluções dos desafios elencados:

Desafios elencados	Possíveis Respostas
1. Desafios directos da globalização	A) Cidade compacta, diversa e de ciclos curtos, com autonomia local
	B) Estruturar e organizar a imagem da cidade
	C) a) Atribuir ao espaço público a capacidade de contribuir para a identidade, a estrutura, compreensão e imageabilidade da cidade
1.1. Novo papel das cidades, ponto de encontro entre o global e o local	B) Estruturar e organizar a imagem da cidade
1.2. Competição internacional entre as cidades a vários níveis;	C) a) Atribuir ao espaço público a capacidade de contribuir para a identidade, a estrutura, compreensão e imageabilidade da cidade
1.3. Organização da rede global com hierarquia incerta e volátil;	B) Estruturar e organizar a imagem da cidade

Tabela 8: Resumo das possíveis respostas para os desafios directos da globalização

Desafios elencados	Possíveis Respostas
2. Desafios directos dos novos meios de comunicação	B) Estruturar e organizar a imagem da cidade C) b) Atribuir ao espaço público a capacidade de contribuir para a coesão social, o convívio, a solidariedade D) a) Diversificar os usos do espaço público enquanto canal de difusão e comunicação de informação locais e informais
2.1. Grande difusão de informação e sua normalização (homogeneização?);	D) a) Diversificar os usos do espaço público enquanto canal de difusão e comunicação de informação locais e informais
2.2. Metapolização: a deslocalização e dessincronização do indivíduo	E) Reforçar a multifuncionalidade e diversidade do espaço público, assim como adaptabilidade e a flexibilidade
2.3. Crises de identidade;	C) a) Atribuir ao espaço público a capacidade de contribuir para a identidade, a estrutura, compreensão e imageabilidade da cidade D) a) Diversificar os usos do espaço público enquanto canal de difusão e comunicação de informação locais e informais
2.4. Predominância dos espaços de fluxos sobre o espaço dos lugares, Conflito iminente	B) Estruturar e organizar a imagem da cidade D) c) Diversificar os usos do espaço público enquanto local de outros usos de permanência para além do lazer
2.5. Dualização, polarização e co-habitação de contrastes	A) Cidade compacta, diversa e de ciclos curtos, com autonomia local B) Estruturar e organizar a imagem da cidade C) b) Atribuir ao espaço público a capacidade de contribuir para a coesão social, o convívio, a solidariedade
3. Desafios decorrentes das grandes cidades e seu rápido crescimento	A) Cidade compacta, diversa e de ciclos curtos, com autonomia local B) Estruturar e organizar a imagem da cidade C) b) Atribuir ao espaço público a capacidade de contribuir para a coesão social, o convívio, a solidariedade
3.1. Planeamento modernista por zonas monofuncionais;	A) Cidade compacta, diversa e de ciclos curtos, com autonomia local E) Reforçar a multifuncionalidade e diversidade do espaço público, assim como adaptabilidade e a flexibilidade
3.2. Dispersão; Viver na cidade sem ter experiência urbana;	A) Cidade compacta, diversa e de ciclos curtos, com autonomia local B) Estruturar e organizar a imagem da cidade E) Reforçar a multifuncionalidade e diversidade do espaço público, assim como adaptabilidade e a flexibilidade
3.3. Centro, periferia, suburbanidade	A) Cidade compacta, diversa e de ciclos curtos, com autonomia local B) Estruturar e organizar a imagem da cidade C) b) Atribuir ao espaço público a capacidade de contribuir para a coesão social, o convívio, a solidariedade
3.4. Diluição de limites e fronteiras	B) Estruturar e organizar a imagem da cidade
3.5. Impessoalidade, incapacidade de percepção e abstracção	A) Cidade compacta, diversa e de ciclos curtos, com autonomia local B) Estruturar e organizar a imagem da cidade C) b) Atribuir ao espaço público a capacidade de contribuir para a coesão social, o convívio, a solidariedade
3.6. Noção de insegurança	A) Cidade compacta, diversa e de ciclos curtos, com autonomia local B) Estruturar e organizar a imagem da cidade C) b) Atribuir ao espaço público a capacidade de contribuir para a coesão social, o convívio, a solidariedade
3.7. Desactualização e incapacidade de gestão	A) Cidade compacta, diversa e de ciclos curtos, com autonomia local

Tabela 9: Resumo das possíveis respostas para os desafios decorrentes das grandes cidades e seu rápido crescimento (elaboração do autor).

Desafios elencados	Possíveis Respostas
4. Desafios decorrentes das profundas alterações na sociedade e suas solicitações à cidade e ao espaço público	C) b) Atribuir ao espaço público a capacidade de contribuir para a coesão social, o convívio, a solidariedade E) Reforçar a multifuncionalidade e diversidade do espaço público, assim como adaptabilidade e a flexibilidade
4.1. Novos meios de comunicação e informação substituem funções do espaço colectivo	D) a) Diversificar os usos do espaço público enquanto canal de difusão e comunicação de informação locais e informais
4.2. Novas ofertas para recreio, entretenimento e ocupação dos tempos livres	C) b) Atribuir ao espaço público a capacidade de contribuir para a coesão social, o convívio, a solidariedade D) b) Diversificar os usos do espaço público enquanto local de recursos e eventos únicos; D) c) Diversificar os usos do espaço público enquanto local de outros usos de permanência para além do lazer E) Reforçar a multifuncionalidade e diversidade do espaço público, assim como adaptabilidade e a flexibilidade
4.3. Evolução dos padrões de qualidade de vida no sentido do uso individual e propriedade privada	C) b) Atribuir ao espaço público a capacidade de contribuir para a coesão social, o convívio, a solidariedade C) c) Atribuir ao espaço público a capacidade de contribuir para a partilha de recursos.
4.4. Generalização do consumo	C) b) Atribuir ao espaço público a capacidade de contribuir para a coesão social, o convívio, a solidariedade C) c) Atribuir ao espaço público a capacidade de contribuir para a partilha de recursos.
4.5. As alterações de conceitos dos modelos de gestão e financiamento, a diminuição do poder do Estado	D) a) Diversificar os usos do espaço público enquanto canal de difusão e comunicação de informação locais e informais D) c) Diversificar os usos do espaço público enquanto local de outros usos de permanência para além do lazer
4.6. A individualização da utilização da cidade	E) Reforçar a multifuncionalidade e diversidade do espaço público, assim como adaptabilidade e a flexibilidade
5. Desafios decorrentes da flexibilização, da indefinição de conceitos e fronteiras, e da relativização	B) Estruturar e organizar a imagem da cidade C) a) Atribuir ao espaço público a capacidade de contribuir para a identidade, a estrutura, compreensão e imageabilidade da cidade E) Reforçar a multifuncionalidade e diversidade do espaço público, assim como adaptabilidade e a flexibilidade
6. Desafios decorrentes da necessária diminuição dos excessos de consumo e desgaste dos recursos naturais	A) Cidade compacta, diversa e de ciclos curtos, com autonomia local C) a) Atribuir ao espaço público a capacidade de contribuir para a identidade, a estrutura, compreensão e imageabilidade da cidade C) c) Atribuir ao espaço público a capacidade de contribuir para a partilha de recursos. D) a) Diversificar os usos do espaço público enquanto canal de difusão e comunicação de informação locais e informais
6.1. Grande desgaste dos recursos naturais na construção	A) Cidade compacta, diversa e de ciclos curtos, com autonomia local
6.2. Grande consumo do solo na sua conversão para construção para uso urbano	A) Cidade compacta, diversa e de ciclos curtos, com autonomia local
6.3. Excesso de consumo de combustíveis dado protagonismo da mobilidade e dos transportes sobretudo o privado automóvel	A) Cidade compacta, diversa e de ciclos curtos, com autonomia local
6.4. Desgaste excessivo dos recursos naturais dado o crescimento da propriedade privada, o uso individual e a reduzida reutilização.	C) c) Atribuir ao espaço público a capacidade de contribuir para a partilha de recursos.

Tabela 10: Resumo das possíveis respostas aos desafios decorrentes das profundas alterações na sociedade, da flexibilização de conceitos e fronteiras e da necessária diminuição do excesso de consumo (elaboração do autor).

Desafios elencados	Possíveis Respostas
7. Desafios decorrentes do cumprimento dos princípios contemporâneos de democracia, acessibilidade, inclusão, liberdade e igualdade	A) Cidade compacta, diversa e de ciclos curtos, com autonomia local
	C) b) Atribuir ao espaço público a capacidade de contribuir para a coesão social, o convívio, a solidariedade
	D) a) Diversificar os usos do espaço público enquanto canal de difusão e comunicação de informação locais e informais
	E) Reforçar a multifuncionalidade e diversidade do espaço público, assim como adaptabilidade e a flexibilidade
7.1. Grupos de utilizadores cada vez mais diversos;	E) Reforçar a multifuncionalidade e diversidade do espaço público, assim como adaptabilidade e a flexibilidade
7.2. Número crescente de características dos utilizadores a observar, incluindo características culturais e sociais.	E) Reforçar a multifuncionalidade e diversidade do espaço público, assim como adaptabilidade e a flexibilidade

Tabela 11: Resumo das possíveis respostas aos desafios decorrentes do cumprimento dos princípios contemporâneos (elaboração do autor).

Como conclusão, poderá evidenciar-se a necessidade de estruturar a cidade, sobretudo na sua perceptividade e imageabilidade, de contrapor as diversas questões que abordámos, a globalização com maior localização, o reequilíbrio da sociedade e da cidade, a redução do desgaste dos recursos naturais e os demais desafios.

Para estes objectivos, o espaço público, que precisa também por si que se proponham soluções, pode ter um papel fundamental na resolução dos problemas apresentados, dadas as suas características intrínsecas: meio de comunicação e informação, local de partilha de recursos, local de contacto, encontro e convívio, local do exercício da democracia, factor fundamental para a identidade e de estruturação e imageabilidade do território.

O mobiliário urbano, por sua vez, enquanto parte integrante do espaço público e seu meio de uso, deverá corresponder a diversos requisitos, para os quais deverão ser definidos princípios.

No fim, poderemos talvez destilar as estratégias gerais e de fundo:

- Localizar
- Reforçar o uso do espaço público
- Reduzir o desgaste dos recursos naturais
- Diminuir as desigualdades de acesso e oportunidades, desenvolver a solidariedade

5.2. A sustentabilidade do mobiliário urbano

A sustentabilidade do mobiliário urbano implica não só a sua própria sustentabilidade, como ainda a capacidade do mobiliário urbano para tornar sustentáveis serviços e utilizações actualmente efectuados, com excessivo desgaste de recursos, através de artefactos ou equipamentos de propriedade e uso privado. Esta eventual substituição comporta, porém, todo um conjunto de outras alterações.

Assim, e sendo o objectivo deste trabalho determinar a possível contribuição do mobiliário urbano para a sustentabilidade da cidade, interessar-nos-á desde logo enquadrar o tema de reflexão deste sub-capítulo num contexto abrangente.

Abordagem abrangente: necessária especialmente para o espaço público e mobiliário urbano

Conforme temos vindo a procurar defender, julgamos que deve ser considerado o conceito integral e abrangente da sustentabilidade, segundo o princípio que os problemas e soluções relativos à vertente ambiental estão também profundamente ligados às restantes vertentes. Como já vimos, é essa a proposta de base constante no “relatório Bruntland” (WCED, 1987), onde se considera que a sustentabilidade só é efectiva quando se integra as suas vertentes social, ambiental e económica, dada a sua interdependência. Para além disso, esta comissão defende que não se pode optar por nenhuma solução desequilibrada que pretenda resolver os problemas relativos a apenas uma dessas dimensões; logo, por exemplo, a sustentabilidade ambiental deverá sempre ser obtida sem que seja a custo da social.

Vários têm sido os autores que defendem também esta abordagem global, alguns dos quais por nós já aqui referidos. Segundo Vezzolli e Manzini (2008), os problemas ambientais derivam de problemas da sociedade, já que, por exemplo, no “sistema produção-consumo”, transforma-se relações em consumo de produtos, seja entre pessoas, seja entre pessoas e o ambiente. Para além disso, conforme também estes autores, estabelece-se uma definição de bem-estar que subestima todos os “bens” que não são redutíveis a um produto do mercado, que não pode ser comprado ou vendido. São caso disso, especificam estes autores, as substâncias básicas como o ar ou a água, os bens sociais como as comunidades de bairro ou a solidariedade cidadã, até aos mais complexos como a paisagem, o espaço público urbano ou a sensação de segurança (Vezzolli e Manzini, 2008:22).

Ficará assim demonstrada a necessidade de soluções abrangentes e globais para a sustentabilidade, mas também profundas, segundo outros valores, referências e padrões de vida. É o que vimos que defende Naredo (2003, 2006), para quem é necessário mudar a base da economia sobre a qual assenta toda a sociedade, ou com Latouche (2007a, 2007b), que defende que para a sustentabilidade efectiva (o decrescimento) é necessária a redução do consumo, o que significa a mudança de hábitos e de valores e padrões sociais diferentes dos actuais, sobretudo os que favoreçam o altruísmo, o maior contacto e convívio social.

Para além disso, é para nós também evidente uma noção generalizada nos autores abordados que a sustentabilidade abrangente, e que contemple as diversas vertentes, é especialmente válida e necessária para o contexto da cidade e do espaço público. Conforme podemos constatar pelo que apresentamos, há soluções que se demonstram como sendo soluções comuns para problemas de vertentes diferentes. Por exemplo, a cidade compacta e diversa pode permitir, especificamente e directamente, a diminuição do consumo dos recursos naturais, ao encurtar distâncias e diversificar funcionalidades, assim como economizar a ocupação do território (Rueda, 1995); no entanto, a densificação e diversificação da cidade revela-se um factor importante também do ponto de vista social (Borja, 2000; Pol e Valera, 1999).

Refira-se ainda o ponto de vista de Pol (2002) que reforça a interligação da vertente ambiental e da social, já que não é possível uma sustentabilidade ambiental sem uma sociedade vertebrada e solidária, onde predomine o individualismo ou as estratégias de sobrevivência individual, incompatíveis com uma atitude ambientalmente responsável.

5.2.1. Potencialidades e requisitos do mobiliário urbano

Exposto o contexto onde se inserem as potenciais contribuições do mobiliário urbano para a sustentabilidade da cidade (e da sociedade) importará agora considerar os requisitos necessários para que esse potencial se efective. Adiante apresentaremos os princípios que diversos autores já elaboraram para o design urbano, e que terão, obviamente, aplicabilidade no que concerne ao mobiliário urbano. Contudo, antes de expormos esses princípios, julgamos necessário enunciarmos resumidamente a algumas especificidades do mobiliário urbano.

Ou seja, resumindo agora considerações que serão mais detalhadamente apresentadas quando elencarmos, adiante, os princípios para a avaliação da sustentabilidade do mobiliário urbano,

haverá que atender a requisitos nas várias fases de projecto, nas diversas fases do ciclo de vida, e também às atribuições, responsabilidades e actuações dos diversos intervenientes.

Anteriormente determinámos para o mobiliário urbano as características que nos pareceram mais importantes para a investigação que apresentamos (cf. 4.3.5.):

- Fase de uso longa
- Uso partilhado, inúmeras utilizações
- Multiplicidade de tipos de intervenientes
- Diversos e importantes contributos para o espaço público
- Solicitações específicas e muito exigentes do espaço público

Já vimos que o mobiliário urbano tem como importante característica, pelo menos para o âmbito desta investigação, uma fase de uso que pode ser bastante longa. Para além disso, trata-se de um uso partilhado, já que são vários os utilizadores que dele usufruem no espaço público, ao contrário do que sucede com os produtos de uso individual.

Deste modo, os impactos decorrentes do seu fabrico serão menos importantes do que outros produtos de duração mais pequena e/ou de menor número de utilizações. Por outro lado, nesta perspectiva, os requisitos relativos à sua fase de uso ganham um peso considerável. Assim, é nossa convicção que os factores que permitem que o mobiliário urbano contribua de modo eficaz para a sustentabilidade estão, em primeira mão, na observação daqueles que são decisivos na sua fase de uso, nomeadamente as solicitações dos utilizadores, os diversos requisitos do local de inserção, ou ainda a importância fundamental de uma manutenção eficaz. Princípios como a legibilidade, multifuncionalidade, adaptabilidade e funcionalidade no desempenho prático exigem assim uma consideração central.

Conforme vimos anteriormente, a produção do mobiliário urbano tem uma complexidade acrescida, pelo menos em relação aos produtos de consumo, dada a diversidade de intervenientes, em que cada um, tipicamente, intervém numa fase diferente do ciclo de vida do mobiliário urbano, pretendendo daí retirar usos e proveitos distintos. Assim, a elaboração de qualquer requisito ou princípio de sustentabilidade terá que ter em conta esta diversidade de actores e interesses.

O espaço público é o local do mobiliário urbano. Consequentemente, tudo o que anteriormente foi dito relativamente aos contributos do espaço público para a vida da cidade aplica-se também ao

mobiliário urbano. Ou, mais precisamente: o mobiliário urbano é a condição essencial para que todos ou quase todos os contributos do espaço público se efectivem. A possibilidade da revitalização do espaço público pela multiplicação de utilizações implicará um correspondente reforço e diversificação de usos do mobiliário urbano.

Por outro lado, como já sabemos, o espaço público é também uma envolvente muito exigente. Não só pela diversidade de usos, de utilizadores, e a sua eventual longa fase de uso, mas pela multiplicidade de vertentes, onde vários factores, desde o sol e chuva ao vandalismo, põem estes equipamentos permanentemente à prova.

Do conjunto de potenciais contribuições do mobiliário urbano para a sustentabilidade, parece-nos importante salientar desde já três vectores fundamentais:

O reforço do uso do espaço público, o que trará, como já referido, mais permanência, menor sentimento de insegurança, mais convívio e solidariedade, partilha de artefactos e equipamentos com a desejável redução de desgaste de recursos. Tudo isso dependerá do mobiliário urbano que foi definido e implantado, e dos usos do espaço público que esse mobiliário permite ou potencia.

O reforço da localização, ou seja, o reforço da identidade local, da percepção e imagem da cidade e seu território, e também da autonomia local. O mobiliário urbano, sendo um elemento fundamental na interacção do utilizador com a sua envolvente, ou até um elemento constituinte dessa identidade, pode ter aqui um papel essencial. Revela-se assim necessário que o mobiliário urbano atenda a este requisito sob vários pontos de vista, incluindo nos processos que são inerentes ao seu fabrico.

A redução de desgaste de recursos naturais. O mobiliário urbano terá como característica inata a possibilidade da poupança de recursos, ao ser uma alternativa a outros artefactos de uso individual; adicionalmente, a sua fase de uso é frequentemente maior do que grande parte dos produtos de consumo, o que significará que o peso sob o ponto de vista ambiental da fase da sua produção será menor no enquadramento do restante ciclo de vida. Contudo, isso não torna desnecessária a atenção aos recursos gastos durante o seu ciclo de vida, pelo contrário é necessário ter essa atenção em função das particularidades que aparentemente existem.

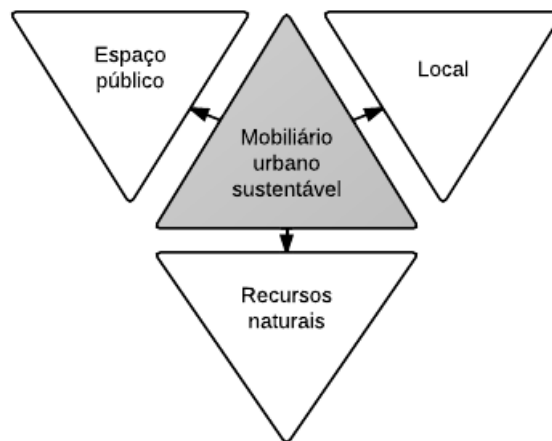


Figura 147: Os três vectores fundamentais para o mobiliário urbano sustentável (elaboração do autor).

5.2.2.Revisão da elencagem dos princípios para o espaço público

Para propormos princípios de sustentabilidade para o mobiliário urbano julgamos ser fundamental considerar o conjunto de autores que nos foi possível encontrar e que enunciam princípios de sustentabilidade para o espaço público e o design urbano. Começamos assim com a sua revisão e confrontação, o que será uma base válida para o conjunto de princípios mais específicos que a seguir elaboramos.

Alertando que as definições do design urbano devem ser pouco prescritivas, Carmona et al. apresentam “enquadramentos de trabalho para o design urbano e criação de lugar”¹³⁹, segundo vários teóricos e praticantes que tenham tido como intuito identificar “qualidades desejáveis de lugares urbanos com sucesso e/ou ‘boa’ forma urbana” (Carmona et al., 2010:8). Referem os princípios de seis desses autores¹⁴⁰, assim como posições oficiais para o design urbano, semelhantes às anteriores, que assentavam expressamente também na “criação de lugares”, das quais a publicação “By Design: Urban Design in the planning System: Towards Better Practice”, do governo de Inglaterra, onde são incluídos sete objectivos (DETR-CABE, 2000, cit. Carmona et. al 2010:10-11):

1. **Carácter**, um lugar com a sua própria identidade
2. **Continuidade e delimitação** (enclosure), um lugar onde os espaços públicos e privados se distinguem claramente

¹³⁹ No original “Urban Design and Place-Making Frameworks

¹⁴⁰ Kevin Lynch (2010), Allan Jacobs e Donald Appleyard (1987), Bentley et al. (1985), Francis Tibbalds (1988, 2001), o congresso “New Urbanism” de 1993 e Nan Ellin (2006).

3. **Qualidade do domínio público**, um lugar com áreas exteriores atractivas e de sucesso
4. **Facilidade de movimento**, um lugar onde facilmente se chega e se atravessa
5. **Legibilidade**, um lugar que tem uma imagem clara e é fácil de compreender
6. **Adaptabilidade**, um lugar que pode mudar facilmente
7. **Diversidade**, um lugar com variedade e escolha

Contudo, e considerando o conceito de sustentabilidade mais abrangente relativo ao de “desenvolvimento sustentável” (conforme já abordado), Carmona et al. (2010:51) enfatizam que “tal como os impactos ambientais, os designers urbanos devem observar os impactos sociais e a viabilidade económica a longo prazo”.

Consequentemente, estes autores apresentam uma outra matriz, a “dos princípios do design (urbano) sustentável” (citando Carmona, 2009b). Esta matriz foi elaborada a partir do cruzamento dos princípios propostos por diversos autores¹⁴¹. Como resultado, Carmona et al. (2010:56-57) apresentaram os seguintes pontos, onde detalhamos os princípios dos outros autores aí incluídos e que nos pareceram mais relevantes para melhor definição:

1. **Diversidade e escolha** (incluindo permeabilidade, integração e usos mistos)
2. **Distinção** (incluindo identidade e noção do lugar)
3. **Necessidades humanas** (incluindo legibilidade, estética, segurança, salubridade)
4. **Suporte biótico** (incluindo integração natural, estrutura verde e biodiversidade)
5. **Concentração** (incluindo compacidade, densidade, policentricidade)
6. **Resiliência** (incluindo adaptabilidade, elasticidade, flexibilidade)
7. **Eficiência de Recursos** (incluindo meios e recursos económicos, naturais, de ocupação e uso do solo, de transporte e mobilidade)
8. **Auto-suficiência** (incluindo autonomia local, democracia e participação, assim como meios autónomos para mobilidade, tais como andar a pé e bicicleta)
9. **Redução da poluição** (relativo às diversas emissões)
10. **“Stewardship”**, ou seja, integração, administração e gestão de serviços e recursos¹⁴² (considerando integração de planeamento do território e transportes)

¹⁴¹ Citados por Carmona et al (2010:56-57): Hough (1984), Bentley (1990), a Comissão Europeia (1990), Blowers (1993), Haughton e Hunter, (2003), Barton (1996), URBED (1997), Rogers (1997), Edwards (2000), Lloyd-Jones (ed.), 2004, Jabareen (2006) e Clarke (2009).

¹⁴²“Stewardship is an ethic that embodies responsible planning and management of resources. The concept of stewardship has been applied in diverse realms, including with respect to environment, economics, health, property, information, and religion, and is linked to the concept of sustainability. Historically, stewardship was the responsibility given to household servants to

Estes princípios são depois utilizados ainda noutra matriz, a qual os detalha segundo a “escala espacial”, ou seja, “edifícios”, “espaços”, “quarteirões” e “povoações”¹⁴³ (Carmona et al., 2010:58-59). Ainda que os autores se refiram ao Design Urbano, trata-se de princípios que se referem a um âmbito, conforme os próprios autores delimitam e já vimos atrás, entre a escala arquitectónica, do espaço público, e a do urbanismo.

Contudo, a matriz DETR-CABE (2000, cit. Carmona et al, 2010) atrás referida será a que encontraremos também na base de elaboração do Guia de Avaliação de Projectos do Espaço Público (Remesar et al., 2005), assim como na “Matriz conceptual para o eco-design de candeeiros de iluminação de espaço público (Águas, 2009).

Remesar et al (2005) apresentam assim os seguintes parâmetros de avaliação do projecto de espaço público:

- **Identidade**, onde se considera vertentes como memórias, a história e património, mas também o significado da área, carácter da hierarquia dos espaços, os usos dominantes, entre outros;
- **Continuidade / Permeabilidade / legibilidade**, que se refere ao tratamento dos limites, as transições, simbologia e potenciação de vistas e panoramas;
- **Segurança / conforto / apazibilidade**, considerando questões como o conforto, a funcionalidade, a simplicidade formal, e especificamente a iluminação;
- **Acessibilidade / mobilidade**, referente também aos transportes, às situações de emergência, à intermodalidade, ao estacionamento e à implantação do mobiliário urbano;
- **Diversidade / Adaptabilidade**, segundo a implantação, forma, escala, e a multifuncionalidade
- **Durabilidade / Resistência**, em relação ao uso, ao vandalismo, à intempérie, à manutenção e também a versatilidade
- **Sustentabilidade**, em todo o ciclo de vida do produto, mas também pela capacidade de potenciar a percepção dos valores culturais e históricos do local, de promover os factores relativos à auto-estima das populações e à apropriação social do espaço, e ainda em relação aos valores relativos ao custo/benefício

bring food and drinks to a castle dining hall. The term was then expanded to indicate a household employee's responsibility for managing household or domestic affairs.” (wikipedia, 2012b)

¹⁴³ No original “Buildings”, “Spaces”, “Quarters” e “Settlements”.

5.3. Princípios de sustentabilidade para o mobiliário urbano

A partir dos princípios propostos e dos requisitos sobre os quais temos vindo a reflectir, para a sustentabilidade do mobiliário urbano julgamos poder sistematizar os seguintes princípios, que em seguida desenvolvemos e justificamos.

Procurou-se que os princípios em questão fossem mais específicos para estes equipamentos do que aqueles que abordámos e que se destinam à avaliação do espaço público. No entanto, esse contexto é igualmente tido em conta, os princípios que agora se propõem consideram o conjunto enunciado. Foram, com efeito, pensados para o mobiliário urbano em uso, ou seja, não apenas ao artefacto ou equipamento em si, mas segundo a sua inserção e interacção com o contexto de uso, segundo as diversas vertentes.

Os princípios que se apresentam não são estanques entre si, pelo contrário, podem ter diversas interdependências, tanto de complementaridade e contraposição, como de contribuição.

5.3.1. Capacidade de contribuição para a imageabilidade e para a identidade

Conforme vimos atrás, a “criação de lugares”, a atribuição de significados e a identidade do lugar são de importância central para o espaço público, ao melhorar o relacionamento com a sociedade que o usa e, conseqüentemente, é uma questão central também para a actividade do design urbano, incluindo a produção do mobiliário.

O princípio da identidade é elencado por Remesar et al. (2005), o qual se refere à promoção pelo projecto do “carácter formal e os significados reconhecíveis no local”. Poderá recorrer aos padrões característicos da cultura e do desenvolvimento local, considerando a memória e as tradições locais. Para isso deverá ter-se em conta a história e o património locais, memórias, tradições, os materiais prevaletentes, tanto os que se encontram ainda em uso, como aqueles que se perderam ou esqueceram (e que sejam oportunos de restabelecer).

Uma vez que se trata de criar alguma diferenciação entre o espaço em questão e o contexto onde se insere, e dos seus significados, para assim se facilitarem dinâmicas sociais de apropriação do espaço e recriar novos sentimentos de pertença, como alternativa, para o cumprimento deste ponto

pode proceder-se à promoção da criação de novos elementos para esse desempenho (Remesar et al., 2005).

Também Carmona et al. (2010) referem o princípio da “Distinção”, onde incluem a identidade e noção do lugar nos já referidos “princípios do design urbano sustentável”. De igual modo, na elencagem “By Design” (DETR-CABE, 2000) é referido o princípio do “Carácter”, referente à necessidade da existência de um lugar com a sua própria identidade.

Como se compreende, este princípio refere-se ao da identidade do local, pelo que é um dos importantes meios para contrapor a globalização e os efeitos referidos que dela decorrem. A atribuição de identidade a um local ou a um equipamento contribui para a sua durabilidade, uma vez que pressupõe a apropriação e possibilita a sua estima por parte dos seus utilizadores. Trata-se de um atributo que vai além dos da legibilidade, da acessibilidade e da contextualização, embora esses atributos contribuam para a identidade. Também a imageabilidade (Lynch, 1990) contribui para a identidade.

Em relação ao mobiliário urbano, este princípio sublinha a importância do mobiliário urbano ter propriedades que lhe permitam a autonomia de carácter e uma presença no local suficientemente distintas para que lhe seja possível o devido contributo para a identidade do local. Será, como se compreende, um princípio que terá que ser equilibrado com o da contextualidade.

Dada a importância do contributo do uso para o relacionamento dos cidadãos com a sua envolvente, podemos perceber porque Pol e Valera (1999) reconhecem a importância do mobiliário urbano, afirmando, de modo categórico, que se trata de “um dos elementos mais activos da interacção entre a envolvente e o cidadão”. De facto, em várias ocasiões como algumas das que abordamos, se atribuiu um importante desempenho ao mobiliário urbano na constituição da identidade de um lugar, mesmo em ocasiões em que isso não foi definido e previsto em projecto.

Assim, a capacidade de contribuir para a identidade do lugar é um importante atributo que deve ser proporcionado em projecto de mobiliário urbano, ainda que, como já vimos, essa propriedade só pode ser atribuída verdadeiramente pelos cidadãos que o usem. Em todo o caso, e como se compreende facilmente, para que isso suceda terão que existir condições favoráveis, como as que acima referimos, ou seja, terá que existir um processo de produção de grande proximidade para com o local de implantação e os seus habitantes e utilizadores.

Deste modo, na procura do cumprimento deste princípio durante a execução de um projecto de mobiliário urbano, deverá proceder-se, por um lado, a uma pesquisa aprofundada do local, nas vertentes que for possível abordar, e por outro, procurar a proximidade e o contacto com a população local, tentando compreender que aspirações e que necessidades poderão existir sobre o local, assim como procurar retratar o seu perfil. O recurso a um processo de participação cidadã poderá ser um meio de mais facilmente se atingir estes objectivos.

No caso de uma eventual avaliação do cumprimento deste princípio num projecto já concretizado e em uso, a determinação do cumprimento deste princípio será através da constatação da atribuição dessa propriedade por parte daqueles que efectuem o seu uso. Para além do contacto com esses utilizadores, a análise de iniciativas por parte dos mesmos (protestos, exigências, acções de intervenção directa, contactos com a Câmara Municipal, etc.), poderão ser elementos a considerar na avaliação do cumprimento deste princípio.

Para além disso, e uma vez que a identidade dependerá de algum grau de apropriação, o que poderá significar uma atitude de vontade de estima e preservação por parte dos utilizadores locais, o estado do mobiliário urbano poderá contribuir para determinar o seu desempenho neste sentido. Terá, no entanto, que se ter em consideração a sua idade e a manutenção de que é alvo por parte do administrador. Trata-se, contudo, de uma avaliação com alguma complexidade e que, para a sua correcta determinação, deverá ter a colaboração de especialistas da área.

5.3.2.Contextualidade: Permeabilidade / delimitação em relação ao restante território (em várias escalas)

Este princípio relaciona-se com o princípio “By Design” (DETR/CAB, 2000) de “Continuidade e delimitação” (enclosure), tal como ao de projecto de “Continuidade, Permeabilidade e Legibilidade” referido por Remesar et al. (2005), aí descrito como sendo relativo à boa integração no contexto e na malha urbana, por exemplo através de uma boa interligação de percursos e espaços, assim como a uma definição clara de delimitações. Percebe-se assim que, se por um lado, há a necessidade da demarcação, da distinção e da delimitação de um local em relação ao seu contexto, por outro há também a necessidade da existência de um diálogo e de uma relação entre os mesmos, o que significa o recurso a elementos e linguagem comuns que permitam essa ligação.

Tendo como objectivo específico o mobiliário urbano e o seu projecto, considera-se aqui o princípio da sua interligação e relação com o contexto onde se insere. Há uma relação com o

princípio da identidade, já que essa também considera o contexto, no entanto este princípio ressalta a importância da inserção do mobiliário urbano com essa envolvente. Ou seja, em certas ocasiões o princípio da contextualidade poderá funcionar como um contraponto ao da identidade do mobiliário urbano.

Também para o mobiliário urbano se podem considerar diversas escalas para o seu enquadramento no território que o rodeia. Haverá diversos contextos a considerar, cuja determinação e delimitação entre si variam conforme o caso. Partindo do seu ponto de inserção, poderão ser considerados a rua ou praça onde se insere, o bairro, a zona da cidade, toda a cidade, a região urbana, etc.

Com este princípio evidencia-se a importância acima de tudo da determinação desses enquadramentos e do seu relacionamento com o mobiliário urbano. Considera-se aqui o enquadramento e integração formal, paisagística e perceptiva, mas poderão ser considerados outros âmbitos, como o do uso, ou seja, confrontando usos únicos a atribuir ao local com os usos comuns do restante contexto e do qual se tem que manter a continuidade.

Incluímos aqui também alguns dos elementos que Remesar et al. (2005) consideram para o seu princípio da “Segurança, Conforto e Aprazibilidade”, nomeadamente no que aí se refere à necessidade de um projecto de espaço público e de mobiliário urbanos apresentar “qualidade visual”, ou seja, o “equilíbrio formal de elementos, produtos, sistemas do espaço e sua relação formal com a envolvente de forma intensa e aprazível”, a “integração formal”, a “implantação que reforça a envolvente (vistas, panoramas, etc.)” e a “criação de alinhamentos”.

Durante a execução de um projecto de mobiliário urbano, o cumprimento deste princípio será feito em complementaridade com o da identidade, procurando-se estabelecer um equilíbrio no relacionamento do artefacto ou equipamento com o seu contexto de inserção, entre a sua integração e a demarcação. Deverá procurar-se um equipamento, ou um conjunto de equipamentos, que tenha uma integração equilibrada no espaço de inserção, não só do ponto de vista formal e de enquadramento paisagístico, mas também funcional e de uso.

Para a avaliação de mobiliário urbano em uso do cumprimento deste princípio, deverá ser apreciado o conjunto resultante, do equipamento e do espaço onde ele se insere, tanto do ponto de vista estático, como dinâmico. Deverá ser observado até que ponto o mobiliário existente tem uma presença demasiado neutra, equilibrada ou demasiadamente demarcada. Esta escala depende, como é lógico, da importância que o mobiliário urbano tem, ou deveria ter, no contexto onde se encontra implantado, quer do ponto de vista funcional, quer formal e de enquadramento visual. Esta

avaliação poderá decorrer a partir da observação directa, mas idealmente deve considerar também a apreciação dos utilizadores habituais, uma vez que se trata de um parâmetro com alguns aspectos subjectivos. Para além disso, este tipo de avaliação deve decorrer de um contacto e de uma experiência prolongada e continuada, sobretudo se se trata de espaços de uso quotidiano.

5.3.3. Funcionalidade prática (inclui conforto e segurança)

Nos princípios “By Design” (DETR/CAB, 2000) é referido o da “Qualidade do domínio público”, descrito como sendo relativo à necessidade da existência de um lugar com áreas exteriores atractivas e de sucesso. Equivalente a este parece-nos ser o das “Necessidades humanas” de Carmona et al. (2010), onde se inclui a legibilidade, a estética, a segurança, a salubridade.

Em Remesar et al. (2005) encontramos o princípio da “Segurança, Conforto e Aprazibilidade”, onde são referidos aspectos mais concretos e mais directamente relacionados com o uso prático e funcional, como a ergonomia, a antropometria, a segurança na utilização, nomeadamente a segurança de pessoas e bens no período diurno e nocturno, seja pedonal, seja viária, ou mesmo a eliminação de arestas e elementos protuberantes. Tal como os anteriores, estes autores incluem neste princípio questões doutro âmbito, como a da qualidade visual, referindo-se ao “equilíbrio formal de elementos, produtos, sistemas do espaço e sua relação formal com a envolvente de forma intensa e aprazível”.

A funcionalidade e o desempenho prático são um requisito fundamental para o espaço público e, parece-nos, a razão central da existência do mobiliário urbano. Repare-se que a tipologia normalizada que define o mobiliário urbano refere-se especificamente a esse desempenho.

Refere-se ao tipo de desempenho que pode tanto ser efectuado pelo equipamento por si só (por ex: uma papeleira, que tem que ter um bom funcionamento relativo à deposição, à contenção e ao seu esvaziamento) como em função do contexto onde se insere (como é o caso dos pilaretes, cujo funcionamento ocorre em função da localização no espaço onde se insere). O mobiliário urbano que contenha partes perigosas como as eléctricas tem que ser seguro, a iluminação urbana não deve ser insuficiente nem provocar encadeamentos, os bebedouros devem permitir um uso higiénico e com torneiras e drenagens eficientes, a ergonomia é fundamental num banco de jardim que se pretenda confortável, de um modo geral a implantação e as dimensões do mobiliário urbano não podem provocar tropeços ou embates, etc.

Haverá casos de mobiliário urbano que já perdeu este uso, mantendo-se no espaço público porque o protagonismo deste uso foi substituído por outro, por exemplo, relativo à identidade do espaço. Nestes casos, de facto, um equipamento poderá permanecer no espaço público sem que se mantenha o seu uso prático, no entanto, normalmente o mobiliário urbano é retirado (ou abandonado e vandalizado ou roubado) quando este uso já não existe.

Por sua vez, os requisitos enquadrados neste princípio pelos autores referidos serão eventualmente relativos a uma abrangência demasiado ampla, podendo assim esta importante vertente do mobiliário urbano tornar-se pouco evidente e diluída nos demais requisitos assim enquadrados. Deste modo, parece-nos importante especificar um princípio importante a observar para o projecto ou a avaliação do mobiliário urbano relativo a esta sua vertente.

Para além disso, trata-se de questões que ou estão enquadradas noutros princípios, como por exemplo a simplicidade formal (Remesar et al., 2005), a qual relacionamos agora com o princípio da legibilidade, ou são um resultado de todos os princípios que abordamos, sendo por isso transversais a todos eles, como nos parece ser o da apazibilidade (Remesar et al., 2005) e da atractividade (DETR-CABE, 2000), ou ainda são questões demasiado subjectivas, como é o caso da estética (Carmona et al., 2010).

Como é natural, este princípio refere-se a todos os utilizadores, incluindo aqueles que estão encarregues da sua manutenção. Todas as funcionalidades e utilizadores, que variam conforme o equipamento em questão, devem pois ser determinados e considerados.

Para o caso de se procurar cumprir este princípio num projecto de mobiliário urbano, para além de se cumprir todas as normas e legislação em vigor, deverá recorrer-se aos especialistas das áreas conforme for necessário. Simulações, prototipagem e outros recursos serão necessários para que se possam prever e experimentar efectivamente, tanto quanto for possível, todo o funcionamento em questão. Este contacto deverá ser feito não só pelos projectistas, mas também pelos futuros utilizadores, e se possível no local onde posteriormente se implantará o equipamento definitivo. Este procedimento poderá inclusivamente auxiliar o cumprimento de outros princípios aqui referidos. Assim será permitido um conjunto de dados mais válido para o desenvolvimento do produto que se pretenda com um funcionamento efectivamente adequado ao local.

Para o caso da avaliação do correcto funcionamento do equipamento em uso, o contacto directo e a experimentação serão um primeiro passo, mas uma vez mais deverá ser também observado o uso

por parte dos utilizadores habituais, onde se determinam os usos que são efectuados conforme previsto, os imprevistos e, dentro destes, os que causam desgastes também não esperados. Por esta razão, a observação do estado do equipamento (considerando também a idade que tem) poderá indicar a adequação do funcionamento do equipamento às solicitações de uso.

5.3.4. Acessibilidade e integração de utilizadores

Este princípio está relacionado com o da “acessibilidade e mobilidade” elencado por Remesar et al. (2005), e um pouco mais remotamente com o da “facilidade de movimento, um lugar onde facilmente se chega e se atravessa” do grupo de princípios “By Design” (DETR-CABE, 2000).

Remesar et al. (2005) referem este princípio à facilidade de movimentação dentro do local, e/ou de atravessamento do local e/ou ligação a outros locais, para o qual descrevem a necessidade da observação da definição de alinhamentos dos elementos colocados no espaço de circulação, a criação de padrões estandarizados de colocação do mobiliário e a abolição de obstruções. Incluem-se aqui a integração dos diversos usos do espaço, seus fluxos e seus equipamentos, nomeadamente a dos transportes colectivos, ciclovias, estacionamento, etc.

Para além disso, estes autores sublinham ainda a importância pela consideração do universo integral de todos os utentes, sem exclusão no uso do espaço de qualquer grupo social e contemplando soluções de apoio a utentes com necessidades especiais. Este princípio, conforme referem os autores, refere-se também à inclusividade cultural e social. Por esta lógica, cremos que poderão também aqui ser considerados princípios da vertente social da sustentabilidade, nomeadamente a necessidade que se implantem projectos que promovam a equidade social.

Na realidade, trata-se de um princípio relativo à natureza do espaço público, enquanto espaço de livre acesso e para todos. Refere-se à acessibilidade e inclusão do ponto de vista físico, social e cultural. Existe já legislação que torna obrigatória a observação de vários destes princípios, como é o caso em Portugal do Decreto-Lei 163/2006, o qual se dedica em boa parte às normas de acessibilidade do espaço público. Para além disso, várias são outras propostas existentes neste sentido, como seja aquelas relativas ao “Design Universal” ou ao “Design for All”¹⁴⁴.

¹⁴⁴ Diversa documentação útil relativa a estes princípios no contexto específico da cidade, como por exemplo a de Aragall (2003), entre outros, no site da Design For All Foundation (<http://www.designforall.org/en/dfa/publicacions.php>).

Assim, no desenvolvimento de um projecto de mobiliário urbano, em primeiro lugar deve ser observado o cumprimento das normas e legislação em vigor. Para além disso, deverá procurar optar-se sempre por uma universalidade, tanto quanto possível, incluindo nos códigos dos meios de comunicação e mensagens, não só para transmitir informação, mas também para a comunicação do modelo mental de funcionamento e uso do mobiliário urbano.

A avaliação do cumprimento deste princípio por mobiliário urbano passará também pela confrontação com as referidas normas e legislação. Para além disso, a observação daqueles que usam – e até daqueles que não usam – o equipamento ou artefacto em questão, assim como o modo como o fazem, será um meio de se obter também informação válida. Sobretudo porque assim poderá ser determinada a diversidade de utilizadores, verificando-se o cumprimento do princípio.

5.3.5.Legibilidade

Conforme apresentamos no princípio da contextualidade, permeabilidade e delimitação, Remesar et al. (2005) consideram o princípio da “Continuidade, Permeabilidade e Legibilidade”. Para além do que consideram importante cumprir relativamente à continuidade e permeabilidade (e que abordamos no nosso princípio a isso relativo), em relação à legibilidade estes autores consideram que o projecto deverá possibilitar “o reconhecimento de marcos que podem orientar o utente (vistas, pontos focais, referências paisagísticas, comunicativas, artísticas, arquitectónicas) no período diurno e nocturno”.

Compreendemos porque razão Remesar et al. (2005) optaram por definir um princípio composto por estas três vertentes, há uma estreita relação entre eles, de um modo geral a legibilidade depende em grande parte da boa relação entre a figura observada e o fundo onde se insere; no âmbito específico a que nos referimos aqui, um lugar deve contribuir para a legibilidade de toda a cidade a que pertence.

No entanto, dada a importância e a especificidade das duas vertentes referidas, pelo menos em relação ao mobiliário urbano, optamos por definir um princípio para cada uma, como aliás consta também no conjunto “By Design” (DETR-CABE, 2000) o princípio “Legibilidade, um lugar que tem uma imagem clara e é fácil de compreender”. Para além disso, este princípio estará também muito próximo do da acessibilidade e integração de utilizadores que também apresentamos, já que

a acessibilidade actualmente, como vimos nesse princípio, enquadra também os aspectos perceptivos e de comunicação essenciais também a este princípio.

Este princípio justifica-se a partir do que já referimos a propósito de Lynch (1990) quanto à importância da legibilidade da cidade para o seu cidadão e à possibilidade deste poder construir a “imagem mental” do território onde se encontra, tanto pela vertente funcional, de orientação e referência espacial, como de referência social, ou ainda, simplesmente, de prazer, conforto e segurança. Adicionalmente, no âmbito da relação do utilizador com um artefacto, equipamento ou sistema, Donald Norman (2002) salienta a necessidade da visibilidade (ou na perceptibilidade, se quisermos considerar todos os sentidos) por parte do utilizador, para que consiga compreender e imaginar o “modelo conceptual” do artefacto. A visibilidade deverá permitir o ciclo da utilização, em que o utilizador percebe o estado do sistema, planeia, age segundo o objectivo que estabeleceu e analisa o resultado, comparando-o com o objectivo que pretendia.

Os modelos conceptuais são assim construídos a partir das partes visíveis do sistema e que são reconhecíveis pelo utilizador, o que sucede pela sua experiência e cultura prévia. Esses sinais são percebidos a partir do conhecimento anterior, e podem indicar o que se pode fazer ou a resposta do sistema. Deste modo, é imprescindível saber, por um lado, o que constitui o conhecimento prévio do utilizador, a sua cultura, a sua educação, as suas experiências anteriores, etc., e o que ele pode pretender ao abordar o sistema ou o artefacto, o que ele pretende que seja e que uso pretende fazer.

A partir da análise que efectuam à renovação de mobiliário urbano que ocorreu em Barcelona, sobretudo pela ocasião dos Jogos Olímpicos que aí ocorreram em 1992, Pol e Valera (1999) referem que o seu “design moderno, pós-moderno e vanguardista”, com formas menos familiares, tornaram “difíceis de identificar a sua utilidade”, pelo que esses equipamentos nem sempre foram bem aceites e/ou entendidos pelos cidadãos. Reconhecendo a importância da inovação e até a “perversão das ‘boas formas’”, os autores alertam que “pode haver um aparente gosto pela inovação, mas normalmente há a preferência pelo conhecido”, o que será uma “resposta ‘natural’ da economia de esforços adaptativos que é própria do ser humano” (Pol e Valera, 1999).

As “boas formas” referidas atrás por Pol e Valera serão aquelas que indicam ao utilizador claramente qual é a função ou o uso possível do artefacto em questão. Ou seja, considerando o que refere Norman (2002), será a percepção do artefacto, sobretudo da sua configuração e formas que permitem a construção do correcto “modelo conceptual”. Essa indicação pelas formas, ao transmitir uma mensagem, pressupõe um código que o utilizador conhecerá previamente.

No caso do mobiliário urbano e segundo esta lógica, o utilizador esperará o que encontra habitualmente, ou seja, um tipo pré-definido de mobiliário urbano que se insira na tipologia normalizada, conforme também referem explicitamente Pol e Valera na sua análise. Assim, à partida, na ocasião da produção de equipamentos e artefactos, segundo este raciocínio, a primeira opção será a de corresponder sempre a um tipo pré-definido de mobiliário urbano.

Contudo, também segundo Donald Norman, existem “sete princípios para transformar tarefas difíceis em simples” (Norman, 2002) que baseiam um design para os produtos em geral que considere centralmente o utilizador (User Centered Design):

1. Usar tanto o conhecimento do mundo como da cabeça
2. Simplificar a estrutura das tarefas
3. Tornar as coisas visíveis: ligar os golfos de Execução e Avaliação
4. Dispor correctamente as localizações (mappings)
5. Explorar o poder dos constrangimentos, tanto dos naturais como dos artificiais
6. Conceber para o erro
7. Quando tudo falha, estandardizar

De facto, a estandardização, ou normalização, conforme defende este autor, será a derradeira solução. Norman refere para este caso o exemplo da leitura das horas nos relógios analógicos ou o dos teclados alfanuméricos, de máquina de escrever ou de computador. Aqui prevaleceu a estandardização, independentemente da possibilidade de outras soluções posteriores, mesmo que mais ergonómicas.

Convém no entanto notar que estes são casos em que a normalização se estabeleceu antes de uma outra solução, mesmo que mais adequada. Em todo o caso, a normalização poderá vir a ser substituída por uma alternativa mais adequada, mas aí já terá que haver vantagens significativas, como por exemplo, a redução drástica do período de aprendizagem.

Assim, no caso do mobiliário urbano, ao haver a oportunidade ou a necessidade de propor novos tipos e novos usos, isto significará que:

- Terão que existir sempre formas indicativas claras dos usos possíveis, que sejam facilmente perceptíveis para o universo de utilizadores, sobretudo se elas não corresponderem aos usos pré-estabelecidos;

- Os usos previstos do mobiliário urbano deverão corresponder às expectativas e necessidades do utilizador, e no momento da sua solicitação;
- Deverão existir formas de produção de mobiliário urbano na qual os cidadãos utilizadores não tenham que aprender ou ser instruídos sobre como usar; ou já faz parte da sua cultura e educação, ou tiveram um papel interveniente na sua concepção e desenvolvimento e já sabem como o usar;
- Cabe ao cidadão aprender uma nova forma de relacionamento com o mobiliário urbano – e sobretudo estar disponível para isso – compreendendo que lhe cabe a ele definir os possíveis usos, podendo ir para além dos estabelecidos e tipificados previamente.

De assinalar ainda que podemos recorrer à legibilidade também para o efeito inverso, ou seja o de tornar imperceptível o funcionamento ou a montagem do mobiliário urbano, ocultando partes, acessos ou elementos seus. Poderá assim ser evitado o roubo ou o manuseamento indevido de partes técnicas ou perigosas.

No desenvolvimento de mobiliário urbano, tal como sucede para o princípio da funcionalidade, a experimentação através do contacto efectivo e/ou através da simulação serão um meio de determinar a legibilidade de um artefacto ou equipamento, sobretudo se isso for possível com os utilizadores e situações reais. A constatação do correcto relacionamento e compreensão do equipamento em questão por outras pessoas para além dos projectistas será um dos melhores modos de determinar o cumprimento deste princípio.

Para a avaliação de equipamento implantado e em uso, o contacto directo poderá ser um importante contributo, sobretudo se não tiver havido contacto ou conhecimento prévio. No entanto, será necessária também a observação do uso por outros utilizadores, para os quais deve ser tida em conta a devida diversidade.

5.3.6. Versatilidade e adaptabilidade

Remesar et al. (2005) elencam o princípio da “Diversidade e Adaptabilidade”, o qual aqui também dividimos dada a importância de ambos e a relativa distinção entre eles. Estes autores definem como necessário, para a vertente que aqui nos interessa, que o projecto do espaço público e do mobiliário urbano tenha “flexibilidade para adaptação a usos diversos e a possíveis mudanças futuras (sociais, tecnológicas e económicas)”, referindo especificamente para aqui a adaptabilidade

do produto ou sistema (em diversas ocasiões e vertentes), a possibilidade de acrescentar ou subtrair elementos ao sistema.

Nos princípios “By Design” (DETR-CABE, 2000) é referido, o princípio da “adaptabilidade, um lugar que pode mudar facilmente”. Carmona et al. (2010) referem, por equivalência, o princípio da “Resiliência”, onde incluem a adaptabilidade, elasticidade e flexibilidade.

A versatilidade e a adaptabilidade são, como já vimos, requisitos importantes para o espaço público, e logo, para o mobiliário urbano. Assim, especificamos este princípio tal como estes últimos dois conjuntos de autores, abordando aqui a capacidade que o mobiliário deve ter de se adaptar aos inevitáveis contextos, usos ou utilizadores imprevistos e não contemplados nas fases iniciais de concepção e projecto.

Como se compreende, o modo como é pensado e como é construído são cruciais para este princípio, já que é nessas ocasiões que se define a “abertura” do produto em questão para as eventuais mudanças ou adaptações dadas novas necessidades e requisitos que surjam. Esta adaptabilidade refere-se às diversas vertentes onde se insere o mobiliário urbano: deve poder adaptar-se a inovações técnicas e tecnológicas, às mudanças sociais, de uso do espaço onde se insere, etc.

Para cumprir este princípio nestas fases poderá recorrer-se a diversas das directivas especificadas nos princípios que se propõem para a sustentabilidade (por exemplo, Vezzolli e Manzini, 2008:266) relativos à facilitação de actualizações e adaptabilidade na optimização da vida dos produtos, como seja o recurso a processos construtivos que permitam as necessárias adaptações, como por exemplo a modularidade ou o recurso a partes estandarizadas e comuns, que não sejam específicas ou que sejam facilmente fabricáveis. As tecnologias de fabrico e os materiais empregues mais vulgares serão também aqueles que mais facilmente permitirão uma futura adaptação.

Para verificar o cumprimento destes princípios em mobiliário urbano em uso, o processo obviamente mais fiável será a observação de mobiliário urbano que se mantém em funcionamento no espaço público apesar da sua idade e após adaptações, renovações ou reimplantações. Em mobiliário urbano mais recente, poderá observar-se o seu modo de construção e procurar determinar a possibilidade de vir a ser alvo dessas alterações.

5.3.7.Diversidade de usos e multifuncionalidade

Os parâmetros que referimos neste princípio estão igualmente incluídos no de “Diversidade e Adaptabilidade” de Remesar et al. (2005), onde se refere a promoção da “diversidade formal e alternativas de vivência (apropriação, ou uso em diferentes períodos e / ou por diferentes públicos)”, para o qual especificam os critérios a cumprir de multifuncionalidade, versatilidade e flexibilidade.

Carmona et al. (2010) referem o princípio da “Diversidade e escolha (incluindo permeabilidade, integração e usos mistos)”, e a equipa dos princípios “By Design” (DETR-CABE, 2000) a “Diversidade, um lugar com variedade e escolha”. Tal como estes dois grupos de autores, destacamos este princípio do da adaptabilidade, para que se sublinhe a importância do mobiliário urbano, por um lado, ter capacidade de se adaptar, independentemente das funções que desempenha num momento (o que é relativo ao princípio que enunciamos da versatilidade e adaptabilidade), e por outro, do número de usos que pode ter em simultâneo.

A diversidade e a multifuncionalidade são também requisitos a ter em conta para a redução do desgaste dos recursos naturais, especialmente em relação aos produtos (Vezzoli e Manzini, 2008:267; van Hemel, 1998:30). Em relação ao mobiliário urbano, referem-se à diversidade de usos e de funções que um mesmo artefacto ou equipamento poderá ter, permitindo assim a poupança e a optimização de recursos.

A observação deste princípio poderá também ser um contributo importante na poupança de ocupação de espaço público, o que pode ser vantajoso ou mesmo necessário quer do ponto de vista funcional, ao melhorar os acessos e circulação, quer do ponto de vista visual e paisagístico.

A diversidade de usos e a multifuncionalidade do espaço público poderá ainda ser uma solução para a tendência para a sua excessiva subdivisão e especialização que, como já referimos, nos parece ser possível constatar, principalmente pelo crescente número de equipamentos e canais que nele se incluem.

Para além disso, vimos já a diversidade de usos inerentes ao mobiliário urbano, sejam eles de âmbito mais prático e funcional ou não, o que denota a importância deste requisito para estes equipamentos. De resto, a multifuncionalidade e a diversidade de usos do mobiliário urbano será

também um modo de reforçar a natureza de diversidade do espaço público que também já abordámos.

O projecto e o desenvolvimento de mobiliário urbano deverá pois procurar corresponder a este requisito na sua concepção, por exemplo, ao definir-se diversas funções e usos a integrar num único equipamento, ou ao desenvolver-se um outro que será integrado em estruturas, construções ou equipamentos já existentes.

A observação deste princípio em mobiliário implantado constata-se com facilidade nas funções práticas que nele estiverem evidentes. A determinação de outros usos não tão directamente legíveis deste modo poderá ser determinado, por exemplo, pela observação da interacção com o utilizador, assim como a partir da constatação de outros princípios aqui referidos.

5.3.8.Durabilidade adequada

Já para os produtos em geral, a adequação da durabilidade ao seu uso e ao desempenho é um princípio preconizado no sentido da redução do desgaste dos recursos naturais (Vezzoli e Manzini, 2008:266; Van Hemel, 1998:30).

Também em Remesar et al.(2005) encontramos o princípio da “Durabilidade e Resistência”, onde se refere a “adequação de materiais, infra-estruturas e equipamentos às solicitações do uso e desgaste (devido a intensidade de utilização e aos elementos do clima)”. Estes autores enquadram a “resistência dos materiais e acabamentos” em relação ao “uso intensivo” e às “condições climáticas”, tal como em relação ao vandalismo.

Estes autores referem ainda a necessidade da “adequação de materiais, infra-estruturas e equipamentos ao maior tempo útil de vida possível, diminuindo o esforço de manutenção”, ou mesmo da “facilidade na obtenção e reposição de componentes do equipamento”. De facto, a durabilidade de um equipamento está profundamente relacionada com a manutenção que recebe, sobretudo no contexto do espaço público (Wilson, Kelling, 1982).

A durabilidade do mobiliário urbano está de facto relacionada com vários outros factores e princípios que aqui referimos, entre as quais ainda a sua capacidade de se adaptar a novos requisitos, conforme Remesar et al. (2005) reconhecem ao referirem para este princípio o

parâmetro da “adaptabilidade do produto ou sistema”. Similarmente, Carmona et al. (2010) descrevem “adaptabilidade, elasticidade, flexibilidade” para o princípio que especificam de “Resiliência”. Recordando a análise que fizemos sobre o fim de vida do mobiliário urbano (cf. 4.3.5.), uma peça de mobiliário urbano pode tornar-se obsoleta por várias razões. A durabilidade dependerá, com efeito, ou da sua capacidade de se adaptar a novas exigências, ou da sua capacidade de se replantar e de reutilizar.

Como é natural, reconhecemos e subscrevemos as várias dependências. Contudo, no intuito de tornar mais facilmente compreensível cada princípio e o conjunto que propomos, referimo-nos aqui especificamente à durabilidade, considerando centralmente a adequação das tecnologias e materiais de produção em função do seu funcionamento e dos usos solicitados, assim como do contexto de implantação. Neste sentido, partimos do princípio que, de um modo geral, o contexto que é o espaço público é muito exigente para a durabilidade do mobiliário urbano, nele existem normalmente factores muito erosivos que devem sempre ser, tanto quanto possível, devidamente determinados, qualificados e quantificados.

Recordando novamente os motivos de fim de vida do mobiliário urbano, no desenvolvimento de uma peça de mobiliário urbano há que considerar, por defeito, as exigências decorrentes do desempenho e funcionamento normais, assim como do uso para eles previsto. Adicionalmente, há também que procurar evitar o desgaste excessivo ou a destruição decorrente de um uso imprevisto, descuidado, abusivo ou indevido (o vandalismo, o roubo), o que, mais uma vez, depende em grande parte da relação que existe ou não entre o equipamento e o universo de utilizadores. Há também que considerar a exposição à intempérie, conforme também já referem os autores mencionados.

Por sua vez, reafirmamos que a durabilidade está intimamente relacionada com a conservação e a manutenção, sobretudo em relação ao mobiliário urbano. Ou seja, para além de procurar assegurar a menor manutenção e conservação possíveis, deveremos procurar conhecer da melhor maneira a disponibilidade dos serviços, mão-de-obra, recursos, etc., da Câmara Municipal ou da entidade encarregue, para que se consiga determinar qual a manutenção que de facto irá haver. Desse modo, será talvez possível adequar da melhor maneira o seu projecto às capacidades reais existentes de manutenção e reparação.

Finalmente, refira-se ainda que a durabilidade deve também ser definida em função do tempo de uso que se prevê para o mobiliário urbano, prevenindo-se assim, por exemplo, o recurso a materiais de longa duração para ocasiões efémeras.

5.3.9. Poupança de recursos naturais em todo o ciclo de vida

Nos seus princípios para o design urbano sustentável, Carmona et al. (2010) referem, para além da “Concentração (incluindo compacidade, densidade, policentricidade)”, a “Eficiência de Recursos (incluindo de meios e de recursos, económicos, naturais, de ocupação e uso do solo, de transporte e mobilidade)” e a “Redução da poluição (relativo às diversas emissões)”, os quais consideramos enquadráveis também neste princípio que aqui apresentamos agora.

Remesar et al. (2005), por sua vez, referem especificamente o princípio da “Sustentabilidade Ambiental”, aludindo à necessidade do pouco impacto ambiental do equipamento ou sistema durante o ciclo de vida útil. Estes autores referem também aqui a necessidade da análise da estratégia ambiental da empresa fornecedora.

Já vimos que um dos principais desafios que actualmente atravessamos é o excessivo desgaste dos recursos naturais. Torna-se assim imperativo que qualquer produção observe a necessária redução desse desgaste, incluindo para o mobiliário urbano, apesar de se tratar de um produto à partida mais sustentável, já que o seu uso é partilhado, ao contrário do que sucede com a maior parte dos restantes, cujo uso é individual. Assim, em todo o seu ciclo de vida de igual modo devem ser observados os princípios relativos à poupança dos recursos naturais.

Pela sua singularidade, a sustentabilidade do mobiliário urbano refere-se tanto aos princípios relativos aos produtos em geral, como àqueles que são relativos à cidade e ao seu metabolismo.

Os contributos para o metabolismo da cidade

Assim, por um lado, o mobiliário urbano deverá estar integrado nas estratégias que visam a melhoria do equilíbrio entre a entrada e a saída dos materiais e energia de uma dada região, assim como uma redução do seu fluxo. Neste aspecto, já vimos os importantes contributos que o planeamento da cidade e o espaço público – do qual o mobiliário urbano é sua parte integrante imprescindível – podem dar neste sentido.

Para além disso, e continuando nesta vertente, estes equipamentos da cidade poderão dar um importante contributo se for melhorada a sua eficiência no uso dos recursos naturais necessários para o seu funcionamento e do espaço público (ou a sua manutenção), dado o volume que isso normalmente representa nos consumos de uma cidade. Observando a Matriz da água de Lisboa (Branco et al., 2006), por exemplo, cerca de 10% do consumo total de água potável do concelho de Lisboa é consumida no seu espaço público¹⁴⁵; em Portugal, 3% do total do consumo de electricidade é para a iluminação pública¹⁴⁶.

Finalmente, como já referimos, o mobiliário urbano pode dar o seu importante contributo para o metabolismo geral da cidade ao permitir também uma poupança de recursos na sua produção. O seu uso partilhado que substitua o recurso a artefactos de uso individual permitirá um melhor aproveitamento dos materiais e energia empregues no seu fabrico.

A poupança de recursos enquanto produto

Como vimos, as soluções efectivas para os diversos problemas e desafios com que actualmente a sociedade se depara, pelo menos a que habita as cidades, passam por mudança de hábitos e padrões de vida que significam profundas alterações dessa mesma sociedade. Na procura de outras soluções, eventualmente menos radicais e mais concretizáveis, têm surgido várias propostas que procuram efectuar melhorias dentro do actual sistema de produção e consumo, o qual mantém na sua forma e dinâmica geral.

Deste modo, vária documentação existe actualmente, quer científica, quer normativa e legislativa, para a produção mais sustentável de produtos de consumo. Ao mobiliário urbano aplicar-se-ão, tal como aos produtos em geral, as mesmas diversas propostas, normas e eventual legislação que visem reduzir o desgaste dos recursos naturais em todas as fases do seu ciclo de vida, mesmo que o seu uso partilhado o coloque em vantagem em relação aos produtos de uso individual.

¹⁴⁵ Dos 12% que a Câmara Municipal consome do total de água potável do concelho de Lisboa, pelo menos 83% é consumida no espaço público (55% em jardins, 22% em lavagem de rua, 6% em chafarizes e bebedouros, havendo ainda “outros”, não contabilizados agora) (Lisboa E-Nova, 2006:31-35).

¹⁴⁶ “A iluminação pública representa, a nível global, cerca de 8% do consumo total de energia com iluminação. Contudo, este valor reduzido esconde um uso de energia intensivo: 79% dos custos com este serviço são energia, com os restantes 21% a representarem o custos do equipamento, instalação e manutenção. (...) Em Portugal, a iluminação pública é responsável por 3% do consumo eléctrico total, sendo que os respectivos custos energéticos constituem, em alguns casos, mais de 50% nas despesas dos Municípios com energia.” (Lighting Living Lab, 2011).

A legislação em Portugal relativa ao ambiente é já relativamente extensa e mantém-se em permanente evolução. A Agência Portuguesa do Ambiente¹⁴⁷ pode ser um recurso útil para uma informação actualizada nesse sentido.

Há também já várias normas internacionais relativas a procedimentos mais favoráveis ao ambiente, as quais, para além da certificação, disponibilizam processos, metodologias e actuações para as conformidades necessárias.

A série ISO 14000 é um dos mais conhecidos conjunto de normas editadas pela ISO¹⁴⁸, estando hoje profusamente integradas na economia mundial. Estas normas (as quais se complementam com a série ISO 9000) providenciam um modelo a seguir para preparar e operar um sistema de gestão (ISO, 2009). A par disso, estas normas têm também uma função de “certificação”, a qual é obtida pela verificação dos procedimentos propostos pelas normas. Não sendo estas certificações, por si, vinculatórias para toda a actividade de qualquer organização, em certas circunstâncias elas acabam por na prática ser obrigatórias.

Esta série elenca vários aspectos da “gestão ambiental”, permitindo às organizações considerar o desempenho ambiental quando concebem os seus produtos (conceito que considera também os seus serviços), nomeadamente pela minimização dos efeitos nocivos causados pela sua actividade no ambiente e pela melhoria contínua do seu “desempenho ambiental”¹⁴⁹.

¹⁴⁷ A Agência Portuguesa do Ambiente é um instituto público português que tem como missão “gestão integrada das políticas ambientais, de forma articulada com outras políticas sectoriais e tendo em vista um elevado nível de proteção e de valorização do ambiente”. www.apambiente.pt, consultada em 20-10-2011.

¹⁴⁸ A ISO, que em português tem a tradução para Organização Internacional para a Normalização, é uma organização que estipula e promulga normas e padrões comerciais e industriais, sendo composta por uma rede cujos 162 membros e correspondentes são as organizações e instituições de cada país. Apesar de se considerar como uma ONG, a sua habilitação para conceber normas que frequentemente se tornam lei, seja por tratados ou por normas nacionais, torna-a muito mais poderosa do que a maior parte das organizações deste tipo. Na prática, a ISO age como um consórcio com fortes ligações com os diversos governos (Wikipedia, 2009).

¹⁴⁹ As normas ISO 14001:2004 e a 14004:2004 relacionam-se com os sistemas de gestão ambiental (environmental management systems, EMS). A ISO 14001:2004 providencia os requisitos para essa gestão e a ISO 14004:2004 as suas linhas gerais de orientação. As restantes normas relacionam-se com aspectos ambientais específicos, incluindo etiquetagem, avaliação de desempenho, análise de ciclo de vida, comunicação e auditoria (ISO, 2009). Deste conjunto em vigor, destacamos a ISO 14040, que “descreve os princípios e o enquadramento inerentes à avaliação do ciclo de vida (LCA), e a ISO 14044, que especifica os requisitos e os procedimentos necessários para os estudos de avaliação desse ciclo” (a anterior série 14040 foi agora simplificada para estes dois documentos). A ISO 14062 é um “relatório técnico” que “descreve conceitos e práticas correntes relativas à integração de aspectos ambientais no design e desenvolvimento de produtos (ecodesign), entendendo-se

Para além deste conjunto em vigor há a considerar neste âmbito, e dentro desta série, o projecto em curso para a elaboração da norma ISO 14006, a qual providenciará orientações para as organizações estabelecerem uma abordagem sistemática e estruturada para a incorporação e implementação das actividades de ecodesign dentro de um sistema de gestão ambiental, como é o caso da ISO 14001. Mais concretamente, esta norma constituirá o triângulo formado pelos aspectos dos sistemas de gestão, do ambiente e do design, já que as normas existentes (ISO 14001, ISO 14062 e ISO 9001) o farão apenas de um modo parcial. Deste modo, demonstra a interligação e relação dos princípios, integrando os procedimentos de cada norma num comum (ISO, 2009).

Sofia Águas (2009), na abordagem aprofundada ao “Eco-design” que efectua, recorre centralmente a esta série de normas, quer para os processos de design em função das questões ambientais que considera, quer para a análise do ciclo de vida. Esta autora refere também os inúmeros meios e ferramentas actualmente existentes para essa análise do ciclo de vida, entre os quais diverso software que permite uma maior facilidade na determinação do impacto ambiental de um dado produto.

De facto, pode revelar-se difícil determinar concretamente o impacto ambiental de um dado produto, já que isso depende directamente, à partida, da sua complexidade de construção, processos de fabrico e de materiais a que recorre. Para além disso, junta-se por vezes a dificuldade da obtenção de toda a informação necessária, a qual é ainda maior quanto maior for o número de fabricantes, fornecedores e subcontratados, ao que ainda se adiciona o facto de estes estarem cada vez mais deslocalizados. A implementação das referidas normas vem funcionando precisamente nesse sentido, procurando-se que a certificação inerente permita de algum modo colmatar essa necessidade de informação.

Assim, na impossibilidade do testemunho que permitiria aferir melhor que processos se usam e que impactos causam, para o qual o recurso à extracção e produção local seria um óptimo contributo, poderá recorrer-se aos diversos meios de análise do ciclo de vida, assim como fazer fé dos certificados que os fabricantes exibirem.

Por sua vez, se quisermos seguir princípios para a redução dos recursos naturais, várias são as propostas existentes, semelhantes à de Vezzoli e Manzini (2008), que apresentamos resumidamente na Tabela 12:

Minimizar o consumo de materiais <ul style="list-style-type: none"> • Minimizar o uso de materiais • Minimizar sucata e descartes • Minimizar ou evitar embalagem • Recorrer a sistemas de consumo eficiente • Recorrer a sistemas de consumo flexível de materiais
Minimizar o consumo de energia <ul style="list-style-type: none"> • Minimizar o consumo de energia durante a pré-produção e a produção • Minimizar consumo de energia no transporte e armazenamento • Seleccionar sistemas com fase de operação com eficiência de energia • Recurso ao consumo dinâmico de energia • Minimizar o consumo de energia durante a fase de desenvolvimento do produto
Minimizar emissões tóxicas <ul style="list-style-type: none"> • Seleccionar materiais inofensivos e não tóxicos • Seleccionar fontes de energia inofensivos e não tóxicos
Recursos renováveis e bio-compatíveis <ul style="list-style-type: none"> • Seleccionar materiais e fontes de energia renováveis e bio-compatíveis
Otimização do tempo de vida do produto <ul style="list-style-type: none"> • Tempo de vida apropriado • Fiabilidade • Facilitar actualização e adaptabilidade • Facilitar a manutenção • Simplificar o acesso e a desmontagem de componentes para manutenção • Facilitar a reparação • Facilitar a reutilização • Facilitar o re-fabrico
Melhorar o tempo de vida dos materiais <ul style="list-style-type: none"> • Adoptar a abordagem “em cascata” • Seleccionar os materiais com as tecnologias de reciclagem mais eficientes • Facilitar a recolha e transporte em fim de vida • Identificação dos materiais • Reduzir o número de materiais incompatíveis • Facilitar a limpeza • Facilitar a compostagem • Facilitar a combustão
Projectar para a desmontagem <ul style="list-style-type: none"> • Reduzir e facilitar operações para desmontagem e separação • Recurso a ligações permanentes facilmente colapsáveis • Projectar para a separação por destruição

Tabela 12: Resumo dos critérios e orientações para o design (adapt. Vezzoli e Manzini (2008:268-271))

5.3.10. Localidade dos processos

Já vimos que muitos dos vários desafios que se colocam actualmente decorrem da globalização, sobretudo para as cidades e aqueles que nelas vivem. Os seus impactos incidem de diversos modos e em diversas vertentes. Como também já referimos, uma das possibilidades para contrapor essa

tendência será através do reforço do local. Ou seja, um dos principais requisitos a que deverá corresponder o mobiliário urbano será o de contribuir para a localização.

Como referido, o reforço do local poderá ocorrer através dos contributos do mobiliário urbano para a constituição da sua caracterização e identidade. Outro contributo para esse reforço poderá ser através da maior autonomia de processos.

Para este princípio partimos do que Remesar et al. (2005) referem na vertente social do princípio da sustentabilidade, onde incluem a correspondência “às aspirações e necessidades do público em geral, e que dentro do possível envolva a comunidade local e contribua para a equidade social”. Estes autores referem, com efeito, especificamente a necessidade da “participação da comunidade do projecto”.

Carmona et al. (2010), por sua vez, consideram aqui uma maior abrangência para o cumprimento do requisito que aqui apresentamos. Com efeito, propõem o princípio da “Auto-suficiência”, onde incluem, de igual modo, a “autonomia local, democracia e participação”, mas referem igualmente a necessidade desta auto-suficiência ser também do ponto de vista ecológico, defendendo especificamente a promoção de “meios autónomos para mobilidade, tais como andar a pé e bicicleta”. Evidencia-se assim a confluência destes autores com o que já vimos que propõem também o “Working Group on Urban Design for Sustainability” (Lloyd-Jones, ed, 2004) para que as regiões urbanas sejam mais sustentáveis, nas quais deverá recorrer-se aos “ciclos curtos”.

Deste modo, para o mobiliário do ponto deverá procurar-se uma autonomia local do ponto de vista ambiental em todo o seu ciclo de vida, ou seja, usar os recursos naturais locais (matérias-primas, energia, etc.), assim como os processos de fabrico. Logicamente, a sua manutenção e a sua deposição deverão manter essa localidade.

No entanto, propõe-se uma maior autonomia ou auto-suficiência não apenas ecológica, mas que seja mais abrangente, em que os recursos locais sejam efectivamente utilizados, na medida do possível, para todas fases do ciclo de vida do produto e nas várias vertentes. Ou seja, recorre-se aos meios e recursos locais, nos quais se incluem as comunidades e moradores, desde as fases mais prematuras, de detecção de necessidades e tomada inicial de decisões, à deposição e fim de vida.

O envolvimento das comunidades ou a participação cidadã é uma questão profundamente debatida e defendida em diversos documentos e recomendações internacionais, pelo menos desde o “Relatório Brundtland” (WCED, 1987) e, consequentemente, a Agenda 21 (ONU, 1992), assim

como por diversos autores, tais como Borja (2000, 2001, 2010), Ricart (2009), Sanoff (2000), Valera e Pol, (1994), Pol e Valera (1999), Pol, (2002) e Vidal e Pol, (2005), por diversos motivos e razões. Para além de um direito da democracia, a participação cidadã pode contribuir também para a apropriação e, conseqüentemente, para a sustentabilidade, quer do ponto de vista social, quer ambiental.

Uma maior autonomia local será ela própria mais favorável ao interesse e participação dos cidadãos, dada a maior proximidade inerente e eventual maior perceptibilidade. A sua maior circunscrição permitirá, inclusivamente, uma melhor determinação e consciencialização dos impactos, as suas conseqüências ficarão mais evidentes; ou seja, a localidade dos processos poderá ser um eficaz meio para a já referida importante informação dos consumidores ou, neste caso, dos cidadãos. Poderá assim haver uma maior evidência da relação entre as decisões e procedimentos tomados e as suas conseqüências, assim como, simultaneamente, da necessidade da participação nas mesmas.

Parece-nos ainda que uma maior abrangência da localidade, conforme aqui reflectimos, será também uma forma de ser atribuída mais legitimidade, quer aos processos, quer aos seus resultados ou, no caso que nos interessa, ao mobiliário urbano, ou quer ainda, à própria autonomia.

5.3.11. Compatibilidade e integração dos serviços e sistemas relativos

Conforme temos vindo a apresentar, para a efectiva sustentabilidade deveremos, de um modo geral, considerar uma perspectiva abrangente que nos permita estabelecer e prever, tanto quanto for possível, os diversos impactos; esta abordagem é ainda mais necessária uma vez que a maioria desses impactos estão interligados, se influenciam e têm origens comuns. Para além disso, se pretendemos que um artefacto, um equipamento ou um sistema, seja mais sustentável, deveremos procurar determinar todos os impactos resultantes não só nas vertentes a que se refere, mas também em todo o seu ciclo de vida.

Esta abordagem será particularmente importante no caso do mobiliário urbano, dada, por um lado, a multiplicidade de vertentes a que se refere, por outro, o longo período de utilização que pode ter, e por outro ainda, porque essa sua eventual durabilidade depende em grande parte da sua compatibilidade com os diversos contextos e intervenientes.

Como se percebe, esta aferição torna-se especialmente necessária em relação às necessidades de manutenção destes equipamentos, as quais estão directamente dependentes das capacidades do interveniente encarregue desse desempenho.

Actualmente, as câmaras municipais podem ter diversos desempenhos e atribuições em relação ao mobiliário urbano, tais como os que já vimos que sucede com a de Lisboa, o que as torna um interveniente central para o mobiliário urbano, os seus processos e a sua sustentabilidade; as suas decisões, procedimentos e atitudes, não só podem ser diversas, como também têm um peso central.

Das várias atribuições deste interveniente para com o mobiliário urbano, parece-nos que uma das mais frequentes e mais centrais será a sua administração, em especial a manutenção, conservação e funcionamento, à excepção de alguns casos, como o do mobiliário urbano que pertence aos concessionários de publicidade. Como facilmente se compreende, para que este desempenho ocorra da melhor maneira, será necessária a melhor compatibilidade possível entre o que o equipamento em questão precisa e o que este interveniente é capaz.

Assim sendo, será indispensável aferir da melhor maneira possível, segundo as suas atribuições, as características do administrador do espaço público, capacidades e limitações, em cada desempenho, em cada fase do mobiliário e nas diversas eventuais vertentes. Por sua vez, é também necessário, no momento do seu projecto e/ou aquisição, determinar tanto quanto possível quais as necessidades de manutenção e funcionamento que estão inerentes ao equipamento em questão. Só a partir de todos estes dados é possível determinar a indispensável compatibilidade entre o equipamento em questão e o interveniente.

Ou seja, por exemplo, devem ser enquadrados todos os custos inerentes, não só os relativos à sua aquisição, mas também os inerentes ao funcionamento e à manutenção e conservação durante a fase de uso. Também deverá ser planeada a substituição do equipamento, quer das suas partes, quer do seu todo – sobretudo quando são conjuntos de peças iguais ou integradas num sistema – determinando-se as inerentes possibilidades de reposição, necessidades de stocks ou garantias de fornecimento.

Para que seja o mais abrangente possível, esta compatibilidade deverá ser observada também a em relação a eventuais requisitos específicos ou especiais, como por exemplo mão-de-obra, materiais, consumíveis, ferramentas, etc. Neste sentido, as peças de substituição, pelo menos aquelas que mais frequentemente precisarão de ser substituídas, deverão ser o mais vulgar possível. Pelo

contrário, as eventuais peças dificilmente substituíveis deverão ter uma longevidade tão grande quanto possível.

Finalmente, também neste sentido, devem ser ainda determinados os processos e custos relativos à sua deposição, reciclagem ou reutilização.

De um modo geral, uma peça de mobiliário urbano deverá estar efectivamente integrada com todos os serviços e sistemas que a ela lhe são relativos. Isso é mais evidente e já praticado em diversos casos, como o dos contentores de resíduos sólidos, incluindo as papeleiras¹⁵⁰, onde se obvia a necessidade da facilidade de manuseamento e compatibilidade com a maquinaria afim para despejo e limpeza, assim como para a sua reposição, ou o dos pilaretes, como também vimos. Contudo, de um modo geral, todo o mobiliário urbano está integrado, de uma maneira ou de outra, no funcionamento e administração do espaço público, pelo que a sua integração deverá ser tanta quanto for possível prever. É nesta linha de raciocínio que enquadramos aqui o princípio de “Stewardship”, ou seja, integração, administração e gestão de serviços e recursos de Carmona et al. (2010), assim como o de sustentabilidade na vertente económica de Remesar et al. (2005), para o qual referem a necessidade de um projecto para o espaço público ser “economicamente viável e que se mantém viável ao longo dos tempos, com contenção de custos e produzindo valor acrescentado”, determinando-se o “impacto económico do equipamento ou sistema durante o ciclo de vida útil” ou os “retornos do investimento”.

5.3.12. Processos de fabrico e de emprego de mão-de-obra eticamente correctos

Referimo-nos aqui aos princípios da designada “responsabilidade social”, em primeiro lugar, relativa ao recurso a processos de fabrico e de emprego de mão-de-obra eticamente correctos, conforme vem especificado nas normas SA8000 (SAI, 2008). Passam pelo comportamento ético da organização ao nível interno, dedicam-se concretamente às questões laborais, de contratação, relação empresa-empregado, procurando prevenir questões como o trabalho forçado ou infantil. Para além da orientação, esta norma certifica também as empresas que cumprem os princípios

¹⁵⁰ Conforme vimos, em relação ao projecto do eixo da Rua das Janelas Verdes, onde inicialmente se implantaram papeleiras especificamente desenhadas para aí, mas que posteriormente vieram a ser substituídas pelo modelo que se implantou uniformemente naquela parte da cidade.

enunciados, que respeitem os direitos humanos e de trabalho a partir do que definem a OIT¹⁵¹ e a ONU.

Dada a cada vez maior globalização dos processos de fabrico, a extracção de matérias-primas, as diferentes fases de produção e as vendas efectuem-se em locais cada vez mais diversos e distantes. Logo, determinar actualmente a origem concreta dos produtos e, sobretudo, que recursos foram utilizados, e consequentemente, os seus impactos, sejam eles quais forem, é uma tarefa cada vez mais difícil. Por isso, o princípio da localização que referimos permitirá, de algum modo, contrapor este problema contemporâneo do modo mais pragmático.

Perante a impossibilidade dessa localização, as normas acima referidas procuram não só definir práticas a cumprir por uma organização no sentido de se tornar mais sustentável, como também certificar as mesmas que demonstrem conseguir cumprir de facto esses procedimentos. Assim, o recurso a fornecedores com esses certificados seria, em princípio, um modo de assegurar a produção de mobiliário urbano sustentável.

Em 2009 o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – PNUMA¹⁵², publicou a “Guidelines for Social Life Cycle Assessment of Products, SLCA (UNEP, 2009), através do qual se pretende que os consumidores finais, ou utilizadores, possam ter acesso aos impactos sociais e socioeconómicos de um dado produto, à semelhança do que já poderá suceder actualmente para os impactos ambientais com a informação prestada através da Avaliação de um Ciclo de Vida de um produto.

O S-LCA é “uma técnica de avaliação de impacto (e potencial impacto) social cujo objectivo é avaliar os aspectos sociais e socioeconómicos de produtos e os seus potenciais impactos positivos e negativos ao longo do seu ciclo de vida, incluindo a extracção e o processamento de matérias-primas, fabrico, distribuição, uso, reutilização, manutenção, reciclagem e deposição final (UNEP, 2009:37). Concretamente, consideram-se aqui como impactos sociais as “consequências de pressões positivas ou negativas em ‘pontos finais sociais’ (social endpoints), como será o caso do bem-estar dos intervenientes (stakeholders). Serão também as consequências das relações sociais

¹⁵¹ “A Organização Internacional do Trabalho (OIT) desenvolve o seu trabalho no âmbito da redução da pobreza, de uma globalização justa e na melhoria das oportunidades para que mulheres e homens possam ter acesso a trabalho digno e produtivo em condições de liberdade, equidade, segurança e dignidade humana.”

(http://www.ilo.org/public/portuguese/region/eurpro/lisbon/html/genebra_trab_digno_pt.htm, consultado em 03-07-2012 18:20)

¹⁵² em inglês o United Nations Environmental Program – UNEP

(interacções) dentro do contexto de uma actividade (produção, consumo ou deposição) e/ou desencadeada por ela e/ou pelas acções preventivas ou de reforço tomadas pelos intervenientes (ex: reforço de medidas de segurança numa instalação)¹⁵³ (UNEP, 2009:43).

O objectivo final do S-LCA é promover a melhoria das condições sociais durante todo um ciclo de vida de um produto, pelo que o bem-estar humano é um conceito central a ter em conta (UNEP, 2009:22). Sendo então que se avalia os impactos sociais naqueles que são os intervenientes identificados do ciclo de vida de um dado produto, propõe-se aqui considerar cinco categorias destes intervenientes, aos quais se agregam subcategorias de indicadores (UNEP, 2009:49):

- Os trabalhadores ou empregados (da empresa produtora ou seus subcontratados), onde consta liberdade de associação, ausência de trabalho infantil, horas de trabalho, saúde e segurança, entre outras;
- A comunidade local (onde se encontram as instalações de produção), onde consta o acesso a recursos materiais e imateriais, herança cultural, deslocalização e migração, emprego local, compromissos comunitários, entre outros;
- A sociedade (nacional e global), onde encontramos a contribuição para o desenvolvimento económico e tecnológico, a corrupção, a prevenção e mitigação de conflitos armados, etc.;
- Os consumidores (considerando tanto os finais como os que fazem parte de cada fase da cadeia de fornecimento), e aí enumera-se a saúde e segurança, os mecanismos de “feedback”, a privacidade dos consumidores e a transparência e a responsabilidade do fim de vida;
- Os “actores da cadeia de valor” (“value chain actors”, onde se incluirão os gestores e decisores), onde encontramos como indicadores a concorrência justa, a promoção da responsabilidade social, as relações com os fornecedores e o respeito pelos direitos de propriedade intelectual

De referir que existem normas que propõem procedimentos e estratégias que, no intuito de uma abordagem mais abrangente, referem-se a mais do que um dos princípios aqui enunciados. É o caso da norma ISO 26000 e da norma portuguesa NP 4469-1 (IPQ, 2008), relativa à responsabilidade social nas organizações e que se baseia na anterior.

¹⁵³ “Social impacts are consequences of positive or negative pressures on social endpoints (i.e. well-being of stakeholders). Social impacts are understood by these Guidelines to be consequences of social relations (interactions) weaved in the context of an activity (production, consumption or disposal) and/or engendered by it and/or by preventive or reinforcing actions taken by stakeholders (ex. enforcing safety measures in a facility).”

A norma em projecto ISO 26000¹⁵⁴ surge no seguimento da decisão da ISO em lançar o desenvolvimento de uma norma internacional, que providencie linhas de orientação para a responsabilidade social. Tendo em conta a necessidade de organizações, tanto do sector público, como privado, demonstrarem um desempenho dentro de uma atitude socialmente responsável dada a solicitação que se tem generalizado na sociedade, este trabalho pretende encorajar o compromisso voluntário para a responsabilidade, levando a orientação comum para conceitos, definições e métodos de avaliação (ISO, 2009b).

Ainda que se refira a duas práticas fundamentais da responsabilidade, o reconhecimento da mesma e a identificação das diversas partes interessadas ou intervenientes (stakeholders), os assuntos centrais que estão determinados são os direitos humanos, as práticas laborais, o ambiente, as práticas de operação justas, as questões do consumidor, o envolvimento e desenvolvimento com a comunidade; estes assuntos, por sua vez, desdobram-se, noutras variadas questões.

Há a intenção nesta proposta de uma abordagem holística, tanto por partir do princípio que os assuntos relevantes para uma organização podem ir bem mais além do que as suas imediações, pelo que é importante que essas organizações não se limitem às suas circunstâncias sociais ou económicas, como pelo facto de procurarem uma noção mais completa da sustentabilidade ao referirem como instrumentos a Declaração do Rio sobre Ambiente e Desenvolvimento, a Declaração de Joanesburgo sobre Desenvolvimento Sustentável e os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, os quais enfatizarão a referida interdependência à escala mundial. Por esta razão, encontramos aqui as mesmas questões relativas a outras normas e propostas, quer tenham sido apresentadas por outras instituições (como é o caso da norma AA1000¹⁵⁵ e a norma SA8000 aqui consideradas), quer pela própria ISO, nomeadamente a série ISO 14000.

Esta norma, contudo, tem a intenção de adicionar valor e não substituir os acordos intergovernamentais relevantes para a responsabilidade social, tais como a Declaração dos Direitos Humanos da ONU, bem como aqueles adoptados pela Organização Internacional do Trabalho. Não contém requerimentos, apenas recomendações. Não é uma norma de sistema de gestão, não

¹⁵⁴ Na altura da nossa consulta esta norma encontrava-se ainda em projecto, sendo essa a versão que consultámos e a que nos referimos.

¹⁵⁵ “AccountAbility’s AA1000 series are principles-based standards to help organisations become more accountable, responsible and sustainable. They address issues affecting governance, business models and organizational strategy, as well as providing operational guidance on sustainability assurance and stakeholder engagement.” (AccountAbility, 2008)

pretende certificar nem regulamentar, nem é apropriada para uso contratual. Não serve para acções legais, queixas, defesas ou provas (ISO, 2009a).

A seguir apresentamos uma tabela onde resumimos os princípios de sustentabilidade para o mobiliário urbano que estivemos agora a descrever.

1.	Capacidade contribuição para a imageabilidade e para a identidade <ul style="list-style-type: none"> Características que possam contribuir para a caracterização do lugar Características que evoquem a memória ou a cultura do lugar Apropriação por parte dos utilizadores Contributo para a identidade do lugar para a população local
2.	Contextualidade <ul style="list-style-type: none"> Relação com a envolvente (incluindo outros equipamentos) Relação paisagística com o espaço onde se insere Continuidade e interligação com o bairro e com a cidade
3.	Funcionalidade prática <ul style="list-style-type: none"> Conforto, ergonomia Segurança, salubridade Desempenho adequado ao uso Funcionamento correcto Observação das normas técnicas afins
4.	Acessibilidade e integração de utilizadores <ul style="list-style-type: none"> Universo de utilizadores abrangente e diverso Implantação ou forma não causa obstruções e permite fluidez necessária Observação das normas de acessibilidade (DL 163/2006) Linguagem e comunicação simples, acessível e universal
5.	Legibilidade <ul style="list-style-type: none"> Fácil compreensão do artefacto ou equipamento e sua finalidade Capacidade de elaboração de modelo conceptual pelo utilizador Observação de outros princípios do design centrado no utilizador Ocultação de elementos, acessos e funcionamento para evitar roubo ou uso indevido
6.	Versatilidade e adaptabilidade <ul style="list-style-type: none"> Capacidade de adaptação a mudança de local implantação Capacidade de alteração da construção Capacidade de adição, subtracção ou substituição de elementos Capacidade de adaptação a outras mudanças futuras
7.	Diversidade de usos e multifuncionalidade <ul style="list-style-type: none"> Capacidade de uso por utilizadores diversos Inclui diversos usos e funções Capacidade de usos imprevistos
8.	Durabilidade adequada <ul style="list-style-type: none"> Materiais utilizados com duração adequada ao tempo de vida previsto para o produto Resistência ao uso normal Resistência aos usos abusivos e vandalismo Resistência à intempérie Manutenção reduzida
9.	Poupança de recursos naturais em todo o ciclo de vida <ul style="list-style-type: none"> Possibilidade de determinação pelo utilizador dos consumos Poupança das matérias-primas Poupança dos recursos energéticos Emissões poluentes reduzidas, para o ar, água ou solo
10.	Localidade dos processos <ul style="list-style-type: none"> Recurso às matérias-primas locais Recurso aos meios locais no fabrico Autonomia ecológica Recurso aos meios locais na concepção, projecto e decisão
11.	Compatibilidade e integração dos serviços e sistemas relativos <ul style="list-style-type: none"> Conformidade com as capacidades de manutenção do administrador Viabilidade económica na compra, no uso e na manutenção Integração do equipamento noutros sistemas municipais ou públicos
12.	Processos de fabrico e de emprego de mão-de-obra eticamente correctos <ul style="list-style-type: none"> Impacto social das organizações dentro dos parâmetros propostos pela norma AA1000 Contratação conforme princípios da ONU e OIT sistematizados pela norma SA8000

Tabela 13: Resumo dos princípios para o mobiliário urbano sustentável.

5.4. Avaliação de casos

Apresentamos agora a avaliação preliminar de alguns dos casos de mobiliário urbano implantado em Lisboa, que analisámos e já apresentámos. Estas avaliações têm como objectivo demonstrar a aplicabilidade e validade dos princípios, sobretudo na vertente do uso e do seu desempenho no contexto onde se insere. Não procuramos agora determinar definitivamente a sustentabilidade, nem do conjunto do mobiliário urbano implantado em Lisboa, nem dos casos específicos. Surge, contudo, aqui uma perspectiva que nos dá diversas indicações e a partir da qual nos é possível retirar algumas observações válidas para esta investigação.

Metodologia de avaliação

Uma vez que usamos também como base um conjunto de princípios, a avaliação seguirá metodologia idêntica à de Brandão (coord., 2002) e de Remesar (coord., 2005):

- Observação e análise dos processos e meios nas diversas fases de produção (segundo a perspectiva que aqui apresentamos, ou seja, desde a detecção de necessidades à recolha, incluindo o seu uso e manutenção), numa percepção global e dos resultados desses processos;
- Relativização dos princípios conforme as circunstâncias;
- Pontuação de 1 a 5 em cada princípio, podendo esse resultado ser obtido a partir da pontuação de cada uma das diversas constatações mais específicas que forem efectuadas.

5.4.1. Avaliação do Banco Tramet

Avaliação do banco modelo Tramet, com costas e sem costas, fabricado pela Escofet 1886 SA., implantado na Quinta das Conchas e dos Lilazes em 2005.

Trata-se de um banco em aço com tratamento zincado e pintado em estufa e madeira de pinho nórdico tratada em autoclave. Segundo o fabricante, o design neutro e versátil do banco permite a sua inserção tanto em contextos naturais como urbanos ou centros comerciais. Tem como principais atributos o conforto e a adaptabilidade, de modo a permitir usos não convencionais. A Escofet enfatiza ainda a sua longa duração e a dispensa de manutenção, assim como a possibilidade de diversas conjugações¹⁵⁶.

¹⁵⁶ http://www.escofet.com/pages/productos/ficha_productos.aspx?IdP=34&FA= consultado em 03-07-11

1. Capacidade de contribuição para a imageabilidade e para a identidade

Pontos fortes

- O Parque é um local bastante usado, por várias ocasiões e motivos. Observa-se que algum do seu equipamento apresenta algum desgaste, mas pode-se afirmar que o vandalismo ou usos abusivos ou descuidados são reduzidos. Ao ser um local usado e estimado, pode afirmar-se que há alguma apropriação por parte da população local e dos utilizadores em geral.
- A envolvente do parque é relaxante e pouco impositiva, até mesmo discreta. Apresenta também qualidade paisagística, equilíbrio e coesão, assim como características que a definem e a tornam reconhecíveis, para as quais o banco em análise dá o seu contributo.
- No contexto da cidade de Lisboa, o banco é exclusivo deste espaço. Pode-se afirmar que o banco contribui de modo importante para a identidade do parque, apesar da sua simplicidade e discrição.

Pontos fracos

- O banco não é modelo exclusivo do local, é fabricado pela Escofet, pelo que poderá ser encontrado noutros locais.

Avaliação: 4/5

2. Contextualidade (em várias escalas)

Pontos fortes

- O banco insere-se bem no contexto, está integrado na linguagem formal dominante do parque, familiariza-se com os restantes elementos e materiais.
- O parque em questão é um espaço singular na cidade de Lisboa, merecendo uma identidade também com alguma singularidade e que se destacasse da restante cidade. Assim, merecerá que o seu mobiliário seja também diferente do da restante cidade.

Pontos fracos

- Não foram detectados pontos fracos para este princípio.

Avaliação: 5/5

3. Funcionalidade prática (inclui conforto e segurança)

Pontos fortes

- O banco não apresenta formas ou um funcionamento que possa causar acidentes, pelo menos através da maioria das utilizações e pela maioria dos utilizadores.
- As implantações do banco não impedem a boa circulação do parque.
- A madeira é um excelente material para contacto com o utilizador sob vários pontos de vista.

Pontos fracos

- A forma do tampo, demasiado direita, causa algum cansaço numa utilização prolongada, a qual é própria dos usos do local em questão.
- A ausência de costas (em alguns dos bancos) reduz o conforto e aumenta o cansaço numa utilização prolongada.

Avaliação: 3/5

4. Acessibilidade e integração de utilizadores

Pontos fortes

- O banco não apresenta características formais ou funcionais que possam excluir utilizadores.
- Através da sua linguagem simples, que simultaneamente transmite segurança e robustez, o banco demonstra-se convidativo e acessível.

Pontos fracos

- A falta de costas poderá desencorajar o uso, pelo menos o prolongado, a pessoas com menor resistência física, como sucederá mais frequentemente nas faixas etárias mais elevadas.
- A monotonia do modo como foi implantado (sempre ao longo dos principais acessos) poderá estreitar o leque de utilizadores.

Avaliação: 4/5

5. Legibilidade

Pontos fortes

- O banco é facilmente legível e não induz leituras erradas.

Pontos fracos

- Não foram encontrados pontos fracos para este princípio

Avaliação: 5/5

6. Versatilidade e adaptabilidade

Pontos fortes

- Dada a sua simplicidade de desenho, o banco poderá ser reimplantado em diversos contextos.

Pontos fracos

- O banco em questão é pré-fabricado e vendido como tal, pelo que, segundo os direitos de propriedade intelectual, o modelo registado terá que ser integralmente mantido. Em princípio não é permitida a sua alteração ou adaptação.

Avaliação: 2/5

7. Diversidade de usos e multifuncionalidade

Pontos fortes

- O modelo sem costas permite que nos sentemos segundo diversas orientações.
- A sua forma simples permite outros usos (mesa, deitar, etc.).

Pontos fracos

- Os bancos encontram-se quase sempre implantados ao longo dos trajectos, pelo que não é possível a escolha, por exemplo, de locais menos expostos.
- Trata-se de um equipamento desenhado especificamente para uma função, claramente definida.

Avaliação: 3/5

8. Durabilidade adequada

Pontos fortes

- Com a idade de seis anos, o banco apresenta ainda bom estado de conservação. Segundo as especificações, os materiais e revestimentos utilizados serão adequados aos requisitos da envolvente.

Pontos fracos

- As questões relativas à manutenção poderão reduzir a durabilidade

Avaliação: 4/5

9. Poupança de recursos naturais em todo o ciclo de vida

Pontos fortes

- A fábrica exhibe no seu site o certificado relativo à ISO14001 por dispor de um Sistema de Gestão ambiental¹⁵⁷.
- Os materiais são orgânicos e bio-degradáveis (madeira) ou recicláveis (aço)
- A durabilidade e resistência dos elementos, construção e materiais obrigam a pouca manutenção.

Pontos fracos

- A substituição de um barrote de madeira pode ser difícil, pelo que os serviços de manutenção poderão optar por substituir todo o conjunto, descartando os que estão em bom estado.
- A quantidade de madeira utilizada poderia talvez ser menor, embora isso significasse uma linguagem formal diferente e eventualmente uma menor resistência física.

Avaliação: 4/5

¹⁵⁷ <http://www.escofet.com/pages/descargas/descargas.aspx?ID=5> consultado em 28-12-2011 13:18

10. Localidade dos processos

Pontos fortes

- Houve apresentação do projecto de requalificação do parque à população local.

Pontos fracos

- A produção não é local, a peça de mobiliário urbano é importada de Espanha.

Avaliação: 2/5

11. Integração dos serviços e sistemas relativos

Pontos fortes

- A durabilidade e resistência dos elementos, construção e materiais obrigam a pouca manutenção.
- A construção do banco evita a acumulação de sujidade.

Pontos fracos

- O banco é construído com elementos simples e vulgares (barrotes de madeira, pinos, perfis de aço, parafusos). No entanto, os barrotes de madeira do tampo estão unidos por buchas de madeira. A substituição apenas de um elemento exigiria assim trabalho de marcenaria, pelo que os serviços camarários poderão optar por substituir todo o conjunto, descartando os restantes em bom estado.
- O preço de venda do banco é elevado¹⁵⁸.
- Não está previsto qualquer dispositivo ou procedimento para a manutenção deste equipamento. Provavelmente, manter-se-á em uso até que o seu estado de degradação obrigue à sua substituição total.

Avaliação: 2/5

12. Processos de fabrico e de emprego de mão-de-obra eticamente correctos

Pontos fortes

- A fábrica exhibe no seu site o certificado OHSAS 18001, relativo à implantação de um Sistema de Gestão, Segurança e Saúde no Trabalho.¹⁵⁹

Pontos fracos

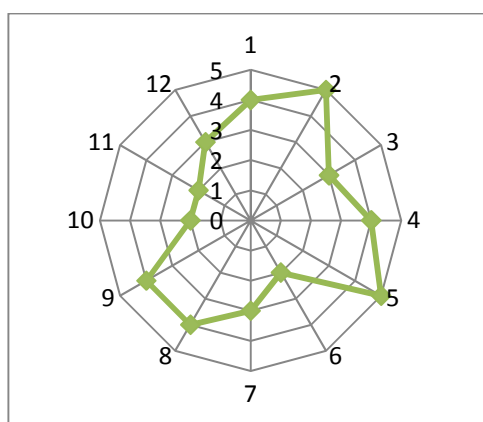
- Não foi possível determinar concretamente a proveniência e as condições de fabrico de todos os componentes

Avaliação: 3/5

¹⁵⁸ Conforme nos informou o Arq. João Castro em entrevista

¹⁵⁹ <http://www.escofet.com/pages/descargas/descargas.aspx?ID=5> consultado em 28-12-2011 13:03

Princípio	Avaliação
1. Capacidade contribuição para a imageabilidade e para a identidade	4
2. Contextualidade (em várias escalas)	5
3. Funcionalidade prática	3
4. Acessibilidade e integração de utilizadores	4
5. Legibilidade	5
6. Versatilidade e adaptabilidade	2
7. Diversidade de usos e multifuncionalidade	3
8. Durabilidade adequada	4
9. Poupança de recursos naturais em todo o ciclo de vida	4
10. Localidade dos processos	2
11. Integração dos serviços e sistemas relativos	2
12. Processos de fabrico e de emprego de mão-de-obra eticamente correctos	3
FINAL	3,4



Conclusões e observações

Este banco apresenta uma avaliação positiva da sua sustentabilidade segundo a perspectiva global que propomos nesta investigação. Esta avaliação sucede sobretudo da qualidade de projecto paisagístico do parque, onde o banco demonstra um bom enquadramento e contributo para esse conjunto. A qualidade de projecto deste equipamento, derivada tanto da qualidade do desenho como das opções para o seu fabrico e construção demonstram-se também uma mais-valia. A presença do banco no espaço é um bom contributo para a caracterização do mesmo, sem ser, ao mesmo tempo, demasiado impositiva.

A qualidade do projecto de requalificação, juntamente com a qualidade própria dos bancos que nessa ocasião foram implantados, é de facto um contributo para a sustentabilidade deste equipamento, ao contribuir para um maior e melhor uso deste espaço público. Para além disso, essa qualidade tem sido certamente um factor favorável à estima e apropriação por parte dos seus utilizadores. É ainda um elemento contributo para o reforço da entidade local, não só do parque em si, como do bairro e até da cidade onde se insere.

Os aspectos negativos, que tiveram algum peso na avaliação final, decorrem sobretudo da pouca integração num serviço de manutenção e conservação efectivo. Apesar da sua evidente robustez e durabilidade em condições normais, em caso de destruição, quer parcial, quer total, provavelmente os serviços camarários optarão pela sua substituição total. Uma vez que se trata de uma peça que foi implantada apenas neste parque, provavelmente nessa ocasião esse substituto terá que ser comprado porque pode não haver equipamentos destes em armazém. Ora, perante o elevado preço de venda, é também provável que essa substituição venha a demorar ou venha a ser substituída por outro modelo, o que pode deteriorar a imagem, a coesão paisagística e caracterização deste espaço, desencadeando processos e atitudes por parte dos moradores que aceleram a sua deterioração.

5.4.2. Avaliação do pilarete do Eixo da Rua das Janelas Verdes

Pilarete implantado ao longo do eixo da rua das Janelas Verdes, desde a Calçada Ribeiro dos Santos, em Santos, até ao Largo da Armada, em Alcântara, segundo plano de requalificação.

Projectado especificamente para este eixo pelo Arqº Paisagista João Rocha e Castro e a Arqª Marina Borges da equipa do actual DEP da CML, em conjunto com a papeleira (esta posteriormente retirada). Ambos foram desenvolvidos e fabricados pela Fabrigimno e figuram no catálogo deste fabricante.

Pilarete em aço, tubo de secção elíptica. Tratamento de superfície com metalização. Acabamento pintado com esmalte “forja” cinzento¹⁶⁰

1. Capacidade de contribuição para a imageabilidade e para a identidade

Pontos fortes

- Faz parte de um projecto que teve o intuito de contribuir para a imagem e identidade tanto do eixo como da cidade.
- O pilarete contribui para a identidade e caracterização do espaço onde se encontra implantado, uma vez que foi especificamente desenhado para o local.

Pontos fracos

- A sua principal característica, a secção elíptica, é pouco perceptível segundo alguns pontos de vista

¹⁶⁰<http://www.fg.com.pt/main.php?mostra=1&id=25&prod=GEN00121945949.867001437&tbl=registos&area=43&familia=55&subfamilia=80>

- Este modelo foi posteriormente colocado no catálogo do fabricante, pelo que ficou sujeito a ser implantado noutra local qualquer

Avaliação: 3/5

2. Contextualidade (em várias escalas)

Pontos fortes

- O pilarete foi desenhado em conjunto com a papelaria, apresentando uma linguagem formal afim ao mesmo, com o intuito de definir o eixo em questão

Pontos fracos

- O pilarete é um equipamento que existe em toda a cidade, poderá ser controverso o facto de ter sido definido um modelo exclusivo para este eixo

Avaliação: 3/5

3. Funcionalidade prática (inclui conforto e segurança)

Pontos fortes

- O pilarete desempenha uma função indispensável neste eixo no condicionamento do estacionamento indevido.
- A sua forma não causa problemas de segurança ou conforto aos peões

Pontos fracos

- A sua implantação pode por vezes interferir com a circulação pedonal, dada a já reduzida largura dos passeios

Avaliação: 4/5

4. Acessibilidade e integração de utilizadores

Pontos fortes

- Este equipamento tem a altura mínima necessária para que seja detectada por uma bengala de invisuais
- A sua cor contrasta com a do passeio, tornando-se bem visível para os peões

Pontos fracos

- Não foram detectados pontos fracos para este princípio

Avaliação: 5/5

5. Legibilidade

Pontos fortes

- Este equipamento é simples e familiar, facilmente legível e perceptível

Pontos fortes

- Não foram detectados pontos fracos para este princípio

Avaliação: 5/5

6. Versatilidade e adaptabilidade

Pontos fortes

- O pilarete pode ser reimplantado noutra local

Pontos fracos

- O pilarete é uma peça única e simples, com um modelo definido especificamente para este local, a sua reimplantação implicará a diferença para com os restantes modelos.

Avaliação: 3/5

7. Diversidade de usos e multifuncionalidade

Pontos fortes

- Este equipamento, normalmente de uso exclusivamente prático, tem aqui também um uso enquanto elemento que contribui para a identidade e caracterização do local

Pontos fracos

- Trata-se de um equipamento desenhado especificamente para uma função, claramente definida.
- Este equipamento funciona autonomamente e não se integra funcionalmente com outras peças de mobiliário urbano

Avaliação: 3/5

8. Durabilidade adequada

Pontos fortes

- Após treze anos, os pilaretes originais encontram-se em bom estado

Pontos fracos

- Em caso de embate por uma viatura, o pilarete dobra e não tem reparação

Avaliação: 3/5

9. Poupança de recursos naturais em todo o ciclo de vida

Pontos fortes

- O material é reciclável (aço)
- É utilizado um único material, o que não exige desmontagem para a reciclagem (excepto a sapata em betão)
- O equipamento é reutilizável
- Pode ter grande durabilidade

- O revestimento (pintura) permite a sua reparação

Pontos fracos

- Não é possível reparação em caso de embate

Avaliação: 4/5

10. Localidade dos processos

Pontos fortes

- Foi desenhado e fabricado na zona metropolitana de Lisboa
- O projecto foi apresentado à população moradora

Pontos fracos

- Não foram detectados pontos fracos relativos a este princípio

Avaliação: 5/5

11. Integração dos serviços e sistemas relativos

Pontos fortes

- Não foram detectados pontos fracos relativos a este princípio

Pontos fracos

- A substituição não tem mantido o modelo definido no projecto de requalificação

Avaliação: 2/5

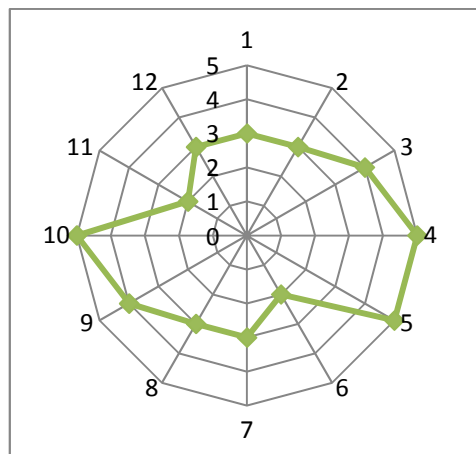
12. Processos de fabrico e de emprego de mão-de-obra eticamente correctos

Pontos fortes / Pontos fracos

- (Não foi possível obter dados para este princípio, a fábrica não exhibe certificados do cumprimento deste princípio)

Avaliação: 3/5

Princípio	Avaliação
1. Capacidade contribuição para a imageabilidade e para a identidade	3
2. Contextualidade (em várias escalas)	3
3. Funcionalidade prática	4
4. Acessibilidade e integração de utilizadores	5
5. Legibilidade	5
6. Versatilidade e adaptabilidade	2
7. Diversidade de usos e multifuncionalidade	3
8. Durabilidade adequada	3
9. Poupança de recursos naturais em todo o ciclo de vida	4
10. Localidade dos processos	5
11. Integração dos serviços e sistemas relativos	2
12. Processos de fabrico e de emprego de mão-de-obra eticamente correctos	3
FINAL	3,50



Observações e conclusões

O pilarete apresenta uma avaliação positiva da sua sustentabilidade segundo a perspectiva global que propomos nesta investigação. Esta avaliação sucede sobretudo da intenção de identificação e caracterização do eixo em questão, para a qual este equipamento dá o seu contributo. No entanto, a principal característica do seu desenho, a secção elíptica, é imperceptível segundo alguns pontos de vista (é anulada pelo efeito de perspectiva), embora se compreenda o cuidado que houve em não dar demasiado protagonismo a este equipamento já intensamente presente ao longo de todo o eixo.

Não foi possível determinar qual o contributo que esta requalificação teve na apropriação e identidade do espaço para com os seus moradores. No entanto, podemos dizer que reafirmou a importância que o eixo historicamente tem para a cidade, tendo sido superado o desafio de atribuir qualidade paisagística e funcional, apesar da pressão da circulação dos fluxos, sobretudo do rodoviário. Neste ponto de vista, o pilarete demonstra desempenhar um papel central e indispensável.

As principais questões, reveladas através dos pontos fracos, relacionam-se com a sua manutenção. O pilarete é pouco resistente à colisão, pelo que tem que ser frequentemente substituído. Adicionalmente, em muitas das substituições que têm sucedido, como se constata no local, o modelo em questão não tem sido repostado. Demonstra-se assim pouca – ou mesmo nenhuma – integração deste equipamento com os serviços camarários relativos, o que deteriora a caracterização do local, e consequentemente a sua identidade.

5.4.3. Avaliação da bancada de florista

Avaliação do actualmente denominado “Quiosque Lisboa” vendido pela Cabena, implantado na parada do Cemitério dos Olivais em Lisboa. É um projecto iniciado por equipa de estagiários, e posteriormente desenvolvido pela equipa de projecto, da Direcção Municipal do Ambiente Urbano – DMAU, da Câmara Municipal de Lisboa. A fase de execução teve importantes contributos da Cabena, empresa que fabricou estes equipamentos e que actualmente os vende sob encomenda.

A sua estrutura é em perfis de aço metalizado com primário sintético anti-corrosivo e esmalte tipo forja. Os painéis são em chapa de aço galvanizada e lacada, placas de resina fenólica, ou vidro temperado. A cobertura é isolada com poliestireno expandido e o piso é em chapa de alumínio. A frente tem uma porta tipo estore, manual ou eléctrica. Embora fixos, os elementos em chapa metálica microperfurada que constituem este estore são os que se encontram também nas laterais. Instalação eléctrica e ponto de água (e esgoto).¹⁶¹ Toldo retráctil em lona sobre a frente de exposição. No conceito original este equipamento é composto por um ou dois módulos, um maior, com as três frentes de venda, e um mais pequeno, posterior, designado sobretudo para área de serviço e de armazenamento, resultando em dois tamanhos possíveis para este quiosque.

13. Capacidade de contribuição para a imageabilidade e para a identidade

Pontos fortes

- O contributo deste equipamento processa-se sobretudo através da especificidade e visibilidade do uso (que se evidencia com a grande frente de exposição) e não tanto através da sua forma, como é mais comum.
- Este equipamento acaba por ser a materialização do reconhecimento desta actividade comercial, a qual, em conjunto com muitas outras congéneres que anteriormente eram mais frequentes em Lisboa, constituem a identidade do espaço público de Lisboa.
- Trata-se de um dos casos pouco comuns em que um equipamento se definiu a partir da observação dos usos do espaço público e das necessidades em questão.
- A sua grande visibilidade no espaço contribui para a identidade do lugar.

Pontos fracos

- O local não é normalmente de uso quotidiano (com a excepção das floristas), o espaço é sobretudo para acesso ao cemitério e não será muito frequentado para outros fins, nem mesmo pela população local.

¹⁶¹ <http://www.cabena.pt/Folhetos%20PDF/quiosque%20lisboa.pdf>

- Uma menor austeridade e discrição formal do equipamento em si poderia eventualmente dar um ainda maior contributo para a identidade do lugar, o que será mais evidente quando os equipamentos estão fechados.
- O modelo está actualmente à venda no catálogo da empresa que o fabrica, podendo a sua difusão noutros locais reduzir o contributo para a identidade deste lugar.

Avaliação: 4,5/5

14. Contextualidade (em várias escalas)

Pontos fortes

- As bancadas estão formalmente e paisagisticamente bem integradas no espaço.
- São compatíveis, sob vários pontos de vista, com o lugar e a cidade.
- Trata-se de um uso tradicional do espaço público de Lisboa, incluindo nas diversas paradas dos seus cemitérios, e que deste modo vê a sua presença renovada e revitalizada.

Pontos fracos

- Não foram detectados pontos fracos para este princípio

Avaliação: 5/5

15. Funcionalidade prática (inclui conforto e segurança)

Pontos fortes

- Trata-se de um equipamento definido especificamente para esta função. A ausência do habitual balcão a separar o interior do exterior é uma das características pouco habituais e que se revela uma boa solução para este ponto de venda.
- Para o cidadão comum este equipamento tem um bom desempenho, a boa frente de exposição evidencia o seu fim e oferece uma escolha variada.
- Obviamente, a referida frente é útil também para o vendedor, possibilita uma maior exposição da sua oferta.

Pontos fracos

- O isolamento dos materiais e a ventilação são inadequados, sendo o seu interior incómodo para os vendedores. Para o excessivo calor (sobretudo no verão) contribuem as superfícies de vidro no cimo das paredes laterais, as quais foram alvo de emendas.
- Chapa microperfurada nas fachadas laterais é também alvo de emendas, uma vez que deixam entrar chuva e vento.
- Os acrescentos efectuados pelos concessionários (dispondo guarda-sóis à frente do toldo) denunciam a insuficiência do ensombramento.

Avaliação: 3,5/5

16. Acessibilidade e integração de utilizadores

Pontos fortes

- O equipamento não apresenta características formais ou funcionais que possam excluir utilizadores-compradores.
- A sua linguagem simples e a grande frente de exposição tornam a bancada acessível para o seu uso.
- A grande exposição das flores para venda permite o seu usufruto no local mesmo para aqueles que não as compreem.
- Estores accionados por electricidade tornam a sua operação acessível.

Pontos fracos

- Não foram encontrados pontos fracos para este princípio.

Avaliação: 5/5

17. Legibilidade

Pontos fortes

- O equipamento é facilmente legível e não induz leituras erradas.

Pontos fracos

- Não foram encontrados pontos fracos para este princípio.

Avaliação: 5/5

18. Versatilidade e adaptabilidade

Pontos fortes

- Pela sua simplicidade estrutural e funcional, a bancada poderá ser utilizada para vender outro tipo de artigos.
- A composição modular permitirá uma maior versatilidade e adaptabilidade.
- A construção permite a sua reimplantação noutros locais
- A simplicidade formal permite a sua implantação em diversos contextos.
- Em princípio, sendo o projecto da autoria da CML, esta poderá proceder a alterações e melhoramentos conforme as necessidades que surgirem.

Pontos fracos

- A evidência dos imprevistos e emendas efectuados pelos concessionários denotará alguma incompatibilidade entre os recursos disponíveis por estes e as tecnologias e materiais utilizadas no fabrico.

Avaliação: 4.5/5

19. Diversidade de usos e multifuncionalidade

Pontos fortes

- Não foram encontrados pontos fortes para este princípio. Trata-se, contudo de um caso especial.

Pontos fracos

- Trata-se de um equipamento desenhado especificamente para uma única função, claramente definida. Este equipamento destina à venda de flores, mesmo os seus expositores são especificamente desenhados para esse fim.

Avaliação: 3/5

20. Durabilidade adequada

Pontos fortes

- Na visita ao local, efectuada dez anos depois da implantação, os painéis e chapas apresentam ainda bom estado de conservação.

Pontos fracos

- Há ferrugem em vários pontos da estrutura metálica, o que denota fabrico e materiais inadequados.

Avaliação:3/5

21. Poupança de recursos naturais em todo o ciclo de vida

Pontos fortes

- Alguns dos materiais são recicláveis (metais, vidro e poliestireno)
- A durabilidade e resistência dos elementos, construção e materiais obrigam a pouca manutenção.
- A estrutura é reparável
- Trata-se de uma construção que requer pouca quantidade de materiais.

Pontos fracos

- Os painéis de resina fenólica não são nem facilmente biodegradáveis nem recicláveis.
- Os painéis de resina fenólica não têm reparação.
- A fábrica não apresenta no seu site nenhum certificado relativo à gestão dos recursos naturais.
- Mau isolamento do equipamento é um factor para o consumo de energia para a climatização do seu interior.

Avaliação: 3/5

22. Localidade dos processos

Pontos fortes

- A produção é local, pelo menos o seu projecto e o seu fabrico.
- Os projectistas procuraram proximidade com os vendedores e observar as suas necessidades e usos.
- Atribuiu-se um equipamento a um uso tradicional do espaço público de Lisboa.
- Manteve-se um uso já existente na parada do cemitério.

Pontos fracos

- A intervenção terá sido decidida sobretudo internamente (ainda que se trate de um caso especial).

Avaliação: 4,5/5

23. Integração dos serviços e sistemas relativos

Pontos fortes

- O modo de construção permite a substituição de painéis
- O acabamento por pintura da estrutura permite a sua reparação e repintura

Pontos fracos

- A ferrugem da estrutura evidencia a pouca resistência dos materiais, e também a indisponibilidade (pelo menos até agora) dos concessionários para efectuarem a manutenção.
- Não está previsto pela Câmara qualquer dispositivo ou procedimento para a manutenção deste equipamento. Provavelmente, manter-se-á em uso até que o seu estado de degradação obrigue à sua substituição total.

Avaliação: 3/5

24. Processos de fabrico e de emprego de mão-de-obra eticamente correctos

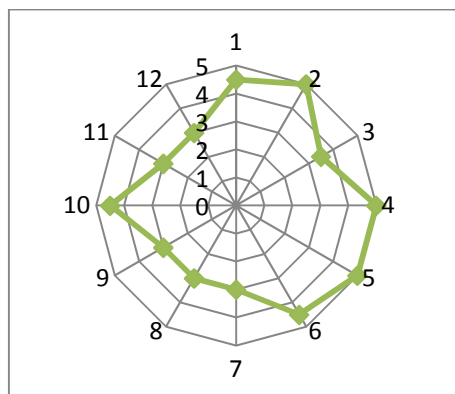
Pontos fortes / Pontos fracos

- (Não foi possível obter dados para este princípio)

Avaliação: 3/5

Princípio	Avaliação
13. Capacidade contribuição para a imageabilidade e para a identidade	4,5
14. Contextualidade (em várias escalas)	5
15. Funcionalidade prática	3,5
16. Acessibilidade e integração de utilizadores	5
17. Legibilidade	5
18. Versatilidade e adaptabilidade	4,5
19. Diversidade de usos e multifuncionalidade	3
20. Durabilidade adequada	3

21. Poupança de recursos naturais em todo o ciclo de vida	3
22. Localidade dos processos	4,5
23. Integração dos serviços e sistemas relativos	3
24. Processos de fabrico e de emprego de mão-de-obra eticamente correctos	3
FINAL	3,92



Conclusões e observações

Houve dados que não nos foi possível aferir concretamente, no entanto aqueles a que nos foi possível aceder dão-nos indícios muito úteis para a nossa análise e reflexão. Trata-se de um caso assinalável uma vez que o equipamento se definiu a partir da determinação dos requisitos específicos de um uso. Este exemplo permite-nos observar as possibilidades do contributo de um equipamento sobretudo através do seu uso.

Esse seu uso específico proporcionou algumas características únicas ao equipamento, e o seu contributo para o lugar é sobretudo através desta vertente. De reflectir, contudo, que isso diminui quando a venda está fechada, uma vez que nessa ocasião o equipamento terá uma presença mais neutra.

Por razões práticas, este será um caso em que o princípio da diversidade de usos e multifuncionalidade que defendemos nesta investigação como universal é mais dificilmente concretizável. Contudo, dado que o contributo para a identidade do lugar depende em grande parte do funcionamento do ponto de venda, julgamos que se mantém oportuna a reflexão sobre este aspecto.

Finalmente, também poderemos concluir que o recurso a um processo mais participado, e sobretudo uma maior atenção na construção e materiais deste equipamento, faria com que esta avaliação fosse excelente.

5.4.4. Avaliação do mobiliário predominante em Lisboa

A partir dos casos avaliados, juntamente com análises anteriores (Valente Pereira, 2002) e com tudo aquilo que é possível constatar pela observação e experiência no espaço público de Lisboa, apresentámos já um conjunto de observações e conclusões que nos permitiram definir quais são os procedimentos e processos mais comuns e frequentes para o mobiliário urbano desta cidade. No seguimento desta lógica, apresentamos a seguir uma avaliação do mobiliário urbano que aí considerámos, ou seja, no que será mais comum do conjunto do mobiliário urbano que encontramos actualmente em Lisboa, mas que não está a cargo dos concessionários de publicidade.

Esta avaliação não se refere de facto a nenhuma peça de mobiliário urbano em concreto, refere-se às predominâncias que nos parecerem existir. Contudo, com ela pretendemos introduzir observações e reflexões que poderão ser úteis tanto para esta investigação como para futuro mobiliário urbano que venha a ser implantado.

1. Capacidade contribuição para a imageabilidade e para a identidade

Pontos fortes

- De um modo geral, o mobiliário urbano pode contribuir para a imageabilidade e para a identidade ao ser um importante elemento na construção da relação entre o cidadão e o espaço público. Há de facto casos (como o dos candeeiros da Av. De Madrid) onde esse contributo se tem demonstrado.
- Sobretudo em locais mais centrais ou mais importantes, essa propriedade tem sido reconhecida. Nessas ocasiões tem sido implantado mobiliário urbano onde é evidente essa preocupação, verificando-se frequentemente o êxito pretendido.

Pontos fracos

- Julgamos poder observar que na escolha da maior parte do mobiliário urbano implantado predominam os critérios orçamentais, funcionais e práticos.
- Do ponto de vista de usos e de funcionalidade prática, o mobiliário urbano está muito homogeneizado, corresponde quase sempre a um tipo pré-estabelecido. É muito raro haver a determinação de usos específicos para um espaço e, consequentemente, de mobiliário urbano que corresponda a esses usos.
- É também muito raro encontrarmos mobiliário urbano especificamente projectado para um espaço, ou sequer para a cidade. A maioria destes equipamentos são de catálogo, pelo que o cidadão pode sempre vir a encontrar o que pensava ser único do seu lugar e que consequentemente entendia como fundamental para a sua identidade.

- Parece-nos existir dificuldade em manter este atributo ao longo da sua vida dado que a sua substituição nem sempre segue o mesmo modelo.

Avaliação final: 2,7/5

2. Contextualidade (em várias escalas)

Pontos fortes

- De um modo geral, mesmo nas ocasiões em que é atribuído ao mobiliário urbano um papel mais importante e/ou preponderante, verifica-se que o mesmo está integrado e em harmonia (do ponto de vista formal e paisagístico) com o contexto onde se insere. Para além disso, verifica-se frequentemente também uma boa relação com os demais equipamentos.

Pontos fracos

- Esta integração é muitas vezes obtida através do sacrifício dos eventuais contributos paisagísticos e formais do mobiliário urbano. Ou seja, é frequente a demasiada neutralidade do mobiliário urbano.
- Há algum esforço para o estabelecimento de critérios formais, ou de uma estratégia para a no entanto os mesmos são ainda insípidos, necessitam de mais estruturação.

Avaliação final: 2,7/5

3. Funcionalidade prática (inclui conforto e segurança)

Pontos fortes

- Na sua maioria, o mobiliário urbano que encontramos desempenha bem as suas funções práticas: é seguro, ao ser obrigatório seguir as diversas normas de segurança; do mesmo modo, não é frequente encontrarmos mobiliário que seja desconfortável no seu contacto ou uso

Pontos fracos

- Por vezes a implantação escolhida é determinada pelo desenho em planta, em detrimento dos fluxos, acessos, diversidade de eixos de observação e contemplação, etc.

Avaliação: 3,5/5

4. Acessibilidade e integração de utilizadores

Pontos fortes

- É possível perceber uma evolução do mobiliário urbano de Lisboa no sentido de se procurar integrar todos os seus utilizadores, mesmo que isso se deva em parte à legislação que se encontra em vigor.

Pontos fracos

- Há alguma disparidade na observação desses princípios na implantação do mobiliário urbano, em particular na autorização da ocupação da via pública por privados. São frequentes as barreiras, quer para os utentes de mobilidade reduzida, quer para os invisuais.
- A homogeneidade de usos do espaço público tem também como consequência a redução da sua acessibilidade, ou seja a uma redução da diversidade de utilizadores (sobretudo do ponto de vista social e etário).

Avaliação: 3/5

5. Legibilidade

Pontos fortes

- A maior parte do mobiliário de Lisboa é de fácil leitura e interpretação

Pontos fracos

- A facilidade de leitura do mobiliário urbano decorre quase sempre da excessiva homogeneidade e normalização de usos, assim como da sua frequente neutralização formal e paisagística. Decorre igualmente da única função prática que lhes é quase sempre atribuída.

Avaliação: 3,5/5

6. Versatilidade e adaptabilidade

Pontos fortes

- A maioria do mobiliário urbano que encontramos na cidade de Lisboa é construído de modo a poder ser reimplantado noutra local.

Pontos fracos

- Pela ineficácia de estratégias globais de gestão do espaço público, por vezes é difícil compatibilizar os diversos modelos de mobiliário urbano

Avaliação: 3/5

7. Diversidade de usos e multifuncionalidade

Pontos fortes

- Aos equipamentos que encontramos com mais frequência, para além do uso prático, é-lhes por vezes atribuído, conforme já referido, um desempenho no sentido de contribuir para a identidade do local

Pontos fracos

- Na maior parte das vezes, a estes equipamentos é atribuída uma única função prática.

- Frequentemente, o mobiliário urbano é implantado para que cumpra somente a função prática para que estão destinados. Normalmente, com as referidas exceções, não tem outros desempenhos para além deste.
- Com algumas exceções pontuais, como é o caso das papeleiras, normalmente o mobiliário urbano é pensado para que funcione e seja implantado isoladamente.

Avaliação: 2,7/5

8. Durabilidade adequada

Pontos fortes

- Julgamos poder dizer que, em média, o mobiliário urbano de Lisboa apresenta uma durabilidade de acordo com o desempenho que lhe é destinado.

Pontos fracos

- É frequente encontrar mobiliário urbano em mau estado. Denuncia-se, nestes casos, a inadequação à manutenção disponível pelo administrador do espaço público, sobretudo pela degradação prolongada que frequentemente se verifica.
- Muitos dos equipamentos estão em mau estado que decorre do vandalismo. De algum modo, pode significar a falta de apropriação por parte do cidadão, ou a desadequação ao seu uso e/ou ao utilizador.

Avaliação: 3/5

9. Poupança de recursos naturais em todo o ciclo de vida

Pontos fortes

- Retira-se grande rendimento dos materiais e matérias-primas ao empregá-las no mobiliário urbano, dada a longevidade e intensidade do seu uso, assim como a sua partilha.
- Quase todo o mobiliário urbano que encontramos é fabricado com materiais recicláveis (ex: vidro e metais) ou naturais (ex: pedra, madeira).
- Quase sempre a sua construção é suficientemente simples para que permita uma desmontagem fácil e pouco onerosa.
- A facilidade na desmontagem para a reutilização ou para a reciclagem dos seus materiais também decorre da pouca diversidade de materiais empregues.
- No seu conjunto, são necessários poucos recursos (como a água ou a electricidade) para o funcionamento e uso do mobiliário urbano. A maior parte do mobiliário urbano não gasta qualquer recurso para que possa ser utilizado, com a exceção, claro, dos equipamentos de iluminação ou os bebedouros.

- Nos últimos anos verificaram-se algumas melhorias em relação à poupança de recursos no seu uso, como é o caso da substituição das lâmpadas por outras de melhor rendimento ou a introdução de torneiras nos bebedouros.
- Quase todo o equipamento é reutilizável.
- De uma maneira geral, o mobiliário urbano é pensado e construído para ter uma fase de uso com uma durabilidade de vários anos.
- Na maior parte das vezes o mobiliário urbano tem um acabamento que permite a fácil manutenção e reparação (como a pintura e o envernizamento), ou recorre a materiais que não necessitam de manutenção (como o betão, a madeira tratada, o aço inox ou “Corten”, a pedra, entre outros).
- Nalguns casos, os seus componentes são estandardizados e simples, o que permite a sua fácil substituição.

Pontos fracos

- A frequente falta de manutenção do mobiliário urbano leva a uma aceleração da sua deterioração.
- Esta lacuna na manutenção também causa desperdício de recursos durante seu funcionamento.
- De um modo geral, recorre-se em demasia à substituição dos equipamentos em vez da sua reparação.
- Frequentemente recorre-se a elementos não estandarizados, impossibilitando a sua substituição.
- São frequentemente utilizadas técnicas de fabrico e construção (em especial a fundição e a soldadura) que inibem a substituição parcial de um equipamento.
- Uma das grandes causas do fim de vida do mobiliário urbano é o vandalismo; apesar de ser um factor muito menos previsível do que outros (como por exemplo, os agentes atmosféricos), poucas são as vezes em que se procura compreender e prevenir os seus motivos.

Avaliação: 3,7/5

10. Localidade dos processos

Pontos fortes

- Muito do mobiliário urbano implantado em Lisboa é ainda concebido e fabricado em Portugal, embora isso suceda poucas vezes próximo de Lisboa.

Pontos fracos

- No actual contexto de globalização, parece ser assinalável um crescimento da sua importação ou da subcontratação de empresas estrangeiras para o seu fabrico.

- Ao predominar o mobiliário urbano pré-definido por catálogo, as populações locais não participam no projecto do mobiliário urbano. Mesmo na sua implantação a participação da população local é quase inexistente, já que em geral apenas nas obras de maior envergadura de Lisboa costumam suceder algumas sessões de consulta pública.

Avaliação: 2,7/5

11. Integração dos serviços e sistemas relativos

Pontos fortes

- Um bom desempenho da função prática a que se destina significará por inerência, uma boa integração nas redes de serviços a que pertence, quando isso sucede, como é o caso da iluminação, dos semáforos, etc.
- Verifica-se um esforço por parte da Câmara Municipal de Lisboa no sentido de proporcionar uma melhor manutenção do mobiliário urbano. Têm-se concretizado medidas assinaláveis, embora sejam ainda segundo um âmbito um pouco restrito, como é o caso da definição dos modelos de papaleiras e de pilaretes para toda a cidade (medidas já em curso). Faltam no entanto concretizar medidas mais abrangentes, como será o caso do plano estratégico para o espaço público (ainda por implementar).

Pontos fracos

- Há uma diversidade demasiado grande de modelos de mobiliário urbano na cidade de Lisboa, o que dificulta a existência de um stock de peças ou de componentes que permitisse a sua rápida substituição, conforme seria necessário para uma boa manutenção.
- Com excepções muito pontuais (como é o caso das papaleiras da rua), os serviços de manutenção para o mobiliário urbano não são devidamente integrados nas fases prévias de projecto.

Avaliação: 2.5/5

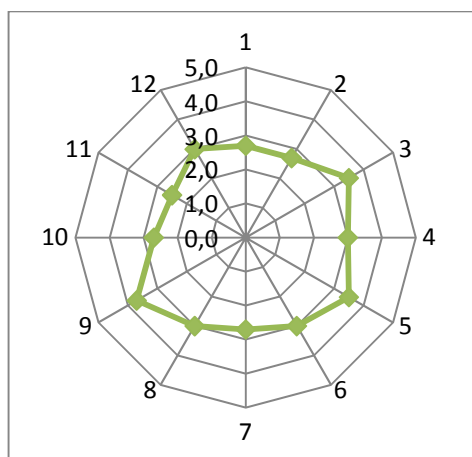
12. Processos de fabrico e de emprego de mão-de-obra eticamente correctos

- Para a indústria em geral, é difícil determinar concretamente a que processos e a que mão-de-obra se recorreu, não há o hábito de se determinar e divulgar os recursos que se utilizaram. Actualmente existirá já, pelo menos por parte de alguns consumidores e utilizadores, uma nova atitude com alguma preocupação acerca dos recursos que foram utilizados para um dado produto. No entanto, diríamos que essa atitude predomina em relação aos recursos naturais. Para além disso, no actual contexto da globalização, é cada vez mais difícil obter esta informação, por vezes nem mesmo os próprios fabricantes a conseguem dos seus fornecedores

e subcontratados. É, no entanto, sabida a constante procura em baixar os custos de fabrico, o que frequentemente significa a procura de mão-de-obra tão barata quanto possível.

- Quanto ao mobiliário urbano, diríamos que não encontramos motivos para que possa ser diferente deste quadro geral: não encontrámos legislação, uma postura por parte dos vários intervenientes, ou qualquer outro factor no seu processo produtivo que neste aspecto pudesse levar a um resultado diferente dos demais produtos e artefactos que nos rodeiam.

Princípio	Avaliação
1. Capacidade contribuição para a imageabilidade e para a identidade	2,7
2. Contextualidade (em várias escalas)	2,7
3. Funcionalidade prática	3,5
4. Acessibilidade e integração de utilizadores	3,0
5. Legibilidade	3,5
6. Versatilidade e adaptabilidade	3,0
7. Diversidade de usos e multifuncionalidade	2,7
8. Durabilidade adequada	3,0
9. Poupança de recursos naturais em todo o ciclo de vida	3,7
10. Localidade dos processos	2,7
11. Integração dos serviços e sistemas relativos	2,5
12. Processos de fabrico e de emprego de mão-de-obra eticamente correctos	3,0
FINAL	3,0



Observações e conclusões

Frequentemente, a manutenção é pouco observada, o mobiliário urbano é concebido sem que haja uma preocupação nesse sentido, sem que se procure ir ao encontro das limitações dos administradores do espaço público. A pouca manutenção que merecem é causa de diversas questões de sustentabilidade, as quais contrariam diversos princípios.

No actual contexto de globalização, há uma tendência para a redução do recurso aos processos e meios locais. Desse modo, e dada a produção industrial numa escala cada vez maior que daí também decorre, o mobiliário urbano será, tal como tantos outros produtos, alvo de uma crescente banalização. Para além disso, os cidadãos e as populações locais normalmente pouco ou nada participam; sobretudo, a sua intervenção ainda menos atinge um nível de pormenor de projecto como o do mobiliário urbano.

No sentido do desgaste dos recursos naturais, a pouca manutenção que têm estes equipamentos é também um factor contrário, tal como o vandalismo e os maus tratos. Mesmo assim, dada a natureza do seu uso, julgamos que neste aspecto o mobiliário urbano tem resultados bastante bons.

Por vezes é atribuído ao mobiliário urbano, através do seu aspecto formal, um desempenho no sentido de contribuir para a identidade do lugar onde se insere. No entanto, tendencialmente, ao mobiliário urbano é atribuída uma única função prática e um único uso.

O mobiliário urbano é de facto, na sua generalidade, pouco versátil, ao permitir pouco mais do que os usos específicos para que cada peça foi desenhada. No entanto, pela durabilidade e autonomia estrutural que o caracteriza, é susceptível de ser, com facilidade, reutilizado e reimplantado em qualquer outro local para além do original. Tal é possível, note-se, dada a monotonia de usos que encontramos no espaço público em geral.

Essa monotonia de usos será também um contributo para a sua facilidade de leitura por parte dos seus utilizadores. De um modo geral, estes equipamentos não induzem a leituras erradas; embora o seu uso incorrecto suceda várias vezes, trata-se de uma atitude propositada e que não decorre de algum tipo de incompreensão ou interpretação.

A monotonia de usos significará, consequentemente, uma concepção homogénea de utilizadores, o que significa também a exclusão de todos os demais. Assim, para além do esforço que se tem verificado para que se possam integrar utilizadores de mobilidade reduzida e invisuais, deveria ser mais bem definido e devidamente contemplado todo o universo de cidadãos que potencialmente poderiam utilizar um espaço público em intervenção. A diversidade e multiplicidade de usos que aqui se defende para o espaço público possibilitará, certamente, uma melhor integração e diversidade de utilizadores.

Como observação final, parece-nos que a sustentabilidade do mobiliário urbano predominantemente implantado em Lisboa acaba por ser suficiente quando comparada com a de outros produtos; mas, a sustentabilidade deste equipamento poderia ser excelente e acima de muitos produtos, equipamentos e artefactos, desde que fosse mais observada, em primeiro lugar a sua devida integração no contexto dos restantes serviços, e em segundo lugar as especificidades locais, quer dos seus utilizadores quer do sítio onde se encontra.

5.5. Conclusões

Não se pretende determinar nesta investigação, de um modo categórico e definitivo, a sustentabilidade do mobiliário urbano da cidade de Lisboa. Para a completa aferição dos parâmetros apresentados seria necessário, por exemplo, um conjunto de observações de duração prolongada do desempenho do mobiliário urbano durante o seu uso. As avaliações feitas são sobretudo exemplos de um conjunto de processos complexos, com intervenientes e contextos e diversos. Por sua vez, o conceito de sustentabilidade que aqui propomos é muito abrangente e refere-se a muitas vertentes, originando muitos princípios. Contudo, da sistematização e análise efectuadas, julgamos ser possível apresentar alguns contributos com utilidade para as conclusões relativas aos assuntos tratados na generalidade deste capítulo que apresentamos agora.

O habitante de Lisboa encontra actualmente com frequência espaços públicos de Lisboa com qualidades que até aos anos 90 eram muito mais raras. Isso decorre da maior atenção que as ruas e praças da cidade passaram a merecer, o que é em parte fruto do reconhecimento da sua importância, sob vários pontos de vista, e do papel inquestionável que deve desempenhar na cidade e para os seus cidadãos.

É actualmente reconhecida ao mobiliário urbano a capacidade de contribuição para a imageabilidade e para a identidade do lugar. É certo que a função prática que desempenha é já de si um factor para o relacionamento com o utilizador, ao possibilitar um melhor e maior uso do espaço público. Observamos, contudo, que quando se pretende que o mobiliário urbano dê esse contributo ao espaço público, a sua principal qualidade que se reconhece e valoriza é a formal e paisagística. Desse modo, normalmente é nos lugares mais centrais, e em particular nos históricos, onde incide maior preocupação em implantar equipamentos e artefactos com características (sobretudo formais) susceptíveis de adquirem esse atributo. Para os restantes lugares essa preocupação não existe tanto

por parte daqueles que têm maior capacidade de intervenção no espaço público, havendo até por vezes aí demasiada restrição à funcionalidade prática.

A vertente funcional e prática é a que define o mobiliário urbano, será essa a grande razão da sua existência. Aliás, a maior parte do mobiliário urbano que encontramos tem um bom desempenho nesse sentido, observámos até que, de um modo geral, a sua legibilidade é boa.

No entanto, e paradoxalmente, pelo que nos foi possível observar, a procura em atribuir a identidade aos locais, raramente sucede através desta vertente. Valoriza-se, para o mobiliário urbano, sobretudo a sua vertente formal e paisagística. Inclusivamente, repare-se, a boa legibilidade que referimos resulta em parte da monotonia de tipos de uso do mobiliário urbano. Essa monotonia decorre também do facto de haver pouca diversidade de usos e multifuncionalidade na maior parte dos equipamentos e estruturas que ocupam o espaço público, predominando aqueles que estão destinados a desempenhar apenas uma função prática.

Sempre que possível seria assim útil procurar integrar em cada equipamento mais usos e funções, incluindo os de índole prática; isso seria um modo de ir não só ao encontro da natureza de multifuncionalidade e diversidade que nos parece ser própria do espaço público, procurando-se prever usos diversos e evoluções como poderia ainda ser um modo de economizar o seu espaço de ocupação. Naturalmente, esta inovação e diversificação de usos obrigam a uma maior atenção à legibilidade do mobiliário urbano, uma vez que se deixa de contar com o código das tipologias de uso e funções actualmente estabelecido.

De assinalar que, e em parte como consequência desta valorização dos atributos formais do mobiliário urbano, a referida maior atenção que o espaço público mereceu reflectiu-se também numa grande diversidade de modelos implantados. A Câmara de Lisboa viu-se assim com uma demasiada quantidade de modelos implantados para uma administração eficiente do espaço público e a manutenção dos seus equipamentos. Note-se pois que essa dificuldade não aumentou pela maior diversidade de usos e funções do espaço público.

A qualidade do espaço público depende não só da qualidade das intervenções, mas também da sua manutenção. Por isso, mesmo com o mobiliário urbano analisado que pertence a um projecto de intervenção de qualidade, demonstrou-se que seria necessário uma maior integração e interligação com os serviços de manutenção.

Há que referir o esforço que tem existido, sobretudo mais recentemente, por parte do administrador do espaço público de Lisboa, em lançar medidas para uma melhoria da manutenção. Porque deverá, como nos parece que se constata, procurar-se que haja nas fases iniciais, de projecto, fabrico e implantação, uma melhor consideração das fases posteriores, sobretudo no que se refere à manutenção, conservação e reparação.

Uma melhor relação e interligação entre as diversas fases (e logo, entre os intervenientes que actuam em cada uma delas) poderá resultar numa maior integridade e coesão do processo de produção do mobiliário urbano, o que nos parece fundamental para a qualidade destes produtos e equipamentos.

Obviamente, parece-nos também que estas qualidades resultam de uma dinâmica que funcione em todos os sentidos. Isso significará que terá também de haver receptividade para as propostas dos projectistas por parte dos serviços e recursos que têm a seu cargo a conservação e manutenção do espaço público.

Como vimos, há ainda uma parte considerável de fabricantes nacionais a fornecer o município de Lisboa. Parece-nos um aspecto positivo, sob vários pontos de vista, sobretudo dado o actual contexto onde cada vez mais predomina a globalização. Trata-se, contudo, de facto de uma escala nacional, o que pode significar por si também algum afastamento entre o local de fabrico e o de implantação, assim como das respectivas pessoas. No entanto, de qualquer modo, na maior parte dos casos a população local utilizadora não é abrangida nas fases mais decisivas dos processos em questão, o que resulta não tanto desse afastamento geográfico, mas sim do modo como o processo em si se constitui.

Uma produção efectivamente local, que se traduzisse no recurso a processos de fabrico que estivessem ao alcance do contacto dos cidadãos, poderia ser um meio de envolver mais os utilizadores em todo o processo. Isso seria até um modo de tornar os utilizadores mais cientes dos processos de fabrico, dos seus recursos e materiais (sendo assim menos viável o recurso a processos menos legítimos). Claro que, na actual realidade da produção industrial e das grandes cidades, como é o caso de Lisboa, torna-se muito mais difícil que esta ideia possa passar disso mesmo. Assim sendo, e precisamente porque este processo, tal como outros, também afasta cada vez mais produtores e utilizadores, torna-se essencial que o interveniente central do espaço público, o seu administrador, desenvolva medidas e procedimentos que permitam algum tipo de reaproximação dos diversos intervenientes.

O mobiliário urbano tem, por natureza, uma fase de uso bastante longa, pelo menos comparado com grande parte dos produtos. Quando o fim desta fase sucede prematuramente, é na maior parte das vezes por vandalismo. Não nos foi possível aferir esta relação e a sua proporção em relação aos demais factores; este assunto merece e precisa de um estudo aprofundado e especificamente dedicado. Contudo, como vimos, a apropriação do espaço público e do seu equipamento pela população utilizadora é talvez o melhor meio de evitar o vandalismo, e logo, de aumentar o tempo de uso do mobiliário urbano, de reduzir a necessidade da sua manutenção, e assim, de melhorar a sua sustentabilidade.

Actualmente aceitamos que se deve assegurar a natureza inclusiva do espaço público. É possível verificar nos equipamentos que têm vindo a ser implantados uma melhor acessibilidade para os cidadãos de mobilidade reduzida e invisuais; de um modo geral, tem-se vindo a cumprir, ou a procurar cumprir, a regulamentação que se tem vindo a implementar. Prosseguindo com esse esforço, deveremos ir mais além desta dimensão funcional e prática, procurando-se abranger as restantes dimensões às quais este conjunto de artefactos e equipamentos se refere. Ao procurar colmatar problemas de acessibilidade reduzida, não apenas do foro físico ou funcional, mas também outras, como as culturais e as sociais, poderemos assim abranger mais potenciais utilizadores do mobiliário urbano. Tal torna-se cada vez mais imperativo numa época como a actual, onde a nossa sociedade é cada vez mais diversa, sendo também, afinal, um modo de assegurar a sustentabilidade do espaço público. Note-se que também a maior proximidade entre os intervenientes, que referíamos antes, poderá ser um modo de tornar o mobiliário urbano acessível a mais utilizadores.

Se a maior proximidade do utilizador com os demais intervenientes e uma maior integração nas fases cruciais do processo de produção podem facilitar essa apropriação, então torna-se central recorrer a processos de produção onde isso suceda.

6. Conclusões

Com a presente investigação pretendemos responder à questão: “Por que processos de produção e uso pode o mobiliário urbano contribuir para a sustentabilidade da cidade e do seu espaço público?”

No sentido de tornar mais claro o que pretendemos demonstrar, começaremos por apresentar uma revisão das diferentes bases analisadas, recordando os principais temas e conceitos abordados nos vários capítulos anteriores e respectivas conclusões. Apresentaremos depois as nossas conclusões finais, juntamente com uma hipótese para trabalho futuro.

Conforme vimos no **capítulo 2**, o âmbito do conceito de sustentabilidade tem origem na vertente ambiental e ecológica, cujo objectivo é a preservação da envolvente, física e natural e, consequentemente da necessidade da poupança dos recursos naturais, materiais e energéticos. O homem e a sociedade têm tido repetidos conflitos ao longo da história com a sua envolvente. Hoje esses recontros são ainda mais graves e urgentes de resolver, dada também a escala, global, que os mesmos agora atingiram.

Está já implementada diversa legislação e regulamentação; várias organizações, sejam empresas e privados, sejam instituições e o Estado, adoptaram já várias medidas e estratégias onde se procura reduzir o desgaste dos recursos naturais e o impacto da actividade humana no ambiente. Esta é a sustentabilidade que está mais divulgada e instituída na sociedade.

No entanto, compreendeu-se que a sociedade dificilmente poderá vir a ser sustentável se for observado apenas o ponto de vista ecológico e ambiental, ou seja, se apenas se pretender seguir princípios e aplicar medidas que tenham o objectivo imediato e estrito de reduzir o actual e excessivo desgaste de recursos naturais, materiais ou energéticos. Verificou-se que as medidas que se implementaram, na sua maioria, pouco efeito surtiram dado o ritmo do crescimento desse

desgaste. É necessário o recurso a medidas profundas, mesmo que queiramos apenas corresponder a estes problemas ambientais.

Para além disso, a exposição dos referidos problemas acabou também por ajudar a enfatizar outro tipo de problemas sociedade que anteriormente já haviam sido denunciados. O crescimento contínuo, a acumulação de bens materiais, o consumo, sobretudo em excesso e de desperdício, a que apenas acede uma minoria da população mundial, transformou-se uma aspiração generalizada. Contudo, tornou-se óbvio que tal nunca poderá vir a abranger toda a restante população, dados os limites dos recursos em questão. Verifica-se, por outro lado, a contradição entre o excesso de consumo e de desgaste, por essa minoria, e as condições de vida para os restantes, de privação das necessidades mínimas e mais básicas; verifica-se, acima de tudo, que essa desigualdade tem sobretudo vindo a acentuar-se, para o que o fenómeno da globalização tem contribuído.

Assim, reconhecendo-se que a abordagem inicial se cingia a uma dimensão “ambiental”, definiu-se também a vertente económica e social, ao demonstrar-se ser fundamental uma abordagem multidimensional para a sustentabilidade: conforme vimos, e na perspectiva que nos interessa, reconheceu-se que não basta procurar poupar os recursos naturais; torna-se necessário mudar paradigmas e valores da sociedade.

Surgem assim diversas propostas que enfatizam a necessidade de novas referências e padrões de vida em alternativa à valorização da posse e acumulação dos bens materiais. Algumas, entre as quais as que vimos, propõem soluções para uma sustentabilidade mais abrangente, ou seja, que possibilitem uma maior poupança de recursos naturais, assim como uma sociedade mais equilibrada, como seja o maior convívio e o relacionamento social, o retorno à relação entre pessoas e com a envolvente, ou a maior partilha do acesso a recursos e equipamentos.

No **capítulo 3** fizemos uma resumida apresentação da evolução ao longo dos tempos da cidade e do espaço colectivo/público, do ponto de vista da sua orgânica e do uso, até à actualidade. Do complexo conjunto de características que definem a cidade, salientámos, por um lado, a vida numa comunidade alargada, o contacto, a sociabilização; por outro, as razões práticas decorrentes das vantagens desse modo de vida, ao permitir a partilha ou troca de recursos, de mão-de-obra, de conhecimento, e o uso de equipamento colectivo. Esses terão sido factores fundamentais para a evolução da espécie humana, ou, pelo menos, para o acesso a condições de vida que seriam impossíveis um indivíduo obter autonomamente.

Para além do ponto de vista prático e funcional, o espaço público, ao ser o local e o meio através do qual se partilham diversos recursos, é também fundamental para a sociedade ao ser o sítio, por natureza, da sociabilização, da constituição da identidade e da cultura colectiva, assim como do exercício da cidadania e um meio fundamental para os processos políticos e democráticos.

Na evolução apresentada pudemos indicar a progressiva redução das funções e usos do espaço público, até à actual situação: predominância dos usos de passagem; usos de permanência limitados quase exclusivamente ao lazer; crescente preponderância dos usos privados, em especial dos publicitários comerciais. Dado que o equipamento colectivo, ou o mobiliário urbano, segundo a bastante recente designação, é aquilo que possibilita em grande parte a concretização dos usos e funções do espaço público, a evolução deste último determinou a concomitante evolução no mobiliário urbano.

Apresentámos também os grandes desafios com que a nossa sociedade se confronta actualmente. Também a cidade e o seu espaço público de hoje enfrentam um conjunto de grandes e diversos desafios. Assinale-se, contudo, que não serão desafios de uma profundidade relativa à sua natureza, concepção, e valores de referência, como sucederá com a nossa sociedade. Os desafios com que a sociedade se defronta actualmente afectam, naturalmente, a cidade e o espaço público, dada a sua inerência, mas há outros desafios específicos, que surgiram sobretudo do percurso da evolução e crescimento da cidade, bem como do seu espaço público:

- Segundo os autores que consultámos, a actual globalização e a evolução dos novos meios de comunicação serão os fenómenos que nos parecem ser mais abrangentes, ao colocarem grandes desafios à cidade e até à sociedade contemporâneas. As novas exigências de uma rede global, a competição entre cidades que disso decorre serão, como vimos, factores primordiais para pensar e fazer a cidade, assim como, logicamente, o seu espaço público.
- O grande desenvolvimento tecnológico, sobretudo dos meios de comunicação e informação, trouxe grandes desafios tanto para a sociedade como para a cidade e, especificamente, para o espaço público.
- A grande difusão de informação a que já assistimos significa a tendência para a predominância de certos canais, bem como daqueles que são os seus emissores, e logo dos seus conteúdos. Tal contribuirá para a maior clivagem entre global e local, assim como para crises de identidade.

- Conforme vimos, a evolução dos meios de informação e comunicação, a que assistimos desde o início séc. XX, veio retirar a soberania que o espaço público tinha nessa função para a sociedade.
- A predominância dos espaços de fluxos sobre o espaço dos lugares que decorre da evolução dos meios de comunicação e informação a que assistimos, ocorrerá, concretamente, também no espaço público: a proliferação das diferentes redes de fluxos, a concorrência cada vez maior de condutas, passagens, cabos, canais, etc., são um contributo para o uso cada vez menor do espaço público como local de permanência e cada vez maior de passagem.
- Como também vimos, decorrente da evolução geral a que assistimos, da qual as tecnologias de informação são grandes protagonistas, assiste-se também a uma crescente individualização, do modo como cada cidadão usa a cidade e o seu espaço público. Isso significará que se torna cada vez mais difícil pensar na cidade para grupos homogêneos de pessoas, definidos por estilos de vida, horários ou hábitos comuns.
- Vimos também que há desafios que são especificamente decorrentes do modo como as cidades evoluíram. Com o seu rápido crescimento e, sobretudo a grande dimensão que têm vindo a atingir, a par de um planeamento predominantemente monofuncional, cada vez mais gente tem a sua vida repartida em zonas da cidade cada vez mais afastadas entre si, bem como de qualquer referência, sejam os seus centros, sejam os seus limites, tornando a cidade onde vivem e o local a que pertencem ideias cada vez mais abstractas. Consequentemente, a noção de insegurança e de impessoalidade tem sido crescente entre os habitantes; no entanto como outro resultado concreto, este crescimento tem causado problemas de sustentabilidade administrativa a estas zonas urbanizadas.
- Das profundas alterações que actualmente se verificam na sociedade, ou pelo menos na sociedade ocidental ou ocidentalizada, decorrem solicitações à cidade e ao espaço público que são profundos desafios também para estes últimos. Observa-se, de um modo geral uma crescente predominância do privado e individual em detrimento do público e colectivo. Contribuíram para esta tendência de individualização a evolução dos padrões de qualidade de vida, que tem sido no sentido do uso individual e propriedade privada.
- Conforme cremos que foi possível confirmar, através destes e de outros factores, continuamos a assistir a uma redução daqueles que seriam os vários usos que originalmente pertenceriam ao espaço colectivo das cidades. Actualmente prossegue a migração de vários destes usos para outros espaços e lugares.
- Também significativa desta época será a generalização do consumo e do consumismo. Tendencialmente, cada indivíduo adopta cada vez mais a postura de consumidor no seu

relacionamento com as diferentes circunstâncias que encontra. Conforme facilmente se percebe, essa atitude para com o espaço público resultará no desfasamento e no desencontro, certas expectativas não são correspondidas, mas também muitas potencialidades e oportunidades são desperdiçadas.

- Adicionalmente, as ofertas para recreio, entretenimento e ocupação dos tempos livres são cada vez mais aliciantes, cada vez mais diversas e em maior número, concorrendo cada vez mais com esse que também é, desde a sua origem, um dos usos principais do espaço colectivo das cidades.
- Por outro lado, a evolução dos padrões de qualidade de vida tem-nos tornado progressivamente mais exigentes em relação aos vários sítios ou circunstâncias com que nos podemos deparar. Tem sido crescente o nível que se considera normal de conforto, higiene, segurança, etc., tal como em relação ao número e diversidade de meios e equipamentos que proporcionam essas condições. Logicamente, essa mudança de expectativas estende-se também ao espaço público, o que significa a necessidade de uma maior capacidade financeira por parte do seu administrador. Surgem também por aqui desafios à sustentabilidade financeira do espaço público, os quais se concretizam, por exemplo, no aumento que temos verificado do investimento de organizações e interesses privados.

Logo através deste conjunto de desafios estarão já lançadas enormes interrogações ao espaço público, sobretudo sobre o seu papel para com a sociedade e a cidade. No entanto, e conforme vimos também, há ainda desafios oriundos de outras vertentes e que não serão menos importantes e urgentes de ultrapassar:

- Segundo muitos autores, entre os quais os que referimos, uma das características da nossa era, para a qual contribui a actual grande evolução científica e tecnológica, assim como uma crise alargada e profunda de princípios e valores, será a mudança generalizada para uma relativização das referências que anteriormente se consideravam como absolutas e inquestionáveis. Esta atitude, que segundo alguns é própria desta época pós-moderna (denominação que também tem gerado controvérsia) cria por si desafios inéditos às diversas criações e concretizações humanas que agora surgem, em particular aquelas cujo objectivo é a sua materialização e que se referem ou afectarão vários indivíduos, como é o caso da cidade ou do espaço público. É mais difícil encontrar consenso nas várias opiniões, para o que contribui a crescente individualização que referimos, assim como estabelecer conceitos, fronteiras, limites e outras bases de referência, dificuldades que são ainda

agravadas pelas constantes e rápidas transformações com que nos deparamos na realidade que nos rodeia.

- Por sua vez, e no seguimento do que inicialmente apresentámos no capítulo 2, encontramos actualmente desafios decorrentes da necessária diminuição dos excessos de consumo e desgaste dos recursos naturais. A evolução das cidades tem causado um grande desgaste dos recursos naturais para a construção, mas o alastramento de grandes áreas construídas significa também um grande impacto dado consumo do solo que daí resulta. Para além disso, sendo as cidades cada vez maiores e dado o modo como as mesmas são organizadas, muitos dos seus habitantes percorrem diariamente grandes distâncias, o que se traduz num protagonismo cada vez maior da mobilidade e dos transportes, sobretudo o privado automóvel. Consequentemente, um dos grandes excessos e desequilíbrios no metabolismo das cidades é o consumo dos combustíveis. Também nesta perspectiva, os actuais padrões de qualidade de vida têm incidência, dado o crescimento da propriedade privada, do uso individual, quer do transporte quer de outros equipamentos e produtos, assim como a reduzida reutilização que ainda prevalece.
- Finalmente, teremos os desafios decorrentes do cumprimento dos princípios contemporâneos de democracia, acessibilidade, inclusão, liberdade e igualdade: se por um lado, se reconhece e estabelece estes valores como universais, a verdade é que, por outro, e especificamente no caso das grandes cidades, existem grupos de utilizadores e cidadãos cada vez mais diversos; a abrangência destes princípios tem sido alargada ao procurar-se considerar cada vez mais diferentes características físicas, culturais e sociais.

Muitos destes desafios aqui referidos são de facto muito profundos e muito abrangentes, vão obviamente para além da cidade e do seu espaço público. No entanto, conforme cremos que se percebe – e até se constata no nosso dia-a-dia – o conjunto de problemas e questões aqui abordado incide na vida da cidade, na vivência do espaço público.

No seguimento desta determinação dos possíveis contributos do mobiliário urbano para responder a estes desafios que actualmente se colocam à sustentabilidade da cidade, e sobretudo do espaço público, no **capítulo 4** procurámos conhecer da melhor maneira esses equipamentos e artefactos, em especial os seus processos de produção.

Pelo nos foi possível observar através dos casos analisados e que apresentámos, julgamos poder afirmar que, pelo menos em Lisboa, o processo de produção do mobiliário urbano predominante organiza-se através de uma estrutura linear e hierárquica, evoluindo através de fases que se sucedem unidireccionalmente. Haverá pouco retorno de informação ou comunicação, normalmente os intervenientes das fases a jusante do processo, nomeadamente os cidadãos e utilizadores, são menos considerados do que nos parece ser necessário, sobretudo se observarmos os princípios que defendem uma maior capacidade de intervenção dos cidadãos nos processos da cidade.

Além disso, assinalamos que nos parece que o mobiliário urbano é frequentemente produzido a partir de motivos e com objectivos diferentes daqueles que seriam os seus intrínsecos motivos e objectivos, ou seja, o de possibilitarem um melhor uso do espaço público pelos seus cidadãos.

No seu decurso, o processo de produção do mobiliário urbano constitui-se quase sempre pela existência de uma fase de projecto do equipamento ou artefacto, que antecede e é independente do restante projecto do espaço onde se insere. Ou seja, o mobiliário urbano é projectado para um local genérico, para o qual se consideram usos tipificados, actuando-se sobretudo nas questões formais. De alguma maneira, as condicionantes e princípios programáticos estão dependentes sobretudo da pessoa do projectista (o qual desenvolve o projecto sobretudo a partir de direcções estabelecidas por si) e da empresa fabricante (observando, sobretudo, questões de inserção e concorrência no mercado, condicionantes e potencialidades tecnológicas e fabris, etc.).

Assim, se assistimos a uma normalização ou homogeneização generalizada do espaço colectivo ou público, a par de uma redução da diversidade de usos ao longo da história da cidade, o modo como o mobiliário urbano tem sido produzido terá certamente dado o seu contributo nesse sentido, já que se trata sempre de um meio de potenciar – ou condicionar – o uso do sítio onde se encontra.

De facto, o espaço público contém hoje mais equipamentos e artefactos do que nunca. No entanto, muitos deles são relativos a usos de passagem e não de permanência, como os que integram as redes de fluxos e serviços; destes, há ainda um número considerável dos que contribuem muito pouco (ou mesmo nada) para o espaço público segundo esta óptica que apresentamos. Será o caso daqueles que, sem outra função para além do seu desempenho técnico, não se destinam de modo nenhum a ser usados no espaço público pelo cidadão.

Julgamos poder assim afirmar que frequentemente o mobiliário urbano é subvalorizado e subutilizado, sobretudo dados os requisitos que deve cumprir e as potencialidades que lhe

apontamos. Sobretudo pelo modo como se tem concretizado, o mobiliário urbano tem assim contribuído para o subaproveitamento e subutilização do espaço público que actualmente nos parece existir.

Contudo, alternativas são possíveis e têm sido concretizadas com êxito, sob vários pontos de vista, desde o social ao económico, sobretudo porque se recorreu a processos de produção diferentes, onde se definiram prioridades diferentes, nomeadamente uma maior observação do local de inserção e dos seus utilizadores, ou a atribuição de uma maior capacidade de intervenção a estes últimos.

Adicionalmente, parece-nos que é de sublinhar que estes processos alternativos demonstram-nos que para o seu êxito foram fundamentais predisposições, atitudes e procedimentos diferentes por parte de todos os seus vários intervenientes.

No **capítulo 5**, para definir os princípios para a sustentabilidade do mobiliário urbano, começámos por determinar o que é a cidade sustentável, segundo o enquadramento que inicialmente estabelecemos.

Assim, e a partir dos autores consultados, começámos por referir a necessidade da informação para os habitantes sobre o modo como funciona a sua cidade, em particular o modo como metaboliza os recursos naturais energéticos e materiais, uma vez que esse conhecimento mais concreto contribuirá para uma maior consciencialização acerca dos resultados das acções que forem tomadas. Isso significará que uma ideia ou imagem da cidade, o mais correcta e concreta possível, será um requisito central, tão importante do ponto de vista social, por contribuir para a identidade dos seus habitantes, quanto para a redução dos impactos que causa na sua envolvente.

Para além disso, analisámos os modelos de cidade sustentável que têm sido também propostos ultimamente. A partir destes, julgamos poder determinar como questão central a necessidade da organização e estruturação dos actuais extensos territórios urbanizados conforme referem os autores consultados. São ideias centrais nessa estruturação a maior diversidade de usos e funções, em contraponto à urbanização segundo zonas monofuncionais, e o reforço dos actuais centros e a criação de novos, no sentido de criar o que resultará numa constelação estruturante e de referência para a construção da ideia da cidade, englobando todo o território, tanto as zonas mais centrais, como as periféricas.

Questão também central é a ideia da cidade como um organismo, sobretudo para aqueles que a gerem, concebem e constroem. Esta analogia – afinal mais conforme tanto com o sistema em questão como com uma visão mais contemporânea da realidade – traduz a dinâmica de constante crescimento e mutação, assim como a necessidade de que a cidade seja considerada como um todo, onde cada uma das suas partes, mesmo as que num primeiro relance possam ser consideradas desprezíveis, se relacionam, se interligam e têm influência nesse sistema. Mas mais central nesta ideia de organismo será a necessidade, para a generalidade de todos aqueles que habitam a cidade, de uma consciência do lugar que ocupam no todo e de todos os impactos que causa.

Básica para esta ideia será, conforme vimos, a necessidade da existência de um sistema de comunicação eficiente, que permita o feedback e o sentido de “baixo para cima”. Só deste modo poderá funcionar de facto este “organismo”, um sistema eficiente, mais flexível e adaptável às necessidades do momento, ao possibilitar processos imediatos de adaptação ou de auto-organização.

Nesta ideia da cidade como organismo torna-se para nós evidente o incontornável papel central que o espaço público terá que desempenhar nesse sistema, pela sua natureza, pelo seu desempenho para com a cidade.

Seja como for, vimos que vários autores que consultámos reconhecem a importância do espaço público, e da necessidade que desempenhe um papel central para a cidade, em particular se pretendemos uma cidade efectivamente sustentável segundo as diversas vertentes que aqui referimos.

O espaço público será de facto um elemento fundamental para a cidade do ponto de vista social, pelos contributos que dá à sua sociedade, como sucede na construção da imagem da cidade, e da identidade dos indivíduos e dos vários grupos sociais. Podemos mesmo concluir que o espaço público poderá ser um recurso muito importante para a sustentabilidade, porque, em conjunto com este desempenho na vertente social, pode também ser um meio importante para a poupança dos recursos naturais, uma vez que a partilha de recursos, equipamentos e artefactos faz parte da sua natureza. Se a partilha de recursos é uma das melhores maneiras de os poupar, se o excesso de individualismo, o isolamento e a falta de convívio são dos problemas das cidades actuais, se é fundamental a existência de um território estruturado, organizado por lugares com carácter e identidade, se é necessária uma sustentabilidade multidimensional e abrangente, então torna-se para

nós óbvio que o espaço público tem, sem dúvida, um papel fundamental a desempenhar nesse sentido.

Observando os princípios da sustentabilidade relativos à sociedade em geral, percebemos que alguns destes são comuns aos da cidade. É-nos possível também perceber que a vários deles se pode corresponder através do modo como pensarmos e usarmos o espaço público.

Assim, como estratégias gerais e de fundo para a sustentabilidade, reconhecemos a necessidade da redução do desgaste dos recursos naturais, a diminuição das desigualdades de acesso e oportunidades, a par do desenvolvimento da solidariedade. No entanto, parece-nos também muito importante o reforço da localização, em contraposição à globalização, assim como o reforço do uso do espaço público, sobretudo no sentido que defendemos.

Consequentemente, e especificamente em relação à cidade e ao espaço público, surgem-nos como soluções para os desafios que elencamos:

- O princípio da cidade compacta, diversa e de ciclos curtos, com autonomia local, não só ecológica, mas também política, e que seja estruturada e organizada com vários centros e zonas de usos diversos, com autonomia de identidade, também no sentido de facilitar a sua imagem;
- Nela, o espaço público deve ter a capacidade de desempenhar um papel preponderante para a cidade, que contribua para a identidade, a estrutura, compreensão e imageabilidade da cidade e do seu território, a coesão social, o convívio, a solidariedade e a partilha de recursos;
- Os usos do espaço público devem ser diversificados, reforçando aqueles que estão na sua origem: enquanto canal de difusão e comunicação de informação locais e informais; enquanto local de recursos e eventos únicos; enquanto local de outros usos de permanência, para além do lazer, como os cívicos e políticos, ou mesmo até de actividades privadas, desde que favoráveis;
- Deverá também ser reforçada a multifuncionalidade e diversidade do espaço público, assim como a adaptabilidade e a flexibilidade, possibilitando a coexistência e renovação de usos e utilizadores.

Como nos parece evidente, para que seja possível o desempenho que propomos, terão que ser garantidos ao espaço público diversos atributos. Entre eles estão os equipamentos e os artefactos que permitem o uso para cada cidadão que a ele aceda.

Especificamente em relação ao mobiliário urbano, compreendemos que a sua sustentabilidade será um assunto específico, com questões particulares, e que será necessário o abordar com especial atenção:

- Num primeiro patamar haverá, naturalmente, tal como sucede com as restantes produções humanas, as questões relativas ao produto em si. Vimos que este ponto é normalmente de menor peso neste caso, dada a fase de uso longa e o uso partilhado, com inúmeras utilizações, que normalmente ocorre;
- No entanto, o mobiliário urbano terá a particular capacidade de reduzir o impacto de outras actividades humanas, se substituir artefactos ou equipamentos de propriedade e uso privado;
- Adicionalmente, este conjunto de equipamentos e artefactos terá que ter também o atributo de contribuir para a qualidade e os desempenhos que apresentamos aqui para o espaço público. Por sua vez, assinalamos que este é um contexto muito exigente e com solicitações específicas.

Com o intuito de determinar princípios de sustentabilidade para o mobiliário urbano, e no seguimento da nossa linha de raciocínio, salientámos três vectores fundamentais:

- O reforço do uso do espaço público;
- O reforço da localização;
- A redução de desgaste de recursos naturais.

A partir daqui, e dos autores que consultámos para este assunto, definimos um conjunto de princípios de sustentabilidade para o mobiliário urbano:

1. Capacidade de contribuição para a imageabilidade e para a identidade
2. Contextualidade
3. Funcionalidade prática
4. Acessibilidade e integração de utilizadores
5. Legibilidade

6. Versatilidade e adaptabilidade
7. Diversidade de usos e multifuncionalidade
8. Durabilidade adequada
9. Poupança de recursos naturais em todo o ciclo de vida
10. Localidade dos processos
11. Compatibilidade e integração dos serviços e sistemas relativos
12. Processos de fabrico e de emprego de mão-de-obra eticamente correctos

A partir destes princípios fizemos uma avaliação preliminar da sustentabilidade de alguns dos casos de mobiliário urbano de Lisboa que apresentamos. Em resumo, concluímos que haverá hoje maior qualidade do espaço público de Lisboa, para a qual o mobiliário urbano dá o seu contributo. No entanto, esta melhoria verifica-se sobretudo na vertente formal e paisagística (por vezes até em demasia, a ponto de trazer dificuldades adicionais à sua manutenção); há também uma melhoria funcional e prática. No entanto julgamos poder afirmar que não se verifica uma evolução equivalente na vertente da diversificação dos seus usos; grande parte dos usos e propósitos do mobiliário urbano que actualmente encontramos mantêm-se inalterados de há várias décadas para cá.

Como resultado, poderemos afirmar que a sustentabilidade do mobiliário urbano de Lisboa é suficiente. No entanto, logo pelo seu conceito e natureza, o espaço público e mobiliário são sustentáveis; assim, o nível que actualmente se nos apresenta será um mínimo que quase garantidamente estes equipamentos e artefactos obtêm, dadas as características favoráveis, nomeadamente a longa fase de uso, uso esse que é partilhado (diríamos até que dificilmente se encontrará mobiliário urbano insustentável).

O mobiliário urbano está assim actualmente aquém das suas potencialidades. Pode ele dar maior contribuição para a sustentabilidade do espaço público e da cidade? Poderá, se forem potenciadas as suas características neste sentido, ou seja, se o seu processo de produção considerar os princípios que aqui apresentamos.

Estamos perante profundos desafios, relativos à absoluta necessidade de tornar a actual sociedade mais sustentável, para os quais é necessário considerar o conceito de sustentabilidade de um modo abrangente e nas diversas vertentes ou dimensões. Alguns desses desafios incidem especificamente na cidade, e em particular no seu espaço público.

Contudo, o espaço público (com os requisitos qualitativos e os equipamentos necessários para tal, claro está) pode desempenhar um papel central enquanto meio para uma sociedade e cidade mais sustentáveis, segundo o modo abrangente que aqui consideramos. Até certo ponto desempenha já (ou ainda) algumas das suas funções, quer do ponto de vista social (sendo o lugar do contacto pessoal, da sociabilização, de diversos eventos colectivos, contribuindo para a identidade social e para a imagem da cidade, etc.), ou do ponto de vista material, contribuindo, ainda que modestamente, para a diminuição do desgaste dos recursos naturais, contribuição essa que poderia ser maior se houvesse uma maior partilha de recursos e equipamentos.

A efectivação dos possíveis contributos do mobiliário urbano para um estilo de vida mais sustentável depende, em primeiro lugar, como é óbvio, das alterações que terão que suceder no âmbito mais alargado e profundo da sociedade: não bastará que surjam novos equipamentos no espaço público, será necessário que haja utilizadores interessados, já que a sua sustentabilidade não se verifica apenas no modo como é projectado, fabricado ou implantado, mas na totalidade da sua vida, incluindo o seu uso, sobretudo pela sua grande duração.

De qualquer modo, uma maior sustentabilidade do mobiliário urbano, com contributos consideráveis para a sustentabilidade do espaço público, dependerá, em grande parte, do modo como o ele e o espaço público forem produzidos – pensados, construídos, usados, mantidos – e que questões foram aí acauteladas e consideradas:

- Isso incluirá a definição de objectivos e propósitos conforme o que aqui defendemos como ponto de partida para a sua produção (e não apenas com os fins actualmente mais frequentes);
- Serão necessárias profundas alterações a nível prático e processual, com o recurso a processos de produção bastante diferentes daqueles que actualmente predominam;
- Estas alterações terão que incidir em particular nas atitudes, posturas e procedimentos de todos os vários intervenientes.

Neste sentido, note-se, é fundamental repensar os usos do espaço público. De facto, desde o século XIX até hoje, observamos profundas alterações a sociedade, as quais se reflectiram no modo como usamos o espaço público das cidades. Contudo, com esta investigação torna-se para nós evidente que essa grande evolução não se reflectiu numa inovação equivalente em novos enunciados para os seus usos; em certos aspectos, como vimos, terá havido até uma regressão.

Entre muitas outras vias e mudanças possíveis, seria desejável uma evolução que permita uma maior correspondência com o actual contexto, que possibilite a desejável diversificação dos usos do espaço público e do seu equipamento, e que poderá começar pela observação atenta de comportamentos e usos espontâneos, das solicitações e características dos utilizadores de espaço público, e também por uma abertura a novos e potenciais usos desse espaço, para além dos recreativos e dos fluxos e acessos que actualmente predominam¹⁶². Essa observação dos utilizadores, determinando, por exemplo, as solicitações específicas dos diversos grupos sociais, poderá revelar outras necessidades, e logo, muitas oportunidades de diversificação, renovação e requalificação do espaço público e do seu equipamento.

Observação, diálogo e contacto com os utilizadores de um equipamento será sempre necessário. O diálogo com os cidadãos, apesar de todas as eventuais dificuldades, terá como resultado a possibilidade do bom usufruto do espaço público. Ao ser excluído de todas as fases anteriores e confinado à utilização de mobiliário urbano que lhe é imposto, o cidadão poderá reagir através de uma “apropriação” de forma inadequada.

A participação cidadã não é só um princípio a preservar para a democracia, é também um meio para a sustentabilidade do mobiliário urbano, ao poder reduzir o uso indevido, o abandono e o vandalismo, e ao contribuir para a apropriação e a estima dos utilizadores.

O processo de produção do mobiliário urbano deverá assim ser reorientando, mais centrado no cidadão utilizador e no seu uso, e não tanto no seu fabrico e implantação. Parece-nos também fundamental que a produção de mobiliário urbano seja enquadrada no processo contínuo e de transformação permanente da cidade.

¹⁶² No seguimento do que expusemos, por exemplo, parece-nos ainda demasiado niveladora e homogeneizante a observação que predominantemente se faz da população para o início de um projecto. Mesmo o mobiliário urbano dedicado ao uso recreativo específico de uma classe etária, por exemplo, tem surgido de um modo algo errático: após o longo “reinado” dos parques infantis, as mesas de jogo e convívio para os reformados (talvez caso único português) surgiram sobretudo para que desaparecessem os muitos e imaginativos improvisos com caixas de cartão e outros desperdícios; entretanto têm surgido – bastante timidamente, pelo menos em Lisboa – os equipamentos para os “desportos radicais”, embora lentamente e só após longa insistência e resistência por parte das camadas mais jovens. Parece-nos demonstrativo o facto de continuarem a faltar equipamentos para o convívio e socialização dos jovens, como também referimos, sobretudo porque se trata de uma das camadas da população que mais poderia contribuir para a diversificação e intensificação do uso do espaço público.

A observação de outros grupos sociais poderia revelar outras necessidades.

Seria também desejável que todos os intervenientes, sobretudo aqueles com maior capacidade de decisão, procurassem praticar um processo menos baseado em fases hierarquizadas e estanques entre si.

Consequentemente, e cientes das limitações e perspectivas inerentes a esta investigação, propomos alguns tópicos como atitudes para os intervenientes:

- Câmara Municipal, intervenientes técnicos e administrativos:
 - Criação e/ou reforço de dispositivos e processos que permitam e promovam maior capacidade de intervenção do cidadão;
 - Atenção adequada, desde o início do projecto, à futura fase de manutenção do mobiliário urbano;
 - Criação de dispositivos locais de organização e centralização de informação e comunicação, que permitam um permanente acompanhamento da evolução das solicitações e usos do espaço público;
- Decisores políticos:
 - Menor recurso à “obra feita” no espaço público e maior observação do seu processo contínuo, sabendo-a protagonizar e conduzir;
 - Restringir menos os processos da cidade e do espaço urbano aos ciclos e calendários políticos e eleitorais, coordenando as duas vertentes;
 - Saber conduzir e protagonizar processos mais centrados no cidadão e com a sua participação;
- Decisores financeiros:
 - Este é talvez uma das vertentes com os maiores desafios, mas é fundamental serem mais frequentes atitudes como a que vimos no caso da Av. Brasil em Barcelona, onde se encontra uma solução financeira para uma necessidade;
 - Gestão adequada, centrada no seu uso, funcionamento manutenção, pode contribuir para a poupança pela sua optimização e maior rendimento. Torna-se de facto fundamental um modelo para o financiamento do espaço público, não focado apenas na sua construção, mas sobretudo de um modo mais abrangente, considerando-o como resultado de um processo contínuo onde o uso é parte integrante;
- Entidades privadas que actuam no espaço público ou através dele:
 - Determinação de usos e actividades privadas que sejam conciliáveis com o interesse público. O interesse e o investimento privado são um motor de dinamização, muitas vezes o seu recurso é também uma forma de encontrar financiamento, várias são as

ocasiões em que isso se tem comprovado. Essas actividades poderão ser também um modo de trazer mais usos e pessoas para o espaço público. No entanto, a rentabilização terá que decorrer – e confinar-se – ao serviço em si, não condicionando o espaço público ou a qualidade da prestação do seu mobiliário urbano a esse proveito;

- Fabricantes de mobiliário urbano:

- O seu lugar nos processos do mobiliário urbano é fundamental, já Vezoli e Manzini (2008) afirmaram que o contributo das empresas para a sustentabilidade é fundamental pela sua experiência e conhecimento nos processos produtivos. De igual modo, o seu contributo será precioso não só para uma maior sustentabilidade do mobiliário urbano como para um maior contributo destes equipamentos para a sustentabilidade do espaço público através de processos mais acessíveis e permeáveis do que os actuais;
- Desenvolver novos processos de produção, sobretudo mais dinâmicos, flexíveis e adaptáveis às diversas circunstâncias;

- Projectistas:

- Desenvolver novos programas para mobiliário urbano;
- Desenvolver novos equipamentos e soluções, mais centrados no utilizador e no local de inserção;

- Sectores culturais, universitários e de investigação:

- Com pouco relevo na realidade lisboeta, evidencia-se também a necessidade de uma maior atenção para o espaço público deste sector da sociedade, conforme refere Borja (2010). Só ele poderá consolidar a importância do espaço público providenciando-lhe, entre outros modos, uma base teórica e conceptual, assim como contribuir para o seu desenvolvimento e actualização através de uma investigação contínua e atenta, que permita a experimentação;
- Enfatizamos ainda que o que propomos poderá ter como base uma consolidação conceptual e teórica, já que, pelo que vimos, no caso do espaço público e do mobiliário urbano, os actuais problemas surgem não da sua natureza e conceito, mas sobretudo da prática dos processos e dos enviesamentos que daí decorrem.

- Cidadão:

- Um espaço público de qualidade, em conformidade com as necessidades e aspirações dos cidadãos só existe de facto se houver interesse e mobilização dos próprios cidadãos. A este interveniente cumpre-lhe assim exigir, em primeiro lugar uma maior atenção por parte dos restantes intervenientes; em segundo lugar cabe-lhe estar à altura das suas exigências e reclamações. Uma atitude exigente e interveniente exige consciência e responsabilidade;

- Cabe-lhe também assumir as atribuições e responsabilidades enquanto utilizador do espaço público, usando-o de um modo construtivo e consciente, em favor do interesse de todos, e contribuindo para a sua conservação e preservação;
- Finalmente, o cidadão poderá ainda procurar, para os seus problemas e necessidades, encontrar soluções cujo uso seja partilhado e em vez de recorrer a um artefacto ou equipamento de uso individual. Desses, alguns deles poderão ser mobiliário urbano.

6.1. Possibilidades de trabalho para o processo de produção do mobiliário urbano

A partir das conclusões que apresentamos, julgamos ser útil avançar ainda com algumas ideias para procedimentos que sejam conforme os pressupostos que aqui lançamos. Tal poderá contribuir para a consubstanciação das propostas que fazemos; fica-nos também a esperança que possamos assim suscitar o desafio para o desenvolvimento de trabalho posterior, tanto teórico, como prático, seja o seu sentido o mesmo deste ou não.

As propostas que se seguem surgem no intuito de contrapor a demasiada hierarquia e isolamento das fases e dos intervenientes que compõem o processo de produção do mobiliário urbano, conforme julgamos ter apresentado, sendo com isso possível o recurso a um processo mais dinâmico, flexível e adaptável. Não se tratam de propostas para ser “seguidas à letra”, são apenas ideias e conceitos apresentados para posterior reflexão e discussão.

Projecto, produção e uso num processo reversível

Levantando várias interrogações sobre a efectivação da participação, como já vimos, Ricart (2009) refere a escada da participação de Sherry Arnstein (1969) como sendo uma das referências para este debate. Trata-se de uma escala que vincula as estratégias políticas aos níveis de participação que possibilitam. Nos níveis mais baixos os objectivos dos poderes públicos são os de “educar” e “curar” o participante, numa lógica paternalista. Nos níveis superiores os cidadãos têm um papel relevante na tomada de decisões públicas, e não apenas nas decisões, mas também na gestão dos recursos e protocolos públicos.

Ricart recorre também a Cliff Moughtin (1992, cit. Ricart, 2009), o qual, interessado na aplicação da participação nos temas do design e planeamento urbano, realiza uma análise estabelecendo paralelismos entre a escala de Arnstein e outros aspectos relevantes: as técnicas de participação, o

sistema político onde se pode desenvolver, a escala espacial que pode abordar e o modo de planeamento. Segundo este quadro, para uma escala mais local, que inclui o prédio, a rua e o bairro, estes autores apostam numa democracia a meio caminho entre a participação plena e a pura representatividade, a qual, segundo defendem, está mais próximo das realidades locais. Esta análise, efectuada por Ricart, apresenta níveis progressivos de participação cidadã, considerando que essa intervenção se efectuará nas fases iniciais, de decisão e de projecto.

Esse é de facto, pelo que nos foi possível compreender, o pressuposto geral do debate sobre esta questão, já que essas serão as fases consideradas como fulcrais na maioria dos processos de produção. Haverá sempre, também no processo de produção do mobiliário urbano, uma ou mais fases de antevisão, previsão, planeamento, ou seja, de projecto. Por vezes a sua irreversibilidade é inevitável, o que as torna fulcrais para todo o processo. É por esse pressuposto que vários autores defendem que deverão sempre existir condições para que o cidadão possa aí intervir.

Contudo, procurando contribuir para esta reflexão, propomos que seja feito o raciocínio numa direcção complementar a esta, ou seja, não em relação a uma única fase, mas ao longo do processo.

Apresentámos já as razões pelas quais propomos o conceito de produção abrangente; observamos assim o processo de produção como um todo, reconhecendo a devida importância das suas diferentes fases. Adicionalmente, como também analisámos, há diversas ocasiões em que o cidadão acaba por ter de facto, apenas na fase de uso, uma intervenção maior e mais activa do que aquela que normalmente é considerada ou prevista.

No caso das cadeiras do Jardim do Luxemburgo, como vimos, se compararmos este processo com um processo habitual de um banco de jardim, poderemos afirmar que o cidadão ou utilizador substituiu o projectista na definição do local de implantação desse equipamento.

No caso do Parque das Conchas, vimos que foi adicionado um pavimento, reconhecendo e legitimando a “linha de desejo” que definiram os transeuntes. Não se trata de todo de uma novidade, no entanto, julgamos poder afirmar, que foi uma intervenção de êxito. No fim, tem valor equivalente ao desenho dos restantes caminhos e pavimentos desse mesmo parque desenhados inicialmente em projecto.¹⁶³

¹⁶³ Para além de diversas técnicas de observação e interacção com o utilizador que de um modo geral têm vindo a surgir no contexto do design industrial e de produto, o recurso à observação das acções predominantes dos utilizadores para a elaboração ou revisão e adaptação de um projecto tem vindo a ser um procedimento cada vez mais frequente no design de interfaces. No

Por sua vez, até como cidadãos observamos que o uso indevido ou descuidado, o vandalismo e o roubo, assim como uma manutenção e conservação desadequadas, serão grande parte das causas para o fim de vida do mobiliário urbano. Haverá, afinal, sempre interações ou intervenções no espaço público por parte dos seus utilizadores, sejam elas mais destrutivas ou mais construtivas, mais espontâneas ou mais premeditadas, mais temporárias ou mais permanentes, mais ligeiras ou mais profundas.

Parece-nos assim que afinal a fase de uso é também de importância considerável, não só por uma questão de princípio, conforme aqui defendemos, mas porque efectivamente acabará por ter impacto decisivo na totalidade do processo de produção e na sustentabilidade do mobiliário urbano.

Nesta perspectiva, uma outra possibilidade para a efectivação da participação cidadã poderá ser na fase de uso. Poderão daí surgir procedimentos mais “naturais” e mais fáceis para o cidadão, e que suscitem menos dificuldades (ou pelo menos outras) do que a intervenção na fase de projecto. Adicionalmente, em certas circunstâncias, experimentação e prototipagem poderão ser testado em situações reais.

Contudo, aqui a questão central estará na legitimidade dessas actuações, assim como na sua legitimação e consequência. Isso pressupõe o reconhecimento por parte dos restantes intervenientes e a consequente integração no restante processo de produção. Adicionalmente, neste caso torna-se fundamental a reversibilidade do processo de produção de modo a que permita evitar a hierarquia das suas fases.

Propomos afinal, que no debate sobre a participação cidadã se questione o próprio processo de produção, pelo menos o “clássico”, composto por fases sucessivas e hierarquizadas. Julgamos que será pertinente reflectir sobre todo o processo, sobretudo se for aí que reside a raiz do problema. Tal parece, aliás, em confluência com as perspectivas mais sustentáveis, conforme já referimos.

O ciclo de vida de um produto segundo os princípios de sustentabilidade (ainda que o objectivo seja a redução do desgaste dos recursos) já não é visto como algo com princípio e fim, mas

espaço público (para além do procedimento através da observação e da experimentação que nos parece ser frequentemente usada no planeamento do tráfego), alguns autores têm referido as “linhas de desejo” para o planeamento dos transportes e deslocações, ao considerar o que serão os trajectos predominantes. Neste sentido, é também defendida a observação do desgaste dos solos e vegetação causado pelas predominâncias de atravessamentos. (Throgmorton & Eckstein, 2000; FARIA et al., 2004; Myhill, 2004)

contínuo e cíclico. Lógico será pensar nesse princípio de modo mais abrangente, incluindo o próprio projecto.

Por sua vez, se nos é possível considerar que a cidade se constitui através de um processo contínuo de produção, poderemos pôr a hipótese para o mobiliário urbano de um processo de produção também contínuo, ou seja, sem princípio e fim, pelo que o planeamento/projecto, produção e uso deixam de ter a ordem normalmente definida. A fase decisiva deixa de ser, necessariamente, a de planeamento; a de uso não é a última, quer cronologicamente, quer na hierarquia. A fase de uso deixa de ser apenas resultado, mas pesa, também por si, como decisão e pelo seu impacto no futuro.

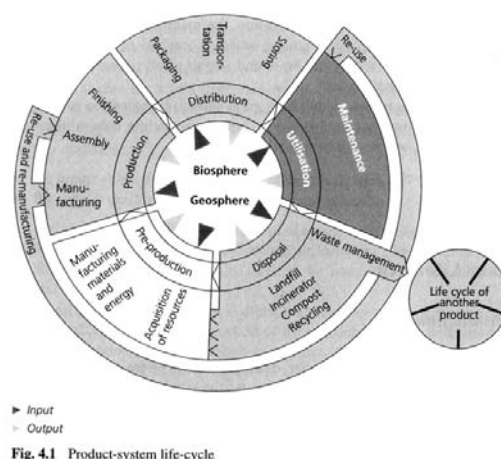


Figura 148: Ciclo de vida do produto (Vezzoli e Manzini, 2008)

Um processo permanente e contínuo

Através do raciocínio que agora apresentamos, já reflectimos sobre as questões e problemas que estarão inerentes à excessiva “compartimentação” das suas fases. Defendemos por isso uma maior reversibilidade entre as mesmas, assim como uma maior comunicação e interacção entre os intervenientes.

No debate da participação cidadã tem sido defendida a maior capacidade de intervenção do cidadão, conforme ainda agora referimos. Isso significará que caberão a este interveniente outros atributos para além do de utilizador. Aproveitamos para assinalar que essa acumulação sucede actualmente com os outros intervenientes: se num primeiro relance diríamos que se circunscreveriam às fases iniciais, o facto é que o mobiliário urbano acaba por lhes trazer diversos proveitos na sua fase de uso (referimo-nos àqueles que vão para além dos que lhes caberiam enquanto cidadãos).

O resultado destas propostas será uma eventual tendência para a difusão por um lado, de atribuições aos diversos intervenientes, e por outro, por consequência, das fases que compõem o processo de produção. Se o cidadão actuar na fase de projecto e na fase de uso, o resultado pode ser uma menor distinção entre elas, sobretudo se tal suceder num processo reversível. Projecto, experimentação e uso, por exemplo, poderão ser, tal como em processos mais simples, conforme vimos, intervenções que se tornam simultâneas ou difíceis de distinguir.

A difícil distinção de fases, surja ela da contínua e rápida sucessão ou da sua simultaneidade, é o que poderemos encontrar referido em muitos outros autores que abordam o tema da metodologia do design. Lawson (2007) e Burdek (1999) consideram que a estrutura desse processo não deverá seguir, ou raramente segue, na sua prática, uma estrita sucessão linear e hierárquica de fases herméticas entre si. Numa reflexão sobre a questão dos aspectos da teoria e metodologia do design que remetem para a filosofia, Burdek refere o processo dialético (tese-antítese-síntese) de Hegel, que sucederá na evolução em geral, e em particular no conhecimento humano e na história das ideias, e que se traduzirá numa progressão espiral e contínua (Figura 149). Lawson apresenta, no fim do capítulo onde aborda esta questão, a figura 150, o qual nos parece descrever bem um processo que, construído também segundo uma dinâmica dialética, resulta não numa estrutura linear e unidirecional, mas antes, bem longe disso, num “volume” – o que será afinal equivalente ao “campo de actuação” ou “de possibilidades” que já refere Eco (1989) – que permeia o problema e a solução. Nesta lógica, refira-se, as fases de projecto dificilmente serão determináveis de um modo absoluto.

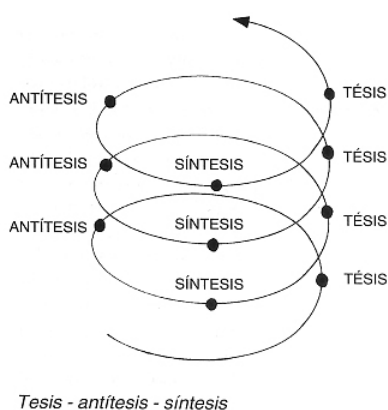


Figura 149: Processo dialético na evolução do processo de design (Burdek, 1999:129)

Este processo evolutivo e contínuo é o que se verifica afinal também na cidade, em permanente mutação de utilizadores, solicitações e usos, cuja concretização está também em constante mudança. Recordemos que é por esta razão que Luz Valente Pereira (1991) defende para a reabilitação urbana a necessidade de um processo permanente e contínuo, de leitura e intervenção,

cujo resultado seja não um plano fechado, desactualizado logo desde esse momento, mas uma evolução de intervenções.

A constante mutação e grande dinâmica será também, conforme vimos, a base do conceito de “cidade orgânica” de Lynch (2010) e que Shane (2005) reforçou através do cruzamento que faz com as propostas de Capra (1996). Refira-se, que neste conceito, baseado em “sistemas auto-organizativos”¹⁶⁴, a estabilidade, ainda que precária, decorrerá de “estruturas dissipativas”¹⁶⁵ que surgem (a partir da postura dinâmica dos actores urbanos de observação e comunicação permanente) como resposta a pressões específicas do momento e que desaparecem quando já não são necessárias, uma vez que dependem da energia que dissipam com a sua envolvente (Shane, 2005:54-55).

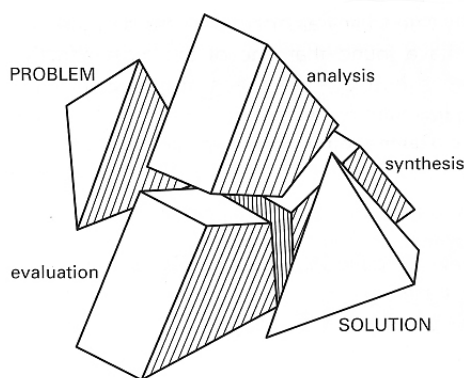


Figura 150: Processo de design (Lawson, 2007:49)

Relembramos ainda a génese da produção dos artefactos do espaço colectivo que colocamos em hipótese. A iniciativa directa e imediata de construção e colocação de um artefacto por um cidadão para corresponder a uma necessidade imediata, será afinal um processo simultâneo e levado a cabo por um único interveniente. A sua duração e permanência para os utilizadores posteriores, em que estes o reutilizam, adaptam, renovam, ou destroem, permitirá a evolução contínua e permanente.

Assim sendo, o processo de produção do mobiliário urbano mais sustentável será também o que for contínuo e permanente, correspondendo às solicitações do momento, decorrentes do utilizador do espaço público e da cidade envolventes e/ou da interacção dos dois. Parece-nos aliás, que no contexto da cidade, esse dinamismo requerido, poderá até ser mais viável com concretizações e estruturas de escala mais reduzida como é o caso do mobiliário urbano.

¹⁶⁴ No original “self-organizing systems”

¹⁶⁵ No original “dissipative structures”

Conceber, usar, fazer, manter, tornam-se acções que dificilmente se distinguirão: a sua versatilidade adaptabilidade e flexibilidade serão conseguidas através de um fabrico reversível e que permite diversidade de usos, a modificação ou reconstrução no uso; ajudado por uma durabilidade adequada, o uso cuidado e responsável, é componente importante na manutenção e conservação; a adaptabilidade e a possibilidade de reutilização e regeneração permitem o reinício do ciclo.

or sua vez, todos os intervenientes poderão e deverão interagir deste modo variado, pelo que se tornará potencialmente irrelevante distingui-los através das mesmas neste processo. Esta eventual simplificação ou agilização pode também contribuir para tornar o processo de produção mais acessível aos intervenientes, assim como para a maior proximidade entre eles.

Poderá assim proliferar a comunicação e o diálogo entre os intervenientes, os quais, conforme vimos, são fundamentais para a sustentabilidade e a melhor evolução, contínua e permanente. Daí resultará uma possibilidade de melhorias contínuas, uma maior adaptabilidade, e o desempenho é melhorado ao longo da sua vida através da evolução do uso.



Figura151: Cadeiras no espaço público de Vila do Bispo, defronte do Centro de Dia (foto do autor, 4/2003). Sem lugar para sentar nessa rua, foram improvisados estes "bancos públicos". Sem outro valor para além desse uso, estes lugares foram sendo mantidos no local de preferência dos seus utilizadores até a Câmara Municipal os ter substituído por um banco de catálogo. Contudo, esse banco apenas tem três lugares, pelo que posteriormente regressaram alguns assentos improvisados.

O maior reconhecimento da intervenção do cidadão que permitirá um processo mais dinâmico, mais ágil e mais reversível, possibilitará também um maior equilíbrio nas concretizações entre o que decorre da cidade instituída e da cidade usada, assim como numa amenização da clivagem

entre os usos centrais e os marginais. Se por essa via não se concretizar alguma contraposição da predominância da globalização que abordámos, tal poderá ainda suceder através do maior recurso aos meios locais na produção que nos parece que naturalmente ocorrerá com este processo.

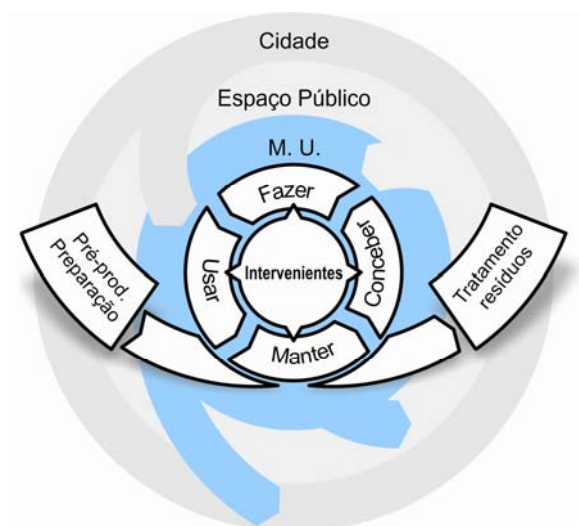


Figura 152: Esquema de possibilidade de um processo de produção do mobiliário urbano cíclico, reversível, dinâmico e contínuo (elaboração do autor).

Bibliografia

- Abrantes, L. (1998). Linhares: antiga e nobre vila da Beira, museu de arte da Serra da Estrela □: monografia de arte, história e etnografia. Publicações Estrela.
- Academia das Ciências (Lisboa). (2001). Dicionário da língua portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa. 2 G - Z. Lisboa: Verbo.
- AccountAbility. (2008). AA1000 AccountAbility Principles Standard. Consultado em <http://www.accountability.org/standards/aa1000aps.html>
- Águas, S. (2009). Design De Candeeiros De Iluminação Pública Para a a Sustentabilidade Do Espaço Público. Universitat de Barcelona, Barcelona.
- Alexander, C. (1964). Notes on the Synthesis of Form. Harvard University Press.
- Alexander, C. (1978). A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction. OUP USA.
- Alphand, J.-C. A. (1867). Les promenades de Paris histoire, description des embellissements dépense de création et d'entretien des Bois de Boulogne et de Vincennes Champs Élysées, parcs, squares, boulevards, places plantées étude sur l'art des jardins et arboretum (Facsimile 2002.). Paris: Connaissance et Mémoires.
- Amaral, F. K. do; Bárbara, J. S. (2002). Mobiliário Dos Espaços Urbanos Em Portugal. João Azevedo Editor.
- ANACOM. (2011, Julho 22). Situação das Comunicações 2010. ANACOM. Consultado em Abril 4, 2012, em <http://www.anacom.pt/render.jsp?contentId=1093086>
- Aragall, F. (2003). Barcelona, del pla d'accessibilitat a la ciutat per a tothom. Ajuntament de Barcelona.
- Arnstein, S. R. (1969). A ladder of citizen participation. Journal of the American Institute of planners, 35(4), 216–224.
- Arquivo Municipal de Lisboa, Folque, F., Viegas, I. M., Tojal, A. A., Almeida, I.; Ramalho, M. T. (2000). Atlas da carta topográfica de Lisboa: sob a direcção de Filipe Folque, 1856-1858. Câmara Municipal de Lisboa, Departamento de Património Cultural, Arquivo Municipal de Lisboa.
- Ascher, F. (2007). Los Nuevos Principios Del Urbanismo: El Fin De Las Ciudades No Está a La Orden Del Día (2a reimpr.). Madrid: Alianza.
- Bahnam, R., Barker, P., Hall, P.; Price, C. (1969, Março). Non-Plan: na experiment in freedom. New Society, (338), 435–443.
- Barles, S.; Guillaume, A. (1998). Histoire, statuts et administration de la voirie urbaine", . Revue générale des routes, (766), 1–20.
- Barton, H. (1996). Going Green by Design: The broad policy considerations of a sustainable approach and the implications for settlements. Urban Design Quarterly, 13–17.
- Baudrillard, J. (2007). A Sociedade de Consumo. Edições 70.
- Bauman, Z. (2006). Comunidad: En busca de seguridad en un mundo hostil. Siglo XXI de España Editores.
- Benevolo, L. (1987). ORIGENS DA URBANISTICA MODERNA, AS. Presença.
- Bentley, I. (1990). Urban design. Pt. 3: ecological urban design. Architects' Journal, 192, 69–71.

- Bentley, I., Alcock, A., Murrain, P., McGlynn, S.; Smith, G. (1985). *Responsive environments: A manual for designers*. Architectural Press London.
- Berger, B. M. (1960). *Working-Class Suburb: A Study of Auto Workers in Suburbia*. University of California Press.
- Bhamra, T.; Lofthouse, V. (2007). *Design for Sustainability: A Practical Approach*. Gower Publishing, Ltd.
- Blowers, A. (1993). *Planning for a sustainable environment: a report*. Earthscan Publications.
- Bonsiepe, G. (1992). *Teoria e Prática do Design Industrial: elementos para um manual crítico*. Centro Português de Design.
- Borja, J. (1998). *Ciudadanía y espacio público. Ciutat real, ciutat ideal□: significat i funció a l'espai urbà modern□: Debat de Barcelona (III) (Vol. 7)*. Presented at the Urbanitats, Barcelona: Centre de Cultura Contemporània de Barcelona.
- Borja, J. (2000). *Fazer Cidade na Cidade Actual. Centros e Espaço Públicos como Oportunidades. Espaço Público e a Interdisciplinaridade (pp. 79–89)*. Centro Português de Design.
- Borja, J. (2010). *Llums I Ombres De L'urbanisme De Barcelona*. Biblioteca universal. Barcelona: Empúries.
- Borja, J.; Castells, M. (1997). *Local y Global: La Gestión de las Ciudades en la Era de la Información*. Taurus.
- Borja, J.; Muxi, Z. (2001). *L'Espai Public: Ciutat I Ciutadania*. Barcelona: Diputacio de Barcelona.
- Braga, P. B. (1995). *Mobiliário urbano de Lisboa: 1838-1938 Tese Mestrado História da Arte*. Universidade Nova de Lisboa.
- Brandão, P. (2002). *O chão da cidade: Guia De Avaliação Do Design De Espaço Público*. (Centro Português de Design, Ed.). Lisboa: Centro Português de Design.
- Brandão, P. (2005). *Ética E Profissoes No Design Urbano Convicção, Responsabilidade E Interdisciplinaridade: Traços Da Identidade Profissional No Desenho Da Cidade*. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- Brandão, P.; Remesar, A. (2000). *O espaço público e a interdisciplinaridade*. Centro Português de Design.
- Brezet, H.; Hemel, C. V. (1997). *EcoDesign: A Promising Approach to Sustainable Production and Consumption*. United Nations Environment Programme, Industry and Environment, Cleaner Production.
- Broadbent, G. (1990). *Emerging concepts in urban space design*. Van Nostrand Reinhold (International).
- Brothie, J. F. (1995). *Cities in Competition: Productive and Sustainable Cities for the 21st Century*. Longman Australia.
- Brown, T.; Wyatt, J. (2007). *Design Thinking for Social Innovation*. (Leland Stanford Jr. University, Ed.) *Stanford Social Innovation Review*, (Winter 2010), 31–35.
- Burdek, B. E. (1999). *Diseño: historia, teoria y practica del diseño industrial*. Gustavo Gili, SA.
- Caetano, C. (2004). *A ribeira de Lisboa na época de expansão portuguesa (séculos XV a XVIII)*. Pandora.
- Caetano, M. (1991). *Manual de direito administrativo (10a ed.)*. Coimbra: Almedina.

- Camara Municipal Lisboa. (2004a, Março 4). Proposta de segundo aditamento ao contrato de fornecimento de mobiliário urbano celebrado entre a Câmara Municipal de Lisboa e a Cemusa Portugal - Companhia de Mobiliário Urbano e Publicidade, S. A., em 30 de Outubro de 1995. Boletim Municipal, (524), 594.
- Camara Municipal Lisboa. (2004b, Junho 17). Proposta da Aditamento ao Contrato de Fornecimento de mobiliário urbano celebrado entre a Câmara Municipal de Lisboa e a JCDecaux Portugal em 13 de Julho de 1995. Boletim Municipal, (539), 54–56.
- Capra, F. (1996). *The web of life: a new scientific understanding of living systems*. Anchor Books.
- Carmona, M. (2009). Sustainable Urban Design: Definitions and Delivery. *International Journal for Sustainable Development*, 12(1), 48–77.
- Carmona, Matthew, Heath, T., Tiesdell, S.; Oc, T. (2010). *Public Places - Urban Spaces*. Routledge.
- Carson, R. (1962). *Silent Spring*. Boston (Mass.): Houghton Mifflin.
- Castells, M. (2002). ERA DA INFORMACAO I SOCIEDADE EM REDE: ECONOMIA, SOCIEDADE E CULTURA- A SOCIEDADE EM REDE. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cerasi, M. (1990). El espacio colectivo de la ciudad: Construcción y disolución del sistema público en la arquitectura de la ciudad moderna. Oikos-Tau.
- Charter, M.; Chick, A. (1997, Abril). Editorial. *The Journal of Sustainable Product Design*, 1.
- Choay, F. (1970). L’histoire et la Méthode en Urbanisme. *Annales ESC*, (Juillet-Août).
- Clarke, P. (2008). Urban planning and design. Sustainable urban design □: an environmental approach. RITCHIE, Adam, THOMAS, Randall (eds.).
- Corbusier, L. (1973). *The Athens charter*. Grossman Publishers.
- Couto, D. (2004). *História de Lisboa. Gótica*.
- Czaja, S.; Nair, S. (2006). *Human Factors Engineering And Systems Design. Handbook of human factors and ergonomics*. New Jersey: Wiley - John Wiley & Sons.
- Daniels, P. W. (1993). *Service Industries in the World Economy*. Blackwell.
- DECO PROTESTE, Editores, Lda; DECO Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor. (2011). O que é o direito de admissão? - Turismo e viagens - SOS Consumidor - DECO PROTESTE. Consultado em Setembro 29, 2011, em <http://www.deco.proteste.pt/discotecas-e-bares/o-que-e-o-direito-de-admissao-s377761.htm>
- Dewberry, E. L. (1996). *Ecodesign - Present Attitudes and Future Directions*. Open University Press.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. (2011, Outubro 14). Mobiliário urbano. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Consultado em Outubro 14, 2011, em <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=mobili%u00e1rio+urbano>
- Duby, G.; Ariès, P. (1999). *História da vida privada: Do Império romano ao Ano Mil*. Companhia das Letras.
- Eco, U. (1989). *Obra aberta*. Difel (portugal).
- Edwards, B. (2000). *Sustainable housing: principles & practice*. Taylor & Francis.
- Ellin, N. (2006). *Integral urbanism*. CRC Press.
- Ellin, Nan. (1999). *Postmodern Urbanism (Revised ed.)*. Princeton Architectural Press.

- European Commission; others. (1990). Green paper on the urban environment. Brussels: European Commission.
- FARIA, C. A., VIEIRA, J., SORRATINI, J. A.; MACEDO, M. H. (2004). MATRIZ ORIGEM/DESTINO - UM INSTRUMENTO PARA A OTIMIZAÇÃO DO TRANSPORTE PÚBLICO URBANO POR ÔNIBUS. Congresso de Métodos Computacionais em Engenharia. Lisboa.
- Ferrão, P., Rosado, L.; Niza, S. (2007). Matriz dos Materiais de Lisboa 2004. Lisboa E-Nova – Agência Municipal de Energia-Ambiente de Lisboa. Consultado em http://lisboaenova.org/index.php?option=com_content&task=view&id=155&Itemid=220
- Font, J.; Blanco, I. (2003). Polis, La Ciutat Participativa: Participar En Els Municipis: Qui, Com I Per Què? (Organisme Autònom Flor de Maig, Ed.). Barcelona: Diputació de Barcelona, Xarxa de Municipis.
- Forrester, J. W. (1969). Urban dynamics. M.I.T. Press.
- Fuad-Luke, A. (2012). Design Activism: Beautiful Strangeness for a Sustainable World. Routledge.
- Fuller, R. B. (1963). An Operating Manual for Spaceship Earth (2010th ed.). The Buckminster Fuller Institute. Consultado em <http://www.bfi.org/about-bucky/resources/books/operating-manual-spaceship-earth>
- Fundação Calouste Gulbenkian. (2001). Arte efêmera em Portugal. [Lisbon]: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Garreau, J. (1991). Edge City: Life on the New Frontier. Anchor Books.
- Georgescu-Roegen, N. (1995). La décroissance: Entropie, écologie, économie. Editions Sang de la terre.
- Goitia, F. C. (1996). Breve história do urbanismo. PRESENÇA II.
- Grupo 2C. (2009). La Barcelona de Cerdà. Barcelona: Flor del Viento Ediciones.
- Guillerme, A. (1983). Temps de L'eau. Editions Champ Vallon.
- Habermas, J. (1989). The Structural Transformation of the Public Sphere, trans. Thomas Burger. Cambridge: MIT Press, 85, 85–92.
- Hardingham, S. (Ed.). (2003). Cedric Price: Opera (Architectural Monographs (1st ed.). Academy Press.
- Hart, S. L. (1997). Beyond Greening: Strategies for a Sustainable World. Harvard business review, 75(1), 66–76.
- Harvey, D. (1989). The condition of postmodernity an enquiry into the origins of cultural change. Cambridge (Mass.); Oxford; Carlton (Australie): Blackwell.
- Haughton, G.; Hunter, C. (2003). Sustainable cities (Vol. 7). Spon Press.
- Heisenberg, W. (1962). Physics and philosophy: the revolution in modern science. Harper & Row.
- Hemel, C. V. (1994). Lifecycle Design Strategies for Environmental Product Development. Workshop Design-Konstruktion. Technical University of Denmark.
- Hemel, C. G. van. (1998). EcoDesign Empirically Explored: Design for Environment in Dutch Small and Medium-sized Enterprises: Proefschrift ... Technische Universiteit Delft. Consultado em <http://repository.tudelft.nl/view/ir/uuid%3A75508637-dede-40f1-b232-85e12fcc4440/>

- Hough, M. (1984). *City form and natural process: Towards a new urban vernacular*. Croom Helm New York.
- Hunter, A. (1987). The symbolic ecology of suburbia. *Neighborhood and community environments*, 9, 191–219.
- Ingersoll, R. (1992). The Disappearing Suburb. *Design Book Review*, (26 Fall 1992), 5–8.
- Instituto Nacional de Estatística. (2008). Conceito de cidade. Conceitos - Detalhe. Consultado em Dezembro 24, 2008, em http://metaweb.ine.pt/sim/conceitos/Detalhe.aspx?ID=PT&cnc_cod=4692&cnc_ini=29-03-2004
- Instituto Português da Qualidade; CT 164. (2008, Fevereiro). Norma Portuguesa NP 4469-1. IPQ.
- International Organization for Standardization. (2009a). ISO 14000 - Environmental management. Consultado em Abril 15, 2009, em <http://www.iso.org/iso/home/standards/management-standards/iso14000.htm>
- International Organization for Standardization. (2009b). DRAFT INTERNATIONAL STANDARD ISO/DIS 26000. Consultado em <http://www.iso26000qsp.org/2010/01/download-da-isodis-26000.html>
- Isard, W. (1962). *Location and space-economy: a general theory relating to industrial location, market areas, land use, trade, and urban structure*. M.I.T. Press.
- Jabareen, Y. R. (2006). Sustainable urban forms. *Journal of Planning Education and Research*, 26(1), 38–52.
- Jacobs, A.; Appleyard, D. (1987). Toward an Urban Design Manifesto. *Journal of the American Planning Association*, 53(1), 112–120. doi:10.1080/01944368708976642
- Jacobs, J. (1997). *Death and Life of Great American Cities* (New ed.). Random House Inc.
- Janeiro, M. J. (2006). *Lisboa: história e memórias*. Livros Horizonte.
- Jarvis, R. K. (1980). Urban environments as visual art or as social settings? *Town Planning Review*, 51(1), 50.
- JCDecaux SA. (2009). 1964 / Historique JCDecaux / Le groupe JCDecaux / Accueil - JCDecaux. Consultado em Outubro 14, 2011, em <http://www.jcdecaux.com/fr/Le-groupe-JCDecaux/Historique-JCDecaux/1964>
- JCDecaux SA. (2011). Document de Référence 2010. Consultado em http://www.jcdecaux.com/fr/content/download/1518/27806/version/3/file/Document_Reference_2010.pdf
- JEGOU, F.; Manzini, E. (2008). COLLABORATIVE SERVICE - SOCIAL INNOVATION AND DESIGN SUSTAINABILITY. www.hoepli.it. Consultado em Julho 7, 2012, em http://www.sustainable-everyday.net/main/?page_id=38
- Jornal de Notícias. (2007, Março 10). Substituição de candeeiros suspensa após protestos - JN. JN. Consultado em http://www.jn.pt/paginainicial/interior.aspx?content_id=693443
- Jornal Expresso. (2011, Outubro 17). Carro representa metade dos gastos dos portugueses em energia. Expresso. Consultado em Julho 10, 2012, em <http://expresso.sapo.pt/carro-representa-metade-dos-gastos-dos-portugueses-em-energia=f681160>
- Junta de Freguesia de Carnide. (2009, Setembro). Junta obriga Câmara a explicar a tribunal obras. Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide, (No 88 Ano VIII), 6–11.
- Kelling, G. L.; Wilson, J. Q. (1982). Broken windows. *Atlantic Monthly*, 249(3), 29–38.

- Knox, P.; Pinch, S. (2000). *Urban Social Geography: An Introduction*. Prentice Hall.
- Kostof, S. (1991). *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History* (New ed.). Thames & Hudson.
- Lalli, M. (1988). Urban identity. (D. Canter, Ed.) *Environmental Social Psychology*. NATO ASI Series, Behavioral and Social Sciences, 45, 303–311.
- Larousse Publishers. (2011a, Outubro 14). mobilier. Larousse.fr - Dictionnaires. Consultado em Outubro 14, 2011, em <http://www.larousse.com/en/dictionnaires/francais/mobilier/51880/locution>
- Larousse Publishers. (2011b, Outubro 14). Abribus. Larousse.fr - Dictionnaires. Consultado em Outubro 14, 2011, em <http://www.larousse.com/en/dictionnaires/francais/Abribus/222>
- Latouche, S. (2007a). *Sobrevivir Al Desarrollo: De La Descolonización Del Imaginario Económico a La Construcción De Una Sociedad Alternativa*. Barcelona: Icaria.
- Latouche, S. (2007b). *Petit traité de la décroissance sereine*. Mille et une Nuits.
- Lawson, B. (2006). *How Designers Think: The Design Process Demystified*. Elsevier/Architectural.
- Lefèbvre, H. (1974). *La production de l'espace*. Éditions Anthropos.
- Leinberger, C. B.; Lockwood, C. (1986, Outubro). *How Business is Reshaping America*. The Atlantic Monthly. Consultado em <http://www.theatlantic.com/past/docs/issues/95nov/malls/howbiz.htm>
- Lighting Living Lab. (2011, Fevereiro). 15/02/2011_documento de referência de eficiência energética na iluminação pública. Lighting Living Lab. Consultado em Dezembro 30, 2011, em <http://www.lighting-living-lab.pt/mp/noticias/15-02-2011-documento-de-referencia-de-eficiencia-energetica-na-iluminacao-publica/>
- Lisboa E-Nova - Agência Municipal de Energia - Ambiente de Lisboa; Livia Tirone (Coord.). (2006). *Matriz da Água de Lisboa 2004*. Consultado em http://lisboaenova.org/images/stories/Publicacoes_LEN/Water_Matrix/Matriz_agua.pdf
- Lisboa, M. H. (2002). *Os engenheiros em Lisboa: urbanismo e arquitectura (1850-1930)*. Livros Horizonte.
- Lloyd-Jones (ed.), T. (2004). *URBAN DESIGN FOR SUSTAINABILITY - Final Report of the Working Group on Urban Design for Sustainability to the European Union Expert Group on the Urban Environment*. Consultado em http://ec.europa.eu/environment/urban/pdf/0404final_report.pdf
- Lynch, kevin. (1990). *A Imagem da Cidade* (Edições 70.). Lisboa.
- Lynch, kevin. (2010). *A Boa Forma da Cidade* (Edições 70.). Lisboa.
- Lynch, K. (1976). *Managing the Sense of a Region*. Cambridge, Mass.
- MacKenzie, D. (1991). *Green Design: Design for the Environment*. L. King.
- Madeira, T. (2001). *A Evolução dos Espaços Públicos na Cidade de São Tomé. A Praça na Cidade Portuguesa* (pp. 43–68). Livros Horizonte.
- Manzini, E. (1990). *The New Frontiers: Design Must Change and Mature*. Design Magazine, The Design Council, (501), 9.
- Manzini, E. (1994). *Design, Environment and Social Quality: From “Existenzminimum” to “Quality Maximum.”* Design Issues, 10(1), 37–43. doi:10.2307/1511653

- Manzini, E.; Cullars, J. (1992). Prometheus of the Everyday: The Ecology of the Artificial and the Designer's Responsibility. *Design Issues*, 9(1), 5–20. doi:10.2307/1511595
- Marc, A. (1998). *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa: Bertrand.
- Marchioni, M. (1994). *La Utopía Posible: La Intervención Comunitaria En Las Nuevas Condiciones Sociales*. Santa Cruz de Tenerife: Benchomo.
- Martins, J. P. (2000). Projecto de Requalificação da Praça da Figueira - Fase de Projecto Base. Espaço Público e a Interdisciplinaridade (pp. 232–237). Centro Português de Design.
- Mau, B., Leonard, J.; Boundaries, I. without. (2004). *Massive change*. Phäidon.
- McDonough, W.; Braungart, M. (2002). *Cradle to Cradle: Remaking the Way We Make Things*. North Point Press.
- Meadows, D. H. (1972). *The Limits to Growth: A Report for the Club of Rome's Project on the Predicament of Mankind*. Earth Island Limited.
- Moita, I. (Ed.). (1994). *O livro de Lisboa*. Livros Horizonte.
- Moughtin, C. (2003). *Urban design: street and square* (Vol. 5). Architectural Press Amsterdam, The Netherlands. Consultado em <http://www.getcited.org/pub/100436274>
- Mumford, L. (1962). The Case Against“ modern Architecture”. *The Future of the City*, Parts I and II. *Architectural Record*, (131 - 132).
- Myhill, C. (2004). Commercial success by looking for desire lines. *Computer Human Interaction* (pp. 293–304). Consultado em <http://www.springerlink.com/index/L55VG6EXR8MV3KFP.pdf>
- Narboni, R. (1995). *La lumière urbaine: éclairer les espaces publics*. Le Moniteur.
- Naredo, J. M. (1997, Junho 30). Sobre el origen, el uso y el contenido del término sostenible. *Ciudades para un Futuro más Sostenible*. Consultado em Julho 8, 2012, em <http://habitat.aq.upm.es/cs/p2/a004.html>
- Naredo, J. M. (2003). *La Economía En Evolución: Historia Y Perspectivas De Las categorías Básicas Del Pensamiento Económico* (3a ed. corr. y act.). Madrid: Siglo XXI.
- Naredo, J. M. (2006). *Raíces Económicas Del Deterioro Ecológico Y Social: Más Allá De Los Dogmas*. Madrid: Siglo XXI.
- Naredo, J. M.; Rueda, S. (1997, Junho 30). La “ciudad sostenible”: Resumen y Conclusiones. *Ciudades para un Futuro más Sostenible*. Consultado em Março 12, 2007, em <http://habitat.aq.upm.es/cs/p2/a010.html>
- NASA. (2009, Outubro 20). *Blue Marble Next Generation* □: Feature Articles. History of the Blue Marble. Consultado em Outubro 20, 2009, em http://earthobservatory.nasa.gov/Features/BlueMarble/BlueMarble_history.php
- National Gallery of Art. (2011, Setembro). *The Invention of Glory: Afonso V and the Pastrana Tapestries*. Consultado em Julho 8, 2012, em <http://www.nga.gov/exhibitions/pastranainfo.shtm>
- Niza, S. (2007). *UMA AVALIAÇÃO DE METABOLISMO DA ECONOMIA PORTUGUESA - ATRAVÉS DA CONTABILIDADE DOS FLUXOS DE MATERIAIS*. Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior Técnico, Lisboa.
- Nordberg-Schulz, C. (1984). *Genius Loci. Towards a phenomenology of architecture*. New York, Rizzoli.

- Norman, D. A. (2002). *The design of everyday things*. Basic books.
- Oliveira, C.; Rodrigues, D. (2002). Mobilidade e Território da Região de Lisboa e Vale do Tejo: Pistas para uma Análise Integrada. *Revista de Estudos Regionais - Região de Lisboa e Vale do Tejo*, (2.o Semestre de 2001), 43–66.
- Oliveira, S. (2006). *OS ADOLESCENTES E O ESPAÇO PÚBLICO - UM ESTUDO NA AMORA*. Universidade de Barcelona.
- Organização das Nações Unidas. (1948, Dezembro 10). Declaração Universal dos Direitos Humanos. Official UN Universal Declaration of Human Rights Home Page. Consultado em Março 15, 2012, em <http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>
- Organização das Nações Unidas. (1992). Agenda 21. DSD:: Resources - Publications - Core Publications. Consultado em Julho 19, 2012, em <http://www.un.org/esa/dsd/agenda21/index.shtml>
- Packard, V. O. (1963). *The Waste Makers*. Penguin Books.
- Paio, A. (2001). Praça nas Novas Vilas Medievais, Séculos XIII-XIV. Estudo Comparativo. A Praça na Cidade Portuguesa (pp. 27–41). Livros Horizonte.
- Papanek, V. (1985). *Design for the Real World*. Academy Chicago.
- Pindado, F., Rebollo, Ó.; Martí, J. (2002). *Eines Per a La Participació Ciutadana: Bases, Mètodes I Tècniques*. (Organisme Autònom Flor de Maig, Ed.). Barcelona: Diputació de Barcelona. Patronat Flor de Maig.
- Pinheiro, M. (2000). O liberalismo nos espaços públicos: a memória das revoluções liberais através dos monumentos que a celebram. *Celta*.
- Pol, E. (2002). The Theoretical Background of the City-Identity-Sustainability Network. *Environment and Behavior*, 34(1), 8–25. doi:10.1177/0013916502034001002
- Pol, E.; Valera, S. (1999). Symbolisme de l'espace public et identité sociale. *Villes en Parallèle*, (28-29), 13–33.
- Porto Editora. (2011, Outubro 14). mobiliário urbano. Pesquisa global - Infopédia. Consultado em Outubro 14, 2011, em <http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/mobili%C3%A1rio%20urbano>
- Proshansky, H. M., Fabian, A. K.; Kaminoff, R. (1983). Place-identity: Physical world socialization of the self. *Journal of Environmental Psychology*, 3(1), 57–83. doi:10.1016/S0272-4944(83)80021-8
- Publico. (2010, Junho 13). Crise: Famílias cortam sobretudo no supermercado e na farmácia - Sociedade - PUBLICO.PT. *Jornal Público*. Consultado em http://publico.pt/Sociedade/crise-familias-cortam-sobretudo-no-supermercado-e-na-farmacia_1441682
- Quivy, R.; Campenhoudt, L. van. (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Gradiva.
- Rabotnikof, N. (1997). *El espacio público y la democracia moderna*. Instituto Federal Electoral. Capacitación electoral y educación cívica.
- Ramalho, M. de M. (2001). *ALTA DE LISBOA: A MEMÓRIA E O FUTURO*. SGAL - Sociedade Gestora da Alta de Lisboa.
- Remesar, A. (1997). *Urban Regeneration: A Challenge for Public Art*. Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona.
- Remesar, A. (1998). *Hacia Una Teoría Del Arte Público*. (Public Art Observatory, Ed.). Barcelona: Public Art Observatory.

- Remesar, A. (1999). [A]rte Contra El Pueblo Tensiones Entre La Democracia, El Diseño Urbano Y El Arte Público. Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona.
- Remesar, A. (2004). Do Ferro Fundido ao Design Urbano Global. Design Urbano Inclusivo (pp. 23–33). Centro Português de Design.
- Remesar, A. (Ed.). (2005). Do projecto ao objecto: manual de boas práticas de mobiliário urbano em centros históricos. Centro Português de Design.
- Remesar, A., Lecea, I.; Grandas, C. (2004). La fuente de las tres gracias en Barcelona. On The Waterfront, (5), 19–35.
- Ricart Ulldemolins, N. (2009). Cartografies De La Mina Art, Espai públic, Participació Ciutadana. (Universitat de Barcelona, Ed.). Barcelona: Universitat de Barcelona.
- Rogers, R. (1997). Cities for a small planet. Edited by Philip Gumuchdjian. Faber and Faber, Londres.
- Rueda, S. (1995). Ecologia Urbana: Barcelona I La Seua Regió Metropolitana com a Referents. Barcelona: Beta.
- Sanoff, H. (2000). Community Participation Methods in Design and Planning. John Wiley and Sons.
- Sassen, S. (1991). The Global City: New York, London, Tokyo. Princeton University Press.
- Schmidt-Bleek, F. B. (1993). The Fossil Makers. Basel, Boston, Berlin: Birkhäuser. Consultado em <http://www.factor10-institute.org/publications.html>
- Schumacher, E. F. (1973). Small is Beautiful: Study of Economics as If People Mattered. Frederick Muller Ltd.
- Sennett, R. (1974). The Fall of the Public Man. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- Serra, J. M. (2000). Manual D'elements Urbans: Mobiliari I Microarquitectura. (Barcelona (Catalunya), Ed.). Barcelona: Diputació de Barcelona. Àrea de Cooperació.
- Serra, J. M. (2002). Elementos Urbanos: Mobiliario Y Microarquitectura = Urban Elements: Furniture and Microarchitecture (5a reimpr. de la 1a ed. de 1996.). Barcelona: Gustavo Gili.
- Sert, J. L. (1951). Congrés Internationaux D'Architecture Moderne: the core of the city.
- Shane, D. G. (2005). Recombinant Urbanism: Conceptual Modeling in Architecture, Urban Design and City Theory. John Wiley & Sons.
- Simons, L., Slob, A., Holswilder, H.; Tukker, A. (2001). The Fourth Generation: New Strategies Call for New Eco-Indicators. Environmental Quality Management, 11(2), 51–61. doi:10.1002/tqem.1305
- Smith, C. E. (2007). Design for the other 90%. Cooper-Hewitt, National Design Museum, Smithsonian Organization.
- Social Accountability International. (2008). Norma Internacional Responsabilidade Social 8000 - SA8000. Consultado em http://www.sa-intl.org/_data/n_0001/resources/live/2008StdPortugese.pdf
- Sociedade Lisboa 94. (1994). Lisboa em movimento. Livros Horizonte.
- Soria y Puig, A. (1996). Cerdá: Las Cinco Bases De La Teoría General De La Urbanización. Madrid: Electa.
- Stokols, D.; Shumaker, S. A. (1981). People in places: A transactional view of settings. Cognition, social behavior, and the environment, 441–488.

- Sutton, S. E. (1991). Creating a Safe Space in Which to Grow. Architecture, back to life: proceeding of the 79th Annual Meeting of the Association of Collegiate Schools of Architecture (pp. 293–299). Washington DC: Association of Collegiate Schools of Architecture.
- Teixeira, M. C. (Ed.). (2001). A Praça na Cidade Portuguesa. Livros Horizonte.
- Tenedorio, J. A. (2003). Atlas da area metropolitana de Lisboa. Lisbonne: Area metropolitana de Lisboa.
- The Guardian. (2010, Março 21). Augmented reality: it's like real life, but better. the Guardian. Consultado em <http://www.guardian.co.uk/technology/2010/mar/21/augmented-reality-iphone-advertising>
- The Worldwatch Institute. (2003). State of the World 2003.
- Throgmorton, J. A.; Eckstein, B. (2000). Desire lines: The Chicago Area Transportation Study and the paradox of self in post-war America. Published on-line (<http://www.nottingham.ac.uk/3cities/throgeck.htm>) with selected proceedings of the 3Cities Conference. Birmingham, England.
- Tibbalds, F. (1988). Ten commandments of urban design. The Planner, 74(12), 1.
- Tibbalds, F. (2001). Making people-friendly towns: improving the public environment in towns and cities. Taylor & Francis.
- União Europeia. (2006). Nova Estratégia da UE para o Desenvolvimento Sustentável. Consultado em http://ec.europa.eu/sustainable/docs/renewed_eu_sds_pt.pdf
- United Nations Environment Programme. Sustainable Consumption and Production Branch, Benoît, C., Mazijn, B.; Andrews, E. S. (2009). Guidelines for social life cycle assessment of products: social and socio-economic LCA guidelines complementing environmental LCA and Life Cycle Costing, contributing to the full assessment of goods and services within the context of sustainable development. [Paris, France]: United Nations Environment Programme. Consultado em http://www.unep.org/publications/search/pub_details_s.asp?ID=4102
- URBED - Urbanism, Environment and Design. (1997). The Model Sustainable urban Neighbourhood. SUN Dial Initiative Journal, pp. 2–5.
- Valente Pereira, C. (2002). Mobiliário urbano abordagem e reflexão. Universidade de Barcelona, Barcelona.
- Valente Pereira, L. (1983). A forma urbana no planeamento físico. Especialização e aperfeiçoamento arquitectura. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.
- Valente Pereira, L. (1985). A forma urbana no planeamento físico: imagem e conceito de cidade, plano de desenho urbano, planeamento municipal. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.
- Valente Pereira, L. (1991). Metodologia de planeamento da reabilitação de áreas urbanas. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.
- Valente Pereira, L. (1994). A leitura da imagem de uma área urbana como preparação para o planeamento-acção da sua reabilitação. INCGURPLAM. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.
- Valente Pereira, L. (1999). A leitura da imagem de uma área urbana como preparação para o planeamento-acção da sua reabilitação. INCGURPLAM. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.
- Valera, S.; Pol, E. (1994). El concepto de identidad social urbana: una aproximación entre la psicología social y la psicología ambiental. Anuario de psicología, (62), 5–24.

- VATTIMO, G. (1985). O fim da modernidade. Editorial Presença.
- Vezzoli, C.; Manzini, E. (2008). Design for environmental sustainability. London: Springer.
- Vidal, T.; Pol, E. (2005). La apropiación del espacio: una propuesta teórica para comprender la vinculación entre las personas y los lugares. (Facultat de Psicologia de la Universitat de Barcelona, Ed.) Anuario de psicología, 36(3), 281–297.
- Walker, J. B. (1918). Fifty years of rapid transit, 1864-1917. Ayer Co Pub. Consultado em http://www.google.com/books?hl=pt-PT&lr=&id=N6FbN7Vk_nIC&oi=fnd&pg=PR1&dq=fifty+years+of+rapid+transit&ots=5KIuSRtjqf&sig=nLFCCaFXtcqCaySqvHv_piQdWXI
- Walker, S. (2006). Sustainable by Design: Explorations in Theory and Practice (illustrated ed.). Routledge.
- WCED. (1987). Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future (No. A/42/427 Annex). Consultado em <http://www.un-documents.net/wced-ocf.htm>
- Web Gallery of Art. (2012, Dezembro 1). Web Gallery of Art, image collection, virtual museum, searchable database of European fine arts (1000-1850). LORENZETTI, Ambrogio. Consultado em Janeiro 12, 2012, em <http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/l/lorenzetti/ambrogio/index.html>
- Weisman, J. (2005, Junho 11). Biggest Automaker Needs Big Changes. The Washington Post. Consultado em <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2005/06/10/AR2005061002188.html>
- Weizsäcker, E. U. von, Lovins, A. B.; Lovins, L. H. (1998). Factor Four: Doubling Wealth - Halving Resource Use: The New Report to the Club of Rome. Earthscan.
- Wikipedia contributors. (2009a, Maio 20). Organização Internacional para Padronização. Wikipédia, a enciclopédia livre. Wikimedia Foundation, Inc. Consultado em http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Organiza%C3%A7%C3%A3o_Internacional_para_Padroniza%C3%A7%C3%A3o&oldid=29920341
- Wikipedia contributors. (2009b, Outubro 20). The Blue Marble. Wikipédia, a enciclopédia livre. Wikimedia Foundation, Inc. Consultado em http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=The_Blue_Marble&oldid=30919356
- Wikipedia contributors. (2011a, Junho 20). Examples of New Urbanism. Wikipedia, the free encyclopedia. Wikimedia Foundation, Inc. Consultado em http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Examples_of_New_Urbanism&oldid=500565222
- Wikipedia contributors. (2011b, Outubro 14). Mobilier urbain. Wikipédia. Wikimedia Foundation, Inc. Consultado em http://fr.wikipedia.org/w/index.php?title=Mobilier_urbain&oldid=80427663
- Wikipedia contributors. (2012a, Maio 5). Abribus. Wikipédia. Wikimedia Foundation, Inc. Consultado em <http://fr.wikipedia.org/w/index.php?title=Abribus&oldid=73835752>
- Wikipedia contributors. (2012b, Junho 12). Stewardship. Wikipedia, the free encyclopedia. Wikimedia Foundation, Inc. Consultado em <http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Stewardship&oldid=497271062>
- Wikipedia contributors. (2012c, Dezembro 1). Planisfério de Cantino. Wikipédia, a enciclopédia livre. Wikimedia Foundation, Inc. Consultado em http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Planisf%C3%A9rio_de_Cantino&oldid=31081568

Índice de Figuras

Figura 1: Procedimento metodológico	27
Figura 2: O "Planisfério de Cantino", de 1502 (retirado de Wikipedia contributors, 2012)	39
Figura 3: A foto denominada "Blue Marble" tirada em 1972 pela tripulação da Apollo 17 (Figura retirada de Wikipedia contributors, 2009).....	40
Figura 4: Cidadão – mobiliário urbano – espaço público – cidade (foto do autor, 2/2006).....	85
Figura5: Detalhe do quarto painel, mostrando a tomada de Tânger, das “Tapeçarias de Pastrana”. (National Gallery of Art, 2011).....	87
Figura6: "Transições na forma da cidade" (elaborado por Knox, Pinch, 2000, cit. Carmona et al. 2010:30)	94
Figura7: Planta de Ruão cerca de 1250 (adapt. Guillerme, 1983).....	106
Figura8: Simulação da Rua Nova dos Ferros de Lisboa antes de 1755, (Um projecto do Museu da Cidade, retirado de http://www.museudacidade.pt/Lisboa/3D-lisboa1755/Paginas/default.aspx/ em 9/2011).....	116
Figura 9 e Figura10: "Foro" em Aguiar da Beira (Amaral, Santa Bárbara, 2002, fotos de 1968).....	117
Figura11: "Foro" em Linhares da Beira (foto sem data, retirado de Abrantes, 1998:38).....	119
Figura12: “Touros Reays nas Festas do Casamento da Raynha da Gran-Bretanha em Lisboa”, de Dirk Stoop, 1661 (Museu da Cidade, Inv. MC GRA 0503, retirado de Fundação Gulbenkian, 2001:45)	120
Figura 13: Tipos de espaço e seu acesso (elaboração do autor)	125
Figura14: Desenho à pena de Zuzarte, do Rossio antes do terramoto de 1755 (retirado de Moita, 1994:242-243)	129
Figura15: Atlas da Carta Topográfica de Lisboa de 1856 de Filipe Folque, folhas 33, 34, 40 e 41. (Arquivo Municipal de Lisboa, 2000).....	130
Figura16: Secção idealizada para uma das principais ruas da Baixa Pombalina, Eugénio dos Santos, 1756 (pormenor) (Moita ed., 1994:371)	135
Figura17: Secção de 35m de uma via do plano de Cerdà para Barcelona (1859) (Grupo 2C, 2009:liii)	135
Figura18: Secção planeada para o projecto do Metropolitano de Nova Iorque em 1864 (retirado de Walker, 1918).....	135
Figura19: "Esquema da localização das canalizações das companhias" (pormenor) (cedido pelo Eng. Luis Vicente, Div. San. DCMIEVP-DMPO,CML).	135
Figura20: Bancadas em granito e abrigos do Mercado na Carrapichana (fotos do autor, 2006).....	146
Figura21: Chafariz do Andaluz, foto de Eduardo Portugal, 1939 (Arquivo GEO).	147
Figura22: Ericeira, Foto Keil do Amaral e Sta. Bárbara (2002:107).....	148

Figura 23: Auto-de-fé no Terreiro do Paço (João Alvarez de Colmenar, 1707, retirado de Moita, 1994:352).....	149
Figura24: Cortejo real no Terreiro do Paço. Col. Museu da Cidade (Moita, 1994:345).....	149
Figura25: Lavadouro de roupa improvisado em Linhares da Beira (foto do autor, 2004).....	150
Figura26: A Avenida 24 de Julho, fotografia de Joshua Benoliel por ocasião de uma greve de eléctricos, 1912 (Arquivo Municipal de Lisboa ref. A6847)	153
Figura27: Uma página do catálogo da Val d'Osne (Catálogo Val d'Osne, pl. 439bis Vol.2, s.d.).	157
Figura28 - Marco de correio implantado na Av. de Paris em Lisboa (foto do autor, 2012).	165
Figura 29: Os dispositivos e sistemas para realidade aumentada (Figura retirada de The Guardian, 2010)	167
Figura30: Rossio e Hospital Real de Todos os Santos, painel de azulejo, Séc. XVIII (inícios) (Museu da Cidade, N° Inventário: MC.AZU.PF.60, Moita, 1994:145).....	175
Figura31: Planta da Mairie de Paris com a actual localização dos mercados de rua em Paris. Disponível em http://plan.paris.fr Recorte de ecrã efectuado 10-09-2011	177
Figura32: Ciclovia recentemente inserida na R. Dr. Nicolau Bettencourt em Lisboa. Foto do autor, 2011	179
Figura 33: Joshua Benoliel usando um "morão público" na ocasião de uma greve da companhia dos fósforos em 1920	180
Figura34: Abastecimento de água potável em Bragança pelos bombeiros (foto Lusa, 12/10/2011.	180
Figura35: “Resguardos para chuva, mandados colocar pela visita do presidente, vereação e representantes da imprensa aos viveiros da Câmara Municipal de Lisboa” (Foto de Firmino Marques da Costa, s.d. Arquivo Municipal de Lisboa, ref. PT/AMLSB/FMC/000037).....	185
Figura36: “Mapa XI-5 Deslocações para o trabalho com destino a Lisboa.” (Tenedorio, 2003: 231).	193
Figura37: Organograma da Direcção Municipal de Ambiente Urbano (DMAU) (retirado de www.cm-lisboa.pt em Abril 2010	208
Figura38: Vista sobre a ponte de Alcântara para leste (PT/AMLSB/AF/EDP/S00926, Arquivo Municipal de Lisboa).....	214
Figura39: O pavimento em granito do Eixo das Janelas Verdes (foto do autor, 12/2011).	215
Figura40: Nivelamento de acessos pedonais no Eixo das Janelas verdes (foto do autor, 12/2012).....	216
Figura41: Imagens do catálogo da Fabrigimno das peças que esta empresa desenvolveu e fabricou para o Eixo das Janelas Verdes a partir dos desenhos de João Castro.....	217
Figura42: As actuais papeleiras doEixo das Janelas Verdes (foto do autor, 12/2012).....	218
Figura 43: O suporte para a sinalização vertical do Eixo das Janelas Verdes (foto do autor, 12/2011).	219
Figura44: Pilaretes implantados na zona do viaduto sobre a Av. Infante Santo. (foto do autor, 12/2011).	219
Figura 45: Vista do topo da Calçada Ribeiro dos Santos (foto do autor, 12/2011).....	220

Figura46: Vista da Rua das Janelas Verdes junto ao seu extremo leste (foto do autor, 12/2011).	220
Figura 47: Pavimento da Praça da Armada, junto do chafariz (foto do autor, 12/2011).	221
Figura 48: Pavimento da Praça da Armada, do passeio e do eixo rodoviário (foto do autor, 12/2011).	221
Figura49: Pavimento pedonal junto ao Jardim 9 de Abril (foto do autor, 12/2011).	221
Figura 50: Pavimento no final da Cç Ribeiro dos Santos, (foto do autor, 12/2011).	221
Figura 51: Processo do Eixo Janelas Verdes (elaboração do autor).	224
Figura52: Planta do projecto de requalificação do Parque da Quinta das Conchas e dos Lilazes (Portfolio DEP de 2005, pág.104).	225
Figura53: "Plano Director Municipal de Lisboa - 1948: Planta das circulações, comunicações principais e dos espaços livres" (pormenor, retirado de Moita (ed.), 1994:500).	226
Figura54: Vista parcial da "Nave Central" do Parque das Conchas (Foto do autor, 12/2005).	227
Figura55: Vista de um dos caminhos em betão ladeado (foto do autor, 12/2005).	229
Figura56: Panorâmica da Nave Central do Parque das Conchas. (foto do autor, 7/2011)	231
Figura 57: O banco Tramet junto do pavimento tipo "deck" (foto do autor).	233
Figura58: O mesmo banco junto dos pavimento em lajetas de betão aplicado na Nave Central do Parque (foto do autor).	233
Figura 59: O banco sobre o pavimento de betão e paralelepípedo de granito (foto DEP).	233
Figura60: A zona dos escorregas infantis, (foto do autor 12/2005).	235
Figura 61 e Figura62: Preparação para a projecção de filmes das sessões "Cine Conchas" (fotos do autor, Julho 2011)	237
Figura63: Recorte ecrã efectuado em 17-6-2011 retirado de uma ortofoto apresentada pelo Google Maps duma porção do Parque das Conchas.	239
Figura 64: Processo Parque da Quinta das Conchas e dos Lilazes (elaboração do autor).	241
Figura65: Alçados do projecto da DEP para o quiosque de florista (Portfolio DEP, 2005, p 464).	243
Figura66: Imagens do quiosque de florista (Portfolio DEP, 2005, p 464)	244
Figura67: Vista do local de implantação dos quiosques de florista (Portfolio DEP, 2005, p 464)	246
Figura 68:Foto dos quiosques de florista abertos e com o toldo armado. (Portfolio DEP, 2005, p 464)	247
Figura69: As prateleiras de exposição das flores (Portfolio DEP, 2005, p 464)	247
Figura70: Fotos do quiosque "Lisboa" constante no catálogo da Cabena (www.cabena.pt consultado em 31/5/2011)	248
Figura71: Foto retirada na visita ao local (foto do autor, 16/6/2012).	250
Figura72: Vista do interior do quiosque de florista (foto do autor, 16/6/2012).	251
Figura 73: Processo do quiosque de florista em Lisboa (elaboração do autor)	252
Figura74: Mercado da Praça da Figueira, desenho de J. Christino e de M. de Macedo (Arquivo Municipal de Lisboa, ref. PT/AMLSB/EDP/S00199)	253

Figura75: Museu da Cidade - Mercado da Praça da Figueira. Pintura a óleo sobre tela de um anónimo do século XIX, (Catálogo da exposição de documentos e obras de arte relativos à história de Lisboa. Lisboa, 1947. 206. [58] p., Arquivo Municipal de Lisboa, ref. PT/AMLSB/MNV/S00388).....	254
Figura 76: Vista parcial do edifício do mercado da Praça da Figueira (foto de Eduardo Portugal, Arquivo Municipal de Lisboa, ref. PT/AMLSB/EDP/S00201).....	255
Figura 77: Cronologia dos Presidentes da Câmara Municipal de Lisboa e das eleições autárquicas mais recentes (http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_Presidentes_da_C%C3%A2mara_Municipal_de_Lisboa ; http://www.cne.pt/index.cfm?sec=0304000000 , consultadas em 3/3/2011)	255
Figura 78: A Praça da Figueira, posterior a 1950 (Arquivo Municipal de Lisboa, ref. PT/AMLSB/MAO/S00224).....	256
Figura 79: A Praça após 1971 (Arquivo Municipal de Lisboa.)	257
Figura80: Plantas de síntese, do projecto de execução e das telas finais. Do projecto de intervenção da Praça da Figueira (Atelier Daciano da Costa, imagens cedida por João Paulo Martins).....	258
Figura81: Visualização do revestimento de azulejos para as fachadas da praça (pormenores e vista geral) (Atelier Daciano da Costa, imagens cedidas por João Paulo Martins).....	259
Figura82: Visualizações da proposta para a Praça da Figueira do Atelier Daciano da Costa (retirado de Martins, 2000:235).	260
Figura 83: Planta de Lisboa segundo o IGESPAR (http://geo.igespar.pt/website/lisboa/viewer.htm , recorte de ecrã efectuado em 17-02-2011).....	261
Figura84: Panorâmica da Praça da Figueira na actualidade a partir do seu vértice sudeste (fotos do autor, 1/2012).....	262
Figura85: Vista do lado oeste, alinhada com o eixo da rua D. Antão de Almada. (foto do autor, 6/2012)	263
Figura86: Vista do lado leste para sul, alinhada com a Rua da Prata. (foto do autor, 6/2012)	264
Figura 87: Vista do vértice noroeste para a placa central (foto do autor, 1/2012)	265
Figura88: Pormenor da placa central (foto do autor, 6/2012)	265
Figura 89: Grelhas de respiração dos equipamentos subterrâneos (foto do autor, 1/2012).....	266
Figura90: Os pilaretes “Fradinhos” e a papeleira (fotos do autor, 6/2012).....	266
Figura91: panorâmica da praça a partir do vértice noroeste (fotos do autor, 1/2012).....	267
Figura 92: Os candeeiros pré-existentes ao projecto em análise e que foram mantidos. (foto do autor, 6/2011)	268
Figura93: Os candeeiros de iluminação pedonal implantados segundo o projecto de Daciano da Costa. Banco “Axis” (foto do autor, 1/2012).....	268
Figura94: Vista geral sobre a Praça da Figueira depois da intervenção em análise. (Atelier Daciano da Costa, cedida por João Paulo Martins).	269

Figura 95: Processo da Praça da Figueira em Lisboa (elaboração do autor).....	270
Figura96: Mobiliário urbano de exploração publicitária implantado na Av. de Roma. (fotos do autor, 7/2012).	275
Figura97: Abrigo de paragem modelo "Prestige", da JCDecaux, também na Av. de Roma (fotos do autor, 5/2011).	279
Figura 98: Processo do mobiliário de publicidade em Lisboa (elaboração do autor).....	280
Figura99: Os quatro modelos de pilaretes designados, respectivamente, “P1”, “P2”, “P4” e “P5”, apresentados no documento elaborado pela DFCEP.....	283
Figura 100: Uma fila de pilaretes do modelo "P1" na R. dos Duques de Bragança (foto do autor, 7/2011).	285
Figura 101: mesmo modelo, mas com o brasão da cidade, no Lg. Dr. José Figueiredo (foto do autor, 10/2011).	
Figura102: Um pilarete modelo "P5", mas também com o brasão da cidade (em relevo, na esfera do topo), implantado no cruzamento da Av. de Roma com a Av. Frei Miguel Contreiras (foto do autor, 7/2011).	285
Figura 103: Processo dos pilaretes em Lisboa sem armazenamento prévio (elaboração do autor).....	288
Figura 104: Processo dos pilaretes em Lisboa com armazenamento prévio (elaboração do autor)	289
Figura 105: Os candeeiros originais dos anos 40, em betão polido, fabricados pela Cavan (foto do autor, 7/2010).	291
Figura106: Os candeeiros substitutos, da Indalux (foto do autor, 7/2010).....	291
Figura107: Pormenores de acabamento do poste com acabamento zincado (fotos do autor, 7/2010). ..	292
Figura 108: Candeeiro da Rua Edison (foto do autor, 7/2010).....	293
Figura109: Candeeiro da Rua Cervantes (foto do autor, 7/2010).....	293
Figura 110: Candeeiro do Jardim Fernando Pessa (foto do autor, 7/2010)	294
Figura111: pormenor do candeeiro do mesmo candeeiro (foto do autor, 7/2010).	294
Figura112: Os três modelos de cadeiras disponíveis no jardim do Luxemburgo. (foto do autor, 7/2003)	297
Figura113: Cadeiras ao longo de um percurso do Jardim do Luxemburgo (foto do autor, 7/2003).....	298
Figura 114: Comparação dos atributos dos intervenientes entre o processo habitual e o das cadeiras móveis dos Jardins do Luxemburgo e do Louvre (elaboração do autor).	301
Figura 115: Processo das cadeiras dos jardins de Paris.....	303
Figura116: Esquema do processo pretendido para a interpretação do território a reabilitar (elaborado pelo autor na ocasião da entrevista efectuada a Luz Valente Pereira)	306
Figura117: Esquema do processo pretendido para a elaboração do diagnóstico para a reabilitação do território (elaborado pelo autor na ocasião da entrevista efectuada a Luz Valente Pereira) ..	306
Figura118: Plantas-esquemas com caracterização e diagnóstico do Largo 5 de Outubro (Plano de Salvaguarda de Sacavém, 1991, apresentada em anexo em Valente Pereira (1999))	310

Figura119:Planta-esquema Lg 5 Outubro em Sacavém. indicando propostas (Plano de Salvaguarda de Sacavém, 1991, apresentada em anexo em Valente Pereira (1999))..	311
Figura120: O Largo 5 de Outubro em Sacavém na actualidade (foto do autor, 14/7/2012)..	313
Figura 121: Processo da metodologia de reabilitação urbana proposta por Luz Valente Pereira (1991, 1994, 1999, adaptação do autor).....	314
Figura 122: Processos da Larus (elaboração do autor).....	320
Figura123: Um conjunto de cadeiras modelo "Mateo" no terraço da Praça da Devesa de Castelo branco (foto do autor, 4/2011).....	323
Figura124: Vários tampos vandalizados (foto do autor, 4/2011).....	324
Figura 125: O banco de três lugares da linha Axis, o mais vendido da Larus (foto disponíveis em http://www.larus.pt , acedidas em 17/01/2012).	325
Figura 126: Dois bancos duplos da linha Axis. Figura 127: O banco sem costas da linha Axis (foto disponíveis em http://www.larus.pt , acedidas em 17/01/2012).	325
Figura128: Um conjunto de mesa e cadeiras. (fotos disponíveis em http://www.larus.pt , acedidas em 17/01/2012).....	325
Figura129: A nova Rambla de La Mina (foto do autor, 9/2008).....	334
Figura 130: Processos do bairro de La Mina.....	338
Figura131: A Ronda del Mig antes da sua cobertura (Atelier Espinas i Tarrasó, disponível http://www.espinasitarraso.com/proyectos.jsp?id=7# , consultado em 8/10/2011).....	339
Figura132: Esquema do perfil tipo para o projecto de cobertura da Ronda del Mig. (adapt. Atelier Espinas i Tarrasó, disponível http://www.espinasitarraso.com/proyectos.jsp?id=7# , consultado em 8/10/2011).....	340
Figura 133: Processo de produção dos candeeiros para a cobertura da Ronda del Mig/ Av. Brasil (elaboração do autor)	341
Figura134: Os candeeiros da autoria de Olga Tarrasó e fabricados pela Schröder. (foto do autor, 7/2010).....	342
Figura 135: Processo mais comum do mobiliário urbano (elaboração do autor).....	359
Figura 136- Simplificação do processo de auto-suficiência e auto-produção (elaboração do autor).....	361
Figura 137 – Simplificação do processo de produção em pequenos grupos ou comunidades (elaboração do autor).....	362
Figura 138 - Simplificação do processo mais comum dos produtos de consumo (elaboração do autor)	363
Figura 139 - Simplificação do processo de produção mais comum do mobiliário urbano (elaboração do autor).....	364
Figura 140 - Simplificação do processo de produção do mobiliário urbano na Av. Brasil em Barcelona (elaboração do autor).	366

Figura 141 - Simplificação do processo de produção das cadeiras dos Jardins do Luxemburgo (elaboração do autor).....	366
Figura 142: Dimensões a que se refere o mobiliário urbano (elaboração do autor).....	371
Figura 143: Simplificado das entradas e saídas associadas ao metabolismo material de uma economia (Niza, 2007:25)	380
Figura 144: “Balanço de Materiais da cidade de Lisboa, 2004” (Ferrão et al, 2007:36).....	381
Figura 145: Ilustração de uma vista interior do projecto "Fun Palace" de Cedric Price (Colecção Centre Canadien d'Architecture / Canadian Centre for Architecture, Montréal, ref. DR1995 0168 520, disponível em http://www.cca.qc.ca/en/collection/283-cedric-price-fun-palace , acedido em 3/9/2010)	392
Figura 146 – Processo através do qual o espaço e as suas características propícias de uso podem contribuir para a sustentabilidade do lugar (elaborado pelo autor, a partir de Pol e Valera, 1999 e Pol, 2002)	401
Figura 147: Os três vectores fundamentais para o mobiliário urbano sustentável (elaboração do autor).	421
Figura 148: Ciclo de vida do produto (Vezzoli e Manzini, 2008).....	502
Figura 149: Processo dialético na evolução do processo de design (Burdek, 1999:129).....	503
Figura 150: Processo de design (Lawson, 2007:49).....	504
Figura 151: Cadeiras no espaço público de Vila do Bispo, defronte do Centro de Dia (foto do autor, 4/2003).	505
Figura 152: Esquema de possibilidade de um processo de produção do mobiliário urbano cíclico, reversível, dinâmico e contínuo (elaboração do autor).	506

Índice de Tabelas

Tabela 1: Desafios específicos para cada tipo de economia (Hart, 1997:70) (adapt.)	45
Tabela 2: “The First Three Generations of Environmental Strategies and Eco-Indicators” (Simons et al, 2001:59)	48
Tabela 3: “Characteristics of the Fourth Generation of Environmental Strategies and Eco-Indicators” (Simons et al, 2001:59)	49
Tabela 4: Sistematização das características dos modelos de cidade apresentados por Shane (2005) (elaborada pelo autor)	104
Tabela 5: Sistematização dos intervenientes segundo os autores consultados (elaboração do autor)....	346
Tabela 6: Comparação de diversas tendências entre o mobiliário urbano e os produtos de consumo em geral	366
Tabela 7: Razões para o fim de vida de uso do mobiliário urbano a partir da confrontação das possíveis razões referidas por autores para os produtos em geral (elaboração do autor).	369
Tabela 8: Resumo das possíveis respostas para os desafios directos da globalização	413
Tabela 9: Resumo das possíveis respostas para os desafios decorrentes das grandes cidades e seu rápido crescimento (elaboração do autor).	414
Tabela 10: Resumo das possíveis respostas aos desafios decorrentes das profundas alterações na sociedade, da flexibilização de conceitos e fronteiras e da necessária diminuição do excesso de consumo (elaboração do autor).	415
Tabela 11: Resumo das possíveis respostas aos desafios decorrentes do cumprimento dos princípios contemporâneos (elaboração do autor).	416
Tabela 12: Resumo dos critérios e orientações para o design (adapt. Vezzoli e Manzini (2008:268-271)	443
Tabela 13: Resumo dos princípios para o mobiliário urbano sustentável	452

Index

- Acessibilidade, 14, 209, 281, 423, 430, 452, 455, 458, 460, 462, 466, 468, 471, 476, 493
- alastramento urbano, 92, 93, 169, 170, 195, 390
- alterações climáticas, 37, 71
- ambiente, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 51, 55, 59, 63, 67, 74, 77, 78, 81, 190, 208, 209, 214, 219, 220, 228, 231, 232, 235, 242, 244, 254, 261, 267, 269, 292, 330, 331, 370, 379, 382, 384, 390, 417, 441, 442, 448, 450, 464, 483
- Antiguidade, 89, 116, 121, 144
- arquitectura, 100, 134, 169, 184, 190, 198, 208, 255, 317, 352, 394, 395
- arquitectura paisagista, 208
- arte pública, 51, 99, 139, 173, 361, 362, 364
- Artefacto-s, 19, 20, 21, 22, 30, 31, 35, 49, 49, 60, 61, 67, 142, 143, 145, 145, 147, 148, 148, 149, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 154, 158, 159, 192, 207, 344, 345, 346, 348, 357, 359, 361, 364, 365, 366, 367, 374, 377, 409, 410, 417, 420, 424, 427, 431, 432, 433, 434, 436, 440, 445, 452, 476, 478, 481, 488, 489, 489, 491, 493, 494, 499, 504, 504,
- avenida, 112, 124, 131, 132, 153, 173, 178, 212, 283, 290, 292, 339, 340
- bancadas, 129, 146, 174,
- bancas de jornais, 271, 273, 276, 277, 278, 356, 357
- banco (público), 138, 233, 268, 283, 284, 322, 325, 428, 453, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 500, 505,
- Barcelona, 24, 135, 184, 186, 327, 328, 329, 330, 336, 339, 340, 351, 365, 366, 372, 403, 432, 497,
- Barroca-o, 104, 144, 152
- Bem-ns público-s, 41, 81, 132, 182, 206
- Cabena, 246, 247, 248, 464,
- calçada portuguesa, 217, 221,
- Câmara Municipal de Lisboa, 32, 178, 254, 352, 464
- Câmara Municipal de Loures, 307
- Castelo Branco, 322, 323,
- Cemusa, 271, 273, 274, 275, 276, 350, 351,
- Chafariz-es, 115, 130, 131, 144, 145, 146, 147, 148, 156, 173, 221, 358, 440,
- cidadania, 108, 124, 126, 128, 170, 198, 330, 351, 485
- Cidadão-s, 19, 20, 29, 30, 31, 32, 66, 85, 92, 99, 101, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 123, 134, 140, 148, 156, 158, 159, 160, 161, 163, 171, 176, 182, 183, 186, 188, 198, 199, 200, 223, 239, 273, 274, 278, 292, 295, 300, 301, 330, 331, 337, 342, 344, 345, 346, 351, 354, 355, 356, 361, 364, 365, 372, 373, 374, 382, 384, 400, 406, 407, 408, 409, 411, 425, 432, 434, 445, 465, 470, 473, 477, 478, 480, 481, 486, 488, 489, 493, 496, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 502, 503, 504, 505,
- Cidade-s, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 30, 31, 32, 35, 36, 37, 41, 59, 80, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 159, 160, 161, 162, 163, , 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 195, 196, 197, 198, 201, 207, 208, 212, 214, 215, 218, 219, 220, 222, 226, 228, 242, 243, 245, 250, 251, 254, 255, 260, 262, 266, 267, 273, 276, 278, 279, 279, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 290, 293, 298, 300, 301, 304, 305, 306, 313, 315, 322, 324, 327, 328, 329, 330, 337, 339, 341, 344, 348, 350, 350, 351, 353, 361, 365, 367, 369, 370, 371, 374, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 395, 398, 399, 400, 401, 403, 404, 405, 406, , 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 427, 430, 431, 432, 439, 440, 443, 447, 452, 454, 458, 459, 460, 463, 465, 470, 472, 475, 478, 480, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 494, 495, 495, 496, 497, 502, 503, 504, 505,
- Cidade compacta, 383, 404, 405, 413, 414, 415, 416, 418
- clima, 323, 324, 437,
- coisa pública, 121, 122, 126, 138, 140
- continuidade, 19, 91, 95, 108, 112, 113, 114, 120, 160, 168, 170, 173, 383, 413, 421, 423, 426, 427, 431, 452
- Contextualidade, 14, 425, 426, 427, 431, 452, 454, 458, 460, 462, 465, 468, 471, 476, 493
- convívio, 108, 137, 311, 404, 408, 414, 415, 416, 418, 420, 484, 491, 492, 496,
- Cordoaria, 116
- crises de identidade, 165, 408, 410, 485
- Crises de identidade, 161, 414
- cultura, 17, 43, 50, 65, 75, 79, 88, 97, 98, 139, 169, 230, 336, 337, 351, 361, 411, 424, 432, 434, 452, 485
- decrescimento, 70, 77, 78, 79, 404, 418
- desafio-s, 17, 18, 19, 22, 25, 31, 32, 45, 115, 121, 155, 160, 161, 162, 163, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 180, 181, 183, 188, 189, 190, 191, 192, 197, 198, 308, 317, 351, 377, 378, 382, 385, 387, 394, 399, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410,

- 412, 413, 414, 415, 416, 439, 440, 443, 463, 485, 486, 487, 488, 492, 494, 497, 499,
- desenvolvimento sustentável, 18, 42, 43, 44, 55, 60, 63, 67, 70, 71, 72, 74, 81, 163, 165, 381, 385, 422, 450
- design, 23, 24, 31, 35, 49, 50, 55, 57, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 82, 160, 198, 199, 200, 202, 208, 255, 267, 292, 294, 316, 317, 318, 329, 350, 384, 387, 396, 399, 418, 422, 424, 425, 432, 433, 439, 441, 443, 452, 453, 499, 500, 503, 504,
- Design
- Design For Environment, 51, 63
 - design para a sustentabilidade, 54, 56
 - design urbano, 127, 332, 385, 397, 398, 421
 - Design Urbano, 201, 333, 352, 423
 - Green Design, 51, 58
 - Eco-design, 51, 52, 56, 58, 64, 423, 442
 - User Centered Design, 433
- diversidade, 14, 17, 45, 57, 66, 71, 86, 90, 108, 111, 128, 129, 131, 135, 136, 137, 141, 156, 170, 180, 192, 196, 197, 198, 225, 227, 234, 236, 237, 275, 279, 286, 292, 306, 329, 332, 353, 356, 362, 365, 368, 369, 374, 383, 384, 404, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 419, 420, 422, 423, 431, 434, 436, 452, 456, 458, 461, 462, 467, 468, 469, 471, 472, 473, 475, 476, 477, 479, 487, 489, 490, 492, 494, 505, 509, 512, 515
- Durabilidade, 14, 221, 368, 423, 425, 437, 438, 439, 445, 452, 456, 457, 459, 458, 461, 462, 467, 468, 473, 474, 476, 477, 494, 505
- ecologia, 51, 64, 69, 75
- economia-s, 31, 37, 39, 45, 58, 59, 60, 68, 69, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 93, 97, 98, 99, 100, 162, 163, 164, 166, 168, 170, 189, 192, 291, 379, 380, 418, 432, 441,
- end-of-pipe, 47, 50, 51, 54, 56, 57
- engenharias, 208
- envolvente-s, 18, 37, 45, 90, 106, 109, 133, 142, 194, 210, 211, 233, 237, 256, 257, 279, 304, 329, 330, 332, 337, 341, 378, 379, 382, 383, 391, 395, 397, 398, 399, 400, 402, 420, 425, 427, 428, 452, 454, 456, 483, 484, 490, 504,
- equipamento, 21, 105, 107, 115, 117, 131, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 153, 154, 158, 182, 194, 209, 210, 211, 213, 219, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 255, 257, 272, 273, 274, 279, 282, 284, 285, 287, 291, 301, 311, 323, 325, 340, 348, 356, 357, 358, 366, 367, 373, 424, 425, 427, 428, 429, 431, 432, 434, 436, 437, 438, 439, 440, 445, 446, 447, 452, 454, 456, 457, 458, 460, 461, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 474, 478, 479, 481, 484, 485, 489, 496, 499, 500,
- ergonomia, 51, 428, 452
- espaço colectivo, 31, 85, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 126, 127, 128, 129, 131, 133, 134, 136, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 161, 171, 173, 174, 175, 177, 184, 187, 344, 370, 402, 410, 412, 415, 484, 486, 487, 489, 504
- espaço de fluxos, 95, 96, 166, 178
- espaço público, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 31, 32, 85, 107, 112, 115, 116, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 147, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 165, 167, 170, 171, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 197, 198, 204, 208, 209, 212, 213, 215, 222, 223, 236, 238, 239, 242, 243, 244, 248, 250, 251, 256, 258, 262, 267, 268, 269, 271, 273, 274, 276, 278, 279, 281, 284, 286, 287, 294, 296, 301, 307, 309, 311, 313, 321, 325, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 337, 339, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 364, 366, 367, 368, 370, 371, 372, 373, 374, 377, 378, 383, 386, 389, 394, 395, 396, 399, 404, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 423, 424, 427, 428, 429, 430, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 446, 447, 458, 464, 465, 468, 470, 472, 473, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 483, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 501, 504, 505,
- espaço urbano, 93, 112, 121, 126, 132, 267, 330, 331, 333, 397, 400, 497
- estética, 51, 294, 330, 350, 369, 397, 403, 422, 428, 429
- esvaziamento do espaço público, 160, 177
- fabricante-s, 60, 154, 155, 156, 158, 200, 208, 212, 233, 239, 244, 246, 248, 249, 276, 278, 282, 286, 290, 299, 316, 326, 348, 349, 350, 352, 354, 355, 360, 362, 363, 365, 366, 372, 374, 442, 453, 459, 460, 475, 480, 489,
- fabrico, 18, 20, 28, 29, 30, 35, 46, 47, 56, 58, 60, 61, 82, 108, 116, 142, 145, 152, 154, 157, 204, 245, 246, 247, 299, 315, 316, 317, 321, 323, 326, 345, 358, 360, 361, 362, 367, 373, 374, 419, 420, 435, 440, 442, 443, 444, 447, 448, 452, 457, 458, 462, 466, 467, 468, 469, 474, 475, 476, 480, 494, 496, 505
- Fabrigimno, 217, 218, 233, 276, 322, 459,
- fases de produção, 28, 63, 448, 453
- fim de vida, 30, 53, 65, 368, 369, 438, 443, 444, 449, 474, 501,
- fonte-s, 26, 78, 105, 112, 115, 143, 144, 145, 146, 156, 172, 214, 230, 231, 232, 242, 253, 296, 350, 372, 381, 443,

fórum, 116, 121, 122, 140

funcionalidade, 51, 52, 58, 105, 300, 350, 419, 423, 428, 434, 470, 479

globalização, 31, 44, 71, 74, 80, 93, 96, 109, 156, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 171, 198, 317, 326, 388, 394, 405, 406, 408, 411, 413, 416, 425, 443, 448, 474, 475, 477, 480, 484, 485, 492, 506,

homogeneização, 161, 164, 414, 489

Idade Média, 143

identidade, 73, 91, 109, 126, 139, 148, 161, 166, 169, 217, 222, 233, 236, 243, 245, 251, 257, 275, 279, 294, 295, 307, 308, 332, 357, 388, 392, 396, 400, 401, 402, 404, 407, 408, 413, 414, 415, 416, 420, 422, 423, 424, 425, 426

da cidade, 32, 279

da sociedade, 91, 118, 148

do local, 160, 343, 345, 425, 472

do lugar, 342, 345, 372, 373, 396, 400, 424, 425, 452, 464, 465, 469, 477, 478

dos lugares, 399, 408

histórica, 396

local, 156, 407, 420

peçoal, 400

regional, 66

social, 400, 403, 495

imageabilidade, 402, 404, 408, 413, 414, 415, 416, 424, 425, 452, 454, 458, 459, 462, 464, 468, 470, 476, 478, 492, 493

imagem, 46, 48, 51, 52, 57, 96, 102, 109, 129, 132, 158, 175, 200, 256, 267, 279, 282, 286, 287, 298, 301, 306, 322, 328, 332, 382, 394, 402, 404, 406, 407, 408, 413, 414, 415, 420, 422, 431, 432, 459, 490, 491, 492, 495,

imagem da cidade, 395, 398, 490, 491, 495

insegurança, 161, 171, 172, 191, 332, 334, 405, 407, 409, 414, 420, 486

interesse público, 128, 134, 138, 190, 281, 497

interveniente-s, 21, 22, 26, 30, 32, 111, 156, 199, 200, 201, 203, 207, 208, 226, 261, 271, 301, 313, 335, 336, 342, 344, 346, 347, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 358, 359, 362, 363, 365, 367, 372, 373, 374, 419, 434, 445, 446, 448, 449, 450, 476, 478, 480, 481, 489, 490, 495, 497, 498, 499, 501, 502, 503, 504, 505,

jardim, 147, 156, 176, 181, 283, 284, 294, 296, 297, 298, 299, 321, 358, 395, 428, 500, , Jardim, 144, 221, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 500, , jardins, 86, 124, 125, 126, 130, 131, 132, 140, 144, 147, 154, 177, 210, 211, 234, 276, 298, 299, 300, 303, 393, 440, , ,

JCDcaux, 157, 158, 159, 271, 275, 276, 279, 298, 350, 351,

largo-s, 61, 105, 112, 117, 118, 119, 127, 131, 132, 137, 140, 145, 146, 173, 177, 182, 212, 214, 215, 220, 243, 297, 310, 310, 311, 313, 356, 459,

Larus, 266, 268, 283, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 325, 352, 373,

lazer, 79, 94, 115, 131, 134, 137, 138, 140, 146, 157, 161, 210, 211, 226, 231, 236, 256, 311, 356, 383, 403, 404, 411, 414, 415, 485, 492,

legibilidade, 14, 169, 231, 382, 419, 422, 423, 425, 426, 428, 429, 431, 432, 434, 452, 455, 458, 460, 462, 466, 468, 472, 476, 479, 493, 512,

Life Cycle Design, 54, 56

Linhares da Beira, 117, 119, 150,

Lisboa, 25, 26, 31, 41, 88, 115, 116, 120, 129, 130, 132, 136, 139, 144, 146, 149, 152, 153, 155, 165, 171, 174, 175, 176, 178, 179, 181, 182, 185, 186, 193, 194, 199, 207, 208, 209, 212, 214, 217, 220, 222, 225, 226, 228, 229, 230, 234, 236, 242, 243, 244, 245, 247, 248, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 259, 261, 262, 263, 265, 267, 270, 271, 273, 274, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 286, 288, 289, 290, 291, 308, 344, 348, 349, 351, 352, 353, 361, 368, 372, 373, 379, 381, 390, 440, 446, 453, 454, 462, 464, 465, 468, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 478, 479, 480, 489, 494, 496,

localidade, 444, 445

localização, 98, 106, 131, 135, 177, 232, 240, 271, 274, 277, 282, 284, 308, 309, 327, 405, 416, 420, 428, 444, 448, 492, 493,

lucro, 51, 62, 77

lugar de encontro, 112, 137, 191

malha urbana, 105, 229, 256, 426

maneirista, 144

mapa mental, 407

mar, 121, 125, 328, 329, 333

meios de comunicação, 31, 81, 95, 97, 98, 133, 160, 161, 164, 166, 167, 178, 180, 191, 407, 410, 414, 415, 416, 431, 485, 486

memória colectiva, 131, 391

mobiliário urbano, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 28, 30, 31, 32, 35, 46, 85, 107, 111, 115, 127, 136, 139, 141, 143, 144, 151, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 184, 189, 192, 207, 208, 209, 210, 212, 213, 218, 219, 222, 232, 233, 246, 250, 251, 271, 272, 277, 278, 279, 281, 283, 284, 285, 286, 287, 294, 295, 298, 301, 310, 313, 315, 316, 317, 321, 324, 325, 326, 340, 342, 343, 344, 345, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 377, 378, 416, 417, 418, 419,

- 420, 421, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 444, 445, 446, 447, 448, 451, 452, 453, 457, 461, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 483, 485, 488, 489, 490, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 504, 506,
- noção de lugar, 91, 398
- normalização, 57, 153, 154, 286, 414, 433, 472, 489
- obra aberta, 28, 30
- paisagem, 106, 125, 169, 175, 275, 279, 350, 386, 387, 390, 391, 395, 396, 397, 417,
- paisagística-o, 125, 139, 140, 211, 217, 220, 223, 342, 350, 357, 370, 372, 427, 436, 452, 454, 458, 459, 463, 471, 472, 478, 479, 494,
- Paris, 70, 72, 132, 154, 158, 165, 173, 177, 196, 296, 298, 300, 303, 365, 372, 391,
- participação cidadã, 24, 28, 29, 198, 312, 329, 330, 331, 334, 336, 342, 372, 426, 444, 496, 500, 501, 502
- partilha de recursos, 85, 107, 141, 195, 404, 409, 410, 415, 416, 491, 492, 495
- património, 72, 79, 124, 212, 230, 237, 274, 293, 307, 308, 423, 424
- pelourinhos, 117, 144, 145, 173
- pilarete-s, 115, 143, 145, 146, 147, 217, 218, 222, 266, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 288, 289, 321, 356, 360, 368, 369, 428, 447, 459, 461, 463, 475,
- planeamento modernista, 179, 405, 413
- poder, 20, 22, 56, 58, 79, 88, 89, 90, 91, 96, 98, 102, 103, 108, 109, 113, 115, 116, 117, 118, 121, 123, 132, 134, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 154, 156, 158, 159, 162, 164, 166, 172, 173, 174, 190, 195, 196, 197, 198, 200, 237, 238, 274, 278, 295, 300, 301, 322, 330, 332, 333, 342, 348, 351, 352, 358, 360, 364, 386, 389, 390, 393, 402, 406, 408, 415, 424, 432, 433, 435, 470, 472, 473, 489, 490, 494, 496, 500
- pós-moderno, 104, 169, 171, 394, 432
- praça-s, 101, 102, 105, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 119, 122, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 137, 140, 142, 143, 144, 146, 173, 174, 175, 176, 177, 185, 213, 214, 221, 234, 240, 242, 243, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 278, 301, 321, 322, 323, 333, 349, 356, 373, 383, 427, 478,
- processo-s de produção, 21, 22, 25, 26, 29, 30, 32, 46, 62, 69, 133, 154, 155, 156, 157, 158, 207, 213, 301, 318, 319, 326, 339, 345, 348, 352, 353, 354, 355, 358, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 371, 373, 374, 425, 480, 481, 483, 488, 489, 490, 494, 495, 496, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506,
- produtos de consumo, 49, 352, 363, 365, 366, 367, 374, 381, 419, 420, 440
- projecto, 25, 28, 30, 52, 54, 57, 64, 65, 77, 78, 79, 82, 103, 116, 127, 135, 154, 155, 169, 176, 183, 185, 190, 198, 199, 200, 202, 203, 207, 208, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 263, 264, 266, 267, 268, 269, 271, 281, 284, 286, 301, 302, 315, 316, 317, 318, 319, 322, 323, 324, 325, 326, 329, 330, 331, 334, 335, 336, 339, 340, 341, 342, 345, 347, 348, 349, 350, 357, 358, 360, 365, 366, 368, 370, 373, 374, 384, 391, 392, 396, 397, 399, 400, 419, 423, 424, 425, 426, 427, 429, 431, 434, 435, 437, 438, 442, 444, 446, 447, 450, 452, 457, 458, 459, 462, 464, 466, 468, 475, 477, 479, 480, 489, 496, 497, 500, 501, 502, 503 ,
- proveito privado, 122, 127, 128, 133, 134, 138, 356, 357
- publicidade, 73, 138, 139, 146, 158, 159, 184, 185, 213, 263, 271, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 283, 345, 347, 349, 350, 354, 355, 356, 357, 363, 364, 372, 374, 446, 470,
- quiosque-s, 138, 210, 212, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 252, 257, 271, 272, 276, 315, 322, 352, 356, 357, 464,
- reabilitação, 195, 304, 305, 306, 308, 309, 310, 311, 312, 314, 373, 504,
- reciclar, 80
- recursos naturais, 17, 19, 20, 25, 35, 36, 37, 40, 42, 44, 45, 46, 54, 63, 67, 69, 74, 81, 82, 105, 112, 162, 163, 192, 195, 367, 377, 378, 385, 387, 399, 400, 406, 408, 409, 410, 411, 415, 416, 418, 420, 436, 437, 439, 440, 443, 444, 452, 456, 458, 461, 462, 467, 469, 473, 475, 476, 477, 483, 484, 488, 490, 491, 492, 493, 494, 495
- poupança dos, 439
- desgaste dos, 488
- renascentista, 104, 144
- Re-pair, 56
- requalificação, 213, 215, 217, 225, 228, 233, 236, 243, 253, 256, 259, 266, 322, 349, 370, 372, 457, 458, 459, 462, 463, 496,
- responsabilidade, 23, 50, 56, 65, 202, 274, 281, 368, 402, 447, 449, 450, 498
- reutilização, 52, 58, 162, 192, 195, 249, 285, 368, 410, 415, 443, 447, 448, 473, 488, 505
- reutilizar, 80, 438
- rio, 35, 106, 214, 215, 327, 328,
- rua-s, 96, 101, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135,

139, 140, 142, 143, 144, 147, 151, 165, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 182, 187, 212, 216, 217, 228, 234, 243, 254, 261, 262, 263, 266, 278, 279, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 301, 311, 321, 333, 340, 349, 356, 383, 386, 395, 396, 398, 427, 440, 459, 475, 478, 500, 505,

Sacavém, 240, 304, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 373,

segurança, 14, 42, 45, 65, 116, 123, 133, 140, 164, 171, 177, 180, 181, 182, 210, 211, 215, 231, 232, 236, 272, 283, 290, 291, 295, 334, 356, 357, 382, 387, 395, 396, 417, 422, 428, 432, 448, 449, 454, 455, 460, 465, 471, 487, 512

sistema de produção-consumo, 18, 36, 66, 82, 192

subsolo, 121, 135, 152, 178, 215, 254, 260, 262, 267, 268, 272, 274, 353, 369,

subúrbios, 41, 88, 92, 93, 95, 99, 100, 103, 169, 170, 395

sustentabilidade, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 29, 31, 32, 35, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 70, 75, 80, 81, 82, 85, 97, 110, 142, 160, 163, 186, 192, 195, 197, 199, 221, 236, 237, 251, 329, 345, 370, 377, 378, 379, 380, 382, 383, 384, 385, 387, 393, 401, 402, 404, 408, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 424, 430, 435, 439, 444, 445, 446, 447, 450, 451, 453, 458, 463, 476, 478, 481, 483, 484, 486, 487, 488, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 498, 501, 505,

tempos livres, 117, 134, 141, 162, 176, 180, 409, 411, 415, 487

termoeconomia, 75

tribunal, 117

urbanismo funcionalista, 389

uso-s

de passagem, 136, 137, 179, 485, 489

privado, 417, 493

de permanência, 19, 115, 133, 134, 137, 141, 404, 411, 414, 415, 485, 492

econômicos, 138

políticos, 139

práticos, 139, 357

privados, 485

sociais, 127, 139, 148, 357

utilizador-es, 20, 29, 31, 36, 48, 56, 60, 61, 62, 109, 120, 122, 123, 124, 128, 129, 132, 138, 140, 148, 149, 150, 162, 173, 180, 181, 182, 184, 185, 187, 188, 193, 198, 199, 200, 201, 204, 207, 220, 230, 237, 238, 250, 296, 298, 301, 322, 323, 324, 326, 330, 333, 344, 352, 354, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 372, 374, 380, 390, 396, 399, 404, 409, 412, 413, 416, 419, 420, 425, 426, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 437, 448, 452, 454, 455, 458, 460, 462, 466, 468, 471, 472, 473, 475, 476, 477, 478, 480, 481, 488, 489, 490, 492, 493, 495, 496, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505

versatilidade, 14, 129, 146, 240, 325, 423, 434, 435, 436, 452, 455, 458, 461, 462, 466, 468, 472, 476, 494, 505, 518,

Vila do Bispo, 505,

Anexos

Cronograma

Alguns dos principais eventos e documentos relativos à ecologia, ambiente e sustentabilidade, com especial incidência na cidade

Data	Eventos	Documentos
7000 AC	Emergence of Çatal Huyuk, Jarmo and Alish cultures in the Middle East. The destruction of lush forests may have given rise to myths about the Garden of Eden. (O'Brien, 1985) Also see K.J.W. Oosthoek, http://www.eh-resources.org/wood.html	
6000 AC	Deforestation leads to collapse of communities in southern Israel / Jordan. (Grove, 1995).	
2700 AC	Sumerian epic of Gilgamesh describes vast tracts of cedar forests in what is now southern Iraq. Gilgamesh defies the gods and cuts down the forest, and in return the gods say they will curse Sumeria with fire (or possibly drought). By 2100 BC, soil erosion and salt buildup have devastated agriculture. One Sumerian wrote that the "earth turned white." Civilization moved north to Babylonia and Assyria. Again, deforestation becomes a factor in the rise and subsequent fall of these civilizations.	
1661		John Evelyn writes "Fumifugium, or the Inconvenience of the Aer and Smoake of London Dissipated" to propose remedies for London's air pollution problem. These include large public parks and lots of flowers. http://users.synflux.com.au/~ant/Evelyn/fumifug.html http://www.accd.edu/sac/english/bailey/evelyn.htm
1690s	Paris becomes first European city with extensive sewer system. See Frederique Krupa's Paris: Urban Sanitation Before the 20th Century.	
1746	Aqueduto das Águas Livres de Lisboa atinge o Rato, início da sua rede emissária	
1789		The law of conservation of mass was first clearly formulated by Antoine Lavoisier
1798		Thomas Malthus, "Population: The first Essay"
1799-1825		Publicações de Alexander von Humboldt, considerado o pai da ecologia
Séc. XIX:	A partir desta época multiplicam-se o número de manifestações, mais ou menos artísticas, de reacção ao surgimento das grandes indústrias poluentes e das metrópoles face ao mundo anterior que viam desaparecer, como será o caso do Romantismo e, mais tarde, do movimento "Arts & Crafts".	
1827		Malthus, Definiciones en Economía Política
1840-1860	Face aos problemas de saúde das grandes metrópoles, derivados tanto da poluição por produtos tóxicos emitidos pelas indústrias, como das epidemias resultantes da falta de salubridade, novas medidas de saneamento e urbanismo são implementadas	
1851	Abatimento de uma enorme sequóia, de 2250 anos, chamada a "mãe da floresta", no vale Yosemite, e da consequente celeuma que criou, vai originar a criação do sistema de parques nacionais norte-americano.	
1855	Início dos "Grands Travaux" em Paris, pela iniciativa do barão Haussmann (até 1869)	
1856	Epidemia de cólera-morbus em Lisboa	
1857	Epidemia de febre amarela em Lisboa	
1859	Plano Cerdá para Barcelona	
1861	Príncipe Albert (Reino Unido) morre de cólera [Broadbent, 1990].	
1865		The Coal Question, W. S. Jevons
1866	The term ecology or oekologie was coined by the German biologist Ernst Haeckel, when he defined it as "the comprehensive science of the relationship of the organism to the environment."	
1867	Início do abastecimento de água canalizada ao domicílio em Lisboa	
1885		R. Clausius
Séc. XX		
1935	Arthur Tansley, the British ecologist, coined the term ecosystem, the interactive system established between the biocenosis (the group of living creatures), and their biotope, the environment in which they live. Ecology thus became the science of ecosystems.	
1943		Eliel Saarinen: "The City: Its Growth, Its Decay, Its Future (primeira obra referida por Ellin (1996) relativa ao urbanismo pós-moderno)
1945 (?)	Bombas de Hiroshima e Nagasaki são lançadas	
1955	Abre a Disneyland em Anaheim, Califórnia, EUA (Ellin, 1996)	
1956	CIAM X, o último, em Dubrovnik (Ellin, 1996)	
Anos 60	(e 1970s) Primeira vaga da evolução da sustentabilidade com o nascimento do Green Movement e o surgimento das ONGs tais como o Friends of Earth e a Greenpeace, que se concentraram em conduzir alterações pela política governamental e pela regulação (Bhamra, Lofthouse, 2007) Psicologia ambiental surge em curriculae de universidades dos EUA (Prochansky, Montgomery) (Ellin, 1996)	
1960		Kevin Lynch, "The Image of the City" (Ellin, 1996)

Data	Eventos	Documentos
1961		Jane Jacobs, "The Death and Life of Great American Cities" (Ellin, 1996)
1961		Gordon Cullen, "The Concise Townscape" (Ellin, 1996)
1961		Jean Gottmann, Megapolis (Ellin, 1996)
1962		Rachel Carson (Silent Spring) como o primeiro autor a alertar para as questões ambientais com bases científicas (nomeadamente sobre o DDT). Foi também das primeiras pessoas a criticar a tecnologia "milagrosa" que se tinha demonstrado tão eficaz contra a malária e o tifo. Carson sublinhou que interferir com sistemas naturais que não compreendemos totalmente pode trazer sérias consequências ambientais e efeitos na saúde humana.
1962		Robert Venturi, "Complexity and Contradiction in Architecture"; (Ellin, 1996)
1963		Leonardo Benevolo, "The Origins of Modern Town Planning" (Ellin, 1996)
1964		C. Alexander, "Notes on the synthesis of Form" (Ellin, 1996)
1965		C. Alexander, "The City is Not a Tree", atacando o pensamento hierárquico sobre o espaço (Ellin, 1996)
1966		N. Georgescu-Roegen, Analytical Economics, Issues and Problems
1967		Le Système des Objects, Jean Baudrillard (???)
1967		Jaques Derrida, "L'Écriture et la Difference" (Ellin, 1996)
1967		Henry Lefebvre, "Le Droit à la Ville" (Ellin, 1996)
1968		: Paul Erlich, The Population Bomb; pega de novo no tema de Malthus, o crescimento da população, bem como da poluição.
1969	Frinds of Earth é fundada como uma organização sem fins lucrativos dedicada a proteger o planeta da degradação ambiental Faculdade da Escola de Medicina de Louvain-la Neuve, Bélgica, de Lucien Kroll (Ellin, 1996)	
Anos 70	Início de vários acidentes ambientais e de acções de ambientalistas, como as da Greenpeace (Bhamra, Lofthouse, 2007). Empresas e indústrias mostravam pouco entusiasmo, ou até alguma hostilidade para com a gestão ambiental (Simons et al (2001)	
1970	Primeiro dia da Terra	
1971		OCDE introduz o Princípio Poluidor Pagador
1971	Fundação da Greenpeace. Começa no Canadá, lançando uma agressiva agenda para que se parasse com a destruição ambiental através de protestos civis e interferência sem violência. "Motivated by their vision of a green and peaceful world, a small team of activists set sail from Vancouver, Canada, in an old fishing boat. These activists, the founders of Greenpeace, believed a few individuals could make a difference." (http://www.greenpeace.org/international/about/history 21/10/2009 16:21)	
1971		Papanek, "Design for the real world"questioned the immorality of consumerist industrial design and the seemingly flippant disregard of design responsibility portrayed by the profession at large. His book angered the design establishment in the 1970's and was strongly rebuked as 'anti-design'. (...) Papanek addresses the (design) problems facing western societies and gives illustrated examples of more 'socially responsible' design solutions (Dewberry, 1996)
1972		Clube de Roma afirma que os recursos estão a acabar dado aumento da população e a indústria destrutiva. D. L. Meadows, The Limits of Growth brought together environmentalists, economists, technologists and many others to present a case arguing for the limits to unconstrained global economic growth in the context of growing environmental concern. Foi extremamente controverso porque previa graves consequências se o crescimento não fosse abrandado. Os países desenvolvidos criticaram o relatório por não incluir as soluções tecnológicas, enquanto que os países em desenvolvimento se enfureceram porque era defendido o abandono do desenvolvimento económico.
1972	Conferência das Nações Unidas sobre o ambiente humano, em Estocolmo, a qual se focou sobretudo na poluição regional e na chuva ácida da Europa do Norte, levando ao estabelecimento de diversas agências nacionais de protecção ambiental e ao Programa Ambiental das Nações Unidas (UNEP)	Programa Ambiental das Nações Unidas (UNEP)
1972		Marshall Sahlins, Stone Age of Economics,
1972		Fotografia "Blue Marble" da Nasa
1972		Manuel Castells, "La Question Urbaine" (Ellin, 1996)
1973	Embargo do petróleo, o que deu alento ao debate dos limites do crescimento.	
1973		"Small is Beatiful", de E. F. Schumacher the sophisticated, highly capital technology of modern industry was 'inherently violent, ecologically damaging, self-defeating in terms of non-renewable resources and stultifying for the human person' (page 163???) questioned the reliance on a technological economy and the materialistic lifestyle it evoked that demanded new, bigger, faster product turnover, 'an economic system based on Buddhist principles would not be concerned with the maximisation of production but sufficiency for everyone's needs, with the maximum

Data	Eventos	Documentos
		of well-being with the minimum of consumption' (page 48??) Introduziu a ideia de tecnologia apropriada como solução para o mundo em desenvolvimento. As suas ideias foram controversas mas foram a base para se estabelecer o Pratical Action (anteriormente Grupo de Desenvolvimento de Tecnologia Intermédia), os quais ainda usam projectos naqueles países segundo os seus princípios (http://practicalaction.org/home)
1974:		Relatório sobre os efeitos dos CFCs na camada de Ozono de F. Sherwood Rowland e Mario J. Molina. Só em 1987 foram adoptadas medidas
1974		Henri Lefebvre, "La production de l'Espace" (Ellin, 1996)
1976	Conferencia de Naciones Unidas sobre Asentamientos Humanos (HABITAT), Vancouver The United Nations Human Settlements Programme, UN-HABITAT, is the United Nations agency for human settlements. It is mandated by the UN General Assembly to promote socially and environmentally sustainable towns and cities with the goal of providing adequate shelter for all. (http://www.unhabitat.org 20/11/2009 15:25)	Vancouver Declaration On Human Settlements "Aware that the Conference was convened following recommendation of the United Nations Conference on the Human Environment and subsequent resolutions of the General Assembly, particularly resolution 3128 (XXVIII) by which the nations of the world expressed their concern over the extremely serious condition of human settlements, particularly that which prevails in developing countries, (...)Recognizing that the problems of human settlements are not isolated from the social and economic development of countries and that they cannot be set apart from existing unjust international economic relations," (http://www.unhabitat.org/content.asp?cid=924&catid=1&typeid=25&subMenuId=0 20/11/2009 15:24)
1976		R. Sennett, "The Fall of Public Man" (Ellin, 1996)
1977		Adopção, pelas nações Unidas, de um Plano de Acção para a Camada de Ozono
1977		Charles Jenks, "The Language of Post-Modern Architecture" (Ellin, 1996)
1978		C. Rowe, F. Koetter, "Collage City"
1979		James Lovelock, Gaia: A New Look at Life on Earth. (?)
1979		C. Alexander, "The Timeless Way of Building" (Ellin, 1996)
1979		C. Norberg-Schulz, "Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture
Anos 80	Segunda vaga da evolução da sustentabilidade, despoletada por um conjunto de crises económicas e catástrofes ambientais (de Bhopal a Chernobyl) as quais levaram a uma série de regras (Bhamra, Lofthouse, 2007). Empresas e indústrias compreenderam a importância de um ambiente limpo e enveredaram esforços para prevenir a poluição ambiental (Simons et al 2001)	
1980		Estratégia da Conservação Mundial é lançada pela União Internacional para Conservação da Natureza e Recursos Naturais (agora União para a Conservação Mundial). A secção "Para um desenvolvimento sustentável" identificava os principais agentes da destruição do habitat como sendo a pobreza, a pressão populacional, a desigualdade social e os termos do comércio.
1980		Presidente Jimmy Carter autoriza o estudo para o relatório Global 2000, o qual reconhecia a biodiversidade pela primeira vez como característica crítica no funcionamento devido do ecossistema planetário.
1980		K. Frampton, "Modern Architecture: A Critical History" (Ellin, 1996)
1981		Assembleia Mundial da Saúde adota a Estratégia Global para a Saúde para todos para o ano 2000. Por aqui o principal objectivo social dos governos e da Organização Mundial da Saúde deve ser o de considerarem um nível de saúde por toda a gente do mundo que permita levar uma vida socialmente e economicamente produtiva.
1981		K. Lynch "A Theory of Good City Form"
1982		É publicada a Carta para a Natureza das Nações Unidas. Adota o princípio que toda a forma de vida é única e deve ser respeitada independentemente do seu valor para a humanidade. Também apela à compreensão da nossa dependência dos recursos naturais e da necessidade de controlar a sua exploração.
1983	É estabelecida a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento tendo como presidente a então primeira ministra da Noruega Gro Bruntland	
1984	Desastre de Bhopal On December 3, 1984, a Union Carbide Corporation plant in Bhopal leaked 32 tons of toxic methyl isocyanate gas, leading to the Bhopal disaster. The official death toll of this disaster was about 5,000 initially. A more probable figure is that 18,000 died within two weeks, and it is estimated that an additional 8,000 have since died from gas-poisoning-related diseases.[10] The Greenpeace organization cites a total casualty figure of 20,000 as its own conservative estimate.[11] The Bhopal disaster is often cited as the world's worst industrial disaster. (http://en.wikipedia.org/wiki/Bhopal 19/11/2009 11:03)	
1985	A Sociedade Mundial de Metereologia, a UNEP e o Conselho Internacional das Uniões Científicas reúnem-se	Relatório sobre o crescimento do CO2 e de outros gases de efeito de estufa na atmosfera. É previsto o aquecimento global
1985		Cientistas americanos e britânicos descobrem um buraco na camada de ozono na Antártida
1986	Desastre de Chernobyl. "It is considered to be the worst nuclear power plant disaster in history and the only level 7 event on the International Nuclear Event Scale (http://en.wikipedia.org/wiki/Chernobyl_disaster 21/10/2009 15:42)	
1987		Protocolo de Montreal para terminar com os CFCs

Data	Eventos	Documentos
1987		Relatório da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento "Our Common Future" presidida por Gro Harlem Brundtland, o qual interligou as questões sociais, económicas, culturais e ambientais e as soluções globais. The term Sustainable Development was first used in 1987 in what is known now as the Brundtland Report. It was defined as "...development that meets the needs of the present without compromising the ability of future generations to meet their own needs". However, concern about the environment and society did not start here but had been growing steadily since the 1960s and eventually led to the first Earth Summit in Rio in 1992. When the Brundtland Commission first introduced the concept of "sustainability" in 1987, it marked a milestone in the way people thought about environmental problems. Sustainable development widened the scope of environmental policies and strategies, and placed things into perspective. For the first time, social needs, economic goals, and environmental possibilities were presented as different aspects of the same issue. (Simmes et al., 2001)
1987		A. Jacobs, D. Appleyard: "Toward an Urban Design Manifesto" (Ellin, 1996)
1988	É estabelecido o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas Al detectar el problema del cambio climático mundial, la Organización Meteorológica Mundial (OMM) y el Programa de las Naciones Unidas para el Medio Ambiente (PNUMA) crearon el Grupo Intergubernamental de Expertos sobre el Cambio Climático (IPCC) en 1988. Se trata de un grupo abierto a todos los Miembros de las Naciones Unidas y de la OMM. La función del IPCC consiste en analizar, de forma exhaustiva, objetiva, abierta y transparente, la información científica, técnica y socioeconómica relevante para entender los elementos científicos del riesgo que supone el cambio climático provocado por las actividades humanas, sus posibles repercusiones y las posibilidades de adaptación y atenuación del mismo. El IPCC no realiza investigaciones ni controla datos relativos al clima u otros parámetros pertinentes, sino que basa su evaluación principalmente en la literatura científica y técnica revisada por homólogos y publicada. (http://www.ipcc.ch/home_languages_main_spanish.htm 20/11/2009 12:44)	
1989	Derrame do Exxon Valdez. "one of the largest spills in United States history and one of the largest ecological disasters. (http://en.wikipedia.org/wiki/Exxon_valdez 21/10/2009 15:42)	
1989		David Harvey, "The Condition of Postmodernity"
Anos 90	Opinião pública ganha consciência; Governos implantam normas e indústrias reconhecem Empresas começam a olhar a gestão ambiental como uma ferramenta estratégica que pode ajudá-los a ganhar vantagem competitiva (Simons et al 2001)	
1990		Paper da National Oceanic and Atmospheric Administration (NOAA) dos Estados Unidos apresenta um estudo sobre a presença de detritos de plástico no Oceano Pacífico e sua entrada na cadeia alimentar, bem como referindo as zonas de predominância por influência das correntes marítimas, http://swfsc.noaa.gov/publications/TM/SWFSC/NOAA-TM-NMFS-SWFSC-154_P247.PDF Prevê assim a formação do "Great Pacific Garbage Patch" http://en.wikipedia.org/wiki/Great_Pacific_Garbage_Patch#cite_note-3 (consultados em 20-10-2009 16:00:20), o qual foi alvo dos media mais recentemente.
1990		Relatório da ONU sobre o aquecimento global e o CO2
1990		Libro verde del medio ambiente urbano de la Unión Europea
1992	Fundação do "World Business Council for Sustainable Development (WBCSD)". A CEO-led, global association of some 200 companies dealing exclusively with business and sustainable development. The Council provides a platform for companies to explore sustainable development, share knowledge, experiences and best practices, and to advocate business positions on these issues in a variety of forums, working with governments, non-governmental and intergovernmental organizations. (www.wbcsd.org 20/11/2009 12:54)	Publicado o livro pelo "Changing Course" pelo WCSD, que define os interesses das empresas e negócios na promoção das práticas do desenvolvimento sustentável.
1992	Conferência, Cimeira do Rio ou da Terra (Earth Summit), no Rio de Janeiro, procura encontrar respostas concretas aos problemas do declínio do ambiente. The United Nations Conference on Environment and Development, also known as the Rio Summit, Earth Summit (or, in Portuguese, Eco '92) was a major United Nations conference held in Rio de Janeiro from June 3 to June 14, 1992. 172 governments participated, with 108 sending their heads of state or government. Some 2,400 representatives of non-governmental organizations (NGOs) attended, with 17,000 people at the parallel NGO "Global Forum", who had so-called Consultative Status. The issues addressed included:	The Earth Summit resulted in the following documents: - Rio Declaration on Environment and Development - Agenda 21 - Convention on Biological Diversity - Forest Principles - Framework Convention on Climate Change

Data	Eventos	Documentos
	<ul style="list-style-type: none"> - systematic scrutiny of patterns of production — particularly the production of toxic components, such as lead in gasoline, or poisonous waste including radioactive chemicals - alternative sources of energy to replace the use of fossil fuels which are linked to global climate change - new reliance on public transportation systems in order to reduce vehicle emissions, congestion in cities and the health problems caused by polluted air and smog - the growing scarcity of water <p>An important achievement was an agreement on the Climate Change Convention which in turn led to the Kyoto Protocol. Another agreement was to "not carry out any activities on the lands of indigenous peoples that would cause environmental degradation or that would be culturally inappropriate". The Convention on Biological Diversity was opened for signature at the Earth Summit, and made a start towards redefinition of money supply measures that did not inherently encourage destruction of natural ecoregions and so-called uneconomic growth. http://en.wikipedia.org/wiki/Earth_Summit (17-09-2009 17:42)</p>	
1992	<p>É estabelecido o "Earth Council" para facilitar o acompanhamento e implementação dos acordos da Cimeira do Rio.</p> <p>The Earth Council was founded to mobilize and support a network of citizen groups, NGOs, and other organizations committed to achieving the goals of the United Nations Conference on the Environment and Development. Its mission – to support and empower people in building a more secure, equitable, and sustainable future. http://www.earthcouncilalliance.org/en/history/index.html 20/11/2009 13:07)</p>	
1993	Primeira reunião da Comissão do Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, com o objectivo de assegurar o acompanhamento eficaz da UNCED; melhorou a cooperação internacional e racionalizou a capacidade de tomadas de decisão intergovernamental.	
1994		relatório da ONU (painel intergovernamental) sobre as alterações climáticas e o efeito de estufa
1994	Primeira Conferência Europeia das Cidades e Vilas Sustentáveis, Aalborg	<p>Carta de Aalborg</p> <p>On signing the Letter, European cities, peoples and countries committed themselves to following the processes of Local Agenda 21 and to developing long term action plans towards sustainability, and began the European Campaign for Sustainable Cities. http://www.inthab.com/gestion/noticias/faq_i.htm</p> <p>"Compreendemos que o actual modo de vida urbano, particularmente as nossas estruturas repartição do trabalho e funções, ocupação dos solos, transportes, produção industrial, agricultura, consumo e actividades recreativas nos responsabiliza maioritariamente pelos numerosos problemas ambientais com os quais a humanidade se confronta. Este facto é extremamente relevante, pois 80% da população europeia vive nas zonas urbanas.</p> <p>Tomamos consciência que os actuais níveis de consumo dos países industrializados não podem ser alcançados por todos os povos que hoje vivem na Terra, e, muito menos, pelas gerações futuras, sem destruição do capital natural.</p> <p>(...) Nós, cidades, compreendemos que o conceito de desenvolvimento sustentável nos ajuda a adoptar um modo de vida baseado no capital da natureza. Esforçamo-nos para alcançar a justiça social, economias sustentáveis e sustentabilidade ambiental. A justiça social terá que assentar necessariamente na sustentabilidade económica e na equidade que por sua vez requerem sustentabilidade ambiental. http://www.aalborgplus10.dk/media/charter_portuguese.pdf 20-11-2009 15:32)</p>
1995		Relatório da Organização Meteorológica Mundial (?) sobre o aumento record do buraco da camada o Ozono
1995		Informe final del Grupo de Expertos sobre Medio Ambiente Urbano de la UE, titulado Ciudades Europeas Sosteniblee
1995	<p>Congresso Internacional sobre Tecnologia, Desenvolvimento Sustentável e Desequilíbrio</p> <p>Tuvo lugar en Tarrasa (14 -16 de diciembre) se levantaron voces críticas señalando que el objetivo de la sostenibilidad se revelaba incompatible con el desarrollo de un sistema económico cuya globalización origina a la vez la homogeneización cultural y la destrucción ambiental (Norgaard, 1996)</p>	
1995	Cimeira Mundial para o Desenvolvimento Social em Copenhaga. Foi a primeira vez que a comunidade internacional expressou um claro compromisso em erradicar a pobreza absoluta	
1996	Segunda Conferencia de Naciones Unidas sobre Asentamientos Humanos (HABITAT II), Instambul	<p>Declaración de Estambul sobre los Asentamientos Humanos</p> <p>"1. Nosotros, los Jefes de Estado y de Gobierno y las delegaciones oficiales de los países reunidos en la Conferencia de las Naciones Unidas sobre los Asentamientos Humanos (Hábitat II), celebrada en Estambul (Turquía) del 3 al 14 de junio de 1996, aprovechamos la oportunidad de hacer nuestros los objetivos</p>

Data	Eventos	Documentos
		<p>universales de garantizar una vivienda adecuada para todos y de lograr que los asentamientos humanos sean más seguros, salubres, habitables, equitativos, sostenibles y productivos.</p> <p>Programa Habitat</p> <p>«1. Reconocemos la necesidad imperiosa de mejorar la calidad de los asentamientos humanos, que tiene profundas repercusiones en la vida cotidiana y el bienestar de nuestros pueblos. (...)</p> <p>2. El objetivo de la Segunda Conferencia de las Naciones Unidas sobre los Asentamientos Humanos (Hábitat II) es tratar dos temas de igual importancia a escala mundial: ``Vivienda adecuada para todos'' y ``Desarrollo sostenible de los asentamientos humanos en un mundo en proceso de urbanización''. El ser humano es el elemento central del desarrollo sostenible, que incluye vivienda adecuada para todos y asentamientos humanos sostenibles, y tiene derecho a llevar una vida saludable y productiva en armonía con la naturaleza.»</p> <p>Programa de Buenas Prácticas</p> <p>El Programa de Buenas Prácticas tiene su origen en el seno de la Segunda Conferencia de Naciones Unidas sobre Asentamientos Humanos (HABITAT II) celebrada en junio de 1996 en Estambul (Turquía), donde surge como programa específico. Con ese objetivo se instó a los Comités Nacionales de los diversos países a reunir ejemplos de prácticas que respondieran a los objetivos de la Conferencia, como una forma de identificar políticas y actuaciones urbanas que se hubiesen mostrado eficaces --desde unos criterios de sostenibilidad-- para mejorar las condiciones de vida en las ciudades y pueblos.</p> <p>(http://habitat.aq.upm.es/aghav/20/11/20091451)</p>
1996	Segunda Conferência Europeia das Cidades e Vilas Sustentáveis, Lisboa	<p>Plano de Acção de Lisboa</p> <p>Em Outubro de 1996, realizou-se uma segunda Conferência Europeia, em Lisboa, tendo sido lançadas as bases para passar à prática esta Campanha Europeia ao ser aprovado o documento "Plano de Acção de Lisboa: da Carta à Acção".</p> <p>"Os participantes na Conferência de Lisboa, de 1996, aprovaram o documento intitulado "Da Carta à Acção". O documento é baseado nas experiências locais, conforme relatado e debatido nos 26 workshops da Conferência, e toma em conta os princípios e as recomendações especificados na Carta de Aalborg, no "Step by Step Guide" da Comissão de Gestão das Administrações Locais do Reino Unido, no Relatório sobre Cidades Europeias Sustentáveis, do Grupo de Peritos em Ambiente Urbano da Comissão Europeia, e no Guia de Planeamento da Agenda Local 21 do Conselho Internacional para as Iniciativas Locais de Ambiente."</p> <p>(http://www.futurosustentavel.org/fotos/gca/lisboa.doc 20-11-2009 15:42)</p>
1997		<p>Protocolo de Quioto</p> <p>Este documento estabeleceu objectivos para a redução da emissão dos gases com efeito de estufa e estabeleceu o comércio de emissões nos países desenvolvidos e o mecanismo limpo de desenvolvimento para os países desenvolvidos.</p> <p>The Kyoto Protocol is a protocol to the United Nations Framework Convention on Climate Change (UNFCCC or FCCC), an international environmental treaty with the goal of achieving "stabilization of greenhouse gas concentrations in the atmosphere at a level that would prevent dangerous anthropogenic interference with the climate system</p> <p>(http://en.wikipedia.org/wiki/Kyoto_Protocol 17/09/2009 17:22)</p>
1997		A verificação da Cimeira da Terra a Assembleia-geral das Nações Unidas leva ao aviso de que poucos progressos foram feitos na implementação da Agenda 21, acabando sem novos compromissos relevantes.
1999		<p>Lançamento do Primeiro Índice Global de Sustentabilidade, os "Dow Jones Sustainability Indexes", monitorizando-se as práticas de desenvolvimento sustentável das corporações a nível mundial. Permitiu uma ligação entre as empresas que implementam os princípios de desenvolvimento sustentável com informação fidedigna para orientar decisões de investimento centradas nesse sentido. Seguiram-se os "FTSE4Good Index Series".</p>
Anos 00	Terceira vaga da evolução da sustentabilidade. A antiglobalização, por vezes na forma de anti-americanismo, ganha corpo. O primeiro Fórum Social Mundial, defendendo questões como a justiça no comércio e nas dívidas (?), e unindo-se cada vez mais em questões como a escassez de água e a exploração Bhamra, Lofthouse, 2007)	
2000	Reconhece-se que quase metade da população vivia em cidade que ocupavam menos de 2% da superfície da Terra, mas usavam 75% dos seus recursos.	
2000	Terceira Conferência Europeia sobre Cidades Sustentáveis, Hanôver	<p>Declaração de Hanôver</p> <p>Reforça a importância das autoridades locais na promoção do desenvolvimento sustentável. Aquando da aprovação dessa declaração, já 650 autoridades locais e regionais de 32 países de toda a Europa se tinham comprometido com a sustentabilidade a nível local e com a Campanha ao assinarem a Carta de Aalborg. (http://www.futurosustentavel.org/gca/?id=11 20-11-2009 15:56)</p> <p>"Estamos unidos pela responsabilidade de garantir o bem-estar das gerações presentes e futuras. Assim sendo, trabalhamos para proporcionar maior justiça e equidade social, reduzir a pobreza e exclusão social e melhorar a saúde e o ambiente em geral. Valorizamos e respeitamos as diferenças culturais, religiosas, de raça, de idade e de sexo, reconhecendo o seu contributo para a vitalidade social das cidades.(...)"</p>

Data	Eventos	Documentos
		(http://www.futurosustentavel.org/fotos/gca/hanover.doc 20-11-2009 15:53)
2001	Primeiro Fórum Social Mundial (Porto Alegre, Brasil)	
2001		Declaration on Cities and Other Human Settlements in the New Millennium: "We, the representatives of Governments, being guided by the purposes and principles of the Charter of the United Nations, meeting at the special session of the General Assembly to review the implementation of the Habitat Agenda, to recognize progress and to identify obstacles and emerging issues, reaffirm our will and commitment to implement fully the Istanbul Declaration on Human Settlements and the Habitat Agenda and decide on further initiatives, in the spirit of the United Nations Millennium Declaration. The Istanbul Declaration and the Habitat Agenda will remain the basic framework for sustainable human settlements development in the years to come."
2002	World Summit on Sustainable Development, WSSD or Earth Summit 2002, Joanesburgo, onde os governos do mundo, cidadãos, agências da ONU, instituições financeiras e outros grupos principais participaram e analisaram as mudanças globais desde 1992. Para além de serem sublinhados os diversos problemas de saúde mundial que persistem, de escassez de água, de educação e da poluição, determinou-se que o consumo dos minérios, madeira, plásticos e outros materiais aumentou 240% de 1960 a 1995.	O plano de implementação da Cimeira de Joanesburgo reconheceu que é necessário um nível sem precedentes de compromisso e cooperação de todos os sectores e países para que haja mudanças. Mais de 100 líderes mundiais deram o seu compromisso para as práticas e princípios, tal como pessoas das principais empresas e corporações, no sentido de mudar as suas práticas para que sejam mais socialmente e ambientalmente responsáveis.
2004	Conferência Aalborg +10 The Aalborg+10 conference "Inspiring Futures" showed that sustainable development remains a work in progress at the local level of municipalities, cities and regions all over Europe. (http://www.aalborgplus10.dk/default.aspx?m=2&i=338 20/11/2009 16:48)	Relatório Aalborg +10

Fontes (para além das mencionadas):

Environmental History Timeline, Radford University, Virgínia, USA

<http://www.runet.edu/~wkovarik/envhist/>

Sobre el origen, el uso y el contenido del término sostenible, José Manuel Naredo, Madrid (España), 1996.

Associação Nacional dos Municípios Portugueses

<http://www.anmp.pt/index.html>

Agência Portuguesa do Ambiente

<http://www.iamambiente.pt>

La Economía en Evolución, José Manuel Naredo

Design for sustainability, A practical Approach, Tracy Bhamra e Vicky Lofthouse, Gower Publishing Ltd, Aldershot, 2007

Emma Dewberry (1996)

Análise do Portfolio até 2005 da Divisão de Estudos e Projectos (DEP) da CML

Foi analisado um conjunto de documentos que constituem o portfolio de 341 projectos até ao ano de 2005 da DEP da Câmara Municipal de Lisboa. Chefiada pelo Arq. João Rocha e Castro, esta divisão integra a Direcção Municipal de Ambiente Urbano (DMAU) e é a autora de dois projectos que obtiveram o prémio Valmor, nomeadamente a “Qualificação da Entrada Norte de Lisboa” em 2004, e a “Qualificação do Parque Urbano Quinta das Conchas” em 2005.

O portfolio organiza-se em 4 grandes grupos, “Planos”, “Espaços Verdes”, Espaço Público” e “Redes e Sistemas”.

O grande grupo “Planos” é constituído por 36 projectos, onde se encontram projectos referentes a uma maior escala, ou seja, desde o quarteirão a toda a cidade; apresentam-se trabalhos desta divisão que são de diversas índoles, indo do plano e desenho ao de levantamento e gestão. Assinalam-se: “Árvores Classificadas de Interesse Público nos Jardins de Lisboa”; “Plano de Acessibilidade do Espaço Público de Lisboa”, “Plano de Requalificação do Espaço Público dos Olivais”, “Plano do Parque Periférico”, “Plano da Cidade Universitária”, “Plano de Intervenção da Área de Influência da Av. de Ceuta”, “Revisão do PDM” (na secção “Componentes Ambientais Urbanos”), “Caracterização e Proposta de Classificação dos Jardins Históricos de Lisboa”, e ainda um conjunto de projectos relativo à zona de Chelas e outro relativo à zona envolvente do Centro Colombo e da Quinta da Granja. De assinalar, com efeito, a predominância destes projectos que certas zonas da cidade tiveram neste grupo: para além dos 7 projectos registados que se referem a toda a cidade, encontram-se ainda 9 relativos a Chelas, 7 relativos à referida zona Colombo-Quinta da Granja, 5 à zona Olivais e Oriente, e ainda 4 relativos a Telheiras.

O grande grupo “Espaços Verdes” é composto pelos grupos “Parques urbanos”, “Quintas”, “Jardins”, “Enquadramento” e “Espaços Exteriores”.

No grupo “Parques urbanos” encontra-se também uma predominância em certas zonas destes projectos: novamente Colombo-Quinta da Granja, Chelas e Olivais, mas também a zona do Rio Seco (Ajuda) e a zona relativa ao projecto do Parque Periférico (no Norte de Lisboa, desde Carnide ao Lumiar).

Esta predominância, que também se verificou no grupo anterior, permite compreender que estes projectos se organizaram segundo os projectos mais significativos de parques urbanos a cargo desta divisão: A Quinta da Granja, o que inclui a sua área de acesso que é o espaço público entre este

futuro parque e o Centro Colombo e que apresentava uma grande pressão de utilização (interface de transportes públicos, estacionamento, venda ambulante, etc.) e, conseqüentemente, grandes carências; Chelas, um bairro cujo espaço público apresentou várias falhas ou lacunas no seu projecto inicial ou na sua concretização (ver Teresa Heitor, workshops Marvila) entre as quais a ausência de um parque urbano; Olivais, um bairro cujas intenções de projecto analisadas denunciam a necessidade de requalificação ou renovação dos seus espaços verdes, quer pela degradação que apresentam, quer pela necessidade de adequação a novas funções; O Rio Seco, uma zona recentemente desocupada e irá ser convertido em parque urbano na Ajuda dada a falta deste tipo de espaços neste bairro; finalmente, o projecto do Parque Periférico, um projecto já dos anos 80, da autoria de Gonçalo Ribeiro Telles, onde se propõe a criação de uma cintura verde para a cidade ao logo do seu limite Norte, o que se compõe por vários parques urbanos contíguos.

No grupo “Quintas” predomina um conjunto de projectos relativos ao projecto do parque urbano formado pelo conjunto Quinta dos Lilases e Quinta das Conchas (incluindo a sua zona de mata), havendo ainda o projecto de dimensão assinalável que é o projecto da Quinta Bensaúde e um projecto da zona dos Olivais. A designação destes dois grupos pretenderá distinguir dois tipos de parques urbanos, a qual se referirá à sua génese, ou seja, teremos, por um lado, os parques que são criados “ex-novo”, em terrenos que foram desocupados (de instalações industriais, de bairros de lata, etc.), e os que resultam da conversão de quintas, sejam estas agrícolas, sejam de recreio, ou com ambas utilizações. Obviamente, os projectos de reconversão em questão observaram os antecedentes dos espaços em questão: a sua vegetação de maior porte, a sua estrutura de acessos e percursos, as construções e zonas anteriores, etc.

O grupo “Jardins” refere-se, naturalmente, a zonas verdes de menores dimensões que as anteriores. Neste grupo predomina um conjunto de projectos relativos à “requalificação” ou “recuperação” de jardins já existentes, alguns deles designados como “jardins históricos”, sendo o motivo a sua degradação ou a desadequação aos diversos requisitos contemporâneos, como os de segurança e acessibilidade. Nestes casos, mantém-se o traçado original e mantém-se a identidade, substituindo-se mobiliário urbano e alguma da vegetação; as maiores alterações na repavimentação são sobretudo relativas aos requisitos de acessibilidade.

O grupo “Enquadramento” inclui projectos cujas áreas de intervenção são bastante diversas, quer na sua dimensão, quer na sua configuração. Também a sua localização é muito diversa, quer pelo tipo de zona onde se localiza, quer por não haver uma zona predominante de Lisboa onde estes se encontram. Elemento comum, neste grupo, será o facto de haver uma predominância de intervenção em taludes e espaços envolventes de rodovias, para além de se utilizar sobretudo a

vegetação (conforme designa o grande grupo) para a função de contributo para a melhoria do conjunto paisagístico do espaço onde se encontra.

O grupo “Espaços exteriores” refere-se às intervenções em espaços envolventes de edifícios e outros equipamentos colectivos.

O grande grupo “Espaço Público” é composto pelos grupos “Eixos”, “Praças”, “Largos”, “Alamedas”, “Avenidas”, “Rotundas”, “Arruamentos” e “Intervenções pontuais”.

O grupo “Eixos” refere-se a projectos tanto em grandes eixos viários e recentes, como a um conjunto de ruas sucessivas de pequena dimensão e que podem definir um percurso pedonal. Assim, necessariamente, nestes projectos são diversas as predominâncias de tipos de elementos utilizados: nos grandes eixos recorre-se mais à vegetação, nas zonas históricas recorreu-se mais aos pavimentos e mobiliário urbano.

Julgamos ser possível sintetizar que os projectos deste grande grupo se encontram projectos em espaços públicos enquadrados em malhas urbanas consolidadas, quer em zonas históricas, quer em zonas mais recentes. As intervenções motivam-se tanto por indefinições dos espaços, como por inconformidade às solicitações do seu uso actual. Procura-se então estruturar o espaço, definindo zonas de circulação, atendendo aos diversos fluxos que se verificam, bem como de zonas de permanência/estadia; recorre-se ao desenho do chão, definindo-se áreas verdes conforme a sua adequação e seleccionando-se pavimentos; selecciona-se e implanta-se mobiliário urbano e vegetação. Para além um conjunto harmonioso, quer ao nível formal, quer funcional, procura-se ainda que o resultado contribua para a identidade do local em questão, tendo em conta o seu enquadramento na cidade. Naturalmente, o nível de profundidade da intervenção varia conforme a necessidade, a qual nem sempre deriva da degradação que apresenta. As alterações procuram respeitar o existente, sobretudo em zonas mais consolidadas, como é o caso das zonas históricas; por conseguinte estas incidem de modo mais profundo em espaços mais indefinidos e mais desestruturados.

O grande grupo “Redes e Sistemas” inclui “pistas cicláveis”, “escolas”, “parques infantis”, “equipamento edificado”, e ainda “elementos urbanos”.

Os elementos que constituem os projectos das pistas cicláveis são a planta dos seus percursos, os quais são definidos a partir da determinação dos “pontos de maior interesse lúdico, cultural e

comercial da zona, considerando ainda as limitações em termos de declives bem como área disponível para a sua implementação, que sempre que possível será autónoma à viária”.

O grupo “Escolas” refere-se ao “enquadramento paisagístico”, “qualificação” ou “requalificação” do espaço envolvente de escolas públicas de Lisboa do 1º ciclo do ensino básico instaladas em edifícios isolados.

Todos os projectos “parques infantis” referem-se à implantação de equipamentos pré-fabricados, bem como da colocação de pavimento próprio, o qual apresenta sempre um desenho específico e único. Os projectos são autónomos, definido um espaço separado do seu enquadramento, mesmo nos casos onde o restante também foi alvo de intervenção.

O grupo “Equipamento edificado” refere-se ao conjunto de projectos de edifícios elaborados por esta divisão, encontrando-se aí diversos projectos de edifícios como os uso da câmara ou bares e restaurantes para parques e jardins, para além de algumas intervenções para a melhoria de acesso pedonal (rampas e regularização de pavimentos) a edifícios colectivos.

O grupo “Elementos Urbanos” define-se sobretudo pela escala de intervenção. Refere-se tanto a projectos pontuais, como quiosques para um local específico, como a estratégias de produção e implantação de mobiliário urbano para toda a cidade.

Algumas notas e observações gerais

O tipo de intervenção à escala do espaço público refere-se sobretudo: modelação e regularização de terrenos, definição de pavimentos através do seu desenho e escolha de tipos; escolha de vegetação e sua colocação; projecto de edifícios, sobretudo de equipamentos (quiosques, esplanadas, bares, etc.) para o espaço público; escolha de mobiliário urbano por catálogo e sua implantação.

Os projectos apresentados incluirão quase sempre a implantação de mobiliário urbano de catálogo. Contudo, existem alguns projectos de mobiliário urbano, como é o caso do projecto dos equipamentos para o Parque Periférico, o kit de engraxador e os quiosques de flores e de restauração.

Através de um conjunto de trabalhos do portfolio apresentado é possível perceber um trabalho “de fundo”, relativo à estratégia e gestão do espaço público de Lisboa e dos elementos que o compõem. Referimo-nos não só à contribuição para o PDM, aos diversos levantamentos efectuados ou em preparação, ao “Plano dos Eixos de Lisboa ou ao “Plano de Acessibilidade do Espaço Público de

Lisboa”, mas também aos projectos relativos à produção de mobiliário e equipamento urbano específicos, o que pressupõe uma gestão do espaço público a qual, ao considerar as diferentes escalas, será também mais global.

Em termos de funções aqui observadas para os diversos espaços públicos, para além da circulação, a mobilidade e os acessos, predomina o recreio e o lazer – para além do infantil e do juvenil –, seja pelas actividades ligadas ao passeio e ao desporto, seja pelo tipo de recreio mais passivo como a permanência ou a contemplação. Observa-se ainda algumas propostas de constituição de hortas urbanas (caso em que a função recreativa está a par da educativa), tanto em projectos específicos, como integrados em projectos de parques, jardins, e ainda de envolventes das escolas primárias. Há ainda, naturalmente, a função de “enquadramento”, ou seja, de contributo para a qualidade paisagística de um dado espaço, havendo mesmo um número assinalável de projectos específicos para essa função.

Muitos dos projectos resultam da necessidade de intervenção pela degradação que o espaço apresenta. Nestes casos, as alterações propostas não são, na maior parte das vezes, pouco profundas, respeitando-se o seu essencial. Este tipo de intervenção verifica-se frequentemente nos designados jardins históricos.

Outros são relativos à actualização dos espaços e do seu equipamento no seu desempenho, adequando-os às novas solicitações, como seja a observação das novas leis relativas às acessibilidades, os novos requisitos de segurança, ou ainda a implantação de actividades, sobretudo de recreio e lazer, anteriormente inexistentes: as ciclovias, os skateparks, entre outras.

Vários projectos são também para espaços que, por exemplo, ao se encontrarem em zonas de fronteira entre duas diferentes intervenções, não tiveram tido ainda qualquer tipo tratamento ou, quando muito, tiveram uma intervenção provisória ou supérflua. Aqui abundam os logradouros, as zonas entre urbanizações, os terrenos que ladeiam as rodovias, rotundas, pequenos terrenos desocupados, etc.

Neste portfolio apresenta-se o técnico ou técnicos a quem é atribuída a autoria. Em algumas das memórias descritivas – as quais são, naturalmente, sucintas – refere-se a solicitação dos moradores como motivo para a elaboração do projecto.

Documento “Pilaretes”
Câmara Municipal de Lisboa
(parcial)



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
DIRECÇÃO MUNICIPAL DE AMBIENTE URBANO
DEPARTAMENTO DE GESTÃO DO ESPAÇO PÚBLICO
DIVISÃO DE FISCALIZAÇÃO E CONTROLO DO ESPAÇO PÚBLICO

MOBILIÁRIO URBANO PILARETES

2006



PILARETES A ADOPTAR NA CIDADE DE LISBOA

INSP

PILARETES A ADOPTAR NA CIDADE DE LISBOA

ORIENTAÇÕES PARA A COLOCAÇÃO DE PILARETES

DESIGNAÇÃO

PORMENOR CONSTRUTIVO

VERSÕES

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS - MATERIAIS

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS - PINTURAS

DECLARAÇÃO DE UTILIZAÇÃO DE CHAVE

ARTICULADO PARA CADERNOS DE ORÇAMENTAÇÃO /
ESTIMATIVAS DE CUSTO



PILARETES A ADOPTAR NA CIDADE DE LISBOA ORIENTAÇÕES PARA A COLOCAÇÃO DE PILARETES

1 - LEGISLAÇÃO

As intervenções no espaço público são geridas pelos seguintes diplomas:

- Diplomas nacionais:

Dec. Lei 123/97 de 22 de Maio – Inclui as Normas Técnicas para melhoria da acessibilidade dos cidadãos com mobilidade condicionada aos edifícios, estabelecimentos que recebam público e via pública.

- Diplomas municipais:

Edital nº 29/2004 – Regulamento Municipal para a Promoção da Acessibilidade Pedonal.

Edital 101/91 de 01/04/1991 – Regulamento do Mobiliário Urbano e da Ocupação da Via Pública.

Despacho nº 217/P/97 de 22/07 – Ocupação do espaço público com floreiras e pilaretes por motivos de interesse público.

2 - DEFINIÇÃO DE MODELOS A UTILIZAR

A CML considera a possibilidade de colocação de 2 Modelos de pilaretes (P1 e P4) e a utilização de das cores verde e cinzento. Permite também a adopção de pilaretes tipo P2 e P5 para situações de substituição pontual em alinhamentos dessas tipologias. (Ver caracterização nas fichas anexas 2 a 6).

A escolha dos modelos será feita em função das características das zonas a intervir e do tipo de pilaretes já existentes.

3 - CRITÉRIOS DE LOCALIZAÇÃO

A implantação de pilaretes é feita para resolução de problemas de acessibilidade e mobilidade, caracterizando-se 6 situações prioritárias:

- Passadeiras, Cruzamentos, Passeios, Acesso a Ecopontos, Acesso a Instituições Públicas como Centros de Saúde, Escolas, etc. e Acesso a Edifícios em geral.

Em qualquer destes casos só serão atendidos os pedidos de reconhecida urgência, ficando os restantes a aguardar intervenção global na área.

4 - REGRAS TÉCNICAS PARA COLOCAÇÃO DE PILARETES

Os pilaretes deverão ser sempre colocados de forma a permitir a passagem de peões, cadeiras de rodas, carrinhos de bebé, etc. e a sua colocação terá em conta outros elementos do espaço público como a largura de passeio, tipo de piso e outro mobiliário existente.

Como normas gerais para situações tipo, adoptam-se os seguintes critérios:

Distância ao lancil dos Passeios:

- Passeio c/ largura superior ou igual a 1 m – pilaretes colocados a 0,20m do lancil, permitindo uma largura livre de passagem de 0,80m.
- Passeio c/largura inferior a 1 m – pilaretes deverão ser colocados na faixa de rodagem, imediatamente a seguir ao lancil.

Compasso entre Pilaretes:

A distância do compasso entre pilaretes deverá ser estabelecida de forma a impedir o estacionamento de automóveis entre eles. Assim, consoante a largura de vias é aconselhado o compasso:

- Via de largura igual ou superior a 3,5 m - compasso 2,4 m
- Via de largura inferior a 3,5 m - compasso 1,6 m

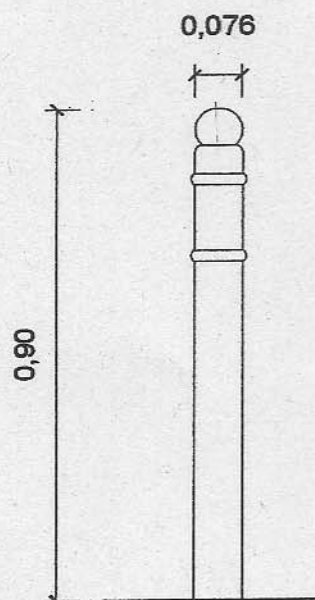


PILARETES A ADOPTAR NA CIDADE DE LISBOA

DESIGNAÇÃO

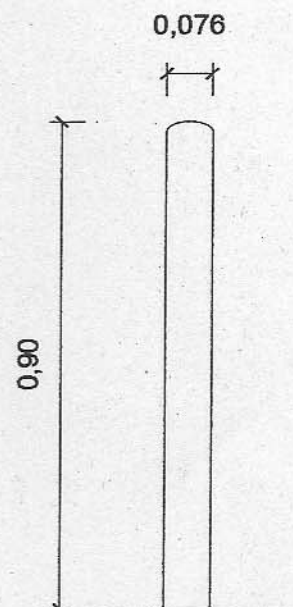
MODELOS A ADOPTAR

Nota: medidas em metros



P1

COR VERDE ABETO
- RAL 6009

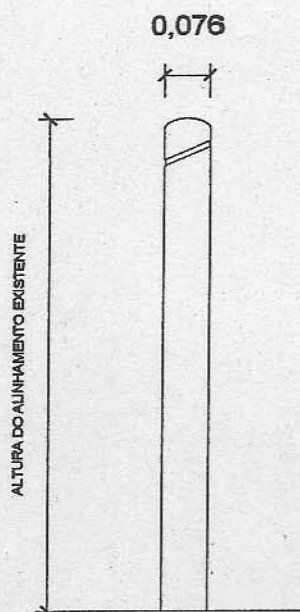


P4

COR CINZA FERRO
- RAL 7011

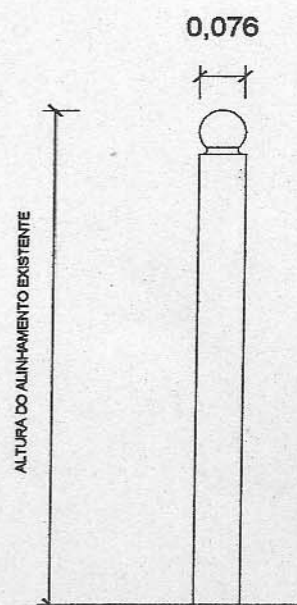
Nota:
Cor verde Ral 6009 só para substituições em alinhamentos existentes

MODELOS A UTILIZAR SOMENTE PARA SUBSTITUIÇÕES PONTUAIS EM ALINHAMENTOS EXISTENTES



P2

COR CINZA
FERRO
- RAL 7011



P5

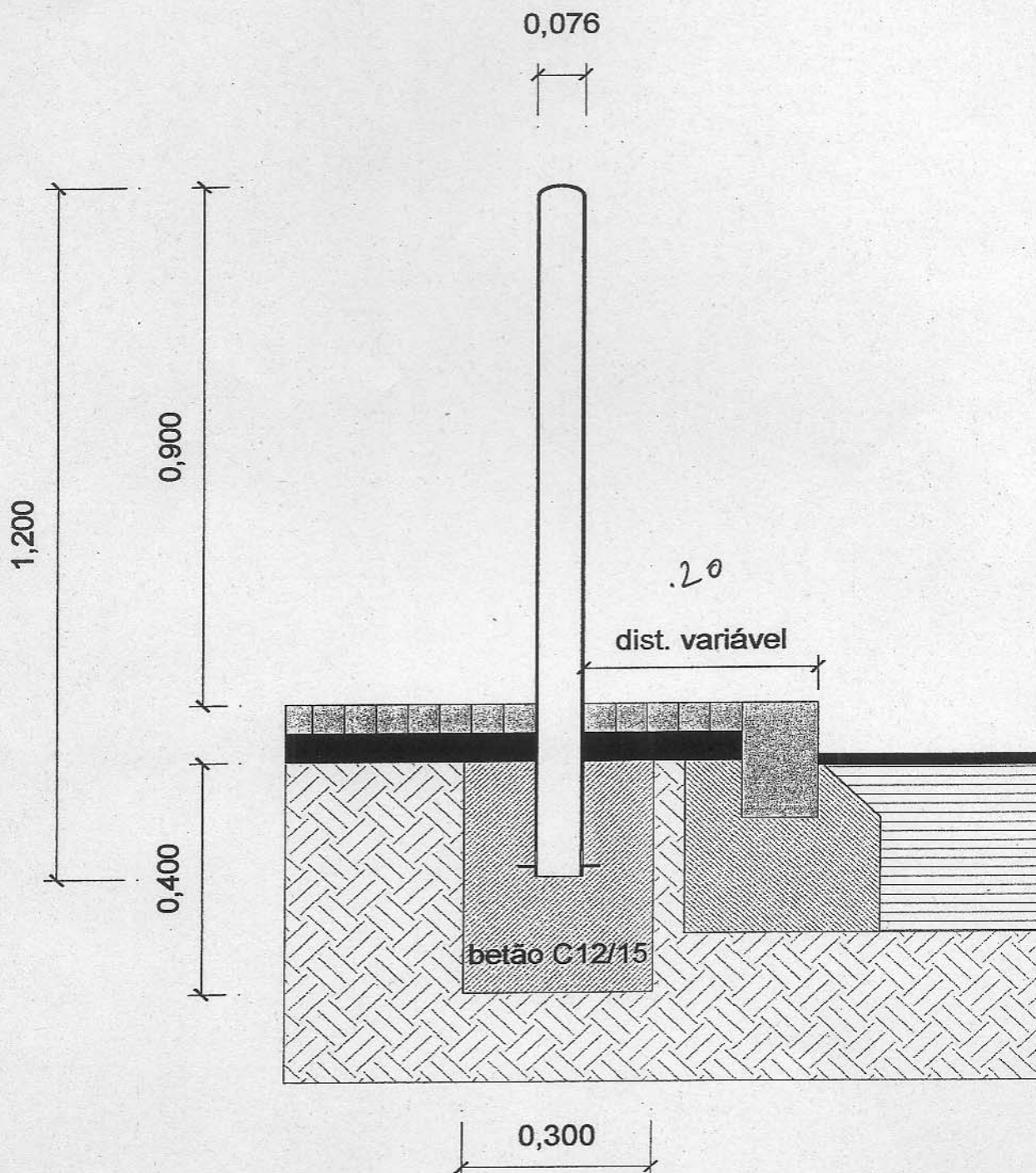
COR VERDE
ABETO
- RAL 6009

FICHA 2



PILARETES A ADOPTAR NA CIDADE DE LISBOA PORMENOR CONSTRUTIVO

Nota: medidas em metros





PILARETES A ADOPTAR NA CIDADE DE LISBOA VERSÕES

VERSÕES - pilaretes FIXOS ou RETRÁCTEIS

pilaretes AMOVÍVEIS só serão utilizados caso se verifique a impossibilidade técnica de montagem dos retrácteis, nomeadamente quando, pela passagem de infraestruturas no subsolo, não seja possível abrir a cova necessária à sua montagem. Com essa justificação técnica, a colocação de pilaretes amovíveis será colocada à consideração superior.

CHAVE

A chave de manipulação dos pilaretes retrácteis ou amovíveis só será entregue aos utilizadores mediante a assinatura de "Declaração de responsabilidade de utilização de chave de pilarete retráctil ou amovível" a ser fornecida pela DFCEP.

COLOCAÇÃO JUNTO ÀS PASSADEIRAS

Junto às passadeiras, a altura dos pilaretes aumentará no valor da altura do desnível dos passeios de modo a permitir-se o alinhamento superior ao enfiamento de pilaretes. P.ex. se o passeio tem 15cm e se o ressalto nas passadeiras tiver 2cm, os pilaretes terão 1,03cm de altura ao pavimento.

PILARETES FIXOS

Pilarete em tubo de aço de diâmetro exterior de 76mm, com espessura de parede mínima de 3,6mm, altura ao pavimento 90cm.

Montagem - Fixação directa ao solo.

PILARETES RETRÁCTEIS

Pilarete em tubo de aço circular de diâmetro e altura ao piso variáveis e com espessura de parede mínima de 5mm. Fita reflectora tipo 3M, colocada a 5 cm do topo, a toda a volta do pilarete.

Dimensões a adoptar / Situações tipo

Áreas habitacionais - Diâmetro 76 mm, altura 90cm acima do solo (só retrácteis manuais)

Áreas habitacionais - Diâmetro 101 mm, altura 75cm acima do solo

Áreas industriais - Diâmetro 168 mm, altura 75cm acima do solo

Retrácteis manuais -

Retracção ao solo accionada mediante chave, o pilarete baixa por gravidade própria dentro de caixa metálica montada sobre base drenante para águas pluviais e com betonagem de ancoragem envolvente. Tampa de cx. circular.

Diâmetros 76, 101 e 168 mm.

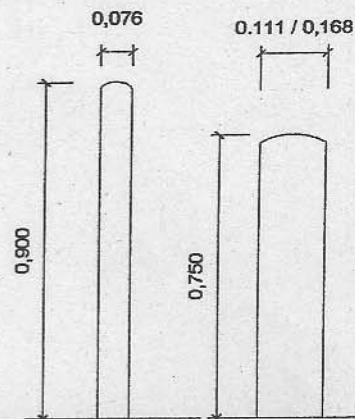
Retrácteis semi automáticos -

Retracção ao solo accionado com amortecedor a gás, mediante chave, com guia de deslizamento no interior do pilarete. Tampa de caixa circular.

Diâmetro 101 e 168mm.

Retrácteis Automáticos / pneumáticos -

Accionado automaticamente mediante actuador eléctrico ou central pneumática. Diâmetro 168 mm.



FICHA 4



PILARETES A ADOPTAR NA CIDADE DE LISBOA CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS - MATERIAIS

1. MATERIAL:

Tubo circular em aço com encabeçamento soldado ou enroscado.

O encabeçamento decorativo será uma peça de fundição em alumínio fundido devidamente rectificada, sem fissuras ou poros, com o máximo de 10cm de altura.

2. TRATAMENTO DO AÇO

Galvanização por imersão a quente com o mínimo de 40 microns ou metalização por pulverização com o mínimo 80 microns.

3. PINTURA:

Primário de aderência à base de resinas epoxi endurecidas com resinas de poliamida sobre aço galvanizado despolido e desengordurado ou sobre metalização desengordurada. Mínimo 30 microns.

Pintura com duas de mão de tinta de esmalte de poliuretano a dois componentes formulado com resinas acrílicas endurecidas com isocianatos, com brilho casca de ovo.

O acabamento tipo ferro forjado: tinta de borracha clorada modificada com pigmento anti-corrosivo de óxido ferro micáceo.

4. CORES PERMITIDAS / ACABAMENTO:

Cinza Ferro: RAL 7011 — acabamento casca de ovo
— acabamento tipo ferro forjado, ou forja, só será usado para substituições em alinhamentos existentes com esse tipo de pintura.

Verde Abeto : RAL 6009 — acabamento casca de ovo



PILARETES A ADOPTAR NA CIDADE DE LISBOA CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS - PINTURAS

EXEMPLO DE ESQUEMA DE PINTURA

1. TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EM : (STANDARD)

FERRO GALVANIZADO: Foscação/despolimento, seguida de desengorduramento de toda a superfície.

FERRO METALIZADO: Desengorduramento de toda a superfície.

ALUMÍNIO: Desengorduramento de toda a superfície.

2b. PINTURA COM ACABAMENTO "LISO CASCA D'OVO" – RAL7011 ou RAL6009

Preparação de Superfície:

As superfícies devem ser convenientemente limpas e desengorduradas de forma a apresentarem-se isentas de poeiras e outros contaminantes.

Sistema de Pintura:

Aplicar uma primeira demão de primário à base de resina epoxy endurecidas com uma resina de poliamida, tipo 25-260 PRIMÁRIO ACRYTHANE EPOXY, da Cin.

Como acabamento aplicar duas demãos de esmalte de poliuretano formulado com resinas acrílicas endurecidas com isocianatos, caracterizado por proporcionar acabamentos de óptima dureza, aspecto satinado, tipo 25-420 ACRYTHANE S 400 SAT da Cin.

Quadro Orientativo							
Demãos	Refª		Designação	Diluição Se necessário	Rend.Teórico m2/ Lt-Kg./Demão	Secagem	
	Prod.	Cor				Superficial	Sobrepintura
1	25-260		PRIM.ACRYTHANE EPOXY	25-240	11,4	5 h	1 h
2	25-420	RAL	ACRYTHANE S 400	Ver B.T.	12	2 h	24 h

2a. PINTURA COM ACABAMENTO "FERRO FORJADO" – RAL7011

Preparação de Superfície:

As superfícies devem ser convenientemente limpas e desengorduradas de forma a apresentarem-se isentas de poeiras e outros contaminantes.

Sistema de Pintura:

Aplicar uma primeira demão com 30m de espessura, de primário à base de resinas Epoxy, endurecidas e de Poliamida, tipo 25-260 PRIMÁRIO ACRYTHANE EPOXY, da Cin.

Como acabamento aplicar duas demãos com 50m de espessura cada, de tinta à base de borracha clorada modificada, com óxido de ferro micáceo, tipo 61-695 CINONIC MIOX, da Cin.

Quadro Orientativo							
Demãos	Refª		Designação	Diluição Se necessário	Rend. Teórico m²/ Lt.Kg./Demão	Secagem	
	Prod.	Cor				Superficial	Sobrepintura
1	25-260		PRIM.ACRYTHANE EPOXY	25-240	12	5 h	24 h
2	61-695		CINONIC MIOX	61-500	4	1 h	24 h

Declarações dos entrevistados

DECLARAÇÃO

Para os devidos efeitos , declaro que os conteúdos da entrevista que me foi realizada no âmbito do tema : Plano de salvaguarda de Sacavém, e neste trabalho reproduzidos , correspondem genericamente às conversas tidas com o Prof. Cristóvão Valente Pereira.



Maria João Gonçalves

Cristóvão Valente Pereira

De: LUZ VALENTE-PEREIRA []
Enviado: terça-feira, 17 de Julho de 2012 15:53
Para: Cristóvão Valente Pereira
Assunto: Re: texto sobre o plano de sacavém

Cristóvão

Li tudo com atenção e considero que os conteúdos e referências relativos à entrevista que me foi feita em 2/7/2011, estão em conformidade com as informações que dei nessa ocasião e que interpretaste bem os objetivos da metodologia.

LUZ VALENTE-PEREIRA

Cristóvão Valente Pereira

De: "João Castro" [joao.castro@cm-lisboa.pt]
Enviado: sábado, 21 de Julho de 2012 20:21
Para: "Cristóvão Valente Pereira"
Assunto: FW: A minha tese - casos relativos ao DEP
Anexos: av. madrid.pdf; DEP.pdf

Caro Cristóvão Valente Pereira:

Boa tarde.

Acabei de ler os presentes documentos.

Confirmo que estes correspondem aos conteúdos das entrevistas dadas e me revejo nas afirmações proferidas.

Não é necessário nenhuma declaração, julgo eu. Pois nada há de polémico.

Votos de conclusão do trabalho de acordo com as tuas expectativas...

Um abraço,

joão rocha e castro

chefe da divisão de planeamento e projecto

direcção municipal de ambiente urbano

câmara municipal de lisboa

joao.castro@cm-lisboa.pt

parque florestal de Monsanto

cruz das oliveiras 1500-215 lisboa

NOTA: A informação contida neste e-mail e os ficheiros anexos são confidenciais e deverão ser lidos única e exclusivamente pelo indivíduo ou entidade a quem são dirigidos. Se recebeu esta comunicação por erro, por favor, informe de imediato o remetente e apague a mensagem e os ficheiros anexos sem os ler, copiar, gravar, distribuir ou divulgar ou fazer qualquer outro uso da informação sem o consentimento da Câmara Municipal de Lisboa. O correio electrónico via Internet não permite assegurar a confidencialidade ou a correcta recepção das mensagens, pelo que a Câmara Municipal de Lisboa não assume qualquer responsabilidade por possíveis danos causados por actuações que se justifiquem pelo conteúdo desta mensagem.

Declaro que el contenido y las referencias relativas a la entrevista de Julio de 2010 sobre el tema de las Cartografías de la Mina están de acuerdo con la información por mi prestada en esa ocasión.

Nuria Ricart Ulldemolins

Cristóvão Valente Pereira

De: Pedro Martins Pereira [pedromp@larus.pt]
Enviado: sábado, 21 de Julho de 2012 16:20
Para: 'Cristóvão Valente Pereira'
Assunto: RE: processos da Larus

Exmo. Sr. Prof. Cristóvão Valente Pereira,

Cumpre-me confirmar que os conteúdos e referências relativos à entrevista que me foi feita em 27 de Maio de 2010, estão em conformidade com as informações que dei nessa ocasião.

Aliás, reitero o meu entendimento de ter efetuado uma apreciação tão sucinta, quanto rigorosa.

Os meus melhores cumprimentos,

Pedro Martins Pereira

larus, design urbano

Vale da Mamoa, ap100
3854-909 Albergaria-a-Velha
Portugal



www.larus.pt

e: pedromp@larus.pt

t. +351 234 520 600

f. +351 234 520 609

Cristóvão Valente Pereira

De: Rogerio Goncalves [rogerio.fernando.goncalves@cm-lisboa.pt]
Enviado: terça-feira, 10 de Julho de 2012 15:14
Para: "Cristóvão Valente Pereira"
Assunto: RE:

Exmo. Sr. Prof. Cristóvão Valente Pereira

Conforme solicitado venho por este meio declarar que os conteúdos e referências relativos à entrevista que me foi feita em 13/4/2011, enquanto funcionário da CML – DMAU/DGEP/DQEP estão em conformidade com as informações que dei nessa ocasião.

Com os melhores cumprimentos

Rogério Gonçalves
Técnico Superior - arquitecto
Núcleo Gestão de Equipamentos Ocidental
Unidade de Intervenção Territorial Ocidental
Unidade de Coordenação Territorial

Câmara Municipal de Lisboa

Campo Grande 25 - Bloco C - 3º Piso
1749-099 Lisboa

(+351) 21 7988792 (Temporário) | rogerio.fernando.goncalves@cm-lisboa.pt

🌿 *Antes de imprimir este e-mail pense bem se necessita mesmo de o fazer, pois cada vez existem menos árvores no nosso Planeta* 🌿

DECLARAÇÃO

Declaro que os conteúdos e referências relativos à entrevista sobre o processo de projecto e de obra da Praça da Figueira, em Lisboa, que me foi feita pelo designer Cristóvão Valente Pereira, em 8 de Fevereiro de 2011, no âmbito da investigação para a sua tese de doutoramento, estão em conformidade com as informações que dei nessa ocasião.

Lisboa, 8 de Julho de 2012

A handwritten signature in black ink, reading 'João Paulo Martins'. The signature is fluid and cursive, with the first name 'João' being particularly prominent.

João Paulo Martins,
arquitecto

From: [Teresa Sande](#)
To: cpereira@fba.ul.pt;
Subject: Fwd: sobre as entrevistas que fiz no ano passado
Date: sexta-feira, 22 de Junho de 2012 22:20:00
Attachments: [A implantação pontual e a manutenção de mobiliário urbano.pdf](#)

Caro Cristóvão

Li com interesse o texto que me enviou.

O seu conteúdo e referências estão de acordo com as informações fornecidas na entrevista que me foi feita por si em 13/04/2011.

Com os melhores cumprimentos

Teresa Sande

